

NOTÍCIAS SOBRE O SEQUESTRO

DE

DOM ADRIANO HYPOLITO

BISPO DE NOVA IGUAÇU

JORNAIS DIÁRIOS

DO

ESTADO DO RIO JANEIRO

CEN
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Í N D I C E

JORNAIS DIÁRIOS

DO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Páginas

1. Diário Oficial 01 a 04

JORNAL DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU

1. O Pontual 05 a 10
2. Jornal de Hoje 11 a 16

JORNAL DA CIDADE DE NITERÓI

1. O Fluminense 17 a 21

JORNAIS DA CIDADE DE PETRÓPOLIS

1. Tribuna de Petrópolis 22
2. Diário de Notícias 23

JORNAIS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

1. O Dia 24 a 37
2. Gazeta de Notícias 38 a 47
3. O Globo 48 a 64
4. Jornal do Brasil 65 a 118
5. A Notícia 119 a 125
6. Tribuna da Imprensa 126 a 128
7. Última Hora 129 a 141

JORNAIS DIÁRIOS

DO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

DATA

Páginas

DIÁRIO OFICIAL

- 23 de setembro de 1976	01 a 03
- 28 de setembro de 1976	04

JORNAIS DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU

O PONTUAL

- 29 de setembro de 1976	05
- 03 de outubro de 1976	06
- 06 de outubro de 1976	07
- 07 de novembro de 1976	08
- 21 de novembro de 1976	09 e 10

JORNAL DE HOJE

- 23 de setembro de 1976	11
- 25 de setembro de 1976	12
- 02 de outubro de 1976	13
- 27 e 28 de novembro de 1976	14 e 15
- 23 de novembro de 1979	16

JORNAL DA CIDADE DE NITERÓI

O FLUMINENSE

- 24 de setembro de 1976	17 e 18
- 28 de setembro de 1976	19
- 29 de setembro de 1976	20 e 21

DATAPáginasJORNAIS DA CIDADE DE PETRÓPOLISTRIBUNA DE PETRÓPOLIS

- 25 de setembro de 1976 22

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

- 30 de novembro de 1977 23

JORNAIS DO RIO DE JANEIROO DIA

- 23 de setembro de 1976 24
- 24 de setembro de 1976 25 a 28
- 29 de setembro de 1976 29
- 30 de setembro de 1976 30
- 01 de outubro de 1976 31
- 02 de outubro de 1976 32
- 12 de outubro de 1976 33
- 21 de outubro de 1976 34
- 16 de novembro de 1976 35
- 26 de novembro de 1976 36
- 28 de novembro de 1976 37

GAZETA DE NOTÍCIAS

- 24 de setembro de 1976 38 a 40
- 28 de setembro de 1976 41
- 29 de setembro de 1976 42 a 47

O GLOBO

- 23 de setembro de 1976 48
- 24 de setembro de 1976 49 a 54
- 25 de setembro de 1976 55 e 56
- 29 de setembro de 1976 57

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS

- 25 de setembro de 1976	22
--------------------------------	----

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

- 30 de novembro de 1977	23
--------------------------------	----

JORNAIS DO RIO DE JANEIROO DIA

- 23 de setembro de 1976	24
- 24 de setembro de 1976	25 a 28
- 29 de setembro de 1976	29
- 30 de setembro de 1976	30
- 01 de outubro de 1976	31
- 02 de outubro de 1976	32
- 12 de outubro de 1976	33
- 21 de outubro de 1976	34
- 16 de novembro de 1976	35
- 26 de novembro de 1976	36
- 28 de novembro de 1976	37

GAZETA DE NOTÍCIAS

- 24 de setembro de 1976	38 a 40
- 28 de setembro de 1976	41
- 29 de setembro de 1976	42 a 47

O GLOBO

- 23 de setembro de 1976	48
- 24 de setembro de 1976	49 a 54
- 25 de setembro de 1976	55 e 56
- 29 de setembro de 1976	57
- 30 de setembro de 1976	58
- 04 de outubro de 1976	59
- 21 de outubro de 1976	60

<u>DATA</u>	<u>Páginas</u>
- 26 de outubro de 1976	61
- 28 de outubro de 1976	62
- 17 de novembro de 1976	63
- 30 de novembro de 1976	64

JORNAL DO BRASIL

- 23 de setembro de 1976	65
- 24 de setembro de 1976	66 a 70
- 25 de setembro de 1976	71 a 74
- 26 de setembro de 1976	75
- 28 de setembro de 1976	76
- 30 de setembro de 1976	77
- 01 de outubro de 1976	78
- 02 de outubro de 1976	79
- 04 de outubro de 1976	80
- 05 de outubro de 1976	81
- 14 de outubro de 1976	82
- 20 de outubro de 1976	83
- 23 de outubro de 1976	84 a 86
- 28 de outubro de 1976	87 e 88
- 29 de outubro de 1976	89
- 04 de novembro de 1976	90
- 16 de novembro de 1976	91 e 92
- 17 de novembro de 1976	93
- 21 de novembro de 1976	94 e 95
- 26 de novembro de 1976	96
- 28 de novembro de 1976	97
- 06 de dezembro de 1976	98
- 11 de dezembro de 1976	99
- 24 de janeiro de 1978	100
- 28 de março de 1978	101
- 24 de agosto de 1978	102
- 25 de agosto de 1978	103
- 26 de agosto de 1978	104
- 11 de março de 1979	105 a 108
- 22 de março de 1979	109

<u>DATA</u>	<u>Páginas</u>
- 27 de setembro de 1979	110
- 24 de outubro de 1979	111
- 22 de janeiro de 1980	112
- 10 de fevereiro de 1980	113
- 17 de julho de 1980	114
- 13 de agosto de 1980	115 e 116
- 18 de setembro de 1980	117
- 20 de setembro de 1980	118

A NOTÍCIA

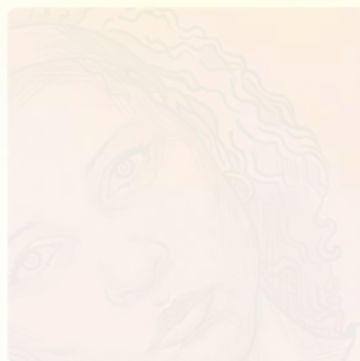
- 23 de setembro de 1976	119 a 121
- 24 de setembro de 1976	122 a 124
- 29 de outubro de 1976	125

TRIBUNA DA IMPRENSA

- 03 de janeiro de 1980	126 e 127
- 13 de setembro de 1980	128

ÚLTIMA HORA

- 24 de setembro de 1976	129 a 137
- 28 de setembro de 1976	138 e 140
- 28 de novembro de 1976	141



JORNAIS DIÁRIOS

DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRJ

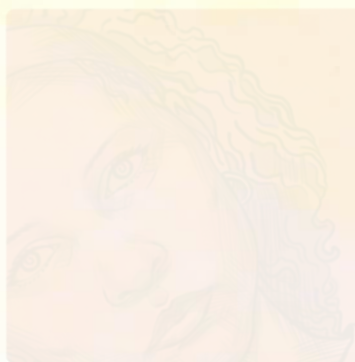


DIÁRIO OFICIAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRJ

23.09.76



O SR. ALUISIO GAMA — Senhor Presidente, Srs. Deputados, aproveito a oportunidade para lançar o meu repúdio ao seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, no bairro da Posse, ocorrido ontem, D. Adriano Hipólito.

O Pastor, que realizava e continua realizando uma pastoral de ótima receptividade popular, conforme matéria hoje publicada no «Jornal do Brasil» declarou que foi muito espancado por dois homens, um preto e um branco.

Aproveito a oportunidade para condenar o terrorismo, que se inicia sob

Diário Oficial - Set. 76 -

todas as formas e aspectos, pois o terrorismo fere totalmente o mais simples direito da pessoa humana.

O Bispo de Nova Iguaçu realiza um trabalho enraizado no povo e se identifica perfeitamente com as lutas populares de sua comunidade, inclusive através de um jornal, «A Folha», que tem motivado a discussão pela opinião pública dos principais anseios populares do Município de Nova Iguaçu.

Aproveito, ainda, para parabenizar a CNBB que, através de uma nota radiofônica, hoje à tarde, apresentou sua solidariedade total e irrestrita ao Bispo de Nova Iguaçu, repudiando também, o terrorismo, que tentam implantar em nosso País, e que não pode prosseguir, pois não levará a solução alguma e apenas agravará a falta de liberdade que estamos vivendo.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

Pág. 2932 e 2933

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

EXPEDIENTE INICIAL

O SR. PRESIDENTE (*Henrique Pessanha*) — O primeiro orador inscrito é o nobre Deputado Mário Saladini, dispõe de cinco minutos.

O SR. MARIO SALADINI — Sr. Presidente, Srs. Deputados, antes de iniciar meu discurso propriamente dito, quero lançar desta tribuna meu protesto pelos atos de vandalismo ontem praticados nesta Cidade: primeiramente em Nova Iguaçu em que foi vítima um ilustre bispo daquele Município; depois, a bomba atirada na residência do Diretor do jornal "O Globo" e também a depredação do carro de um jovem que nada tinha a ver com o caso e sofreu as consequências.

Não sei qual a origem, se da direita ou da esquerda, mas de qualquer forma, da tribuna lanço meu mais veemente protesto contra esses atos de terror perpetrados contra nossa Cidade, por maus brasileiros. Sejam de onde for, merecem a nossa repulsa, nesta Assembléia. Senhor Presidente, Senhores Deputados.

Diário Oficial - Parte - Curitiba -
Fei cal 3/9/1976 pag. 2923

23.09.76

*Diário Oficial - Parte II - Quarta-Feira
23 de Set. de 1976 pag. 2925.*

O SR. ANTÔNIO GOMES — Senhor Presidente, Srs. Deputados: através das notas divulgadas pela imprensa, no dia de hoje, parece-me que esta Casa se preocupa, de certa forma, com os últimos acontecimentos referentes, exatamente, a cenas do vandalismo atual. De madrugada, pelo repórter da Rádio Globo, tomei conhecimento do seqüestro do Reverendíssimo Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. Logo pela manhã, recebia uma telefonema do Presidente do Centro Sergipano, que solicitava a minha presença nesta tribuna, no dia de hoje, para abordar esse assunto.

Srs. Deputados, não poderíamos deixar de usar da palavra, no dia de hoje, levando em consideração essa entidade, que congrega grande número de irmãos daquele longínquo Estado de Sergipe, da qual faz parte o Bispo de Nova Iguaçu, e para nos congratular com as autoridades policiais. Tivemos conhecimento de que o ilustre Diretor de Polícia já se locomoveu para a área, a fim de ter uma entrevista com S. Ex.^a o Bispo Dom Adriano Hipólito, e tomar as providências necessárias naquela Baixada Fluminense.

Temos que reprimir tais atos e as autoridades constituídas — o Governo Federal e o Governo Estadual — nesta hora, a nosso ver, estão preocupados com problema de tal ordem e de suma gravidade. É lamentável que, embora as intenções do Governo Federal se contenham dentro dos postulados da pacificação, da harmonia, tal fato tenha acontecido. Não podemos compreender a finalidade do seqüestro do eminente Bispo numa hora como esta, em que estamos preocupados com as eleições municipais bem próximas. Pregando, da tribuna desta Casa, constantemente, a abertura democrática, seria para nós muito importante se pudessemos permanecer em paz, dentro de uma democracia perfeita, comungando, numa hora como esta, com o espírito do Governo Federal.

Srs. Deputados: venho à tribuna, no dia de hoje, para tecer estes comentários, pois esta Casa, que é a Casa do povo, sempre procura defender os interesses de todos que habitam este novo Estado do Rio de Janeiro e — por que não dizer? — do nosso País. Numa hora como esta, estamos todos de mãos dadas, para que possamos, dentro do mais perfeito espírito de democracia, trazer melhores dias para o nosso povo e para o nosso País.

Muito obrigado. (Sem revisão do orador)

23/09/76

23/ Setembro de 1976

tudes, nós, com toda a certeza, sem necessariamente sermos profetas, haveremos de ver o Brasil num quadro, senão igual, muito parecido com o da infeliz República platina da Argentina.

Portanto é necessário que o Governo tome uma atitude. A Igreja Católica foi ofendida gravemente com o seqüestro de Dom Adriano Hipólito.

A imprensa já vem sendo ofendida há muito tempo, desde o atentado da ABI, quando explodiu uma bomba em sua sede.

Atinge-se a Igreja Católica. O terrorismo insano atinge a imprensa e a O.A.B. e continua impune.

É necessário que nesta Casa façamos os nossos protestos. Tenho certeza de que isso ocorrerá. Vários Senhores Deputados farão o seu protesto contra o seqüestro e o vexame a que foi submetido Dom Hipólito e contra o ato terrorista que atingiu a residência do Senhor Roberto Marinho.

Sr. Presidente, o que nos causa maior estranheza é que o País está em calma. O País está em ordem. Os trabalhadores estão trabalhando. Os estudantes estão estudando. As donas de casa saem todos os dias para fazer as suas compras. Os funcionários públicos cumprem com as suas obrigações nas repartições.

Nós não vivemos — todos o sabemos e o próprio Sr. Presidente da República já o declarou — num Estado

democrático. Vivemos num Estado de exceção. Mas será, Sr. Presidente, que essa minoria terrorista terá condições de transformar numa involução, o Estado excepcional em que nós vivemos, para um Estado de barbárie e de selvageria? Será que o Brasil vai resvalar da exceção para a barbárie e a selvageria, como já indicam esses fatos?

Não se trata de atos isolados, Senhor Presidente. Não é como se, ocasionalmente, tivesse acontecido uma briga e um dos contendores levasse uma bofetada e ficasse por isso mesmo. Já é um plano. Já há uma entidade, a Aliança Anticomunista Brasileira, de cunho terrorista. Portanto, é necessário que o Governo tome uma atitude. É necessário que o Governo não seja condescendente com esse tipo de ação criminosa no Brasil.

O orador que lhes fala, de uma certa forma, pode sofrer até um constrangimento amanhã ou depois, por denunciar tais atos... Mas nós denunciaremos sempre, porque a omissão em determinados momentos constitui crime. O silêncio nessas oportunidades, nessas circunstâncias, é muito mais do que um crime, Sr. Presidente. É um erro histórico. Porque se nós permanecermos silentes nesta hora em que a escalada terrorista de direita intenta resvalar da exceção para a selvageria, nós estaremos cometendo muito mais do que um crime. Estaremos, Sr. Presidente, cometendo um erro, porque aí então nós estaremos dando, como cordeiros, as nossas cabeças para serem sacrificadas ao processo de ação terrorista, que nos levará pelo caminho do sangue, da destruição, do terror e da miséria.

Sr. Presidente, já não basta o quadro em que vivemos? Quadro de analfabetismo. Quadro de miséria. Quadro de populações faveladas, como muito bem disse o Sr. Presidente da República. Não há discordância da sua

— e inicialmente temos que acreditar que até certo ponto com sucesso — tentar impedir o caminho do Brasil para a democratização.

O Sr. Delio dos Santos — Vossa Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador) — Sr. Deputado Edson Khair, congratulo-me com V. Exa. pela coragem em comparecer à tribuna e denunciar a escalada do terror que há em nosso País e, particularmente, no Estado do Rio de Janeiro, terror esse que, através da ação direta, começou exatamente em agosto do corrente ano contra a ABI e a Ordem dos Advogados. Ontem foi vítima uma das mais insígnias figuras da Igreja Católica, conforme V. Exa. acabou de denunciar desta tribuna. Foi vítima também o Diretor de «O Globo». Perguntaria, então: quem será a próxima vítima? Será o Poder Legislativo? Serão aqueles Deputados que, como V. Exa., têm a coragem de denunciar, nesta Casa, atentados como este, que ferem os direitos humanos e as tradições democráticas do nosso povo? Portanto, V. Exa. colocou muito bem a questão. Na medida em que há o silêncio dos democratas, na medida em que há a timidez daqueles que, por exercerem um mandato popular, têm a obrigação de denunciar, na medida em que isso ocorre, o fascismo se fortalece em nosso País. Quero ainda dizer a V. Exa. que, enquanto ouvia, com atenção, o brilhante discurso que está sendo pronunciado, lembrava-me de um discurso proferido, no Senado Federal, pelo Senador Teotônio Vilela, quando denunciou que há, nesta República, um poder invisível. Sim. Há um poder invisível que usa o seqüestro como meio de intimidação, que usa a tortura política como meio de dirimir o impeto oposicionista do povo brasileiro. Há um poder invisível que usa o Decreto-Lei 477, ou a suspensão de alunos, como meio também de impedir que o estudante, em sua faculdade, levante as reivindicações específicas e discuta problemas de interesse nacional. Agora, parece-me, Sr. Deputado, que esse poder invisível, não satisfeito com a soma de poderes excepcionais que tem em suas mãos, esse poder invisível passou a usar a bomba como recurso in extremis para a sua manutenção. Entretanto, estou com V. Exa. quando afirma que o futuro pertence ao povo. Acredito que, mais cedo ou mais tarde, esse poder invisível será colocado numa posição em que ele não terá mais condições de existir em nosso País porque eu creio no futuro, eu creio na democracia, como V. Exa. É, acreditando na democracia, acredito também que isto é uma transição, é uma fase da nossa História e que, mais adiante, as forças da democracia e do progresso estarão vitoriosas em nosso País. Muito obrigado.

O SR. EDSON KHAIR — O aparte de V. Exa., por certo, só vem trazer mais luzes à colocação que estivamos fazendo.

Mas, Sr. Presidente, é exatamente isso que nos espanta, é exatamente isso que nos deixa perplexos. Ao lado de um verdadeiro elenco de medidas de força, como o AI-5, que já se eterniza no País, como o Decreto 477, que impede a juventude universitária de participar, de pensar politicamente, contrariando toda uma vocação histórica da juventude brasileira, desde a época em que os brasileiros nem sequer eram cha-

dos escravos, participou a nossa juventude. E por que a juventude universitária? Porque essa juventude universitária sempre representou uma espécie de elite no País, uma das poucas parcelas da população que podem estudar. Pois o Decreto 477 impede hoje essa participação política.

Ao lado dele, várias outras medidas de força, que nem sequer têm número, como por exemplo o que ocorre na área sindical, onde os sindicatos estão sob terrível fiscalização do Governo e alguns até sob intervenção direta do Ministério do Trabalho. Por isso não bastasse todo este elenco de medidas de força, em nosso País, ainda é possível existirem atos de terrorismo desta natureza, atos que ofendem profundamente a nação brasileira. Daí nosso temor, expresso no início da nossa oração, de que a exceção, os dias de não constitucionalidade em que vivemos possam resvalar numa perspectiva ainda mais pessimista, ainda mais tortuosa, ainda mais negra na História do Brasil, isto é, resvalar da exceção para a barbárie e a selvageria. Ainda que essas nossas palavras não tenham força para deter essa escalada temos a certeza de que, se não estamos fazendo o que, na realidade, seja mais eficiente, estamos, com certeza, exercendo um direito do qual não podemos abdicar, que seja, Sr. Presidente, o de protestar contra esses atos.

Talvez não venhamos nós a evocar nenhuma resonância nem mesmo nos órgãos de divulgação desse País contra esses bárbaros atentados cometidos contra Dom Adriano Hipólito. Mas, as palavras estão ditas. A nossa reprovação, a reprovação formal, nest Parlamento na pessoa de vários Deputados — do Deputado Delio dos Santos e, acredito, também, dos nobres Líderes do meu Partido, do Movimento Democrático Brasileiro, nesta Casa que haverão de fazê-lo — deixa claro que não compactuamos com o terrorismo, que nós o repudiamos, porque ele, sobretudo, uma forma muito mais inteligente do que possam pensar os seus executores.

Só os desesperados, só aqueles que não têm o menor suporte no povo, que partem para atitudes como o terrorismo, que é a atitude dos enforcados, daqueles que, sendo fracos, tentam ser fortes através do terrorismo e da violência.

Aqui fica, portanto, o nosso protesto contra tais atentados, que, como disse, mos ao início da nossa oração, não são, absolutamente, um ato isolado, sim uma cadeia instalada de violência para a qual pedimos a imediata ação do Governo, a fim de pôr fim nesse estado de coisas.

Muito obrigado, Sr. Presidente (Sem revisão do orador).

O SR. PRESIDENTE (Waldyr Costa) — Tem a palavra para discutir o Projeto em pauta o Sr. Deputado Edson Khair, que dispõe de 15 minutos.

O SR. EDSON KHAIR (Para discutir) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, antes de entrar no mérito da discussão do Projeto de Lei 638, oriundo da Mensagem nº 58, de 1976, queríamos pedir a atenção do Presidente e demais Deputados para um assunto que iremos abordar.

Sr. Presidente, tal método terrorista de uma nota de protesto emitida pelo Cardeal desta cidade, em termos veementes, contra o seqüestro do Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu.

Sr. Presidente, tal método terrorista de violência não é um fato isolado; infelizmente, não é um fato isolado em nossa vida. A ele junta-se a explosão do carro do sobrinho de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, que também foi seqüestrado e as bombas nas Sedes da ABI e da O.A.B. Os vexames que sofreu Dom Adriano Hipólito, tendo sido despojado de suas vestes e seviciado, atingem a toda a nação brasileira.

Esta nação que foi erigida historicamente sob o signo do cristianismo é hoje atingida por uma minoria fanática, terrorista e de inspiração fascista. Somos daqueles que entendem que o fascismo, na medida em que recuamos, se fortalece. Portanto, estaremos aqui todas as vezes que ocorrer um atentado desses, seja contra Dom Adriano Hipólito, eminente membro da Igreja Católica, seja no caso de um proprietário de jornal, como o Sr. Roberto Marinho, que também teve sua casa vítima de um atentado terrorista, através de uma bomba. Temos de hipotecar solidariedade a Dom Adriano Hipólito e ao Sr. Roberto Marinho, contra a ação desse

DOESTADO DO RIO DE JANEIROPARTE IIANO II - Nº 127TERÇA FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 1976

P. 2990

MOÇÃO

Solicito à Mesa, na forma regimental, seja inserido em Ata, um voto de louvor ao Exmo. Sr. Nuncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco que, ao ter conhecimento da morte de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, percorreu, com o auxílio de Padres, Fiéis, Patrulheiros e Delegados de Polícia, na noite de 22 para 23 último, todos os lugares onde toram desenrolados os trágicos acontecimentos, inundando em todos, solidariedade, ânimo, esperança e confiança, com a sua presença e seu apoio moral, até o momento do comovente encontro num forte abraço fraternal.

Sala das Sessões, em 28 de setembro de 1976. — Darcy Rangel.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

(Lendo): "Solicito à Casa, na forma regimental, seja inserido em Ata um voto de louvor ao Exmo. Senhor Nuncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, que, ao ter conhecimento da morte de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, percorreu, com o auxílio de Padres, Fiéis, Patrulheiros e Delegados de Polícia, na noite de 22 para 23 último, todos os lugares onde foram desenrolados os trágicos acontecimentos, infundindo em todos solidariedade, ânimo, esperança e confiança, com a sua presença e seu apoio moral, até o momento do comovente encontro num forte abraço fraternal.

Sala das Sessões, em 28 de setembro de 1976. — Darcy Rangel.

Justificação

É digno de louvor o comportamento do Exmo. Sr. Nuncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco que, encontrando-se em trânsito no Rio de Janeiro, proveniente de Mato Grosso, com destino ao Paraná, ao ser posto a dar da ocorrência de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, e da notícia circulada na Europa, de sua bárbara morte, divulgada por uma agência estrangeira, com o auxílio de Padres, Fiéis, Patrulheiros e Delegados de Polícia, em plena noite de 22 para 23 deste mês, percorreu todos os lugares onde tinham-se desenrolados os acontecimentos, infundindo em todos solidariedade, ânimo, esperança e confiança, com sua presença e seu apoio moral, até o momento do comovente encontro num forte abraço fraternal, perante as autoridades policiais que estavam cumprindo seu dever de praxe já altas horas da matina.

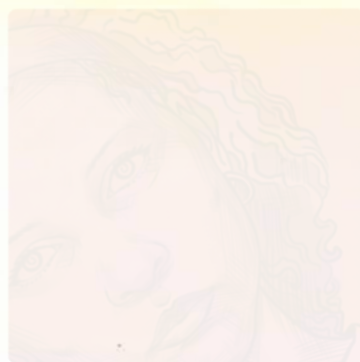
Esta atuação, pronta, oportuna, discreta e generosa, além de evidenciar a preocupação do Pastor para com suas ovelhas, evitou e cortou a possibilidade de qualquer interpretação ou especulação indevida ou tendenciosa, com respeito ao Brasil, principalmente no exterior, onde, com evidente rapidez, a verdade, foi restabelecida sem sobra de dúvida.

Registramos nos Anais desta Casa o nosso sentimento de gratidão a Dom Carmine Rocco, por mas esta valiosa contribuição para a manutenção das melhores formas de harmonia nas relações entre o Estado e a Igreja Cat. Apostólica Romana.

Endereço: Dom Carmine Rocco — Nuncio Apostólico no Brasil — Emb. do Vaticano — Brasília — D.F."

(Interrompendo a leitura) É digno de louvor, repito, o comportamento do Exmo. Sr. Nuncio Apostólico do Brasil, Dom Carmine Rocco.

Muito obrigado. (Sem revisão do orador.)



O PONTUAL

JORNAL DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

O PONTUAL
29/09/1976

Imprensa em Debate

O "Pontual" 29/9/76

ARTHUR CANTALICE

Do ponto de vista jornalístico e político, o mais importante assunto da semana finda foi a nova ação terrorista, agora praticada contra a Igreja Católica, na pessoa dessa excelente figura humana que é o Bispo Dom Adriano, e contra a Imprensa, representada pela pessoa do sr. Roberto Marinho, diretor-proprietário de **O Globo** e de outros veículos de comunicação, como a **TV-Globo** e as rádios **Globo**, **Mundial** e **Eldorado**. Eis um trecho do editorial de **O Globo**, edição de sexta-feira: "A consciência patriótica, democrática e moral do País chegou a afagar a esperança de que faltasse maior substância à irrupção de violência iniciada com as bombas da ABI e da Ordem dos Advogados. Eram ações tão destituídas de sentido e tão profundamente contrárias ao espírito brasileiro que poderiam tratar-se de um acontecimento isolado (...) Que vítimas escolhem e onde querem chegar esses desatinados? Quem são os autores intelectuais e materiais desse movimento de brutalidade e sangue? Todo o País acha-se envolvido em tais indagações, procurando identificar a causa beneficiária do crime".

● Não é preciso que a gente seja Sherlock Holmes para concluir que os beneficiários desses crimes são os inimigos da normalidade política. Só ingênuos poderiam imaginar que as bombas colocadas na ABI e na Ordem dos Advogados era "um acontecimento isolado", como escreveu o editorialista de **O Globo**. Logo depois dos atentados contra a ABI e a OAB, outras bombas foram colocadas em Porto Alegre (numa Auditoria Militar) e em São Paulo (na CEBRAPE, entidade de pesquisas sociais). Leia isto que foi publicado pelo **Jornal do Brasil**, edição de sábado: "O atentado contra o Bispo Adriano Hipólito e o seu sobrinho, Fernando Webereng, foi praticado pelo mesmo grupo que agiu contra a Associação Brasileira de Imprensa e a Ordem dos Advogados do Brasil, no mês passado, e contra a casa do sr. Roberto Marinho. A ligação dos atentados foi estabelecida pela polícia em exames feitos com o papel e o tipo da máquina usados nos panfletos deixados pelos terroristas". Ao mesmo tempo, o JB informou que o Secretário de Segurança determinou que "os fatos sejam apurados com rigor". Quando explodiram as bombas colocadas na ABI, causando enormes prejuízos materiais à entidade dos jornalistas, também foi anunciado um "rigoroso inquérito". Na ocasião, aqui nesta **Imprensa em Debate**, comentei que, tradicionalmente, apesar dos rigorosos inquéritos, os atos terroristas nunca são desvendados. Façamos votos no sentido de que agora, quando as vítimas são pessoas ligadas a entidades poderosas como a Igreja Católica e a Rede Globo, os inquéritos sejam rigorosos na prática e não apenas nas palavras dessa ou daquela autoridade. Repito o que escrevi por ocasião da abertura do inquérito para descobrir os autores do atentado contra a ABI: tal como São Tomé queria ver para

Ainda sobre os novos atentados, o **Jornal do Brasil** publicou um editorial com o título **Silêncio Perigoso**, do qual extrai estes trechos: "Os jornais, na liberdade a eles assegurada pelo Governo, noticiaram o fato com o destaque merecido, pois o espaço correspondeu à notoriedade dos envolvidos e ao conteúdo da violência pessoal contra um prelado da Igreja Católica. As emissoras de rádio e televisão, no entanto, foram impedidas de informar a respeito. Ocorreu então o que parecia impossível: o Ministério da Justiça autocensurou-se ao proibir a divulgação dos fatos porque a radiodifusão foi proibida de transmitir a nota oficial condenando as bombas. E, de quebra, a censura alcançou também nota em que o Primeiro Exército, também ofendido pelo ato criminoso, apressou-se em esclarecer a opinião pública (...) O silêncio baixado sob alegação de proteger o Estado, na verdade destrói a Nação".

● Por essas e outra é que os jornalistas têm de ser contra a censura. Os jornalistas e as demais pessoas de bom senso. Naquela época em que a meningite estava matando mais do que agora, especialmente em São Paulo, chegaram a proibir notícias sobre o assunto. Como se o desconhecimento da gravidade do mal servisse para imunizar a opinião pública contra a doença. Agora, nesse caso dos atentados terroristas, o exagero censório chegou ao cúmulo de proibir a divulgação de notas oficiais. Assim, como é que a gente pode acreditar na apuração rigorosa dos fatos?

* * *

O **Jornal de Hoje**, no dia seguinte ao sequestro do Bispo, publicou uma reportagem fraquinha. Lá pelas tantas, dizia mais ou menos o seguinte: "Nossa reportagem acompanhou passo a passo os acontecimentos". Pura cascata. Se tivesse acompanhado "passo a passo", o repórter do **Jornal de Hoje** teria dado a notícia da destruição do carro do sobrinho do Bispo. Fazer jornalismo "por ouvir dizer" nunca deu resultado.

* * *

Imprensa em Debate

"Pontual" 29/9/76

ARTHUR CANTALICE

Do ponto de vista jornalístico e político, o mais importante assunto da semana finda foi a nova ação terrorista, agora praticada contra a Igreja Católica, na pessoa dessa excelente figura humana que é o Bispo Dom Adriano, e contra a Imprensa, representada pela pessoa do sr. Roberto Marinho, diretor-proprietário de **O Globo** e de outros veículos de comunicação, como a **TV-Globo** e as rádios **Globo**, **Mundial** e **Eldorado**. Eis um trecho do editorial de **O Globo**, edição de sexta-feira: "A consciência patriótica, democrática e moral do País chegou a afagar a esperança de que faltasse maior substância à irrupção de violência iniciada com as bombas da ABI e da Ordem dos Advogados. Eram ações tão destituídas de sentido e tão profundamente contrárias ao espírito brasileiro que poderiam tratar-se de um acontecimento isolado (...) Que vítimas escolhem e onde querem chegar esses desatinados? Quem são os autores intelectuais e materiais desse movimento de brutalidade e sangue? Todo o País acha-se envolvido em tais indagações, procurando identificar a causa beneficiária do crime".

● Não é preciso que a gente seja Sherlock Holmes para concluir que os beneficiários desses crimes são os inimigos da normalidade política. Só ingênuos poderiam imaginar que as bombas colocadas na ABI e na Ordem dos Advogados era "um acontecimento isolado", como escreveu o editorialista de **O Globo**. Logo depois dos atentados contra a ABI e a OAB, outras bombas foram colocadas em Porto Alegre (numa Auditoria Militar) e em São Paulo (na CEBRAPE, entidade de pesquisas sociais). Leia isto que foi publicado pelo **Jornal do Brasil**, edição de sábado: "O atentado contra o Bispo Adriano Hipólito e o seu sobrinho, Fernando Webereng, foi praticado pelo mesmo grupo que agiu contra a Associação Brasileira de Imprensa e a Ordem dos Advogados do Brasil, no mês passado, e contra a casa do sr. Roberto Marinho. A ligação dos atentados foi estabelecida pela polícia em exames feitos com o papel e o tipo da máquina usados nos panfletos deixados pelos terroristas". Ao mesmo tempo, o JB informou que o Secretário de Segurança determinou que "os fatos sejam apurados com rigor". Quando explodiram as bombas colocadas na ABI, causando enormes prejuízos materiais à entidade dos jornalistas, também foi anunciado um "rigoroso inquérito". Na ocasião, aqui nesta **Imprensa em Debate**, comentei que, tradicionalmente, apesar dos rigorosos inquéritos, os atos terroristas nunca são desvendados. Façamos votos no sentido de que agora, quando as vítimas são pessoas ligadas a entidades poderosas como a Igreja Católica e a Rede Globo, os inquéritos sejam rigorosos na prática e não apenas nas palavras dessa ou daquela autoridade. Repito o que escrevi por ocasião da abertura do inquérito para descobrir os autores do atentado contra a ABI: tal como São Tomé, quero ver para crer.

* * *

Ainda sobre os novos atentados, o **Jornal do Brasil** publicou um editorial com o título **Silêncio Perigoso**, do qual extraí estes trechos: "Os jornais, na liberdade a eles assegurada pelo Governo, noticiaram o fato com o destaque merecido, pois o espaço correspondeu à notoriedade dos envolvidos e ao conteúdo da violência pessoal contra um prelado da Igreja Católica. As emissoras de rádio e televisão, no entanto, foram impedidas de informar a respeito. Ocorreu então o que parecia impossível: o Ministério da Justiça autocensurou-se ao proibir a divulgação dos fatos porque a radiodifusão foi proibida de transmitir a nota oficial condenando as bombas. E, de quebra, a censura alcançou também nota em que o Primeiro Exército, também ofendido pelo ato criminoso, apressou-se em esclarecer a opinião pública (...) O silêncio baixado sob alegação de proteger o Estado, na verdade destrói a Nação".

● Por essas e outra é que os jornalistas têm de ser contra a censura. Os jornalistas e as demais pessoas de bom senso. Naquela época em que a meningite estava matando mais do que agora, especialmente em São Paulo, chegaram a proibir notícias sobre o assunto. Como se o desconhecimento da gravidade do mal servisse para imunizar a opinião pública contra a doença. Agora, nesse caso dos atentados terroristas, o exagero censório chegou ao cúmulo de proibir a divulgação de notas oficiais. Assim, como é que a gente pode acreditar na apuração rigorosa dos fatos?

* * *

O **Jornal de Hoje**, no dia seguinte ao sequestro do Bispo, publicou uma reportagem fraquinha. Lá pelas tantas, dizia mais ou menos o seguinte: "Nossa reportagem acompanhou passo a passo os acontecimentos". Pura cascata. Se tivesse acompanhado "passo a passo", o repórter do **Jornal de Hoje** teria dado a notícia da destruição do carro do sobrinho do Bispo. Fazer jornalismo "por ouvir dizer" nunca deu resultado.

* * *

03 / 10 / 1976



Missa do Bispo Congrega Comunidade

O Pontual 03-10-76

Está marcada para as 16 horas de hoje, na Catedral Santo Antonio de Jacutinga, no centro de Nova Iguaçu, a celebração da Santa Missa, por D. Adriano Hypolito, Bispo Diocesano, num ato religioso que marcará o reencontro do religioso recentemente vitimado por um sequestro praticado por terroristas com os seus fiéis iguaçuanos. Da missa deverão participar, além de repre-

sentantes das congregações católicas de todos os quadrantes do Município, padres e bispos de todo o Brasil, sendo também esperado o comparecimento do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugenio Sales. Como o atentado praticado contra D. Adriano mereceu o repúdio de toda a gente iguaçuana e de toda gente brasileira, é esperado um grande comparecimento de público,

transformando o ato numa manifestação de solidariedade ao Bispo ofendido e de revolta contra aqueles que a poder de bombas e desrespeitando a tradição legislativa de nossa terra, tentam impor ao País um clima de conturbação, em proveito tão somente daqueles que se interessam pela malbaratação da nossa Nacionalidade e pela escravidão continuada dos nossos cidadãos.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
INSTITUTO MULTIMÍDIA

IMAGEM
UFRRJ

O PONTUAL
06/10/1976

Lado a Lado com D. Adriano:

Povo

Iguaçuano

Repudia

o Terror

"Quando D. Adriano fala em nome dos pobres, passa a ser considerado "perigoso" porque estremece aqueles que estão lá em cima, que são os que querem que a Igreja cuide apenas do lado espiritual e esqueça que a Vida Eterna pregada no Evangelho de Cristo começa aqui. D. Adriano recebeu um dom e não vão calar-lhe a boca. Deus quer que ele interprete o seu Evangelho para o povo!" Estas foram palavras de Dom Valdir Calheiros, Bispo da Diocese de Volta Redonda, que juntamente com outros 60 bispos e padres de todo o Brasil, do arcebispo do Espírito Santo, do Prefeito João Batista Barreto Lubanco e cerca de 3 mil pessoas vindas de todos os recantos do Município e também de outras cidades, participaram da primeira missa celebrada no domingo por Dom Adriano Hypolito Mandarino, Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, após o sequestro de que foi vítima no mês passado. A celebração teve início às 3 e meia da tarde com alguns dos milhares de telegramas de solidariedade recebidos pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.

Lado a Lado com D. Adriano:

Povo

Iguaçuano

Repudia

o Terror

"Quando D. Adriano fala em nome dos pobres, passa a ser considerado "perigoso" porque estremece aqueles que estão lá em cima, que são os que querem que a Igreja cuide apenas do lado espiritual e esqueça que a Vida Eterna pregada no Evangelho de Cristo começa aqui. D. Adriano recebeu um dom e não vão calar-lhe a boca. Deus quer que ele interprete o seu Evangelho para o povo!" Estas foram palavras de Dom Valdir Calheiros, Bispo da Diocese de Volta Redonda, que juntamente com outros 60 bispos e padres de todo o Brasil, do arcebispo do Espírito Santo, do Prefeito João Batista Barreto Lubanco e cerca de 3 mil pessoas vindas de todos os recantos do Município e também de outras cidades, participaram da primeira missa celebrada no domingo por Dom Adriano Hypolito Mandarin, Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, após o sequestro de que foi vítima no mês passado. A celebração teve início às 3 e meia da tarde com alguns dos milhares de telegramas de solidariedade recebidos pela Diocese iguaçuana e pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.

O povo, além de ocupar todo o espaço existente na Catedral de Santo Antonio de Jacutinga, onde aconteceu o ato religioso, se espalhou pelo pátio e pelas ruas laterais. As pessoas que ficaram do lado de fora da Igreja acompanharam a celebração através de um impresso mimeografado distribuído pelos padres. Na Santa Missa, foi lembrado o dia de São Francisco de Assis, santo tomado como símbolo daqueles que optaram pela defesa dos povos indefesos. A multidão mostrou-se sempre atenta ao desenvolvimento da solenidade e interrogadas pela nossa reportagem as pessoas mostravam-se sempre preocupadas em firmar o seu repúdio à violência praticada contra o religioso iguaçuano, segundo a maioria, demonstrativa de que existem realmente, em nosso País, grupos interessados em vedar o debate livre em torno dos graves problemas e das sentidas dificuldades sócio-econômicas que vitimam nossos cidadãos.

O SEQUESTRO

O sequestro de D. Adriano Hypolito Mandarin, aconteceu no dia 22 de setembro, quando, na companhia do seu sobrinho, de nome Fernando, se dirigia para sua residência, para o descanso do fim do dia. Algemado, encapuçado e violentamente agredido, o Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, foi levado pelos seus sequestradores até o bairro de Jacarepaguá, onde então foi atirado para fora do carro que o conduzia e deixado na calçada de uma rua completamente despido. O carro do seu sobrinho, com uma bomba de alto poder destrutivo dentro, foi atirado de encontro à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Rio de Janeiro, destruindo-lhe parte da fachada. Por telefonema dirigido à Rádio Jornal do Brasil, ficou-se sabendo que o sequestro fora executado pela Aliança Anticomunista Brasileira, que vê no religioso "um homem com tendências comunistas". Essa mesma organização terrorista, semanas antes, fizera explodir uma outra bomba na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), dando a mesma desculpa.

Tão logo tornou-se conhecido o atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu, houve um repúdio nacional e mesmo internacional contra o criminoso ato que, segundo as manifestações vindas das mais diferentes personalidades, representa a vontade de uma pequena parcela da população

UMA VOZ QUE NÃO SE CALA

Domingo, durante a cerimônia da Santa Missa, realizada na Catedral de Santo Antonio, diversos religiosos

usaram da palavra, destacando-se D. Valdir Calheiros, da Diocese de Volta Redonda — que anda com uma escolta policial, face às ameaças de sequestro que tem sofrido — salientando que o ataque ao Bispo de Nova Iguaçu atingiu toda Igreja Católica e até mesmo ao Cristianismo que prega a fraternidade e o entendimento entre os homens:

— A presença de todos nós Bispos, aqui, nessa Santa Missa, representa mais do que qualquer palavras poderiam dizer. A presença de todos nós, solidários com D. Adriano, é o sermão maior dessa Missa. Um pastor dessa Igreja de Deus foi atingido. Isso não foi só uma afronta a D. Adriano, mas uma afronta à Igreja do Brasil. Ele foi o escolhido para representar a Igreja. Quando D. Adriano fala em nome dos pobres, passa a ser considerado perigoso, porque estremece aqueles que estão lá em cima, que são os que querem que a Igreja cuide apenas do lado espiritual e esqueça que a V'da Eterna pregada no Evangelho de Cristo começa aqui. Mas D. Adriano recebeu um dom e não vão calar-lhe a boca. Deus quer que ele interprete o Evangelho para o povo, ajudando este povo a com-

Presentes à celebração, estiveram entre outros, o Arcebispo de Vitória, D. João da Mota, os Bispos de Goiás, de Teófilo Otoni, de Iguatu e D. Inácio Acioli, do Mosteiro São Bento.

O Prefeito de nosso Município, Sr. João Batista Barreto Lubanco, também

manifestou solidariedade à Igreja atingida pelo ato criminoso dos terroristas, comparecendo à celebração e fazendo uma oração pública.

REPÚDIO DO POVO

Milhares de pessoas compareceram à Catedral de Santo Antonio para participarem da celebração da Santa Missa, pelo Bispo D. Adriano, no domingo. Gente de todos os recantos de Nova Iguaçu e de outras cidades e Estados. Essas pessoas mantiveram-se o tempo todo atentas ao desenrolar da cerimônia, que acompanhavam com um texto mimeografado que foi distribuído por religiosos. O PONTUAL ouviu algumas opiniões a respeito do acontecimento:

— O que fizeram com D. Adriano foi um absurdo. Ele como Bispo tem que estar acima dessas coisas. A gente não sabe mais aonde vai chegar a violência aqui na Baixada. Não bastassem os assaltantes, surgem agora também os terroristas. O Governo precisa tomar a peito a solução do nosso drama. (Geralda Domingues, costureira, moradora em Nilópolis).

— É bom a gente ver o

— D. Adriano fala muito pelos pobres, pelos humildes, pelos pés rapados. Pobre não tem mesmo vez, quando surge alguém falando pela gente, vem outros tumultuar. Não sei onde isso vai parar não. (Mario Afonso de Souza, morador em Queimados, estudante).

A MENSAGEM DA IGREJA

No texto mimeografado distribuído entre as pessoas

(cerca de 3 mil) que lotavam as cercanias da Catedral, havia a seguinte mensagem:

"Irmãos: aqui estamos para manifestar nossa solidariedade ao nosso irmão e pastor, Dom Adriano. Todos sabemos como, na noite do dia 22 de setembro, foi selvagememente sequestrado, encapuçado, algemado e torturado, juntamente com seu sobrinho Fernando. Os autores deste atentado disseram que iriam fazer o mesmo com outros Bispos da Igreja. O que pretendem é atingir a posição da Igreja a favor do povo, dos pobres, dos oprimidos. Querem amedrontar e fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos.

"Nós, cristãos, estamos conscientes de que a Igreja não pode deixar de cumprir a missão que Cristo lhe confiou, que é pregar o Amor e a Verdade, denunciar o erro e a injustiça e lutar pelos direitos humanos. Nosso Senhor foi perseguido por causa de sua pregação, e nos preveniu de que também sofreríamos perseguição. Sabemos que é da morte que nasce a vida, da cruz que vem a ressurreição. O sofrimento do nosso pastor é um sinal de que estamos no caminho certo, no caminho que Nosso Senhor viveu e pregou.

"Celebramos hoje, também, a festa de São Francisco, homem de Deus que optou pelo povo pobre, pelos pequenos e humildes, e colocou toda a sua vida a serviço deles. Também nós queremos celebrar o nosso compromisso de viver o Evangelho até o fim, de colocar nossa vida a serviço do povo e, unidos em nossas comunidades, ser cristãos, sem medo e sem desânimo, diante daqueles

(Mario Afonso de Souza, morador em Queimados, estudante).

A MENSAGEM DA IGREJA

No texto mimeografado distribuído entre as pessoas

(cerca de 3 mil) que lotavam as cercanias da Catedral, havia a seguinte mensagem:

"Irmãos: aqui estamos para manifestar nossa solidariedade ao nosso irmão e pastor, Dom Adriano. Todos sabemos como, na noite do dia 22 de setembro, foi selvagememente sequestrado, encapuçado, algemado e torturado, juntamente com seu sobrinho Fernando. Os autores deste atentado disseram que iriam fazer o mesmo com outros Bispos da Igreja. O que pretendem é atingir a posição da Igreja a favor do povo, dos pobres, dos oprimidos. Querem amedrontar e fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos.

"Nós, cristãos, estamos conscientes de que a Igreja não pode deixar de cumprir a missão que Cristo lhe confiou, que é pregar o Amor e a Verdade, denunciar o erro e a injustiça e lutar pelos direitos humanos. Nosso Senhor foi perseguido por causa de sua pregação, e nos preveniu de que também sofreriamos perseguição. Sabemos que é da morte que nasce a vida, da cruz que vem a ressurreição. O sofrimento do nosso pastor é um sinal de que estamos no caminho certo, no caminho que Nosso Senhor viveu e pregou.

"Celebramos hoje, também, a festa de São Francisco, homem de Deus que optou pelo povo pobre, pelos pequenos e humildes, e colocou toda a sua vida a serviço deles. Também nós queremos celebrar o nosso compromisso de viver o Evangelho até o fim, de colocar nossa vida a serviço do povo e, unidos em nossas comunidades, ser cristãos, sem medo e sem desânimo, diante daqueles que querem destruir a nossa união. O Senhor é a nossa força: No mundo te-reis aflições. Mas, Coragem! Eu venci o mundo."

O povo, além de ocupar todo o espaço existente na Catedral de Santo Antonio de Jacutinga, onde aconteceu o ato religioso, se espalhou pelo pátio e pelas ruas laterais. As pessoas que ficaram do lado de fora da Igreja acompanharam a celebração através de um impresso mimeografado distribuído pelos padres. Na Santa Missa, foi lembrado o dia de São Francisco de Assis, santo tomado como símbolo daqueles que optaram pela defesa dos povos indefesos. A multidão mostrou-se sempre atenta ao desenvolvimento da solenidade e interrogadas pela nossa reportagem as pessoas mostravam-se sempre preocupadas em firmar o seu repúdio à violência praticada contra o religioso iguaçuano, segundo a maioria, demonstrativa de que existem realmente, em nosso País, grupos interessados em vedar o debate livre em torno dos graves problemas e das sentidas dificuldades sócio-econômicas que vitimam nossos cidadãos.

O SEQUESTRO

O sequestro de D. Adriano Hypolito Mandarin, aconteceu no dia 22 de setembro, quando, na companhia do seu sobrinho, de nome Fernando, se dirigia para sua residência, para o descanso do fim do dia. Algemado, encapuçado e violentamente agredido, o Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, foi levado pelos seus sequestradores até o bairro de Jacarepaguá, onde então foi atirado para fora do carro que o conduzia e deixado na calçada de uma rua completamente despido. O carro do seu sobrinho, com uma bomba de alto poder destrutivo dentro, foi atirado de encontro à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Rio de Janeiro, destruindo-lhe parte da fachada. Por telefonema dirigido à Rádio Jornal do Brasil, ficou-se sabendo que o sequestro fora executado pela Aliança Anticomunista Brasileira, que vê no religioso "um homem com tendências comunistas". Essa mesma organização terrorista, semanas antes, fizera explodir uma outra bomba na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), dando a mesma desculpa.

Tão logo tornou-se conhecido o atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu, houve um repúdio nacional e mesmo internacional contra o criminoso ato que, segundo as manifestações vindas das mais diferentes personalidades, representa a vontade de uma pequena parcela de extremistas de mergulhar nosso País, num clima incontrolável de terror.

UMA VOZ QUE NÃO SE CALA

Domingo, durante a cerimônia da Santa Missa, realizada na Catedral de Santo Antonio, diversos religiosos

usaram da palavra, destacando-se D. Valdir Calheiros, da Diocese de Volta Redonda — que anda com uma escolta policial, face às ameaças de sequestro que tem sofrido — salientando que o ataque ao Bispo de Nova Iguaçu atingiu toda Igreja Católica e até mesmo ao Cristianismo que prega a fraternidade e o entendimento entre os homens:

— A presença de todos nós Bispos, aqui, nessa Santa Missa, representa mais do que qualquer palavras poderiam dizer. A presença de todos nós, solidários com D. Adriano, é o sermão maior dessa Missa. Um pastor dessa Igreja de Deus foi atingido. Isso não foi só uma afronta a D. Adriano, mas uma afronta à Igreja do Brasil. Ele foi o escolhido para representar a Igreja. Quando D. Adriano fala em nome dos pobres, passa a ser considerado perigoso, porque estremece aqueles que estão lá em cima, que são os que querem que a Igreja cuide apenas do lado espiritual e esqueça que a Vida Eterna pregada no Evangelho de Cristo começa aqui. Mas D. Adriano recebeu um dom e não vão calar-lhe a boca. Deus quer que ele interprete o Evangelho para o povo, ajudando esse povo a compreender a grandiosidade da vida em União. Para ajudar o povo, a Igreja não é apenas uma estrutura, mas sim a força do amor de Deus e toda a sua atividade. Por isso é que ela tem razão de ser!"

Presentes à celebração, estiveram entre outros, o Arcebispo de Vitória, D. João da Mota, os Bispos de Goiás, de Teófilo Otoni, de Iguatu e D. Inácio Acioli, do Mosteiro São Bento.

O Prefeito de nosso Município, Sr. João Batista Barreto Lubanco, também

manifestou solidariedade à Igreja atingida pelo ato criminoso dos terroristas, comparecendo à celebração e fazendo uma oração pública.

REPÚDIO DO POVO

Milhares de pessoas compareceram à Catedral de Santo Antonio para participarem da celebração da Santa Missa, pelo Bispo D. Adriano, no domingo. Gente de todos os recantos de Nova Iguaçu e de outras cidades e Estados. Essas pessoas mantiveram-se o tempo todo atentas ao desenrolar da cerimônia, que acompanhavam com um texto mimeografado que foi distribuído por religiosos. O PONTUAL ouviu algumas opiniões a respeito do acontecimento:

— O que fizeram com D. Adriano foi um absurdo. Ele como Bispo tem que estar acima dessas coisas. A gente não sabe mais aonde vai chegar a violência aqui na Baixada. Não bastassem os assaltantes, surgem agora também os terroristas. O Governo precisa tomar a peito a solução do nosso drama. (Geraldina Domingues, costureira, moradora em Nilópolis).

— É bom a gente ver o povo assim reunido, em torno de um mesmo ideal. Eu vim aqui porque não gosto de violência, não admito violência. (Carlos Friedmann, aposentado, morador em Belford Roxo).

Comentando

J. PONTUAL

UMA QUESTÃO DE FIDELIDADE

O Pontual
07-11-76

As críticas e atuação de determinados Ministros pelo Deputado Boaventura levantou em seu partido, a Arena, enorme celeuma, sendo acusado, por vários de seus correligionários, de indisciplina partidária, que aventam sanções para uma possível infidelidade partidária.

A fidelidade partidária no Brasil, desde que foi estabelecida por lei, tem sido, propositadamente, conceituada de uma maneira distorcida. Obviamente, a intenção do legislador ao criar essa figura o fez, unicamente, com o pensamento na preservação da filosofia política dos partidos, ponto fundamental prevalente em qualquer agremiação política. A falta desse fator importante nos partidos políticos brasileiros, quer seja Arena ou MDB, tem dado vez a que a fidelidade seja imposta para encobrir erros e garantir favorecimentos pessoais aos grupos predominantes nas aglomerações políticas brasileiras, que por falhas em sua estruturação não representam as tendências político-filosóficas da população brasileira.

A realidade é que essa esdrúxula figura da fidelidade partidária vem representando um excelente "alibi" para todos os erros cometidos, intencionalmente ou por incapacidade, contra a população brasileira por nossos governantes. As críticas do deputado arenista aos Ministros brasileiros, não são assim tão absurdas e nem merecedoras da execração subserviente dos líderes arenistas, constata-se simplesmente uma realidade sentida pela própria população. Haja vista a impotência das autoridades brasileiras no combate à inflação, na diminuição da dívida externa (cada vez mais crescente) e no cumprimento dos programas de governo que não vencem os estabelecidos.

Em Nova Iguaçu, o disfarce da fidelidade partidária serviu durante muito tempo para acobertar o estado de corrupção desabrida do Governo Joaquim de Freitas. Na Assembleia Legislativa de São Paulo esse dispositivo legal, que está se tornando amoral pelo uso indevido, garantiu a impunidade dos membros da Mesa Executiva, promotores do "panamá" e de mais um escândalo na atuação política brasileira.

Assim, a fidelidade partidária, talvez instituída pela boa intenção do legislador, tem sido mais um mal do que propriamente uma garantia da integridade filosófica dos partidos, servindo unicamente aos aventureiros que pululam nas administrações públicas e nas agremiações políticas brasileiras.

ALIANÇA ANTI-COMUNISTA

Diversas figuras da sociedade iguaçuana, entre os quais os Srs. José Froes Machado, Procurador Municipal e Nélio Braga Chambarelli, Vereador pelo MDB, receberam cartas da Aliança Anti-Comunista Brasileira com ameaças de morte ao Bispo D. Adriano Mandarino Hipólito, prometendo continuar a ação iniciada com o rapto do líder católico, há cerca de dois meses atrás.

Estas cartas com palavras de baixo calão e uma linguagem baixa, atacam o Bispo com uma série de improperios. Vêm com assinaturas falsificadas de figuras conhecidas da sociedade.

Afinal em que pé estarão as investigações sobre esses atos extremistas.

Comunicação Pastoral

ao Povo de Deus

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — distribuiu, quarta-feira, com pedido de publicação, uma Pastoral Conjunta nos seguintes termos:

"COMUNICAÇÃO PASTORAL AO POVO DE DEUS

1 — INTRODUÇÃO

Os Bispos da Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunidos na cidade do Rio de Janeiro de 19 a 25 de outubro de 1976, diante dos acontecimentos recentes que atingiram a Igreja no Brasil, comovendo a tantos no país e no exterior, pensamos em vocês, gente simples, gente religiosa, gente das comunidades de base e dos grupos de reflexão, e lhes oferecemos esta reflexão pastoral.

Falando após tantas manifestações de Pastores e Igrejas, não queremos fazer um documento de denúncia, ainda que os fatos aqui narrados já sejam, por si mesmos, uma denúncia clara e forte. Nossa intenção é iluminar com a luz da Palavra de Deus os acontecimentos atuais para que os cristãos tomem, diante deles, uma atitude de fé e coragem, uma animação parecida com aquela que dá o Livro do Apocalipse. Ao cristão é proibido ter medo. É proibido ficar triste.

Para esta comunicação pastoral, pudemos contar com a preciosa e fraterna colaboração de padres, religiosos, religiosas e leigos. Assim, queremos apresentar:

1.º Os Fatos — Contamos coisas que os jornais já divulgaram e que achamos bom recordar para servir de base à reflexão. Colocamos, também, algumas coisas que não saíram nos jornais, nem no rádio.

2.º O sentido desses fatos — Aconteceram por acaso ou são frutos produzidos por alguma árvore que devemos procurar conhecer?

3.º Alguns princípios pastorais e novos apelos de Deus — O que a Palavra de Deus nos diz a respeito desses acontecimentos? Se Deus nos fala, não só pela Bíblia e pela sua Igreja, mas também pelos acontecimentos, procuremos descobrir os caminhos do Senhor no meio das coisas contadas e meditadas nestas páginas.

II — OS FATOS

Recentemente ocorreram fatos que, por sua gravidade, abalaram a Igreja e o povo brasileiro. Referimo-nos principalmente ao assassinato dos sacerdotes, Pe. Rodolfo Lunkenbein, Pe. João Bosco Penido Burnier e ao sequestro do bispo Dom Adriano Hipólito, da Diocese de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro.

— O Caso de Merure, MT

A origem deste caso está ligada à demarcação da terra dos índios, feita com autorização da Funai.

Dois dias depois de iniciados os trabalhos, no dia 15 de julho deste ano, mais de 60 pessoas entre fazendeiros, posseiros e capangas, foram armados à sede da Missão Salesiana de Merure, MT, procurando pelo Pe. Rodolfo, diretor da Missão, para tomar satisfação.

O Pe. Gonçalo que os atendeu foi por eles maltratado. Pouco depois chegaram Pe. Rodolfo e alguns índios Boróros. Pe. Rodolfo não reagiu às provocações. Tentou convencê-los a recorrer à Justiça. Alguns Boróros logo queriam fazer alguma coisa para impedir o desacato ao Pe. Rodolfo.

Lourenço, chefe dos Boróros, levou um tiro pelas costas. Três outros tiros foram dados. O Pe. Rodolfo foi atingido e morreu 10 minutos depois. O tiroteio se generalizou. Outros índios foram chegando para perto. Ficaram feridos cinco deles e alguns dos atacantes. Um deles, Aloísio, caiu morto por um tiro no rosto e facadas. O índio Simão caiu também ferido. Quando sua mãe Tereza tentou socorrê-lo, foi também gravemente ferida. Os atacantes fugiram logo após, deixando no local o corpo de Aloísio e um de seus carros.

Os feridos foram levados para Barra do Garças. No caminho morreu o índio Simão. O enterro de Simão foi no dia seguinte, e o do Padre Rodolfo dois dias depois. O corpo de Aloísio foi entregue à família pela Polícia.

— O sequestro de Dom Adriano Hipólito

Na quarta-feira, dia 22 de setembro do corrente ano, Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, deixou a Cúria Diocesana acompanhado de seu sobrinho e pela noiva deste, num carro Volkswagen pertencente ao Bispo.

Após percorrerem poucas ruas, foram interceptados por dois carros, dos quais saíram cinco ou seis homens armados de pistolas. De modo brutal obrigaram o bispo e seu sobrinho a sair do carro, enquanto a moça conseguia, no meio da confusão, fugir para sua casa. O bispo foi atirado no banco traseiro do carro dos sequestradores. Colocaram-lhe um capuz na cabeça e algemas nos pulsos, obrigando-o a se abaixar para não ser visto da rua, enquanto o carro partia em louca disparada. Os raptos cortaram todos os botões da batina do bispo.

Após uns trinta minutos, pararam o carro e tiraram toda a roupa do bispo, deixando-o inteiramente nu. Tentaram enfiar-lhe na boca uma garrafa cheia de cachaça. Tendo o bispo reagido, desistiram da idéia. Ao mesmo tempo, gritavam que eram da "Aliança Anticomunista Brasileira", que o bispo era um "comunista traidor" e que "depois chegará a hora do bispo Calheiros" (Trata-se de Dom Waldyr Calheiros, Bispo de Volta Redonda, RJ).

Depois levaram o bispo para um lugar mais afastado, de onde pôde ouvir os gritos de seu sobrinho. Tendo borrifado o bispo com tinta vermelha, tornaram a colocá-lo no carro. Abandonaram-no amarrado, bem distante de Nova Iguaçu, na calçada de uma rua do bairro de Jacarepaguá.

O bispo foi encontrado por alguns homens que lhe deram algumas roupas e o levaram à paróquia mais próxima. Dom Adriano dirigiu-se, então, à Delegacia do Distrito local e dali, após prestar depoimento, foi levado para a Polícia Política. No DOPS recebeu informação de que seu sobrinho tinha sido encontrado e, juntamente com a noiva, estava a caminho para prestar esclarecimentos. Informaram-lhe, ainda, que o seu carro tinha sido explodido em frente da sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no bairro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda no DOPS, Dom Adriano recebeu a visita do Sr. Núncio Apostólico, o representante do Papa, no Brasil, trazendo-lhe sua solidariedade. De início, o Sr. Núncio fora impedido de entrar na sala onde o bispo prestava depoimento.

Até a presente data, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil não tem conhecimento do resultado do inquérito aberto pelas autoridades para descobrir os responsáveis pelo sequestro.

— A morte do Padre João Bosco Penido Burnier
O Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuita, missionário,

Comunicação Pastoral

ao Povo de Deus

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — distribuiu, quarta-feira, com pedido de publicação, uma Pastoral Conjunta nos seguintes termos:

"COMUNICAÇÃO PASTORAL AO POVO DE DEUS

1 — INTRODUÇÃO

Os Bispos da Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunidos na cidade do Rio de Janeiro de 19 a 25 de outubro de 1976, diante dos acontecimentos recentes que atingiram a Igreja no Brasil, comovendo a tantos no país e no exterior, pensamos em vocês, gente simples, gente religiosa, gente das comunidades de base e dos grupos de reflexão, e lhes oferecemos esta reflexão pastoral.

Falando após tantas manifestações de Pastores e Igrejas, não queremos fazer um documento de denúncia, ainda que os fatos aqui narrados já sejam, por si mesmos, uma denúncia clara e forte. Nossa intenção é iluminar com a luz da Palavra de Deus os acontecimentos atuais para que os cristãos tomem, diante deles, uma atitude de fé e coragem, uma animação parecida com aquela que dá o Livro do Apocalipse. Ao cristão é proibido ter medo. É proibido ficar triste.

Para esta comunicação pastoral, pudemos contar com a preciosa e fraterna colaboração de padres, religiosos, religiosas e leigos. Assim, queremos apresentar:

1.º Os Fatos — Contamos coisas que os jornais já divulgaram e que achamos bom recordar para servir de base à reflexão. Colocamos, também, algumas coisas que não saíram nos jornais, nem no rádio.

2.º O sentido desses fatos — Aconteceram por acaso ou são frutos produzidos por alguma árvore que devemos procurar conhecer?

3.º Alguns princípios pastorais e novos apelos de Deus — O que a Palavra de Deus nos diz a respeito desses acontecimentos? Se Deus nos fala, não só pela Bíblia e pela sua Igreja, mas também pelos acontecimentos, procuremos descobrir os caminhos do Senhor no meio das coisas contadas e meditadas nestas páginas.

II — OS FATOS

Recentemente ocorreram fatos que, por sua gravidade, abalaram a Igreja e o povo brasileiro. Referimo-nos principalmente ao assassinato dos sacerdotes. Pe. Rodolfo Lunkenbein, Pe. João Bosco Penido Burnier e ao sequestro do bispo Dom Adriano Hipólito, da Diocese de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro.

— O Caso de Merure, MT

A origem deste caso está ligada à demarcação da terra dos índios, feita com autorização da Funai.

Dois dias depois de iniciados os trabalhos, no dia 15 de julho deste ano, mais de 60 pessoas entre fazendeiros, posseiros e capangas, foram armados à sede da Missão Salesiana de Merure, MT, procurando pelo Pe. Rodolfo, diretor da Missão, para tomar satisfação.

O Pe. Gonçalo que os atendeu foi por eles maltratado. Pouco depois chegaram Pe. Rodolfo e alguns índios Boróros. Pe. Rodolfo não reagiu às provocações. Tentou convencê-los a recorrer à Justiça. Alguns Boróros logo queriam fazer alguma coisa para impedir o desacato ao Pe. Rodolfo.

Lourenço, chefe dos Boróros, levou um tiro pelas costas. Três outros tiros foram dados. O Pe. Rodolfo foi atingido e morreu 10 minutos depois. O tiroteio se generalizou. Outros índios foram chegando para perto. Ficaram feridos cinco deles e alguns dos atacantes. Um deles, Aloísio, caiu morto por um tiro no rosto e facadas. O índio Simão caiu também ferido. Quando sua mãe Tereza tentou socorrê-lo, foi também gravemente ferida. Os atacantes fugiram logo após, deixando no local o corpo de Aloísio e um de seus carros.

Os feridos foram levados para Barra do Garças. No caminho morreu o índio Simão. O enterro de Simão foi no dia seguinte, e o do Padre Rodolfo dois dias depois. O corpo de Aloísio foi entregue à família pela Polícia.

— O sequestro de Dom Adriano Hipólito

Na quarta-feira, dia 22 de setembro do corrente ano, Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, deixou a Cúria Diocesana acompanhado de seu sobrinho e pela noiva deste, num carro Volkswagen pertencente ao Bispo.

Após percorrerem poucas ruas, foram interceptados por dois carros, dos quais saíram cinco ou seis homens armados de pistolas. De modo brutal obrigaram o bispo e seu sobrinho a sair do carro, enquanto a moça conseguia, no meio da confusão, fugir para sua casa. O bispo foi atirado no banco traseiro do carro dos sequestradores. Colocaram-lhe um capuz na cabeça e algemas nos pulsos, obrigando-o a se abaixar para não ser visto da rua, enquanto o carro partia em louca disparada. Os raptos cortaram todos os botões da batina do bispo.

Após uns trinta minutos, pararam o carro e tiraram toda a roupa do bispo, deixando-o inteiramente nu. Tentaram enfiar-lhe na boca uma garrafa cheia de cachaca. Tendo o bispo reagido, desistiram da idéia. Ao mesmo tempo, gritavam que eram da "Aliança Anticomunista Brasileira", que o bispo era um "comunista traidor" e que "depois chegará a hora do bispo Calheiros!" (Trata-se de Dom Waldyr Calheiros, Bispo de Volta Redonda, RJ).

Depois levaram o bispo para um lugar mais afastado, de onde pôde ouvir os gritos de seu sobrinho. Tendo borrifado o bispo com tinta vermelha, tornaram a colocá-lo no carro. Abandonaram-no amarrado, bem distante de Nova Iguaçu, na calçada de uma rua do bairro de Jacarepaguá.

O bispo foi encontrado por alguns homens que lhe deram algumas roupas e o levaram à paróquia mais próxima. Dom Adriano dirigiu-se, então, à Delegacia do Distrito local e dali, após prestar depoimento, foi levado para a Polícia Política. No DOPS recebeu informação de que seu sobrinho tinha sido encontrado e, juntamente com a noiva, estava a caminho para prestar esclarecimentos. Informaram-lhe, ainda, que o seu carro tinha sido explodido em frente da sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no bairro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda no DOPS, Dom Adriano recebeu a visita do Sr. Núncio Apostólico, o representante do Papa, no Brasil, trazendo-lhe sua solidariedade. De início, o Sr. Núncio fora impedido de entrar na sala onde o bispo prestava depoimento.

Até a presente data, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil não tem conhecimento do resultado do inquérito aberto pelas autoridades para descobrir os responsáveis pelo sequestro.

— A morte do Padre João Bosco Penido Burnier

O Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, missionário na Prelazia de Diamantino, em Mato Grosso, viajava na companhia do bispo Dom Pedro Casaldáliga, de São Félix, daquele Estado, no dia 11 de outubro, regressando de uma reunião de padres sobre problemas dos índios.

Passando pelo povoado de Ribeirão Bonito, no município de Barra do Garças, o bispo e o padre se dirigiram à Delegacia local para reclamar contra a injusta prisão e torturas que estavam sofrendo duas mulheres do lugar.

Oito dias antes, fora assassinado o cabo Félix, da Polícia Militar de Mato Grosso, por ocasião da prisão, num clima de brutalidade e violência, dos filhos do Sr. Jovino Barbosa. A morte do cabo trouxe ao povoado de Ribeirão Bonito um grande contingente de policiais de Barra do Garças. A polícia semeou terror na área, prendendo, espancando, torturando.

Dona Margarida Barbosa, irmã do Sr. Jovino, foi presa nos dias 5 e 11 deste mês, e torturada pela polícia, que a fez se ajoelhar, de braços abertos, em cima de tampas de garrafas. Enfiaram-lhe agulhas debaixo das unhas de suas mãos e nos seios. Espancaram-na. O interrogatório foi feito sob a mira do fuzil e com dois revólveres aos ouvidos. Durante este tempo não recebeu comida nem água. No dia 11, às 17 horas, ouviam-se, da rua, seus gritos: "Não me batam".

Dona Santana, esposa de Paulo, filho do Sr. Jovino, de resguardo de duas semanas, foi presa nas mesmas datas e violentada por vários soldados que também queimaram a roça e a casa do marido, com todo o arroz na tulha.

O sofrimento destas mulheres foi o motivo da ida de Dom Pedro e do Pe. João Bosco à Delegacia de Ribeirão Bonito. Eles tentaram em vão um diálogo sereno com os cabos Juraci e Messias e com dois soldados, intercedendo pelas vítimas. A polícia reagiu com insultos e ameaças, se ousassem denunciar estas arbitrariedades. O padre recebeu um soco e uma coronhada no rosto e um tiro de bala "dum-dum" na cabeça.

Durante umas três horas de lucidez, Pe. João Bosco recebeu os sacramentos e ofereceu à Deus seus sofrimentos pelo povo e pelos índios. Levado, agonizante, para a cidade de Goiânia, faleceu às 17 horas do dia 12 de outubro.

— Outros Fatos

A estes somam-se ainda outros fatos que mostram a Igreja sendo coagida de forma permanente.

— Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, conhecido no mundo todo, tem sido vítima, de longa data, da censura oficial. A simples menção do nome de Dom Helder através da imprensa, do rádio, da televisão, foi proibida através de instruções escritas do Departamento de Polícia Federal, do Ministério da Justiça. O Semanário "O São Paulo", instrumento de comunicação da Arquidiocese de São Paulo, está obrigado a dupla censura prévia no Departamento de Censura da Polícia Federal.

— A ação da violência tem se manifestado, ainda, contra outras instituições: os recentes atentados terroristas cometidos contra a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa, ambas no Rio de Janeiro, à sede da Auditoria Militar, em Porto Alegre, e o Centro Brasileiro de Análises e Pesquisas (SEBRAP), em São Paulo.

— Na mesma noite do sequestro de Dom Adriano Hipólito, além da explosão do carro na frente da sede da CNBB, uma bomba explodiu, também no Rio de Janeiro, na residência do jornalista Roberto Marinho, diretor do jornal "O Globo", ferindo um de seus empregados.

— A esses fatos, de maior repercussão, não podemos deixar de relembrar que, durante os últimos anos, ocorreram prisões políticas arbitrárias que incluíam sequestros, maus-tratos, torturas, desaparecimentos e mortes, embora desde maio último, ao que se sabe, tais fatos não tenham sido repetidos. O mesmo não se pode dizer, porém, quanto aos crimes que continuam a ser cometidos por elementos de forças policiais contra a população através do nosso imenso Brasil, sendo mais notórios os episódios ocorridos recentemente em Campo Grande, MT, quando oficiais da Polícia Militar sequestraram e mataram um jovem. Na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, e, em São Paulo, SP, outros crimes foram cometidos por elementos da Polícia Militar.

Violência gera violência. A violência instigada contra os presos políticos alastrou-se entre militares e policiais.

Parece evidente a constatação de que, além da deformação de elementos das forças policiais, os mais recentes atentados têm caracterizado a atuação de organizações terroristas no Continente Latino-Americano.

Uma demonstração do terrorismo político-militar, em nível latino-americano, foi a prisão de 17 bispos católicos, acompanhados de cerca de 20 assessores padres, religiosos e leigos, no dia 13 de agosto passado, na cidade de Riobamba, no Equador, levados para a cidade de Quito pelas autoridades militares daquele País. Na ocasião, esses bispos, que incluíam brasileiros (Dom Cândido Padin e Dom Antônio Batista Fragoço), norte-americanos, chilenos, mexicanos, além de um paraguaio, um argentino e um venezuelano, endereçaram carta ao Papa na qual afirmavam que o objetivo do encontro era exclusivamente de ordem pastoral, para refletir juntos sobre problemas relacionados com a evangelização nas respectivas dioceses, no atual contexto histórico da América Latina.

III — O SENTIDO DOS FATOS

Diante de todos esses fatos, quem deve ser responsabilizado pela onda de perversidade que vem assumindo proporções alarmantes? O que está por trás de todos os crimes que, em nosso País, alcançaram um grau requintado de crueldade?

A ação perniciosa e nefasta daqueles que tacham bispos, padres e leigos de subversivos, agitadores e comunistas quando tomam a defesa dos pobres, dos humildes, dos presos e das vítimas de torturas, contribui para o clima e a prática da violência e das arbitrariedades.

Diante de tantos fatos que revoltaram a opinião do País, não se pode responsabilizar somente o pequeno policial que puxa o gatilho do revólver, a este ou aquele policial ou militar. Torna-se necessário procurar as raízes mais profundas que colaboram para gerar o clima de violência.

Dentre os principais fatores de violência apontamos os seguintes:

— Os pobres sem Justiça

São os pobres, os indefesos que enchem as cadeias, as delegacias, onde as torturas são frequentes em vítimas que aí se encontram sob a acusação de não trazerem documentos de identidade, ou presos durante o "arrastão" das batidas policiais. Somente pobres são acusados e presos por vadiagem.

Para os poderosos, a situação é bem diferente. Há criminosos que não são punidos, porque protegidos pelo poder do dinheiro, pelo prestígio e pela influência na sociedade que acoberta e, portanto, é cúmplice deste tipo de injustiça.

Esse duplo tratamento parece sugerir que, em nossa sociedade, só, ou acima de tudo, o dinheiro, e não o ser gente, é fonte de direito. Na Assembléia da Ordem dos Advogados, reunida nestes dias na Bahia, foi expressa a preocupação dos próprios advogados com esse estado de coisas, ao ser lembrado que: "o direito penal é o direito dos pobres, não porque os tutele e proteja, mas sim porque sobre eles, exclusivamente, faz pesar sua força e seu rigor".

— A impunidade de policiais criminosos

É notória a ação criminosa do famoso "Esquadrão da Morte", cuja presença é constatada em vários Esta-

dos da Federação. É sabido que, em vários casos, policiais assassinos foram presos e punidos segundo a lei.

Grave é o caso de policiais que, acusados de crimes de morte, corrupção, tráfico de drogas, lenocínio, não são levados às barras dos tribunais porque acobertados por poderes mais altos que os protegem sob a alegação de que são elementos valiosos na repressão de crimes políticos, impedindo-se à Justiça de cumprir o seu dever de assegurar o princípio da igualdade de todos perante a lei, base de qualquer sociedade que se pretenda civilizada.

— **A má distribuição da terra no Brasil**, remonta ao período colonial. O problema se acentuou, porém, nos últimos anos, como resultado da política de incentivos fiscais às grandes empresas agropecuárias. Como resultado negativo, além da desenfreada especulação imobiliária levada ao interior do País, surgem as grandes empresas que, aparelhadas com recursos jurídicos e financeiros, acabam com os pequenos proprietários, expulsando os indígenas e posseiros de suas terras.

Estes pequenos proprietários, sitiantes e posseiros, com dificuldade até para obter uma carteira de identidade, não conseguem documentar a posse da terra, ou fazer valer, perante a Justiça, os seus direitos de usucapião.

São, então, expulsos das terras, tangidos para mais longe, até para países vizinhos, ou transformados em novos nômades destinados a vagar pelas estradas do País.

Quando resistem, dão margem aos conflitos que se multiplicam, especialmente nas regiões amazônica e matogrossense.

Outros demandam às cidades mais próximas, provocando a vasta migração interna, que termina por "inchar" as grandes cidades onde têm que se alojar em casebres miseráveis, levando vida desumana, até que sejam varridos para mais longe, quando as áreas, nas quais se instalaram, passam a ser de interesse para a especulação imobiliária ou para a implantação de grandes projetos de urbanização. Antes disso, porém, já terão sofrido os males da cidade grande, tais como, o aviltamento dos salários e a péssima qualidade, ou total ausência, dos serviços urbanos.

— A situação dos índios

Os índios, especialmente na Amazônia legal, perdem extensões crescentes de suas terras, para fazendeiros e posseiros, dos quais alguns, por sua vez, foram expulsos de suas terras de origem por empresários poderosos, repetindo-se hoje o que aconteceu no passado com os indígenas do Sul do País.

Neste quadro, o "Estatuto do Índio" torna-se letra morta, enquanto os indígenas, quando sobrevivem, passam a ser explorados como mão-de-obra barata, ou se dirigem para a periferia das cidades ou, ainda, famintos e doentes, vagueiam pelas estradas que rasgam suas reservas.

A tutela do Estado, tornando-se parcialmente incapazes perante a lei, impede que os índios se tornem sujeitos de seu crescimento e de seu destino.

É lento o processo para a demarcação das terras dos índios, problema que se acentua dada a ganância dos que se dedicam à exploração das riquezas minerais e das florestas.

A introdução de um modelo de progresso, apoiado em amplos recursos financeiros, expõe tribos inteiras ao extermínio, como é o caso da abertura de estradas sem um planejamento prévio, que respeite os primitivos habitantes da área. Neste caso incluem-se projetos do próprio Inca.

Não é de surpreender, assim, que os índios sejam levados a ter vergonha de sua raça, procurando esconder suas origens, proclamando-se bolivianos, peruanos, para poderem ser aceitos por uma sociedade que se considera superior.

— Segurança Nacional e Segurança Individual

Já dissemos que o princípio da igualdade de todos perante a lei é a base de qualquer sociedade que se pretenda civilizada. Logo, a segurança de cada um e de todos os cidadãos de um País é essencial para a segurança interna de uma Nação.

A Constituição Brasileira, em vigor, afirma que "todo o poder vem do povo e em seu nome é exercido". A afirmação em contrário, segundo a qual "é o Estado que outorga a liberdade e os direitos humanos" aos cidadãos, ao povo, não deve nos surpreender, se tivermos em mente o pensamento que inspira a "doutrina da Segurança Nacional", a qual desde 1964 tem inspirado o Governo Brasileiro, dando origem a um sistema político cada vez mais centralizado e, em igual proporção, cada vez contando menos com a participação do povo.

Na visão humanista e cristã, a Nação resume todas as formas de associação do povo. O direito de livre associação tem que ser reconhecido, respeitado e promovido pelo Estado, isto é, pelo Governo. Ser nacionalista, portanto, não significa sacrificar uma fé, um sentimento, idéias, valores que possam parecer nocivos e até incompatíveis com os interesses e pontos de vista do sistema político vigente.

Ainda segundo a visão humanista e cristã, Nação não é sinônimo de Estado. Nem é o Estado que outorga a liberdade e os direitos humanos, cuja existência é anterior à da própria Nação, cabendo, porém, ao Estado, reconhecer, defender e promover os direitos humanos de todos e de cada um dos cidadãos.

Outra grande tentação dos detentores do poder é confundir o dever de lealdade do povo para com a Nação, com a lealdade ao Estado, isto é, ao Governo. Colocar o Estado, o Governo, acima da Nação, significa supervalorizar a segurança estadual e desprezar a segurança individual. Isto significa reduzir o povo ao silêncio e a um clima de medo.

Sem a consulta e a participação popular, os programas, projetos, planos oficiais, por melhores que possam ser, e mesmo se tiverem êxito material e econômico, mais facilmente levam à corrupção e não se justificam, quando não correspondem às necessidades e aspirações do povo.

A ideologia da Segurança Nacional colocada acima da Segurança Pessoal, espalha-se pelo Continente latino-americano, como ocorreu nos países sob domínio soviético. Nela inspirados, os regimes de força, em nome da luta contra o comunismo e em favor do desenvolvimento econômico, declaram a "guerra anti-subversiva" contra todos aqueles que não concordam com a visão autoritária da organização da sociedade.

O treino para esta "guerra anti-subversiva", na América Latina, contra o comunismo, além de levar ao embrutecimento crescente de seus agentes, gera um novo tipo de fanatismo, um clima de violência e de medo. São sacrificadas as liberdades de pensamento e de imprensa, são supressas as garantias individuais.

Essa doutrina tem levado os regimes de força a incorrerem nas características e práticas dos regimes comunistas: o abuso do poder pelo Estado, as prisões arbitrárias, as torturas, a supressão da liberdade de pensamento.

IV — ALGUNS PRINCÍPIOS PASTORAIS E NOVOS APELOS DE DEUS

Colocando-nos diante da realidade dos fatos e de algumas de suas principais causas e raízes, suplicamos as luzes e a sabedoria do Santo Espírito para poder

perceber, nesses acontecimentos e nessas situações, os apelos de Deus para nossa missão evangelizadora e afirmar alguns princípios que norteiam nossa ação pastoral.

Vamos refletir juntos baseados na Palavra de Deus, especialmente nos Santos Evangelhos.

O mundo contém a presença do bem e do mal. O Evangelho fala de um campo onde foi semeado trigo e joio, de uma rede onde foram apanhados peixes bons e maus, de uma terra onde a semente germina, cresce e dá frutos e de outra onde a mesma semente nem nasce. Cristo veio salvar a todos. Há porém os filhos da luz que recebem a mensagem da salvação e há os filhos das trevas que se recusam a recebê-la.

Reconhecemos que, mesmo entre os cristãos, pode haver e há muitos a serviço do poder do mal. Reconhecemos também, por outro lado, que, mesmo fora das igrejas, pode haver e há pessoas lutando ao lado de Cristo sem saber e sem reconhecer que só Ele liberta. Essa divisão entre o bem e o mal passa pelo coração de cada homem. Todos sentimos, como São Paulo, duas forças dentro de nós: uma nos chamando para a liberdade, outra nos escravizando no pecado. Daí a necessidade constante de conversão, de deixar o Espírito Santo ir expulsando, com suas luzes, as trevas que ainda há em nós.

No campo do mal, nem todos são "lobos vestidos com pele de ovelha". Há também pessoas bem intencionadas, que estão ali por ignorância como Saulo que perseguia os cristãos, ou como o centurião que comandou a execução de Cristo. Há mesmo os que julgam, com sinceridade, estar servindo à causa do bem e "estar prestando um serviço a Deus". Por isso, mesmo quando fazem sofrer um irmão, não podemos alimentar desejos de vingança ou de que Deus os castigue. Devemos rezar por eles como Cristo fez: "Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem". Nossa luta não pode ser contra as pessoas: todas merecem nosso amor. Nossa luta é contra a escravidão do pecado, da fome, das injustiças, pelas quais as pessoas, muitas vezes inconscientemente, se tornam responsáveis.

As forças organizadas do mal não querem dar lugar aos fracos e aos pequenos que são a maioria do povo. Só os grandes e poderosos é que têm direito. O pequeno deve ter só o estritamente necessário para continuar vivendo e servindo aos poderosos. No momento em que ele se recusa a servir ou começa a ser uma pedra no sapato do grande, ele deve desaparecer, sua terra deve ser invadida, sua choupana desapropriada e destruída.

O plano de Deus é diferente. Ele mandou seu filho Jesus para ser a esperança e a defesa do fraco, do marginalizado, do oprimido. Por isso Jesus repreendeu os discípulos porque foram grosseiros com as crianças, deu valor ao gesto humilde da prostituta, salvou de apedrejamento a mulher que traiu o marido, assentou-se à mesa com pessoas de má fama, como os publicanos, e até escolheu Mateus, um deles, para ser Apóstolo. Com perdão e misericórdia, deixou as noventa e nove já salvas, saindo em busca da ovelha perdida.

A igreja deve seguir o exemplo de Cristo. Ela não pode excluir ninguém e deve oferecer a todos, grandes e pequenos, os meios de salvação que recebeu de Cristo. Mas sua opção e seus prediletos são os fracos e os oprimidos. Não pode ficar indiferente à espoliação do índio expulso de suas terras, à destruição de sua cultura. Não pode fechar os olhos ante a grave situação de insegurança em que vivem os pequenos, ante a fome dos pobres e a destruição das crianças. Não pode ignorar os desenraizados, os migrantes que buscam novas oportunidades, e que somente encontram abrigo debaixo dos viadutos ou se aninham nos arredores das grandes cidades. Cristo se faz presente e visível nestas pessoas. Maltratá-las é maltratar a Cristo.

Diante dos males que afligem diariamente os pequeninos, o sofrimento e a morte de nossos irmãos, pastores ou leigos, são por nós considerados como participação na Cruz de Cristo e de Seu povo e modo novo de beber do Cálice do Senhor.

Cristo foi o grande defensor dos direitos humanos. Ele nos ensina que somos todos filhos amados do mesmo Pai do Céu, portanto irmãos, com o dever e o direito de partilhar os bens criados.

Os grandes daquele tempo não toleravam que Cristo os igualasse, diante de Deus, aos pequenos, aos ignorantes da lei e aos pecadores. A estes últimos, Cristo, porém, deu preferência, afirmando: "As meretrizes e os publicanos estão vos precedendo no Reino de Deus" (Mt 21,31).

A Igreja tem procurado tomar a defesa dos direitos do fraco, do pobre, do índio, da criança que vai nascer. Mas hoje reclama para o povo não mais a esmola das sobras que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens. Por que só alguns podem comer do bom e do melhor, e a maioria tem que dormir com fome? Por que alguns — até estrangeiros — podem adquirir, por dinheiro, milhares de hectares de terra para criar gado e exportar a carne, e nossa pobre gente não pode continuar cultivando o pedaço de terra onde nasceu e se criou ou já vive e trabalha há dezenas de anos?

Por que somente alguns têm o poder de decisão? Por que uns ganham 30, 50, 100 mil cruzeiros por mês, e tantos não fazem mais do que o salário-mínimo? Há países em que a diferença entre os salários mínimo e máximo não excede a 12 vezes, enquanto no Brasil passa de 200 vezes. Por que alguns podem ir passear e conhecer o mundo todo, e a maioria não pode tirar uma semana de férias e sair com a família? Lembremos, contudo, que, embora as diferenças econômicas não sejam pecado em si mesmas, é pecado as injustiças que as tiverem provocado.

Houve um tempo em que nossas pregações ao povo aconselhavam sobretudo a paciência e a resignação. Hoje, sem deixar de fazê-lo, nossa palavra se dirige também aos grandes e poderosos para apontar-lhes suas responsabilidades pelos sofrimentos do povo.

Como reagem eles? Com um exame de consciência? Com a defesa de seus interesses? Assim reagiram os poderosos do tempo de Cristo: "Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão e arruinarão a nossa cidade e toda a nação" (Jo 11,48). Os grandes daquele tempo pensavam em si e não no povo. Hoje é a mesma coisa? Se o Evangelho for seguido, será bom para o povo, mas os grandes terão que perder seus privilégios, como Maria Santíssima já havia profetizado: "Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias" (Lc 1, 52-53).

Como pastores, sinceramente desejamos que estes não virem as costas à Palavra de Deus que ouve os clamores do Seu povo.

Aqueles que fazem uso indevido da Palavra de Deus: "Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para eu não ser entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui" (Jo 1,36), respondemos que, não ignorando que a parte mais bela do Reino será vivida na casa do Pai, a Igreja sabe, também, que o Reino de Deus começa aqui. Todos devemos trabalhar para que o povo possa passar de "situações menos humanas, para situações mais humanas".



JORNAL DE HOJE

JORNAL DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

**CR\$
1,50****jornal de
hoje**

Tempo bom com nebulosidade. Nevoeiros esparsos pela manhã. Temperatura em elevação. A máxima de ontem foi em Mesquita com 28.1 e a mínima em Ipiranga, com 16.7 graus. Para domingo, a Meteorologia prevê, também, tempo bom com nebulosidade.

ANO V ■ Nova Iguaçu, (RJ), quinta-feira, 23 de setembro de 1976 ■ Nº 669

O DIÁRIO DA BAIAXADA

Em Nova Iguaçu:**SEQUESTRO****O BISPO**

(LEIA REPORTAGEM COMPLETA NA PÁGINA 8)



25/09/76

12

D. ADRIANO:

JdeHje 25/9/76

"Tragam-me livros e vestes"

O Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito Mandarino, sequestrado na noite de quarta-feira última, juntamente com seu sobrinho Fernando Leal, vítima de atrocidades, por um grupo que declara, através de panfletos ser da Aliança Anticomunista Brasileira", continua em repouso absoluto numa clínica do Rio de Janeiro.

Tanto D. Adriano, quanto seu sobrinho, foram submetidos ontem, sexta-feira a exame de "corpo delito". Segundo informações, Fernando Leal, recebeu ordens para comparecer ontem ao DOPS, no Rio de Janeiro, a fim de prestar declarações sobre o ocorrido, mas por se encontrar ainda em estado de choque (traumatizado) e com dores no corpo não compareceu, ficando para depois suas declarações.

Embora tenha passado por uma série de humilhações e sofrimentos físicos, D. Adriano, mostra-se muito seguro e com a moral bem elevada, o que vem reafirmar sua forte personalidade e nobreza de espírito. A única coisa que D. Adriano pediu foi "tragam-me livros e vestes".

A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), recebeu inúmeros telegramas de solidariedade ao Bispo de N. Iguaçu, vindos de todo o Brasil e até do Exterior; A rádio BBC, de Londres fez um comentário de dez a quinze minutos sobre o caso; o "Observatore Romano", órgão oficial do Vaticano, noticiou em vários idiomas o sequestro de nosso bispo, causando grande pânico.

Além do Comunicado da Diocese de Nova Iguaçu, publicado ontem pelo JORNAL DE HOJE, o clero iguaçuano divulgou ontem à tarde, ofício-convite, convocando todas as comunidades, para a "Missa de D. Adriano", no primeiro domingo de outubro, às 16 horas, na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, em Nova Iguaçu, que será co-celebrada por bispos e sacerdotes de todo o País. Abaixo transcrevemos na íntegra o ofício-convite:

CONVITE PARA A MISSA DE DOM ADRIANO

"Como toda a imprensa brasileira e internacional noticiou, nosso bispo diocesano Dom Adriano Hypólito, juntamente com seu sobrinho Fernando, foi traçoeiramente sequestrado, torturado e depois abandonado, nu e ferido, por um grupo de criminosos que declarou pertencer à já notória Aliança Anticomunista Brasileira.

A história se repete e, como no caso do Cristo indefeso, os criminosos também vieram à noite e em grande número. Eles sabem que os atos de bravura podem ser praticados à luz do dia. Eles sabem que as trevas da noite e a vantagem numérica são o refúgio dos covardes, por isso fazem questão de não serem individualmente identificados pela consciência moral do povo.

A Diocese de Nova Iguaçu está solidária com a pessoa de seu bispo, bem como com as linhas pastorais de denúncia profética contra tudo o que amedronta o povo e o marginaliza dos seus direitos. Estamps convencidos de que a Verdade, embora aparentemente perdedora de muitas batalhas, é e será a vencedora de todas as guerras. Que os fanáticos não esqueçam: eles estão desde já programados para perderem a batalha final.

Estamos ofendidos e indignados com as sádicas atrocidades perpetradas na pessoa do nosso bispo. Mas estamos também profundamente convencidos da coerência de tais fatos com tudo o que de mais glorioso aconteceu e acontece com a pessoa dos profetas, dos santos e dos mártires. Em vez de amedrontar e fazer calar, a nefanda agressão proclama que, sob a orientação de Dom Adriano, estamos no caminho certo do Cristo perseguido, torturado e morto.

Mas estamos principalmente no caminho do Cristo Ressuscitado, o Senhor da vida e da morte, aonde um dia todos chegaremos: os santos profetas e mártires, como também os seus torturadores e assassinos. Este Cristo ressuscitado e presente entre nós, através da fome e sede dos cristãos pela justiça, é a motivação única e inarredável de nossa ação pastoral.

A Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa do seu Vigário-Geral convida você, irmão, convida todo o povo de Deus para, junto com Dom Adriano, celebrarmos a ressurreição de Cristo e sua vitória final sobre a hipocrisia e os fanatismos, sobre as maquinacões noturnas e o poder das trevas, sobre as torturas e sobre a própria morte.

Você, irmão, é o nosso convidado de honra: venha celebrar conosco e com os irmãos os louvores do Cristo vencedor, cuja

Tragam-me livros e vestes

O Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito Mandarino, sequestrado na noite de quarta-feira última, juntamente com seu sobrinho Fernando Leal, vítima de atrocidades, por um grupo que declara, através de panfletos ser da Aliança Anticomunista Brasileira", continua em repouso absoluto numa clínica do Rio de Janeiro.

Tanto D. Adriano, quanto seu sobrinho, foram submetidos ontem, sexta-feira a exame de "corpo delito". Segundo informações, Fernando Leal, recebeu ordens para comparecer ontem ao DOPS, no Rio de Janeiro, a fim de prestar declarações sobre o ocorrido, mas por se encontrar ainda em estado de choque (traumatizado) e com dores no corpo não compareceu, ficando para depois suas declarações.

Embora tenha passado por uma série de humilhações e sofrimentos físicos, D. Adriano, mostra-se muito seguro e com a moral bem elevada, o que vem reafirmar sua forte personalidade e nobreza de espírito. A única coisa que D. Adriano pediu foi "tragam-me livros e vestes".

A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), recebeu inúmeros telegramas de solidariedade ao Bispo de N. Iguaçu, vindos de todo o Brasil e até do Exterior; A rádio BBC, de Londres fez um comentário de dez a quinze minutos sobre o caso; o "Observatore Romano", órgão oficial do Vaticano, noticiou em vários idiomas o sequestro de nosso bispo, causando grande pânico.

Além do Comunicado da Diocese de Nova Iguaçu, publicado ontem pelo JORNAL DE HOJE, o clero iguaçuano divulgou ontem à tarde, ofício-convite, convocando todas as comunidades, para a "Missa de D. Adriano", no primeiro domingo de outubro, às 16 horas, na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, em Nova Iguaçu, que será co-celebrada por bispos e sacerdotes de todo o País. Abaixo transcrevemos na íntegra o ofício-convite:

CONVITE PARA A MISSA DE DOM ADRIANO

"Como toda a imprensa brasileira e internacional noticiou, nosso bispo diocesano Dom Adriano Hypólito, juntamente com seu sobrinho Fernando, foi traiçoeiramente sequestrado, torturado e depois abandonado, nu e ferido, por um grupo de criminosos que declarou pertencer à já notória Aliança Anticomunista Brasileira.

A história se repete e, como no caso do Cristo indefeso, os criminosos também vieram à noite e em grande número. Eles sabem que os atos de bravura podem ser praticados à luz do dia. Eles sabem que as trevas da noite e a vantagem numérica são o refúgio dos covardes, por isso fazem questão de não serem individualmente identificados pela consciência moral do povo.

A Diocese de Nova Iguaçu está solidária com a pessoa de seu bispo, bem como com as linhas pastorais de denúncia profética contra tudo o que amedronta o povo e o marginaliza dos seus direitos. Estamos convencidos de que a Verdade, embora aparentemente perdedora de muitas batalhas, é e será a vencedora de todas as guerras. Que os fanáticos não esqueçam: eles estão desde já programados para perderem a batalha final.

Estamos ofendidos e indignados com as sádicas atrocidades perpetradas na pessoa do nosso bispo. Mas estamos também profundamente convencidos da coerência de tais fatos com tudo o que de mais glorioso aconteceu e acontece com a pessoa dos profetas, dos santos e dos mártires. Em vez de amedrontar e fazer calar, a nefanda agressão proclama que, sob a orientação de Dom Adriano, estamos no caminho certo do Cristo perseguido, torturado e morto.

Mas estamos principalmente no caminho do Cristo Ressuscitado, o Senhor da vida e da morte, aonde um dia todos chegaremos: os santos profetas e mártires, como também os seus torturadores e assassinos. Este Cristo ressuscitado e presente entre nós, através da fome e sede dos cristãos pela justiça, é a motivação única e inarredável de nossa ação pastoral.

A Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa do seu Vigário-Geral convida você, irmão, convida todo o povo de Deus para, junto com Dom Adriano, celebrarmos a ressurreição de Cristo e sua vitória final sobre a hipocrisia e os fanatismos, sobre as maquinacões noturnas e o poder das trevas, sobre as torturas e sobre a própria morte.

Você, irmão, é o nosso convidado de honra: venha celebrar conosco e com os irmãos os louvores do Cristo vencedor, cuja arma única e invencível é a Verdade. No dia 3 de outubro (domingo), às 16 horas, na Catedral de Stº Antônio de Nova Iguaçu, Dom Adriano, junto com muitos outros bispos, com seus padres e com seu povo, celebrará a Santa Missa, durante a qual lhe daremos o nosso apoio e a solidariedade para com sua orientação pastoral. Venha se unir conosco na força vitoriosa de Cristo.

Diocese de Nova Iguaçu, 24 de setembro de 1976.
Mons. Arthur Hartmann — Vigário Geral

"Jornal de Hoje" 25/9/76

23/09/1976

Sequestrado o Bispo

permanência / Nova Iguaçu 23-09-76
A sociedade iguaçuana sofreu na noite de ontem tremendo trauma: FOI SEQUESTRADO O BISPO DE NOVA IGUAÇU. A notícia correu de boca em boca. Todos sentiram a gravidade do assunto. D. Adriano Hipólito Mandarino é, sem dúvida alguma uma das pessoas mais conceituadas dentro do município.

O FATO

A notícia começou a ser divulgada quando o Padre David John Keeger comunicou à Delegacia de Polícia de Nova Iguaçu que às 19hs. e 40mins., na rua Paraguassu, em frente ao nº 671, no bairro de Parque Flora, quando se dirigia para a residência episcopal, D. Adriano Hipólito havia tido interceptado o carro de sua propriedade, o VW vermelho, placa FB 7591 - RJ, por 3 carros, entre eles um corcel. Os sequestradores colocaram um capuz no bispo e levaram-no em companhia de um casal que o acompanhava.

IMPACTO

Tão logo o fato foi comunicado a delegacia de Nova Iguaçu segundo conseguimos apurar comunicou-se com todas as delegacias das proximidades. Na Catedral os padres das Igrejas iguaçuanas se reuniram; bem como elementos representativos de todas as classes sociais preocupados com a situação do mandatário da igreja católica em Nova Iguaçu.

Conseguimos, pela madrugada, manter contato próximo a Delegacia da Polícia Central com o senhor José Menezes que vinha de um terreiro, candidato a vereador pelo MDB da antiga Guanabara que nos relatou o seguinte:

— Cerca de 10hs. 40mins. estava eu próximo a Praça Seca (Jacarepaguá) quando vi um homem nu fazendo sinais. Relutei inicialmente em parar. Depois socorri-o e vim a saber tratar-se do Bispo de Nova Iguaçu. Levei-o para a Casa Episcopal de Jacarepaguá. Logo chegou o Major Henry. Levamo-lo para a 29.^a Delegacia, Madureira, a fim de explicar o que aconteceu. Ele informou que haviam-lhe roubado uma pasta com Cr\$ 5.000,00.

Da 29.^a Delegacia o Bispo foi encaminhado para a Delegacia Central onde esteve presente a reportagem do JORNAL DE HOJE e, finalmente, retornou a Casa Episcopal em Parque Flora, Nova Iguaçu. Acompanhamos passo a passo, durante a madrugada de hoje, todo o desenrolar dos acontecimentos e podemos afirmar que os católicos iguaçuanos podem estar tranquilos quanto ao destino do supremo mandatário da igreja no município.

02 / 10 / 1976

Dom Adriano celebra amanhã *Jornal de Hoje / Nova Iguaçu, 02-10-76* 1ª. missa após o sequestro

Será amanhã, domingo, a primeira missa pública celebrada por Dom Adriano, após o sequestro do qual foi vítima. A missa será às 4 horas da tarde na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga e será co-celebrada por padres e bispos de todo o Brasil. (Leia reportagem completa na pág. 12)

Dom Adriano celebrará amanhã 1.ª missa depois do sequestro

Jornal de Hoje / Nova Iguaçu, 02-10-76

D. Adriano Hypólito, o bispo diocesano de Nova Iguaçu, sequestrado na noite de 25 de setembro, estará celebrando amanhã, domingo, às 4 horas da tarde, na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, a 1.ª missa depois do sequestro, juntamente com padres e bispos de todo o Brasil. Do "ofício-convite" expedido pelo clero iguaçuano, consta o seguinte:

"A Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa do seu Vigário-Geral

convida você, irmão, para, junto com D. Adriano, celebrarmos a ressurreição de Cristo e sua vitória final sobre a hipocrisia e os fanatismos, sobre as maquinações noturnas e o poder das trevas, sobre as torturas e sobre a própria morte.

Você, irmão, é o nosso convidado de honra: venha celebrar conosco e com os irmãos os louvores do Cristo vencedor, cuja arma única e invencível é

a Verdade! No dia 3 de outubro (domingo), às 16 horas, na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, Dom Adriano, junto com muitos outros bispos com seus padres e com seu povo, celebrará a Santa Missa, durante a qual lhe daremos o nosso apoio e a solidariedade para com sua orientação pastoral. Venha se unir conosco na força vitoriosa de Cristo".

Monsenhor Arthur Hartmann
— Vigário-Geral.

27 e 28. 11. 76

Diocese mostra o que Dom Adriano fez nos dez anos em que dirige o bispado

"Jornal de Hoje" ed. 27 e 28/11/76

Diocese mostra trabalho de seu bispo em 10 anos

"de Hoje" 27 e 28/11/76

Dom Adriano Hypólito está completando 10 anos à frente da diocese de Nova Iguaçu, cujos limites não se restringem a este município. Ele tem desenvolvido intenso programa pastoral e feito obras de vulto na diocese, como o Centro de Formação de Líderes, reforma da Catedral, etc. Os integrantes da diocese prepararam documento em que mostram, detalhadamente, o grande trabalho deste pastor. (Páginas 7 e 8)

Em comemoração aos dez anos à frente da diocese de Nova Iguaçu, D. Adriano Mandarino Hypólito tem recebido nas últimas semanas as mais variadas demonstrações de carinho e agradecimento, como reconhecimento por um trabalho duro mas dignificante. Uma década de transformações, de desinstalações, de luta árdua por uma conscientização maciça, enfim, dez anos bem vividos, já que a essência de nossas vidas é doarmos-nos a cada dia por uma humanidade boa embora confusa.

D. Adriano, aquele homem forte, de aparência paternal, convicto de seus propósitos, hoje já de cabelos brancos e um pouco cansado, mas nunca desesperançado. Durante dez anos ele vem lutando com o povo, pelo povo e para o povo da "tão sofredora e querida Baixada Fluminense". Apesar dos inúmeros embaraços, no fundo D. Adriano (como a maioria dos homens de muita fé) acredita nesta terra.

Em agradecimento ao seu trabalho, a sua dedicação, o povo bom e querido de sua terra de diferentes maneiras mostra seu reconhecimento àquele que como um pai sabe dizer "sim" e o tão odiado "não" quando preciso.

A Coordenação Diocesana preparou, inclusive, um caderno de exposição dos trabalhos realizados nos últimos dez anos, que procuramos transcrever na íntegra, principalmente, porque é nosso interesse divulgar um trabalho de tamanho porte e fundamental dentro de uma sociedade como a nossa.

Esta comemoração tão falada, culminará na solene celebração de uma missa, na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, no dia 05 de dezembro, às 17 horas, presidida por D. Adriano, na qual participarão representantes oficiais de todas as comunidades de base e movimentos da Diocese de Nova Iguaçu. É o povo agradecendo a Deus por seu representante máximo: — D. Adriano!

UMA DIOCESE INSERIDA NA BAIXADA FLUMINENSE

"Politicamente a Baixada Fluminense pertence ao Estado do Rio de Janeiro e abrange os municípios de Magé, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Itaguaí e Paracambi; cerca de 2.600 quilômetros quadrados com mais de dois milhões de habitantes; sociologicamente faz parte do Grande Rio, sem que haja integração social. Desta disfunção, provém uma série enorme de problemas graves e complexos.

Em torno da metrópole, que transborda em direção à Baixada, cresceram desordenados numerosos núcleos de população advéncia, uns antigos, outros modernos e recentíssimos, todos sem exceção vivendo social, cultural e economicamente sob a influência absorvente do Rio de Janeiro. Trata-se de uma área-problema que desafia a inteligência, a visão e a coragem. Difícilmente encontramos no Brasil de hoje maior acúmulo de problemas em área tão exígua e explosão mais violenta em todas as faixas da atividade humana do que na Baixada Fluminense; ela, de fato, pode ser considerada "Nordeste sem seca" (Vasconcelos Tôrres) ou "Nordeste concentrado" (Plano de Pastora NI 1968).

Até hoje, apesar do seu potencial, numa situação privilegiada entre o Rio, São Paulo e Belo Horizonte, a Baixada Fluminense não soube ou não pôde sensibilizar as esferas oficiais, talvez porque fatores adversos, entre eles o primarismo das elites políticas e o grande número de advéncios ainda não integrados, impedem que tome consciência do seu potencial humano e econômico.

A Baixada Fluminense é tratada e vive como subúrbio do Rio de Janeiro, subúrbio social, sem as vantagens do subúrbio político e da integração. Quando é que as elites despertarão para esta área onde se forja, quase palpavelmente, aos nossos olhos estupefatos, o novo Brasil?

A DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Com as dioceses de Barra do Pirai-Volta Redonda e de Marquês de Valença, a Diocese de Nova Iguaçu faz parte da Província eclesial do Rio de Janeiro. Foi criada em 26 de março de 1960 pela bula "Quandoquidem Verbis" de João XXIII, com território que abrange:

— os municípios de Nova Iguaçu, Mangaratiba, Itaguaí, Paracambi e Nilópolis, desmembrados da Diocese de Barra do Pirai;

— o município de São João de Meriti que pertencia à Diocese de Petrópolis;

— o distrito de Conrado (município de Vasouras), antes sujeito a Marquês de Valença.

Área de 1.860 km² aproximadamente, com uma população superior a 2 milhões de almas, numa taxa de crescimento de aproximadamente 10% anual. O território da Diocese de Nova Iguaçu coincide quase totalmente com a Baixada Fluminense; de fato, 5 dos sete municípios da

A Diocese de Nova Iguaçu é portanto essencialmente a diocese da Baixada Fluminense, com todos os traços característicos e problemas sociais, religiosos e humanos da região. Mais: é também diocese de periferia, como vimos, com todos os fenômenos desta situação, envolvida e absorvida pela mega-ópole tentacular em fase incoercível de expansão. As três grandes cidades da Diocese: Nova Iguaçu (7.º lugar das cidades brasileiras), São João de Meriti e Nilópolis formam, com o Rio e mais Caxias, uma unidade demográfica em crescimento explosivo. Quem viaja da Praça Mauá para Nova Iguaçu atravessa uma cidade única.

O fenômeno da urbanização caótica, com uma complexidade surpreendente de problemas, caracteriza a diocese: Nilópolis e Meriti são 100% urbanas; Nova Iguaçu, 80%. Mesmo os três municípios ainda rurais — Paracambi, Itaguaí e Mangaratiba — vão sendo atingidos pela expansão do Rio de Janeiro. É notável que a urbanização se realiza com lavradores que deixaram sua agricultura primária no Norte fluminense, Minas Gerais, Espírito Santo e sobretudo Nordeste, para melhorarem de vida na área do Grande Rio, sem conseguirem poder totalmente o jeito matuto nem assinar totalmente o jeito carioca.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU — CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS E SOCIAIS

A Diocese de Nova Iguaçu abrange geograficamente os municípios de Itaguaí, Paracambi, Nova Iguaçu, Nilópolis, São João de Meriti — esses pertencentes à Baixada Fluminense — e Mangaratiba. Estende-se numa área de 1.830 km², com uma população aproximada de dois milhões de habitantes, possuindo trechos muito povoados e outros com população muito dispersa.

Nesta área, se reflete a expansão do processo de urbanização, irradiado pela cidade do Rio de Janeiro, através de relação de serviço e de mercado de trabalho. Vivendo sua população social e culturalmente sob a influência absorvente do município do Rio de Janeiro. Economicamente, a Baixada Fluminense é cada vez mais dependente dos centros urbanos, sobretudo do Rio de Janeiro: a população não tem interesse na área onde mora, pois na sua maioria só vai em casa para dormir e, frequentemente, apenas nos fins de semana. Por isso, a maioria das cidades de nossa área são cidades-dormitórios.

A inexistência de condições locais que atendessem às necessidades mais imediatas da população torna a área ainda mais dependente do Rio de Janeiro. Essa dependência se reflete também na vida pública, dificultando o encontro de soluções administrativas, nascidas do quadro local e para ele voltadas.

D. Adriano, aquele homem forte, de aparência paternal, convicto de seus propósitos, hoje já de cabelos brancos e um pouco cansado, mas nunca desesperançado. Durante dez anos ele vem lutando com o povo, pelo povo e para o povo da "tão sorrída e querida Baixada Fluminense". Apesar dos inúmeros embaraços, no fundo D. Adriano (como a maioria dos homens de muita fé) acredita nesta terra.

Em agradecimento ao seu trabalho, a sua dedicação, o povo bom e querido de sua terra de diferentes maneiras mostra seu reconhecimento àquele que como um pai sabe dizer "sim" e o tão odiado "não" quando preciso.

A Coordenação Diocesana preparou, inclusive, um caderno de exposição dos trabalhos realizados nos últimos dez anos, que procuramos transcrever na íntegra, principalmente, porque é nosso interesse divulgar um trabalho de tamanho porte e fundamental dentro de uma sociedade como a nossa.

Esta comemoração tão falada, culminará na solene celebração de uma missa, na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, no dia 05 de dezembro, às 17 horas, presidida por D. Adriano, na qual participarão representantes oficiais de todas as comunidades de base e movimentos da Diocese de Nova Iguaçu. É o povo agradecendo a Deus por seu representante máximo: — D. Adriano!

UMA DIOCESE INSERIDA NA BAIXADA FLUMINENSE

"Politicamente a Baixada Fluminense pertence ao Estado do Rio de Janeiro e abrange os municípios de Magé, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Itaguaí e Paracambi; cerca de 2.600 quilômetros quadrados com mais de dois milhões de habitantes; sociologicamente faz parte do Grande Rio, sem que haja integração social. Desta disfunção, provém uma série enorme de problemas graves e complexos.

Em torno da metrópole, que transborda em direção à Baixada, cresceram desordenados numerosos núcleos de população advéncia, uns antigos, outros modernos e recentíssimos, todos sem exceção vivendo social, cultural e economicamente sob a influência absorvente do Rio de Janeiro. Trata-se de uma área-problema que desafia a inteligência, a visão e a coragem. Difícilmente encontramos no Brasil de hoje maior acúmulo de problemas em área tão exígua e exposição mais violenta em todas as faixas da atividade humana do que na Baixada Fluminense; ela, de fato, pode ser considerada "Nordeste sem seca" (Vasconcelos Tôres) ou "Nordeste concentrado" (Plano de Pastora NI 1968).

Até hoje, apesar do seu potencial, numa situação privilegiada entre o Rio, São Paulo e Belo Horizonte, a Baixada Fluminense não soube ou não pôde sensibilizar as esferas oficiais, talvez porque fatores adversos, entre eles o primarismo das elites políticas e o grande número de adventícios ainda não integrados, impedem que tome consciência do seu potencial humano e econômico.

A Baixada Fluminense é tratada e vive como subúrbio do Rio de Janeiro, subúrbio social, sem as vantagens do subúrbio político e da integração. Quando é que as elites despertarão para esta área onde se for, quase palpavelmente, aos nossos olhos estupefatos, o novo Brasil?

A DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Com as dioceses de Barra do Piraí-Volta Redonda e de Marquês de Valença, a Diocese de Nova Iguaçu faz parte da Província eclesiástica do Rio de Janeiro. Foi criada em 26 de março de 1960 pela bula "Quandoquidem Verbis" de João XXIII, com território que abrange:

— os municípios de Nova Iguaçu, Mangaratiba, Itaguaí, Paracambi e Nilópolis, desmembrados da Diocese de Barra do Piraí;

— o município de São João de Meriti que pertence à Diocese de Petrópolis;

— o distrito de Conrado (município de Vasouras), antes sujeito a Marquês de Valença.

Área de 1.860 km² aproximadamente, com uma população superior a 2 milhões de almas, numa taxa de crescimento de aproximadamente 10% anual. O território da Diocese de Nova Iguaçu coincide quase totalmente com a Baixada Fluminense; de fato, 5 dos sete municípios da Baixada pertencem à Diocese de Nova Iguaçu: Itaguaí, Paracambi, Nova Iguaçu, Nilópolis e São João de Meriti. A estes acrescentou-se o município litorâneo de Mangaratiba, em compensação de Magé e Duque de Caxias, que ficaram na Diocese de Petrópolis.

A Diocese de Nova Iguaçu é portanto essencialmente a diocese da Baixada Fluminense, com todos os traços característicos e problemas sociais, religiosos e humanos da região. Mais: é também diocese de periferia, como vimos, com todos os fenômenos desta situação, envolvida e absorvida pela megápole tentacular em fase incoercível de expansão. As três grandes cidades da Diocese: Nova Iguaçu (7.º lugar das cidades brasileiras), São João de Meriti e Nilópolis formam, com o Rio e mais Caxias, uma unidade demográfica em crescimento explosivo. Quem viaja da Praça Mauá para Nova Iguaçu atravessa uma cidade única.

O fenômeno da urbanização caótica, com uma complexidade surpreendente de problemas, caracteriza a diocese: Nilópolis e Meriti são 100% urbanas; Nova Iguaçu, 80%. Mesmo os três municípios ainda rurais — Paracambi, Itaguaí e Mangaratiba — vão sendo atingidos pela expansão do Rio de Janeiro. É notável que a urbanização se realiza com lavradores que deixaram sua agricultura primária no Norte fluminense, Minas Gerais, Espírito Santo e sobretudo Nordeste, para melhorarem de vida na área do Grande Rio, sem conseguirem perder totalmente o jeito matuto nem assimilar totalmente o jeito carioca.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU — CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS E SOCIAIS

A Diocese de Nova Iguaçu abrange geograficamente os municípios de Itaguaí, Paracambi, Nova Iguaçu, Nilópolis, São João de Meriti — esses pertencentes à Baixada Fluminense — e Mangaratiba. Estende-se numa área de 1.830 km², com uma população aproximada de dois milhões de habitantes, possuindo trechos muito povoados e outros com população muito dispersa.

Nesta área, se reflete a expansão do processo de urbanização, irradiado pela cidade do Rio de Janeiro, através de relação de serviço e de mercado de trabalho. Vivendo sua população social e culturalmente sob a influência absorvente do município do Rio de Janeiro. Economicamente, a Baixada Fluminense é cada vez mais dependente dos centros urbanos, sobretudo do Rio de Janeiro: a população não tem interesse na área onde mora, pois na sua maioria só vai em casa para dormir e, frequentemente, apenas nos fins de semana. Por isso, a maioria das cidades de nossa área são cidades-dormitórios.

A inexistência de condições locais que atendessem às necessidades mais imediatas da população torna a área ainda mais dependente do Rio de Janeiro. Essa dependência se reflete também na vida pública, dificultando o encontro de soluções administrativas, nascidas do quadro local e para ele voltadas.

27 e 28.11.76

15

Com a restrição de áreas livres no município do Rio de Janeiro, as atividades industriais na área estão em fase de expansão; industrialização marcada pela presença de gêneros variados de indústrias, destacando-se, dentre elas as de base na produção de motores.

O declínio da citricultura na região contribuiu para a transformação da área dos antigos laranjais em inúmeros loteamentos, atraindo milhares de novos habitantes, os quais se aglomeram em área não preparada previamente para recebê-los. A infra-estrutura de serviços — água esgoto, saúde, serviços médico-hospitais — atende de modo insuficiente e precaríssimo a população.

Nossa população, de origem rural na sua maioria, vinda de outros estados e regiões, sobretudo Minas Gerais, Espírito Santo e Nordeste, sofre do impacto do grande centro urbano e industrial, rompendo seu quadro de valores e com seu modo tradicional de entender o mundo e interpretar os acontecimentos. Apresenta características próprias de áreas periféricas das grandes aglomerações urbanas, elas próprias em processo de urbanização, acusando um crescimento acelerado de população.

É uma população que tem o salário mínimo como meio habitual de manutenção na sua imensa maioria; que se vale dos trens da Central e dos ônibus como transporte; população laboriosa e ativa, que possui alta porcentagem de analfabetos; que vive num clima de insegurança devido ao precário serviço policial e que é fonte de difamação social através dos meios de comunicação.

A Diocese de Nova Iguaçu está dividida em sete Regiões Pastorais, somando cerca de 60 paróquias, onde se reúne o "povo de Deus" da Baixada Fluminense.

AS LINHAS DA PASTORAL DIOCESANA

I. AS BASES DA AÇÃO PASTORAL: O povo de nossa Diocese enfrenta mil problemas, que se traduzem em pobreza, doença, más condições de instrução, má alimentação e muitas outras formas de condições injustas. A maior parte dos homens válidos se desloca diariamente para outras áreas onde haja trabalho, onde haja emprego. Somos periferia. Isso atinge não somente o bolso mas todos os aspectos da vida. Esta situação é a base vivida para a definição da linha pastoral da diocese. A outra linha é a fé. Então a linha pastoral da diocese exprime-se na resposta a uma série de questões, que são aquelas que decorrem das condições do povo de Deus na Diocese de Nova Iguaçu.

1. Como compreender a religião do povo? Compreender a religião do povo é compreender o povo. A religião fornece ao povo um modo de compreender a vida, de interpretar os acontecimentos bons ou maus, um modo de existir, equilibrando-se entre o medo e a esperança. Quem o há o povo rezar conhece suas necessidades e seus problemas.

2. Qual a importância da pastoral social conscientizadora?

A conscientização é hoje uma porta que se abre para o homem sair do fatalismo social e religioso, superar o desenraizamento cultural. Conscientizar é descobrir que a sociedade não é uma realidade natural como o frio e o calor. A sociedade é criada pelo homem e este tem o direito de aperfeiçoá-la ou mudá-la.

3. Por que a opção por uma pastoral libertadora?

Libertação é uma palavra-chave da Bíblia. Desde o começo, Deus se revê na Bíblia como um Deus libertador, que tira os escravos judeus do Egito para uma terra onde corre leite e mel. A libertação cristã deve animar toda a nossa ação pastoral na Baixada Fluminense, por três razões principais:

relação entre fé e vida
dependência injusta
situação de pecado.

4. Qual a relação entre fé e vida?

Religião e vida não estão ligadas por acaso nem por capricho, mas por decisão do próprio Salvador: "Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber". A revelação do Reino de Deus não nos foi dada para tirar-nos do mundo, mas para nos engajar nele. São Paulo diz que "recebemos graça e apostolado", isto é, recebemos a revelação para estarmos a serviço da marcha comum da humanidade.

5. O que significa dependência injusta?

Entendemos por dependência injusta a situação que provoca a impossibilidade da realização integral do homem todo e de todos os homens. Em outras palavras, a dependência injusta é a expressão mais forte de uma situação que impede os homens pobres da Baixada Fluminense de atingirem a plenitude de sua dignidade humana.

6. O que entendemos por situação de pecado?

"Entendemos que o homem não é uma peça bem montada, bem conservada e bem alimentada da máquina social. Ele precisa comer, mas também admirar e rezar. Não basta que não seja escravo, e ele não pode ser um robô. Por estas razões, toda situação injusta é uma violação dos direitos do homem. O cristão vê ainda mais longe. Para ele, as situações injustas são uma ofensa a Deus, uma recusa de seu plano de amor. São, como disseram os bispos da América Latina em Medellín, "uma situação de pecado", quer dizer: a ganância não é apenas uma maldade individual, ela se cristaliza nas estruturas sociais econômicas, políticas e culturais e se torna tanto mais injusta e destruidora, quanto mais coletiva e impessoal".

II. OS OBJETIVOS DA AÇÃO PASTORAL

O objetivo principal da ação pastoral é ordenar a vida. A renovação não é uma renovação da teologia, da doutrina, dos cânticos da missa, da casa paroquial, das capelas ou igreja-matriz, das estruturas. Não negamos que tudo isso deva ser feito, mas só há renovação quando o homem se renova no encontro com Deus vivo. No fundo, quem renova e liberta é Deus. Por isso, no fundo, a tarefa da pastoral é antes de tudo ajudar o povo a entrar em contato com Deus ou fazer surgir o encontro entre Deus e os homens. Ninguém é dono dos outros, nem dono de Deus. Ninguém pode interferir num diálogo entre Deus e o homem, para dar-lhe um rumo conforme seus desejos. O que podemos fazer é cuidar que o encontro seja com o Deus verdadeiro e não com suas imitações. O que podemos fazer é ordenar a vida: Acordando os adormecidos. Organizando os dispersos. Provocando o aparecimento de novos agentes e serviços pastorais. Sa-

Com a restrição de áreas livres no município do Rio de Janeiro, as atividades industriais na área estão em fase de expansão; industrialização marcada pela presença de gêneros variados de indústrias, destacando-se dentre elas as de base na produção de motores.

O declínio da citricultura na região contribuiu para a transformação da área dos antigos laranjais em inúmeros loteamentos, atraindo milhares de novos habitantes, os quais se aglomeraram em área não preparada previamente para recebê-los. A infra-estrutura de serviços — água esgoto, saúde, serviços médico-hospitais — atende de modo insuficiente e precaríssimo a população.

Nossa população, de origem rural na sua maioria, vinda de outros estados e regiões, sobretudo Minas Gerais, Espírito Santo e Nordeste, sofre do impacto do grande centro urbano e industrial, rompendo seu quadro de valores e com seu modo tradicional de entender o mundo e interpretar os acontecimentos. Apresenta características próprias de áreas periféricas das grandes aglomerações urbanas, elas próprias em processo de urbanização, acusando um crescimento acelerado de população.

É uma população que tem o salário mínimo como meio habitual de manutenção na sua imensa maioria; que se vale dos trens da Central e dos ônibus como transporte; população laboriosa e ativa, que possui alta porcentagem de analfabetos; que vive num clima de insegurança devido ao precário serviço policial e que é fonte de difamação social através dos meios de comunicação.

A Diocese de Nova Iguaçu está dividida em sete Regiões Pastorais, somando cerca de 60 paróquias, onde se reúne o "povo de Deus" da Baixada Fluminense.

AS LINHAS DA PASTORAL DIOCESANA

I. AS BASES DA AÇÃO PASTORAL: O povo de nossa Diocese enfrenta mil problemas, que se traduzem em pobreza, doença, más condições de instrução, má alimentação e muitas outras formas de condições injustas. A maior parte dos homens válidos se dedica diariamente para outras áreas onde haja trabalho, onde haja emprego. Somos periferia. Isso atinge não somente o bolso mas todos os aspectos da vida. Esta situação é a base vivida para a definição da linha pastoral da diocese. A outra linha é a fé. Então a linha pastoral da diocese exprime-se na resposta a uma série de questões, que são aquelas que decorrem das aflições do povo de Deus na Diocese de Nova Iguaçu.

1. Como compreender a religião do povo? Compreender a religião do povo é compreender o povo. A religião fornece ao povo um modo de compreender a vida, de interpretar os acontecimentos bons ou maus, um modo de existir, equilibrando-se entre o medo e a esperança. Quem ou ha o povo rezar conhece suas necessidades e seus problemas.

2. Qual a importância da pastoral social conscientizadora?

A conscientização é hoje uma porta que se abre para o homem sair do fatalismo social e religioso, superar o desenraizamento cultural. Conscientizar é descobrir que a sociedade não é uma realidade natural como o frio e o calor. A sociedade é criada pelo homem e este tem o direito de aperfeiçoá-la ou mudá-la.

3. Por que a opção por uma pastoral libertadora?

Libertação é uma palavra-chave da Bíblia. Desde o começo, Deus se revela na Bíblia como um Deus libertador, que tira os escravos judeus do Egito para uma terra onde corre leite e mel. A libertação cristã deve animar toda a nossa ação pastoral na Baixada Fluminense, por três razões principais:

relação entre fé e vida
dependência injusta
situação de pecado.

4. Qual a relação entre fé e vida?

Religião e vida não estão ligadas por acaso nem por capricho, mas por decisão do próprio Salvador: "Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber". A revelação do Reino de Deus não nos foi dada para tirar-nos do mundo, mas para nos engajar nele. São Paulo diz que "recebemos graça e apostolado", isto é, recebemos a revelação para estarmos a serviço da marcha comum da humanidade.

5. O que significa dependência injusta?

Entendemos por dependência injusta a situação que provoca a impossibilidade da realização integral do homem todo e de todos os homens. Em outras palavras, a dependência injusta é a expressão mais forte de uma situação que impede os homens pobres da Baixada Fluminense de atingirem a plenitude de sua dignidade humana.

6. O que entendemos por situação de pecado?

"Entendemos que o homem não é uma peça bem montada, bem conservada e bem alimentada da máquina social. Ele precisa comer, mas também admirar e rezar. Não basta que não se a escravo, e ele não pode ser um robô. Por estas razões, toda situação injusta é uma violação dos direitos do homem. O cristão vê ainda mais longe. Para ele, as situações injustas são uma ofensa a Deus, uma recusa de seu plano de amor. São, como disseram os bispos da América Latina em Medellín, "uma situação de pecado", quer dizer: a ganância não é apenas uma maldade individual, ela se cristaliza nas estruturas sociais econômicas, políticas e culturais e se torna tanto mais injusta e destruidora, quanto mais coletiva e impessoal".

II. OS OBJETIVOS DA AÇÃO PASTORAL

O objetivo principal da ação pastoral é ordenar a vida. A renovação não é uma renovação da teologia, da doutrina, dos cânticos da missa, da casa paroquial, das capelas ou igreja-matriz, das estruturas. Não negamos que tudo isso deva ser feito, mas só há renovação quando o homem se renova no encontro com Deus vivo. No fundo, quem renova e liberta é Deus. Por isso, no fundo, a tarefa da pastoral é antes de tudo ajudar o povo a entrar em contato com Deus ou fazer surgir o encontro entre Deus e os homens. Ninguém é dono dos outros, nem dono de Deus. Ninguém pode interferir num diálogo entre Deus e o homem, para dar-lhe um rumo conforme seus desejos. O que podemos fazer é cuidar que o encontro seja com o Deus verdadeiro e não com suas imitações. O que podemos fazer é ordenar a vida: Acordando os adormecidos. Organizando os dispersos. Provocando o aparecimento de novos agentes e serviços pastorais. Sacudindo os problemas mais graves. Coordenando os vários esforços. Estudando as questões mais complexas. Reunindo os responsáveis para o diálogo".

O CLERO DA DIOCESE DE N. IGUAÇU

10 ANOS DE BISPO DE NOVA IGUAÇU — Por ocasião das celebrações dos 10 anos de serviço que Dom Adriano Hypólito vem prestando à Baixada Fluminense, é justo que se diga e informe ao povo e às comunidades cristãs alguma coisa sobre o quadro ou conjunto dos sacerdotes que, com ele e com o povo, vem construindo a Igreja de Jesus Cristo.

QUANTIDADE — Distribuídos em 60 centros populares, paróquias ou centros de formação cristã, um total de 85 padres exercem e desempenham ministério no meio de um povo economicamente pobre, mas cheio de valores e aspirações.

IGREJA PEREGRINA — Como este povo, provindo do interior do Estado do Rio e dos mais diversos Estados do Brasil, assim também o clero desta diocese apresenta uma diversidade extraordinária de centros de origem e culturas. Dos 85 sacerdotes, 38 diocesanos e 47 religiosos, somente 35 são brasileiros; destes, 8 são do Estado do Rio e destes, 5 apenas nasceram na Baixada Fluminense, enquanto os restantes brasileiros reúnem mais gente de 8 Estados.

Dos 85 padres, 49 são estrangeiros, ou seja: 9 italianos — 7 alemães — 7 portugueses — 6 holandeses — 5 belgas — 4 irlandeses — 4 franceses — 2 americanos — 2 espanhóis — 1 austríaco — 1 filipino — 1 paraguaio — 1 polonês. De sorte que 14 nacionalidades estão aqui representadas. Dentro desta multiplicidade, é fácil também de entender o quanto isto representa de renúncias para bem servir a um povo tão rico em valores religiosos mas tão carente de recursos humanos; renúncias de adaptação quanto aos costumes, língua e mobilidade etc.

Acresce também observar o quanto isto representa de desafio a todo o povo da Baixada Fluminense, para garantir a continuidade evan-

gelizadora. Seja quanto ao número ou idade dos sacerdotes, nas celebrações dos 10 anos de Dom Adriano em Nova Iguaçu, é urgente elevar ao Senhor o grande pedido pastoral: "A seara é grande mas os trabalhadores são poucos; peçam então ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara".

São apenas 15 os padres de aproximadamente 30 anos que, nesta diocese, realizam experiências pastorais. Quanto aos outros, 26 padres já estão na casa dos 40 anos; 24 estão no caminho dos 50 anos; 14 estão com mais ou menos 60 anos; e 6 já se encontram nas glórias dos 70 a 75 anos.

Para esta diocese de dois milhões de habitantes, onde uma grande porcentagem é de gente jovem, onde as indústrias vêm oferecendo riquezas e mão-de-obra, para onde o homem do campo continua afluindo massivamente, ficam abertos os mais gritantes desafios: a boa semente que deve ser permanentemente lançada à terra. Vindos dos mais diferentes recantos do mundo, os componentes do clero da Diocese de Nova Iguaçu aqui estão cumprindo a ordem do Fundador: "Id e ensinai a todos os povos". E esta presença pode ser caracterizada por outra palavra de Cristo: "Deixai vir a mim os pequeninos". Como o adjetivo "pequenininho" se adapta bem à nossa população da Baixada Fluminense!

Junto com seu povo, o clero de nossa diocese quer ser sã na: Cristo presente na vida do povo; e sua paixão, oculta ou expressa, nos sofrimentos, nas esperanças e na caminhada. A finalidade profunda da Igreja da Diocese de Nova Iguaçu é revelar Jesus Cristo a partir dos fatos e dos acontecimentos de nossa área.

Com que esperança e amor, todos nós, leigos e padres da Diocese de Nova Iguaçu, lutamos para construir a comunidade cristã: comunidade que reza, que adora a Deus, que divide seus bens e qualidades, que anuncia a libertação e a ressurreição; e que também denuncia tudo o que impede a construção do Reino de Deus, nesta nossa sofrida e especialmente esperanzosa Baixada Fluminense.

AÇÃO SOCIAL NA DIOCESE DE N. IGUAÇU

Nossa igreja é uma igreja que nasce do povo; nela sentido, dedicamo-nos todos os dias. Sabemos que o povo da Baixada Fluminense é bastante sofrido e carente de recursos médicos, sanitários, escolares etc. Quando se trata de documentação, aí nem se fala; é tudo muito difícil, requer tempo, paciência e dinheiro.

Por isso, a Igreja criou a Caritas Diocesana, que é uma entidade filantrópica, destinada a desenvolver e coordenar os trabalhos pastorais na área social. A Caritas já percorreu um longo caminho, desde sua criação, mas há muito ainda por fazer.

Até agora, nosso objetivo foi através de alguns setores criados: saúde, educação, assistência jurídica e profissional; atender o homem da Baixada Fluminense, no sentido de engajá-lo na comunidade humana e cristã, para que ele assuma sua responsabilidade e sua participação.

SETOR SAÚDE: Este setor atinge algumas comunidades no sentido da reflexão sobre os problemas relacionados com a saúde. Temos vários ambulatórios, criados nas comunidades e a seu serviço. Mantemos encontros diocesanos de grupos paroquiais que trabalham no setor saúde. Temos sempre em vista a troca de experiência e a reflexão comunitária, em busca de pistas para uma melhor adequação do trabalho no setor saúde com a linha da pastoral diocesana.

SETOR EDUCAÇÃO: A Caritas proporciona um curso supletivo de 1.º grau, com a finalidade de preparar pessoas que precisam do diploma de primário, para fins profissionais. A idéia é que o aluno, ao longo do curso, desenvolva a prática da reflexão, debata sobre temas do seu interesse, com a finalidade de incentivar o espírito de união entre os alunos e suas comunidades.

SETOR DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA: Baseia-se fundamentalmente na prestação de serviços a pessoas carentes, relativos à obtenção de certidões, registros civis, orientação individual sobre questões de direito civil e da previdência social. Como atesta o movimento crescente do setor, esse tipo de prestação de serviço vem de encontro a uma necessidade básica da população pobre da Baixada Fluminense.

Carente de recursos financeiros e de informações adequadas, nossa população se vê impossibilitada do exercício dos seus direitos civis; essa situação é fruto da marginalização social que nosso povo vive de maneira cada vez mais acentuada.

CURSOS PROFISSIONALIZANTES: A experiência de Caritas Diocesana ainda é pequena, em relação a esse setor; seu papel tem sido fornecer suporte jurídico para convênios com o PIPMO e a LBA; e em alguns casos, suporte financeiro. Creemos que essa é uma boa oportunidade para especializarmos a mão-de-obra de pessoas engajadas na nossa pastoral diocesana.

Como verificamos nossa igreja ensaia os primeiros passos, no sentido de ser uma igreja-povo, estruturada de baixo para cima. Em nosso trabalho na Caritas Diocesana, levamos bem em consideração que igreja não é apenas o templo onde rezamos; é a comunidade, é a escola, é o trabalho, são as dificuldades e as vitórias, reunidos todos numa igreja que procura ser missionária como prioridade de suas linhas pastorais.

ALGUNS MOVIMENTOS LEIGOS DA DIOCESE

Já antes da criação de nossa Diocese, em junho de 1960, os leigos com consciência crescente de igreja, sempre participaram na expansão do Reino de Deus em nossa Baixada Fluminense. Naquela época, a participação foi prin-

CONTINUA NA PÁGINA OITO

23/11/79

VERSUS & ADVERSUS

Jornal de Hoje

JOEL MARINHO

O MENOR ABANDONADO

23.11.79

O problema do menor abandonado tem servido de eficiente cabo eleitoral para muitos políticos, sem que até agora se tenha traçado uma política definitiva e racional. A Baixada Fluminense e, mormente, o Município de Nova Iguaçu sofrem em escala surpreendente o estigma desse mal que se avoluma, ante a indiferença das autoridades, da classe política e da própria sociedade, voltadas para outros fatores bem mais promocionais que a preocupação com o menor, que fatalmente estará, dentro em breve, por essa indiferença geral, engrossando o contingente da marginalidade nas ruas da cidade e da região.

O Patronato São Vicente e o Lar de Jesus, entidades iguaçuanas que abrigam menores na orfandade e desamparados da sorte, vivem à mingua de recursos e da indiferença de todos, passando por momentos difíceis para a manutenção de obra tão meritória, mas que, a despeito do glorioso trabalho, não proporciona o aparecimento em manchetes dos jornais, ou nas colunas sociais da terra. Não se teve notícia nesses últimos que qualquer Deputado Federal ou Deputado Estadual, que gozam do privilégio de introduzir no Orçamento da República ou no do Estado dotações para instituições sociais, que tenham se valido desse direito, socorrendo aquelas duas entidades filantrópicas.

O próprio Bispo D. Adriano Mandarino Hipólito que tem se consagrado na admiração dos fiéis e da população iguaçuana em geral, numa insistente e louvável luta pela defesa dos direitos humanos e pela melhoria do padrão de vida do operariado, relegou ao total esquecimento, mantendo ao largo de suas elucubrações e estratégias de ação, a desdita vivida pelas duas entidades, só contrabalançada e com grande sacrifício, graças a um grupo minúsculo de abnegados. O prestígio do Bispo D. Adriano, bem como a força da Igreja Católica no seio da sociedade iguaçuana representariam um eficiente veículo para a conscientização de todos em torno do problema, caso decidissem engajar num movimento nesse sentido, não tão promocional como a empreitada a que ora estão envolvidos (não ocasionaria os lamentáveis seqüestros, pichações, xingamentos etc.), mas tão gratificante, ou mais, para quem vive de pregação da palavra de Deus.

BRIGA À VISTA

Comenta-se à boca pequena que uma nova briga está prestes a ser deflagrada entre o Prefeito Ruy de Queiroz e o Vereador Adjovaldo da Silveira (Dandão), líder do Governo na Câmara Municipal. O pivô desse "tampa", dizem ser o novo decreto baixado pelo Prefeito Ruy de Queiroz proibindo a concessão de licença para o funcionamento de barracas e camelôs no período natalino. Como o Vereador Adjovaldo da Silveira é tido e havido como protetor dos camelôs e dos barraqueiros, alguns consideram essa briga como "pule de dez", e já estão dando vantagem nas apostas.

TERCEIRO ROUND

A briga entre o Vice-Prefeito de Nova Iguaçu, Rubens Peixoto, e o Prefeito Ruy Queiroz, entrou no terceiro "round", com poucas possibilidades de "knock-out", para ambos contendores dada a ausência de técnica pugilística.

Esta semana, o "mohamed" Rubens Peixoto aplicou um violento "hook" de esquerda no "fraser" Ruy de Queiroz, acusando-o de boicotar a reinauguração da estação rodoviária e de participar de uma "caixinha" polpuda, estabelecida pelos proprietários de empresas de transportes coletivos iguaçuanas. Da luta ainda não se vislumbra o seu vencedor. Por enquanto está empatada (ou empatadas?)

BACHARÉIS REUNIDOS

No próximo dia 30 (sexta-feira) a turma de formandos do ano de 1978 da Faculdade de Direito de Nova Iguaçu, se reunirá, às 19 horas, nas dependências da SESNI. Vários temas serão discutidos nessa reunião, inclusive a criação de uma associação de bacharéis em Direito, oriundos daquela Faculdade.

CUSTAS JUDICIÁRIAS

Em lei sancionada (dia 20) pelo Presidente João Figueiredo, acrescentando o Parágrafo Único ao artigo 14 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, determina aos cartórios que façam constar do documento expedido, independentemente do recibo quando for solicitado, o valor correspondente às custas de escrituras, certidões, buscas, averbações, registros de qualquer natureza, emolumentos e despesas legais.

Segundo fontes da Secretaria Municipal de Planejamento, os servidores da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, regime CLT, receberão ainda este mês (serão confeccionadas folhas suplementares) o último aumento do salário mínimo. Os que tiverem os seus salários achatados terão um reajuste, a ser ainda estudado. Quanto ao estatutário o aumento deverá vir a partir de janeiro. O percentual desse aumento é que ainda não foi estabelecido, também dependendo de estudos.



O FLUMINENSE

JORNAL DA CIDADE DE NITEROI

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Atentado

O fluminense 24-09-76

Suspeito é preso após trocar tiros com a PM

Um jovem que se identificou como pintor de quadros e de paredes foi preso em São João de Meriti após intenso tiroteio com soldados da Polícia Militar. O rapaz, que afirma morar no bairro de Quitandinha, Petrópolis, é suspeito de haver participado do seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e de um sobrinho deste, o jovem Fernando Leal Werbernig, que reside em sua companhia no Palácio Episcopal no bairro de Vila de Cava.



Este é o único suspeito do seqüestro



Ontem pela manhã o bispo esteve na Catedral de Nova Iguaçu, de onde saiu acompanhado de quatro padres à paisana, tomando o destino da Capital. Viajaram em uma Kombi e antes passaram na Rua Paraguassu, 671, onde estiveram com Maria Del Pilar Iglesias Vila, noiva de Fernando e que assistiu ao seqüestro do rapaz e do religioso, em cuja companhia se encontrava ao ser deixada na porta de casa. A família da moça recebeu recomendações especiais dos sacerdotes para nada revelar à reportagem. Dom Adriano Hipólito não havia regressado à sua residência até a noite, o mesmo ocorrendo com Fernando Leal.

O REGISTRO

O Livro de Ocorrências da Delegacia de Nova Iguaçu, com relação ao seqüestro, anotou o registro de número 4481 com o seguinte teor:

— Às 20 horas e 15 minutos compareceu a esta delegacia o Padre David John Keegan, irlandês, solteiro, de 49 anos, da Catedral de Nova Iguaçu, relatando que elementos, em três carros, sendo um de marca Ford Corcel, pararam na Rua Paraguassu, 671, Vila de Posse e seqüestraram o Bispo Dom Adriano Hipólito, colocando um capuz negro sobre sua cabeça e levando-o para local incerto. Também levaram o sobrinho do bispo, Fernando Leal Werbernig, que com ele reside e que por ocasião do evento se encontrava em sua companhia. Os seqüestradores levaram igualmente o Volks vermelho chapa FB-RJ 7591. Adiantou o comunicante que o fato chegou a seu conhecimento através da noiva de Fernando, senhorita Maria Del Pilar Iglesias Vila, moradora na Estrada do Ambai, 671, fundos e da mãe desta, Albina Vila Lourenço, residente no mesmo endereço. As duas assistiram ao seqüestro. Não fizeram anotações das placas dos veículos e não compareceram a esta delegacia para prestar esclarecimentos. O fato foi comunicado à Central de Operações às 20 horas e 20 minutos, recebendo a mensagem o plantonista Jorge. A DRF foi avisada às 21 horas e 45 minutos, recebendo a mensagem o plantão Joel. O DOPS foi avisado às 20 horas e 30 minutos, recebendo a comunicação o plantonista Souto Maior. Posteriormente o próprio delegado do DOPS, Doutor Borges Fortes, tomava conhecimento, oficialmente, da ocorrência."

COMO FOI

Conforme já foi amplamente noticiado, o Bispo Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, logo após o jantar, deixou sua residência oficial em companhia de Fernando Leal, seu sobrinho, e da jovem Maria Del Pilar, a quem levariam em casa, num percurso aproximado de dois quilômetros. Na

porta da casa da moça Fernando saltou e a acompanhou até o portão, onde conversaram alguns minutos. Logo a seguir, por volta de 19 horas e 40 minutos de anteontem, quarta-feira, três carros, sendo dois Volks e um Corcel, bloquearam a saída da rua, que é de terra. Com a movimentação o bispo deixou o carro mas foi prontamente agarrado e atirado a uma pequena lixeira de material queimado. Albina, mãe de Maria Del Pilar, diante da cena de violência, tentou interferir mas foi ameaçada por um homem armado de revólver, moreno, de 30 anos aproximadamente. Ela e a filha receberam ordens, aos palavrões, de entrarem em casa. Fernando Leal foi metido num dos Volks dos seqüestradores e o bispo seguiu em seu próprio carro.

SEVICIADOS E NUS

O bispo teve sua batina rasgada ao mesmo tempo em que lhe enfiavam um capuz negro na cabeça. O carro rodou por estradas de paralelepípedos e estradas de terra. Foi espancado e sevicado, ficando completamente nu. Pintaram-lhe o corpo de mercúrio cromo e o abandonaram na Rua Japurá, num local ermo, em Jacarepaguá. Foi encontrado pelo candidato a vereador pelo MDB José Menezes, que concluía a noite de campanha eleitoral em sua Rural Willys placa KJ 5242-RJ, dirigida pelo motorista Evandro Moreira. O bispo nu e manietado, foi levado para a casa do fotógrafo Adir Mera, da **Manchete**, que lhe emprestou algumas roupas.

Seu sobrinho, Fernando Leal, depois de receber idêntico tratamento, foi abandonado na Estrada do Catonho, próximo a uma lixeira, local utilizado para desovas de cadáveres do Esquadrão da Morte. Fernando estava também manietado, nu, encapuzado e banhado da cabeça aos pés de mercúrio cromo vermelho, cor, segundo os seqüestradores, dos comunistas. Ambos foram espancados. O rapaz foi socorrido por uma viatura policial e após ser medicado no Hospital Olivério Kramer foi conduzido ao DGIE, onde prestou depoimento durante toda a madrugada.

O atentado a Dom Adriano Hipólito está sendo atribuído a policiais ligados ao Esquadrão da Morte, isto porque o religioso, nos últimos anos, vem denunciando os crimes daquela organização clandestina. O carro do religioso foi levado pelos seqüestradores e destruído com uma bomba de alto poder em frente ao prédio onde está instalada a CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil —, no Largo da Glória.

SUSPEITO PRESO

Paulo Rodrigues dos Santos, casado, de 23 anos, que afirma morar na Rua Quitandinha, 368, Petrópolis, foi apanhado na Rua Nossa Senhora das Graças, Meriti, após troca de tiros com soldados da PM que ocuparam a **patrulhinha** 54-0353, do 21º Batalhão. Paulo Rodrigues estava em companhia de outro elemento que conseguiu fugir. Momentos antes os dois haviam abandonado uma **Brasília** em Miguel Couto, carro roubado no Rio, e após dominarem o português Joel Rodrigues de Miranda, morador na Rua São Pedro, 86, Miguel Couto, tomaram-lhe o Chevette chapa FB 1392, quando então foram surpreendidos pela Polícia.

Paulo Rodrigues foi imediatamente retirado da Delegacia de Nova Iguaçu e encaminhado ao Departamento Geral de Investigações Especiais, na Polícia Central. Joel Rodrigues, que foi rendido pela dupla, já teve sua padaria assaltada 36 vezes mas deu-se por feliz por ter recuperado o carro intato.

MULHER CONTA O QUE VIU

Albina Vila Lourenzo estava na porta de casa conversando com a filha e o futuro genro quando viu aparecerem três carros, deles saltando homens armados. Conta:

— Pensei que fossem policiais, pois já vieram de armas nas mãos. Aí vi que se dirigiam ao carro do bispo quando o puxaram para fora, com violência, atirando-o na lixeira. Aproximei-me e um dos homens me xingou, mandando que eu entrasse em casa, juntamente com minha filha. Ouvimos os carros partirem e demos o alarma. Depois fomos à Catedral e contamos tudo aos padres.

24/09/76

18

Atentado

Bispos não se atemorizam. Voltam a condenar o terrorismo e violência

O Arcebispo de Londrina D. Geraldo Fernandes, Presidente em exercício da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, afirmou ontem, em entrevista coletiva à imprensa, que "um grupo terrorista tenta intimidar a Igreja Católica no País pela disposição de seus prelados em defender os oprimidos. Admitiu, também, que o atentado ao Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, tenha ligações com a campanha que ele move contra os crimes do Esquadrão da Morte. "Por mais de uma vez D. Adriano foi contundente no seu ponto de vista quanto aos crimes bárbaros que se cometem no Grande Rio".

Momentos antes da fala do Presidente interino da CNBB os bispos reunidos há 72 horas na sede situada no Largo da Glória, 76, distribuíram nota oficial à imprensa repudiando o atentado sofrido por D. Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Webering. Um boletim da CNBB do dia 6 de agosto, passado, contra o comércio ilegal e porte de arma, além de citações ao Esquadrão da Morte, também voltou a ser distribuído aos jornalistas "como sendo uma das principais razões dos atentados de anteontem".

Dr. Geraldo Fernandes, na condição de Vice Presidente da CNBB, foi quem presidiu as últimas reuniões.

D. Geraldo Fernandes, na condição de Vice Presidente da CNBB, foi quem presidiu as últimas reuniões dos bispos visando a eleição do novo presidente da Comissão Pastoral, uma vez que D. Aloisio Loscheider, atual titular, encontra-se no Rio Grande do Sul em tratamento de saúde. O Arcebispo de Londrina, que recebeu os jornalistas às 15 horas, declarou que estava acordado quando a bomba explodiu no Volks (RJ—EB 7591) de Fernando Leal Webering, colocado em frente à sede da CNBB.

— Confesso aos senhores que não me assustei porquanto aqui no Rio fazem muito barulho e até pensei que a explosão fosse na obra do Metrô. Minha janela fica bem em frente ao local onde o carro do sobrinho de D. Adriano foi alvo do atentado. Meia hora depois a telefonista de plantão dava a notícia de que um carro havia explodido. Não demos a

— A CNBB atribui o atentado a grupos terroristas? — indagamos.

D. Geraldo respondeu que "evidentemente existem grupos interessados em nos intimidar pelas campanhas que desenvolvemos visando o bem-estar geral do povo brasileiro. Sei que D. Adriano muito tem feito para combater os crimes do chamado Esquadrão da Morte, contudo não sabemos se ele já fora ameaçado outras vezes".

— Algum pedido de garantias para as reuniões dos bispos da CNBB?

— Não vamos pedir garantias porque nada tememos. Cada prelado tem sua missão e não aceitaremos intimidações. Os senhores da Imprensa são testemunhas de que a CNBB sempre pautou por uma linha neutra, porém, sempre na defesa dos oprimidos".

Durante todo o dia de ontem, um batalhão de jornalistas, inclusive do exterior, aguardou, na sede da CNBB, a nota oficial dos Bispos do Brasil sobre o atentado, de larga repercussão no País. Às 16 horas, o Secretário de Imprensa, padre José, teve autorização para liberar a declaração da CNBB, nos seguintes termos:

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom

Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1) — manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão em favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2) — reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos e num fato

3) — agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vem recebendo de todos os recantos do Brasil;

4) — renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venha e a quem quer que atinja".

A nota oficial da CNBB foi distribuída para todo o Brasil através de uma cadeia de rádio, televisão e jornais. As agências internacionais transmitiram em boletins direto da sede da CNBB. O ambiente na entidade do Largo da Glória era de grande tensão ao cair da noite, com telefonemas anônimos dando conta de novos atentados visando tumultuar uma reunião internacional que se realiza no Alto da Boa Vista, com a presença de Bispos da Argentina, Chile e Colômbia.

Para hoje, às 11 horas, a CNBB marcou uma segunda entrevista com a Imprensa, ocasião em que o Secretário-Geral Bispo D. Ivo Loscheiter, primo do Presidente D. Aloisio Loscheider, distribuirá uma segunda nota oficial sobre os entendimentos que a CNBB mantém com as autoridades. À tarde D. Eugênio Sales presidirá reunião no Palácio Episcopal e anuncia-se uma terceira nota de repúdio aos atentados.

O Assessor de Imprensa da CNBB, padre José, forneceu aos jornalistas o boletim de nº 32, de 6 de agosto de 1976, que a CNBB publicou, com relação ao controle, ao comércio e porte de armas. É o seguinte o texto: A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, em sua última reunião, a 29 de julho, p. passado, estudaram alguns aspectos assustadores do aumento da criminalidade e da violência de assaltos, seqüestros e homicídios, que geram a inquietude e provocam uma desumana escalada de sempre mais numerosas ações indignas. Sem esquecer outros elementos do problema, como a educação para o espírito de justiça e fraternidade, o esforço para coibir os desmandos dos esquadrões da morte, a constância em eliminar a corrupção onde quer que ela tente instalar-se, etc., a CNBB deliberou apelar para as Autoridades competentes no sentido de se fazer efetivo e rigoroso controle ao comércio e ao porte de armas. Não poderá haver tranquilidade, enquanto praticamente todos que o

Diz ainda a CNBB que o Secretário-Geral da entidade, D. Ivo Loscheiter, enviou carta ao Ministro da Justiça, Secretário de Segurança e às lideranças no Congresso Nacional".

Quase na mesma hora, a Assessoria de Imprensa da Arquidiocese do Rio de Janeiro divulgou também uma nota oficial em nome do Cardeal-Arcebispo Dom Eugênio Sales. A nota:

Bispos não se atemorizam. Voltam a condenar o terrorismo e violência

O Arcebispo de Londrina, D. Geraldo Fernandes, Presidente em exercício da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, afirmou ontem, em entrevista coletiva à imprensa, que "um grupo terrorista tenta intimidar a Igreja Católica no País pela disposição de seus prelados em defender os oprimidos. Admitiu, também, que o atentado ao Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, tenha ligações com a campanha que ele move contra os crimes do Esquadrão da Morte. "Por mais de uma vez D. Adriano foi contundente no seu ponto de vista quanto aos crimes bárbaros que se cometem no Grande Rio".

Momentos antes da fala do Presidente interino da CNBB os bispos reunidos há 72 horas na sede situada no Largo da Glória, 76, distribuíram nota oficial à imprensa repudiando o atentado sofrido por D. Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Webering. Um boletim da CNBB do dia 6 de agosto, passado, contra o comércio ilegal e porte de arma, além de citações ao Esquadrão da Morte, também voltou a ser distribuído aos jornalistas "como sendo uma das principais razões dos atentados de anteontem".

Dr. Geraldo Fernandes, na condição de Vice Presidente da CNBB, foi quem presidiu as últimas reuniões

D. Geraldo Fernandes, na condição de Vice Presidente da CNBB, foi quem presidiu as últimas reuniões dos bispos visando a eleição do novo presidente da Comissão Pastoral, uma vez que D. Aloisio Loscheider, atual titular, encontra-se no Rio Grande do Sul em tratamento de saúde. O Arcebispo de Londrina, que recebeu os jornalistas às 15 horas, declarou que estava acordado quando a bomba explodiu no Volks (RJ—EB 7591) de Fernando Leal Webering, colocado em frente à sede da CNBB.

— Confesso aos senhores que não me assustei porquanto aqui no Rio fazem muito barulho e até pensei que a explosão fosse na obra do Metrô. Minha janela fica bem em frente ao local onde o carro do sobrinho de D. Adriano foi alvo do atentado. Meia hora depois a telefonista de plantão dava a notícia de que um carro havia explodido. Não demos a menor importância ao fato, já que até às 2 horas da madrugada nada sabíamos a respeito do seqüestro de D. Adriano e seu sobrinho. Eles foram trazidos à sede na CNBB por volta das 4 horas da manhã depois que prestaram depoimentos às autoridades policiais".

— A CNBB atribui o atentado a grupos terroristas? — indagamos.

D. Geraldo respondeu que "evidentemente existem grupos interessados em nos intimidar pelas campanhas que desenvolvemos visando o bem-estar geral do povo brasileiro. Sei que D. Adriano muito tem feito para combater os crimes do chamado Esquadrão da Morte, contudo não sabemos se ele já fora ameaçado outras vezes".

— Algum pedido de garantias para as reuniões dos bispos da CNBB?

— Não vamos pedir garantias porque nada tememos. Cada prelado tem sua missão e não aceitaremos intimidações. Os senhores da Imprensa são testemunhas de que a CNBB sempre pautou por uma linha neutra, porém, sempre na defesa dos oprimidos".

Durante todo o dia de ontem, um batalhão de jornalistas, inclusive do exterior, aguardou, na sede da CNBB, a nota oficial dos Bispos do Brasil sobre o atentado, de larga repercussão no País. Às 16 horas, o Secretário de Imprensa, padre José, teve autorização para liberar a declaração da CNBB, nos seguintes termos:

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom

Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1) — manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão em favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2) — reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos e num fato como esse, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3) — agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vem recebendo de todos os recantos do Brasil;

4) — renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venha e a quem quer que atinja".

A nota oficial da CNBB foi distribuída para todo o Brasil através de uma cadeia de rádio, televisão e jornais. As agências internacionais transmitiram em boletins direto da sede da CNBB. O ambiente na entidade do Largo da Glória era de grande tensão ao cair da noite, com telefonemas anônimos dando conta de novos atentados visando tumultuar uma reunião internacional que se realiza no Alto da Boa Vista, com a presença de Bispos da Argentina, Chile e Colômbia.

Para hoje, às 11 horas, a CNBB marcou uma segunda entrevista com a imprensa, ocasião em que o Secretário-Geral Bispo D. Ivo Loscheider, primo do Presidente D. Aloisio Loscheider, distribuirá uma segunda nota oficial sobre os entendimentos que a CNBB mantém com as autoridades. À tarde D. Eugênio Sales presidirá reunião no Palácio Episcopal e anuncia-se uma terceira nota de repúdio aos atentados.

O Assessor de Imprensa da CNBB, padre José, forneceu aos jornalistas o boletim de nº 32, de 6 de agosto de 1976, que a CNBB publicou, com relação ao controle, ao comércio e porte de armas. É o seguinte o texto: A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, em sua última reunião, a 29 de julho, p. passado, estudaram alguns aspectos assustadores do aumento da criminalidade e da violência de assaltos, seqüestros e de homicídios, que geram a intranquilidade e provocam uma desumana escalada de sempre mais numerosas ações indignas. Sem esquecer outros elementos do problema, como a educação para o espírito de justiça e fraternidade, o esforço para coibir os desmandos dos esquadrões da morte, a constância em eliminar a corrupção onde quer que ela tente instalar-se, etc., a CNBB deliberou apelar para as Autoridades competentes no sentido de se fazer efetivo e rigoroso controle ao comércio e ao porte de armas. Não poderá haver tranquilidade, enquanto praticamente todos que o desejam conseguem armas com a maior facilidade. Este assunto merece a atenção de todos, para que não se desfigure nosso convívio social".

Diz ainda a CNBB que o Secretário-Geral da entidade, D. Ivo Loscheider, enviou carta ao Ministro da Justiça, Secretário de Segurança e às lideranças no Congresso Nacional".

Quase na mesma hora, a Assessoria de Imprensa da Arquidiocese do Rio de Janeiro divulgou também uma nota oficial em nome do Cardeal-Arcebispo Dom Eugênio Sales. A nota:



A casa de Roberto Marinho, que também sofreu atentado

"O seqüestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles

não atingem o alvo desejado. Triste de um País onde a conduta dos cidadãos fica há mercê da insanidade de alguns. Sei que as autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos".

I Exército distribui nota oficial

O Comando do I Exército distribuiu nota oficial condenando os atentados da AAB, classificando-os de fatos episódicos que não afetam a segurança da área e dizendo que a Secretaria de Segurança está empenhada em apurar as responsabilidades. É a seguinte a íntegra da nota:

1. O Comando do I Exército em face dos acontecimentos ocorridos na noite de quarta-feira na madrugada de ontem, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

A) o Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e consequentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

B) fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. o Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial;

3. a confiança no Governo e na Ação das Forças Legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos."

Governo promete agir com rigor

Em todo o Brasil e no estrangeiro repercutiram intensamente, sob condenação geral, os atentados de que foram vítimas o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, seu sobrinho, Fernando Leal Worbornig e o jornalista Roberto Marinho, diretor de "O Globo".

O influente jornal "L'Osservatore Romano" expressou ontem seu horror ante o "desaparecimento" do Bispo de Nova Iguaçu no Brasil, Dom Adriano Hipólito. O termo "desaparecimento" foi interpretado, a seguir, pela Rádio do Vaticano no sentido de que o prelado tivesse sido assassinado.

No Brasil, foram estas as principais repercussões:

Ministro da Justiça, Armando Falcão: — "O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual, para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis".

Presidente da Arena, Deputado Francelino Pereira: — "A Arena manifesta total repúdio a este tipo de violência, parta de onde partir. Ato desta natureza, de direita ou de esquerda, não pode receber e não tem o apoio do povo brasileiro. Trata-se de ato efetivamente condenável e que só pode ter sido praticado por tipos anômalos ou doentios".

Presidente do Congresso Nacional, Senador Magalhães Pinto: — "Isso é sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos nós devemos nos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que peguem, ao mesmo tempo, um bispo que dizem de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição".

Governador do Rio Grande do Norte, Tarciso Maia: — "Todo o trabalho do Governo e dos políticos tem sido no sentido de mostrar que os atos de terrorismo não terão qualquer reflexo sobre as eleições. Trata-se de um ato isolado, como os que ocorrem no mundo inteiro. Felizmente estamos praticamente imunes a tais ocorrências".

Deputado Faria Lima (Arena-SP): — "Lamento por sermos obrigados a ver, num País que tem tanto a construir, elementos que utilizam a destruição e a violência como argumento político. Torna-se importante extirpar este tipo de atitude que não se compatibiliza com a índole do nosso povo".

Arcebispo de São Luís, Dom João Mota: — "Os atos revelam uma tentativa de fazer calar a Igreja no Brasil que, através de um de seus bispos, vem se constituindo o instrumento mais poderoso de defesa dos direitos da pessoa humana".

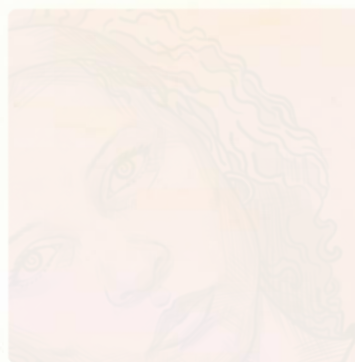
Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Caio Mário da Silva Pereira: — "Manifestações como essas só concorrem para exacerbar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Ernesto Geisel no sentido de se efetivar a distensão. Como Presidente da OAB e fiel aos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica, manifesto minha repulsa a esses atentados e mais uma vez formulo meus apelos para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição".

O Presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Prudente de Moraes Neto, visitou ontem à tarde o jornalista Roberto Marinho, na sede do jornal "O Globo", para prestar-lhe solidariedade pelo atentado a bomba contra sua residência, na noite de quarta-feira e, ao mesmo tempo, a ABI divulgou uma nota oficial em que qualifica o ato "como mais uma ação na escalada do terror".

Depois de lembrar as agressões sofridas recentemente pela ABI e pela OAB, a nota da Associação considera "sintomático que os alvos desta sanha incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa". O objetivo estratégico do extremismo, segundo a ABI, visa, na verdade, "ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais em que se envolve historicamente a Nação inteira".

O FLUMINENSE

28/09/76



Vaticano

Paulo VI condena violências

O Fluminense
28-09-76

CIDADE DO VATICANO, — O Papa Paulo Sexto protestou energicamente ontem, aqui contra a violência desatada na América Latina, em especial contra os sacerdotes e, principalmente, na Argentina e no Brasil.

O Papa pediu "explicações" ao novo Embaixador da Argentina, Rúben Vitor Manuel Blanco, que lhe apresentou suas credenciais e à Junta Governamental, sobre os recentes assassinatos de sacerdotes e de religiosos em seu país.

Trata-se de fatos que se desenrolaram em circunstâncias que, ainda, não foram esclarecidas — ressaltou o Santo Padre. Paulo Sexto aduziu: "Deploremos, simultaneamente, este aumento da violência cega, que conturba a vida do povo argentino, nos últimos tempos".

29/09/76

ASSEMBLEIA

Atentados preocupam Deputados, que pedem providências

Os atentados contra o Bispo Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, e contra a residência do Jornalista Roberto Marinho, na noite de anteontem e madrugada de ontem, foram condenados na Assembleia Legislativa pelos Deputados Mário Saladini e Antônio Gomes, do MDB, afirmando que o processo de intimidação do povo deve ser combatido pelas autoridades responsáveis.

Lamentando que o novo Rio de Janeiro seja sede de tais acontecimentos, o Deputado Antônio Gomes anunciou à Casa que "o Governo do Estado está preocupado com tais fatos" e disse esperar que providências urgentes sejam tomadas a fim de evitar sua repetição. Assim como o outro orador, afirmou que os atentados denigrem a cultura brasileira, sempre oposta a atos de violência.

DESAPROPRIAÇÕES — O Deputado Mário Saladini (MDB) apresentou projeto autorizando a Prefeitura do Rio a desapropriar lotes na Rua Timóteo da Costa, no Leblon, a fim de criar uma área de lazer para a população local. Explicou que há projetos de construção de espiques naquela artéria, contrariando sua feição residencial e acabando com as poucas áreas livres ainda disponíveis.

BRIGA DE GALO — O Deputado Antônio Alexandre (Arena) reclamou seus colegas de partido e os do MDB a rejeitarem, na votação da redação final, projeto do Deputado Frederico Trota (MDB), que proíbe as brigas de galo em todo o território fluminense. Disse que, embora seja pessoalmente contrário a elas, reconhece que há muitos aficionados dessa modalidade esportiva, cujos direitos devem ser respeitados.

BAIXO NÍVEL — O Deputado Rubens Ferraz (MDB) afirmou que, enquanto o MDB procura conduzir a campanha eleitoral com equilíbrio, sem ataques pessoais, a Arena tem descido de nível em vários Municípios. Citou que, em Rio Bonito, um candidato emedebista foi ameaçado de agressão física e, em Porciúncula, o candidato Francisco Lira chegou a ser agredido a coronhadas e a dentadas.

OBRA DE FATO — Quando, a 26 de maio, era assinado convênio entre o DNOS, o Estado e a Prefeitura de Maricá, para a construção de uma ponte de ligação do centro da cidade à orla marítima, o Deputado Flávio Palmier da Veiga (Arena) não supunha que a obra se realizasse em ritmo acelerado. Em visita ao local, com o Prefeito Odenir Costa, verificou-se que a ponte já está com a estrutura quase concluída, "o que prova que, no atual Governo, não são feitas promessas em vão".

ZONA OESTE — Após o Deputado Frederico Trota (MDB) voltar a condenar a destruição da Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, o Deputado José Miguel (Arena) congratulou-se com o Secretário de Indústria e Comércio e o Governo do Estado, pela instalação de parque industrial em Sepetiba, que desenvolverá a Zona Oeste da Capital.

CUSTOS — O Deputado Henrique Pessanha (MDB) sugeriu que a Taxa Rodoviária Única incidente sobre caminhões que transportam gêneros alimentícios deve ser reduzida ou anulada, como forma de baixar os custos desses produtos, que são os de maior peso na economia popular. Disse que a TRU desses veículos é a mais elevada, o que contraria a política de contenção do custo-de-vida.

ILEGALIDADE — Todo contratado da Cedae, pela CLT, que solicite licença para tratamento de saúde é transferido de unidade e fica sob a ameaça de ser dispensado do trabalho, sem justa causa, o que contraria frontalmente a legislação federal. A afirmação é do Deputado Lázaro de Carvalho (MDB), que pediu providências às autoridades estaduais.

MELHORIA — A cobrança de taxa de melhoria, em razão das obras do metrô, aventada pela Companhia do Metropolitano, foi condenada pelo Deputado Francisco Lomelino (MDB), dizendo que o Estado não pode adotar a medida sem que, ao mesmo tempo, providencie o ressarcimento dos prejuízos da desvalorização do imóvel em razão de outras obras públicas, como o Elevado Paulo de Frontin.

PARADOXO — O Deputado Jorge Leite (MDB) criticou o paradoxo existente entre a alta do custo-de-vida e a falta de gêneros alimentícios de primeira necessidade, notadamente o feijão preto, creditando-o à tecnocracia. Estranhando que a Arena fique quieta diante de tal assunto, disse não compreender os escalões superiores, que falam em prestigiar o partido revolucionário, mas comete falha gritante como a do abastecimento. A defesa dos arenistas foi feita pelo Líder Luís Fernando Linhares, lembrando que a falta do feijão se deve a fenômenos climáticos, impossíveis de ser controlados, mesmo pela tecnocracia, contra a qual ele também é.

REALIDADE — A explanação do Secretário de Planejamento, Ronaldo Costa Couto, na Sociedade de Engenheiros e Arquitetos sobre o processo de fusão RJ-GB, foi elogiada pelo Deputado Júlio Louzada (Arena), dizendo que ela demonstra a realidade de surgimento do novo Estado do Rio, em que o Governo não se aventura a realizar obras sem ter os recursos para a sua conclusão.

VENCIMENTOS — O Deputado José Nader (Arena) solicitou ao Governo do Estado que promova a revisão dos níveis de vencimentos da polícia civil, principalmente para os integrantes do Quadro III, "que continuam em sensível disparidade ante os companheiros do Quadro II, gerando uma situação para todos constrangedora".

29/09/76

O terror excomungado

"O FLUMINENSE" - 29/9/76

Bispo afirma que objetivo dos seqüestradores era humilhá-lo

A apreensão e o cuidado nas respostas misturaram-se aos 15 litros de café e oito quilos de biscoitos, doces e salgados, durante a entrevista coletiva concedida ontem pela manhã no Centro de Formação de Líderes da Diocese de Nova Iguaçu pelo bispo Dom Adriano Hypolito. Durante 75 minutos o prelado respondeu às mais variadas perguntas de cerca de 30 jornalistas convocados com antecedência de uma semana pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para falar sobre os lances do seqüestro de que foi vítima na semana passada.

Marcado para as 9 horas da manhã, o encontro entre Dom Adriano e os repórteres somente começaria às 10 horas e 20 minutos, isto porque estava sendo aguardada a chegada ao Rio de Dom Aloísio Lorscheiter, presidente da CNBB, que, ao término da entrevista, ameaçou os seqüestradores com as penas da excomunhão, o que se concretizou horas depois, quando foi anunciado que a Igreja resolvera excomungar o grupo terrorista.

Operários que trabalham em obras da Diocese também foram convidados a participar da entrevista, bem como auxiliares diretos de Dom Adriano. Sem serem convidados, compareceram funcionários da seção do DOPS, em Nova Iguaçu, que cumprindo a rotina de seu trabalho fotografaram toda a assistência sem que fossem molestados. Sacerdotes estrangeiros, robustos, em roupas civis e fumando muito, cuidaram da segurança.

— Eles quiseram apenas desmoralizar a figura do bispo — disse Dom Adriano — e não acredito que meus seqüestradores sejam integrantes do chamado Esquadrão da Morte, pois se o fossem bastaria que me levassem para um local deserto me liquidando.

Assim o bispo confirmaria levantamento realizado há quatro dias pelo O FLU, que afastou de suspeitas os assassinos da Caveira, que não têm por hábito deixar vivas suas vítimas.

"ESTAMOS ALEGRES"

Operários em roupas humildes agrupavam-se nos fundos do auditório do Centro de Formação de Líderes, na Rua Aimoré, no bairro do Moquetá. Na igreja Matriz um sacerdote à paisana,

Com capacidade para alojar 160 visitantes, o Centro de Formação de Líderes foi construído com a ajuda de religiosos católicos da Alemanha Ocidental. Fica em um ponto deserto, próximo à Via Dutra, e tem ao lado uma igreja protestante da Assembléia de Deus.

Com um amplo auditório, com capacidade para 250 pessoas, o Centro preparou-se para receber Dom Adriano com uma faixa de cinco metros, colocada atrás da mesa dos conferencistas e onde se lia: "Dom Adriano (em azul) todos nós estamos alegres porque você está de volta (em vermelho)".

Às 10 horas e 10 minutos Dom Adriano dava entrada no auditório. Trajava batina cinza, óculos e sapatos novos, não apresentava qualquer ferimento visível e foi muito cumprimentado. Estava acompanhado de Dom Aloísio e Dom Ivo Lorscheiter, respectivamente presidente e secretário da CNBB, de Dom Lopes Trujillo, Secretário-Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, de Dom Artur, Vigário-Geral da Diocese de Nova Iguaçu, e do padre irlandês Davi Keegan, da Catedral, e que na quarta-feira, dia do seqüestro, foi a delegacia anunciar o ocorrido.

AO DOPS E AO SNI

Às 10 horas e 15 minutos Dom Adriano **puxou** um Padre-Nosso acompanhado por todos os presentes, inclusive pelo repórter-fotográfico Adir Mera, de **Manchete**, que socorreu o religioso quando este foi encontrado despido, amarrado e pintado de vermelho em Jacarepaguá.

Com voz firme e sotaque de nordestino (é da Paraíba) Dom Adriano abriu os trabalhos cumprimentando o público e também aos agentes do DOPS e do SNI que estivessem presentes e informou que anteriormente ao seqüestro não houvera qualquer ameaça, daí porque não tomara nenhuma precaução.

— Tenho certeza de que meus seqüestradores não pertencem ao Esquadrão da Morte — disse Dom Adriano —, pois se o fossem por certo me apanhariam na porta de casa e me levariam para um local deserto e me eliminariam. Pois este é o método do Esquadrão. O intuito dos seqüestradores foi o de me hu-

personas e os autores do atentado à residência do Sr. Roberto Marinho.

"NÃO SOU POLÍTICO"

Dom Adriano insistiu em afirmar que não tem qualquer ligação política e que sua missão é exclusivamente pastoral. Sua Diocese, contudo, está preparando um trabalho de orientação para os eleitores cristãos nas próximas eleições.

Não acrescentou muita coisa ao que já foi noticiado quanto ao seqüestro propriamente dito, fazendo, notar, entretanto, que seus captores, por certo, conhecem bem a região e que são elementos primários pois usaram a expressão "o senhor vale quatro milhas", como se fossem marginais comuns.

A EXCOMUNHÃO

A Igreja excomungou os seqüestradores de Dom Adriano Hypolito, contra os quais foi aplicado o Canon 2343, parágrafo terceiro do Código de Direito Canônico, que estabelece esta punição a "quem praticar violência contra a pessoa de um patriarca, arcebispo ou bispo, embora só titular", informou em nota oficial a CNBB. O comunicado de quatro pontos, assinados pelo presidente da CNBB, Dom Aloísio Lorscheiter, esclarece que este canon castiga "as injúrias reais, consistentes em ações contra o corpo ou contra a liberdade, ou contra a dignidade". A presidência da entidade recorda que "este castigo canônico aponta a gravidade do delito cometido contra Dom Adriano Mandarino Hypolito".

Em seu último item a nota diz que "com toda a comunidade católica, a presidência da CNBB pede a Deus que inspire melhores sentimentos aos que ora incorreram na dolorosa mas necessária sanção eclesiástica".

MENSAGEM DE AGRADECIMENTO

"Através dos meios de comunicação social, sempre vigilantes na tarefa de bem informar a opinião pública, quero agradecer a todos os que nestes dias penosos me trouxeram palavras de conforto e de solidariedade.

Agradeço particularmente ao Sr. Núncio Apostólico D. Carmine Rocco, que ficou ao meu lado durante algumas horas; ao Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, que pôs todos os recursos da Arquidiocese à minha disposição, de modo especial o Centro de Estudos do Sumaré; à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pelo seu secretário D. Ivo Lorscheiter; aos meus queridos irmãos no episcopado, religiosos e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, que se sentiram atingidos pela violência feita ao seu irmão mais velho; aos meus parentes e amigos que tanto sofreram comigo. Agradeço a todos em meu próprio nome e no nome das vítimas inocentes que foram Fernando Leal Webering e Maria del Pilar Iglesias.

Temos certeza de que as autoridades públicas agirão com presteza e decisão, para descobrirem a trama que envolve não somente a mim pessoalmente, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como ainda a Associação Brasileira de Imprensa e a Ordem dos Advogados do Brasil.

Estamos certos de que as autoridades farão tudo, já que estão empenhadas em garantir o bem estar da nação. Cónscias de sua responsabilidade, não permitirão que os esforços de todos sejam prejudicados pelo fanatismo de alguns. Contam com todos os brasileiros.

Um agradecimento muito especial às autoridades públicas do Estado do Rio e do país, a todos que manifestaram sua revolta pelas violências perpetradas contra mim.

Por fim, quero manifestar minha gratidão particular aos meios de comunicação social pela cobertura que deram aos acontecimentos, pelas expressões de solidariedade humana que manifestaram.

Todo o meu desejo, como cidadão brasileiro, como cristão, como bispo da Santa Igreja tem sido somente servir aos meus irmãos. É neste desejo imenso de servir que tenho falado e agido. Estou plenamente seguro de que podemos construir um mundo melhor.

Hoje, como ontem e como amanhã, me disponho a servir os meus irmãos, porque neles vejo a face de Jesus Cristo a quem quero servir.

Nova Iguaçu, 27 de setembro de 1976.

Bispo afirma que objetivo dos seqüestradores era humilhá-lo

A apreensão e o cuidado nas respostas misturaram-se aos 15 litros de café e oito quilos de biscoitos, doces e salgadinhos, durante a entrevista coletiva concedida ontem pela manhã no Centro de Formação de Líderes da Diocese de Nova Iguaçu pelo bispo Dom Adriano Hypolito. Durante 75 minutos o prelado respondeu às mais variadas perguntas de cerca de 30 jornalistas convocados com antecedência de uma semana pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para falar sobre os lances do seqüestro de que foi vítima na semana passada.

Marcado para às 9 horas da manhã, o encontro entre Dom Adriano e os repórteres somente começaria às 10 horas e 20 minutos, isto porque estava sendo aguardada a chegada ao Rio de Dom Aloísio Lorscheiter, presidente da CNBB, que, ao término da entrevista, ameaçou os seqüestradores com as penas da excomunhão, o que se concretizou horas depois, quando foi anunciado que a Igreja resolvera excomungar o grupo terrorista.

Operários que trabalham em obras da Diocese também foram convidados a participar da entrevista, bem como auxiliares diretos de Dom Adriano. Sem serem convidados, compareceram funcionários da seção do DOPS, em Nova Iguaçu, que cumprindo a rotina de seu trabalho fotografaram toda a assistência sem que fossem molestados. Sacerdotes estrangeiros, robustos, em roupas civis e fumando muito, cuidaram da segurança.

— Eles quiseram apenas desmoralizar a figura do bispo — disse Dom Adriano — e não acredito que meus seqüestradores sejam integrantes do chamado Esquadrão da Morte, pois se o fossem bastaria que me levassem para um local deserto me liquidando.

Assim o bispo confirmaria levantamento realizado há quatro dias pelo O FLU, que afastou de suspeitas os assassinos da **Ca-veira**, que não têm por hábito deixar vivas suas vítimas.

"ESTAMOS ALEGRES"

Operários em roupas humildes agrupavam-se nos fundos do auditório do Centro de Formação de Líderes, na Rua Aimoré, no bairro do Moquetá. Na igreja Matriz um sacerdote à paisana, em castelhano, nos ensinara o caminho:

— Dobre a primeira à esquerda e em seguida a quarta rua à esquerda.

Com capacidade para alojar 160 visitantes, o Centro de Formação de Líderes foi construído com a ajuda de religiosos católicos da Alemanha Ocidental. Fica em um ponto deserto, próximo à Via Dutra, e tem ao lado uma igreja protestante da Assembléia de Deus.

Com um amplo auditório, com capacidade para 250 pessoas, o Centro preparou-se para receber Dom Adriano com uma faixa de cinco metros, colocada atrás da mesa dos conferencistas e onde se lia: "Dom Adriano (em azul) todos nós estamos alegres porque você está de volta (em vermelho)".

Às 10 horas e 10 minutos Dom Adriano dava entrada no auditório. Trajava batina cinza, óculos e sapatos novos, não apresentava qualquer ferimento visível e foi muito cumprimentado. Estava acompanhado de Dom Aloísio e Dom Ivo Lorscheiter, respectivamente presidente e secretário da CNBB, de Dom Lopes Trujillo, Secretário-Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, de Dom Artur, Vigário-Geral da Diocese de Nova Iguaçu, e do padre irlandês Davi Keegan, da Catedral, e que na quarta-feira, dia do seqüestro, foi à delegacia anunciar o ocorrido.

AO DOPS E AO SNI

Às 10 horas e 15 minutos Dom Adriano **puxou** um Padre-Nosso acompanhado por todos os presentes, inclusive pelo repórter-fotográfico Adir Mera, de **Manchete**, que socorreu o religioso quando este foi encontrado despido, amarrado e pintado de vermelho em Jacarepaguá.

Com voz firme e sotaque de nordestino (é da Paraíba) Dom Adriano abriu os trabalhos cumprimentando o público e também aos agentes do DOPS e do SNI que estivessem presentes e informou que anteriormente ao seqüestro não houvera qualquer ameaça, daí porque não tomara nenhuma precaução.

— Tenho certeza de que meus seqüestradores não pertencem ao Esquadrão da Morte — disse Dom Adriano —, pois se o fossem por certo me apanhariam na porta de casa e me levariam para um local deserto e me eliminariam. Pois este é o método do Esquadrão. O intuito dos seqüestradores foi o de me humilhar, de desmoralizar um bispo deixando-o nu. Deve haver qualquer tipo de ligação entre essas

pessoas e os autores do atentado à residência do Sr. Roberto Marinho.

"NÃO SOU POLITICO"

Dom Adriano insistiu em afirmar que não tem qualquer ligação política e que sua missão é exclusivamente pastoral. Sua Diocese, contudo, está preparando um trabalho de orientação para os eleitores cristãos nas próximas eleições.

Não acrescentou muita coisa ao que já foi noticiado quanto ao seqüestro propriamente dito, fazendo, notar, entretanto, que seus captores, por certo, conhecem bem a região e que são elementos primários pois usaram a expressão "o senhor vale quatro milha", como se fossem marginais comuns.

A EXCOMUNHÃO

A Igreja excomungou os seqüestradores de Dom Adriano Hypolito, contra os quais foi aplicado o Canon 2343, parágrafo terceiro do Código de Direito Canônico, que estabelece esta punição a "quem praticar violência contra a pessoa de um patriarca, arcebispo ou bispo, embora só titular", informou em nota oficial a CNBB. O comunicado de quatro pontos assinados pelo presidente da CNBB, Dom Aloísio Lorscheiter, esclarece que este canon castiga "as injúrias reais, consistentes em ações contra o corpo ou contra a liberdade, ou contra a dignidade". A presidência da entidade recorda que "este castigo canônico aponta a gravidade do delito cometido contra Dom Adriano Mandarino Hypolito".

Em seu último item a nota diz que "com toda a comunidade católica, a presidência da CNBB pede a Deus que inspire melhores sentimentos aos que ora incorreram na dolorosa mas necessária sanção eclesial".

MENSAGEM DE AGRADECIMENTO

"Através dos meios de comunicação social, sempre vigilantes na tarefa de bem informar a opinião pública, quero agradecer a todos os que nestes dias penosos me trouxeram palavras de conforto e de solidariedade.

Agradeço particularmente ao Sr. Nuncio Apostólico D. Carmine Roeco, que ficou ao meu lado durante algumas horas; ao Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, que pôs todos os recursos da Arquidiocese à minha disposição, de modo especial o Centro de Estudos do Sumaré; à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pelo seu secretário D. Ivo Lorscheiter; aos meus queridos irmãos no episcopado, religiosos e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, que se sentiram atingidos pela violência feita ao seu irmão mais velho; aos meus parentes e amigos que tanto sofreram comigo. Agradeço a todos em meu próprio nome e no nome das vítimas inocentes que foram Fernando Leal Webering e Maria del Pilar Iglesias.

Temos certeza de que as autoridades públicas agirão com presteza e decisão, para descobrir a trama que envolve não somente a mim pessoalmente, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como ainda a Associação Brasileira de Imprensa e a Ordem dos Advogados do Brasil.

Estamos certos de que as autoridades farão tudo, já que estão empenhadas em garantir o bem estar da nação. Côncias de sua responsabilidade, não permitirão que os esforços de todos sejam prejudicados pelo fanatismo de alguns. Contam com todos os brasileiros.

Um agradecimento muito especial às autoridades públicas do Estado do Rio e do país, a todos que manifestaram sua revolta pelas violências perpetradas contra mim.

Por fim, quero manifestar minha gratidão particular aos meios de comunicação social pela cobertura que deram aos acontecimentos, pelas expressões de solidariedade humana que manifestaram.

Todo o meu desejo, como cidadão brasileiro, como cristão, como bispo da Santa Igreja tem sido somente servir aos meus irmãos. É neste desejo imenso de servir que tenho falado e agido. Estou plenamente seguro de que podemos construir um mundo melhor.

Hoje, como ontem e como amanhã, me disponho a servir os meus irmãos, porque neles vejo a face de Jesus Cristo a quem quero servir.

Nova Iguaçu, 27 de setembro de 1976.

Dom Adriano Mandarino Hypolito

Bispo de Nova Iguaçu.

NAS MÃOS DE DEUS

(A noite de 22 de setembro, 1976)

*Na quarta-feira, dia 22 de setembro, pelas 19 horas, saí do

meu gabinete na Cúria Diocesana. Tinha acabado o expediente normal meia hora mais tarde. O último atendido então foi nosso operário Fidélis, que foi assaltado no domingo anterior e vinha pedir um adiantamento em dinheiro. Desci à galeria, mas fiquei conversando ainda uns dez minutos com o P. Henrique (David, da Catedral. No meu Volkswagen Sedan já estavam sentados meu sobrinho Fernando Leal Webering; ao volante e, no banco traseiro, sua noiva Maria del Pilar Iglesias.

Pelas 19,15 horas me despedi, entrei no VW ao lado de Fernando e saímos. Tomamos o caminho de todos os dias. Sem notar nada de extraordinário. Fomos para casa, no Parque Flora. Pilar, que aproveita todas as tardinhas a carona, ficaria no caminho, na Rua Paraguaçu.

Ao entrarmos na rodovia Pres. Dutra (direção de São Paulo), um pouco depois do km. 13, como um caminhão passasse em alta velocidade, tivemos de nos manter no acostamento. Aí estava parado um Volkswagen vermelho, que atrapalhou um pouco a nossa entrada na Dutra. Passamos do acostamento para a rodovia e parece que o VW vermelho seguiu atrás de nós.

Passamos sob o viaduto que liga a rua Roberto Silveira com a estrada de Ambai e o bairro da Posse mas, como fazemos nos últimos meses para evitar um cruzamento perigoso e muito movimento da praça da Posse, seguimos até o posto de gasolina e dobramos à direita pela rua Minas Gerais. Continuamos por essa rua normalmente. No ponto onde a rua Minas Gerais corta a rua Gama, na esquina à esquerda, estava parado um carro de faróis acesos que procurou avançar com rapidez na nossa frente. Fernando avançou mais rápido, pelo que o repreendi. Dobramos, como sempre, à direita, pela rua Gama, daí entrando pela esquerda na rua D. Benedita. Dois carros nos seguiam. Fernando observou: "Parecem malucos, ou estão brigando". Eu acrescentei: "Apreste mais para a gente não se envolver na briga". Ele acelerou e assim entramos à esquerda, na rua Moçambique. Neste momento, um VW vermelho nos fechou. Paramos um instante e olhamos indignados. Logo retomamos a viagem, sem ainda percebermos a situação real. Eu estive certo de que era mesmo uma briga dos dois carros. Galgamos a rua Moçambique, que é ladeirosa e curta, e no topo dobramos à direita para a rua Paraguaçu, que é onde mora Pilar, no fim, na penúltima casa antes de entrar na estrada de Ambai. Eu disse a Fernando que se aproximasse mais do meio fio, para Pilar poder saltar sem perigo e os briguentos poderem passar sem nos incomodar.

Uns cinco metros antes do Portão de Pilar, o VW vermelho nos cortou pela frente e um outro carro pelo lado. Saltam cinco ou seis homens armados de pistolas, ameaçadores, e se aproximam do nosso carro. Do meu lado um grita: "É um assalto. Saia logo senão atiro". Hesitei um pouco, tentando saber de que se tratava. Com palavras abriu a porta de meu lado e me puxaram. Tropecei e caí, perguntando ainda: "Meu irmão, o que foi que eu lhe fiz?"

Com brutalidade, dois elementos me arrastaram e me atiraram no banco traseiro do carro deles, com pancadas na cabeça e no corpo, para eu me acachapar. Ainda vi por dois ou três segundos a cara do que ia no volante, chamando-me atenção os óculos quadrados sem aro. O outro elemento, de cara redonda e rude, tinha as faces marcadas por cicatrizes de espinhas infeccionadas. Julgo ter visto ainda Pilar imóvel na frente do portão da casa dela e algumas pessoas, imóveis também, nas portas da padaria que fica logo depois da casa de Pilar, na esquina da rua Paraguaçu com a estrada de Ambai.

Logo o elemento que estava ao lado do motorista se virou com pancadas para mim e me encapuzou. O capuz era de fazenda grossa, parecendo lona. Senti-me asfixiar. Amarrou o capuz, mas ainda pude ver as algemas: eram pretas, talvez de ferrugem. Ainda me algemando, deram o arranque com toda violência, sempre batendo-me na cabeça e no corpo para eu me abaixar. Logo me algemou, primeiro no pulso do braço direito e depois na mão esquerda. Senti que viraram pela estrada de Ambai, na direção de Nova Iguaçu. Sempre me batia, soltando palavrões. A cena na porta da casa de Pilar deve ter durado uns oito a dez minutos e foi muito violenta.

Depois de uns poucos minutos de encapuzado, com as voltas do carro sempre em disparada louca, perdi totalmente a noção de espaço. Não consegui um só instante identificar os lugares por onde passávamos. Andamos por estrada asfaltada, por estrada de

paralelepípedos, por estradas de barro. Sempre em alta velocidade. Parecia uma viagem de loucos. Logo no começo, ouvi o elemento da direita dizer para o motorista: "Este serviço vai render quatro milha".

Daí a pouco, começou a me apalpar, à procura talvez de arma ou de carteira. Como não encontrasse nem uma nem outra, começou a cortar os botões de minha batina, um por um. E quando descobriu os bolsos, esvaziou-os. Num eu tinha lenços, os óculos de leitura e um terço. No outro, a agenda de bolso, com meus documentos e algum dinheiro e ainda lenços. Tirou tudo o que encontrou. Tirou o relógio, cortando a pulseira de plástico.

Depois de correremos como loucos uns trinta ou quarenta minutos, paramos (antes tinha feito duas ou três paradas). Saíram do carro e daí a pouco mandaram que eu saísse também: "Saia..." (com palavrão). Saí puxado. A primeira coisa que fizeram foi tirar toda a roupa, deixando-me inteiramente nu. Aí então tentaram enfiar-me na boca o gargalo de uma garrafa de cachaca. Senti nos lábios o gosto e resisti. Não insistiram, mas um derramou a cachaca no capuz. Senti-me asfixiar e caí no chão estrebuchando. Pensei que ia perder completamente os sentidos, mas aos poucos me recuperei.

Eu estava deitado, no lado esquerdo, num chão irregular de pedras e gravetos. A uma distância de 50—100 metros ouvia-se passar algum carro, devíamos estar assim perto de uma estrada.

Começaram os insultos e provocações. Havia um que rugia como fera. Outro me disse: "Chegou tua hora, miserável, traidor vermelho. Nós somos da Ação (não me recorde se disseram Ação, Aliança ou Comando) anticomunista brasileira e vamos tirar vingança. Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do bispo Calheiros de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos traidores". Depois acrescentaram: "Diga que é comunista, miserável." Ao que respondi: "Nunca fui, não sou nem serei comunista. O que eu fiz foi sempre defender o povo". De vez em quando me davam pontapés.

A certa altura ouvi, numa distância que calculo de 20 metros aproximadamente, a voz de Fernando que gritava: "Não façam isto comigo, eu não fiz nada!" Tive a impressão de que estavam batendo nele. Resolvi então falar: "Deixem o rapaz, ele não tem culpa de nada. O que foi que ele fez?" Repeti ainda outra vez estas ou palavras semelhantes. Alguém retrucou: "Que nada! Quem ajuda comunista é comunista!"

Começaram a lançar spray no meu corpo. Eu sentia o borf-far e o frio do spray. Tinha um cheiro acre. Pensei que iam me queimar. Escutei alguém dizer: "É pra cortar". Depois me disseram duas vezes: "O chefe deu ordem pra não matar, você não vai morrer não. É só pra aprender a deixar de ser comunista". Houve um silêncio mais prolongado e então me deram ordem de entrar novamente no carro. A cena tinha durado entre 30 a 40 minutos.

Empurraram-me, todo nu, para dentro do carro, novamente no banco traseiro. Sempre encapuzado e algemado. Fizaram-me acachapar ao máximo no banco, sempre às custas de pancadas, depois colocaram por cima de mim umas tiras do que acho que tinha sido minha batina.

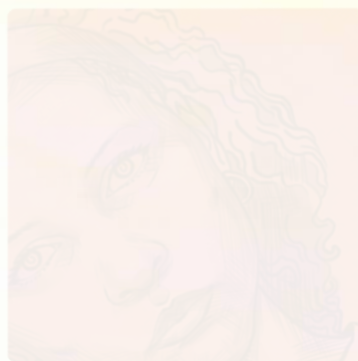
O carro arrancou. Quem falava agora no volante era um elemento de voz fanhosa. O outro indivíduo, ao lado do motorista, falava enrolado, dava berros selvagens, como que para me amedrontar. Recomeçou uma corrida selvagem, como anteriormente. O elemento da direita começou a abrir as algemas, o que conseguiu com muita dificuldade. Depois me amarrou fortemente com cordas, primeiro as mãos. Com a ponta da mesma corda desceu até os meus pés e amarrou fortemente também os tornozelos.

Senti que andávamos correndo por estrada asfaltada ou de paralelepípedos ou de barro. Às vezes, estávamos mais perto de lugar mais habitado, pois eu ouvia vozes de crianças ou latidos. Paramos duas vezes. Em certo momento, julguei que estávamos perto de minha casa, pois os latidos dos cachorros pareciam conhecidos. Sempre em corrida louca. Não falavam. Apenas o elemento da direita acomodava de vez em quando os trapos da batina sobre mim, parece que para eu não ser visto. Devemos ter andado uma meia hora. Paramos então.

Nu e atado fiquei na calçada. Era uma rua ajeitada, com pouca luz, lembrando alguns bairros de Nova Iguaçu. Na casa defronte, uma luz fraca saía da janela. Tentei desamarrar a corda, mas os nós estavam muito apertados.

Passa um carro da esquerda para a direita, bem perto de mim. Faço um gesto com as mãos amarradas. Vêem mas não param. Do outro lado, vejo andando três mulheres. Preferi não fazer sinal nenhum. Passa um segundo carro da esquerda para a direita também. Não me vê? Nisto se aproxima, do lado da rua em que me encontro, um rapaz. Chega-se perto de mim e eu peço: "O sr. pode me desamarrar? Eu sou padre e fui assaltado". Começa a me ajudar. Nisto chega, vindo da direita, um carro que pára e pergunta: "O que é que aconteceu?" Digo o que foi. Um senhor salta, vem me ajudar a cortar as cordas e pergunta o que eu preciso. Respondo: "Uma calça". Ele promete ir buscar, porque mora perto. Eram cerca de 21,45 hs.

Juntaram-se alguns homens que me perguntam o que aconteceu. Tento explicar. Não entendem os nomes das ruas e dos bairros. Pergunto então: "Em que bairro de Nova Iguaçu a gente está?" Aham certa graça e respondem: "O senhor está em Jacarepaguá". Perguntam ainda se estou ferido. Aí descubro que o spray me deixou todo vermelho.



TRIBUNA DE PETRÓPOLIS

JORNAL DA CIDADE DE PETRÓPOLIS

CEPDM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - PETRÓPOLIS - RJ

Tribuna de Petrópolis

ANO LXXIV

SÁBADO, 25 DE SETEMBRO DE 1976

NÚMERO 285

DIOCESE DE PETROPOLIS

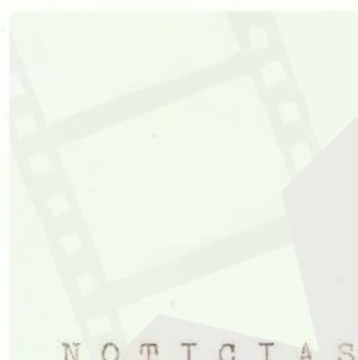
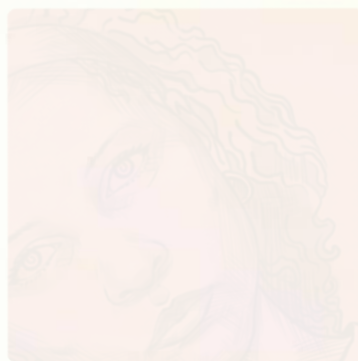
Solidária com o Bispo Sequestrado

Repercutem ainda, dolorosamente, o seqüestro e as violências sofridas por Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu que, felizmente, agora está bem.

Nossa reportagem teve conhecimento que, tão pronto foi conhecida a notícia publicada pela TRIBUNA DE PETROPOLIS, o Bispo da nossa Diocese, Dom Manoel Pe-

dro da Cunha Cintra, entrou em contato com o Bispo Auxiliar, Dom José Fernandes Veloso e, logo após, os dois dignatários da Igreja se deslocaram para Nova Iguaçu, onde foram, pessoalmente, hipotecar toda a solidariedade e conforto moral ao excelso Pastor daquela cidade fluminense.

A presença de Dom Manoel Pedro e Dom José Fernandes Veloso em Nova Iguaçu foi a presença da própria Diocese de Petrópolis, e Dom Adriano Hipólito ficou muito reconhecido a esse gesto fraterno na hora mais necessária.



DIÁRIO DE NOTÍCIAS

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

30.11.77

Dom Hipólito: luta da Igreja por uma sociedade mais justa.

Em entrevista coletiva concedida à imprensa ontem à tarde na Casa de Retiro São Francisco, o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, disse que "a luta da Igreja é a conquista de uma estrutura social mais justa". Dom Hipólito está em Salvador a convite da Arquidiocese e ontem participou do encontro mensal do clero, em Itapua, onde proferiu uma conferência sobre a "Catequese do pensamento do Sínodo".

O bispo de Nova Iguaçu chegou há uma semana de Roma, onde esteve num encontro entre bispos de mundo inteiro discutindo sobre a "Catequese no Sínodo Mundial dos Bispos". Segundo afirmou, o Sínodo é uma instituição nova na vida da Igreja. Dom Adriano trabalhou em Salvador durante quatro anos como bispo auxiliar, sendo transferido para a Diocese de Nova Iguaçu, onde está há 11 anos. Sobre o sequestro que sofreu no ano passado, o bispo declarou que a Auditoria da Marinha arquivou o processo alegando falta de provas.

POVO MARGINALIZADO

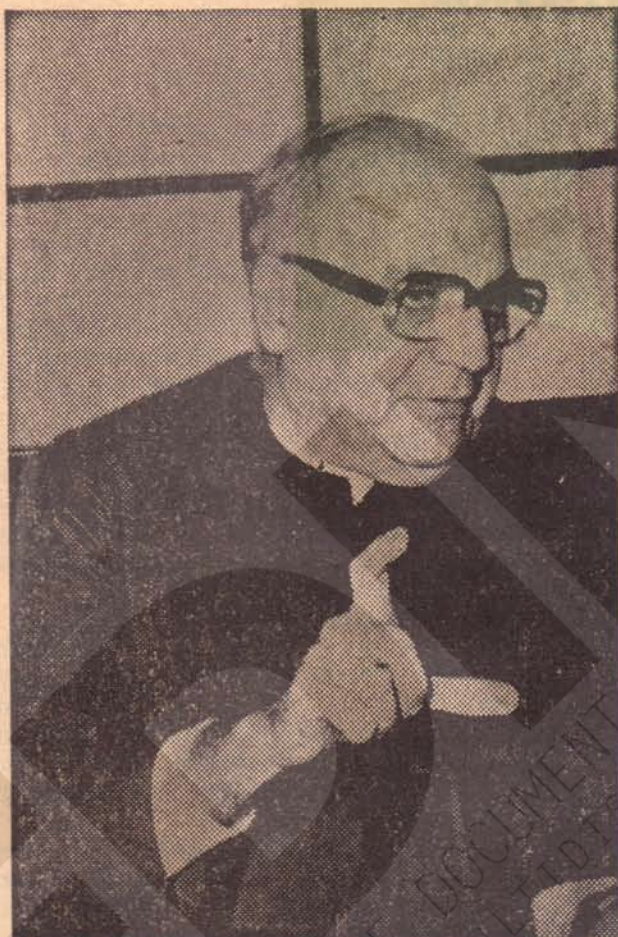
Alegando que a Igreja "dá o impulso, mas não assume a política nem aspira o Poder porque não é da sua competência", o bispo Dom Adriano Hipólito disse lamentar que a democracia no Brasil nunca tenha se preocupado em integrar o povo no processo social. "Temos uma democracia fragilíssima, porque deixa o povo marginalizado", — disse Dom Hipólito.

Adiantou ainda o bispo de Nova Iguaçu que "PSD, UDN e outros, eram partidos que giravam em torno de personalidades fortes, mas não olhavam para o povo e não ser em épocas de eleições". Dom Hipólito considera viável a convocação de uma Constituinte e diz que "hoje alegam que o povo não sabe votar, porém ele só vai aprender, votando". Na opinião do bispo, os constituintes devem captar os problemas do povo e tirar daí elementos para uma constituição popular. Advertiu Dom Hipólito que "estamos numa situação de emergência que já dura quase 14 anos".

IGREJA E ESTADO

O bispo Dom Adriano Hipólito considera que as relações entre a Igreja e o Estado têm se modificado. Alegando que a Igreja quer apenas o direito que todo cidadão tem, Dom Hipólito adiantou que "a Igreja não precisa do Estado para se realizar como Igreja". Sobre a possível criação de um Partido Democrata Cristão, disse o bispo que a igreja oficial não pode ter um partido político e adverte que resultou num desastre em toda parte que a Igreja esteve envolvida partidariamente. Admitiu entretanto, Dom Hipólito, que "a luta da Igreja junto ao povo tem causado muitos atritos com os poderes do momento".

Falando sobre o encontro dos bispos em Roma, Dom Hipólito disse que "normalmente se pensa em catequese como uma mensagem dirigida às crianças e adolescentes", mas que no encontro foi discutida uma catequese engajada na problemática do homem. "Uma transmissão de valores existenciais, a catequese deve dar uma resposta

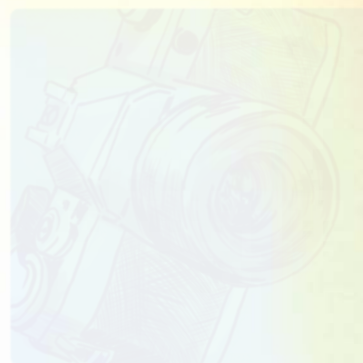
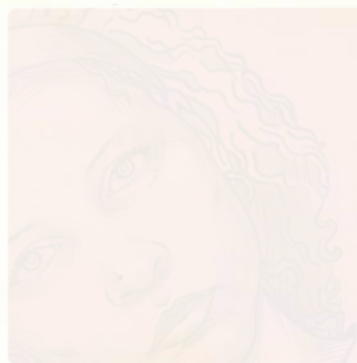


Considerando viável a convocação de uma Constituinte, Dom Hipólito observou: "Hoje alegam que o povo não sabe votar, porém ele só vai aprender votando".

aos problemas de uma nação", adiantou o bispo.

Sobre o trabalho que desenvolve atualmente na Diocese de Nova Iguaçu e olhamos mais amplamente alguns setores do Estado do Rio Dom Hipólito disse não ver com exagero o clima de margina-

lidade. Mas salientou que existe muita impunidade. "Lendo os jornais quantas vezes vemos o "Esquadrão da Morte" envolvido em crimes e tráfico? "Perguntou o bispo e adiantou que a impunidade significa um convite a cometerem outro crime.



O DIA

JORNAL DO RIO DE JANEIRO

CEPIM

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Seqüestraram o

Bispo de N. Iguaçu

☆☆☆ 3º CLICHÊ

Rio, quinta-feira, 23-setembro-1976

VÍTIMA DE SEQUESTRO O BISPO DE NOVA IGUAÇU

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, de 58 anos, foi seqüestrado cerca das 19 horas de ontem, com seu sobrinho Fernando Leal, na ocasião em que conduzia a noiva do rapaz à sua residência, na Rua Paraguaçu, 671, no bairro da Posse, naquela cidade fluminense, sendo mais tarde encontrado despido e manietado num local ermo da Rua Jupará, na Praça Seca, em Jacarepaguá.

O religioso havia deixado a Catedral de Nova Iguaçu, localizada na Rua Marechal Floriano Peixoto, no fuscão de sua propriedade, que era dirigido pelo sobrinho. Quando se aproximavam da residência da noiva de Fernando, o veículo foi «fechado» por dois carros — um Volks vermelho e um Chevrolet antigo — tendo os dois homens arrancado o bispo e o colocado num dos carros que ocupavam. Um outro rendeu Fernando, ocupando o fuscão que dirigia.

A noiva de Fernando Leal saiu correndo e imediatamente entrou em contato com as autoridades policiais de Nova Iguaçu, que expediram mensagens, através do rádio, para todas as delegacias, pedindo a apreensão dos veículos e prisão dos seqüestradores.

Os bandidos, depois de manterem o bispo e seu sobrinho em seu poder por mais de duas horas, acabaram abandonando o sacerdote, na Rua Jupará, onde foi ele, mais tarde, encontrado com as mãos amarradas e completamente despido, pelo Sr. José Menezes, que passava pelo local na camioneta Rural RJ Ks 4252, dirigida pelo motorista Evandro Moreira, casado, 41 anos, Rua CM, 131, bloco 24, ap. 24, Padre Miguel.

O bispo foi então conduzido à residência do jornalista Acyr Méra, morador nas imediações, que lhe forneceu rou-

ram-lhe um capuz e que percorreu diversas ruas, algumas calçadas e outras cheias de buracos. Durante o trajeto, passaram a cortar a sua batina, até deixá-lo despido, tendo ainda o obrigado a beber cachaça para em seguida pintarem o seu corpo com mercurocromo.

Minutos após a chegada do religioso àquela Delegacia, ali compareciam o Vigário-Geral da Catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann e os padres Manoel Monteiro (chanceler), André Coock e David Kigan, que foram lhe prestar solidariedade. Também agentes do DOPS e de outras especializadas ali estiveram para ouvi-lo.

CARRO DESTRUÍDO

Passadas algumas horas do seqüestro, a reportagem era informada da explosão de um carro no Largo da Glória. As autoridades da 9ª DP, tendo à frente o delegado Jacques de Brito, comparecendo ao local em companhia do perito Frascalle, do Instituto de Criminalística, apuraram que o veículo, de cnapa de Nova Iguaçu, RJ EB 7591, era o fuscão vermelho de propriedade do religioso. Os autores do atentado provocaram a explosão do veículo bem no meio da rua, defronte à sede da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB).

Populares informaram à Polícia que os autores do atentado foram dois rapazes, um dos quais de camiseta e outro sem camisa, que depois de pararem o fuscão naquele local, colocaram um embrulho debaixo do veículo e saíram correndo em direção da Rua Antônio Mendes Campos. A explosão ocorreu por volta das 23h30min, tendo parte do carro sido atirada sobre o canteiro do Metrô e outras espalhadas a uma distância de aproximadamente 50 metros. Os moradores locais foram tomados de pânico e muitos

Seqüestraram o

Bispo de N. Iguaçu

☆☆☆ 3º CLICHÊ

Rio, quinta-feira, 23-setembro-1976

VÍTIMA DE SEQUESTRO O BISPO DE NOVA IGUAÇU

O Dia 23-09-76

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, de 58 anos, foi seqüestrado cerca das 19 horas de ontem, com seu sobrinho Fernando Leal, na ocasião em que conduzia a noiva do rapaz à sua residência, na Rua Paraguaçu, 671, no bairro da Posse, naquela cidade fluminense, sendo mais tarde encontrado despido e manietado num local ermo da Rua Jupará, na Praça Seca, em Jacarepaguá.

O religioso havia deixado a Catedral de Nova Iguaçu, localizada na Rua Marechal Floriano Peixoto, no fuscão de sua propriedade, que era dirigido pelo sobrinho. Quando se aproximavam da residência da noiva de Fernando, o veículo foi «fechado» por dois carros — um Volks vermelho e um Chevrolet antigo — tendo os dois homens arrancado o bispo e o colocado num dos carros que ocupavam. Um outro rendeu Fernando, ocupando o fuscão que dirigia.

A noiva de Fernando Leal saiu correndo e imediatamente entrou em contato com as autoridades policiais de Nova Iguaçu, que expediram mensagens, através do rádio, para todas as delegacias, pedindo a apreensão dos veículos e prisão dos seqüestradores.

Os bandidos, depois de manterem o bispo e seu sobrinho em seu poder por mais de duas horas, acabaram abandonando o sacerdote, na Rua Jupará, onde foi ele, mais tarde, encontrado com as mãos amarradas e completamente despido, pelo Sr. José Menezes, que passava pelo local na camioneta Rural RJ Ks 4252, dirigida pelo motorista Evanдро Moreira, casado, 41 anos, Rua CM, 131, bloco 24, ap. 24, Padre Miguel.

O bispo foi então conduzido à residência do jornalista Acyr Méra, morador nas imediações, que lhe forneceu roupas.

Conduzido à 29ª DP, em Madureira, o Bispo Adriano Mandarino Hipólito, contou que os seqüestradores, tão logo o apanharam, coloca-

ram-lhe um capuz e que percorreu diversas ruas, algumas calçadas e outras cheias de buracos. Durante o trajeto, passaram a cortar a sua batina, até deixá-lo despido, tendo ainda o obrigado a beber cachaça para em seguida pintarem o seu corpo com mercurocromo.

Minutos após a chegada do religioso àquela Delegacia, ali compareciam o Vigário-Geral da Catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann e os padres Manoel Monteiro (chanceler), André Cock e David Kigan, que foram lhe prestar solidariedade. Também agentes do DOPS e de outras especializadas ali estiveram para ouvi-lo.

CARRO DESTRUÍDO

Passadas algumas horas do seqüestro, a reportagem era informada da explosão de um carro no Largo da Glória. As autoridades da 9ª DP, tendo à frente o delegado Jacques de Brito, comparecendo ao local em companhia do perito Frascalle, do Instituto de Criminalística, apuraram que o veículo, de cnapa de Nova Iguaçu, RJ EB 7591, era o fuscão vermelho de propriedade do religioso. Os autores do atentado provocaram a explosão do veículo bem no meio da rua, defronte à sede da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB).

Populares informaram à Polícia que os autores do atentado foram dois rapazes, um dos quais de camiseta e outro sem camisa, que depois de pararem o fuscão naquele local, colocaram um embrulho debaixo do veículo e saíram correndo em direção da Rua Antônio Mendes Campos. A explosão ocorreu por volta das 23h30min, tendo parte do carro sido atirada sobre o canteiro do Metrô e outras espalhadas a uma distância de aproximadamente 50 metros. Os moradores locais foram tomados de pânico e muitos saíram à rua, mas não chegaram a ver os criminosos.

Até o momento é desconhecido o destino do jovem Fernando Leal.

" O DIA "

24 / 09 / 1976

Fundador: CHAGAS FREITAS

Diretor: OTHON PAULINO

O DIA

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO PAÍS

Cr\$
1,50
Capital, Interior
e Minas

Redação e Administração: Rua Riachuelo, 359. Tel.: 222-7751 — Telex 22385

ANO XXVI Rio de Janeiro, sexta-feira, 24 de setembro de 1976 N° 8.910

FEDERAIS**CACAM****SEQUESTROS****Pagamentos**

BEG — Através de suas agências metropolitanas, banco do Estado da Guanabara, realizará, hoje, os seguintes pagamentos: PM — ativos e inativos do grupo 07, final 6; Corpo de Bombeiros — ativos e inativos do grupo 07, final 6; Ministério da Justiça; Ministério do Exército; PCP; Cedae — grupo 01, finais 0 e 1; Code — grupo 01; Petrobrás — Torguá; UERJ, Metrô, Fundação Osório; Petrobrás

HOJE

apresentados na dentro da programação da cinemateca do Mercado para hoje, pela Secretaria Municipal da Cultura, da Embrafilme, UERF; Aloisio Eduardo Osvaldo

Terroristas que atacaram o Bispo já fugiram do Rio

Agentes do DPF em ação conjunta com a Polícia carioca para a captura dos bandidos — D. Eugênio Sales fala sobre o atentado — Repercussão — Várias notas oficiais — Órgão oficial do Vaticano esclarece má interpretação — Comunicado da Diocese de Nova Iguaçu — Secretaria de Segurança Pública empenhada na apuração total das responsabilidades — I Exército condena e combate qualquer tipo de extremismo (Leia na oitava página)



Terroristas que atacaram o Bispo já fugiram do Rio

Agentes do DPF em ação conjunta com a Polícia carioca para a captura dos bandidos — D. Eugênio Sales fala sobre o atentado — Repercussão — Várias notas oficiais — Órgão oficial do Vaticano esclarece má interpretação — Comunicado da Diocese de Nova Iguaçu — Secretaria de Segurança Pública empenhada na apuração total das responsabilidades — I Exército condena e combate qualquer tipo de extremismo (Leia na oitava página)



Terroristas que atacaram o Bispo já fugiram do Rio

Agentes do DPF em ação conjunta com a Polícia carioca para a captura dos bandidos — D. Eugênio Sales fala sobre o atentado — Repercussão — Várias notas oficiais — Órgão oficial do Vaticano esclarece má interpretação — Comunicado da Diocese de Nova Iguaçu — Secretaria de Segurança Pública empenhada na apuração total das responsabilidades — I Exército condena e combate qualquer tipo de extremismo (Leia na oitava página)



o automóvel destruído pela bomba no Largo da Glória

" O DIA "

24 / 09 / 1976



Maria Del Pilar



, Maria Del Pilar

D. Adriano Hipólito relatou, na delegacia, todos os lances da violência de que foi vítima;

que atacaram o Bispo

FEDERAIS CAÇAM

SEQÜESTRADORES

EXPLOÇÃO VIOLENTA

O delegado Jack de Brito, de plantão na 9ª Delegacia Policial, no momento da explosão, disse que ouviu o barulho, mas pensou que fosse algum acidente nas obras do metrô. Pouco depois, era informado por seus auxiliares sobre a explosão do carro. Foi ao local e ali encontrou o Bispo Ivo Lorscheider, da CNBB, que lhe falou do seqüestro de Dom Adriano Mandarino Hipólito, fornecendo a placa do carro do religioso. O policial, então, encontrou uma das rodas do carro e um pedaço do pára-lama, comunicando-se com a DPDS e a Divisão de Órgãos de Segurança. Segundo depoimentos colhidos no local, a explosão foi tão violenta que o carro se deslocou dois metros, indo parar na calçada, ficando totalmente destruído. Num raio de vinte metros foram encontrados destroços, assim como a placa, que coincidia com o número fornecido pelo Bispo Ivo Lorscheider.

Durante toda a madrugada, as autoridades se empenharam em recolher os destroços e mínimos fragmentos na área onde o carro explodiu, tendo o material sido levado para o Instituto de Criminalística, onde está sendo submetido a exame.

POLÍCIA FEDERAL INVESTIGA

A propósito do seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu e atentado a bomba à residência do Sr. Roberto Marinho, apuramos que a Polícia Federal já entrou em diligência para identificação e captura dos responsáveis, atuando em consonância com o Departamento Geral de Investigações Especiais, da Secretaria de Segurança.

A atuação dos agentes da Polícia Federal se estenderá na proporção das suspeitas de que os terroristas tenham saído do Estado do Rio de Janeiro. No momento, uma das maiores preocupações da Polícia Federal é levantar os objetivos do atentado, que ainda não estão claros para as autoridades.

EXAMES DAS BOMBAS

O diretor do DGIE informou ontem que todo o efetivo do Departamento está empenhado no esclarecimento do atentado a bomba e do seqüestro do bispo e seu sobrinho. Disse, ainda, o delegado que os fragmentos das bombas usadas no carro do bispo e na residência do jornalista estão sendo analisados no Instituto de Criminalística e serão comparados aos do petardo que explodiu, há dias, na sede da Associação Brasileira de Imprensa.

Enquanto agentes do DGIE trabalham no caso na área do Grande Rio e já em outras cidades, prossegue o inquérito sigiloso instaurado sobre o caso. O delegado Borges Fortes, assistente do Departamento de Polícia Política e Social, está à frente das investigações.

ROUPAS ENCONTRADAS

Algumas das roupas utilizadas por D. Adriano Hipólito ao ser seqüestrado foram encontradas num desvio da Estrada do Caionho, em Jacarepaguá, com pedaços de corda e de esparadrapo.

Fernando, ao ser encontrado, estava amarrado, tinha os olhos vendados e a boca coberta com esparadrapo. Sangrava no rosto, por ter tentado tirar a venda raspando a cabeça numa pedra.

A MOÇA CORREU

Maria de' Pilar Iglesias, namorada de Fernando Leal e que estava em companhia dele e do bispo no momento do seqüestro, trabalha na Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu.

Ela disse que o carro do bispo, tio de seu namorado, foi "fechado" por um fusca e um Corcel vermelho, nos quais havia seis homens, todos armados. Segundo o relato, o fusca do bispo estacionara em frente sua residência e ela correu, ainda chegando a ver quando os seqüestradores colocavam um capuz na cabeça de D. Adriano Hipólito.

DIÁRIO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Fogem do Rio terroristas

que atacaram o Bispo

FEDERAIS CAÇAM SEQÜESTRADORES

EXPLOÇÃO VIOLENTA

O delegado Jack de Brito, de plantão na 9ª Delegacia Policial, no momento da explosão, disse que ouviu o barulho, mas pensou que fosse algum acidente nas obras do metrô. Pouco depois, era informado por seus auxiliares sobre a explosão do carro. Foi ao local e ali encontrou o Bispo Ivo Lorscheider, da CNBB, que lhe falou do seqüestro de Dom Adriano Mandarino Hipólito, fornecendo a placa do carro do religioso. O policial, então, encontrou uma das rodas do carro e um pedaço do para-lama, comunicando-se com a DPPS e a Divisão de Órgãos de Segurança. Segundo depoimentos colhidos no local, a explosão foi tão violenta que o carro se deslocou dois metros, indo parar na calçada, ficando totalmente destruído. Num raio de vinte metros foram encontrados destroços, assim como a placa, que coincidia com o número fornecido pelo Bispo Ivo Lorscheider.

Durante toda a madrugada, as autoridades se empenharam em recolher os destroços e mínimos fragmentos na área onde o carro explodiu, tendo o material sido levado para o Instituto de Criminalística, onde está sendo submetido a exame.

POLÍCIA FEDERAL INVESTIGA

A propósito do seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu e atentado a bomba à residência do Sr. Roberto Marinho, apuramos que a Polícia Federal já entrou em diligência para identificação e captura dos responsáveis, atuando em consonância com o Departamento Geral de Investigações Especiais, da Secretaria de Segurança.

A atuação dos agentes da Polícia Federal se estenderá na proporção das suspeitas de que os terroristas tenham saído do Estado do Rio de Janeiro. No momento, uma das maiores preocupações da Polícia Federal é levantar os objetivos do atentado, que ainda não estão claros para as autoridades.

EXAMES DAS BOMBAS

O diretor do DGIE informou ontem que todo o efetivo do Departamento está empenhado no esclarecimento do atentado a bomba e do seqüestro do bispo e seu sobrinho. Disse, ainda, o delegado que os fragmentos das bombas usadas no carro do bispo e na residência do jornalista estão sendo analisados no Instituto de Criminalística e serão comparados aos do petardo que explodiu, há dias, na sede da Associação Brasileira de Imprensa.

Enquanto agentes do DGIE trabalham no caso na área do Grande Rio e já em outras cidades, prossegue o inquérito sigiloso instaurado sobre o caso. O delegado Borges Fortes, assistente do Departamento de Polícia Política e Social, está à frente das investigações.

ROUPAS ENCONTRADAS

Algumas das roupas utilizadas por D. Adriano Hipólito ao ser seqüestrado foram encontradas num desvio da Estrada do Caionho, em Jacarepaguá, com pedaços de corda e de esparadrapo.

Fernando, ao ser encontrado, estava amarrado, tinha os olhos vendados e a boca coberta com esparadrapo. Sangrava no rosto, por ter tentado irar a venda raspando a cabeça numa pedra.

A MOÇA CORREU

Maria de Pilar Iglesias, namorada de Fernando Leal e que estava em companhia dele e do bispo no momento do seqüestro, trabalha na Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu.

CDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRJ

" O DIA "

24 / 09 / 1976

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil condenou ontem o atentado de que foram vítimas o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, de 58 anos, e seu sobrinho Fernando Leal Webereng. A respeito, a CNBB distribuiu, à tarde, uma nota oficial, na qual considera «uma glória para a Igreja do Brasil, o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos».

Enquanto isso, muitas pessoas procuravam entrar em contato com Dom Adriano Mandarino Hipólito, mas este não foi encontrado na Catedral de Nova Iguaçu, onde apenas um menor não identificado informou que recebera ordens para não falar a respeito. Disse que o Bispo estava descansando em local incerto e ignorado, para se refazer do trauma sofrido no ato do seqüestro. Sobre isso, a Secretaria de Segurança Pública também distribuiu uma nota oficial, dando conta de que diligências estão sendo realizadas em caráter sigiloso, visando a descobrir os autores do seqüestro e da explosão de seu carro, no Largo da Glória.

O SEQUESTRO

Conforme noticiamos, o Bispo Adriano Mandarino Hipólito estava em seu fuscão chapa RJ FB 75-91, em companhia de seu sobrinho, Fernando Leal Webereng e da noiva deste, Maria del Pilar Iglesias Vila, quando, na Rua Paraguassu, defronte ao nº 671, onde reside a jovem, surgiram três carros, um deles um «Corcel», conduzindo seis indivíduos, que investiram contra o veículo em que se encontrava o Bispo. Maria del Pilar teve tempo para correr até sua casa, mas o sacerdote e seu sobrinho foram agarrados. No Bispo, os elementos colocaram um capuz negro, levando-o para um fusca, enquanto outros mantinham Fernando no fuscão.

Mais tarde, sem roupas e pintado de vermelho (mercúrio cromo) o Bispo Adriano Mandarino Hipólito foi encontrado na Rua Japurá, em Jacarepaguá, onde um jornalista ali residente lhe forneceu roupas, levando-o à 29ª Delegacia Policial.

Quanto a Fernando, era encontrado, amarrado, no Jardim Sulacap, enquanto o fuscão explodia em seguida, no Largo da Glória, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Fernando, muito nervoso, teve que ser medicado no Hospital Olíviero Kraemer. A Polícia estabeleceu um roteiro: o seqüestro ocorreu em Nova Iguaçu, tendo o Bispo sido encontrado em Jacarepaguá, seu sobrinho no Jardim Sulacap e o fuscão no Largo da Glória, sobre uma bomba que logo explodia.

HORAS DRAMÁTICAS

Em seu único contato com as autoridades policiais, o Bispo relatou o drama que viveu durante o tempo em que esteve nas mãos dos seqüestradores. Ele se preocupava com o destino do sobrinho. Contou que os terroristas, tão logo o apanharam, colocaram-lhe um capuz e que o carro em que viajavam passou por diversas ruas, algumas calçadas e outras esburacadas. Durante a viagem, os seqüestradores cortaram sua batinha, até deixá-la em frangalhos, obrigando-o a beber cachaca, tendo ainda pintado seu corpo de vermelho, com mercúrio cromo.

Eles diziam pertencer à «Aliança Anticomunista do Brasil», alegando que haviam recebido ordens de seu chefe para não matá-lo naquela ocasião.

Minutos depois da chegada do religioso à delegacia, ali apareciam o vigário da Catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann, e os padres Manuel Monteiro, André Cook e David Kingan, este o que fez a primeira comunicação à Polícia. A eles, o Bispo disse que no fuscão havia duas pastas tipo 007, uma com a importância de Cr\$ 5 mil e a outra com vários documentos importantes.

lacap, o Bispo deixou claro seu alívio, ao dizer «graças a Deus».

Outros detalhes sobre a explosão forneciam um quadro real: testemunhas viram os seqüestradores deixando o carro e largando um embrulho sob ele. Em seguida, a explosão, defronte à sede da CNBB.

OUTRA BOMBA

Pouco depois, explodia uma bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, na Rua Cosme Velho, próximo à sede da CNBB, estando a Polícia procurando estabelecer uma ligação entre os dois fatos, em diligências sigilosas, às quais ninguém tem acesso.

Saba-se, contudo, que a Polícia apreendeu perto ao Fuscão que explodiu um panfleto assinado pela Aliança Anticomunista do Brasil, anunciando que diversas autoridades eclesásticas entre outras Dom Hélder Câmara, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes. A mensagem não foi liberada à imprensa, mas um policial forneceu a informação, sem, contudo, lembrar os nomes das próximas vítimas. A mensagem estava dentro de um envelope, que ao ser achado provocou providências da Polícia, no sentido de que os jornalistas a ele não tivessem acesso. A Delegacia de Polícia Política e Social centralizou todas as suas investigações em torno dos atentados.

Houve uma controvérsia quanto ao registro dos fatos, ocorridos em jurisdições diferentes, mas a Delegacia de Nova Iguaçu fez o registro do seqüestro enquanto a Secretaria de Segurança advoca o caso, não se sabendo das medidas tomadas no que se refere ao registro dos acontecimentos.

Permaneceram junto aos escombros do carro, duas Patrulhas da PM e peritos do Instituto de Criminalística. O seqüestro ocorreu às 19h40min, tendo chegado ao conhecimento das autoridades de Nova Iguaçu às 20h15min, através do Padre David John Kingan, que foi avisado pela noiva de Fernando.

DESCRIÇÃO

Os lances do seqüestro, juntando-se as informações do Bispo e de Fernando, foram, detalhadamente, os seguintes: assim que o Fuscão parou e Maria saltou, surgiram três carros conduzindo seis elementos, todos armados. O Bispo passou para outro carro e Fernando permaneceu no Fuscão. Entre os seqüestradores estava um branco, de óculos e um moreno.

O religioso, a partir do seqüestro, levou socos e pontapés, sofrendo outras torturas, até a humilhação de ter suas roupas dilaceradas e o corpo nu pintado de vermelho, com mercúrio-cromo. Dizia-se que a Polícia estava preparando um retrato-falado do homem branco, de óculos e do moreno, conforme descrição das vítimas.

CARRO ROUBADO

O Fusca de chapa RJ LI-82-90, cor azul, está sendo procurado pela Polícia. Seus ocupantes são os principais suspeitos do atentado à bomba contra a residência do jornalista Roberto Marinho. A Polícia concluiu que a bomba foi jogada pelos ocupantes, quando o carro descia a Ladeira dos Guararapes, que dá para os fundos da casa do jornalista.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil condenou ontem o atentado de que foram vítimas o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, de 58 anos, e seu sobrinho Fernando Leal Webereng. A respeito, a CNBB distribuiu, à tarde, uma nota oficial, na qual considera «uma glória para a Igreja do Brasil, o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos».

Enquanto isso, muitas pessoas procuravam entrar em contato com Dom Adriano Mandarino Hipólito, mas este não foi encontrado na Catedral de Nova Iguaçu, onde apenas um menor não identificado informou que recebera ordens para não falar a respeito. Disse que o Bispo estava descansando em local incerto e ignorado, para se refazer do trauma sofrido no ato do seqüestro. Sobre isso, a Secretaria de Segurança Pública também distribuiu uma nota oficial, dando conta de que diligências estão sendo realizadas em caráter sigiloso, visando a descobrir os autores do seqüestro e da explosão de seu carro, no Largo da Glória.

O SEQUESTRO

Conforme noticiamos, o Bispo Adriano Mandarino Hipólito estava em seu fuscão chapa RJ FB 75-91, em companhia de seu sobrinho, Fernando Leal Webereng e da noiva deste, Maria del Pilar Iglesias Vila, quando, na Rua Paraguassu, defronte ao nº 671, onde reside a jovem, surgiram três carros, um deles um «Corcel», conduzindo seis indivíduos, que investiram contra o veículo em que se encontrava o Bispo. Maria del Pilar teve tempo para correr até sua casa, mas o sacerdote e seu sobrinho foram agarrados. No Bispo, os elementos colocaram um capuz negro, levando-o para um fusca, enquanto outros mantinham Fernando no fuscão.

Mais tarde, sem roupas e pintado de vermelho (mercúrio cromo) o Bispo Adriano Mandarino Hipólito foi encontrado na Rua Japurá, em Jacarepaguá, onde um jornalista ali residente lhe forneceu roupas, levando-o à 29ª Delegacia Policial.

Quanto a Fernando, era encontrado, amarrado, no Jardim Sulacap, enquanto o fuscão explodia, em seguida, no Largo da Glória, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Fernando, muito nervoso, teve que ser medicado no Hospital Olivério Kraemer. A Polícia estabeleceu um roteiro: o seqüestro ocorreu em Nova Iguaçu, tendo o Bispo sido encontrado em Jacarepaguá, seu sobrinho no Jardim Sulacap e o fuscão no Largo da Glória, sobre uma bomba que logo explodia.

HORAS DRAMÁTICAS

Em seu único contato com as autoridades policiais, o Bispo relatou o drama que viveu durante o tempo em que esteve nas mãos dos seqüestradores. Ele se preocupava com o destino do sobrinho. Contou que os terroristas, tão logo o apanharam, colocaram-lhe um capuz e que o carro em que viajavam passou por diversas ruas, algumas calçadas e outras esburacadas. Durante a viagem, os seqüestradores cortaram sua batina, até deixá-la em frangalhos, obrigando-o a beber cachaca, tendo ainda pintado seu corpo de vermelho, com mercúrio cromo.

Eles diziam pertencer à «Aliança Anticomunista do Brasil», alegando que haviam recebido ordens de seu chefe para não matá-lo naquela ocasião.

Minutos depois da chegada do religioso à delegacia, ali apareciam o vigário da Catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann, e os padres Manuel Monteiro, André Cook e David Kingan, este o que fez a primeira comunicação à Polícia. A eles, o Bispo disse que no fuscão havia duas pastas tipo 007, uma com a importância de Cr\$ 5 mil e a outra com vários documentos importantes.

A informação de que o fuscão do religioso havia explodido no Largo da Glória chegou justamente quando a vítima ainda prestava depoimento. Naquele momento, Dom Adriano Mandarino Hipólito manifestou profunda preocupação com seu sobrinho, levado naquele carro, mas quando chegou a notícia de que o rapaz fora encontrado no bairro Su-

lacap, o Bispo deixou claro seu alívio, ao dizer «graças a Deus».

Outros detalhes sobre a explosão forneciam um quadro real: testemunhas viram os seqüestradores deixando o carro e largando um embrulho sob ele. Em seguida, a explosão, defronte à sede da CNBB.

OUTRA BOMBA

Pouco depois, explodia uma bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, na Rua Cosme Velho, próximo à sede da CNBB, estando a Polícia procurando estabelecer uma ligação entre os dois fatos, em diligências sigilosas, às quais ninguém tem acesso.

Saba-se, contudo, que a Polícia apreendeu perto ao Fuscão que explodiu, um panfleto assinado pela Aliança Anticomunista do Brasil, anunciando que diversas autoridades eclesásticas entre outras Dom Hélder Câmara, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes. A mensagem não foi liberada à imprensa, mas um policial forneceu a informação, sem, contudo, «lembrar os nomes das próximas vítimas». A mensagem estava dentro de um envelope, que ao ser achado provocou providências da Polícia, no sentido de que os jornalistas a ele não tivessem acesso. A Delegacia de Polícia Política e Social centralizou todas as suas investigações em torno dos atentados.

Houve uma controvérsia quanto ao registro dos fatos, ocorridos em jurisdições diferentes, mas a Delegacia de Nova Iguaçu fez o registro do seqüestro, enquanto a Secretaria de Segurança advocava o caso, não se sabendo das medidas tomadas no que se refere ao registro dos acontecimentos.

Permaneceram junto aos escombros do carro, duas Patrulhas da PM e peritos do Instituto de Criminalística. O seqüestro ocorreu às 19h40min, tendo chegado ao conhecimento das autoridades de Nova Iguaçu às 20h15min, através do Padre David John Kingan, que foi avisado pela noiva de Fernando.

DESCRIÇÃO

Os lances do seqüestro, juntando-se as informações do Bispo e de Fernando, foram, detalhadamente, os seguintes: assim que o Fuscão parou e Maria saltou, surgiram três carros conduzindo seis elementos, todos armados. O Bispo passou para outro carro e Fernando permaneceu no Fuscão. Entre os seqüestradores estava um branco, de óculos e um moreno.

O religioso, a partir do seqüestro, levou socos e pontapés, sofrendo outras torturas, até à humilhação de ter suas roupas dilaceradas e o corpo nu pintado de vermelho, com mercúrio-cromo. Dizia-se que a Polícia estava preparando um retrato-falado do homem branco, de óculos e do moreno, conforme descrição das vítimas.

CARRO ROUBADO

O Fusca de chapa RJ LI-82-90, cor azul, está sendo procurado pela Polícia. Seus ocupantes são os principais suspeitos do atentado à bomba contra a residência do jornalista Roberto Marinho. A Polícia concluiu que a bomba foi jogada pelos ocupantes, quando o carro descia a Ladeira dos Guararapes, que dá para os fundos da casa do jornalista.

" O DIA "

24 / 09 / 1976

Exército condena e combate qualquer atividade extremista

Várias notas oficiais foram distribuídas ontem, sobre o atentado. São as seguintes:

Do Comando do I Exército: «1) O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

a) O Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b) Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2) O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3) A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.»

Da ABI: «Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, Diretor Redator-Chefe de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um Bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

E por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação.»

Do Sr. Roberto Marinho: «A bomba explodiu sobre o telhado de minha casa às primeiras horas de hoje (ontem), destruindo pequena parte do telhado e da vidraça. Não imagino qual tenha sido a motivação, nem a autoria deste atentado. O caso está entregue às autoridades policiais que, desde os primeiros momentos, demonstram estar empenhadas na elucidação. Conflito totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranqüilo. O que acima de tudo lamento é que esse brutal atentado tenha atingido um dos meus empregados e que está ameaçado, inclusive, de perder um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação.»

COMUNICADO

A diocese de Nova Iguaçu distribuiu o seguinte comunicado:

«Dom Adriano Hypólito, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente seqüestrado, encapuzado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: «Felizes sereis quando vos caluniaram, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós» (Mateus, 5,11-12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos «filhos das trevas» os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os «clamores do povo» (Exodo 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o seqüestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: «Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. E pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação» (Lucas 21,17-19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

Sacerdotes, religiosos e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, reunidos com o Vigário-Geral, Mons. Arthur Hartmann — Vigário-Geral».

REPUDIO

O presidente do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil do Rio de Janeiro, Sr. Valdemar Zuveiter, afirmou que «a Ordem repudia todo e qualquer ato extremado e substanciado na violência praticado por terroristas. A própria sede da entidade no RJ há pouco sofreu atentado semelhante. Entendemos que esses atos, a par de constituírem-se em absoluto desrespeito à dignidade

e aos direitos fundamentais da pessoa humana e da ordem pública, refletem, à evidência, interesses escusos de minorias extremistas que se intitulam de direita e às quais não interessa o restabelecimento pleno da democracia em nosso País. Releva notar que a reiteração desses fatos interligados pelos panfletos distribuídos demonstra a onda crescente que está a exigir das autoridades constituídas, enérgicas medidas para seu esclarecimento e devida punição aos culpados».

O Professor Caio Mário, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, classificou os atentados como «manifestações que só concorrem para exacerbar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Geisel no sentido de se efetivar a distensão». Lembrou que «os atentados, em geral, têm como objetivo atingir instituições desarmadas e empenhadas na solução dos problemas sociais do Brasil. E salientou que, como presidente da OAB, é fiel aos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica. Manifesto minha repulsa a esses atentados — afirmou — e mais uma vez formulo meu apelo para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição». Disse ainda que não foi informado de nada concreto por parte da Polícia com relação ao atentado da OAB e que o conselheiro Wilson Mirza, está acompanhando o trabalho no DPPS.

O presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, Sr. Eduardo Seabra Fagundes, declarou:

«É preciso que o Governo, que já está de posse dos instrumentos legais e técnicos para isso, identifique os culpados por esta série de atentados, a fim de devolver a tranquilidade à Nação. A Nação brasileira espera que essa série de atos de vandalismo contrária aos sentimentos e tradições do povo brasileiro tenha paradeiro o quanto antes. Até aqui não se tem notícia de resultados das investigações realizadas em torno de atentados anteriores. Mas é de esperar que diante da repetição dos fatos de tal gravidade os trabalhos de identificação dos responsáveis sejam ativados e conduzam a bom termo as pesquisas que devem estar sendo realizadas. Esse tipo de ação não ajuda nem ao Governo e nem a Oposição. Por isso precisam ser coibidos energicamente para que o País não se veja ainda mais intranquillizado».

FARIA LIMA NEGA A EXISTENCIA DO ESQUADRÃO DA MORTE

O Governador Faria Lima considerou o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e a explosão de uma bomba na residência do diretor de «O Globo», Roberto Marinho, «uma ação localizada», que não terá repercussões sobre o quadro político e muito menos no resultado das eleições de novembro.

Em rápida conversa com repórteres, Faria Lima afastou a hipótese sobre a participação do Esquadrão da Morte no seqüestro do bispo, que tem feito reiterados apelos contra a matança de marginais. O Governador foi categórico: «Essa estória de Esquadrão não existe, é invenção.»

Faria Lima disse que tomou conhecimento da ação terrorista logo após ter sido praticada e admitiu que a Polícia estadual fora tomada de surpresa. No entanto, afirmou que os órgãos policiais do Estado, com a Polícia Federal, agirão normalmente, sem qualquer esquema especial, porque «não trabalhamos apenas quando acontecem fatos lamentáveis e desagradáveis como esses».

FATO ESTRANHO

O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, condenou o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu e o atentado contra a residência do diretor de «O Globo», recusando-se a admitir que eles possam contribuir para atrasar o desenvolvimento político do país, «porque importaria em dar ganho de causa aos radicais».

O senador identificou nos acontecimentos «sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos nós devemos nos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que peguem, ao mesmo tempo, um bispo que dizem de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição».

Ele se negou a admitir que os atentados possam impedir ou atrasar a volta da normalização política do país:

— Não devem atrasar. Porque aí seria dar ganho de causa aos radicais. Eles estão fazendo isto, porque não estão satisfeitos com as eleições e com o caminho que o Brasil está tomando. O Governo tem instruções para coibir tais fatos e nós estamos de acordo em que recorra a elas, com estes objetivos».

NO VATICANO

VATICANO (AFP-O DIA) — O jornal do Vaticano, «L'Osservatore Romano» expressou ontem seu horror ante o «desaparecimento» do bispo de Nova Iguaçu. O termo «desaparecimento» foi interpretado, a seguir, pela Rádio do Vaticano no sentido de que o prelado tivesse sido assassinado.

Informações da AFP, procedentes do Rio de Janeiro, indicavam que Monsenhor Hipólito e seu sobrinho tinham sido seqüestrados e, algumas horas depois, encontrados nus e manietados num subúrbio carioca. Meios chegados ao Vaticano indicaram que a notícia do «desaparecimento» do bispo procedia de uma agência estrangeira.

«L'Osservatore Romano» lembrou que Monsenhor Hipólito tinha denunciado, em várias oportunidades, as atividades da organização de extrema-direita denominada «Esquadrão da Morte». O seqüestro do bispo foi reivindicado por uma organização denominada Aliança Anticomunista.

ATENTADO À ABI

O Delegado Borges Fortes, do DPPS, oficiou à 1ª Auditoria de Aeronáutica solicitando dilatação de prazo para apuração do atentado a bomba praticado contra a ABI no dia 19 de agosto. O Juiz Mário Moreira de Sousa concedeu mais 20 dias, a contar do término do prazo inicial.

Outro ofício do DPPS foi enviado à 1ª Auditoria da Marinha, este tratando do inquérito que apura a colocação de uma bomba — que não chegou a explodir — na sede da Ordem dos Advogados do Brasil.



O Bispo Adriano Mandarino Hipólito quando fazia o relato do criminoso episódio

Bispo conta como ocorreu seqüestro

o Dia 29-09-76

Seqüestro em detalhes

o Dia 29-09-76



Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, reuniu a imprensa ontem e contou, com detalhes, o seqüestro de que foi vítima.

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, disse ontem em entrevista acreditar que o objetivo dos indivíduos que o seqüestraram no início da noite de quarta-feira da semana passada é conturbar o processo político do País, humilhar e desmoralizar as autoridades e que os seis homens seriam apenas os executores de um plano muito bem elaborado. Sorrindo sempre e muito tranquilo, o bispo disse que continuará seu trabalho pastoral na Baixada, visando apenas ao bem-estar do homem.

Acompanhado do presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Aluísio Lorscheider; do secretário-geral da Conferência, Dom Ivo Lorscheider, e do secretário-geral do CELAN (Conselho Episcopal Latino-Americano), Dom Alfonso Lopez Trujilla, o bispo chegou pouco antes das 10 horas no Centro de Formação de Líderes da Comunidade, retornando a Nova Iguaçu depois de seis dias de ausência.

O RELATÓRIO

Dom Adriano chegou ao auditório do Centro sob aplausos e instalou-se à mesa, atrás da qual existia uma grande faixa com os dizeres: «Dom Adriano, todos nós estamos alegres porque você está de volta».

Depois de apresentar Dom Aluísio, Dom Ivo e Dom Alfonso, o bispo pediu a todos que se levantassem e, em seguida, como prece, foi rezado o Padre Nosso, seguindo-se a conversa com os jornalistas. Enquanto isso, alguns auxiliares do Centro distribuíam entre os presentes cópias de uma mensagem de agradecimento e o relato de todo o seqüestro, descrevendo os detalhes que vieram à mente do bispo. Segundo disse, era desejo seu avistar com a imprensa na quinta-feira, dia seguinte ao seqüestro, mas não tinha condições psicológicas. Por isso, resolveu fazer sua primeira aparição em público somente ontem.

Depois de dizer que jamais sofreu qualquer tipo de ameaça nos dez anos que está em Nova Iguaçu e afirmar ter sido vítima não de um simples assalto nem vingança do «Esquadrão da Morte», que combate muito, «porque se fosse seria levado para outro local na Baixada e executado», Dom Adriano aceitou a sugestão de fazer o relatório que escreveu, contando como tudo aconteceu e esclarecendo que ele não



O Bispo Adriano Mandarino Hipólito quando fazia o relato do criminoso episódio

Bispo conta como ocorreu seqüestro

0 Dia 29-09-76

Seqüestro em detalhes

0 Dia 29-09-76



Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, reuniu a imprensa ontem e contou, com detalhes, o seqüestro de que foi vítima, com seu sobrinho, presentes outras destacadas figuras da Igreja. O sacerdote, que procurou ser o mais fiel possível em sua narrativa, lamenta a sorte de seus seqüestradores, que se mostraram desumanos e violentos. Eles foram excomungados e estão sendo caçados pela Polícia. (LEIA NA PÁGINA SETE)

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, disse ontem em entrevista acreditar que o objetivo dos indivíduos que o seqüestraram no início da noite de quarta-feira da semana passada é conturbar o processo político do País, humilhar e desmoralizar as autoridades e que os seis homens seriam apenas os executores de um plano muito bem elaborado. Sorrindo sempre e muito tranqüilo, o bispo disse que continuará seu trabalho pastoral na Baixada, visando apenas ao bem-estar do homem.

Acompanhado do presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Aluísio Lorscheider, do secretário-geral da Conferência, Dom Ivo Lorscheider, e do secretário-geral do CELAN (Conselho Episcopal Latino-Americano), Dom Alfonso Lopez Trujilla, o bispo chegou pouco antes das 10 horas no Centro de Formação de Líderes da Comunidade, retornando a Nova Iguaçu depois de seis dias de ausência.

O RELATÓRIO

Dom Adriano chegou ao auditório do Centro sob aplausos e instalou-se à mesa, atrás da qual existia uma grande faixa com os dizeres: «Dom Adriano, todos nós estamos alegres porque você está de volta».

Depois de apresentar Dom Aluísio, Dom Ivo e Dom Alfonso, o bispo pediu a todos que se levantassem e, em seguida, como prece, foi rezado o Padre Nosso, seguindo-se a conversa com os jornalistas. Enquanto isso, alguns auxiliares do Centro distribuíam entre os presentes cópias de uma mensagem de agradecimento e o relato de todo o seqüestro, descrevendo os detalhes que vieram à mente do bispo. Segundo disse, era desejo seu avistar com a imprensa na quinta-feira, dia seguinte ao seqüestro, mas não tinha condições psicológicas. Por isso, resolveu fazer sua primeira aparição em público somente ontem.

Depois de dizer que jamais sofreu qualquer tipo de ameaça nos dez anos que está em Nova Iguaçu e afirmar ter sido vítima não de um simples assalto nem vingança do «Esquadrão da Morte», que combate muito, «porque se fosse seria levado para outro local na Baixada e executado», Dom Adriano aceitou a sugestão de fazer o relatório que escreveu, contando como tudo aconteceu, e esclarecendo que, no seu modo de ver, houve intenção de desmoralizar e humilhar as autoridades.

FORAM SEGUIDOS

No dia 22 último, quarta-feira, Dom Adriano trabalhou até às 19 horas em seu gabinete na Cúria Diocesana e a última pessoa a ser atendida foi o operário Fidelis, que tinha sido assaltado no domingo anterior e foi pedir um adiantamento em dinheiro. Depois de conversar alguns minutos com os padres Henrique e David, da Catedral de Nova Iguaçu, dirigiu-se a seu Volks (EB 7591), onde o aguardavam o sobrinho Fernando Leal e Webering e a noiva deste, Maria del Pilar Iglesias. Tomaram o caminho de hábito e seguiram para o Parque Floresta, onde reside. A moça, conforme fazia todos os dias, aproveitava a carona e ficava em sua casa, na Rua Paraguaçu. O carro entrou na Rodovia Presidente Dutra e pouco depois do quilômetro 15, em direção a São Paulo, Fernando, que dirigia, teve que manter o carro no acostamento porque um caminhão passou em alta velocidade. Naquele ponto estava estacionado um Volks vermelho, que inclusive chegou a atrapalhar a volta à pista do veículo em que o bispo viajava. Pelo que observou, o Volks passou a segui-lo.

Passado o viaduto que liga a Rua Roberto Silveira à Estrada de Ambai e o bairro da Posse, Fernando, para evitar um cruzamento perigoso na Praça da Posse, seguiu até o posto de gasolina e dobrou à direita pela Rua Minas Gerais, como vinha fazendo há alguns meses. Na esquina das Ruas Minas Gerais com Gama, lado esquerdo, estava parado um carro com os faróis acesos, que procurou avançar com rapidez na frente do veículo ocupado pelos três. No entanto, o rapaz foi mais rápido e chegou a ser repreendido pelo tio. O Volks do bispo entrou na Rua Gama e a seguir na Dona Benedita. Nessa altura, dois carros o seguiam. Fernando disse que pareciam estar malucos ou então brigando e o tio respondeu para ele apressar mais «para não se envolverem na briga». Fernando Leal acelerou o carro e entrou na Rua Moçambique, ocasião em que foram fechados por um Volks vermelho, mas foi possível continuar a viagem. Aquela altura ainda não tinham percebido a situação real.

DESCERAM ARMADOS

Seguiram normalmente pela Rua Moçambique, uma ladeira curta, e no topo dobraram à direita para a Rua Paraguaçu, onde mora Maria, numa das casas do final, pouco antes de se atingir a Estrada do Ambai. O bispo conta que pediu a Fernando para encostar bem junto ao meio-fio para que a moça pudesse saltar e os «briguentos» passassem sem incomodar. Aproximadamente cinco metros antes do portão da casa da noiva de Fernando, o «Fusca» vermelho cortou o carro do bispo e um outro carro pelo lado, saltando cinco ou seis homens armados de pistolas, fazendo ameaças. Do lado do bispo um gritou: «É um assalto. Saia logo senão atiro». Como o bispo hesitasse, tanto entender aquilo tudo, a porta foi aberta com violência e puxaram-no, fazendo-o tropeçar e cair. Dom Hipólito ainda perguntou: «Meu irmão, o que foi que eu lhe fiz?».

SEMPRE AGREDIDO

Com brutalidade, dois homens arrastaram o bispo e o atiraram no banco traseiro do carro deles, com pancadas na cabeça para que ele se abaixasse. Ao entrar, Dom Adriano conseguiu ver que o homem que estava ao volante usava óculos quadrados sem aro e o outro, tinha o rosto redondo e rude, com as faces marcadas por cicatrizes de espinhas infeccionadas. Nos oito a dez minutos da ação do sequestro, Maria conseguiu fugir abaixando o corpo e ainda chegou a ficar imóvel no portão de sua casa, entrando em seguida. Numa padaria que fica logo depois da casa da moça, algumas pessoas assistiram a tudo, imóveis.

O homem de rosto rude começou a espancar o bispo para que não levantasse o corpo e em seguida colocou um capuz de fazenda grossa em sua cabeça, amarrando-o. Dom Adriano ainda conseguiu ver as algemas escuras (seria ferrugem), que instantes depois lhe eram colocadas — um pouco afastadas do pulso, de maneira irregular — e o carro, arrancando com violência, seguiu com destino à Estrada de Nova Iguaçu, pela Estrada de Ambai. A ho-

o mesmo com o carro em movimento, o homem começou a apalpar o bispo, à procura de carteira. Não encontrando nada, passou a cortar os botões da batina, um a um, descobrindo os bolsos e esvaziando-os. Num deles, estavam os lenços, óculos e um terço. No outro, a agenda de bolso, documentos e algum dinheiro. Aproveitou e arrebitou sua pulseira de prata, retirando o relógio.

Depois de três paradas rápidas, os homens pararam novamente e dizendo palavras mandaram que Dom Adriano descesse. Em seguida deixaram-se inteiramente nus. Tentaram enfiar na boca do bispo o gargalo de uma garrafa de «cachaça» mas ele resistiu, e não houve insistência, mas um deles derramou o líquido sobre o capuz, chegando a asfixiá-lo. Caiu no chão e recuperou-se logo em seguida. Dom Adriano conta que estava deitado num terreno irregular com pedras e gravetos e, a cerca de no máximo 100 metros, ouvia-se barulho de motor de carro. Os dois homens começaram os insultos e provocações, e enquanto um rugia, o outro dizia ao bispo: «Chegou a tua hora miserável, traidor vermelho. Nós somos Ação (o bispo não se recorda se disseram ação, aliança ou comando) anticomunista brasileira e vamos tirar vinganças».

«Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do Bispo Calheiros, de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos traidores». Em seguida disseram: «Diga que é comunista, miserável». O bispo respondeu que nunca fora, não é e jamais será comunista. O que faz é defender o povo. Como resposta, davam-lhe pontapés.

Não muito distante, o bispo ouvia a voz do sobrinho, que gritava: «Não façam isto comigo, eu não fiz nada». O bispo diz que teve a impressão de que estavam batendo no rapaz e resolveu pedir para que o deixassem em paz porque não tinha culpa de nada, e um dos homens respondeu que «quem ajuda o comunista é comunista». Dito isto, começaram a lançar um spray em seu rosto, fazendo-o pensar que seria queimado. Um homem disse que era «para cortar» e outro disse duas vezes que «o chefe deu ordem pra não matar. Você não vai morrer não. É só para aprender a deixar de ser comunista». Depois de 30 a 40 minutos naquele local, o bispo recebeu ordem para entrar no carro. Inteiramente nu e sendo agredido constantemente, Dom Adriano percebeu que o homem que agora estava no volante tinha voz fanhosa e o outro dava gritos selvagens, ao mesmo tempo em que tirava as algemas do bispo, amarrando-o depois com uma corda, nas mãos e nos tornozelos. Andando cerca de meia hora, em alta velocidade, o carro passou por locais habitados, pois o bispo ouviu latidos de cães e vozes de crianças, e vez ou outra, um dos homens colocava sobre seu corpo tiras da batina, até que chegaram no ponto em que mais tarde saberia ser a Rua Japurá, em Jacarepaguá.

O bispo foi puxado para fora do carro com violência e quando ficou no estribo do carro, recebeu uma violenta pancada na cabeça, recebendo ordens para baixar a cabeça. Depois de passar um veículo pesado na rua, o capuz foi tirado com violência e quando o Volks arrancava, Dom Adriano conseguiu ver que sua cor era vermelha. Depois de encontrado pelo fotógrafo Adir Meira, foi levado à paróquia da Praça Sêca e já com roupas, conduzido até a 2ª Delegacia e de lá para a Delegacia de Polícia Política. O bispo ficou duas horas ou mais em poder dos sequestradores e minutos depois dele ser deixado em Jacarepaguá, seu sobrinho era deixado na Estrada do Catonho, também nu e amarrado, levado em seu próprio carro, que mais tarde seria explodido defronte ao prédio da CNBB, no Largo da Glória.

SEM EXPLICAÇÃO

Dom Adriano Hipólito disse que o relatório que fez corresponde, em linhas gerais, ao depoimento que prestou na madrugada de quinta-feira ao Delegado Borges Fortes, na DPDS, onde não voltou a ser chamado. Comentando o sequestro, o bispo disse que não sabe a quem atribuir o caso, pois não tem qualquer ligação política com os partidos e que o trabalho realizado em Nova Iguaçu por ele consiste apenas em pregar o Evangelho da melhor maneira possível. «A única arma que temos é a palavra». Segundo ele, o único trabalho que a Diocese realiza ligado à poli-

«Dentro de 15 dias terei o resultado deste trabalho e poderei divulgá-lo. A eleição é um fenômeno da participação político-eleitoral e nosso empenho é apenas esclarecer os eleitores. Não atacamos ninguém direta ou especificamente. Fazemos apelos à fraternidade, apelamos à sensibilidade, sempre em defesa dos cristãos. Se um operário ganha o salário-mínimo, não pode receber de maneira nenhuma apenas uma parte deste ordenado. O homem tem direito à felicidade e a procurar os meios da felicidade».

Dizendo não saber por que e chamaram de comunista durante todo o tempo em que o mantiveram no carro, Dom Adriano não acredita que tenha realizado alguma obra ou comentário no jornal da Diocese, que desagradasse alguém, «porque todos os pronunciamentos são em defesa do bem comum». Para ele, os sequestradores são pessoas não residentes em Nova Iguaçu e tampouco elementos do «Esquadrão da Morte», pois se o fossem, seria levado para Queimados, Morro Agudo, Tinguá e Santa Rosa (estes bairros de Nova Iguaçu), onde seria eliminado. Outro ponto que ele tentou esclarecer foi sobre o carro: circularam notícias de que um Chevrolet ano 1955 ou 57 teria sido utilizado no sequestro, mas o bispo diz que o veículo em que foi colocado era maior que um Volks, tinha duas portas, mas não chegava a ser do tamanho de um Chevrolet.

NÃO VAI MUDAR

Na manhã de quarta-feira, Dom Adriano Hipólito tinha gravação uma entrevista para a televisão sobre a vocação sacerdotal de hoje, respondendo perguntas sobre o Governo e a Igreja, mas segundo ele, sem qualquer sentido político. A entrevista terminou pouco antes da hora do almoço. O Bispo disse desconhecer que ao chegar ao pátio da emissora, tentaram roubar os «tapes» do interior da kombi. Muito tranquilo e pensando ao responder algumas perguntas, Dom Adriano, que voltou ao Rio, disse que continuará o mesmo tipo de trabalho que vem coordenando há dez anos em Nova Iguaçu. Segundo ele, esteve na expectativa da morte e a fé prevaleceu em tudo, deixando-o muito feliz.

O laudo do exame de corpo de delito, realizado na casa do Cardeal Dom Eugênio Sales, no Sumaré, pelo legista Nelson Caparelli, ainda não teve o resultado divulgado mas o Bispo foi informado de que seus ferimentos foram de médios para leves, não se constatando nada de grave.

INCOMPREENSÃO

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Aloísio Lorscheider, disse que o trabalho que Dom Adriano realiza é muito concreto e que em Nova Iguaçu este tipo de trabalho não é tão simples.

«O que fazemos pastoralmente, muitos vêem de maneira negativa; nossa arma é a palavra, é o apelo. Não queremos subverter ordem nenhuma. Lutamos pelo respeito à pessoa humana». Dom Aloísio disse que a ação da Igreja deve ser mais compreendida e que existem muitos egoístas, causadores da incompreensão e violência, da qual foi vítima D. Adriano. O Bispo afirmou ainda que a Igreja tem pena muito severa para aqueles que tocam um mensageiro de Deus. O delito, segundo disse, é gravíssimo, e quem o praticar será excomungado.

Respondendo à pergunta de um repórter, Dom Adriano disse que suas ligações com o Bispo de Volta Redonda, Dom Valdir Calheiros, são apenas pastorais.

O secretário-geral do CELAN, Dom Alfonso Lopez Trujilla, que chegou de Bogotá na véspera, disse que «a Igreja está sofrendo com o que aconteceu a Dom Adriano», pois trabalha evangelicamente, generosamente, procurando a união entre os homens por toda a América Latina, lutando pelos direitos integrais da pessoa humana, mas não está livre de injustiças e incompreensões. «Mas — afirmou — tudo isto anima e temos esperanças e confiança de que a palavra abrirá novos caminhos, dias melhores para todos, buscando a felicidade e união total do homem, e por isto, rendo um tributo de solidariedade em nome de todos os bispos latino-americanos, a Dom Adriano Hipólito».

EXCOMUNHAO

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil divulgou a seguinte nota oficial:

«A presidência da CNBB faz público o teor do Cânon 2343, § 3 do Código de Direito Canônico: «Quem praticar violência contra a pessoa de um Patriarca, Arcebispo ou Bispo, embora só titular, incorre em excomunhão «latæ sententiæ» (automaticamente) reservada de modo especial à Sé Apostólica».

Castiga este cânon as injúrias reais, consistentes em ações contra o corpo, ou contra a liberdade, ou contra a dignidade.

Recorda a mesma presidência que este castigo canônico aponta a gravidade do delito cometido contra Dom Adriano Mandarino Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, RJ.

Com toda a Comunidade Católica, a presidência da CNBB pede a Deus que inspire melhores sentimentos aos que ora incorreram na dolorosa mas necessária sanção eclesiástica.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1976 — Cardeal Aloísio Lorscheider — Presidente da CNBB»

" O DIA "

30 / 09 / 1976



Terroristas iam mutilar o Bispo de Nova Iguaçu

O Dia
30-09
76

Assessores diocesanos de Dom Adriano Hipólito disseram ontem que seus seqüestradores pretendiam mutilá-lo e quase o fizeram em meio às sevícias a que o submeteram.

Acrescentaram os assessores que o Bispo de Nova Iguaçu precisou ser submetido a tratamento médico durante cinco dias, no Rio de Janeiro, onde esteve assistido por Dom Eugênio Sales.

ESTADO DELICADO»

Os assessores de Dom Adriano revelaram que clínicos e psiquiatras consideraram muito delicado seu estado emocional após ser libertado pelos seqüestradores. Por isto é que não apareceu em público, deixando a entrevista coletiva para mais tarde. Durante o recolhimento, esteve na residência arqui-diocesana do Rio de Janeiro, no Sumaré, assistido por Dom Eduardo Koaik.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

01 / 10 / 1976

Rio, sexta-feira, 1-outubro-1976

Outro bispo sofre ameaças e pede proteção às autoridades

Uma semana depois do seqüestro praticado por terroristas contra o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, o Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Ivo Lorscheiter foi notificado ontem, pelo Bispo Diocesano de Barra do Pirai e Volta Redonda, Dom Valdir Calheiros de Novaes que os integrantes do bando de seqüestradores fizeram o terceiro telefonema de ameaça para sua residência diocesana, na Rua 156, nº 260, em Volta Redonda.

Os outros dois telefonemas foram feitos terça e quarta-feira últimas, tendo um deles sido atendido pela mãe do Prelado, que tem mais de 80 anos de idade e se acha hospitalizada sob cuidados médicos rigorosos. Dom Valdir Calheiros tem 53 anos de idade e foi Bispo Auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro após sua nomeação em fevereiro de 64, transferindo-se para Barra do Pirai e Volta Redonda, em 1966. O Bispo pediu à CNBB que acionasse as autoridades a fim de evitar que ocorra com ele o que aconteceu com o Bispo de Nova Iguaçu.

SEM MEDO

Dom Ivo Lorscheiter, que viajou ontem, para sua Diocese em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, afirmou que Dom Valdir Calheiros não teme qualquer ameaça e não vai deixar de continuar as suas visitas pastorais que vem realizando às 40 paróquias dos dez municípios que estão jurisdicionados à sua Diocese.

Dom Valdir Calheiros é natural de Muriel, no Estado de Alagoas, nascido a 29 de julho de 1923, ordenado Sacerdote a 25 de julho de 1948 e nomeado Bispo no dia 25 de fevereiro de 1964. Sagrou-se Bispo no dia 1º de maio de 1964. Permaneceu dois anos como Auxiliar do então Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara.

Tem responsabilidade eclesiástica perante uma população de aproximadamente 500 mil habitantes nos Municípios de Angra dos Reis, Barra do Pirai, Barra Mansa, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Parati, Pirai, Resende, Rio Claro e Volta Redonda. Seu Vigário Geral é Monsenhor Manoel Teófilo Barreto Vianna. Sua Diocese faz limites com Juiz de Fora e Campanha, em Minas Gerais; Lorena e Taubaté, em São Paulo; e Valença e Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro.

DESAFIO

Antes de seu embarque ontem para o Rio Grande do Sul, Dom Ivo explicou que os três telefonemas dados pelos terroristas para a residência de Dom Valdir Calheiros representa um desafio não à Igreja, mas sim à autoridade do Estado. Lembrou que na entrevista coletiva de Dom Adriano Hipólito, dada 48 horas antes da última ameaça dos extremistas, o Bispo de Nova Iguaçu dava ciência de que os seqüestradores leram uma lista

de autoridades da Igreja que seriam vítimas de novas investidas criminosas. Entre elas estava o nome de «Dom Calheiros», Prelado de Volta Redonda e Barra do Pirai.

Ante a insistência da ameaça, Dom Ivo disse que o assunto foi levado ao conhecimento das autoridades encarregadas da segurança e paz da população do Estado do Rio de Janeiro, assim como às autoridades de outros órgãos de segurança do Governo. A CNBB levou o assunto ainda, ao conhecimento de Dom Eugênio de Araújo Sales, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, a cuja jurisdição eclesiástica está subordinada a Igreja de Barra do Pirai e Volta Redonda. Sua esperança, segundo revelou, é de que as autoridades tomem providências urgentes para evitar outro «trauma à Igreja e ao Povo de Deus».

«TAPES» SUMIRAM

Referindo-se à Diocese de Nova Iguaçu, afirmou que os filmes de televisão («tapes») que seriam colocados no ar por uma emissora sobre a situação da Igreja do Padre hoje, foram retirados de uma Kombi e desapareceram.

Estranhou a CNBB que o «sumiço» dos filmes tenha ocorrido após o arrombamento da porta da viatura em que se achavam e exatamente 48 horas antes do seqüestro e sevícias que sofreu Dom Adriano Hipólito. Apesar das buscas intensas da Igreja e da Diocese de Nova Iguaçu, os «tapes» não foram localizados.

As ameaças a Dom Valdir Calheiros, feitas pelo grupo que se dizia pertencer à Aliança Anticomunista Brasileira, foram comunicadas ontem ao presidente da CNBB, Dom Aloísio Lorscheider, Cardeal-Arcebispo de Fortaleza, no Ceará, quando se achava em São Paulo, de onde viajou para a capital cearense. Dom Aloísio pediu apuração completa e orações para o fortalecimento da missão da Igreja, segundo revelou Dom Ivo Lorscheider.

LAUDOS DAS BOMBAS

Os laudos sobre as bombas colocadas no carro do Bispo de Nova Iguaçu e em outros locais, serão enviados, segunda-feira próxima, pelo Instituto de Criminalística, ao Delegado Borges Fortes, da Ordem Política e Social, que preside o inquérito sobre os referidos atentados.

UMA DAS BOMBAS

Sobre a bomba colocada na Ordem dos Advogados e que não chegou a explodir, os técnicos do Instituto de Criminalística informaram que se trata de um petardo feito com 12 cartuchos de 180 gramas cada, num total de 2k 180 gramas, com pavio envolto num plástico vermelho. Sobre o que estava sendo chamado de «lama explosiva», explicaram que se trata de nitroglicerina gelatinosa. A bomba estava embrulhada num papel pardo, onde se lia a frase «Contém Livros».

" O DIA "

02 / 10 / 1976



POLICIAIS VIGIAM A CASA DO BISPO DE VOLTA REDONDA

VOLTA REDONDA (O DIA) — O delegado de Volta Redonda, Evandro Sarmento, confirmou ontem, que foram colocados policiais em vigilância na residência diocesana do Bispo Dom Valdir Calheiros, à Rua 156, número 260, por medida de precaução quanto a uma possível tentativa de seqüestro do Bispo.

Segundo o delegado, não existia segurança alguma na casa de Dom Valdir, mas depois que ocorreu o seqüestro de Dom Adriano Hipólito, a própria Polícia tomou a iniciativa de proteger o Bispo de Volta Redonda, exigindo, inclusive, identidade das pessoas que se dirigem à residência diocesana. Disse ainda que Dom Valdir não chegou a solicitar o envio de agentes para protegê-lo.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

" O DIA "

02 / 10 / 1976



POLICIAIS VIGIAM A CASA DO BISPO DE VOLTA REDONDA

VOLTA REDONDA (O DIA) — O delegado de Volta Redonda, Evandro Sarmento, confirmou ontem, que foram colocados policiais em vigilância na residência diocesana do Bispo Dom Valdir Calheiros, à Rua 156, número 260, por medida de precaução quanto a uma possível tentativa de seqüestro do Bispo.

Segundo o delegado, não existia segurança alguma na casa de Dom Valdir, mas depois que ocorreu o seqüestro de Dom Adriano Hipólito, a própria Polícia tomou a iniciativa de proteger o Bispo de Volta Redonda, exigindo, inclusive, identidade das pessoas que se dirigem à residência diocesana. Disse ainda que Dom Valdir não chegou a solicitar o envio de agentes para protegê-lo.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

12 / 10 / 1976



AUTORIDADES NÃO ABANDONARAM BUSCA A AUTORES DE ATENTADOS

O Dia 12-10-76

BRASÍLIA (AGS) — A Assessoria de Imprensa do Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão, distribuiu, ontem, nota oficial, informando que as autoridades estaduais, adotaram, «sem perda de tempo», todas as medidas com o objetivo de identificar os autores dos recentes atentados terroristas no Rio e em São Paulo.

É a seguinte a nota do Ministério da Justiça:

A investigação de atos terroristas provocou, ultimamente, comentários injustos e inteiramente inaceitáveis.

Em primeiro lugar, assinala-se que o Ministro da Justiça, cumprindo expressa recomendação do Presidente Ernesto Geisel, já manifestou, publicamente, a repulsa e a condenação do Governo ao procedimento criminoso, visceralmente contrário à índole e às tradições do povo brasileiro.

Ademais, as autoridades estaduais competentes sem perda de tempo, adotaram todas as medidas com o objetivo de descobrir a autoria dos crimes e encaminhar os responsáveis à Justiça. Os órgãos federais próprios participam das inves-

tigações, em regime de íntima cooperação.

É notório, todavia, que em delitos desse tipo a ação investigatória se mostra sempre difícil, no Brasil e no mundo inteiro. Tem sido possível, em alguns casos, obter êxito pleno nas diligências, enquanto noutros os delitos ficam, infelizmente sem o esclarecimento devido, no prazo que seria desejável.

O Governo Federal continua empenhado no completo esclarecimento dos crimes cometidos, usando para isso dos meios legais de que dispõe.

Não pode silenciar, porém, quando se abandona a voz da prudência para se fazer ouvir o que são interpretações inadmissíveis e sem base na realidade.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

12 / 10 / 1976



AUTORIDADES NÃO ABANDONARAM o Que 12-10-76 BUSCA A AUTORES DE ATENTADOS

BRASÍLIA (AGS) — A Assessoria de Imprensa do Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão, distribuiu, ontem, nota oficial, informando que as autoridades estaduais, adotaram, «sem perda de tempo», todas as medidas com o objetivo de identificar os autores dos recentes atentados terroristas no Rio e em São Paulo.

É a seguinte a nota do Ministério da Justiça:

A investigação de atos terroristas provocou, ultimamente, comentários injustos e inteiramente inaceitáveis.

Em primeiro lugar, assinala-se que o Ministro da Justiça, cumprindo expressa recomendação do Presidente Ernesto Geisel, já manifestou, publicamente, a repulsa e a condenação do Governo ao procedimento criminoso, visceralmente contrário à índole e às tradições do povo brasileiro.

Ademais, as autoridades estaduais competentes sem perda de tempo, adotaram todas as medidas com o objetivo de descobrir a autoria dos crimes e encaminhar os responsáveis à Justiça. Os órgãos federais próprios participam das inves-

tigações, em regime de íntima cooperação.

É notório, todavia, que em delitos desse tipo a ação investigatória se mostra sempre difícil, no Brasil e no mundo inteiro. Tem sido possível, em alguns casos, obter êxito pleno nas diligências, enquanto noutros os delitos ficam, infelizmente sem o esclarecimento devido, no prazo que seria desejável.

O Governo Federal continua empenhado no completo esclarecimento dos crimes cometidos, usando para isso dos meios legais de que dispõe.

Não pode silenciar, porém, quando se abandona a voz da prudência para se fazer ouvir o que são interpretações inadmissíveis e sem base na realidade.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

21 / 10 / 1976

BISPOS VÃO DEFINIR POSIÇÃO DOS CRISTÃOS NAS ELEIÇÕES

0 Dia 21-10-76

Dom Adriano Hipólito, Bispo Diocesano de Nova Iguaçu depôs ontem, durante 90 minutos, perante a Comissão Especial criada pela Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunida no Convento do Cenáculo, em Laranjeiras, com 36 Bispos e dois Cardeais.

Esta comissão especial foi constituída para estudar a situação atual da Igreja no Brasil, frente aos recentes acontecimentos relacionados com a morte de dois sacerdotes, o seqüestro e sevícias de Dom Adriano Hipólito e a ameaça ao Bispo de Volta Redonda, Dom Valdir Calheiros. A CNBB fala hoje sobre os principais depoimentos tomados.

SENSIBILIZADAS

Dois Bispos, Dom Afonso Niehues, Arcebispo de Florianópolis e Dom Moacyr Grechi, do Acre, deram entrevista coletiva ontem, em nome da Comissão Representativa, dizendo que as outras Igrejas Cristãs que participam como observadoras dos trabalhos da CNBB, que se estenderão até o dia 25, mostraram-se "muito sensibilizadas com os acontecimentos recentes, ligados às ações pastorais da Igreja junto aos índios e aos posseiros" e, segundo afirmaram, poderão "formar fileiras com a CNBB na tarefa de defesa dos direitos humanos e na promoção da pessoa em seu todo cristão".

Em seu segundo dia de trabalhos, a Comissão Representativa teve a presença do Reverendo Pastor Bertoldo Weber, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana que também é presidente da comissão mista ecumênica de sua Igreja; da Comissão Nacional de Confissão Luterana; e da Comissão Internacional Mista para o Diálogo das Igrejas Cristãs. Em nome da Igreja Metodista, participou, ontem, das reuniões e sessões de trabalhos,

o Reverendo Pastor Carlos Otaviano Pereira Simões. Estão sendo esperados hoje, os representantes das Igrejas Episcopal e Católica Apostólica Ortodoxa.

POLÍTICA EM DEBATE

Um pronunciamento sobre a situação dos cristãos nas eleições de 15 de novembro próximo sairá hoje, às 15h30min, durante entrevista marcada pela Assessoria de Imprensa da CNBB, para o Convento de N. S. do Cenáculo, em Laranjeiras. Serão designados dois Bispos que falarão sobre um dos seus nove documentos de estudos trazidos para a Comissão Representativa deliberar no Rio de Janeiro.

Duzentas e vinte e seis Dioceses foram consultadas sobre uma conduta nacional da Igreja em relação às eleições. Até ontem, segundo revelação dos Arcebispos de Florianópolis, em Santa Catarina e Dom Moacyr Grechi, do Acre, 70 Dioceses tinham elaborado documento próprio, seguindo a orientação da CNBB; 8 Dioceses não haviam respondido ao questionário enviado pela CNBB; e 148 deixaram de enviar documentos sobre assuntos políticos.

Este resultado autorizou a Comissão Representativa a emitir, com força de decisão, um pronunciamento oficial da Igreja, no curso desta reunião do Rio de Janeiro, sobre a situação política e o papel de participação dos cristãos na decisão de escolha dos seus candidatos às Prefeituras e Câmaras Municipais em todo o País. O pronunciamento pode ser liberado ainda hoje, segundo impressão dos dois Prelados que deram entrevista ontem. Sobre o assunto já existe um documento básico que ainda vai ser discutido hoje, durante a manhã.

16 / 11 / 1976

Atirada uma bomba no Semanário "Opinião"

O Dia 16.11.76

Pouco depois das três horas da madrugada de ontem, uma bomba foi atirada na varanda do semanário Opinião, causando pequeno rombo na parede lateral direita e estilhaçando vidraças, não só daquele imóvel como de algumas residências mais próximas. O jornal fica na Rua Abade Ramos, 78, na Gávea, e no seu interior estava apenas o vigia, Abelardo Marques, que nada sofreu, além de grande susto.

Um morador das proximidades, deu uma pista à Polícia: um fusca verde arrancou, logo após a explosão, mas ele não conseguiu anotar a placa, observando porém que era ocupado por quatro homens.

MENSAGEM

Logo depois chegava ao local o proprietário do semanário, Fernando Gasparian, acompanhado de agentes da Polícia Federal, do DOPS e do Departamento Geral de Investigações da Secretaria de Segurança.

Foi recolhida uma mensagem deixada pelos terroristas, em que acusam "Opinião" de propaganda comunista e fazem várias ameaças.

OUTRAS CONSEQUÊNCIAS

O prédio do jornal Opinião está situado entre os de números 94 e 96. No primeiro funciona uma escola de crianças excepcionais. Elas foram retiradas às pressas para que não se cortassem em vidros estilhaçados. Na outra casa os vidros das janelas da frente também foram quebrados.

Fernando Gasparian declarou que espera o esclarecimento do caso, «pois é a impunidade dos responsáveis pe-



A explosão causou um rombo na parede, além de outros danos materiais

las bombas colocadas em outros locais que estimula o prosseguimento da campanha de terror. Não queremos que o Brasil chegue à situação em que se encontra a Argentina». Os prejuízos foram estimados em cerca de dez mil cruzeiros.

PERSEGUIÇÃO

O Inspetor Asdrúbal, da 15ª Delegacia Policial, dirigia-se para o local da explosão, quando viu um Corcel amarelo, chapa RJ-WX 28-47, com seus ocupantes em atitude suspeita. Perseguiu o veículo da Rua Marquês de São Vicente até a Avenida Nie-

meier, onde o perdeu de vista.

COMUNICAÇÃO

O Sr. Fernando Gasparian, diretor de Opinião, endereçou ao Sr. Prudente de Moraes, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, a seguinte mensagem:

«Comunicamos a V. Exa. que na madrugada do dia 15 de novembro, uma bomba de alto teor explosivo danificou as dependências do jornal Opinião, à Rua Abade Ramos, 78. O teor da explosão pode ser avaliado pelos estragos que causou nas paredes, portas de ferro e vidros do prédio do jornal bem como nas residências vizinhas, inclusive uma escola onde crianças internadas dormiam na ocasião da explosão sendo atingidas pelos vidros partidos. Toda a vizinhança do local foi acordada pelo barulho ouvido a uma distância de três quilômetros. Felizmente o atentado não causou danos de maior gravidade a pessoas, uma vez que no momento da explosão o vigia se encontrava no andar superior do prédio. Panfletos deixados no local, e cuja cópia anexamos, demonstram a premeditação e a confiança na impunidade dos autores do atentado, reivindicado pela AAB — Aliança Anticomunista Brasileira.

É mais um elo numa cadeia de violência que já atingiu a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), no Rio, a sede do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), em São Paulo, Dom Adriano Hipólito, o Bispo de Nova Iguaçu, sequestrado e sequestrado a residência do diretor da Rede Globo, Sr. Roberto Marinho, além de ameaças a presos políticos por todo o País. É mais um crime que permanecerá com seus autores nebulosamente encobertos numa suspeita impunidade?

Primeira redação de jornal diretamente atingida, embora outras já tenham sido ameaçadas de atentados, na verdade a explosão da madrugada do dia 15 de novembro visou a opinião democrática do País quando escolheu o dia das eleições municipais.

A organização clandestina que reivindica a autoria de mais esse atentado ameaça em seus panfletos «outras publicações», por isso concitamos os que fazem imprensa no Brasil a pressionarem no sentido da apuração desses crimes e ameaças e a tornarem

Atirada uma bomba no Semanário "Opinião"

O Dia 16-11-76

Pouco depois das três horas da madrugada de ontem, uma bomba foi atirada na varanda do semanário Opinião, causando pequeno rombo na parede lateral direita e estilhaçando vidraças, não só daquele imóvel como de algumas residências mais próximas. O jornal fica na Rua Abade Ramos, 78, na Gávea, e no seu interior estava apenas o vigia, Abelardo Marques, que nada sofreu, além de grande susto.

Um morador das proximidades, deu uma pista à Polícia: um fusca verde arrancou, logo após a explosão, mas ele não conseguiu anotar a placa, observando porém que era ocupado por quatro homens.

MENSAGEM

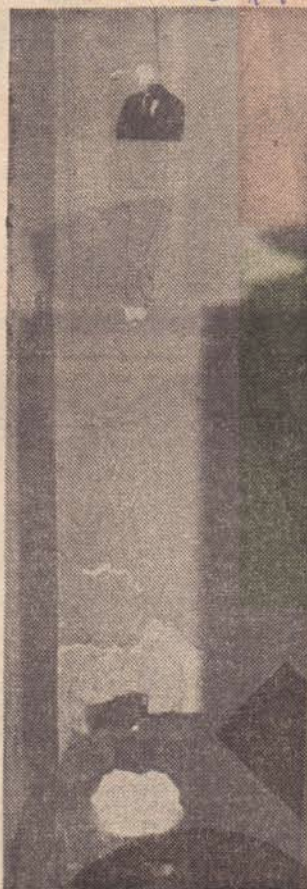
Logo depois chegava ao local o proprietário do semanário, Fernando Gasparian, acompanhado de agentes da Polícia Federal, do DOPS e do Departamento Geral de Investigações da Secretaria de Segurança.

Foi recolhida uma mensagem deixada pelos terroristas, em que acusam "Opinião" de propaganda comunista e fazem várias ameaças.

OUTRAS CONSEQUÊNCIAS

O prédio do jornal Opinião está situado entre os números 94 e 96. No primeiro funciona uma escola de crianças excepcionais. Elas foram retiradas às pressas para que não se cortassem em vidros estilhaçados. Na outra casa os vidros das janelas da frente também foram quebrados.

Fernando Gasparian declarou que espera o esclarecimento do caso, «pois é a impunidade dos responsáveis pe-



A explosão causou um rombo na parede, além de outros danos materiais

las bombas colocadas em outros locais que estimula o prosseguimento da campanha de terror. Não queremos que o Brasil chegue à situação em que se encontra a Argentina». Os prejuízos foram estimados em cerca de dez mil cruzeiros.

PERSEGUIÇÃO

O inspetor Asdrúbal, da 15ª Delegacia Policial, dirigia-se para o local da explosão, quando viu um Corcel amarelo, chapa RJ-WX 28-47, com seus ocupantes em atitude suspeita. Perseguiu o veículo da Rua Marquês de São Vicente até a Avenida Nie-

meyer, onde o perdeu de vista.

COMUNICAÇÃO

O Sr. Fernando Gasparian, diretor de Opinião, endereçou ao Sr. Prudente de Moraes, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, a seguinte mensagem:

«Comunicamos a V. Exa. que na madrugada do dia 15 de novembro, uma bomba de alto teor explosivo danificou as dependências do jornal Opinião, à Rua Abade Ramos, 78. O teor da explosão pode ser avaliado pelos estragos que causou nas paredes, portas de ferro e vidros do prédio do jornal bem como nas residências vizinhas, inclusive uma escola onde crianças internadas dormiam na ocasião da explosão sendo atingidas pelos vidros partidos. Toda a vizinhança do local foi acordada pelo barulho ouvido a uma distância de três quilômetros. Felizmente o atentado não causou danos de maior gravidade a pessoas, uma vez que no momento da explosão o vigia se encontrava no andar superior do prédio. Panfletos deixados no local, e cuja cópia anexamos, demonstram a premeditação e a confiança na impunidade dos autores do atentado, reivindicado pela AAB — Aliança Anticomunista Brasileira.

É mais um elo numa cadeia de violência que já atingiu a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), no Rio, a sede do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), em São Paulo, Dom Adriano Hipólito, o Bispo de Nova Iguaçu, seqüestrado e sequestrado, a residência do diretor da Rede Globo, Sr. Roberto Marinho, além de ameaças a presos políticos por todo o País. É mais um crime que permanecerá com seus autores nebulosamente encobertos numa suspeita impunidade?

Primeira redação do jornal diretamente atingida, embora outras já tenham sido ameaçadas de atentados, na verdade a explosão da madrugada do dia 15 de novembro visou a opinião democrática do País quando escolheu o dia das eleições municipais.

A organização clandestina que reivindica a autoria de mais esse atentado ameaça em seus panfletos «outras publicações», por isso conclamamos os que fazem imprensa no Brasil a pressionarem no sentido da apuração desses crimes e ameaças e a tornarem claro que a impunidade que até agora beneficiou seus autores vem comprometendo a segurança interna do País, além de estimular uma escalada desses crimes com efeitos imprevisíveis.



**D. Adriano festeja
seus dez anos ^{o Dia 26}
em Nova Iguaçu ¹¹**

DUQUE DE CAXIAS (Su-
cursal) — O Bispo de Nova
Iguaçu, Dom Adriano Hipóli-
to, comemorou os seus dez
anos naquela Paróquia, on-
tem, e na ocasião, abordou o
sequestro de que foi vítima,
queixando-se «de que somen-
te houve uma movimentação
parcial para descobrir os cul-
pados». Contou, ainda, que o
Delegado Borges Fortes, do
DPPS, pediu-lhe que fizesse
um «retrato falado» de seus
sequestradores, «pois — se-
gundo o policial — havia for-
te pressão por parte da opi-
nião pública».

Afirmou o sacerdote que a
Igreja tem por obrigação de-
nunciar as coisas erradas, na
esperança de conseguir acer-
tar. — É a missão profética
da Igreja, conforme disse o
Profeta Isaías Ezequiel. E
continuou: — «A Igreja vem
procurando analisar todos os
problemas que vêm envolven-
do a América Latina. Vem
lutando pela liberdade de Im-
prensa, que é a válvula de
escape da denúncia para o
conhecimento da opinião pú-
blica».

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

28 / 11 / 1976

D. EUGÊNIO MANTEVE RÁPIDO O Dia 28-11-76 ENCONTRO COM O PRESIDENTE

O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, que voltou a se encontrar com o Presidente Geisel, durante a homenagem aos mortos na Intentona Comunista de 1935, revelou aos repórteres, momentos depois, que sua conversa de menos de dois minutos versou sobre «assuntos generalizados», recusando-se a informar o seu real conteúdo.

Sorridente, disse que não estava em condições de dar entrevistas, mas contou ter sido informado, pelo próprio Ministro Armando Falcão, durante a solenidade, da libertação do Padre Florentino Maboni, na noite de ontem. A prisão, ao que soube, teve caráter localizado e o problema deverá ser resolvido em Marabá. Sinceramente, eu não conheço o problema em profundidade, disse.

Confirmou declarações anteriores sobre a localização dos autores do seqüestro do

Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, pelos órgãos de segurança, mas não forneceu qualquer outro detalhe, afirmando ter recebido a informação por telefone, através de pessoa que também não quis indicar o nome. «Sei que foi localizada a área de onde partiu o seqüestro, mas não tenho os nomes dos autores, principalmente porque a notícia me foi revelada por telefone», prosseguiu.

Quanto ao discurso proferido pelo representante das Forças Armadas, na ocasião, contendo críticas a setores da Igreja, D. Eugênio Sales, o considerou «bom, pois falou de liberdade e justiça, princípios pelos quais todos lutamos».

O Ministro Armando Falcão, embora trazendo um sorriso nos lábios, recusou-se a qualquer contato com a imprensa, negando-se a externar qualquer informação sobre o ato de soltura para o Padre Maboni.



GAZETA DE NOTÍCIAS

JORNAL DO

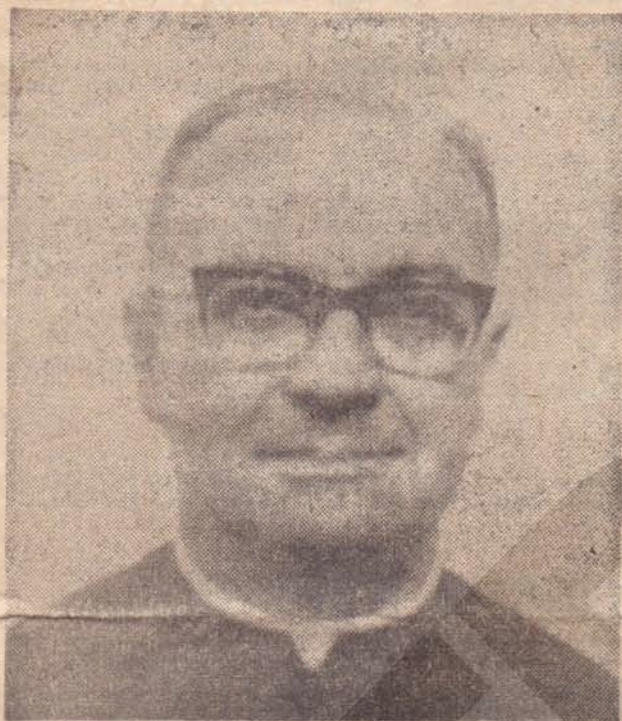
RIO DE JANEIRO

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

24/09/1976

Repúdio é Total ao Terrorismo

Repúdio de Notícias
24-09-76



O repúdio é total contra o terrorismo que desta vez investiu contra Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, que, depois de sequestrado, foi torturado e abandonado nu. Seu sobrinho passou pelo mesmo tormento e o carro do prelado foi destruído a bomba. Na Polícia tudo é silêncio.



NOTA DO PRIMEIRO EXÉRCITO

O General Reinaldo de Melo, Comandante do Primeiro Exército, divulgou nota oficial à Nação, mostrando que o Governo está atento e dando seu testemunho de repúdio ao ato de vandalismo. No documento, ele ressalta que as investigações estão em andamento e os culpados serão punidos.

A BOMBA NA CASA DE MARINHO

O Dr. Roberto Marinho, Presidente das organizações Globo, diz que confia nas autoridades para apurar o atentado contra sua residência e lamenta o fato de um dos seus empregados ter sido gravemente ferido em uma vista.



24/09/76

SEQUESTRO E SEVÍCIAS EM DOM HIPÓLITO

Repúdio Total ao Terror

gazeta de Notícias 24-09-76

Um intenso véu de mistério e silêncio foi baixado, ontem, pela policarioca, nas investigações abertas sobre o seqüestro e sevícias impostas por um grupo que se identificou como Aliança Anti-Comunista Brasileira, ao Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

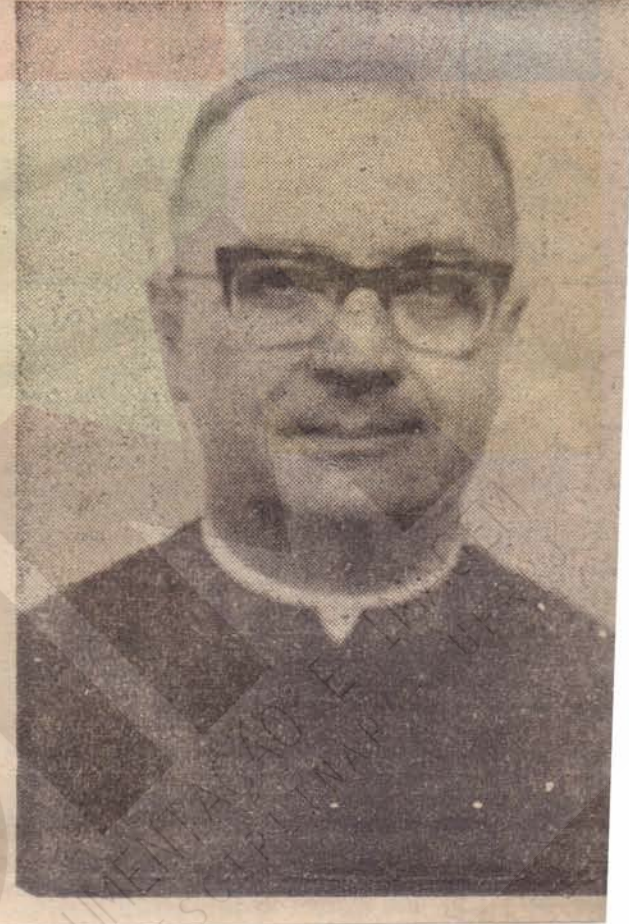
O mesmo sigilo cobre os trabalhos de apuração da bomba jogada na residência do Sr. Roberto Marinho, diretor-redator-chefe da Empresa Globo — rádios, jornal e televisão. Nos dois casos estão trabalhando agentes especiais do Departamento Geral de Investigação Especial.

A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil divulgou nota oficial repudiando os atos de terrorismo e violência. A Associação Brasileira de Imprensa, também, se manifestou em defesa da integridade de

seus membros. Dom Eugênio Sales, se movimentou e disse apenas que «Dom Adriano Hipólito, está bem».

O seqüestro de Dom Adriano Hipólito, estourou como uma bomba atômica, no Vaticano e às notícias inicialmente divulgadas pelo L'Osservatore Romano anunciavam a morte do Bispo de Nova Iguaçu e lembravam suas constantes denúncias contra o chamado Esquadrão da Morte, na Baixada Fluminense.

Por outro lado, Dom Adriano Hipólito, que prestou declarações durante a madrugada, na 29a. Delegacia, não foi encontrado, ontem, em lugar algum. Sabe-se que ele esteve em contato com os Bispos e teve longa entrevista com Dom Eugênio Sales. A única informação é de que «ele está bem».



NOTA OFICIAL DA CNBB

«A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2. reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esses, na sequência de outros fatos, longe de se atemorizar, ela se en-

3. agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil;

4. renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1976.»

Repúdio Total ao Terror

Gazeta de Notícias 24/9/76

Um intenso véu de mistério e silêncio foi baixado, ontem, pela polícia carioca, nas investigações abertas sobre o seqüestro e sevícias impostas por um grupo que se identificou como a Aliança Anti-Comunista Brasileira, ao Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

O mesmo sigilo cobre os trabalhos de apuração da bomba jogada na residência do Sr. Roberto Marinho, diretor-redator-chefe da Empresa Globo — rádios, jornal e televisão. Nos dois casos estão trabalhando agentes especiais do Departamento Geral de Investigação Especial.

A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil divulgou nota oficial «repudiando os atos de terrorismo e violência». A Associação Brasileira de Imprensa, também, se manifestou em defesa da integridade de

seus membros. Dom Eugênio Sales, se movimentou e disse apenas que «Dom Adriano Hipólito, está bem».

O seqüestro de Dom Adriano Hipólito, estourou como uma bomba atômica, no Vaticano e às notícias inicialmente divulgadas pelo L'Osservatore Romano anunciavam a morte do Bispo de Nova Iguaçu e lembravam suas constantes denúncias contra o chamado Esquadrão da Morte, na Baixada Fluminense.

Por outro lado, Dom Adriano Hipólito, que prestou declarações durante a madrugada, na 29a. Delegacia, não foi encontrado, ontem, em lugar algum. Sabe-se que ele esteve em contato com os Bispos e teve longa entrevista com Dom Eugênio Sales. A única informação é de que «ele está bem».



NOTA OFICIAL DA CNBB

«A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;
2. reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esses, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristãos;

3. agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil;
4. renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1976.

A REAÇÃO DA ABI

«Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um Bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arrogamentos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação.»

DOM EUGÊNIO CONDENA

A Assessoria de Imprensa do Palácio São Joaquim distribui a seguinte declaração do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araújo Sales:

«O sequestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as Autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos.»

NOTA DO 1.º EXÉRCITO

O General Reinaldo de Melo Almeida, comandante do Primeiro Exército, distribuiu, ontem, a seguinte nota oficial:

— Em face dos acontecimentos envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tenho o dever de esclarecer:

a) O Exército como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, consequentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b) Fatos e episódios criminosos não afetam a tranquilidade e a paz existentes da área;

c) O governo do Estado do Rio, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial;

d) A confiança do governo na ação das Forças legais deve continuar à tónica do comportamento de todos.

FALA ROBERTO MARINHO

O Dr. Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, assim se expressou sobre o atentado à sua residência:

— A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa aos primeiros minutos de hoje, destruindo pequena parte do telhado e da vidraça da residência. Não imagino qual tenha sido a motivação ou a autoria desse atentado. O caso está entregue às autoridades policiais que desde os primeiros momentos demonstram estar empenhadas na sua elucidação.

Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo. O que acima de tudo lamento, é que este ato brutal feriu um dos meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é neste momento o fator de nossa maior preocupação.

COMUNICADO AO POVO DE NOSSA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Dom Adriano Hypolito, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente sequestrado, encapuzado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 23 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: «Felizes sereis quando vos caluniarem, quando os perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós» (Mateus, 5,11-12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos «filhos das trevas» os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os «clamores do povo» (Exodo, 3,7).

rica Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Brasil são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: «Sereis odiados por todos por causa do meu nome. E, no entanto, não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação» (Lucas 21,17-19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

Sacerdotes, religiosos e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, reunidos com o Vigário Geral.

A REAÇÃO DA ABI

«Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um Bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arrogamentos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação.»

DOM EUGÊNIO CONDENA

A Assessoria de Imprensa do Palácio São Joaquim distribui a seguinte declaração do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araújo Sales:

«O sequestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as Autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos.»

NOTA DO 1.º EXÉRCITO

O General Reinaldo de Melo Almeida, comandante do Primeiro Exército, distribuiu, ontem, a seguinte nota oficial:

— Em face dos acontecimentos envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tenho o dever de esclarecer:

a) O Exército como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, consequentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b) Fatos e episódios criminosos não afetam a tranquilidade e a paz existentes na área;

c) O governo do Estado do Rio, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial;

d) A confiança do governo na ação das Forças legais deve continuar à tônica do comportamento de todos.

FALA ROBERTO MARINHO

O Dr. Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, assim se expressou sobre o atentado à sua residência:

— A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa aos primeiros minutos de hoje, destruindo pequena parte do telhado e da vidraça da residência. Não imagino qual tenha sido a motivação ou a autoria desse atentado. O caso está entregue às autoridades policiais que desde os primeiros momentos demonstram estar empenhadas na sua elucidação.

Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo. O que acima de tudo lamento, é que este ato brutal feriu um dos meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é neste momento o fator de nossa maior preocupação.

COMUNICADO AO POVO DE NOSSA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Dom Adriano Hypólito, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente sequestrado, encapuzado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do onstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: «Felizes sereis quando vos caluniarem, quando os perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós» (Mateus, 5,11-12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos «filhos das trevas» os quais, em das as épocas de opressão, tentaram abafar os «clamores do povo» (Isaías, 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América

Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: «Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação» (Lucas 21,17-19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

Sacerdotes, religiosas e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, reunidos com o Vigário Geral,

28 de setembro de 1978

24/09/76

Dom Adriano Hipólito nasceu em 1918 e foi ordenado padre em 1966, sendo designado para uma paróquia de Nova Iguaçu. Ao ser guindado ao alto cargo de Bispo, passou a gerir os destinos da Diocese de Nova Iguaçu, tendo sob seu comando noventa e oito paróquias.

Atualmente ele estava residindo na Rua dos Eucaliptos, s/n.º, no Parque Flora, lá mesmo em Nova Iguaçu. Notabilizou-se na luta ferrenha pelos interesses dos seus paróquianos, o atendimento social e às denúncias contra o Esquadrão da Morte. Ultimamente fazia campanha pelo desarmamento e venda livre de arma em toda a Baixada Fluminense.

Durante todo o dia de ontem, foi intenso o movimento no Palácio São Joaquim e na sede da CNBB. Dom Eugênio Sales, que esteve desaparecido por toda a manhã, foi encontrado ligeiramente durante o almoço, quando disse apenas que "Dom Adriano Hipólito está bem física e psicologicamente". Depois saiu e não mais foi localizado.

Quinze representantes da Conferência dos Religiosos do Brasil estiveram reunidos no Mosteiro de São Bento, sob a presidência do padre Cleiton Santana. O assunto foi o sequestro de Dom Hipólito, mas nenhuma nota oficial foi divulgada à imprensa. Ninguém se mostrou disposto a comentar o assunto.

Dom Geraldo Fernandes, presidente em exercício da CNBB, recebeu os repórteres, mas falou muito pouco, além do que foi redigido na Nota Oficial distribuída cedo. Ele afirma que apesar dos acontecimentos, não pretende armar qualquer sistema de proteção aos prelados, nem à própria CNBB, onde o clima é de tranquilidade, apesar das ameaças e da explosão do carro de Dom Hipólito, em sua porta.

A CNBB também não quis revelar a localização do bispo sequestrado e seviciado. Dom Geraldo, após muita insistência, acabou afirmando:

— Não acredito que a TPF — Tradição, Pátria e Família — tenha qualquer participação no episódio.

E mais:

— É possível que tudo esteja intimamente ligado aos atentados praticados dias atrás contra a Associação Brasileira de Imprensa, a Ordem dos Advogados e às ameaças ao CNBB.

E finalizou:

— Isso é tentativa de intimidação aos bispos que, hoje (ontem) estariam reunidos ordinariamente e mensalmente.

A notícia do sequestro de Dom Adriano Hipólito foi levada ao Vaticano através de Dom Carmine Rocco, que também fez um relato completo de tudo a Dom Danto Squicciarini, que está no Rio, como delegado da Santa Sé para a Agência Internacional para a Energia Atômica, que está sendo realizado no Hotel Nacional-Rio.

Sequestro e Sevícias

O sequestro de D. Adriano Hipólito aconteceu às 19h30min de quarta-feira, no bairro da Posse, em Nova Iguaçu, quando o bispo e seu sobrinho Fernando Leal Webering, pararam o "Volkswagen" EB-7591-RJ — propriedade do bispo — na porta de Maria Del Rei Pilar Daglesias, noiva de Fernando. Ele já entrava em casa, quando surgiram um "Volks" vermelho por dois elementos — um branco, Os carros estavam ocupados por seis homens armados.

D. Adriano Hipólito foi colocado no "fusca" vermelho por dois elementos — um branco, louro de óculos, e outro moreno e mau encarado.

Fernando se viu obrigado a permanecer no "Volks" vinho do tio, cuja direção foi ocupada por um dos bandidos. Em seguida, partiram em louca disparada.

Maria Del Carmem, em pânico, pediu ajuda e seguiu para a Delegacia de Nova Iguaçu, onde apresentou queixa, mobilizando toda a polícia da Baixada. O próprio Prefeito de Nova Iguaçu, João Batista Barreto Lubanco, se incorporou às investigações, juntamente com Monsenhor Arthur Hatonen e padres Manoel Monteiro, André Cock e David Kigan.

Horas depois, Dom Adriano Hipólito era encontrado completamente nu e muito machucado, corpo todo coberto por mercúrio cromo, na Rua Japurá, em Jacarepaguá, pelo candidato a vereador pelo MDB, José Meneses, que por lá passava na Rua-Willys chapa KS-5242-RJ, dirigida por Evandro Moreira. O prelado foi recolhido e levado à casa do repórter-fotográfico Adir Mera.

Mera, atualmente militando na Editora Bloch, cedeu roupas para Dom Adriano Hipólito, e, em seguida, todos rumaram para a 29.ª Delegacia. Lá, foi ouvido pelo delegado Godofredo César de Matos, contando que fora obrigado a ingerir uma garrafa de aguardente e torturado de maneira selvagem. Isso durante duas horas, quando o veículo rodou por ruas lisas e de muitos buracos.

Antes de abandoná-lo, nu, os bandidos carregaram uma bolsa contendo cinco mil cruzeiros, que estavam destinados ao pagamento de títulos da Catedral de Nova Iguaçu e uma maleta tipo 007 com vários documentos. Daí para a frente surgiram os agentes do DGIE, tomando filmes de fotografos, anotações de repórter e fazendo ameaças aos profissionais de imprensa.

O véu de mistério desceu sobre o caso.

Sobrinho e Explosão

Fernando Leal Webering, o sobrinho de D. Adriano Hipólito, foi encontrado bem mais tarde, em uma lixeira da Estrada do Cata-

nho. Também estava sem roupa e em péssimas condições físicas. Ele disse ter sido encapuçado — o mesmo que aconteceu com o bispo — e barbaramente torturado. Ele foi medicado no Hospital Olivério Kraemer e depois levado ao DGIE. Ninguém mais o viu.

O "fusca" EB-7591-RJ, de Dom Adriano Hipólito, foi levado pelos sequestradores e abandonado às 23h30min de quarta-feira, em frente ao prédio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Glória. Dois elementos — um alto e forte, de camisa branca e calça escura, e outro sem camisa —, desceram do veículo e colocaram um pacote embaixo do veículo.

Um papel foi enterrado mais adiante. Segundo depois, quando os homens fugiam em direção à Rua Antônio Mendes Campos, o carro voava pelos ares, em meio a tremenda explosão e se incendiava. Quando a polícia chegou, pouco restava do veículo. Intacta, apenas a roda traseira do lado direito.

Panfletos foram encontrados assinados pela Aliança Anticomunista Brasileira, se responsabilizando pelo atentado. Um vigia que trabalha no prédio número 50 da Rua do Russell, chegou a ver os autores da explosão.

Bomba Contra Jornalista

Passava pouco da meia-noite, quando um petardo explodiu na residência do Sr. Roberto Marinho, diretor das empresas Globo, na Rua Cosme Velho, 1.105, Laranjeiras. Os autores do atentado — ao que parece o petardo foi lançado da Ladeira dos Guararapes, que fica nos fundos da casa — eram dois e ocupavam um "fusca" azul.

A bomba explodiu no telhado da copa, onde estavam os empregados Darci Farias e Teotônio de Queirós. Eles viram uma faísca e em seguida a explosão. Teotônio foi duramente atingido no rosto e está ameaçado de ficar cego.

No exterior, o sequestro de Dom Adriano Hipólito teve alta repercussão, e na Cidade do Vaticano, os primeiros telegramas davam conta de que ele tinha sido assassinado, como esse transmitido pela France Press:

CIDADE DO VATICANO (AFP) — O assassinato do bispo de Nova Iguaçu, Brasil, Adriano Hipólito, seqüestrado ontem à noite, pela Aliança Anticomunista, foi anunciado hoje, aqui, pelo rádio L'Osservatore Romano.

O cadáver do bispo, nu e manietado, foi encontrado em um subúrbio do Rio de Janeiro, informou o diário.

A informação foi difundida também pela Rádio Vaticano.

Informações procedentes do Rio de Janeiro indicaram que tanto Monsenhor Hipólito como seu sobrinho, ambos seqüestrados, haviam sido libertados pouco depois de terem sido raptados pela organização.



PAPA PROTESTA CONTRA O SEQUESTRO DO *Gazeta de Notícias 28-09-76* BISPO DE NOVA IGUAÇU

CIDADE DO VATICANO (AFP) — O Papa Paulo VI protestou energicamente ontem, aqui contra a violência desatada na América Latina, em especial contra os sacerdotes e, principalmente, na Argentina e no Brasil.

O Papa pediu «explicações» ao novo embaixador da Argentina, Rubem Vitor Manuel Blanco, que lhe apresentou suas credenciais e à Junta Governamental, sobre os recentes assassinatos de sacerdotes e de religiosos em seu país.

«Trata-se de fatos que se desenrolaram em circunstâncias que, ainda, não foram esclarecidas» — ressaltou o Santo Padre Paulo VI, aduziu: «Deploramos, simultaneamente, este aumento da violência cega, que conturba a vida do povo argentino, nos últimos tempos.»

O diplomata argentino recordou ao seu ilustre interlocutor que a violência estava enendrada por uma doutrina «materialista» que repele todo «pluralismo» com os valores tradicionais de seu país.

Blanco acrescentou que o papel da Igreja é pregar «uma mensagem de salvação e caridade» junto com o exemplo, aludindo, assim, segundo os observadores, aos sacerdotes socialistas, comprometidos, e malguma causa.

Dois vigários franceses, assassinados na Argentina, em julho passado, elevaram a nove o número de eclesiásticos mortos ali, desde o começo deste ano.

Dia 4 de julho, cinco religiosos irlandeses morreram metralhados nas celas de seu convento, em Buenos Aires, ademais, a Santa Sé anunciou oficialmente, ontem, que Paulo VI havia protestado contra o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, no Brasil, Monsenhor Adriano Hipólito, sequestrado e abandonado nu, poucas horas depois, na periferia do Rio.

Este sequestro foi reivindicado pelo «Aliança Anti-comunista Brasileira.»

Em um telegrama, enviado pelo Cardeal Jean Villot, secretário de Estado, ao Nuncio Apostólico, em Brasília, o Papa dirigiu palavras de alento ao Bispo, comunicando-lhe sua «total solidariedade».

Também, ressaltou seu apoio ao Episcopado Brasileiro «nesta dura prova», e condenou, mais uma vez, a violência.

A respeito, a Embaixada do Brasil na Santa Fé se limitou a declarar que se havia inteirado pela imprensa ao atentado, que, por outro lado, não compromete o Governo Brasileiro.

GAZETA
de notícias

QUARTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO D

**O SEQUESTRO
SEGUNDO O
RELATO DE
D. HIPÓLITO**

***Eles Rugiam Como
Feras, Fui Algemado e
Espancado Sem dó***



Na quarta-feira, dia 22 de setembro, pelas 19 horas, saí do meu gabinete na Cúria Diocesana. Tinha acabado o expediente normal: meia hora mais tarde. O último atendido então foi nosso operário Fidélis, que foi assaltado no domingo anterior e vinha pedir um adiantamento em dinheiro. Desci à galeria, mas fiquei conversando ainda uns dez minutos com o P. Henrique e o P. David, da Catedral. No meu Volkswagen Sedan já estavam sentados meu sobrinho Fernando Leal Webering, ao volante e, no banco traseiro, sua noiva Maria del Pilar Iglesias.

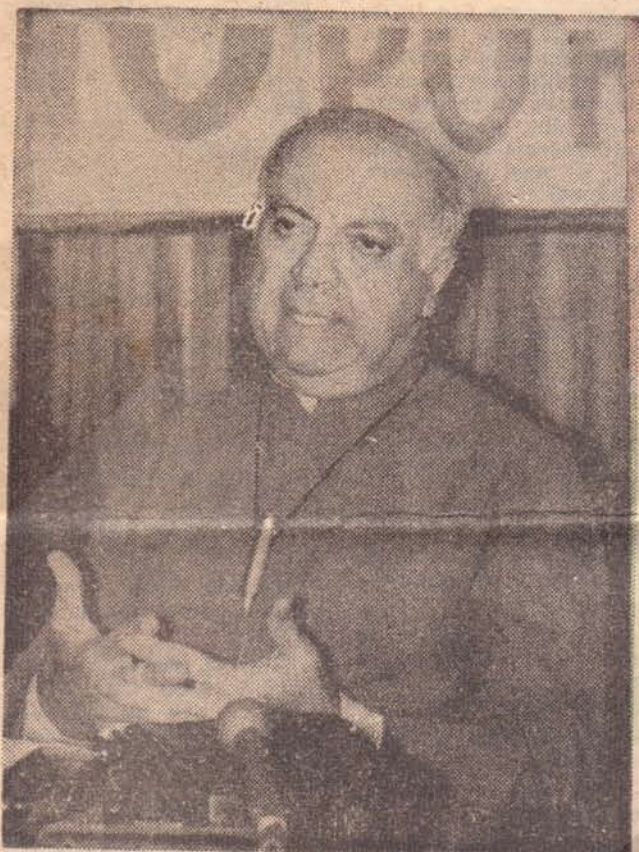
Pelas 19,15 horas me despedi, entrei no Volks ao lado de Fernando e saímos. Tomamos o caminho de todos os dias. Sem notar nada de extraordinário, fomos para casa, no Parque Flora. Pilar, que aproveita todas as tardinhas a carona, ficaria no caminho, na Rua Paraguaçu.

Ao entrarmos na Rodovia Presidente Dutra (direção de São Paulo), um pouco depois do quilômetro 15, como um caminhão passasse em alta velocidade, tivemos de nos manter no acostamento. Ali estava parado um Volkswagen vermelho, que atrapalhou um pouco a nossa entrada na Dutra. Passamos do acostamento para a rodovia e parece que o VW vermelho seguiu atrás de nós.

Passamos sob o viaduto que liga a Rua Roberto Silveira com a Estrada de Ambaí e o Bairro da Posse mas, como fazemos nos últimos meses para evitar um cruzamento perigoso e muito movimentado da Praça da Posse, seguimos até o posto de gasolina e dobramos à direita pela Rua Minas Gerais. Continuamos por essa rua normalmente. No ponto onde a Rua Minas Gerais corta a Rua Gama, na esquina à esquerda, estava parado um carro de faróis acesos que procurou avançar com rapidez na nossa frente. Fernando avançou mais rápido, pelo que o repreendi. Dobramos, como sempre, à direita, pela Rua Gama, daí entrando pela esquerda na Rua D. Benedita. Dois carros nos seguiam. Fernando observou: "Parecem malucos ou estão brigando". Eu acrescentei: "Apreste mais para a gente não se envolver na briga". Ele acendeu e assim entramos à esquerda, na Rua Moçambique. Neste momento, um Volkswagen vermelho nos fechou. Paramos um instante e olhamos indignados. Logo recomeçamos a viagem, sem ainda percebermos a situação real. Eu tive certo de que era mesmo uma briga dos dois carros. Galgamos a Rua Moçambique, que é ladeirosa e curta, e no topo dobramos à direita para a Rua Paraguaçu, que é onde mora Pilar, no fim, na penúltima casa antes de entrar na Estrada de Ambaí. Eu disse a Fernando que se aproximasse mais do meio-fio, para Pilar poder saltar sem perigo e os briguentos pudessem passar sem nos incomodar.

Uns cinco metros antes do portão de Pilar, o VW vermelho nos cortou pela frente e outro carro pelo lado. Saltam cinco ou seis homens armados de pistolas, ameaçadores, e se aproximam do nosso carro. Do meu lado, um grita: "É um assalto. Sala logo senão atiro". Hesitei um pouco, tentando saber de que se tratava. Com palavrões, abriu a porta de meu lado e me puxaram. Tropecei e caí, perguntando ainda: "Meu irmão, o que foi que eu fiz?"

Com brutalidade, dois elementos me arrastaram e me atiraram no banco traseiro do



Na quarta-feira, dia 22 de setembro, pelas 19 horas, saí do meu gabinete na Cúria Diocesana. Tinha acabado o expediente normal meia hora mais tarde. O último atendido então foi nosso operário Fidélis, que foi assaltado no domingo anterior e vinha pedir um adiantamento em dinheiro. Desci à galeria, mas fiquei conversando ainda uns dez minutos com o P. Henrique e o P. David, da Catedral. No meu Volkswagen Sedan já estavam sentados meu sobrinho Fernando Leal Webering, ao volante e, no banco traseiro, sua noiva Maria del Pilar Iglesias.

Pelas 19,15 horas me despedi, entrei no Volks ao lado de Fernando e saímos. Tomamos o caminho de todos os dias. Sem notar nada de extraordinário, fomos para casa, no Parque Flora. Pilar, que aproveita todas as tardinhas a carona, ficaria no caminho, na Rua Paraguaçu.

Ao entrarmos na Rodovia Presidente Dutra (direção de São Paulo), um pouco depois do quilômetro 15, como um caminhão passasse em alta velocidade, tivemos de nos manter no acostamento. Ai estava parado um Volkswagen vermelho, que atrapalhou um pouco a nossa entrada na Dutra. Passamos do acostamento para a rodovia e parece que o VW vermelho seguiu atrás de nós.

Passamos sob o viaduto que liga a Rua Roberto Silveira com a Estrada de Ambaí e o Bairro da Posse mas, como fazemos nos últimos meses para evitar um cruzamento perigoso e muito movimentado da Praça da Posse, seguimos até o posto de gasolina e dobramos à direita pela Rua Minas Gerais. Continuamos por essa rua normalmente. No ponto onde a Rua Minas Gerais corta a Rua Gama, na esquina à esquerda, estava parado um carro de faróis acesos que procurou avançar com rapidez na nossa frente. Fernando avançou mais rápido, pelo que o repreendi. Dobramos, como sempre, à direita, pela Rua Gama, daí entrando pela esquerda na Rua D. Benedita. Dois carros nos seguiam. Fernando observou: "Parecem malucos ou estão brigando". Eu acrescentei: "Apreste mais para a gente não se envolver na briga". Ele acerou e assim entramos à esquerda, na Rua Moçambique. Neste momento, um Volkswagen vermelho nos fechou. Paramos um instante e olhamos indignados. Logo retomamos a viagem, sem ainda percebermos a situação real. Eu tive certo de que era mesmo uma briga dos dois carros. Galgamos a Rua Moçambique, que é ladeirosa e curta, e no topo dobramos à direita para a Rua Paraguaçu, que é onde mora Pilar, no fim, na penúltima casa antes de entrar na Estrada de Ambaí. Eu disse a Fernando que se aproximasse mais do meio-fio, para Pilar poder saltar sem perigo e os briguentos pudessem passar sem nos incomodar.

Uns cinco metros antes do portão de Pilar, o VW vermelho nos cortou pela frente e outro carro pelo lado. Saltam cinco ou seis homens armados de pistolas, ameaçadores, e se aproximam do nosso carro. Do meu lado, um grita: "É um assalto. Sala logo senão atiro". Hesitei um pouco, tentando saber de que se tratava. Com palavras, abriu a porta de meu lado e me puxaram. Tropecei e caí, perguntando ainda: "Meu irmão, o que foi que eu lhe fiz?"

Com brutalidade, dois elementos me arrastaram e me atiraram no banco traseiro do carro deles, com pancadas na cabeça e no

corpo, para eu me acachapar. Ainda vi por dois ou três segundos a cara do que ia no volante, chamando-me atenção os óculos quadrados sem aro. O outro elemento, de cara redonda e rude, tinha as faces marcadas por cicatrizes de espinhas infeccionadas. Julgo ter visto Pilar imóvel na frente do portão da casa dela e algumas pessoas, imóveis também, nas portas da padaria que fica logo depois da casa de Pilar, na esquina da Rua Paraguagu com a Estrada de Ambai.

Logo o elemento que estava ao lado do motorista se virou com pancadas para mim e me encapuzou. O capuz era de fazenda grossa, parecendo lona. Senti-me asfixiar. Amarrou o capuz, mas ainda pude ver as algemas: eram pretas, talvez de ferrugem. Ainda me algemando, deram o arranque com toda violência, sempre batendo-me na cabeça e no corpo para eu me abaixar. Logo me algemou, primeiro no pulso do braço direito e depois na mão esquerda. Senti que viraram pela Estrada de Ambai, na direção de Nova Iguaçu. Sempre me batia, soltando palavrões. A cena na porta da casa de Pilar deve ter durado uns oito a dez minutos e foi muito violenta.

Depois de uns poucos minutos de encapuzado, com as voltas do carro sempre em disparada louca, perdi totalmente a noção de espaço. Não consegui um só instante identificar os lugares por onde passávamos. Andamos por estrada asfaltada, por estrada de paralelepípedos, por estradas de barro. Sempre em alta velocidade. Parecia uma viagem de loucos. Logo no começo, ouvi o elemento da direita dizer para o motorista: "Este serviço vai render quatro milhas".

Dai a pouco, começou a me apalpar, à procura talvez de arma ou de carteira. Como não encontrasse nem uma nem outra, começou a cortar os botões de minha batina, um por um. E quando descobriu os bolsos, esvaziou-os. Num eu tinha lenços, os óculos de leitura e um terço. No outro, a agenda de bolso, com meus documentos e algum dinheiro e ainda lenços. Tirou tudo o que encontrou, inclusive o relógio.

Depois de correremos como loucos uns trinta ou quarenta minutos, paramos (antes tinha feito duas ou três paradas). Sairam do carro e daí a pouco mandaram que eu saísse também: "Sala..." (com palavrão). Sai puxado. A primeira coisa que fizeram foi tirar toda a roupa, deixando-me inteiramente nu. Ai então tentaram enfiar-me na boca o gargalo de uma garrafa de cachaça. Senti nos lábios o gosto e resisti. Não insistiram, mas um derramou a cachaça no capuz. Senti-me asfixiar e caí no chão estrebuchando. Pensei que ia perder completamente os sentidos, mas aos poucos me recuperei.

Eu estava deitado, no lado esquerdo, num chão irregular de pedras e gravetos. A uma distância de 50-100 metros ouvia-se passar algum carro; devíamos estar assim perto de uma estrada.

Começaram os insultos e provocações. Havia um que rugia como fera. Outro me disse: "Chegou tua hora, miserável traidor vermelho. Nós somos da Ação (não me recordo se disseram Ação, Aliança ou Comando), Anticomunista Brasileira e vamos tirar vingança. Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do bispo Calheiros, de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos trai-

"Nunca fui, não sou nem serei comunista. O que eu fiz foi sempre e dei o meu voto". De vez em quando me davam pontapes.

A certa altura ouvi, numa distância que calculo de vinte metros aproximadamente, a voz de Fernando, que gritava: "Não façam isto comigo, eu não fiz nada!" Tive a impressão de que estavam batendo nele. Resolvi então falar: "Deixem o rapaz, ele não tem culpa de nada. O que foi que ele fez?" Repeti ainda outra vez estas ou palavras semelhantes. Alguém retrucou: "Que nada! Quem ajuda comunista é comunista!"

Começaram a lançar spray no meu corpo. Eu sentia o borrifar e o frio do spray. Tinha um cheiro acre. Pensei que iam me queimar. Escutei alguém dizer: "É pra cortar". Depois me disseram duas vezes: "O chefe deu ordem pra não matar, você não vai morrer não. É só pra aprender a deixar de ser comunista". Houve um silêncio mais prolongado e então me deram ordem de entrar novamente no carro. A cena tinha durado entre 30 e 40 minutos.

Empurraram-me, todo nu, para dentro do carro, novamente no banco traseiro. Sempre encapuzado e algemado. Fizeram-me acachapar ao máximo no banco, sempre às custas de pancadas; depois colocaram por cima de mim umas tiras do que acho que tinha sido minha batina.

O carro arrancou. Quem falava agora no volante era um elemento de voz fanhosa. O outro indivíduo, ao lado do motorista, falava enrolado, dava berros selvagens, como que para me amedrontar. Recomeçou uma corrida selvagem, como anteriormente. O elemento da direita começou a abrir as algemas, o que consegui com muita dificuldade. Depois me amarrou fortemente com cordas, primeiro as mãos. Com a ponta da mesma corda desceu até os meus pés e amarrou fortemente também os tornozelos.

Senti que andávamos correndo por estrada asfaltada ou de paralelepípedos ou de barro. As vezes, estávamos mais perto de lugar mal habitado, pois eu ouvia vozes de crianças ou latidos. Paramos duas vezes. Em certo momento, julguei que estávamos perto de minha casa, pois os latidos dos cachorros pareciam conhecidos. Sempre em corrida louca. Não falavam. Apenas o elemento da direita acomodava de vez em quando os trapos da batina sobre mim, parece que para eu não ser visto. Devemos ter andado uma meia hora. Paramos então.

O elemento da direita saiu do carro e me deu ordem de sair. O motorista ficou no carro que estava ligado. Puxou-me para fora com violência. Só podia sair arrastado, porque a corda me tolhia o movimento. Devia ficar de cócoras. Assentei-me no estribo. Ai o sujeito me deu uma pancada no pescoço, dizendo: "Bata a cabeça!" Nesse momento passa na rua um carro pesado. Com um safanão violento me atirou na calçada. Caí deitado. Quando me virei, o carro tinha arrancado com violência. Notei que era vermelho. Foi só então que percebi que estava no pescoço que

corpo, para eu me acachapar. Ainda vi por dois ou três segundos a cara do que ia no volante, chamando-me atenção os óculos quadrados sem aro. O outro elemento, de cara redonda e rude, tinha as faces marcadas por cicatrizes de espinhas infeccionadas. Julgo ter visto Pilar imóvel na frente do portão da casa dela e algumas pessoas, imóveis também, nas portas da padaria que fica logo depois da casa de Pilar, na esquina da Rua Paraguaçu com a Estrada de Ambai.

Logo o elemento que estava ao lado do motorista se virou com pancadas para mim e me encapuzou. O capuz era de fazenda grossa, parecendo lona. Senti-me asfixiar. Amarraram o capuz, mas ainda pude ver as algemas: eram pretas, talvez de ferrugem. Ainda me algemando, deram o arranque com toda violência, sempre batendo-me na cabeça e no corpo para eu me abaixar. Logo me algemou, primeiro no pulso do braço direito e depois na mão esquerda. Senti que viraram pela Estrada de Ambai, na direção de Nova Iguaçu. Sempre me batia, soltando palavras. A cena na porta da casa de Pilar deve ter durado uns oito a dez minutos e foi muito violenta.

Depois de uns poucos minutos de encapuzado, com as voltas do carro sempre em disparada louca, perdi totalmente a noção de espaço. Não consegui um só instante identificar os lugares por onde passávamos. Andamos por estrada asfaltada, por estrada de paralelepípedos, por estradas de barro. Sempre em alta velocidade. Parecia uma viagem de loucos. Logo no começo, ouvi o elemento da direita dizer para o motorista: "Este serviço vai render quatro milhas".

Dai a pouco, começou a me apalpar, à procura talvez de arma ou de carteira. Como não encontrasse nem uma nem outra, começou a cortar os botões de minha batina, um por um. E quando descobriu os bolsos, esvaziou-os. Num eu tinha lenços, os óculos de leitura e um terço. No outro, a agenda de bolso, com meus documentos e algum dinheiro e ainda lenços. Tirou tudo o que encontrou, inclusive o relógio.

Depois de correremos como loucos uns trinta ou quarenta minutos, paramos (antes tinha feito duas ou três paradas). Saíram do carro e daí a pouco mandaram que eu saísse também: "Sala..." (com palavrão). Sai puxado. A primeira coisa que fizeram foi tirar toda a roupa, deixando-me inteiramente nu. Ai então tentaram enfiar-me na boca o gargalo de uma garrafa de cachaca. Senti nos lábios o gosto e resisti. Não insistiram, mas um derramou a cachaca no capuz. Senti-me asfixiar e caí no chão estrebuchando. Pensei que ia perder completamente os sentidos, mas aos poucos me recuperei.

Eu estava deitado, no lado esquerdo, num chão irregular de pedras e gravetos. A uma distância de 50-100 metros ouvia-se passar algum carro; devíamos estar assim perto de uma estrada.

Começaram os insultos e provocações. Havia um que rugia como fera. Outro me disse: "Chegou tua hora, miserável traidor vermelho. Nós somos da Ação (não me recordo se disseram Ação, Aliança ou Comando) Anticomunista Brasileira e vamos tirar vingança. Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do bispo Calheiros, de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos traidores". Depois acrescentaram: "Diga que é comunista, miserável!" Ao que respondi:

"Nunca fui, não sou nem serei comunista. O que eu fiz foi sempre e dei o povo". De vez em quando me davam pontapes.

A certa altura ouvi, numa distância que calculo de vinte metros aproximadamente, a voz de Fernando, que gritava: "Não façam isto comigo, eu não fiz nada!" Tive a impressão de que estavam batendo nele. Resolvi então falar: "Deixem o rapaz, ele não tem culpa de nada. O que foi que ele fez?" Repeti ainda outra vez estas ou palavras semelhantes. Alguém retrucou: "Que nada! Quem ajuda comunista é comunista!"

Começaram a lançar spray no meu corpo. Eu sentia o borrifar e o frio do spray. Tinha um cheiro acre. Pensei que iam me queimar. Escutei alguém dizer: "É pra cortar". Depois me disseram duas vezes: "O chefe deu ordem pra não matar, você não vai morrer não. É só pra aprender a deixar de ser comunista". Houve um silêncio mais prolongado e então me deram ordem de entrar novamente no carro. A cena tinha durado entre 30 e 40 minutos.

Empurraram-me, todo nu, para dentro do carro, novamente no banco traseiro. Sempre encapuzado e algemado. Fizeram-me acachapar ao máximo no banco, sempre às custas de pancadas; depois colocaram por cima de mim umas tiras do que acho que tinha sido minha batina.

O carro arrancou. Quem falava agora no volante era um elemento de voz fanhosa. O outro indivíduo, ao lado do motorista, falava enrolado, dava berros selvagens, como que para me amedrontar. Recomeçou uma corrida selvagem, como anteriormente. O elemento da direita começou a abrir as algemas, o que conseguiu com muita dificuldade. Depois me amarraram fortemente com cordas, primeiro as mãos. Com a ponta da mesma corda desceu até os meus pés e amarraram fortemente também os tornozelos.

Senti que andávamos correndo por estrada asfaltada ou de paralelepípedos ou de barro. Às vezes, estávamos mais perto de lugar mal habitado, pois eu ouvia vozes de crianças ou latidos. Paramos duas vezes. Em certo momento, julguei que estávamos perto de minha casa, pois os latidos dos cachorros pareciam conhecidos. Sempre em corrida louca. Não falavam. Apenas o elemento da direita acomodava de vez em quando os trapos da batina sobre mim, parece que para eu não ser visto. Devemos ter andado uma meia hora. Paramos então.

O elemento da direita saiu do carro e me deu ordem de sair. O motorista ficou no carro que estava ligado. Puxou-me para fora com violência. Só podia sair arrastado, porque a corda me tolhia o movimento. Devia ficar de cócoras. Assentei-me no estribo. Ai o sujeito me deu uma pancada no pescoço, dizendo: "Baixa a cabeça!" Nesse momento passa na rua um carro pesado. Com um safanão violento me atirou na calçada. Cai deitado. Quando me voltei, o carro tinha arrancado com violência. Notei que era vermelho. Foi só antes dessa pancada no pescoço que me retiraram o capuz.

FIQUEI ENTREGUE NAS MÃOS DE DEUS

Nu e atado fiquel na calçada. Era uma rua ajeitada, com pouca luz, lembrando alguns bairros de Nova Iguaçu. Na casa defronte, uma luz fraca sala da janela. Tentei desamarrar a corda, mas os nós estavam muito apertados. Passa um carro da esquerda para a direita, bem perto de mim. Faço um gesto com as mãos amarradas. Vêm mas não param. Do outro lado, vejo andando três mulheres. Preferi não fazer sinal nenhum. Passa um segundo carro da esquerda para a direita também. Não me vê? Nisto se aproxima, do lado da rua em que me encontro, um rapaz. Chega-se perto de mim e eu peço: «O Sr. pode me desamarrar? Eu sou padre e fui assaltado.» Começa a me ajudar. Nisto chega, vindo da direita, um carro que para e pergunta o que eu preciso. Respondo: «Uma calça.» Ele promete ir buscar, porque mora perto. Eram cerca de 21,45 horas.

Juntaram-se alguns homens que me perguntam o que aconteceu. Tento explicar. Não entendem os nomes das ruas e dos bairros. Pergunto então: «Em que bairro de Nova Iguaçu a gente está?» Aham certa graça e respondem: «O senhor está em Jacarepaguá.» Perguntam ainda se estou ferido. Ai descubro que o spray me deixou todo vermelho.

Dai a pouco, o carro voltou, trazendo-me uma calça e um blusão. Convida-me em seguida a ir ver o padre da paróquia. Diz que é perito. Despeço-me das pessoas que me ajudaram e mostraram interesse por mim, entro no carro e seguimos. Ai o motorista se revela como repórter fotográfico da Manchete, Sr. Adir Meira. Revelo-me como bispo de Nova Iguaçu. E acrescento em tom de brincadeira: «O senhor aproveitou o furo.» Ele responde que agiu por solidariedade, que neste caso não é repórter, que é espirita, mas que todos devemos fazer o bem etc. Chegamos à Casa Paroquial, na Praça Seca. O vigário demora em atender. Neste momento passa uma rural, cheia de pessoas. Adir desobre na rural um amigo major do Exército, a quem comunica o ocorrido. Aham necessário irmos à Delegacia de Madureira, para declarações à polícia. Aparece o P. Pedro, vigário da paróquia, que me conhece de nome e estranha minha situação.

Na rural, que estava fazendo propaganda eleitoral, entro com o Sr. Adir e o major Kunnger. Vamos à 29a. Delegacia. O delegado Ro-



FIQUEI ENTREGUE

NAS MÃOS DE DEUS

Nu e atado fiquei na calçada. Era uma rua ajeitada, com pouca luz, lembrando alguns bairros de Nova Iguaçu. Na casa defronte, uma luz fraca saía da janela. Tentei desamarrar a corda, mas os nós estavam muito apertados. Passa um carro da esquerda para a direita, bem perto de mim. Faço um gesto com as mãos amarradas. Vêm mas não param. Do outro lado, vejo andando três mulheres. Preferi não fazer sinal nenhum. Passa um segundo carro da esquerda para a direita também. Não me vê? Nisto se aproxima, do lado da rua em que me encontro, um rapaz. Chega-se perto de mim e eu peço: «O Sr. pode me desamarrar? Eu sou padre e fui assaltado.» Começa a me ajudar. Nisto chega, vindo da direita, um carro que para e pergunta o que eu preciso. Respondo: «Uma calça.» Ele promete ir buscar, porque mora perto. Eram cerca de 21,45 horas.

Juntaram-se alguns homens que me perguntam o que aconteceu. Tento explicar. Não entendem os nomes das ruas e dos bairros. Pergunto então: «Em que bairro de Nova Iguaçu a gente está?» Aham certa graça e respondem: «O senhor está em Jacarepaguá.» Perguntam ainda se estou ferido. Ai descubro que o spray me deixou todo vermelho.

Dai a pouco, o carro voltou, trazendo-me uma calça e um blusão. Convida-me em seguida a ir ver o padre da paróquia. Diz que é perito. Despeço-me das pessoas que me ajudaram e mostraram interesse por mim, entro no carro e seguimos. Ai o motorista se revela como repórter fotográfico da Manchete, Sr. Adir Meira. Revelo-me como bispo de Nova Iguaçu. E acrescento em tom de brincadeira: «O senhor aproveite o furo.» Ele responde que agiu por solidariedade, que neste caso não é repórter, que é espirita, mas que todos devemos fazer o bem etc. Chegamos à Casa Paroquial, na Praça Seca. O vigário demora em atender. Neste momento passa uma rural, cheia de pessoas. Adir descobre na rural um amigo major do Exército, a quem comunica o ocorrido. Aham necessário irmos à Delegacia de Madureira, para declarações à polícia. Aparece o P. Pedro, vigário da paróquia, que me conhece de nome e estranha minha situação.

Na rural, que estava fazendo preparação eleitoral, entro com o Sr. Adir e o major Kunnera. Vamos à 29a. Delegacia. O delegado Ro-



nald me ouve, acha de início que se trata não de assalto mas de crime político e afinal declara que a jurisdição, no caso, compete a Nova Iguaçu. Seriam 22h30min. Foram chegando alguns padres de Nova Iguaçu, acompanhados de vários leigos, amigos meus. Faço algum relato. Vêm repórteres. Vem um funcionário do DOPS, declarando que meu caso está sob a alçada do DOPS. Era mais de meia-noite, quando saímos rumo ao DOPS: dois funcionários dessa instituição de segurança, o Sr. Adir, o P. David Keegan, da catedral, e eu. Vamos num veículo do DOPS.

No DOPS, fui interrogado pelo Dr. Borges Fortes. Soube então que o meu VW tinha explodido na frente da CNBB e que meu sobrinho Fernando tinha sido encontrado; ele e a noiva estavam a caminho do DOPS. Durante meu depoimento-interrogatório, avisaram que o Sr. Nuncio Apostólico queria me ver. Como demorassem em atendê-lo, entrou de repente na sala de depoimento, para me cumprimentar e trazer-me solidariedade. Depois saiu da sala dizendo que esperava por mim até o final do interrogatório.

Depois de três horas, chegaram Fernando e Pilar. O delegado Dr. Borges Fortes mandou Fernando para o Hospital Souza Aguiar para fazer exame. O depoimento deles dois ficaria para mais tarde. Meu depoimento deve ter durado cerca de hora e meia e foi gravado. O delegado fez depois um apanhado que li e assinei.

Terminado o depoimento, fui ter com o Sr. Nuncio Apostólico. Pelas três e meia, saímos o P. David e eu com o Sr. Nuncio Apostólico. Fomos primeiro à sede da CNBB, para cumprimentar o secretário D. Ivo Lorscheiter. Diante da sede da CNBB estava o meu VW quase que destruído completamente.

Conversamos um pouco com D. Ivo e, da CNBB, seguimos para o Colégio Santa Marcelina, no Alto da Boa Vista, onde ficamos hospedados com o Sr. Nuncio.

Na parte da manhã, recebi a visita do Cardeal D. Eugênio, do Arcebispo de Niterói D. José Gonçalves da Costa, do bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, D. Eduardo Koalk. Com este último, fui ao oculista, pois se perderam meus dois óculos no sequestro. Em seguida, me retirei para o Centro de Estudos do Sumaré, a convite de D. Eugênio, para repousar.





Dom Adriano inicia dizendo não ter recebido em tempo algum qualquer ameaça de seqüestro, morte, nada. Nem antes nem depois do seqüestro. Analisando a ação criminosa, afirma não poder imaginar de onde ela tenha partido e vai desfilando as hipóteses que têm surgido com fartura nos dias que se seguiram ao atentado.

— Não posso saber de onde partiu toda essa violência. Do Esquadrão da Morte, não acho viável, porque se o fosse, eles me pegariam aqui em Nova Iguaçu e me eliminariam aqui mesmo e não em um território que não é o deles.

E mais:

— Não pode ser uma vingança política, porque não tenho nenhuma participação política. Minha ação é pastoral, defendendo os pobres, os direitos humanos, talvez isso possa ter entrado em choque com outras mentalidades...

Dom Adriano afirma que viu os seqüestradores por alguns segundos apenas e isso não permite uma descrição pormenorizada dos elementos, "a angústia, a violência, não deixaram em minha mente a imagem dos algozes, o que vi já disse, não fiz segredo".

Ontem, foi possível se ficar sabendo que os elementos foram fartos de palavras, mas nunca se comunicaram entre si, através de notas ou anotações.

intenção de amedrontar, de intimidar, desmoralizar e eles se identificaram como sendo de uma ação anti-comunista. Não posso dizer se falavam a verdade, se encobriam com isso e verdadeiro lado. Mas, é certo que o ataque a mim, não foi uma ação isolada. Eles tinham um cronograma de trabalho e isso está claro, pois fui solto mais ou menos no mesmo momento em que jogavam uma bomba na residência de Roberto Marinho, nas Laranjeiras, e explodiam meu carro, na Glória. De onde partiu tudo isso, só as investigações vão mostrar.

Essa é opinião de Dom Adriano Hipólito quanto aos autores do seu seqüestro. Ele afirma ter certeza de que os elementos não eram de Nova Iguaçu, "se o fossem resolveriam o caso em Quelmadão, em Morro Agudo... Mas, se eu fui levado para Jacarepaguá e meu sobrinho para a Estrada do Catonho, é porque os lugares são mais familiares para eles".

— Não tenho nada de comprometedor em minha vida. Só faço traduzir o evangelho de maneira moderna, dentro das necessidades de nossa área. Posso ter aberto áreas de atrito, sim. Mas, se o fiz foi porque, como toda a Igreja o faz, saí em defesa do povo, para que as leis foram feitas mas não cumpridas.

Assim, D. Adriano Hipólito vê sua atuação à frente da Diocese católica. Sobre as violências que recebeu, diz que foram muitas, "mas nunca torturas; o que, mais me incomodou foram as algemas, colocadas violentamente".

E acrescenta, com voz grave:

— A tortura moral, porém, foi violentíssima.

Dom Adriano diz que não cogita de uma segurança especial e vai continuar a frente das muitas obras que dirige em Nova Iguaçu, defendendo o povo, preconizando o Evangelho, a palavra da Igreja.

Domingo, às 16 horas, ele estará rezando missa na Catedral de Santo Antônio.



Dom Adriano inicia dizendo não ter recebido em tempo algum qualquer ameaça de seqüestro, morte, nada. Nem antes nem depois do seqüestro. Analisando a ação criminosa, afirma não poder imaginar de onde ela tenha partido e vai desfilando as hipóteses que têm surgido com fartura nos dias que se seguiram ao atentado.

— Não posso saber de onde partiu toda essa violência. Do Esquadrão da Morte, não acho viável, porque se o fosse, eles me pegariam aqui em Nova Iguaçu e me eliminariam aqui mesmo e não em um território que não é o deles.

E mais:

— Não pode ser uma vingança política, porque não tenho nenhuma participação política. Minha ação é pastoral, defendendo os pobres, os direitos humanos, talvez isso possa ter entrado em choque com outras mentalidades...

Dom Adriano afirma que viu os seqüestradores por alguns segundos apenas e isso não permite uma descrição pormenorizada dos elementos, "a angústia, a violência, não deixaram em minha mente a imagem dos algozes, o que vi já disse, não fiz segredo".

Ontem, foi possível se ficar sabendo que os elementos foram fartos de palavras, mas nunca se comunicaram entre si, através de nomes ou apelidos.

NÃO FOI UMA AÇÃO ISOLADA

— É certo que houve a

intenção de amedrontar, de intimidar, desmoralizar e eles se identificaram como sendo de uma ação anti-comunista. Não posso dizer se falavam a verdade, se encobriam com isso e verdadeiro lado. Mas, é certo que o ataque a mim, não foi uma ação isolada. Eles tinham um cronograma de trabalho e isso está claro, pois fui solto mais ou menos no mesmo momento em que jogavam uma bomba na residência de Roberto Marinho, nas Laranjeiras, e explodiam meu carro, na Glória. De onde partiu tudo isso, só as investigações vão mostrar.

Essa é a opinião de Dom Adriano Hipólito quanto aos autores do seu seqüestro. Ele afirma ter certeza de que os elementos não eram de Nova Iguaçu, "se o fossem resolveriam o caso em Queimados, em Morro Agudo... Mas, se eu fui levado para Jacarepaguá e meu sobrinho para a Estrada do Catonho, é porque os lugares são mais familiares para eles".

— Não tenho nada de comprometedor em minha vida. Só faço traduzir o evangelho de maneira moderna, dentro das necessidades de nossa área. Posso ter aberto áreas de atrito, sim. Mas, se o fiz foi porque, como toda a Igreja o faz, saí em defesa do povo, para que as leis foram feitas mas não cumpridas. Aqui, em Nova Iguaçu, é comum ver-se um trabalhador recebendo a metade do salário-mínimo.

Assim, D. Adriano Hipólito vê sua atuação à frente da Diocese católica. Sobre as violências que recebeu, diz que foram muitas, "mas nunca torturas; o que, mais me incomodou foram as algemas, colocadas violentamente".

E acrescenta, com voz grave:

— A tortura moral, porém, foi violentíssima.

Dom Adriano diz que não cogita de uma segurança especial e vai continuar à frente das muitas obras que dirige em Nova Iguaçu, defendendo o povo, preconizando o Evangelho, a palavra da Igreja.

Domingo, às 16 horas, ele estará recitando missa na Catedral de Santo Antônio.

Mensagem de Agradecimento

Através dos meios de comunicação social, sempre vigilantes na tarefa de bem informar a opinião pública, quero agradecer a todos os que nestes dias penosos me trouxeram palavras de conforto e de solidariedade.

Agradeço particularmente ao Sr. Núncio Apostólico D. Carmine Rocco, que ficou ao meu lado durante algumas horas; ao Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, que pôs todos os recursos da Arquidiocese à minha disposição, do modo especial o Centro de Estudos do Sumaré; à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pelo seu secretário D. Ivo Lorscheiter; aos meus queridos irmãos no episcopado, religiosos e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, que se sentiram atingidos pela violência feita ao seu irmão mais velho; aos meus parentes e amigos que tanto sofreram comigo. Agradeço a todos em meu próprio nome e no nome das vítimas inocentes que foram Fernando Leal Webering e Maria del Pilar Iglesias.

Temos certeza de que as autoridades públicas agirão com presteza e decisão, para descobrirem a trama que envolve não somente a mim pessoalmente, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como ainda a Associação Brasileira de Imprensa e a Ordem dos Advogados do Brasil.

Estamos certos de que as autoridades farão tudo, já que estão empenhadas em garantir o bem-estar da Nação. Cônscios de sua responsabilidade, não permitirão que os esforços de todos sejam prejudicados pelo fanatismo de alguns. Contam com todos os brasileiros.

Um agradecimento muito especial às autoridades públicas do Estado do Rio e do País, a todos que manifestarem sua revolta pelas violências perpetradas contra mim.

Por fim, quero manifestar minha gratidão particular aos meios de comunicação social pela cobertura que deram aos acontecimentos, pelas expressões de solidariedade humana que manifestaram.

Todo o meu desejo, como cidadão brasileiro, como cristão, como bispo da Santa Igreja tem sido somente servir aos meus irmãos. É neste desejo imenso de servir que tenho falado e agido. Estou plenamente seguro de que podemos construir um mundo melhor.

Hoje como ontem e como amanhã, me disponho a servir os meus irmãos, porque neles vejo a face de Jesus Cristo a quem quero servir.

Dom Adriano Mandarino Hypolito
Bispo de Nova Iguaçu

29/09/1976



O Sequestro Segundo o Relato de D. Hipólito

Dom Adriano Hipólito, o Bispo de Nova Iguaçu sequestrado, espancado e abandonado nu, há dias, recebeu a imprensa, ontem, na sede do Centro de Formação de Líderes — uma das muitas obras por ele erguidas em sua Diocese. Ao lado de D. Aloísio Lorscheider — presidente da CNBB — e de D. Alfonso Lopez Trujillo — Secretário Geral do Celam — ele contou os mínimos detalhes do barbarismo a que foi submetido e afirmou que “a Igreja só luta pelo povo e pela Evangelização, por isso não sabe de onde partiu a violência”. (Leia tudo nas páginas 8 e 9)

DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

ELES RUGIAM COMO

GAZETA DE NOTÍCIAS - 29/9/76

FERAS, FUI ALGEMADO E

ESPANCADO SEM DÓ



8

1.º ano do
2.º centenário

D. Aloísio: Não Queremos Subverter Nenhuma Ordem



Dom Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e do Conselho Episcopal Latino-Americano, também se dirigiu aos repórteres, levando sua solidariedade a D. Adriano Hipólito, seqüestrado, espancado e abandonado nu na noite escura.

— Estou, ainda, em recuperação, mas em face desse acontecimento, aqui estou para dar minha solidariedade e à CNBB, que não poderia ficar parada. Estamos aqui, para apoiar D. Adriano, pois conhecemos seu trabalho positivo.

E foi mais além:

— Ainda mais nesta região que não é tão simples como parece e o que ele tem realizado é fruto de um imenso trabalho. Este Centro de Formação, que vocês estão vendo, é um exemplo. Isto é muito trabalho, esforço e inteligência.

Dom Aloísio foi direto:

— Nós não queremos subverter ordem nenhuma, muito pelo contrário, queremos ajudar o mundo para ele ser melhor e é exatamente isso que D. Adriano está fazendo aqui.

Falando do seqüestro em si, disse D. Aloísio:

— Foi uma manifestação de egoísmo, de incompreensão, de falta de buscar o bem do próximo e não só o próprio bem. Mas, as Leis da Igreja são claras e a pena máxima será deles, a excomunhão.

Um breve relato das atividades de Dom Adriano Hipólito, foi feito pelo presidente da CNBB.

Defendemos o Homem, a Vida, Sem Extremismos



— Viemos demonstrar nosso sentimento da mais profunda solidariedade por estes sofrimentos de Dom Adriano Hipólito, que não é só dele, é da Igreja de Nova Iguaçu e do Brasil.

A palavras são de Dom Alfonso Lopes Trujillo, secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano — CELAM —, que veio representar a organização na entrevista em que Dom Adriano Hipólito não deixaria a mínima dúvida quanto aos lances do seqüestro, das violências a que foi submetido.

Ele disse:

— A Igreja da América Latina trabalha evangelicamente, com tenacidade. Faz um trabalho pastoral. É a luta pela justiça, pelo respeito e os direitos humanos. É a defesa aberta da vida, do homem e não nos deixamos arrastar por qualquer extremismo, de qual-

D. Aloísio: Não Queremos Subverter Nenhuma Ordem



Dom Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e do Conselho Episcopal Latino-Americano, também se dirigiu aos repórteres, levando sua solidariedade a D. Adriano Hipólito, seqüestrado, espancado e abandonado nu na noite escura.

— Estou, ainda, em recuperação, mas em face desse acontecimento, aqui estou para dar minha solidariedade e à CNBB, que não poderia ficar parada. Estamos aqui, para apoiar D. Adriano, pois conhecemos seu trabalho positivo.

E foi mais além:

— Ainda mais nesta região que não é tão simples como parece e o que ele tem realizado é fruto de um imenso trabalho. Este Centro de Formação, que vocês estão vendo, é um exemplo. Isto é muito trabalho, esforço e inteligência.

Dom Aloísio foi direto:

— Nós não queremos subverter ordem nenhuma, muito pelo contrário, queremos ajudar o mundo para ele ser melhor e é exatamente isso que D. Adriano está fazendo aqui.

Falando do seqüestro em si, disse D. Aloísio:

— Foi uma manifestação de egoísmo, de incompreensão, de falta de buscar o bem do próximo e não só o próprio bem. Mas, as Leis da Igreja são claras e a pena máxima será deles, a excomunhão.

Um breve relato das atividades de Dom Adriano Hipólito, foi feito pelo presidente da CNBB, que mostrou o árduo trabalho de soerguimento de ambulatórios, casas paroquiais, escolas, clube de mães, etc. Por fim, concluiu D. Aloísio:

— A linha da CNBB não é a linha de três ou quatro bispos; é a linha de todos os bispos reunidos em Assembleia Geral. Por isso não há como acusar este ou aquele. Todo somos um só.

Defendemos o Homem, a Vida, Sem Extremismos



— Viemos demonstrar nosso sentimento da mais profunda solidariedade por estes sofrimentos de Dom Adriano Hipólito, que não é só dele, é da Igreja de Nova Iguaçu e do Brasil.

A palavras são de Dom Alfonso Lopes Trujillo, secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano — CELAM —, que veio representar a organização na entrevista em que Dom Adriano Hipólito não deixaria a mínima dúvida quanto aos lances do seqüestro, das violências a que foi submetido.

Ele disse:

— A Igreja da América Latina trabalha evangelicamente, com tenacidade. Faz um trabalho pastoral. É a luta pela justiça, pelo respeito e os direitos humanos. É a defesa aberta da vida, do homem e não nos deixamos arrastar por qualquer extremismo, de qualquer cor, talvez por isso, a Igreja na América Latina, está sofrendo muito, mas isso só anima a luta pastoral.

A entrevista chegava ao fim. As centenas de pessoas presentes aplaudiram de pé os bispos e D. Adriano Hipólito, em sua humildade, apontava para os operários da obra de construção do Centro de Formação de Líderes e pediu para eles uma salva de palmas.

QUARTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 1976

GAZETA
de notícias

D. HIPÓLITO À IMPRENSA

— Não Tenho Inimigos, só Defendo o Povo e a Igreja

— Eu agradeço a vocês todos da imprensa, que têm me tratado com muito carinho e aqui vieram ouvir minhas palavras. Meus agradecimentos, também, a esses operários que ergueram esta casa e, hoje, fizeram meio feriado para me desejar felicidade. Aos membros do DOPS e do SNI, igualmente, o meu agradecimento.

Quem fala pausadamente, calmo, tranqüilo, é o Bispo Dom Adriano Hipólito, há dias seqüestrado e espancado durante longas horas, antes de ser abandonado nu, em uma rua deserta de Jacarepaguá. Antes, ele havia distribuído há quase trezentas pessoas presentes, um *Agradecimento* e um documento no qual contava os momentos de horror que passou.

A entrevista aconteceu no Centro de Formação de Líderes e sede da Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu, no lamenento e distante bairro de Moquetá, uma das dezenas de obras fundadas e mantidas por D. Adriano Hipólito, o religioso que passou momentos terríveis nas mãos de um bando até agora desconhecido pelas autoridades de segurança.

Ao lado de D. Adriano, está D. Alfonso Lopez Trujillo, Secretário-Geral do Conselho Episcopal Latino Americano — *Celam*; D. Ivo Lorscheiter, Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB; D. Aloisio Lorscheider, presidente da CNBB e Secretário-Geral do CELAM; padre David Keegan, assistente de D. Adriano e padre Manoel Monteiro, chanceler da Diocese de Nova Iguaçu.

São 10h15min e depois disso, solene, olhos voltados para o céu, Dom Adriano Hipólito pede aos presentes que fiquem de pé e rezem um *Padre Nosso*. Feito isso, as perguntas são franqueadas e começa o bombardeio, que Dom Adriano Hipó-

D. HIPÓLITO À IMPRENSA

— Não Tenho Inimigos, só Defendo o Povo e a Igreja

— Eu agradeço a vocês todos da imprensa, que têm me tratado com muito carinho e aqui vieram ouvir minhas palavras. Meus agradecimentos, também, a esses operários que ergueram esta casa e, hoje, fizeram meio feriado para me desejar felicidade. Aos membros do DOPS e do SNI, igualmente, o meu agradecimento.

Quem fala pausadamente, calmo, tranqüilo, é o Bispo Dom Adriano Hipólito, há dias seqüestrado e espancado durante longas horas, antes de ser abandonado nu, em uma rua deserta de Jacarepaguá. Antes, ele havia distribuído há quase trezentas pessoas presentes, um *Agradecimento* e um documento no qual contava os momentos de horror que passou.

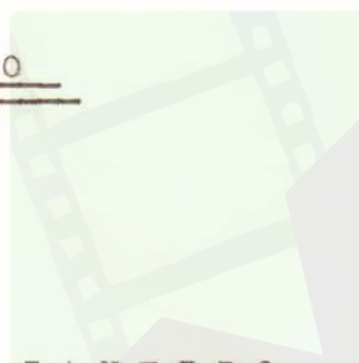
A entrevista aconteceu no Centro de Formação de Líderes e sede da Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu, no lamenento e distante bairro de Moquetá, uma das dezenas de obras fundadas e mantidas por D. Adriano Hipólito, o religioso que passou momentos terríveis nas mãos de um bando até agora desconhecido pelas autoridades de segurança.

Ao lado de D. Adriano, está D. Alfonso Lopez Trujillo, Secretário-Geral do Conselho Episcopal Latino Americano — *Celam*; D. Ivo Lorscheiter, Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB; D. Aloisio Lorscheider, presidente da CNBB e Secretário-Geral do CELAM; padre David Keegan, assistente de D. Adriano e padre Manoel Monteiro, chanceler da Diocese de Nova Iguaçu.

São 10h15min e depois disso, solene, olhos voltados para o céu, Dom Adriano Hipólito pede aos presentes que fiquem de pé e rezem um *Padre Nosso*. Feito isso, as perguntas são franqueadas e começa o bombardeio, que Dom Adriano Hipólito vai respondendo, sem titubear, muito seguro das respostas ou falando francamente quando não está em condições de responder.



O G L O B O



JORNAL DO RIO DE JANEIRO

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

" O GLOBO "

23 / 09 / 1976

Grupo armado seqüestra e agride Bispo de Nova Iguaçu

O bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, de 58 anos foi seqüestrado na noite de ontem por seis homens armados, que ocupavam dois carros. O fato ocorreu às 19h20m no bairro da Posse, em Nova Iguaçu, quando o religioso, acompanhava seu sobrinho Fernando Webereng, que deixara a noiva na porta de casa. Os seqüestradores, que se identificaram, segundo o DPPS, como membros da "Aliança Anticomunista do Brasil" — AAB — manietaram Dom Adriano com cordas e algemas, além de colocar um capuz em sua cabeça. A seguir rasgaram sua batina, deixando-o completamente despidido, encapuzado e manietado na Rua Japurá, em Jacarepaguá.

Socorrido por um candidato a vereador do MDB, Dom Adriano foi levado na Rural Willys KS 5242, dirigida por Evandro Moreira, para a casa do fotógrafo Adir Mera, onde conseguiu roupas, seguindo depois para a 29a. DP, em Madureira, onde foi ouvido pelo delegado Ronaldo.

Dom Adriano, o candidato a vereador e outras pessoas foram levadas ao final da noite de ontem para a Delegacia de Polícia Política e Social, para prestar depoimento.

Durante o tempo em que esteve na Delegacia de Madureira, o padre contou que os seqüestradores agiram de surpresa, não dando tempo a qualquer reação.

Os dois carros chegaram e os homens desceram, já empunhando revólveres. Foi levado para um Volks vermelho por dois homens. Um era moreno e o outro branco, de óculos e de uns trinta anos.

O padre disse ainda que o carro dos seqüestradores rodou por mais de uma hora, em ruas de paralelepípedo e outras de terra batida.

Eles pareciam procurar alguma coisa. Depois de algum tempo eles passaram a me agredir e rasgar minha batina. Eu estava encapuzado e com as mãos algemadas, além de ter os pés amarrados.

Dom Adriano revelou que, foi levado, para o dos seqüestradores, conseguiu ouvir os de seu sobrinho, le-

vado em seu próprio carro.

— Eles me obrigaram a beber cachaça e me tingiram o corpo com mercúrio cromo.

O seqüestrado disse que seus captores falavam que iam matar muitos comunistas, mas que sua vez ainda não havia chegado e um deles falou que "o chefe não havia dado ordens" para me matar.

A Polícia

A noiva de Fernando, que a tudo assistiu quando era deixada em casa, foi à Delegacia de Nova Iguaçu, comunicando o seqüestro. Pouco depois, todo o esquema de segurança da Polícia era acionado, dando início às buscas para a localização do bispo.

Dom Adriano levava uma bolsa com Cr\$ 5 mil destinados ao pagamento de títulos da Catedral de Nova Iguaçu, além de uma maleta 007, com diversos documentos, que ficaram com os seqüestradores.

Tão logo a notícia do seqüestro chegou à Catedral de Nova Iguaçu, diversos padres se deslocaram para a delegacia. Posteriormente eles foram para a 29a. DP e DGIE. Estavam presentes o vigário da paróquia, Monseñor Artur Ilarinen; Chanceler Manoel Monteiro e os padres André Cock e David Kigan.

Na madrugada de hoje, o prefeito de Nova Iguaçu, João Baptista Barreto Nubanco, acompanhado de um policial e a noiva do sobrinho do bispo, chegava a delegacia de Madureira, de onde seguiu para o DGIE. No mesmo horário, o delegado titular da Delegacia de Madureira, Godofredo César de Matos, convocado às pressas, assumiu a direção do caso, que passou à competência das autoridades da Delegacia de Polícia Política e Social.

As primeiras horas de hoje Fernando Webereng, de 25 anos, sobrinho do bispo de Nova Iguaçu, foi encontrado pela polícia, numa lixeira, no subúrbio. Ele estava encapuzado e, como seu tio, completamente despidido e manietado. Seu carro, Volks EB-7591, foi abandonado no Largo da Glória com uma bomba em seu interior, que explodiu minutos depois, destruindo-o completamente.

A luta contra a violência na Baixada

Há pelo menos três anos o bispo Adriano Hipólito luta contra a violência na Baixada Fluminense, no exercício de sua função pastoral. Muitas vezes ele fez apelos para que se esclarecessem "até o fim" os crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte, e apelou a "todos os cidadãos" para que "se empenhassem na luta para descobrir o que há por trás desses crimes".

Vem afirmando, desde 1974, que em sua opinião "o Esquadrão da Morte é formado, basicamente, por policiais e por alcaguetes, desprovidos de qualquer espírito cristão e capazes de matar um operário que tenha sido preso por falta de documentos".

Carro explode na Glória

Uma bomba de alta potência explodiu entre 23h30m e 23h45m de ontem sob o Volks RJ EB 7591 defronte ao prédio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Largo da Glória, 88, destruindo inteiramente o veículo, partes do qual foram arremessadas a cerca de 50 metros. O carro, de propriedade do sobrinho do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, fora abandonado no local algumas horas antes e dois homens foram vistos colocando um pacote quadrangular embaixo do eixo dianteiro do veículo.

A explosão no carro, que se incendiou logo em seguida, foi ouvida num raio de mais de cem metros, inclusive na 9a. Delegacia Policial. O Volks, de cor vermelha, tinha sido deixado na rua, defronte à CNBB, e com a explosão, foi deslocado para cima da calçada. A roda e o paralamas esquerdos foram arremessados a uma distância de aproximadamente 50 metros, na esquina de Rua do Russel enquanto partes da lataria se desprendiam. As chamas envolveram todo o veículo, ficando in-

na área e espuma nos veículos, os bombeiros utilizaram terra para conter as chamas. Minutos depois chegava o delegado Jacques de Brito, que solicitou a presença de técnicos da Delegacia de Polícia Política e Social — DPPS — e da Divisão de Órgãos e Sistemas, ambos da Secretaria de Segurança. Durante os trabalhos periciais, foram encontrados sapatos usados por padres, fragmentos de batina e documentos. No espaço do banco dianteiro direito, entre os ferros retorcidos, foram encontrados papéis com dizeres colados, que seriam os planfletos deixados pelos dois homens, segundo os policiais.

Num saco plástico, os peritos recolheram o que seriam fragmentos da bomba de alto teor explosivo. O texto do planfeto não foi divulgado, nem a relação dos documentos encontrados.

Foi apurado pelos agentes da Secretaria de Segurança que dois homens — um de camiseta e outro sem camisa — estacionaram o carro defronte ao CNBB, do outro lado da rua, desceram e um deles colocou um

Grupo armado seqüestra e agride Bispo de Nova Iguaçu

O bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, de 58 anos foi seqüestrado na noite de ontem por seis homens armados, que ocupavam dois carros. O fato ocorreu às 19h20m no bairro da Posse, em Nova Iguaçu, quando o religioso, acompanhava seu sobrinho Fernando Webereng, que deixara a noiva na porta de casa. Os seqüestradores, que se identificaram, segundo o DPPS, como membros da "Aliança Anticomunista do Brasil" — AAB — manietaram Dom Adriano com cordas e algemas, além de colocar um capuz em sua cabeça. A seguir rasgaram sua batina, deixando-o completamente despido, encapuzado e manietado na Rua Japurá, em Jacarepaguá.

Socorrido por um candidato a vereador do MDB, Dom Adriano foi levado na Rural Willys KS 5242, dirigida por Evandro Moreira, para a casa do fotógrafo Adir Mera, onde conseguiu roupas, seguindo depois para a 29a. DP, em Madureira, onde foi ouvido pelo delegado Ronaldo.

Dom Adriano, o candidato a vereador e outras pessoas foram levadas ao final da noite de ontem para a Delegacia de Polícia Política e Social, para prestar depoimento.

Durante o tempo em que esteve na Delegacia de Madureira, o padre contou que os seqüestradores agiram de surpresa, não dando tempo a qualquer reação.

Os dois carros chegaram e os homens desceram, já empunhando revólveres. Foi levado para um Volks vermelho por dois homens. Um era moreno o outro branco, de óculos e de uns trinta anos.

O padre disse ainda que o carro dos seqüestradores rodou por mais de uma hora, em ruas de paralelepípedo e outras de terra batida.

Eles pareciam procurar alguma coisa. Depois de algum tempo eles passaram a me agredir e rasgar minha batina. Eu estava encapuzado e com as mãos algemadas, além de ter os pés amarrados.

Dom Adriano revelou que, foi levado, para o dos seqüestradores, conseguiu ouvir os de seu sobrinho, le-

vado em seu próprio carro. — Eles me obrigaram a beber cachaça e me tingiram o corpo com mercúrio cromo.

O seqüestrado disse que seus captores falavam que iam matar muitos comunistas, mas que sua vez ainda não havia chegado e um deles falou que "o chefe não havia dado ordens" para me matar.

A Polícia

A noiva de Fernando, que a tudo assistiu quando era deixada em casa, foi à Delegacia de Nova Iguaçu, comunicando o seqüestro. Pouco depois, todo o esquema de segurança da Polícia era acionado, dando início às buscas para a localização do bispo.

Dom Adriano levava uma bolsa com Cr\$ 5 mil destinados ao pagamento de títulos da Catedral de Nova Iguaçu, além de uma maleta 007, com diversos documentos, que ficaram com os seqüestradores.

Tão logo a notícia do seqüestro chegou à Catedral de Nova Iguaçu, diversos padres se deslocaram para a delegacia. Posteriormente eles foram para a 29a. DP e DGIE. Estavam presentes o vigário da paróquia, Monsenhor Artur Haerren; Chanceler Manoel Monteiro e os padres André Cock e David Kigan.

Na madrugada de hoje, o prefeito de Nova Iguaçu, João Baptista Barreto Nubanco, acompanhado de um policial e a noiva do sobrinho do bispo, chegava a delegacia de Madureira, de onde seguiu para o DGIE. No mesmo horário, o delegado titular da Delegacia de Madureira, Godofredo César de Matos, convocado as pressas, assumia a direção do caso, que passou à competência das autoridades da Delegacia de Polícia Política e Social.

As primeiras horas de hoje Fernando Webereng, de 25 anos, sobrinho do bispo de Nova Iguaçu, foi encontrado pela polícia, numa lixeira, no subúrbio. Ele estava encapuzado e, como seu tio, completamente despido e manietado. Seu carro, Volks EB-7591, foi abandonado no Largo da Glória com uma bomba em seu interior, que explodiu minutos depois, destruindo-o completamente.

A luta contra a violência na Baixada

Há pelo menos três anos o bispo Adriano Hipólito luta contra a violência na Baixada Fluminense, no exercício de sua função pastoral. Muitas vezes ele fez apelos para que se esclarecessem "até o fim" os crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte, e apelou a "todos os cidadãos" para que "se empenhassem na luta para descobrir o que há por trás desses crimes".

Vem afirmando, desde 1974, que em sua opinião "o Esquadrão da Morte é formado, basicamente, por policiais e por alcaguetes, desprovidos de qualquer espírito cristão e capazes de matar um operário que tenha sido preso por falta de documentos".

Carro explode na Glória

Uma bomba de alta potência explodiu entre 23h30m e 23h45m de ontem sob o Volks RJ EB 7591 defronte ao prédio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Largo da Glória, 88, destruindo inteiramente o veículo, partes do qual foram arremessadas a cerca de 50 metros. O carro, de propriedade do sobrinho do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, fora abandonado no local algumas horas antes e dois homens foram vistos colocando um pacote quadrangular embaixo do eixo dianteiro do veículo.

A explosão no carro, que se incendiou logo em seguida, foi ouvida num raio de mais de cem metros, inclusive na 9a. Delegacia Policial. O Volks, de cor vermelha, tinha sido deixado na rua, defronte à CNBB, e com a explosão, foi deslocado para cima da calçada. A roda e o paralamas esquerdos foram arremessados a uma distância de aproximadamente 50 metros, na esquina de Rua do Russel enquanto partes da lataria se desprendiam. As chamas envolveram todo o veículo, ficando intacta somente a roda traseira direita.

Planfletos rasgados

Instantes depois da violenta explosão foram chamados os bombeiros do posto Catete e Humaitá, seguindo três guarnições para o local. Devido a falta d'água

na área e espuma nos veículos, os bombeiros utilizaram terra para conter as chamas. Minutos depois chegava o delegado Jacques de Brito, que solicitou a presença de técnicos da Delegacia de Polícia Política e Social — DPPS — e da Divisão de Órgãos e Sistemas, ambos da Secretaria de Segurança. Durante os trabalhos periciais, foram encontrados sapatos usados por padres, fragmentos de batina e documentos. No espaço do banco dianteiro direito, entre os ferros reforçados, foram encontrados papéis com dizeres colados, que seriam os planfletos deixados pelos dois homens, segundo os policiais.

Num saco plástico, os peritos recolheram o que seriam fragmentos da bomba de alto teor explosivo. O texto do planfeto não foi divulgado, nem a relação dos documentos encontrados.

Foi apurado pelos agentes da Secretaria de Segurança que dois homens — um de camiseta e outro sem camisa — estacionaram o carro defronte ao CNBB, do outro lado da rua, desceram e um deles colocou um pacote sob o eixo dianteiro. Em seguida, correram em direção à Rua Mendes Campos. As testemunhas ouvidas pela Polícia, cujos nomes foram mantidos em sigilo, afirmaram não poderem descrever a fisionomia dos dois homens, devido à pouca iluminação, confirmando apenas que são ainda jovens.

O GLOBO
Quinta-feira, 23/9/76



O impacto da explosão e o fogo destruíram o carro do sobrinho do bispo seqüestrado



O Bispo Adriano Hipólito conta detalhes do seqüestro

" O GLOBO "
24 / 09 / 1976

ANO LII - Rio de Janeiro, sexta-feira, 24 de setembro de 1976 - Nº 15 693

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

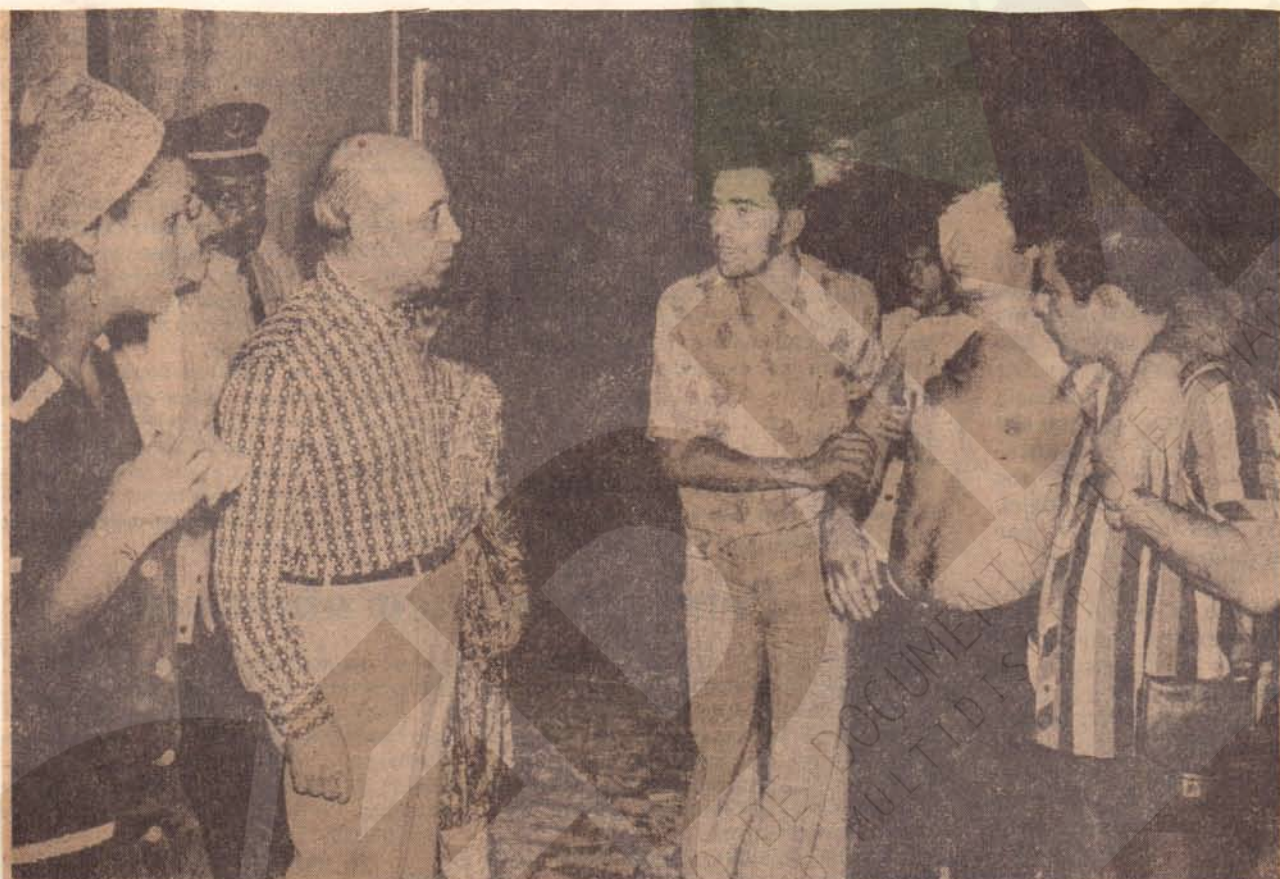
Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO

Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

Repúdio em todo o País aos atentados no Rio

O Ministro da Justiça, Armando Falcão, disse ontem, a propósito dos atentados registrados no Rio quarta-feira à noite, que "o Governo repudia com veemência os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro". Autoridades, políticos, sacerdotes e entidades de classe de todo o País manifestaram repúdio ao seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e ao atentado a bomba contra a residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, nosso companheiro Roberto Marinho. O Presidente Ernesto Geisel telefonou ontem a Roberto Marinho, hipotecando-lhe sua solidariedade. Em Brasília, um representante da CNBB pediu ao Ministro da Justiça garantias de segurança para a entidade. Foi instaurado inquérito pela Secretaria de Segurança para investigar os atos terroristas. (Páginas 8 e 9)



Roberto Marinho recebe à porta de sua casa o empregado ferido no atentado, após ter sido ele medicado

" O GLOBO "

24 / 09 / 1976

8 • GRANDE RIO

O GLOBO
Sexta-feira, 24/9/76

Repúdio em todo o País aos atentados da quarta-feira no Rio

Ministro da Justiça acompanha investigações

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Ministro da Justiça, Armando Falcão, declarou ontem que o Governo está acompanhando as investigações em curso no Rio para apurar a responsabilidade pelo atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu.

À saída do Gabinete do Presidente Geisel, no Palácio do Planalto, o Ministro da Justiça ditou sua declaração aos jornalistas, que lhe perguntaram se o assunto havia sido tratado na reunião com o Presidente da República, em cuja pauta figurava a reforma do Judiciário. Antes de falar, quis saber que jornais os repórteres representavam. São estas as suas palavras:

— O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partem de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual, para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis.

Esta declaração foi prestada após uma advertência: "Cuidado com o que vocês vão escrever". E enquanto ditava, acompanhava as anotações dos repórteres, pedindo depois, a um deles, que lesse o que escrevera.

Depois, o Ministro Armando Falcão acrescentou que havia mantido contato telefônico, na manhã de ontem, com o Governador Faria Lima, que lhe relatou os fatos e as providências adotadas. Ao despedir-se dos jornalistas, o Ministro perguntou-lhes se estavam satisfeitos.

Governador do RJ

O Governador Faria Lima considerou "profundamente lamentável" o

trário à índole do povo brasileiro" o atentado a bomba na residência do nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, aos primeiros minutos de ontem. E afirmou que tudo está sendo feito para elucidar o fato:

— Foi com surpresa que tomei conhecimento do atentado. As providências estão sendo tomadas a partir dos depoimentos das vítimas. Acho que isso é uma ação localizada, que não terá influências no momento político brasileiro nem sobre as eleições de novembro. Por causa desses atentados os eleitores da Arena não deixarão de votar na Arena, nem os eleitores do MDB deixarão de votar no MDB.

Nenhum esquema especial será montado para as investigações, segundo Faria Lima:

— O esquema é o normal. A polícia não trabalha somente quando ocorrem esses casos, e toda a nossa ação está sendo desenvolvida em comum acordo com a Polícia Federal.

Governador do Piauí

— Atos dessa natureza merecem total repulsa, pois ferem a índole do povo brasileiro — declarou o Governador do Piauí, Dirceu Arcoverde, sobre o seqüestro e espancamento do Bispo de Nova Iguaçu.

Também o presidente do Tribunal de Justiça do Piauí, Desembargador Vicente Gonçalves, e o Vigário-Geral da Arquidiocese de Teresina, Monsenhor Mateus Rufino, manifestaram ontem repúdio total ao atentado.

O Desembargador Vicente Gonçalves se disse chocado com o que qua-

as instituições e os seres humanos". Para o Vigário-Geral, "esse ato de extremismo e de radicalização demonstra que as coisas não vão bem no Brasil".

O Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vice-Almirante José Calvert Aranda, que está em Teresina com estagiários da Escola Superior de Guerra, respondeu assim à indagação de um repórter:

— Você, como brasileiro, lamenta? Eu também.

No Amazonas

O Governador em exercício do Amazonas, João Bosco Ramos de Lima, condenou ontem os atentados de quarta para quinta-feira contra o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e

à residência do nosso companheiro Roberto Marinho:

— Qualquer brasileiro de bom senso é contrário à utilização do terror. Ele não conduz a nada. Quer apenas quebrar a paz em que vive o povo brasileiro. Essas atividades, por serem condenáveis, devem ser reprimidas, e acredito que o Governo tenha condições de reprimi-las. Não vejo nenhuma razão para que algum grupo possa recorrer a métodos escusos — disse.

O Arcebispo Coadjutor de Manaus, Dom Milton Correa Pereira, não havia recebido, até ontem, qualquer comunicado da Igreja sobre o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, e afirmou que

Repúdio em todo o País aos atentados da quarta-feira no Rio

Ministro da Justiça acompanha investigações

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Ministro da Justiça, Armando Falcão, declarou ontem que o Governo está acompanhando as investigações em curso no Rio para apurar a responsabilidade pelo atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu.

A saída do Gabinete do Presidente Geisel, no Palácio do Planalto, o Ministro da Justiça ditou sua declaração aos jornalistas, que lhe perguntaram se o assunto havia sido tratado na reunião com o Presidente da República, em cuja pauta figurava a reforma do Judiciário. Antes de falar, quis saber que jornais os repórteres representavam. São estas as suas palavras:

— O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual, para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis.

Esta declaração foi prestada após uma advertência: "Cuidado com o que vocês vão escrever". E enquanto ditava, acompanhava as anotações dos repórteres, pedindo depois, a um deles, que lesse o que escrevera.

Depois, o Ministro Armando Falcão acrescentou que havia mantido contato telefônico, na manhã de ontem, com o Governador Faria Lima, que lhe relatou os fatos e as providências adotadas. Ao despedir-se dos jornalistas, o Ministro perguntou-lhes se estavam satisfeitos.

Governador do RJ

O Governador Faria Lima considerou "profundamente lamentável e con-

trário à índole do povo brasileiro" o atentado a bomba na residência do nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, aos primeiros minutos de ontem. E afirmou que tudo está sendo feito para elucidar o fato:

— Foi com surpresa que tomei conhecimento do atentado. As providências estão sendo tomadas a partir dos depoimentos das vítimas. Acho que isso é uma ação localizada, que não terá influências no momento político brasileiro nem sobre as eleições de novembro. Por causa desses atentados os eleitores da Arena não deixarão de votar na Arena, nem os eleitores do MDB deixarão de votar no MDB.

Nenhum esquema especial será montado para as investigações, segundo Faria Lima:

— O esquema é o normal. A polícia não trabalha somente quando ocorrem esses casos, e toda a nossa ação está sendo desenvolvida em comum acordo com a Polícia Federal.

Governador do Piauí

— Atos dessa natureza merecem total repulsa, pois ferem a índole do povo brasileiro — declarou o Governador do Piauí, Dirceu Arcoverde, sobre o seqüestro e espancamento do Bispo de Nova Iguaçu.

Também o presidente do Tribunal de Justiça do Piauí, Desembargador Vicente Gonçalves, e o Vigário-Geral da Arquidiocese de Teresina, Monsenhor Mateus Rufino, manifestaram ontem repúdio total ao atentado.

O Desembargador Vicente Gonçalves se disse chocado com o que qualificou de "ato de vandalismo contra

as instituições e os seres humanos". Para o Vigário-Geral, "esse ato de extremismo e de radicalização demonstra que as coisas não vão bem no Brasil".

O Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vice-Almirante José Calvert Aranda, que está em Teresina com estagiários da Escola Superior de Guerra, respondeu assim à indagação de um repórter:

— Você, como brasileiro, lamenta? Eu também.

No Amazonas

O Governador em exercício do Amazonas, João Bosco Ramos de Lima, condenou ontem os atentados de quarta para quinta-feira contra o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e

à residência do nosso companheiro Roberto Marinho:

— Qualquer brasileiro de bom senso é contrário à utilização do terror. Ele não conduz a nada. Quer apenas quebrar a paz em que vive o povo brasileiro. Essas atividades, por serem condenáveis, devem ser reprimidas, e acredito que o Governo tenha condições de reprimi-las. Não vejo nenhuma razão para que algum grupo possa recorrer a métodos escusos — disse.

O Arcebispo Coadjutor de Manaus, Dom Milton Correa Pereira, não havia recebido, até ontem, qualquer comunicado da Igreja sobre o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, e afirmou que nada podia comentar antes que isso ocorra.

" O GLOBO "
24 / 09 / 1976

D. Eugênio vai a Nova Iguaçu

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, contou ontem, aos jornalistas, no salão nobre do Palácio São Joaquim, que estava falando ao telefone com "uma alta autoridade", na noite de ontem, quando ouviu "um estrondo". Segundo ele, era quase meia-noite, e a primeira impressão que teve foi de que havia acontecido alguma coisa nas obras do metrô, em frente ao palácio.

Logo em seguida ele recebeu um telefonema de Dom Ivo Lorscheiter, que também não sabia o que havia ocorrido. Poucos minutos depois, Dom Ivo voltou a ligar, dessa vez, para informá-lo sobre a explosão.

Vigília

Dom Eugênio Sales anteontem esteve fora do Palácio São Joaquim, por quase todo o dia. À noite, ele foi para a Paróquia do Sagrado Coração, em Padre Miguel, onde celebrou missa pelos 25 anos de sacerdócio do Padre Correia Sá. Já eram cerca de 21h30m quando regressou.

Alguns instantes após sua chegada, Dom Eugênio recebeu um telefonema avisando do sequestro de Dom Adriano Hipólito. Ele quis se deslocar para Nova Iguaçu, mas os padres que falavam no telefone acharam mais conveniente que ficasse fazendo contatos com autoridades.

Imediatamente o Cardeal ligou para o Governador Faria Lima, o Prefeito Marcos Tamyoy e o Comandante do 1º Exército, com quem disse ter mantido "contatos constantes" durante toda a noite.

Dom Eugênio disse que a reação das autoridades com quem esteve em contato ontem "foi de perplexidade e cooperação total na elucidação deste crime".

Ele disse que era difícil fazer qualquer tipo de prognóstico quanto à autoria do aten-

tado. "Tanto pode ser uma organização, quanto pessoas interessadas em fazer tumulto. Será difícil tanto o trabalho de apuração quanto a disposição em punir".

O Cardeal Arcebispo, ontem passou "uma parte da manhã" com Dom Adriano, e disse que somente poderia adiantar que "ele está com um problema de olhos". É que ao ser agredido, o Bispo de Nova Iguaçu teve suas lentes quebradas, o que o obrigou a ir ontem mesmo a um oculista.

— Dom Adriano está muito bem disposto, sem nenhum ferimento. O sobrinho dele é que está com problemas.

Dom Eugênio contou que ouviu um relato de Dom Adriano Hipólito, segundo o qual ele teria levado muitas pancadas na cabeça para que se mantivesse agachado no banco de trás do automóvel. "Os sequestradores quiseram obrigá-lo a beber cachaça, mas ele resistiu. Eles então jogaram o álcool em cima de seu capuz".

Dom Eugênio disse que não tem medo de sofrer um atentado semelhante. "A prova disso é que hoje (ontem) de manhã eu saí só, e voltei só".

Nota oficial

É a seguinte a íntegra da nota oficial distribuída ontem pelo Palácio São Joaquim, assinada por Dom Eugênio:

"O sequestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos".

A notícia que chegou ao Vaticano

CIDADE DO VATICANO (O GLOBO)

— O jornal do Vaticano, "L'Osservatore Romano", em sua edição de ontem, noticiou o assassinato do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. "O cadáver do bispo, nu e manietado, foi encontrado num subúrbio do Rio de Janeiro", informou o diário. A notícia — que, segundo fontes do Vaticano, procedia de uma agência estrangeira — foi difundida também pela Rádio Vaticana.

"L'Osservatore Romano" lembrou que Dom Adriano tinha denunciado, em várias oportunidades, as atividades da organização denominada "Esquadrão da Morte".

Mais tarde, a Rádio Vaticano desmentiu a morte do bispo e informou que ele tinha sido libertado "pouco depois de ter sido raptado por uma organização extremista".

ABI: uma agressão à liberdade de imprensa

A Associação Brasileira de Imprensa, a Ordem dos Advogados do Brasil, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais distribuíram ontem notas oficiais condenando os atentados ocorridos no Rio.

Para a ABI, "o atentado a Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe de O GLOBO e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror".

A OAB entende "que esses atos, a par de constituírem-se em absoluto desrespeito à dignidade dos direitos fundamentais da pessoa humana e da ordem pública, refletem, à evidência, interesses excusos de minorias extremistas que se intitulam de direita, às quais não interessa o restabelecimento da Democracia em nosso País".

É a seguinte a íntegra da nota da ABI:

"Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

"O atentado a Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe de O GLOBO e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um Bispo e de um empresário de imprensa.

"É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

"A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

"É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação."

Nota da OAB

"A Ordem de Advogados do Brasil repudia todo e qualquer ato extremado e consubstanciado na violência praticado por terroristas. A própria sede da entidade, no Rio de Janeiro, sofreu há pouco, atentado semelhante. Entendemos que esses atos, a par de constituírem-se em absoluto desrespeito à dignidade dos direitos fundamentais da pessoa humana e da ordem pública, refletem, à evidência, interesses excusos de minorias extremistas que se intitulam de direita, às quais, não interessa o restabelecimento pleno da Democracia em nosso País.

"Releva notar que a reiteração desses fatos, interligados pelos panfletos distribuídos, demonstra a onda crescente que está a exigir das autoridades constituídas, energias medidas para o seu esclarecimento e devida punição dos culpados. — Valdemar Zveiter — Presidente da OAB — Seção Rio de Janeiro."

Sindicatos

Trecho da nota do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo:

"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo manifesta seu mais veemente repúdio aos novos atentados a bomba praticados ontem à noite no Rio de Janeiro, atingindo a residência do jornalista Roberto Marinho, Diretor do jornal O GLOBO, e à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, assim como às violências de que foi vítima o bispo Dom Hipólito Mandarino."

Diz a nota do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais:

"Toda vez que se tenta calar a voz de um jornal, é a própria democracia que está ameaçada. Todo jornal que perde a sua autonomia, seja por meio de censura, seja pela ação criminosa dos extremistas, assinala um passo atrás na caminhada democrática. O atentado contra a residência do Sr. Roberto Marinho, diretor do jornal O GLOBO, parece ter um objetivo mais amplo: atemorizar todos aqueles que, embora professando idéias diferentes, elegeram a palavra e o diálogo como instrumentos de debate dos problemas nacionais e aperfeiçoamento democrático."

O presidente da Associação Riograndense de Imprensa, jornalista Alberto André, enviou o seguinte telegrama ao Diretor de O GLOBO: "A Associação Riograndense de Imprensa manifesta seu repúdio ao atentado contra a residência do ilustre colega, esperando sejam punidos seus autores".

De Brasília, Geisel telefona, solidário

O Presidente Ernesto Geisel telefonou ontem ao nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, hipotecando-lhe sua solidariedade pelo atentado à sua residência.

Pessoalmente, por telefone e carta, centenas de manifestações de solidariedade chegaram ontem a Roberto Marinho e ao GLOBO. Entre essas, estavam as das seguintes pessoas:

General Hugo Abreu, Ministro Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República; Ministro Armando Falcão, da Justiça; Ministro Reis Velloso, Chefe da Secretaria de Planejamento; Ministro dos Transportes Dirceu Nogueira; Cardeal Dom Eugênio Salles; Governador Faria Lima; Governador Aureliano Chaves, de Minas Gerais; General João Batista Figueiredo, Ministro Chefe do SNI; General Reinaldo de Almeida, Comandante do I Exército; Prefeito Marcos Tamayo; Prudente de Moraes, neto, presidente da ABI; Antonio Carlos Magalhães, presidente da Eletronô; Senador Gilberto Marinho; Professor Raymundo Muniz de Araújo, do Conselho Federal de Cultura; Carlos de Araújo Lima, Raul Floriano, Oswaldo Souza Valle e Francisco Alves Pinheiro, diretores da Ordem dos Velhos Jornalistas; Senador Arthur Bernardes Filho; Antonio Galloti; Eduardo Magalhães Pinto; Cônsul Geral do México, José Castillo de Miranda; e ex-governador Chagas Freitas.

I Exército: atividade extremista condenável

O Comando do I Exército distribuiu ontem nota sobre os atentados. É o seguinte o seu texto:

"1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

a. O Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos."

Em São Paulo

O Comandante do II Exército, General Dilermando Gomes Monteiro, ao ser indagado, ontem, em São Paulo, sobre os atentados de anteontem, afirmou que sua área está na mais absoluta calma e tranquilidade, "pois temos em São Paulo uma população conscientizada, dedicada a seu trabalho normal e confiante na segurança de suas autoridades".

Políticos manifestam a sua repulsa

O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, os presidentes da Arena e do MDB, senadores, deputados federais e estaduais condenaram ontem o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e o atentado contra a residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, nosso companheiro Roberto Marinho.

Para o Senador Magalhães Pinto, "esses fatos demonstram que os radicais estão atuando, o que não é bom, e todos nós devemos nos unir contra isso". Tais acontecimentos, segundo o presidente do Congresso, "não devem atrasar o processo democrático, pois isso seria dar ganho de causa aos radicais, que fazem isso porque não estão satisfeitos com as eleições e com o ambiente atual".

— O Governo — concluiu Magalhães Pinto — tem os instrumentos para coibir, e deve ser prestigiado em seu combate a esses radicalismos.

Arena

O presidente da Arena, Deputado Francellino Pereira, manifestou, em nome de seu partido, "total repúdio a esse tipo de violência, parte de onde partir", ao comentar, em Brasília, o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu e o atentado à residência do jornalista Roberto Marinho.

— Atos dessa natureza, de direita ou de esquerda, não podem receber e não têm o apoio de qualquer segmento do povo brasileiro. Trata-se de atos efetivamente condenáveis e que devem ter sido praticados por tipos de personalidade anômala, doentia. Todas as medidas foram tomadas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, no sentido da apuração imediata dos fatos e da condenação dos culpados — disse Francellino Pereira.

MDB

O presidente nacional do MDB, Deputado Ulisses Guimarães, afirmou ontem em Brasília que o seu partido "é inteiramente contrário a todas as ocorrências que prejudiquem a ordem e a tranquilidade do País".

— Cumpra ao Governo — prosseguiu — fazer uma rigorosa apuração dos atentados ocorridos no Rio; neste setor de manutenção da ordem e da paz pública o MDB se situa no sentido de prestigiar a ação governamental, com vistas ao restabelecimento da tranquilidade no País.

Senado

A respeito dos atentados terroristas no Rio, o líder da Arena, Senador Petrônio Portella, fez ontem a seguinte declaração: — Reitero o que venho dizendo: os terroristas da direita e da esquerda se nivelam nos meios e se confundem nos fins. Fanáticos, desprezam o diálogo democrático e não creem no poder de persuasão, preferindo a violência. Tem o nosso mais veemente repúdio; e, por isso mesmo, atingem a imprensa, cuja valia é de suma importância para a vida democrática que eles repelem.

O líder do MDB no Senado, Franco Montoro, disse que os meios de comunicação deveriam evitar a divulgação de atentados como os que ocorreram no Rio.

— É exatamente isso que seus autores estão pretendendo: esses atentados são bárbaros e dignos de toda a nossa repulsa, mas se ninguém os noticiasse eles se frustrariam naturalmente e tudo cairia no esquecimento.

Câmara

Ao receber a notícia dos atentados terroristas no Rio, o vice-líder no exercício da liderança da Arena na Câmara, Deputado Jorge Vargas, disse que "o espírito cristão e humanitário do povo brasileiro sempre repeliu a prática de atos terroristas e de seqüestros como forma de ação política ou de arregimentação da opinião pública".

— O Governo sempre agiu duramente contra tais práticas, em consonância com esse comportamento do nosso povo. Não será agora, acredito, que uma minoria insignificante de maus brasileiros vai conseguir impor ato somente praticado por ideologias extremistas que o nosso povo sempre repudiou.

O Deputado Marco Maciel, presidente da Fundação Milton Campos, da Arena, disse ontem que, "como das vezes anteriores, o Governo vai tomar todas as providências para descobrir e punir os autores de atos terroristas no Rio".

— O povo brasileiro repele, por sua própria formação, todos os atos de radicalismo. Acredito que, agindo assim, esse grupo não alcançará qualquer êxito político, embora se deva reconhecer que este, na maioria dos casos, não é o objetivo de tais radicais, cujas ações não podem ser aferidas por critérios racionais.

Três deputados do MDB e dois da Arena condenaram ontem na Câmara os atentados terroristas ocorridos no Rio. Darclio Aires e Eduardo Galli, ambos da Arena do Rio de Janeiro, solicitaram ao Presidente Geisel "urgentes providências" no sentido de apurar responsabilidades pelos atos terroristas.

Os deputados Celso Barros, Ailton Soares e Jorge Moura, do MDB, repudiaram os atentados, "por terem ferido a dignidade e a liberdade humana".

Minas

O deputado federal Marcos Tito (MDB-MG) disse ontem, em Belo Horizonte, que "a escalada terrorista, que começa a ser ensaiada de forma esparsa no País, deve ser reprimida energeticamente pelo Governo, para que o exemplo não seja imitado".

Marcos Tito comentou que os atos de terrorismo "parecem partir de um plano organizado para tumultuar o aperfeiçoamento do processo político, que é desejado por todos, e também conturbar o processo eleitoral que se avizinha".

— É suspeito — disse o deputado — que sejam os jornalistas e figuras da Igreja o alvo preferido dos terroristas. A imprensa, como a hierarquia católica, base-se pela liberalização do nosso sistema político. É fácil identificar a quem interessa o terror: interessa aos inimigos da liberdade, aos inimigos do povo brasileiro e da sua paz.

Assembléia do Rio

Diversos deputados protestaram ontem, na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, contra o terrorismo, e apresentaram sua solidariedade a Dom Adriano Hipólito e ao jornalista Roberto Marinho.

O primeiro a falar foi o Deputado Mário Saladini (MDB), condenando os atos de vandalismo. Outro deputado, Antônio Gomes (MDB), congratulou-se com as autoridades policiais, "que agiram imediatamente e foram ao local entrevistar-se com o bispo e tomar as providências necessárias".

O Deputado Dêlio dos Santos, o último orador a falar sobre os atentados, perguntou:

— Agora, quem será a próxima vítima? Será o Poder Legislativo, serão os deputados que têm a coragem de denunciar as violações dos direitos humanos? Na medida

O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, os presidentes da Arena e do MDB, senadores, deputados federais e estaduais condenaram ontem o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e o atentado contra a residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, nosso companheiro Roberto Marinho.

Para o Senador Magalhães Pinto, "esses fatos demonstram que os radicais estão atuando, o que não é bom, e todos nós devemos nos unir contra isso". Tais acontecimentos, segundo o presidente do Congresso, "não devem atrasar o processo democrático, pois isso seria dar ganho de causa aos radicais, que fazem isso porque não estão satisfeitos com as eleições e com o ambiente atual".

— O Governo — concluiu Magalhães Pinto — tem os instrumentos para colir, e deve ser prestigiado em seu combate a esses radicalismos.

Arena

O presidente da Arena, Deputado Francelino Pereira, manifestou, em nome de seu partido, "total repúdio a esse tipo de violência, parta de onde partir", ao comentar, em Brasília, o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu e o atentado à residência do jornalista Roberto Marinho.

— Atos dessa natureza, de direita ou de esquerda, não podem receber e não têm o apoio de qualquer segmento do povo brasileiro. Trata-se de atos efetivamente condenáveis e que devem ter sido praticados por tipos de personalidade anômala, doentia. Todas as medidas foram tomadas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, no sentido da apuração imediata dos fatos e da condenação dos culpados — disse Francelino Pereira.

MDB

O presidente nacional do MDB, Deputado Ulisses Guimarães, afirmou ontem em Brasília que o seu partido "é inteiramente contrário a todas as ocorrências que prejudiquem a ordem e a tranquilidade do País".

— Cumpra ao Governo — prosseguiu — fazer uma rigorosa apuração dos atentados ocorridos no Rio; neste setor de manutenção da ordem e da paz pública o MDB se situa no sentido de prestigiar a ação governamental, com vistas ao restabelecimento da tranquilidade no País.

Senado

A respeito dos atentados terroristas no Rio, o líder da Arena, Senador Petrônio Portella, fez ontem a seguinte declaração: — Reitero o que venho dizendo: os terroristas da direita e da esquerda se nivelam nos meios e se confundem nos fins. Fanáticos, desprezam o diálogo democrático e não creem no poder de persuasão, preferindo a violência. Tem o nosso mais veemente repúdio; e, por isso mesmo, atingem a imprensa, cuja valla é de suma importância para a vida democrática que eles repelem.

O líder do MDB no Senado, Franco Montoro, disse que os meios de comunicação deveriam evitar a divulgação de atentados como os que ocorreram no Rio:

— É exatamente isso que seus autores estão pretendendo: esses atentados são bárbaros e dignos de toda a nossa repulsa, mas se ninguém os noticiasse eles se frustrariam naturalmente e tudo cairia no esquecimento.

Câmara

Ao receber a notícia dos atentados terroristas no Rio, o vice-líder no exercício da liderança da Arena na Câmara, Deputado Jorge Vargas, disse que "o espírito cristão e humanitário do povo brasileiro sempre repeliu a prática de atos terroristas e de seqüestros como forma de ação política ou de arregimentação da opinião pública".

— O Governo sempre agiu duramente contra tais práticas, em consonância com esse comportamento do nosso povo. Não será agora, acredito, que uma minoria insignificante de maus brasileiros vai conseguir impor ato somente praticado por ideologias extremistas que o nosso povo sempre repudiou.

O Deputado Marco Maciel, presidente da Fundação Milton Campos, da Arena, disse ontem que, "como das vezes anteriores, o Governo vai tomar todas as providências para descobrir e punir os autores de atos terroristas no Rio".

— O povo brasileiro repele, por sua própria formação, todos os atos de radicalismo. Acredito que, agindo assim, esse grupo não alcançará qualquer êxito político, embora se deva reconhecer que este, na maioria dos casos, não é o objetivo de tais radicais, cujas ações não podem ser aferidas por critérios racionais.

Três deputados do MDB e dois da Arena condenaram ontem na Câmara os atentados terroristas ocorridos no Rio. Darcílio Aires e Eduardo Gall, ambos da Arena do Rio de Janeiro, solicitaram ao Presidente Geisel "urgentes providências" no sentido de apurar responsabilidades pelos atos terroristas.

Os deputados Celso Barros, Ailton Soares e Jorge Moura, do MDB, repudiaram os atentados, "por terem ferido a dignidade e a liberdade humana".

Minas

O deputado federal Marcos Tito (MDB-MG) disse ontem, em Belo Horizonte, que "a escalada terrorista, que começa a ser ensaiada de forma esparsa no País, deve ser reprimida energeticamente pelo Governo, para que o exemplo não seja imitado".

Marcos Tito comentou que os atos de terrorismo "parecem partir de um plano organizado para tumultuar o aperfeiçoamento do processo político, que é desejado por todos, e também conturbar o processo eleitoral que se avizinha".

— É suspeito — disse o deputado — que sejam os jornalistas e figuras da Igreja o alvo preferido dos terroristas. A imprensa, como a hierarquia católica, bate-se pela liberalização do nosso sistema político. É fácil identificar a quem interessa o terror: interessa aos inimigos da liberdade, aos inimigos do povo brasileiro e de sua paz.

Assembleia do Rio

Diversos deputados protestaram ontem, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, contra o terrorismo, e apresentaram sua solidariedade a Dom Adriano Hipólito e ao jornalista Roberto Marinho.

O primeiro a falar foi o Deputado Mário Saladini (MDB), condenando os atos de vandalismo. Outro deputado, Antônio Gomes (MDB), congratulou-se com as autoridades policiais, "que agiram imediatamente e foram ao local entrevistar-se com o bispo e tomar as providências necessárias".

O Deputado Dêlio dos Santos, o último orador a falar sobre os atentados, perguntou:

— Agora, quem será a próxima vítima? Será o Poder Legislativo, serão os deputados que têm a coragem de denunciar as violações dos direitos humanos? Na medida em que há omissão dos democratas, o fascismo se fortalece em nosso país.

Niterói

O diretório do MDB em Niterói distribuiu ontem nota oficial manifestando o seu repúdio aos atentados terroristas no Rio. Diz a nota em certo trecho:

"A Comissão Executiva do Diretório Municipal do MDB em Niterói expressa o seu mais profundo repúdio à violência sofrida pelo Bispo de Nova Iguaçu e pelo diretor do GLOBO. Os atos perpetrados demonstram inequivocamente a solécia daqueles que anionimamente impedem a plena redemocratização da Nação."

"A Igreja e a imprensa foram atingidas covardemente na calada da noite, e a nossa consciência democrática repele atos dessa natureza, contrários aos direitos humanos, como nos obriga a visualizar um comportamento democrático de todos que acreditam no diálogo como forma única e possível de se aperfeiçoar a sociedade."

São Paulo

Os presidentes regionais da Arena e do MDB e o presidente da Câmara Municipal de São Paulo manifestaram ontem, em notas distribuídas à imprensa, seu repúdio aos atentados ocorridos anteontem no Rio.

O presidente regional da Arena em São Paulo, Cláudio Lombo, distribuiu a seguinte nota:

"Todas as formas de violência repugnam a alma nacional. Após eventuais momentos de tensões e debates, a trajetória de nossa história reflete sempre a obtenção do consenso em torno dos temas básicos. Ora, neste instante, ao lado de outras questões, o tema fundamental é o aperfeiçoamento do processo político, que só pode se verificar no interior do regime democrático."

"Todos os brasileiros, pois, em momentos como os ora vividos no Rio de Janeiro, devem ter em mente que os cidadãos só podem desenvolver suas potencialidades através da democracia e que existe um sentimento básico na nacionalidade, que jamais deve ser rompido, que é o da cordialidade."

O presidente regional do MDB, Deputado Federal José Camargo, disse que seu partido "repudia qualquer tipo de atentado à pessoa humana, porque, ao ferir o povo brasileiro, eles ferem a nossa soberania; o momento não indica a necessidade de radicalismos, pois o País vive, no aspecto político, em bastante tranqüilidade".

A Câmara Municipal de São Paulo distribuiu a seguinte nota:

"O povo brasileiro repudia todas as formas de violência contra a liberdade de expressão e de pensamento, perpetradas por minorias intolerantes e radicais, cuja atuação nefasta conflita com a formação democrática de nossa população. Estamos certos de que o Presidente Geisel atuará com energia e extremo rigor para conter e punir os adeptos da violência, cujos atentados a Nação abomina, sejam quais forem as origens, as vinculações e os objetivos dos mesmos."

"Os atos criminosos contra instituições religiosas, órgãos de imprensa e outras entidades representativas de segmentos da sociedade evidenciam a necessidade impostergável da união de todos os brasileiros conscientes e de formação democrática, para que a radicalização e o banditismo político não terminem prevalecendo e se sobrepondo ao procedimento equilibrado, sério e responsável do Presidente da República."

Rio Grande do Sul

O presidente em exercício do diretório regional da Arena no Rio Grande do Sul, Octávio Omar Cardoso, enviou o seguinte telegrama ao jornalista Roberto Marinho: "Em nome do diretório regional da Arena do Rio Grande do Sul, manifesto a vossa senhoria veemente repúdio ao gesto irresponsável dos que tentam perturbar a segurança individual e a paz pública com atos de terror incompetíveis com a índole do povo brasileiro".

Octávio Cardoso enviou ainda um telegrama ao Cardeal Eugênio Sales, condenando o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu: "Deus concedeu-nos a graça de ter um povo ordeiro, fraterno e paciente e com todo o empenho haveremos de preservar essas virtudes. Rejubilamo-me pelo fato de o ilustre prelado de Nova Iguaçu e seu sobrinho terem sido encontrados com vida. Em nome dos arenistas do Rio Grande do Sul, manifesto veemente repúdio".

O presidente do diretório regional do MDB no RS, Deputado Pedro Simon, condenou ontem na Assembleia Legislativa os atentados ocorridos no Rio, acentuando que "o atentado a um prelado da Igreja Católica é um fato inédito na história religiosa do País" e que "a bomba lançada na residência do diretor-presidente do jornal O GLOBO é um atentado que está a exigir providências e tomada de posição de parte dos responsáveis neste País".

Paraná

Destacando o trabalho de Roberto Marinho, o líder do MDB na Assembleia Legislativa do Paraná, Deputado Osvaldo Macedo, pediu ontem, em requerimento aprovado por unanimidade, um voto de solidariedade ao diretor das Organizações Globo, Osvaldo Macedo pediu que o voto de solidariedade fosse estendido ao bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Secretaria de Segurança abre inquérito na área do DGIE

A Secretaria de Segurança Pública não divulgou ontem nenhuma informação oficial sobre os três atos terroristas da noite de anteontem, mas, segundo fonte da SSP, o inquérito já foi instaurado, e dezenas de agentes do Departamento Geral de Investigações Especiais estão trabalhando no caso. O primeiro passo será levantar uma possível ligação entre o seqüestro e agressão do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e do seu sobrinho, Fernando Webereng, a explosão que destruiu o carro deste diante da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Glória, e a bomba atirada sobre o telhado da residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, Roberto Marinho.

O diretor do DGIE, De-

legado José Nicanor de Almeida em conversa informal com alguns repórteres, acentuou a necessidade de sigilo para o esclarecimento dos fatos. Segundo ele foram recolhidos fragmentos das bombas lançadas anteontem, para uma comparação com os fragmentos de outra bomba, que explodiu no dia 19 do mês passado, na sede da Associação Brasileira de Imprensa.

Todas as investigações estão sendo comandadas pelo Delegado Borges Fortes, titular da Delegacia de Polícia Política e Social e assistente do diretor do Departamento de Polícia Política e Social, Delegado Antônio Malifano.

Em outra área da SSP afirmou-se ontem que a demora dos laudos dos

exames sobre a bomba que explodiu na ABI e em decorrência da lentidão dos trabalhos no Instituto de Criminalística Carlos Éboli, que conta com apenas 12 peritos.

Ontem pela manhã, após se reunir com o Delegado Borges Fortes, o diretor do DGIE deu informações ao General Osvaldo Ignácio Domingues sobre as investigações. Várias reuniões do Secretário com o delegado se sucederam durante todo o dia. Informou-se ainda que os agentes do Departamento de Polícia Política e Social, apesar da demora nos trabalhos do IC, trabalham dia e noite na elucidação dos atentados, e que os primeiros frutos desse trabalho já começariam a aparecer.

Departamento especializado à frente das investigações

Todas as investigações em torno do seqüestro e agressão sofridos pelo Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e seu sobrinho, Fernando Webereng, serão conduzidas pelo Departamento de Polícia Política e Social e pela Divisão de Órgãos e Sistemas, ambos subordinados ao Departamento Geral de Investigações Especiais da Secretaria de Segurança. O mesmo acontecerá com o atentado a bomba contra a residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, Roberto Marinho, e com a explosão que destruiu o carro de Fernando, num estacionamento em frente à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Glória.

Antes que o comunicado sobre a explosão chegasse à 9ª DP, no Catete, às 23h15m de anteontem, os policiais, entre eles o Delegado Jack de Brito, já sabiam que algo de anormal tinha ocorrido na jurisdição, pois haviam escutado o barulho.

Pouco depois de chegar ao local, o delegado foi procurado por Dom Ivo Lorscheiter, secretário-geral da CNBB, que comentou sobre o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, e mencionou a placa do carro de Fernando, perguntando se não seria

aquele, destruído pela explosão. A essa altura os policiais já haviam recolhido sapatos e pedaços de batina no local; logo depois, com a chegada dos agentes do DPPS, a hipótese se confirmou.

O carro, segundo apuraram os agentes, foi estacionado de frente ao prédio da CNBB alguns minutos antes da explosão. Antes, admitem os policiais, ele foi utilizado pelos terroristas para deixar Fernando amarrado e despido numa lixeira, na Estrada do Catonho.

Perícia especializada

O Departamento de Polícia Social e Política avocou para si todas as peças recolhidas no local da explosão, que serão ligadas ao seqüestro do bispo, tendo em vista a possibilidade de que os atentados tenham sido praticados pelo mesmo grupo. Ainda a este inquérito será anexado tudo o que foi colhido sobre o atentado na residência de Roberto Marinho no início da madrugada de ontem.

Logo que ficou evidenciado o ato subversivo, o delegado Jack de Brito entrou

em contato com a DPPS, único órgão da Secretaria de Segurança com autoridade para atuar em casos dessa natureza. O delegado Pedro Cardoso chegou ao local com seus agentes, depois de ouvir o bispo em Madureira, e passou a comandar todas as ações. Um perito especializado em explosivos esteve durante toda a madrugada junto ao carro destruído, recolhendo fragmentos que se supunha fossem da bomba colocada sob a parte dianteira do veículo. Ao amanhecer, outros pedaços foram recolhidos e, junto com os destroços do carro, levados para a sede do DPPS, no prédio da Secretaria de Segurança, onde serão submetidos a uma rigorosa perícia.

Na 9ª DP, depois que transferiu o caso para o DPPS, o delegado Jack de Brito apenas fez o registro. A ocorrência naquela delegacia será considerada "morta", porque o delegado titular, Murilo Sampaio, depois que fez o despacho, enviará a cópia para o órgão de competência privativa, no caso o departamento especializado.

Autoridades estudam uma possível ligação

A cronologia dos atos terroristas de anteontem à noite foi o primeiro aspecto examinado pelas autoridades de segurança, em sua tentativa de determinar como eles se processaram. Oficialmente, até a noite de ontem, nenhuma informação tinha sido liberada sobre o assunto.

Dos três atentados, pelo menos dois estão comprovadamente ligados: o seqüestro do bispo D. Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Webereng, e a explosão do carro do primeiro, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Ligando os dois atos com o terceiro — a bomba lançada na casa do nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO —, há um dado: o telefonema que foi recebido pela Rádio Jornal do Brasil, aos 30 minutos de ontem, atribuído a um dos terroristas, e que dava conta da relação entre os três atentados.

Essa cronologia foi assim estabelecida:

As 19h40m, quando foram seqüestrados o bispo e seu sobrinho, em Nova Iguaçu, por seis homens em três carros, teve início a ação. A noiva de Fernando, Maria del Pilar Iglesias Vila, e sua mãe, Maria Albina Vila Lorenzo, assistiram à cena e imediatamente levaram o fato ao conhecimento da polícia.

As 21h Fernando foi encontrado na Estrada do Catonho, em Jacarepaguá, em frente ao Motel Tabas, onde foi abandonado pelos seqüestradores (desde o primeiro instante eles sabiam que o seqüestro era do conhecimento de pelo menos duas pessoas).

As 21h30m, foi encontrado D. Adriano, também em Jacarepaguá, na Rua Japurá; ele fora levado em outro carro por alguns dos seqüestradores.

As 23h30m uma explosão destruiu o carro do bispo na Glória, na área que serve de estacionamento à CNBB. Aos 10 minutos de ontem, uma bomba explodiu no telhado de uma área da casa de Roberto Marinho. Vinte minutos depois uma voz identificou-se como integrante de um grupo terrorista e atribuiu a este a responsabilidade pelos três atentados, num telefonema para a emissora de rádio.

Um detalhe: todas as pessoas ligadas ao bispo de Nova Iguaçu o conhecem e chamam pelo nome de D. Adriano Hipólito, que é, também, como ele assina. O nome completo porém é Adriano Mandarino Hipólito, que é o que consta dos seus documentos. Quem ligou para a emissora, ao referir-se ao bispo, chamou-o de "Dom Hipólito Mandarino".

A explosão da bomba no Cosme Velho foi registrada assim, sob o nº 472, na 9a. DP:

"A zero hora deu entrada no Hospital Miguel Couto, vítima de um atentado a explosão de bomba, Teotônio de Queiroz (solteiro, 22 anos, reside e trabalha na casa de Roberto Marinho, diretor de "O GLOBO", Rua Cosme Velho 1105). A vítima sofreu feridas contusas e escoriações generalizadas. Teotônio foi trazido para o Hospital Miguel Couto por José Elias Carvalho, residente no mesmo endereço da vítima. A 9a. DP tomou ciência do fato na pessoa do detetive de plantão naquele distrito, Sérgio. O policial de plantão no Hospital Miguel Couto, que comunicou a ocorrência ao seu colega, detetive Sérgio, na 9a. DP, foi o Lima".



A bomba explodiu sobre o telhado, destruiu telhas e quebrou vidraças

Declaração de Roberto Marinho

O Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, nosso companheiro Roberto Marinho, fez ontem esta declaração à imprensa:

"A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa nos primeiros minutos de hoje (ontem), destruindo pequena parte do

telhado e vidraças da casa. Não imagino qual tenha sido a motivação nem a autoria desse atentado. O caso está entregue às autoridades policiais, que desde os primeiros momentos demonstram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus

companheiros de trabalho, tranqüilo.

"O que acima de tudo lamenta é que esse ato brutal feriu um de meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação".

Longa vigília por D. Adriano

A catedral de Nova Iguaçu esteve cheia entre 22h de quarta-feira e 2h de ontem: eram fiéis interessados em saber sobre o destino do Bispo da Arquidiocese, cujo seqüestro fora rapidamente noticiado a partir do momento em que um padre irlandês, David J. Keegan, registrou a queixa na delegacia da cidade.

Enquanto a multidão de fiéis permanecia na igreja, uma comissão de homens escolhidos entre os participantes de vários grupos que se reúnem na sede da Arquidiocese toda semana partiu para o Rio logo foi noticiado o aparecimento do bispo, amarrado e nu, em uma rua de Jacarepaguá.

Durante todo o dia de ontem a secretaria da catedral recebeu telefonemas de todo o País. Eram padres, bispos e cardeais que queriam saber notícias de D. Adriano Hipólito. A única funcionária, que não quis dizer seu nome, respondia automaticamente:

— Ele está bem e em segurança, embora não possamos dizer em que local.

As pessoas — geralmente de origem humilde — que

iam ontem à catedral em busca de notícias recebiam a mesma resposta, com um sorriso tranqüilizador da funcionária, que agradecia em nome de D. Adriano a preocupação dos fiéis.

Na Rua Comendador Francisco de Oliveira, no Parque Fiora, onde vive D. Adriano, os empregados dizem ontem ter recebido instruções para não dar qualquer informação a ninguém. Pouco depois das 13h chegou a irmã de D. Adriano, d. Helena Hipólito, em uma Kombi, acompanhada de dois rapazes de sua família. D. Helena chorava muito.

Adir Mera, fotógrafo da revista "Manchete", foi quem encontrou o Bispo de Nova Iguaçu amarrado, nu e com o corpo pintado de vermelho em uma rua semi-deserta de Jacarepaguá.

Adir, que chegou em casa, na Rua Dr. Bernardino, cerca de 21h de quarta-feira, tornou a sair com sua mulher e dois filhos para ir à casa de uma amiga. As 21h30m ele dobrou a esquina da Rua Jacaré, no ponto em que existe um asilo

de velhos. Na calçada do asilo viu um homem nu, com os pés e as mãos amarrados, tentando fazer sinais com os braços.

Com medo de um assalto, Adir passou pelo ponto em que estava o homem em marcha lenta. Parou um pouco adiante e voltou, atendendo à esposa que disse ser o homem "um velhinho, e muito machucado", pois estava com o corpo "coberto de sangue".

Enquanto a mulher de Adir ia em casa buscar roupas do marido para o "velhinho", Adir, com a ajuda de outras pessoas que estavam em uma padaria, perto dali, conseguiu desamarrá-lo, e só então o homem conseguiu falar:

— Sabem quem eu sou? — perguntou ele. As pessoas em volta, disseram que não.

— Sou o bispo de Nova Iguaçu. Fui seqüestrado; me machucaram muito, e estou muito preocupado com meu sobrinho, Fernando, que também foi seqüestrado.

" O GLOBO "

24 / 09 / 1976

Editorial



Fim ao terror

O GLOBO 24.09.76

NOVOS ATENTADOS terroristas, desta vez dirigidos contra o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e o Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, jornalista Roberto Marinho, infelizmente fazem agora acreditar que a iniciativa insana de grupos radicais ainda não identificados tem de fato em mira uma ação contínua, sustentada pela única lógica da provocação cega e da perturbação da paz pública.

A CONSCIÊNCIA patriótica, democrática e moral do País chegou a afogar a esperança de que faltasse maior substância à irrupção de violência iniciada com as bombas da ABI e da Ordem dos Advogados. Eram ações tão destituídas de sentido e tão profundamente contrárias ao espírito brasileiro que poderiam tratar-se de um acontecimento isolado, propenso a extinguir-se a partir da própria falta de estrutura e de profissionalismo dos inopinados agentes do terror.

ESSA GENEROSA esperança hoje tende a desfazer-se sob a pressão de uma chocante realidade. Estamos, já sem nenhuma dúvida, diante de inimigos brutais da tranquilidade nacional, que não pretendem apenas criar uma atmosfera de insegurança e de pânico mas desde logo se dispõem a atuar criminosamente, assumindo inclusive a responsabilidade de sacrificar vidas.

O BISPO de Nova Iguaçu foi sequestrado e seviciado, juntamente com um sobrinho; e seu carro destruído por uma bomba, em frente à sede da CNBB. Outra bomba, atirada da rua, explodiu na residência do nosso companheiro Roberto Marinho, danificando o telhado, estilhaçando vidraças e, como pior

consequência, ferindo um dos empregados da casa, ameaçado de perder uma das vistas.

QUE VÍTIMAS escolhem e onde querem chegar esses desatinados? Quem são os autores intelectuais e materiais desse movimento de brutalidade e de sangue? Todo o País acha-se envolvido em tais indagações, procurando identificar a causa beneficiária do crime. Ninguém ignora que entre os atos de terror e as entidades ou pessoas ostensivamente visadas há um labirinto de disfarces e indícios equívocos, segundo a tática de confundir as responsabilidades e as investigações.

ENTRETANTO, as autoridades empenhadas na apuração dos atentados não se deixarão enganar. Cabe-lhes agora ir ao fundo do enigma, e a Nação inteira confia em que não demorarão a apontar ao conhecimento e à execração do povo as verdadeiras autorias. Outros desafios já têm sido desmontados pelos órgãos de segurança, graças a uma ampla, sólida e sistemática experiência de combate à subversão.

O RADICALISMO das bombas, quaisquer que sejam as suas origens e os seus objetivos, deverá desaparecer quanto antes da face ordeira e pacífica do Brasil dos nossos dias de racionalidade e desenvolvimento.

NÃO HÁ COMO permitir que se expanda essa fissura de irracionalidade num corpo social e nacional sadio. É um imperativo do interesse essencial do País a orientar as investigações e a exigir urgência dos seus resultados. Que não caiba ao terror o próximo passo, mas àqueles capazes de fazê-lo calar-se e amargar os seus crimes.

Dom Ivo Lorscheiter diz que terror não assusta a Igreja



Dom Ivo: — A Igreja está no caminho certo

Ao se referir, ontem pela manhã, ao seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, o Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Ivo Lorscheiter, disse à imprensa: "Esses atos de terrorismo não nos assustam; confiamos nos órgãos de segurança e esperamos que os terroristas sejam identificados."

Dom Ivo informou ter recebido muitas mensagens de solidariedade e apoio às causas defendidas pela CNBB, e leu trecho de um telegrama do bispo de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi: "Alegramo-nos. Isso não é masoquismo. Não devemos ficar em pânico."

Dom Ivo e os bispos Cláudio Hummes e Moacir Grechi apelaram para que voltem "o respeito mútuo, a Justiça e o cumprimento das leis, o que significa a volta do bom-senso".

— Dom Adriano — comentou o Secretário-Geral da CNBB — sempre defendeu a Baixada Fluminense, através da ação social e pastoral. Nós não vivemos gratuitamente no mundo.

A entrevista de Dom Ivo Lorscheiter foi presenciada pelos bispos de Santo André, Dom Cláudio Hummes, e do Acre-Purus, Dom Moacir Grechi. Na opinião do Secretário-Geral da CNBB, "há indícios de que a extrema-direita seja a responsável pelos atentados a bomba que vêm ocorrendo de um mês para cá".

— A Igreja não se afastará de sua luta a favor dos direitos humanos: ao contrário, esses atos de violência indicam que estamos no caminho certo.

Sobre a participação da Igreja na política, Dom Ivo Lorscheiter disse que a palavra política deveria ser escrita em letras maiúsculas.

— Política é o exercício do poder na realização do bem comum e a consequente e consciente participação do povo nessa ação. O que a Igreja faz é educar o povo para a participação consciente e responsável na política.

Relatório

O Nuncio Apostólico Carmine Rocco, que esteve com Dom Adriano Hipólito durante toda a madrugada do seqüestro, enviou um relatório sobre os episódios ao Papa Paulo VI, segundo informou Dom Ivo.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil enviou ontem um telegrama de felicitações pela passagem do 79º aniversário do Papa Paulo VI, amanhã. Eis o texto da mensagem:

"Os bispos do Brasil, através de sua Presidência e Comissão Episcopal de Pastoral, reunidas em assembleia ordinária, formando uma só alma e coração com o vigário de Cristo na Terra, vêm apresentar a Vossa Santidade os mais ardentes votos de felicidade por mais um ano de preciosa vida devotada a Deus e à Igreja, nessa caminhada difícil na fidelidade aos imutáveis valores junto com uma autêntica renovação implorando preciosa bênção apostólica. Dom Geraldo Fernandes, vice-presidente em exercício da CNBB."

Jubileu franciscano

O Departamento de Imprensa e Comunicações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil lembrou que no próximo dia 4 de outubro ocorrerá a celebração dos 750 anos da morte de São Francisco de Assis. "Por esse motivo, não só as numerosas e grandes Ordens de Congregações Religiosas Franciscanas, mas toda a Igreja refletirá sobre a impressionante figura do Poverello da Umbria, radical amigo da pobreza e mestre do contemplativo louvor a Deus e suas obras." A todos os homens de boa vontade a CNBB propõe "o exemplo de São Francisco de Assis para que se descubram os verdadeiros e definitivos valores, os quais não consistem no ter muito mas no ser verdadeiramente filho de Deus e dos outros homens."

Culto ecumênico

Pela primeira vez, representantes de igrejas não católicas serão convidados a participar da reunião da Comissão Representativa da CNBB. Este gesto, "cuja importância não pode ser subestimada", disse Dom Ivo Lorscheiter, foi decidido pela Presidência e Comissão Pastoral da CNBB em sua recente reunião conjunta. Serão convidadas as igrejas com as quais existem ou estão encaminhadas comissões mistas.

O Secretário-Geral da CNBB frisou que, apesar dos últimos acontecimentos, continua normal e contínuo o trabalho da entidade. Sobre a venda da Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, os bispos reunidos ontem com a imprensa disseram que não podem intervir no problema:

— Não podemos intervir — afirmou Dom Ivo Lorscheiter. — Não somos juizes dos bispos. Certamente o povo não ficará sem a sua igreja. A Igreja de Nossa Senhora da Paz é muito mais do que uma paróquia local.

Missas

A Diocese de Nova Iguaçu distribuiu ontem uma nota convidando os fiéis para uma missa em ação de graças, às 16h de domingo, em louvor a Dom Adriano. Diz a nota:

"A Diocese de Nova Iguaçu está solidária com a pessoa de seu bispo, bem como com as linhas pastorais de denúncia profética contra tudo o que amedronta o povo e o marginaliza dos seus direitos. Estamos convencidos de que a Verdade, embora aparentemente perdedora de muitas batalhas, é e será a vencedora de todas as guerras. Que os fanáticos não esqueçam: eles estão desde já programados para perderem a batalha final.

"Estamos ofendidos e indignados com as sádicas atrocidades perpetradas na pessoa do nosso bispo. Mas estamos também profundamente convencidos da coerência de tais fatos com tudo o que de mais glorioso aconteceu e acontece com a pessoa dos profetas, dos santos e dos mártires. Em vez de amedrontar e fazer calar, a nefanda agressão proclama que, sob a orientação de Dom Adriano, estamos no caminho certo do Cristo perseguido, torturado e morto".

Dom José: gesto antibrasileiro

Os arcebispos de Brasília e de Belo Horizonte e o bispo auxiliar de Fortaleza manifestaram ontem seu repúdio ao seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

O Arcebispo de Brasília, Dom José Newton, divulgou a seguinte nota:

"Como bispo brasileiro, não posso deixar de considerar indigno e revoltante o gesto dessa *seidisant* 'Aliança Anti-Comunista', gesto antibrasileiro, contrastante com o sentimento humano e religioso do nosso povo, numa demonstração que deteriora no estrangeiro a imagem do Brasil. Alarmante, por outro lado, essa atitude dos que combatem o comunismo com métodos que eles mesmos condenam, psicologicamente contraproducentes. É a confirmação de que o que nos falta, pela base, é educação e cultura, conforme, aliás, o tem repetido patriótica e reamente um brasileiro do porte do Presidente Geisel.

"Ontem mesmo, comuniquei pessoalmente, por intermédio de Sua Eminência o Cardeal Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro, em meu nome e no da Arquidiocese de Brasília, ao Sr. Bispo Dom Adriano, a expressão de nossa fraterna e respeitosa solidariedade e nossos votos de completo restabelecimento, pois foi, de fato, barbaramente maltratado, no físico e no moral. Trata-se de um ministro de Deus, de uma pessoa sagrada, o que agrava o crime, perante Deus e os homens.

"Que querem os insensatos? Transformar nossas pacíficas e cordiais populações num ambiente de ódio e num campo de batalha? Não exacerbem os ânimos, não acusem os bispos de comunistas (que o não são), mas concorram com bom senso e equilíbrio para que haja paz e justiça social nesta terra que Deus nos deu e que amamos."

Belo Horizonte

— Lamento profundamente o atentado ao bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. É uma escalada que a gente sabe de onde veio, mas não sabe para onde vai e quais serão as suas conseqüências — disse ontem o Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Serafim Fernandes.

Segundo Dom Serafim, esse atentado é mais grave ainda por ter sido praticado contra um bispo. "Mas o problema é o mesmo, seja o atentado contra um bispo ou contra uma pessoa qualquer." Para o arcebispo, "a repulsa da opinião pública diante do fato foi muito forte, imediata e coerente com a formação do povo brasileiro".

Fortaleza

O Bispo Auxiliar de Fortaleza, Dom Edmilson da Cruz, divulgou ontem uma nota oficial a respeito do seqüestro de Dom Adriano Hipólito. Diz a nota em certo trecho:

"A autoridade arquidiocesana deplora profundamente esse grave atentado, em relação ao qual formula um firme e veemente protesto, esperando das autoridades competentes as medidas cabíveis em tais ocorrências; e, por intermédio de Dom Ivo Lorscheider, Secretário-Geral da CNBB, fez chegar a Dom Adriano o testemunho da sua solidariedade, da sua oração, do seu decidido apoio à sua ação pastoral e da clara reprovação a tão inominável procedimento."

Intimidação

PARIS (O GLOBO) — O jornal "Le Monde" publicou ontem um artigo de seu correspondente no Rio, Charles Vannocke, referindo-se a uma "escalada" empreendida pelo terrorismo de direita, "que tenta intimidar a hierarquia católica no Brasil".

"Monsenhor Adriano Hipólito" — acrescenta o jornal — "exerce o seu ministério em uma das dioceses mais difíceis do País, a de Nova Iguaçu, onde a miséria e o banditismo atingiram níveis intoleráveis; é um dos lugares preferidos pelo "Esquadrão da Morte", que já deixou lá inúmeros cadáveres".

O jornal mencionou as "numerosas reações" que provocou o episódio e transcreveu o comentário do Cardeal Eugênio Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro: "Triste país aquele onde o destino dos cidadãos está à mercê de um grupo pequeno."

Dom Geraldo Sigaud: espanto, indignação

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — "Estúpido e sem sentido" foi como o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo de Proença Sigaud, classificou o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, de quem ele disse ser "um grande amigo".

— Confesso que as informações que recebi causaram-me espanto e indignação. O seqüestro de um cidadão por homens fora da lei atinge a todos nós, pois são princípios fundamentais do convívio humano que são violentados — disse Dom Geraldo Sigaud, ao passar ontem por Belo Horizonte.

— Quando cidadãos seqüestram cidadãos, marginais seqüestram reféns, terroristas seqüestram inocentes por motivos políticos ou ideológicos, sentimos que uma coisa preciosa chamada civilização está sendo ferida e que a lei das selvas está ganhando terreno.

— Quando um juiz, um médico, um sacerdote, uma mãe de família ou um bispo é seqüestrado, nota-se que há alguma coisa muito profunda e doente em alguns setores da sociedade. É verdade que no Brasil esses fatos são raros e que tais marginais e terroristas não conseguem dar vazão às suas insânias.

— Felizmente — concluiu Dom Geraldo Sigaud —, os seqüestradores pouparam a vida de Dom Hipólito e contentaram-se em maltratá-lo e humilhá-lo.

Vice-presidente: solidariedade

O Vice-Presidente da República, General Adalberto Pereira dos Santos, e o Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Joelmir Campos de Araripe Macedo, enviaram telegramas ao nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, solidarizando-se com ele pelo atentado contra sua casa.

É a seguinte a mensagem do Vice-Presidente da República: "Solidarizo-me prezado amigo lamentável ocorrência. Cordial abraço. Adalberto Pereira dos Santos — Vice-Presidente da República."

O telegrama do Ministro da Aeronáutica tem o seguinte teor: "Com a expressão de nossa solidariedade, reafirmamos a convicção de que o extremismo jamais encontrará guarida no coração da gente brasileira. Joelmir Campos de Araripe Macedo — Ministro da Aeronáutica".

Roberto Marinho também recebeu telefonemas, visitas e mensagens de inúmeras outras instituições e pessoas. Entre elas: Ministros da Educação, Ney Braga; do Planejamento, Reis Velloso; da Indústria e Comércio, Severo Gomes; Embaixador da França, Michel Legendre; presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Caio Mário Silva Pereira; presidente da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, Joezil Barros; Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo; presidente da Embratur, Said Farhat; presidente regional em exercício da Arena do Rio Grande do Sul, Octávio Cardoso; Alberto André; presidente do Conselho Deliberativo da Associação Riograndense de Imprensa, Antônio Carlos Ribeiro; presidente do Creci e de sua 1ª Região, José Henrique Aquino e Albuquerque; diretores, conselheiros e funcionários; Federação Nacional dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas e do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas do Estado da Guanabara, através de seu presidente, Elias de Jora; e Eduardo Bahout; Senador Luiz Vianna.

Na impossibilidade de citar todas as centenas de manifestações de apreço e solidariedade recebidas em razão do atentado de quarta-feira, O GLOBO registra o seu agradecimento a todos que se dirigiram a esta redação e ao nosso companheiro Roberto Marinho.

Governadores condenam

O Governador Faria Lima voltou a condenar, ontem, os atentados contra nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, e o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

— Só posso lamentar profundamente, uma vez que estamos unidos aqui no Rio de Janeiro, trabalhando pelo bem do Estado e do País, que haja ainda pessoas cuja ação criminosa possa trazer essa má imagem para o Rio, para o novo Estado do Rio de Janeiro e para o Brasil. Lastimo profundamente que tais meios ainda sejam postos em prática por pessoas que, no meu ponto de vista, não têm a menor condição humana de viver num país livre como é o Brasil de hoje.

Rio Grande do Sul

O Governador do Rio Grande do Sul, Sinval Guazzelli, disse ontem, em Porto Alegre, ao retornar de Brasília, que os atentados terroristas contra Dom Adriano Hipólito e a residência do jornalista Roberto Marinho "causaram repulsa e indignação, por ferirem a índole e a formação do povo brasileiro, que resolve sempre seus problemas através do diálogo".

Guazzelli disse ter esperança de que os órgãos de segurança "encontrem os inimigos da sociedade".

São Paulo

O Governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, disse ontem, a respeito dos atentados a bomba ocorridos no Rio:

— O que eu tenho a dizer é que é um ato de terrorismo, não sei de quem vem, se da direita ou da esquerda, mas que eu repudio profundamente. Não conheço o problema, porque o caso está afeto à polícia do Estado do Rio, mas não aceito definitivamente quaisquer radicalismos, venham da direita ou da esquerda. Não faço a menor distinção entre os dois porque ambos são igualmente nefastos aos interesses do Brasil. Minha opinião a respeito desse problema sempre foi extremamente clara.

Ulisses

BELÉM (O GLOBO) — O Deputado Ulisses Guimarães, presidente nacional do MDB, manifestou ontem a sua repulsa aos atentados no Rio. Ele declarou que tais fatos constituem um desafio às autoridades brasileiras, salientando no entanto estar certo de que o Governo impedirá a repetição de acontecimentos desse tipo "que abalam e intranquilizam o País".

— O MDB é mais do que nunca contra o terrorismo, seja qual for a sua fonte inspiradora. Nosso desejo é que a ordem seja preservada e colaboraremos para que isso aconteça.

Assembléia gaúcha

O líder da bancada da Arena na Assembléia Legislativa do RS, Deputado Hugo Mardini, referindo-se ontem aos atentados no Rio, criticou o líder da Oposição, Deputado Pedro Simon, que vê nos episódios o desejo de uma minoria de extrema-direita de promover o endurecimento do regime, pela prática de atos terroristas no País.

— Não se pode atribuir esses fatos e essas ações ao desejo de endurecimento do regime. É preciso deixar claro que ninguém pode previamente julgar de onde parte esse tipo de provocação.

O serviço de imprensa da TFP — Tradição, Família e Propriedade — divulgou ontem em São Paulo um comunicado em que condena os atentados praticados contra o bispo de Nova Iguaçu e a residência do jornalista Roberto Marinho. "A TFP — diz o comunicado — repudia com especial energia a violência contra a pessoa sagrada de um bispo."

Protesto da União Cívica Feminina

A União Cívica Feminina divulgou ontem, em São Paulo, a seguinte nota a respeito dos atentados de anteontem no Rio:

"A marcha ascensionista da violência faz crescer a cada dia as nossas apreensões e inseguranças. A União Cívica Feminina, acreditando interpretar os sentimentos da família brasileira, manifesta de público sua inconformidade e seu repúdio a estes atentados terroristas.

"Dirigimo-nos às autoridades incumbidas de prevenir e punir a violência, na certeza de que à sua atuação deveremos somar a nossa, a dos cidadãos conscientes, visando evitar a anarquia. A violência, seja ela praticada com finalidade ideológica, política ou simplesmente propagandística, constitui uma forma de criminalidade. A violência, seja moral ou material, consiste em agressão da honra ou na efusão de sangue; proceda de qualquer setor da opinião pública, direita, centro ou esquerda, é sempre condenável.

"Conclamamos, assim, todos os brasileiros de responsabilidade no mundo empresarial, intelectual, eclesiástico, trabalhista, universitário e, de modo particular, os responsáveis pelos meios de comunicação, e que empreguem toda a sua influência para fazer prevalecer na presente conjuntura aquele sentido de harmonia, consideração e mútuo respeito que constitui uma das constantes mais típicas de nossa história. As vistas de um mundo conturbado voltam-se para o Brasil, potência emergente. Cabe-nos o honroso dever de dar o exemplo da serenidade e da elevação de espírito de nosso povo afável e generoso.

"Criemos um ambiente onde problemas complexos, que a tantos outros povos vêm arrastando para riscos incalculáveis, se resolvam dentro dos princípios que nortearam o movimento de 1964 e hoje simbolizam os anseios de uma nação fiel aos seus valores cristãos."

Prosseguem as investigações

A Secretaria de Segurança Pública nada informou ontem sobre o andamento das investigações em torno dos atos terroristas da quarta-feira. Mas quanto ao sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, já se sabe que os agentes do Departamento de Ordem Política e Social que atuam no caso estudam detalhes considerados importantes para identificar os sequestradores: o grupo que levou o bispo utilizou cordas de sisal, capuz e algemas e o abandonou num local ermo, a Estrada do Catonho; D. Adriano sempre assumiu uma posição pública contra o chamado "Esquadrão da Morte", e atua exatamente na área em que este se mostra mais ativo — a Baixada Fluminense.

Segundo fontes da SSP, espuz, algemas e cordas de sisal eram costumeiramente usados pelos membros do "Esquadrão", e a Estrada do Catonho era um dos locais preferidos para a desova — o lançamento das vítimas do "Esquadrão".

Sigilo

Sobre o andamento das investigações, a única informação foi dada ontem por Osni Belo, assessor do Secretário de Segurança. Segundo ele, "está tudo muito confuso; os responsáveis pelos atentados estão tentando confundir a polícia".

Ele disse que os laudos sobre os atentados devem demorar "pois o Instituto de Criminalística está com cerca de dez mil laudos para serem datilografados, e só com o auxílio de dez datilógrafos da PM e outros dez do Corpo de Bombeiros requisitados pela SSP é que foi possível baixar este número para cinco mil". O Instituto de Criminalística tem apenas 12 peritos, mas há vagas para 200.

Corpo de delito

O diretor do Instituto Afrânio Peixoto (ex-IML), o médico legista Nelson Caprelli foi ao Sumaré, residência do Cardeal Eugênio Sales, ontem às 10 horas, fazer o exame de corpo de delito no Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, que ali se acha hospedado.

O resultado do laudo só será conhecido segunda-feira e, sob sigilo, será encaminhado ao diretor do Departamento Técnico Científico da SSP, Promotor Gil Castelo Branco que, por sua vez, remeterá o mesmo para o Departamento-Geral de Polícia Civil que o solicitou para os devidos fins.

CNBB: seqüestradores de Dom

Adriano estão excomungados

Bispo: — Não vou parar meu trabalho

— Nunca fui, não sou nem nunca serei comunista. Não tenho nada a esconder, pois o meu trabalho — que não vai parar — é pastoral, e minha tentativa é a de traduzir o Evangelho. Não se procurou atingir isoladamente um bispo, mas sim a própria Igreja: o meu carro foi destruído em frente à CNBB. O que se pretende é conturbar o processo político do País, com atentados contra entidades fracas que se batem pela justiça e os direitos humanos.

A entrevista coletiva, no Centro de Formação de Líderes, em Nova Iguaçu, foi a primeira aparição pública do bispo D. Adriano Hipólito, depois do seqüestro de que foi vítima, junto com seu sobrinho, Fernando Leal Webering. Perante o auditório lotado de jornalistas, religiosos e fiéis, Dom Adriano, antes de fazer um relato do episódio e responder às perguntas da imprensa, pediu a todos que ficassem de pé e com eles rezou o Padre Nosso.

Com D. Adriano estavam o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Aluísio Lorscheider, o secretário-geral, Dom Ivo Lorscheider e o bispo Alfonso Lopez Trujillo, secretário-geral do Celam — Conselho Episcopal Latino-Americano.

Ao fundo da mesa enfeitada com flores, uma faixa em que estava escrito: "Dom Adriano, todos nós estamos alegres porque você está de volta."

Preocupação pastoral

Dom Adriano disse que não acredita em vingança política, pois nunca teve qualquer ligação político-partidária. Ele acha que o atentado, "além de tentar intimidar e humilhar um bispo, não é um fato isolado", pois explodiram o seu carro em frente à CNBB.

— Um desafio à fantasia dos estrategistas: uma conexão entre o atentado que sofreu e o de que foi vítima o jornalista Roberto Marinho. Não tenho elementos para afirmar que a ação contra mim se ligue a outros atentados, como o da ABI e da Ordem dos Advogados. Mas acho que o praticado contra mim se liga ao sofrido por Roberto Marinho — disse o bispo de Nova Iguaçu.

Quando à origem dos seqüestradores:

— Acho que eles eram executores de um plano. Eles me disseram que pertenciam à "Ação Anticomunista Brasileira"; não tenho elementos para achar que isto não seja verdade. Não sei se as investigações irão apurar isso.

Ele disse que o trabalho que realiza na diocese é pastoral, e que o atentado não irá afastá-lo da sua missão.

— A Igreja tem responsabilidade maior para com pessoas que têm fé, que são cristãs. A gente apela para os valores profundos das pessoas. É a força da palavra, pois o povo tem direito à felicidade. Se a minha obra incomoda alguns setores? Elas são obras sociais, de conscientização da pessoa. Talvez algumas declarações minhas não tenham sido entendidas. Minhas mensagens são positivas e levam a uma reflexão séria. Isso está em minhas mensagens.

Quanto às ameaças ao bispo Valdir Calheiros, de Volta Redonda, relacionado pelos seqüestradores "como o próximo da lista", Dom Adriano disse que este, quando o visitou, mostrou-se calmo e tranquilo.

— Não temos, o bispo de Volta Redonda e eu, um programa em comum, para as nossas dioceses, mas

sim pontos-de-vistas comuns, como todos os demais bispos brasileiros.

"Igreja incompreendida"

O presidente da CNBB, D. Aluísio Lorscheider, disse que os bispos brasileiros estão solidários com o bispo de Nova Iguaçu, e destacou, a seguir, o papel da Igreja:

— Nossas armas são a palavra, o apelo. Procuramos a conversão da pessoa. É o aspecto humano o que nos interessa, por isso insistimos quanto aos Direitos Humanos. Lembro de ter ouvido num encontro com Paulo IV o Sumo Pontífice dizer que "a Igreja está ficando gozinha na defesa da vida no mundo de hoje". A Igreja é incompreendida; o seqüestro foi uma manifestação dessa incompreensão.

— Não sei qual será a posição oficial da diplomacia do Vaticano em relação ao atentado, mas o Santo Padre dá todo o seu apoio e solidariedade. A diplomacia do Vaticano deverá tomar alguma iniciativa, pois faz isto em todos os países. Há alguns anos a Baixada Fluminense não tinha uma boa imagem. Isto, porém, tem melhorado. É o resultado do trabalho da Diocese. Dom Adriano trabalha dentro da linha da Igreja. O que fazemos não pode ser interpretado como subversão da ordem.

O secretário-geral do Celam, Dom Alfonso Lopez Trujillo, disse ser portador da solidariedade de todos os bispos latino-americanos a Dom Adriano.

— Diria que ele encarna o símbolo do que é a Igreja latino-americana: trabalha evangelicamente, com simplicidade na pastoral; com generosidade na união entre sacerdotes e leigos; e com definição do que deve ser a presença da Igreja pelos direitos humanos e justiça.

Um relato do seqüestro

Nas mãos de Deus: foi este o título que o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, deu ao relato que fez, antes da entrevista coletiva, das violências de que foi vítima, junto com o seu sobrinho, Fernando Webering. Ele contou que na quarta-feira, 22 de setembro, pelas 19h, saiu do seu gabinete após atender o operário Fidélio, que fora assaltado no domingo e, naquele dia, fora lhe pedir um "adiantamento em dinheiro".

No seu Volks, dirigido pelo sobrinho, e com a noiva deste, Maria del Pilar Iglesias, no banco de trás, eles foram seguidos por um Volkswagen vermelho, e depois por um outro carro. Os dois, até a casa de Pilar, na Rua Paraguaçu, emparelhavam com o seu e tentavam cortá-lo, mas tanto D. Adriano como Fernando pensaram que os dois apostavam corrida entre si.

— Uns cinco metros antes do portão de Pilar o Volks vermelho nos cortou pela frente e o outro carro pelo lado. Saltaram cinco ou seis homens armados de pistolas, ameaçadores, e se aproximaram do nosso carro. Do meu lado, um gritou: — É um assalto. Saia logo, senão atiro. — Hesitei um pouco, tentando saber do que se tratava. Com palavras, abri-

ram a porta do meu lado e me puxaram. Tropecei e caí.

D. Adriano disse que foi levado com brutalidade para um dos carros, no qual lhe deram pancadas na cabeça e no corpo, obrigando-o a se baixar. Colocaram-lhe um capuz na cabeça, algemaram-no, retiraram tudo o que ele tinha no bolso, rasgaram sua batina e o deixaram nu. E após rodar muito, pararam o carro, desceram e começaram a espancá-lo.

Segundo ele, antes que lhe colocassem o capuz viu o rosto dos dois homens que estavam no carro. O que ia ao volante usava óculos quadrados, sem aro. "O outro, de cara redonda e rude, tinha as faces marcadas por cicatrizes e espinhas infecciosas".

Aos gritos e palavras, os seqüestradores começaram a espancá-lo, e um deles gritou: "chegou a tua hora, miserável, traidor vermelho. Nós somos da Ação Anticomunista Brasileira, e vamos tirar vingança. Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do bispo Calheiros, de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos traidores."

Os seqüestradores insistiam em que ele dissesse que era comunista,

mas D. Adriano se recusou a fazê-lo. Quiseram também obrigá-lo a beber cachaça, e como ele recusasse, deram-lhe o líquido sobre o capuz, o que o deixou semi-asfíxiado. E depois que lhe deram um banho de spray (era a tinta vermelha), um deles lhe disse: "o chefe deu ordens para não matar você, você não vai morrer, não. É só para aprender a deixar de ser comunista."

Segundo o bispo, essa primeira parada durou de 30 a 40 minutos, e ele chegou a ouvir, a uns 20 metros de distância, o seu sobrinho, que gritava, e aparentemente era espancado. Ao saírem, eram outros os homens no carro. Eles gritavam sem parar, "provavelmente para aterrorizá-lo". Ele ouvia ruídos à medida em que o carro rodava, o que lhe indicava que estavam em área habitada. A certa altura novamente pararam.

Depois de retirarem as algemas e amarrarem seus pés e as mãos com a mesma corda, novamente o espancaram, retiraram-no do carro e, já sem o capuz, abandonaram-no. "Quando me voltei o carro tinha arrancado com violência. Notei que era vermelho". E ele ficou lá até que o socorreram.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil distribuiu ontem uma nota assinada por seu presidente, Cardeal Aloisio Lorscheider, informando que, de acordo com as normas do Direito Canônico, os seqüestradores do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, estão automaticamente excomungados pela Igreja Católica. A sanção atinge os que praticaram o crime, os que dele participaram indiretamente e os mandantes.

A excomunhão, segundo a CNBB, não é determinada pela entidade, "mas aplicada automaticamente".

Esta é a nota da CNBB:

"A Presidência da CNBB faz público o teor do cânon 2343, parágrafo 3, do Código de Direito Canônico: "Quem praticar violência contra a pessoa de um Patriarca, Arcebispo ou Bispo, embora só titular, incorre em excomunhão *latae sententiae* (automaticamente) reservada de modo especial à Sé Apostólica.

"Castiga este cânon as injúrias reais, consistentes em ações contra o corpo, ou contra a liberdade, ou contra a dignidade.

"Recorda a mesma Presidência que este castigo canônico aponta a gravidade do delito cometido contra Dom Adriano Mandarino Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, RJ.

"Como toda a Comunidade Católica, a Presidência da CNBB pede a Deus que inspire melhores sentimentos aos que ora incorreram na dolorosa mas necessária sanção eclesialística."

Solidariedade

A Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil enviou

a seguinte mensagem a Dom Adriano Hipólito:

"A Diretoria da Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil, hoje reunida, foi unânime em repelir a torpe agressão física e moral de que foi vítima Vossa Excelência Reverendíssima, por levantar sua voz de Pastor em defesa dos pobres e da moral da Família Brasileira.

"O propósito desta é hipotecar a Vossa Excelência Reverendíssima a nossa irrestrita solidariedade, permitindo-nos lembrar as confortadoras palavras de Cristo no Sermão da Montanha:

"Bem-aventurados sereis, quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós."

"Na oportunidade, reiteramos a V. Ex.^a Revma. nossa expressão de respeito e filial acatamento, pedindo sua bênção para as Congregações Marianas. Em nome de todos os Congregados Marianos do Brasil: Padre João Ruffier, Ary de Christian, Luiz Carlos da Silva Lessa, José Pires da Silva, Pedro Prudêncio da Silva, Enilda Cortez, Aduzinda Feirato, Oswaldo Paulino Lopes."

Maçons

LONDRINA (O GLOBO) — Os participantes do Quinto Congresso da Maçonaria Paranaense, realizado na cidade de Maringá, condenaram ontem os atentados ocorridos no Rio e decidiram enviar uma nota ao Presidente Ernesto Geisel. "O sentimento cristão e o alto espírito de brasilidade determinam medidas impres-

cindíveis para que a Pátria não seja violada por atos terroristas contra pessoas e entidades", diz a nota.

Atentado à OAB

O conselheiro Wilson Mirza fez a seguinte declaração, na Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Rio de Janeiro:

"O Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil não participa das investigações e nem se faz representar no inquérito policial instaurado em razão do atentado contra a sede do órgão, reservando-se para apreciá-lo no momento oportuno.

"Incumbiu-me a presidência do Conselho Federal de informá-la a respeito e promover o que pudesse concorrer para a segura apuração do fato e da sua autoria. Mantive, em consequência, entendimento com o eminente Procurador Geral da Justiça Militar, manifestando-lhe a posição da OAB e encarecendo-lhe a conveniência da designação de Procurador da Justiça Militar, para acompanhar o inquérito.

"S. Excia. concordou com a pretensão da presidência da OAB, sugerindo, apenas, que o pedido partis-se do presidente do inquérito, na forma da legislação em vigor. E este o formulou, tendo sido designado o Procurador da Justiça Militar, junto à Primeira Auditoria da Aeronáutica, que passou a acompanhar o inquérito".

" O GLOBO "

30 / 09 / 1976



Solidariedade
30-09-76
a Dom Adriano

MANAUS (O GLOBO) — O arcebispo coadjutor de Manaus, Dom Milton Corrêa Pereira, enviou ontem um telegrama de solidariedade ao bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, sequestrado dias atrás. Dom Milton disse que seu telegrama é "gesto de repúdio a toda e qualquer violência, parto de onde partir, e dirija-se a quem dirigir".

Diz o telegrama: "Respondendo pelo expediente do Arcebispado, na ausência de Dom João Souza Lima, ora em viagem pelo Nordeste, com o clero reunido em encontro mensal, em nome de todo o povo de Manaus, envio a V. Excia. e a seu sobrinho Fernando protestos de solidariedade fraterna pelos seus sofrimentos, que testemunham a presença de Cristo junto aos irmãos humildes e sofredores. Bem aventurados os que sofrem perseguição pela causa da justiça."

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Missa de desagravo a D. Hipólito

04.10.76

Uma multidão de cinco mil pessoas, na qual havia seis bispos e 60 padres de várias dioceses do Rio de Janeiro, participou ontem, na catedral de Nova Iguaçu, de uma missa em desagravo ao Bispo da cidade, Dom Adriano Hipólito, seqüestrado junto com o sobrinho e submetido a violências, há pouco mais de uma semana.

Durante a missa, na qual os bispos presentes explicaram que "a Igreja engajada não é uma entidade política, mas apenas cumpre o Evangelho", a catedral, lotada, permaneceu em silêncio, só quebrado pelos cânticos entoados pelos fiéis e por uma salva de palmas para Dom Adriano, que durou um minuto e meio, e, durante a qual o Bispo de Nova Iguaçu permaneceu em atitude de contrição — mãos postas e cabeça baixa —, enquanto todos na Igreja se mantinham de pé.

A pé, em ônibus comuns ou especialmente fretados, os fiéis que participaram da missa de ontem foram chegando à Catedral, desde as 14h. Uma hora antes do início da celebração — 16h —, o interior da Igreja já estava cheio. Pelo sistema de alto-falantes o padre David Keegan pedia que as pessoas que ainda se encontravam no pátio frontal, ou mesmo na calçada, ficassem em seus lugares, sem tentar entrar. A rua fronteira à catedral estava interrompida por cavaletes e foi tomada pela multidão.

Nos bancos de cimento dispostos em círculo, no altar, estavam sentados seis bispos de várias localidades, além do próprio Dom Adriano Hipólito: eram Dom Waldir Calheiros, bispo de Volta Redonda; Dom José da Costa Campos, de Valença; Dom João Mota, arcebispo de Vitória; Espírito Santo; Dom Tomás Balduino, de Goiás Velho; Dom Mauro Alarcón, de Iguaçu, Ceará; e Dom Clemente Isnard, de Nova Friburgo. Mais de 60 sacerdotes de várias dioceses, mas principalmente da Baixada Fluminense, ocupavam os lados do altar e as primeiras fileiras de bancos. Também estava presente Dom Inácio Acioli, abade do Mosteiro de São Bento.

O prefeito de Nova Iguaçu, João Batista Barreto Lubanco, estava sentado no lado direito do altar, entre os leigos da comunidade religiosa de Nova Iguaçu.

Logo depois do Rito Inicial, do Canto de Entrada e da Saudação aos presentes à Missa, uma senhora leu ao microfone o tópico **Sentido da missa:**

"Irmãos: aqui estamos para manifestar nossa solidariedade a nosso irmão e pastor, Dom Adriano. Todos sabemos como, na noite do dia 22 de setembro, foi selvagemmente seqüestrado, encapusado, algemado e torturado, juntamente com seu sobrinho Fernando. Os autores deste atentado disseram que iriam fazer o mesmo com outros bispos da Igreja. O que pretendem é atingir a posição da Igreja a favor do povo, dos pobres, dos oprimidos. Querem amedrontar e fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos."

O Ato Penitencial foi dito por Dom Adriano;

— Irmãos: muitas vezes, diante das dificuldades, nós fraquejamos. Vamos pedir perdão a Deus por estes momentos em que não fomos fiéis.

O prefeito de Nova Iguaçu, o arenista João Batista Lubanco, também participou da missa, entoando uma parte da Oração dos Fiéis:

— Para que tenhamos a coragem de continuar a falar a verdade, a denunciar as injustiças que existem, a exigir o respeito aos direitos do homem, e a anunciar a justiça que deve existir, rezemos ao Senhor: Senhor, escuta a nossa prece.

— É preciso que tenhamos presente que esta não foi um atentado pessoal a Dom Adriano, mas à Igreja do Brasil — disse Dom Valdir Calheiros, bispo de Volta Redonda. Ele falou ainda nas pessoas "a quem não interessa uma Igreja engajada".

21 / 10 / 1976

D. Adriano relata seqüestro para comissão da CNBB

globo 21-10-76

O relato pormenorizado do seqüestro que sofreu há alguns dias, feito pelo Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, marcou ontem o segundo dia da reunião anual da Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Do encontro participam 38 bispos, que irão se reunir até o próximo dia 25 no Convento do Cenáculo, nas Laranjeiras.

Dom Adriano foi convocado a dar o seu depoimento pela comissão especial nomeada anteontem, com o objetivo de estudar a posição da Comissão Representativa da CNBB diante do assassinato dos padres Rodolfo Lukenbein e João Bosco Penido Burnier, em Mato Grosso, e do próprio seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu.

Baseados em seu relato, os três membros da comissão irão se reunir para elaborar um documento que deverá ser divulgado nos próximos dias. Hoje, eles pretendem apresentar um esboço das conclusões a que chegaram até o momento.

Eleições

Na pauta dos debates para hoje está incluído o tema "Os Cristãos e as Eleições". Segundo o Arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso Niehues, será feita a apresentação de todos os documentos — cerca de 70 — sobre orientação eleitoral, distribuídos pelas arquidioceses. Adiantou que, das arquidioceses consultadas, 148 não responderam se distribuíram ou não esses documentos, enquanto oito disseram que não fariam qualquer pronunciamento a respeito.

O Bispo do Acre e Purus, Dom Moacir Grechi, comentou que os componentes da Comissão Representativa da CNBB foram consultados sobre a conveniência de se divulgar um documento de orientação eleitoral. A maioria, segundo ele, acha oportuna a medida, levando-se em consideração a proximidade das eleições.

Índios

Continuando os debates sobre a atuação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da Comissão Pastoral da Terra, os 38 bispos que participam do encontro se manifestaram a favor da atuação da Igreja nos problemas que envolvem índios e posseiros em luta pelas terras. Eles consideraram que a ação da Igreja tem sido positiva e, de acordo com Dom Moacir Grechi, a opinião geral é de que "a Igreja deve estar presente, não se omitir".

O boletim para a imprensa, distribuído ontem à tarde, define "a problemática social que envolve as populações indígenas e camponesas do Brasil" como "gravíssima".

"Em todo o País", diz o boletim, "especialmente no Norte, Nordeste e Amazônia, em que os conflitos vêm se sucedendo em escala alarmante, atingindo inclusive membros da própria hierarquia da Igreja, a situação de índios e camponeses é de quase total desamparo e com poucas perspectivas de solução".

Reforma

O Bispo do Acre disse que informações do Incra acusam a existência de 10 milhões de famílias necessitadas de terra, em todo o País. Ele lamentou que "a tendência do Governo não seja no sentido de fazer a reforma agrária", e considerou que os projetos em andamento "são irrisórios frente ao que há por fazer".

— A Igreja não vai, nem quer, substituir o Incra em seu trabalho. O que ela pode fazer é dar assistência, colaborar, conscientizar e apoiar esse povo — esclareceu.

26 / 10 / 1976

Só após as eleições a CNBB divulgará *Globo 26.10.76* texto sobre violência

Por decisão de sua Comissão Representativa, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) só divulgará após as eleições um estudo sobre violências contra religiosos, "para evitar atitudes de instrumentalização no sentido político-partidário", como explicou ontem, em entrevista coletiva, no Rio, o secretário geral da Conferência, Dom Ivo Lorscheiter.

Sob o título "Comunicação com o Povo de Deus", o estudo faz o relato, interpretação e reflexão dos fatos que culminaram com o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e o assassinio do padre jesuíta João Bosco Penido Burnier, em Mato Grosso.

Aquela comissão redigiu um texto de orientação aos eleitores que será lido nas igrejas de todo o País oito dias antes das eleições municipais.

Dom Ivo disse que o texto de orientação aos eleitores católicos será enviado a todos os bispos do País para que eles, se quiserem, o divulguem nas igrejas no dia 7 de novembro, o último domingo antes das eleições.

Explicou que o texto é uma espécie de resumo de todos os que já foram distribuídos pelas dioceses do País, com o objetivo de dar orientação eleitoral ao povo, principalmente às populações rurais.

Informou ainda que a Comissão Representativa decidiu manter o Cimi (Conselho Indigenista Missionário) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) como entidades independentes da CNBB.

— Suas iniciativas não serão creditáveis nem debitáveis à CNBB, que não ficará com todos os méritos nem com todas as culpas de seus atos — afirmou Dom Ivo.

28 / 10 / 1976

D. Avelar diz que Geisel confirma a imagem de estadista

SALVADOR (O GLOBO) — O Cardeal Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão, disse ontem que o nível de abertura no diálogo entre o Presidente Geisel e o Bispo de Juiz de Fora, Dom Geraldo Penido, não lhe causou nenhuma surpresa, pois "apenas veio confirmar o alto grau de formação humana e de estadista do Presidente".

Dom Avelar ponderou, entretanto, que ainda encontra-se bastante preocupado com o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e acha fundamental que o Governo esclareça o mais rápido possível a ocorrência. Salientou, contudo, a certeza do empenho pessoal do Presidente Geisel para solucionar o problema.

— O problema do seqüestro de Dom Adriano se reveste de grande gravidade, porque enquanto a morte do Padre Burnier pode ter sido fruto de impulso emocional momentâneo, o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu revela planejamento frio. Um crime perigosamente perpetrado contra toda instituição — disse o Cardeal Primaz do Brasil.

Tratando do problema da relação Igreja-Estado, afirmou Dom Avelar que no Governo de Geisel ela tem se pautado por um clima amistoso e de franco diálogo, justificando em seguida a sua atitude pessoal sempre conduzida em termos de conciliação e de equilíbrio.

— Nos momentos mais difíceis tenho sempre procurado analisar os problemas de uma maneira objetiva e compreensiva, sem adotar uma linha de desequilíbrio ou de ruptura. Temos sempre buscado o diálogo porque entendemos o caráter pluralista da nossa sociedade, onde é imprescindível um diálogo aberto. Isto é reforçado pelas atitudes do Presidente, que sempre tem procurado aprimorar o relacionamento com a Igreja — afirmou.

Comemoração

Com uma missa, encenação bíblica do Sermão da Montanha, e homenagem de várias entidades religiosas, foram comemorados ontem em Salvador os 30 anos de bispado e 40 anos de sacerdócio do Cardeal Brandão Vilela. As solenidades foram realizadas à noite, no Colégio Antônio Vieira.

17 / 11 / 1976

Patriarca de Lisboa

O Globo 17-11-76
está no Rio

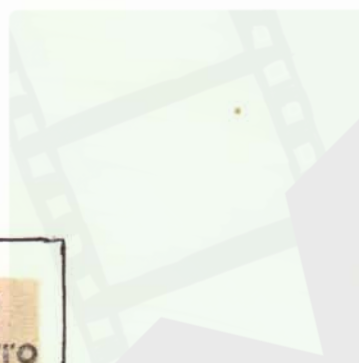
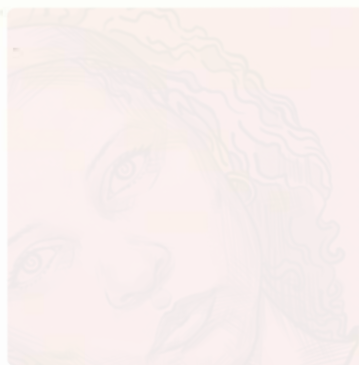
Ao desembarcar ontem, no Galeão, para assistir à inauguração da nova Catedral do Rio, esta noite, o Patriarca de Lisboa, Dom Antonio Ribeiro, lamentou o assassinio do padre João Bosco, em Mato Grosso, e o atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

O Patriarca de Lisboa, que esteve no Brasil em 1972, durante os festejos do sesquicentenário da Independência, também assistirá às comemorações do tricentenário de fundação da Arquidiocese de Salvador, no próximo fim de semana.

Numa referência ao bispo francês Marcel Lefebvre, Dom Antonio Ribeiro disse que seus ataques ao Papa Paulo VI não repercutem em Portugal "porque o próprio ambiente democrático, que ainda está em fase de revolução, considera a sua rebeldia um ato reacionário".

Dom Antonio acha que a atitude de Lefebvre "não deriva apenas de questões religiosas; talvez ele tenha também, ao menos como força de apoio, algum motivo político".

Alem de Patriarca de Lisboa, Dom Antonio também é presidente da Confederação Episcopal Portuguesa e membro da Sagrada Congregação para a Educação Católica e da Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais, no Vaticano.



DPPS: nada sobre seqüestro do bispo

folha 30-11-76
O Delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social (DPPS), encarregado de apurar todos os atentados a bomba ocorridos no Rio e também o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu e seu sobrinho, declarou ontem desconhecer inteiramente que tenham sido identificados os autores desse seqüestro.

O delegado disse ter tomado conhecimento de declarações do Cardeal Dom Eugênio Salles apenas pelo noticiário dos jornais, e confirmou que o inquérito sobre o seqüestro e espancamento de Dom Adriano Hipólito e um seu sobrinho ainda está em sua delegacia.

D. Eugênio disse no sábado ter sido informado de que as autoridades já dispunham de elementos de identificação dos autores do seqüestro.



JORNAL DO BRASIL



JORNAL DO RIO DE JANEIRO

CPDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

23 / 09 / 1976

Terror sevicia Bispo e joga bombas no Rio

Mar. 23-09-76

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, foi sequestrado ontem às 19h30m, no bairro de Posse, e encontrado duas horas depois, sem roupa, de pulsos e pés amarrados, sequestrado e pintado com mercurocromo, na Rua Japurá, em Jacarepaguá. Seu sobrinho Fernando, sequestrado com ele foi encontrado de madrugada.

O carro do Bispo explodiu em frente à sede da CNBB às 23h30m e aos 30 minutos de hoje uma bomba explodiu na casa 1105 da Rua Cosme Velho, residência do Sr Roberto Marinho, proprietário de O Globo, da TV Globo e da Rádio Globo, ferindo o copeiro Teotônio Queirós, medicado no HMC. A RÁDIO JORNAL DO BRASIL recebeu telefonema de pessoa que se disse da Aliança Anticomunista Brasileira responsabilizando-se pelo sequestro e pelos atentados. (Página 26).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Terror seqüestra Bispo

JORNAL DO BRASIL □ Quinta-feira, 23/9/76 □ 1º Caderno

e explode carro

Nu, com pés e mãos amarrados, banhado de mercuriocromo e seviciado, o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, 52 anos, foi encontrado às 21h 30m de ontem na Rua Japurá, em Jacarepaguá, duas horas depois de ter sido sequestrado. Às 23h30m, o carro do Bispo explodiu em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no Largo da Glória, e, aos 30 minutos de hoje, uma bomba foi jogada na casa nº 1105, da Rua Cosme Velho, residência do Sr Roberto Marinho.

Dom Adriano Hipólito foi sequestrado às 19h30m, em frente à casa da namorada do seu sobrinho Fernando, no bairro de Posse, em Nova Iguaçu. Seu carro — Volkswagen EB-7591 (RJ) — foi fechado por um Volkswagen e um Chevrolet. A moça fugiu e chegou em casa. Dom Adriano e Fernando foram levados, cada qual em um carro. O jovem não apareceu.

Bombas

Às 23h30m, uma bomba, provavelmente atirada da Ladeira dos Guararapes, explodiu sobre o telhado dos fundos da casa nº 1105 da Rua Cosme Velho, residência do Sr Roberto Marinho, proprietário de *O Globo*, TV e diversas emissoras de rádio, causando ferimentos no copeiro Teotônio de Queirós, que dormia e sofreu escoriações.

Agentes do DOPS, da Polícia Federal e da 9a. DP iniciaram, às primeiras horas de hoje, caçada aos dois homens que, segundo testemunhas, abandonaram o Volkswagen EB 7591 (RJ), roubado do Bispo, no Largo da Glória, em frente à Sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O carro explodiu minutos depois e ficou parcialmente destruído. O perito Pires recolheu no automóvel uma cédula de Cr\$ 100, um cartão de apresentação e um par de sapatos.

D Adriano — conhecido na Baixada Fluminense por combater o Es-

quadrão da Morte — disse que foi muito espancado pelos dois homens, um preto e um branco. O Bispo foi encontrado pelo Sr José Lopes e levado à residência do fotógrafo Adir Mera, que lhe emprestou roupas e sapatos.

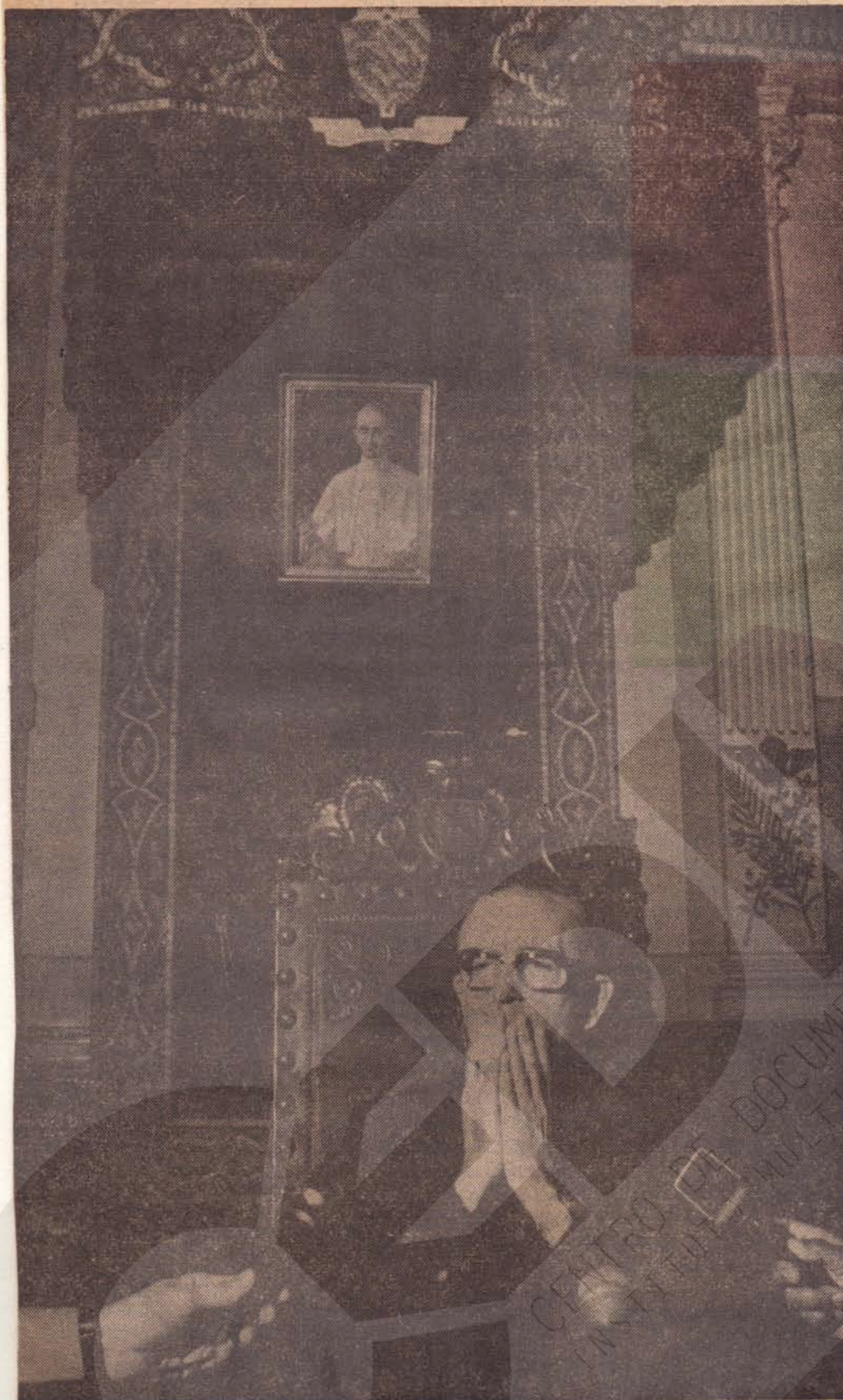
D Adriano afirmou que os sequestradores comentaram ter ordem para matar comunistas, mas, devido a uma determinação de seu chefe, ainda não o matariam já. O Bispo, depois de uma rápida passagem pela Delegacia de Maturéia, dirigiu-se à sua residência, num bairro afastado de Tinguá.

A bomba

Teotônio de Queirós, o copeiro ferido na casa do Sr Roberto Marinho, disse que não sabe de nada, porque dormia na hora em que a bomba explodiu, destruindo o telhado dos fundos e parte da laje e quebrando os vidros das janelas. A explosão acordou todos na casa.

Os guardas de segurança da casa da Rua Cosme Velho 1105 não notaram qualquer anormalidade antes do acidente, admitindo-se que a bomba tenha sido lançada da Ladeira dos Guararapes. A polícia acredita que a explosão tenha ocorrido entre zero hora e 20 minutos e zero hora e 30 minutos. Vizinhos afirmam que um Volkswagen azul, com dois homens, foi visto fugindo do local assim que a bomba explodiu.

Aos 30 minutos de hoje, a RADIO JB recebeu telefonema de pessoa que mandou tomar nota de uma mensagem, com rapidez, pois ia desligar em seguida: "O Bispo Dom Hipólito Mandarino acaba de ser sequestrado, castigado e abandonado num subúrbio da Zona Norte. O carro dele foi mandado como aviso para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O jornalista Roberto Marinho também acabou de receber advertência. Tudo da Aliança Anticomunista Brasileira".



Polícia ainda não tem pista dos terroristas

Wm. 24-09-76

Apesar dos fragmentos da bomba lançada sobre a casa no Cosme Velho, dos objetos recolhidos no carro que explodiu em frente à CNBB, na Glória, e dos depoimentos de várias pessoas, entre elas o Bispo e seu sobrinho, a polícia ainda não tem uma pista para chegar aos responsáveis pelos atentados terroristas ocorridos no Rio, na noite de quarta-feira para a madrugada de ontem.

Só depois de comparados os fragmentos, disse o diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais, é que será possível saber se a bomba jogada contra a casa do Sr Roberto Marinho é do tipo da que explodiu na ABI. A explosão na ABI ocorreu no dia 19 de agosto último, quando outra bomba foi localizada e desativada na caixa de força do prédio da OAB.

Para o Delegado da 9a. DP, Jack de Brito, "na verdade, tudo demonstra que se trata de uma campanha comunista com o objetivo de colocar a opinião pública, através de uma camuflagem, contra os órgãos governamentais". A opinião, que se refere à explosão do Volkswagen que pertencia a D Adriano, o Bispo sequestrado, está registrada, sob o n.º 3 756, no Livro de Ocorrências da Delegacia.

Autoridades do I Exército solicitaram as fitas do *tape* que D Adriano gravou, na 4a.-feira, para o programa *Caso Especial Verdade*, no qual analisa as vocações. Funcionários da emissora responsável pelo programa afirmaram que as fitas não contêm declarações políticas. (Págs. 14, 15 e editorial)

Na noite do seqüestro, Dom Eugênio Sales falou com todas as autoridades; ontem leu nota oficial e disse que não falaria mais nada



A perícia ainda não revelou o tipo da bomba que explodiu o carro do Bispo, na Glória

Cardeal tem promessa sobre investigações

O Cardeal Dom Eugênio Sales garantiu ontem à tarde, no Palácio São Joaquim, que "estão bem adiantadas as investigações no sentido de se desvendar este atentado. As autoridades revelaram a mim o maior empenho e disposição para esclarecer tudo".

"Logo que soube do sequestro" — continuou — "comecei a telefonar para autoridades civis e da área do I Exército. Dei de 20 a 30 telefonemas. Quando estava falando com uma importante autoridade, ouvi um estrondo, fui para a janela e vi o carro estilhaçado. Mas não liguei um fato a outro. Só depois, através de dois contatos com Dom Ivo, soube que o carro era do sobrinho de Dom Adriano".

Os assessores de Dom Eugênio advertiram antes que ele só iria ler a nota oficial para as emissoras de TV e rádio e não responderia a qualquer pergunta. O próprio Cardeal, no primeiro andar do Palácio, repetiu:

"Vou me limitar a ler a nota. Se fizerem alguma pergunta vou ficar calado."

Qual a reação das autoridades com as quais o Sr falou? — perguntaram os jornalistas assim que ele acabou de ler a nota.

"Estive com Dom Adriano Hipólito no Colégio San-

ta Marcelina, pela manhã. Ele estava em bom estado físico e psicológico. No carro, deram-lhe algumas pancadas na cabeça, para que ele não a levantasse muito. Depois cortaram a batina, para que passasse pelo vexame de ficar nu. Mas não foi um vexame tão grande assim porque tudo se passou no escuro.

Dom Eugênio disse que quiseram que Dom Hipólito bebesse um litro de aguardente, "mas ele não o fez. Então derramaram o litro sobre ele, que se sentiu um pouco tonto.

Os sequestradores diziam o tempo todo que Dom Adriano era comunista. Vocês sabem que isso é uma insensatez. Eu também já fiz várias declarações contra as atividades do Esquadrão da Morte. Nem por isso deixei de ir e voltar só, ontem à tarde, a um lugar longínquo, como Padre Miguel, onde fui rezar missa em comemoração ao jubileu de ouro do sacerdócio de um padre."

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro deveria presidir ontem pela manhã uma reunião dos vigários episcopais no Palácio São Joaquim, mas preferiu ir de encontro a Dom Adriano Hipólito, no Colégio Santa Marcelina.

Presidente interino da CNBB teme o medo

"Está se criando um ambiente meio pesado. As pessoas já começam a sentir medo. Não um medo como se sente na Argentina ou mesmo na Itália, mas de qualquer forma medo. Aqui a gente pede a Deus que a situação não fique como nestes países."

A princípio, o presidente interino da CNBB, Dom Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina, não queria falar. Depois acabou dizendo que o fato de os recentes atentados visarem a Igreja, a Imprensa e Ordem dos Advogados deve ser "porque estas entidades são as que costumam falar. Nós é que emitimos opinião. E falamos claro".

ADVERTÊNCIA

"É claro que colocando o carro esfaqueado em frente à CNBB os terroristas pretenderam nos fazer uma advertência. Há aí um grupo que nos quer intimidar para que não defendamos os injustiçados."

Dom Geraldo Fernandes disse que a Conferência não solicitará qualquer medida de segurança especial para ela e para os bispos. "A única coisa que podemos fazer é recorrer às autoridades para ver se deslinham este caso. Se vão chegar até o fim, também não sei."

"Eu, por exemplo, estou tão tranquilo ontem como hoje e me sinto ainda mais tranquilo sem ninguém me garantindo. Durante a Revolução, quiseram colocar soldados na minha porta para me proteger e eu recusei. Na época diziam que eu estava numa lista para ser enforcado. A lista teria sido preparada pelos comunistas".

Ele não acredita que a razão do atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu seja a sua intensa ação social e as denúncias contra as atividades do Esquadrão da Morte, "pois isso seria um absurdo. Também é um absurdo dizer-se que padre é só para rezar. Todos somos, por exemplo, responsáveis pela segurança".

"Não sei quem é o responsável pelo atentado. Não faço parte da Polícia, não sou detetive. Quem pode saber o que significa esta Aliança Anticomunista Brasileira? Quais os membros? Quais os métodos? Ela pode até esconder uma outra organização. Sou muito medroso para acusar quem quer que seja. O meu forte é o Direito e em Direito a gente fia muito fino".

Ministro da Justiça dita sua declaração contra o terrorismo

O presidente interino da CNBB tem quase certeza de que "a Sociedade de Defesa de Tradição, Família e Propriedade (TFP) não tem nada a ver com isso. Conheço eles muito bem, fiz até amizades com alguns de seus integrantes, embora nunca participasse dela, e sei que eles não adotam esses métodos".

Também não acha que o atentado intimide os bispos: "A gente pode morrer a qualquer hora, não é mesmo? Eu, por exemplo, talvez só sinta algum medo quando experimentar diretamente o perigo. Antes, não".

Antes da entrevista, Dom Geraldo Fernandes, em companhia do Bispo de Friburgo, Dom José Clemente, foi ao Colégio Santa Marcelina, de religiosas, no Alto da Boa Vista, visitar Dom Adriano, que ficou lá algumas horas, mas não o encontrou mais. Isso ele só revelou depois na entrevista. Antes, quando entrava no carro que o levaria para o Alto, fingiu muita surpresa ao ser interpelado sobre o sequestro.

"Não sei de nada. Não li os jornais. Realmente dormi aqui na CNBB e ouvi um estrondo, mas não muito forte. Nem dei importância porque estas explosões são hoje tão frequentes por aqui com a obra do metrô que a gente nem liga mais."

Ao voltar à CNBB, confessou: "É, me lembro que antigamente, quando vinha ao Rio, pegava um carro, passeava pelo Alto da Boa Vista e outros pontos turísticos isolados sem receio nenhum. Hoje, a gente tem até medo de pegar um táxi."

Dom Geraldo Fernandes confirmou que o Bispo de Nova Iguaçu esteve ainda de madrugada na sede da CNBB, na Glória. Depois foi para o Colégio Santa Marcelina.

"Realmente ele levou socos e pontapés, ouviu palavras agressivas, ficou totalmente despido segundo contou, mas não foi sequestrado. Não sei mais por que não conversei com ele."

REUNIAO

Pela manhã, desde 8h, esteve reunida — como ocorre a cada dois meses — a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, com a presença do secretário-geral, Dom Ivo Lorscheiter, o presidente interino, Dom Geraldo Fernandes, além dos seis membros da Episcopal: os Bispos de Itapipoca (Ceará), Dom Paulo Pontê; de Teresina, José Freire Falcão; Friburgo, José Clemente Isnard; do Rio Branco, Moacir Crechi, e de Natal, Nivaldo Monte. No temário, entre outros assuntos, o comércio de armas e o assassinato de um padre, em Merure, Mato Grosso.

As 10h, interrompeu-se o temário para se discutir os termos da nota oficial sobre o sequestro de Dom Adriano Hipólito. A redação ficou pronta pouco antes de meio-dia. Até às 14h nenhum jornalista pôde entrar na sede da CNBB.

Quando a entrada foi permitida, para a entrega da nota, o Secretário-Geral Dom Ivo Lorscheiter negou-se a dar qualquer declaração. Ante a insistência, pediu a Dom Geraldo Fernandes que lesse a nota para as emissoras de rádio e TV. Dom Geraldo disse que se limitaria a ler a nota pois nada mais havia a esclarecer. Depois porém resolveu responder às perguntas.

As 15h30m, o Assessor de Imprensa da CNBB padre José Goulart, anunciou que Dom Ivo Lorscheiter marcou uma entrevista coletiva para as 11h de hoje.

Em Brasília, o Ministro da Justiça, Armando Falcão, que manteve pela manhã contato telefônico com o Governador Faria Lima, condenou os crimes praticados no Rio de Janeiro envolvendo o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e a explosão de uma bomba na residência do Sr Roberto Marinho.

Ao deixar o Gabinete do Presidente Geisel, o Ministro ditou uma declaração aos repórteres credenciados, pedindo "cuidado com aquilo que vão escrever".

Depois de perguntar a cada jornalista o órgão de imprensa a que pertencia, o Sr Armando Falcão ditou, pausadamente, a seguinte declaração: "O Governo repudia com veemência os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual para a descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis".

O Ministro pediu a um jornalista para ler suas anotações, "Está correto" — disse. "Com isso esgota-se, pelo menos hoje, o assunto, de minha parte". O fato segundo ele, não foi tratado com o Presidente Geisel durante a reunião, à tarde.

MAGALHÃES

"Estamos de acordo em que o Governo utilize os instrumentos de que dispõe com eficiência para dar combate ao terrorismo. Não acredito que a ação terrorista venha a atrasar o processo democrático, pois, assim agindo, seria dar ganho de causa aos radicais, cujo objetivo é perturbar as eleições", declarou, em Brasília, o Presidente do Senado, Magalhães Pinheiro.

O Senador mineiro estranhou que os terroristas atingissem, ao mesmo tempo, um Bispo da Igreja Católica e o diretor de um importante jornal. "Eis" — acrescentou — "um sinal de que as forças radicais estão atuando com o objetivo claro de perturbar o processo democrático. Devemos nos unir contra isso, não só na condenação, mas no apoio ao Governo para combater os sediciosos".

ULISSES

"O MDB coloca-se inteiramente ao lado do Governo no esforço de restabelecer a ordem pública e a tranquilidade do país", disse, em Brasília, o presidente do Partido, Deputado Ulisses Guimarães, ao embarcar ontem à noite para Belém do Pará.

Afirmou esperar que o Governo atue com rigor na apuração das responsabilidades pelos recentes atos terroristas no Rio de Janeiro. Lembrou que o país continua aguardando os resultados das investigações de outros atentados, como os da ABI, no Rio, e o da Cebrap, em São Paulo.

FRANCELINO

"A Arena manifesta total repúdio a esse tipo de violência, parta de onde partir. Atos dessa natureza, de direita ou de esquerda, não contam com o apoio do povo brasileiro. Trata-se de ato condenável e que só pode ter sido praticado por personalidades doentias."

A afirmação é do presidente nacional do Partido, Deputado Francelino Pereira, a respeito do sequestro do Bispo de Nova Iguaçu e do atentado a bomba à casa do Sr Roberto Marinho. Ele acrescentou que "todas as medidas foram tomadas pelo Governo no sentido da apuração imediata dos fatos e da condenação dos culpados."

EXTREMA-DIREITA

O Deputado Aírton Soares (MDB-SP) afirmou no pequeno expediente da Câmara federal que os atos terroristas ocorridos na noite de quarta-feira no Rio revelam "o ressurgimento da extrema-direita no Brasil". Pediu urgentes explicações ao Governo e punição para os culpados.

LAMENTAVEL

"É profundamente lamentável que fatos como esses ainda possam acontecer

num país como o nosso, sem ódios ou preconceitos, cujo Governo a todo instante prega a conciliação nacional, na busca de melhores dias para o nosso povo", comentou, também no pequeno expediente, o Deputado Darcílio Aires (Arena-SP).

Na mesma sessão, o Deputado Jorge Moura (MDB-RJ) advertiu que "a hora é grave, exigindo serenidade, patriotismo e, acima de tudo, união de todos os democratas que repudiam o obscurantismo do terror".

IDENTIFICAÇÃO

O Deputado Dalton Canabrava (MDB-MG) que ocupou ontem a tribuna da Assembléia Legislativa mineira, condenou os atos terroristas e atribuiu a sua execução a grupos que "querem justificar a permanência das leis do arbitrio, que cobrem de vergonha a consciência do povo brasileiro".

JOGO

No mesmo expediente, o Deputado Geraldo Remault (Arena-MG) lamentou a ação dos que "querem transformar nosso país em caos; querem jogar uns contra os outros, num processo radical e irracional".

MINORIAS

Em Porto Alegre, o presidente do MDB gaúcho, Deputado Pedro Simon, disse, em pronunciamento na Assembléia, que as minorias apelam para a violência e o terror porque pretendem "não apenas dar o pretexto de não permitir uma abertura maior, como, se depender delas, fechar ainda mais o que resta de nossas instituições democráticas".

INCOMPATÍVEL

"É uma violência incompatível contra a nossa índole", destacou o Presidente em exercício da Arena gaúcha, Sr Otávio Cardoso.

PUNIÇÃO

O líder da bancada da Arena no Rio Grande do Sul, Deputado Hugo Mardini, afirmou que ele e seus liderados confiam na ação do Governo, que haverá de "investigar, coibir e punir" os responsáveis pelos atentados recentes, com a mesma energia com que tem agido na repressão à subversão.

CLIMA

Os Deputados Edson Khair e Délio dos Santos, ambos do MDB, e Jorge David (Arena) condenaram, ontem, na sessão ordinária da Assembléia Legislativa, os últimos atentados ocorridos no Rio, estimando pela rápida apuração dos fatos, "porque a Nação não pode viver permanentemente sob o impacto do terror".

Na mesma sessão, o

ABOMINÁVEL

Na Capital baiana, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, D Avelar Brandão Vilela, disse que "o abominável atentado sofrido pelo Bispo de Nova Iguaçu só tem similar nos atos de antropofagia dos índios caetés no episódio de D Pedro Sardinha, no século XVI".

ATROPELO

O Cardeal de Porto Alegre, D Vicente Scherer, afirmou que o sequestro de D Adriano Hipólito "é um atropelo de um direito fundamental, não só da própria pessoa atingida como também de qualquer criatura humana".

MEDO

"Nossa única preocupação é o povo, que não pode sentir mais medo. É importante que o povo não sinta uma nova pressão, por causa do medo, ele que já vive com outros tipos de pressões, como a economia", declarou em São Paulo o Cardeal-Arcebispo D Paulo Evaristo Arns.

Nota do I Exército

A. O Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente condena e combate qualquer atividade extremista;

B. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro através de sua Secretaria de Segurança está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.

Nota da ABI

"Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, diretor-redator-chefe de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do país, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os atos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação".

Nota da CNBB

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal da Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando.

2. Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos e, num fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3. Agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil.

4. Renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam."

IDENTIFICAÇÃO

O Deputado Dalton Canabrava (MDB-MG) que ocupou ontem a tribuna da Assembléia Legislativa mineira, condenou os atos terroristas e atribuiu a sua execução a grupos que "querem justificar a permanência das leis do arbitrio, que cobrem de vergonha a consciência do povo brasileiro".

JOGO

No mesmo expediente, o Deputado Geraldo Remault (Arena-MG) lamentou a ação dos que "querem transformar nosso país em caos; querem jogar uns contra os outros, num processo radical e irracional".

MINORIAS

Em Porto Alegre, o presidente do MDB gaúcho, Deputado Pedro Simon, disse, em pronunciamento na Assembléia, que as minorias apelam para a violência e o terror porque pretendem "não apenas dar o pretexto de não permitir uma abertura maior, como, se depender delas, fechar ainda mais o que resta de nossas instituições democráticas".

INCOMPATÍVEL

"É uma violência incompatível contra a nossa índole", destacou o Presidente em exercício da Arena gaúcha, Sr Otávio Cardoso.

PUNIÇÃO

O líder da bancada da Arena no Rio Grande do Sul, Deputado Hugo Marini, afirmou que ele e seus liderados confiam na ação do Governo, que haverá de "investigar, coibir e punir" os responsáveis pelos atentados recentes, com a mesma energia com que tem agido na repressão à subversão.

CLIMA

Os Deputados Edson Khair e Délio dos Santos, ambos do MDB, e Jorge David (Arena) condenaram, ontem, na sessão ordinária da Assembléia Legislativa, os últimos atentados ocorridos no Rio, estimando pela rápida apuração dos fatos, "porque a Nação não pode viver permanentemente sob o impacto do terror".

Na mesma sessão, o Deputado Francisco Lomelino (MDB) afirmou que "a serenidade do Governo haverá de conduzir o país a rumos seguros, com a descoberta dos autores dos atentados".

curantismo do terror".
abominável atentado sofrido pelo Bispo de Nova Iguaçu só tem similar nos atos de antropofagia dos índios caetés no episódio de D Pedro Sardinha, no século XVI".

ATROPELO

O Cardeal de Porto Alegre, D Vicente Scherer, afirmou que o sequestro de D Adriano Hipólito "é um atropelo de um direito fundamental; não só da própria pessoa atingida como também de qualquer criatura humana".

MEDO

"Nossa única preocupação é o povo, que não pode sentir mais medo. É importante que o povo não sinta uma nova pressão, por causa do medo, ele que já vive com outros tipos de pressões, como a economia", declarou em São Paulo o Cardeal-Arcebispo D Paulo Evaristo Arns.

Nota do I Exército

A. O Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, consequentemente condena e combate qualquer atividade extremista;

B. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro através de sua Secretaria de Segurança está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.

Nota da ABI

"Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, diretor-redator-chefe de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do país, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os atos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação".

Nota da CNBB

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal da Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando.

2. Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos e, num fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3. Agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil.

4. Renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam."

Polícia encontra bilhete mas cala

"Se é contra a propriedade, também somos contra você."

Este bilhete, como está escrito, foi encontrado pela polícia perto do muro da casa do Sr Roberto Marinho. Nenhuma autoridade, porém, se pronunciou sobre a sua importância, como também nada se comentou a respeito do telefonema recebido minutos antes da explosão da bomba nos fundos da residência por um dos seis empregados da família.

Uma hora antes do acidente, aquele empregado diz que atendeu a um telefonema "meio confuso." A pessoa falava sobre a "prisão de um bispo, de uma bomba na casa e ainda fez xingamentos." Ele desligou e não deu muita importância. Pensou que era um troço. À zero hora e 10 minutos, uma explosão destruiu o telhado dos fundos.

A casa 1 105 da Rua Cosme Velho amanheceu com o portão principal fechado a cadeado, reforçado por uma grossa corrente. Dentro, numa guarita, um vigilante uniformizado de uma empresa de segurança particular afirmava que acabara de "pegar o serviço e não podia dar nenhuma informação."

Nota

Com a assinatura do Sr Roberto Marinho foi distribuída a seguinte nota:

"A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa aos primeiros minutos de hoje (ontem), destruindo pequena parte do telhado e vidraças da casa. Não imagino qual tenha sido a motivação nem a autoria desse atentado.

O caso está entregue às autoridades policiais que, desde os primeiros momentos, demonstraram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo.

O que acima de tudo lamento é que esse ato brutal feriu um de meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação."

Exército pede "tapes" à TV

Autoridades do I Exército requisitaram ontem as duas fitas do video-tape — cada uma 20 minutos — gravada na tarde de quarta-feira pelo Bispo de Nova Iguaçu para a TV Globo. Durante uma hora, D Adriano gravou para o programa **Caso Verdade**, analisando assuntos de ordem sacerdotal e das vocações, relacionando-os ao homem no mundo, na comunidade, principalmente a sua, em Nova Iguaçu.

Funcionários da Rede Globo disseram que as fitas não contém declarações políticas. A entrevista foi dada ao cineasta Joaquim Pedro de Andrade. A Kombi que a equipe de reportagem utilizou na gravação feita com D Adriano foi assaltada no pátio da emissora, no Jardim Botânico, quando o video-tape tinha sido recolhido. Os filmes roubados do carro ainda não estavam operados.

Proibição

As 19h 30m de ontem, as emissoras de rádio e televisão receberam o seguinte comunicado:

"De ordem superior fica proibida a divulgação da notícia, informação ou comentário sobre o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu e da explosão da bomba na residência do Dr Roberto Marinho. (As): Moacir Coelho, diretor-geral do Departamento de Polícia Federal".

Relato do padre na palavra de quem o socorreu

— Isso é para aprender, seu comunista sem-vergonha.

Esta é uma das poucas frases que o Bispo D Adriano Hipólito ouviu de seus sequestradores, conforme o relato que fez ao fotógrafo Adir Mera, que o encontrou amarrado e nu num terreno baldio em Jacarepaguá.

"Quando o encontrei, estava cheio de hematomas nas costas das pancadas que levou dos sequestradores, principalmente na região dos rins", diz Mera. Mesmo assim, "depois de ver que estava seguro, contou-me tudo o que aconteceu".

Relato do Bispo

"Eu saía da Casa Paroquial de Miguel Couto, com meu sobrinho e sua noiva, quando percebemos que dois carros arrancaram em nossa direção, assim que entramos no meu Volkswagen. A princípio não ligamos, mas os carros se aproximavam e ameaçavam nos fechar. Meu sobrinho parou de repente e eles também. A sua noiva saiu correndo e não deu para nós fazermos o mesmo. Eram seis homens. Dois ficaram, agarraram meu sobrinho; outros dois a mim. Os restantes levaram meu carro.

Dirigiram-se a nós logo dizendo que "era um assalto. Você" — referindo-se a mim — "vale 40 milhas". Em seguida começamos a apanhar. Ainda deu para ouvir meu sobrinho gritando agoniado que parassem. Logo em seguida, os carros arrancaram e fui encapuzado. A corda que o prendia estava muito apertada e eu não respirava direito. Um deles, que não posso identificar, arrancou todos os botões da minha batina e com uma tesoura a cortou em pedaços, assim como a roupa de baixo. Fiquei totalmente despido, apenas os trapos da batina estavam sobre mim.

A única coisa que posso dizer dos sequestradores é que um era alto, magro, imberbe e usava óculos de lentes grossas. O motorista era gago. Pelo barulho que vinha da rua, percebi que tomávamos a Via Dutra. Em seguida, pegamos ruas de trânsito intenso porque parávamos muito. Logo depois rodamos por ruas esburacadas. Durante todo o trajeto não deixaram de me bater. Parecia que rodávamos há uma hora quando paramos. Eu estava com uma algema, velha, e foi quando escutei mais algumas palavras deles, antes de mais uma surra nas minhas costas.

Disseram que "isto é para você aprender, seu comunista sem-vergonha. Você só não vai morrer porque o chefe não quer que matemos ninguém agora." Voltamos a rodar um pouco e paramos num local deserto, menos que o primeiro lugar, e então jogaram no meu corpo um líquido e pelo cheiro pensei que fosse gasolina. Pensei que iriam me queimar. Percebi, pelo barulho, que era spray. Tiraram meu capuz, levei um chute nas costas e fui atirado ao chão, na posição que o senhor me encontrou."

Fotógrafo

Adir Mera encontrou D Adriano no momento em que os sequestradores acabavam de jogá-lo no terreno baldio, na esquina da Rua Japurá com Capitão Machado. Viu o carro que levava o Bispo, um Chevrolet vermelho, com o estepe no capô da mala, que lhe pareceu ser de 1955 ou 56.

"Eram aproximadamente 21h30m" — lembra Mera. "Saí com meus dois filhos, minha mulher e o filho de um amigo para levá-lo em casa. Quando passamos na esquina, eu e minha mulher vimos um carro vindo em nossa direção. Acendi o farol alto. Era o carro dos sequestradores, vindo em minha direção, a toda velocidade. Na mesma hora, vi o Bispo caído, todo vermelho. Pensei que fosse sangue."

Como o local é muito deserto e Mera pensou que fosse um assalto, correu à padaria, que fica na esquina da Rua Japurá com Capitão Meneses, onde pediu ajuda. Quatro rapazes foram com ele ao local.

"Até então não sabia do que se tratava. Cheguei perto e um senhor, despido e todo pintado de vermelho, gemia. Aproximamo-nos e vi pelos restos da batina que era um padre. Ele se identificou como D Adriano Hipólito. Fiquei na dúvida, mas, mesmo assim, atendi ao que ele queria: umas roupas. Corri em casa com minha mulher e peguei uma calça azul e uma camisa xadrez. Esqueci dos sapatos."

O Bispo vestiu-se entrou no carro e pediu a Mera para ser levado para Nova Iguaçu. O fotógrafo quis se certificar se se tratava de fato de um bispo e o levou à Casa Paroquial de Jacarepaguá.

"Cheguei lá e fiquei um bom tempo tocando a campainha, sem que ninguém atendesse. Nisso, veio um amigo meu, Major do Exército. Logo depois atendeu o Padre Pedro, que imediatamente identificou D Adriano Hipólito. Falamos em levá-lo ao Distrito, mas o Bispo não queria. Mesmo assim fomos até lá".

No distrito de Jacarepaguá, segundo Mera, o Delegado de plantão não queria registrar o fato, porque o sequestro tinha ocorrido em Nova Iguaçu. Chegaram autoridades da Secretaria de Segurança, já alertadas pela Delegacia de Nova Iguaçu, onde a noiva do sobrinho de D Adriano Hipólito apresentou queixa. De Jacarepaguá, o fotógrafo e o Bispo foram levados para o Departamento Geral de Investigações Especiais. Ali prestaram depoimento até às 6 horas.



A bomba partiu vidros, mas não afetou o antigo crucifixo, nem a tapeçaria do francês Lurçat



O Bispo Adriano Hipólito (E) foi à Delegacia depois de arrumar algumas roupas emprestadas

Delegado vê ação comunista na explosão do Volkswagen

"Na verdade, tudo demonstra que se trata de uma campanha comunista, com o objetivo de colocar a opinião pública, através de uma camuflagem, contra os órgãos governamentais". A opinião é do Delegado da 9a. DP, Jack de Brito, ao registrar a explosão do Volkswagen, no Largo da Glória, no Livro de Ocorrências. A anotação tem o nº 3756.

Várias pessoas, entre as quais o Bispo de Nova Iguaçu, seu sobrinho e a namorada deste, foram ouvidas no início das investigações sobre o sequestro de D Adriano Hipólito, a explosão de uma bomba na casa do Sr Roberto Marinho e de uma outra no carro abandonado em frente à CNBB. Não houve prisões. A informação é da Assessoria de Comunicações Sociais, da Secretaria de Segurança Pública.

Pistas

A cueca do Bispo, com manchas que podem ser de sangue, cordas e pedaços de esparadrapos com que ele e seu sobrinho foram amordaçados e manietados e que poderiam servir de pista na caça aos sequestradores, foram desprezadas no local onde as vítimas sofreram sevícias. Trata-se de um terreno baldio, na Estrada do Catão, que

até o final dos anos 60 serviu de cemitério ao Esquadrão da Morte.

Na Rua Japurá, onde D Adriano foi deixado nu, na noite de quarta-feira, ninguém comenta o assunto. Apenas um homem de cabelos grisalhos disse que uma mulher — cujo nome não quis revelar — viu quando dois homens deixaram um outro, completamente despido e amarrado, na calçada em frente ao nº 365.

Os moradores da casa que fica no fundo do terreno que tem o número indicado pela testemunha afirmam que nada viram naquela noite. Dizem que se recolhem cedo porque o comércio fecha antes das 21h e, com a rua deserta, cresce o risco dos assaltos.

Bomba

Só a comparação dos fragmentos poderá determinar se a bomba lançada contra a residência do Sr Roberto Marinho, no Cosme Velho, é do tipo da que explodiu na ABI, afirmou ontem o diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais, Delegado José Nicanor de Almeida.

Ele disse que, devido ao caráter sigiloso do inquérito, nada mais poderia revelar, a não ser a transmissão de todas as informações recebidas do Secretário de Seguran-

ça Pública, General Osvaldo Inácio Domínguez. A maioria dessas informações foi obtida junto ao Delegado Borges Fortes.

O carro

No Livro de Ocorrência de sua Delegacia, o delegado Jack de Brito diz que no Volkswagen abandonado na Glória, após a explosão, foram encontrados sapatos, documentos pessoais e do veículo, além de pedaços de calça e camisa. Quando se encontrava no local, acrescenta, foi informado por D Ivo de que o automóvel pertencia a D Adriano Hipólito, sequestrado horas antes em Nova Iguaçu.

O policial afirma ainda que soube, através de um soldado-bombeiro, de uma informação prestada por uma criança, segundo a qual um dos ocupantes do carro pôs um envelope num monte de terra. Nesse envelope havia uma mensagem, com ameaças, assinada pela Associação Anticomunista Brasileira. Em meio às providências que eram tomadas, destaca o Sr Jack de Brito, surgiram autoridades do Departamento Geral de Investigações Especiais, às quais foi transferido o material arrecadado, após os exames periciais realizados pelo perito Pires.

24 / 09 / 1976

JORNAL DO BRASIL □ Sexta-feira, 24/9/76 □ 1º Caderno

Foto fornecida por O Globo



A bomba partiu vidros, mas não afetou o antigo crucifixo, nem a tapeçaria do francês Lurçat

Foto de A Notícia



O Bispo Adriano Hipólito (E) foi à Delegacia depois de arrumar algumas roupas emprestadas

Delegado vê ação comunista na explosão do Volkswagen

"Na verdade, tudo demonstra que se trata de uma campanha comunista, com o objetivo de colocar a opinião pública, através de uma camuflagem, contra os órgãos governamentais". A opinião é do Delegado da 9a. DP, Jack de Brito, ao registrar a explosão do Volkswagen, no Largo da Glória, no Livro de Ocorrências. A anotação tem o nº 3756.

Várias pessoas, entre as quais o Bispo de Nova Iguaçu, seu sobrinho e a namorada deste, foram ouvidas no início das investigações sobre o sequestro de D Adriano Hipólito, a explosão de uma bomba na casa do Sr Roberto Marinho e de uma outra no carro abandonado em frente à CNBB. Não houve prisões. A informação é da Assessoria de Comunicações Sociais, da Secretaria de Segurança Pública.

Pistas

A cueca do Bispo, com manchas que podem ser de sangue, cordas e

até o final dos anos 60 serviu de cemitério ao Esquadrão da Morte.

Na Rua Japurá, onde D Adriano foi deixado nu, na noite de quarta-feira, ninguém comenta o assunto. Apenas um homem de cabelos grisalhos disse que uma mulher — cujo nome não quis revelar — viu quando dois homens deixaram um outro, completamente despido e amarrado, na calçada em frente ao nº 365.

Os moradores da casa que fica no fundo do terreno que tem o número indicado pela testemunha afirmam que nada viram naquela noite. Dizem que se recolhem cedo porque o comércio fecha antes das 21h e, com a rua deserta, cresce o risco dos assaltos.

Bomba

Só a comparação dos fragmentos poderá determinar se a bomba lançada contra a residência do Sr Roberto Marinho, no Cosme Velho, é do tipo da que explodiu na ABI, afirmou ontem o diretor do Departamento de Investigações

da Polícia, General Osvaldo Inácio Dominguez. A maioria dessas informações foi obtida junto ao Delegado Borges Fortes.

O carro

No Livro de Ocorrência de sua Delegacia, o delegado Jack de Brito diz que no Volkswagen abandonado na Glória, após a explosão, foram encontrados sapatos, documentos pessoais e do veículo, além de pedaços de calça e camisa. Quando se encontrava no local, acrescenta, foi informado por D Ivo de que o automóvel pertencia a D Adriano Hipólito, sequestrado horas antes em Nova Iguaçu.

O policial afirma ainda que soube, através de um soldado-bombeiro, de uma informação prestada por uma criança, segundo a qual um dos ocupantes do carro pôs um envelope num monte de terra. Nesse envelope havia uma mensagem, com ameaças, assinada pela Associação Anticomunista Brasileira. Em meio às proximidades que eram

Descuido ajudou fuga da noiva

"Menina, se gritar ou correr vai morrer". A ameaça de um dos seis homens armados que a cercavam fez parar por uns instantes Maria Del Pilar Iglésias Vila quando ela tentava sair do banco traseiro do Volkswagen FB-7591 (RJ) — dirigido pelo seu noivo Fernando Leal Nebring e de propriedade do Bispo de Nova Iguaçu, D Adriano Hipólito, ambos sequestrados às 19h40m de quarta-feira próximo ao número 671 da Rua Paraguaçu, no Bairro da Posse.

Sob efeito de calmantes, ainda nervosa e gaguejando, Maria Iglésias disse ontem que conseguiu sair por descuido dos sequestradores e porque sua mãe apareceu atraída pelos seus gritos. Os seis homens que levaram o Bispo e seu sobrinho vinham seguindo-os desde a Cúria Metropolitana, a cerca de seis quilômetros de distância do local do sequestro — uma rua sem calçamento e sem iluminação.

Ação rápida

Maria Iglésias aparenta cerca de 20 anos e voltava, como faz diariamente, da Cúria Metropolitana — onde trabalha no arquivo — acompanhada por Fernando e o Bispo que moram perto de sua casa. Ela afirmou que já haviam notado que três carros os seguiam e, ao chegar perto de um terreno baldio ao lado de sua casa — na Rua Paraguaçu, 671 — foram abordados por um Corcel e um Volkswagen (ambos vermelhos). O terceiro veículo, não identificado, ficou estacionado próximo à esquina da Estrada do Ambai.

Os seis homens, todos com revólveres, abriram rapidamente as duas portas do Volkswagen do Bispo, e arrancaram primeiro Fer-

nando Leal, que dirigia o veículo. Nessa hora, Maria Iglésias tentou escapar pela porta aberta mas recebeu a ameaça de um dos homens, que ela não soube descrever. Parou por alguns instantes e, quando o Bispo foi retirado do carro, pela outra porta, aproveitou e correu gritando, para sua casa.

Ela viu ainda os seis homens colocarem um capuz no rosto de D Adriano Hipólito, que já estava sendo espancado, caído no chão. Os sequestradores colocaram Fernando no banco de trás e "me parece que o Bispo foi colocado no outro carro". Em velocidade, eles desceram pela Rua Paraguaçu, dobraram à direita para a Estrada do Ambai, e desapareceram. Nenhum vizinho ou funcionário da padaria que fica na esquina diz ter visto alguma coisa "a não ser gritos e os carros passando em velocidade".

Medo ainda

A disposição de Maria Iglésias para contar detalhes do sequestro era confusa ontem pela sua mãe Albina Vila Lourenço, que, amedrontada com a presença de fotógrafos, fez a filha entrar em casa, trancando-a por volta das 10h e "pedindo que a deixassem em paz, depois de tudo o que aconteceu".

As duas portas da casa rosa e branca da Rua Paraguaçu ficaram fechadas a partir deste momento e só foram reabertas quando, duas horas depois, chegou à residência a Kombi verde FB-2335 (RJ) — com a irmã de D Adriano, Sra Helena Hipólito Cerqueira Passos — acompanhada de dois homens e outra mulher — que chorando foi falar com Maria Iglésias e sua mãe.

Ela se demorou por aproxima-

damente 10 minutos — e seus acampanhantes falaram apenas "que estavam ainda à procura de D Adriano e de Fernando, ainda não localizados nem pela família, e por favor não insistam que não temos nenhuma outra informação" — seguiu direto para a casa do Bispo (Rua Comendador Francisco Rodrigues de Oliveira, lote 2, quadra 8). Alguns minutos depois, a Kombi voltou para pegar Maria Iglésias que, segundo sua mãe, "teria ido prestar depoimento no Rio".

A Rua Paraguaçu tem pequeno trecho de ladeira, sem calçamento, e não há luz em seus 100 metros iniciais — onde Fernando e D Hipólito foram sequestrados às 19h40m. Segundo os moradores, "a rua é pouco movimentada à noite e, mesmo às escuras, não há muitos assaltos".

Registro

A delegacia de Nova Iguaçu tomou conhecimento do sequestro do Bispo e seu sobrinho às 20h15m. O livro 44, par, na ocorrência 4 481 registra que o Padre irlandês David John Keegan (de 49 anos, residente na catedral de Nova Iguaçu) comunicou que seis homens, em três carros — só um, o Corcel, teve sua marca anotada — haviam levado D Hipólito e Fernando.

Diz a ocorrência que Maria Iglésias e sua mãe Albina assistiram ao sequestro, sem anotar a placa dos carros, e diz que a delegacia comunicou o fato às 20h20m para a Central de Informações (tendo recebido a mensagem o plantonista Jorge) e a Delegacia de Polícia Política e Social foi avisada 10 minutos depois, e quem recebeu o comunicado foi o plantonista Souto Maior e o delegado Borges Fortes.



Fernando Leal, sobrinho do Bispo, sai do Souza Aguiar com a noiva, Maria Del Pilar

25 / 09 / 1976



Polícia acusa mesmo grupo por atentados

O papel e o tipo da máquina usados nos panfletos deixados pelos terroristas em todos os atentados são os mesmos e comprovam que o grupo que agiu contra a ABI e a OAB, no mês passado, é também responsável pelo sequestro do Bispo de Nova Iguaçu e pela explosão na casa do Sr Roberto Marinho.

A conclusão é da polícia, que agora procura localizar o Chevrolet vermelho e antigo, com pneu estepe continental, usado no sequestro de D Adriano. O carro, acreditam os policiais, é um dos poucos em circulação no Rio. Todas as igrejas da Diocese de Nova Iguaçu convidam os fiéis para a missa de solidariedade ao seu Bispo, no dia 3. (Página 12 e editorial)

CNBB confia na apuração do atentado

"Esses atos de terrorismo não nos assustam; confiamos nos órgãos de segurança e esperamos que os terroristas sejam identificados", disse ontem o Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Ivo Lorscheiter, a propósito do seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. Ontem, na residência do Cardeal Eugênio Sales, foi realizado, pelo diretor do Instituto Afrânio Peixoto (ex-IML), exame de corpo de delito em Dom Adriano Hipólito. (Página 12)

Polícia liga ação contra o Bispo

JORNAL DO BRASIL □ Sábado, 25/9/76 □ 1º Caderno

a outros atentados

O atentado contra o Bispo Adriano Hipólito e o seu sobrinho, Fernando Webereng, foi praticado pelo mesmo grupo que agiu contra a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no mês passado e contra a casa do Sr Roberto Marinho.

A ligação dos atentados foi estabelecida pela polícia em exames feitos com o papel e o tipo da máquina usadas nos panfletos deixados pelos terroristas. A polícia procura localizar o Chevrolet tipo 1955 ou 1956, vermelho, com pneu estepe continental, usado no sequestro do Bispo de Nova Iguaçu.

RIGOR NA APURAÇÃO

A ordem emitida ontem pelo Secretário de Segurança, para que os fatos sejam apurados com rigor e urgência, mobilizou, além dos agentes da Delegacia de Polícia Política e Social, todo o efetivo das 29a. e 33a. DPs (Madureira e Realengo) e alguns soldados da PM que participaram da ocorrência.

Pessoa importante no caso é o cabo Américo, do 10º Batalhão da PM, que foi o primeiro a ter contato com o sobrinho do Bispo. Ele desamarrou Fernando Webereng e o conduziu à Delegacia Policial de Realengo.

Ontem, a polícia voltou ao local onde o Bispo e o seu sobrinho foram sequestrados, na Estrada do Catão, onde recolheram pedaços de esparrapado largos (do tipo hospitalar) e cordas já bem usadas, que serviram para amarrar Fernando. Segundo os policiais, as peças recolhidas de pouco adiantarão para a identificação dos sequestradores, mas servirão como provas para responsabilizá-los, caso sejam descobertos.

O Chevrolet vermelho é a grande pista que a polícia tem até o momento. Trata-se de um carro antigo e deve ser um dos poucos em circulação. O detalhe do pneu estepe, que se encaixa no molde existente na mala, foi a característica notada por uma das testemunhas que viu quando os sequestradores abandonavam o Bispo Adriano Hipólito na Rua Japurá, em Jacarepaguá. Há buscas no

sias Vila, que por duas vezes deixaram de atender o convite para prestar esclarecimentos, vêm prejudicando o trabalho da polícia. O depoimento do Bispo foi considerado fraco. Ele — segundo suas próprias declarações — não tem condições de identificar os sequestradores, daí a importância que está sendo dada ao depoimento de Fernando e de sua noiva. Com Fernando, além do depoimento, a polícia espera reconstituir o percurso feito pelos sequestradores até o local em que as vítimas foram deixadas. O vocabulário usado pelos sequestradores também é fundamental para as investigações. Através dele a polícia terá condições de saber se há ou não o envolvimento de elementos ligados ao Esquadrão da Morte e à Aliança Anticomunista Brasileira.

O diretor do Instituto Afranio Peixoto, ex-IML, médico Nelson Caparelli, realizou ontem, pela manhã, na residência do Cardeal Dom Eugênio Sales, no alto do Sumaré, o exame de corpo de delito no Bispo Dom Adriano Hipólito, sequestrado e sequestrado por um grupo terrorista ainda não identificado, em Nova Iguaçu, e abandonado sem roupas na Rua Japurá, em Jacarepaguá, quarta-feira passada.

O resultado do exame ficará pronto segunda-feira e o laudo será remetido ao delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social, designado para presidir o inquérito instaurado no órgão para apurar o sequestro e os atentados a bomba que destruíram o carro do Bispo e danificaram parte da residência do Sr Roberto Marinho.

EXAMES DEMORADOS

No Gabinete do Secretário de Segurança, General Osvaldo Inácio Domínguez, na tarde de ontem, com relação aos laudos sobre os exames de fragmentos do petardo recolhido na Associação Brasileira de Imprensa, da bomba apanhada intacta na Ordem dos Advogados do Brasil e do material arrecadado no carro do Bispo Dom Hipólito e residência de Roberto Marinho, informaram seus as-

a outros atentados

O atentado contra o Bispo Adriano Hipólito e o seu sobrinho, Fernando Webereng, foi praticado pelo mesmo grupo que agiu contra a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no mês passado e contra a casa do Sr Roberto Marinho.

A ligação dos atentados foi estabelecida pela polícia em exames feitos com o papel e o tipo da máquina usadas nos panfletos deixados pelos terroristas. A polícia procura localizar o Chevrolet tipo 1955 ou 1956, vermelho, com pneu estepe continental, usado no sequestro do Bispo de Nova Iguaçu.

RIGOR NA APURAÇÃO

A ordem emitida ontem pelo Secretário de Segurança, para que os fatos sejam apurados com rigor e urgência, mobilizou, além dos agentes da Delegacia de Polícia Política e Social, todo o efetivo das 29ª e 33ª DPs (Madureira e Realengo) e alguns soldados da PM que participaram da ocorrência.

Pessoa importante no caso é o cabo Américo, do 10º Batalhão da PM, que foi o primeiro a ter contato com o sobrinho do Bispo. Ele desamarrou Fernando Webereng e o conduziu à Delegacia Policial de Realengo.

Ontem, a polícia voltou ao local onde o Bispo e o seu sobrinho foram seviciados, na Estrada do Catão, onde recolheram pedaços de esparadrapo largos (do tipo hospitalar) e cordas já bem usadas, que serviram para amarrar Fernando. Segundo os policiais, as peças recolhidas de pouco adiantarão para a identificação dos sequestradores, mas servirão como provas para responsabilizá-los, caso sejam descobertos.

O Chevrolet vermelho é a grande pista que a polícia tem até o momento. Trata-se de um carro antigo e deve ser um dos poucos em circulação. O detalhe do pneu estepe, que se encaixa no molde existente na mala, foi a característica notada por uma das testemunhas que viu quando os sequestradores abandonavam o Bispo Adriano Hipólito, na Rua Japurá, em Jacarepaguá. Há buscas no Detran para identificar o carro.

Fernando Webereng e sua noiva Maria del Pilar Iglé-

sias Vila, que por duas vezes deixaram de atender o convite para prestar esclarecimentos, vêm prejudicando o trabalho da polícia. O depoimento do Bispo foi considerado fraco. Ele — segundo suas próprias declarações — não tem condições de identificar os sequestradores, daí a importância que está sendo dada ao depoimento de Fernando e de sua noiva. Com Fernando, além do depoimento, a polícia espera reconstituir o percurso feito pelos sequestradores até o local em que as vítimas foram deixadas. O vocabulário usado pelos sequestradores também é fundamental para as investigações. Através dele a polícia terá condições de saber se há ou não o envolvimento de elementos ligados ao Esquadrão da Morte e à Aliança Anticomunista Brasileira.

O diretor do Instituto Afranio Peixoto, ex-IML, médico Nelson Caparelli, realizou ontem, pela manhã, na residência do Cardeal Dom Eugênio Sales, no alto do Sumaré, o exame de corpo de delito no Bispo Dom Adriano Hipólito, sequestrado e seviciado por um grupo terrorista ainda não identificado, em Nova Iguaçu, e abandonado sem roupas na Rua Japurá, em Jacarepaguá, quarta-feira passada.

O resultado do exame ficará pronto segunda-feira e o laudo será remetido ao delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social, designado para presidir o inquérito instaurado no órgão para apurar o sequestro e os atentados a bomba que destruíram o carro do Bispo e danificaram parte da residência do Sr Roberto Marinho.

EXAMES DEMORADOS

No Gabinete do Secretário de Segurança, General Osvaldo Inácio Dominguez, na tarde de ontem, com relação aos laudos sobre os exames de fragmentos do petardo recolhido na Associação Brasileira de Imprensa, da bomba apanhada intacta na Ordem dos Advogados do Brasil e do material arrecadado no carro do Bispo Dom Hipólito e residência de Roberto Marinho, informaram seus assessores que estes deverão demorar, em face da atual deficiência de pessoal do Instituto de Criminalística.

D Adriano rezou o tempo todo

"Em momento algum temi pela minha vida, pois nas duas horas e meia em que permaneci sequestrado orei sempre. Estava muito preocupado com a segurança de Fernando, mas quando pedi que não o espancassem mais, fui agredido com mais força."

A explicação foi dada ontem por D Adriano Hipólito à sua irmã, dona Helena Hipólito Cerqueira Passos, durante o almoço — "num lugar que não posso revelar". Ele só reagiu, disse ela, quando os sequestradores obrigaram a engolir cachaça, mas trincou os dentes e não bebeu. "Os dois homens usaram sempre palavras de baixo calão e pareciam pessoas de baixo nível cultural. Afirmaram que o próximo seria Dom Valdir Caiheiros Bispo de Volta Redonda. E depois "outros bispos brasileiros".

Explicações

Muito nervosa, dona Helena voltou ontem para casa — no parque Flora, Bairro da Posse, em Nova Iguaçu, quase dois km da Rio-São Paulo. Garantiu que o irmão não voltaria neste final de semana, pois "deverá recuperar-se num local distante, inclusive evitando as visitas. Eu mesma o convenci a permanecer onde está." Quanto a Fernando — que é sobrinho por afinidade e que a família cria há 10 anos, juntamente com outros dos irmãos, vindos da Bahia — está descansando num lugar ignorado "do interior".

Dom Adriano recebeu ontem a visita do Arcebispo Eugênio Salles, do Bispo auxiliar, Dom Eduardo Koaik, e do Bispo de Volta Redonda, Dom Valdir Caiheiros, que à tarde retornou à sua cidade. A noiva de Fernando, Maria Iglésias, apesar de ter fugido no momento do sequestro, "parece ser a mais traumatizada e está sob forte tensão emocio-

nal. Ela grita e chora quando alguém entra em seu quarto e permanece sempre com a mãe ao lado", informou Dona Helena.

Outra visita foi da gerente do Centro de Formação de Líderes de Comunidade de Nova Iguaçu, Sra Virgília dos Prazeres Vergnano, que encontrou o Bispo "bem disposto." Revelou que ele manteve diálogo com os sequestradores apenas duas vezes. Primeiro quando foi chamado de comunista e respondeu que "não era e nunca seria. Apenas defendia os direitos dos pobres." Outra vez ele pediu que não batessem mais no rapaz — pois estava ouvindo seus gemidos — mas os homens retrucaram que "ele também merece porque quem ajuda um comunista também é comunista."



D Helena, irmã do Bispo

D Ivo vê na ação um radicalismo

Embora admita que o Esquadrão é "passível de ser visto em um extenso leque", Dom Ivo acha que essas violências só podem ser atribuídas a "grupos de extrema direita, inconformados com determinado tipo de ação da Igreja". Qualquer que seja o andamento na Justiça, Dom Ivo disse que vai acompanhar até o fim o caso de Dom Adriano e declarou que, "longe de intimidar, o episódio só encoraja mais os Bispos em sua luta pelos direitos da pessoa humana".

O secretário-geral da CNBB observou que "a humanidade parece ter chegado aos últimos requintes de trato social. Não faltam enciclopédias e tratados para tudo que é relações humanas e afinal estamos ficando cada vez mais bestas, desaprendendo a verdadeira prática dos direitos humanos".

Consolo

Dom Ivo informou, em entrevista coletiva, que desde o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu teve a consolação de receber, por telefone, telegramas e outras vias, inúmeras manifestações de solidariedade à CNBB e repúdio à violência, não só por parte dos bispos de todo o país como da ABI, OAB e outros órgãos representativos.

A Igreja não pode ser ingênua nem muito menos masoquista, "mas nós nos alegramos por vermos assim que nossa ação não é indiferente e não estamos assim tão errados no que fazemos", disse Dom Ivo, ao ler algumas das mensagens, inclusive a do Bispo de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi: "Todos nós somos atingidos por estes atos". Por isso, alegremo-nos".

Referiu-se ainda a Dom Adriano Hipólito como "um homem universal, para quem as questões sociais não podem ficar de fora" e "um Bispo que se tornou admirado pelo Episcopado sobretudo pelas vocações sacerdotais que atraiu e a

acolhida que deu ao Seminário Stella Maris".

A verdadeira política

O secretário-geral da CNBB falou ontem, depois de uma reunião ordinária da presidência, Comissão de Pastoral e assessores da CNBB, com vistas à realização da próxima reunião da Comissão Representativa, de 19 a 25 de outubro, quando um grupo de trabalho apresentará um dossiê com pronunciamentos e orientações sobre o próximo pleito eleitoral.

Disse que nunca como agora os bispos falaram ou escreveram tanto e de uma maneira tão convergente. Informou que tinha feito uma leitura apenas superficial, mas que se sente nos bispos "o esforço de fazer surgir um novo conceito de POLÍTICA, com todas as letras maiúsculas, conforme um conceito nobre, dignificante e indispensável".

Para Dom Ivo, política é "não uma questão de Partidos ou ideologia, mas o exercício do Poder para a realização do bem comum e da consciente participação do povo nesta ação".

No fim da entrevista, lembrou o aniversário do Papa Paulo VI — completa 79 anos amanhã — de quem falou como "um Pontífice de muitos méritos pela obra difícil e incompreendida, muitas vezes na busca da autêntica renovação da Igreja".

A CNBB enviou ao Papa o seguinte telegrama: "Os Bispos do Brasil, através de sua presidência e Comissão Episcopal e Pastoral, reunidas em Assembleia ordinária, formando uma só alma e coração com o Vigário de Cristo na terra, vêm apresentar a Vossa Santidade os mais ardentes votos de felicidade por mais um ano de preciosa vida devotada a Deus e à Igreja, nessa caminhada difícil na fidelidade aos imutáveis valores, junto com uma autêntica renovação, implorando preciosa bênção apostólica".

25.09.76

Bispos concelebram em Nova Iguaçu

Em todas as igrejas da Diocese de Nova Iguaçu será distribuída e lida amanhã uma nota convidando os fiéis para uma missa no dia 3, na Igreja de Santo Antônio, celebrada por vários bispos e por D Adriano Hipólito, que, "juntamente com seu sobrinho Fernando, foi traçoeiramente sequestrado, torturado e depois abandonado, nu e ferido, por um grupo de criminosos que se declarou pertencer à já notória Aliança Anticomunista Brasileira".

Em outro comunicado, também destinado aos fiéis, o vigário-geral, Monseñor Arthur Hartmann, fala sobre o sequestro do Bispo e seu sobrinho, na noite de quarta-feira, e adverte que as bofetadas e pontapés dados em D Adriano "atingiram todo o povo de Deus". Refere-se ainda ao incidente de Riobamba, no Equador — onde vários bispos do continente foram presos ao participarem de uma reunião — mostrando que "o que ocorreu com D Adriano não é um ato isolado".

Solidariedade ao Bispo

O documento, assinado pelo Monseñor Arthur Hartmann, assinala que "a Diocese de Nova Iguaçu está solidária com a pessoa de seu Bispo, bem como com a linha pastoral de denúncia profética contra tudo o que amedronta o povo e o marginaliza de seus direitos. Estamos convencido de que a Verdade, embora aparentemente perdedora de muitas batalhas, é e será a vencedora de todas as guerras. Que os fanáticos não se esqueçam: eles estão desde já programados para perderem a batalha final".

Acrescenta que "estamos ofendidos e indignados com as sádicas atrocidades perpetradas na pessoa de nosso Bispo. Mas estamos também profundamente convencidos da coerência de tais fatos com tudo o que de mais glorioso aconteceu e acontece com a pessoa dos profetas, santos e mártires. Em vez de amedrontar e fazer calar, a nefanda agressão procla-

ma que, sob a orientação de D Adriano, estamos no caminho certo de Cristo perseguido, torturado e morto".

Termina convidando "você, irmão, para, junto com D Adriano, celebrarmos a ressurreição de Cristo e sua vitória final sobre a hipocrisia e os fanatismos; sobre as maquinações noturnas e o poder das trevas; sobre as torturas e a própria morte." A missa será rezada às 16h do dia 3, na Igreja de Santo Antônio, em Nova Iguaçu, "durante a qual lhe daremos o nosso apoio e solidariedade para com a orientação pastoral." O convite será distribuído amanhã nas igrejas de Nova Iguaçu, Nilópolis, Paracambi, Itaguaí, Mangaratiba, São João de Meriti e parte de Vassouras.

Calar a Igreja

Em comunicado ao povo da Diocese, a Cúria Metropolitana participa o sequestro de D Adriano. "Os autores do monstruoso crime — destaca — nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos." Mas, continua o comunicado, "a cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã."

Diz a nota que "ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso continente foram presos na Cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de D Adriano não é um fato isolado."

A nota afirma que "o fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas D Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus."

PRO DR. BAIXADA DA SILVA, LIXO TEM O SEU LUGAR

Quarenta meninos e duas meninas, amontoados por três dias em quatro celas da delegacia policial de Duque de Caxias, foram liberados por ordem do Juiz de Menores local, Sr. Libório Siqueira.

Eram quarenta meninos e duas meninas. Dez outros continuaram presos naquele dia — dez delinquentes de alta periculosidade, acusados de latrocínios.

em brasileira. Nasceu, cresceu, matou e foi morto na Baixada Fluminense. Nasceu na miséria, cresceu na rua, onde foi educado para ser bandido, tirou o diploma de bandido nas prisões, resistiu à violência com violência. Viveu como um cão e morreu como um verme. E não teve sequer o consolo póstumo de um destino examinado em sua singularidade. Era um a mais, entre os chacinados da Baixada Fluminense, e não era nada além disso. Chamava-se Jorge Luis Chagas e tinha 17 anos, nada mais do que isso (JB, 2.6.76).

Aí o Dr. Classe A, da Baixada da Silva, indignou-se em seu senso moral e proclamou: na prisão.

“A Folha” de D Adriano

A ausência por dois dias de D Adriano Hipólito, da Diocese de Nova Iguaçu não impedirá os fiéis de lerem, como todos os domingos, o jornal — *A Folha* — distribuído gratuitamente nas igrejas, com duas de suas quatro páginas dedicadas à política e fatos envolvendo moradores da Baixada Fluminense: o de amanhã já está pronto e a primeira página tem texto intitulado *Pro Dr Baixada da Silva, Lixo Tem o Seu Lugar*, comentando a prisão de 40 menores em Duque de Caxias, em junho.

Críticas à política salarial, ao abandono da região pelas administrações, ao Esquadrão da Morte e ao aumento do custo de vida desfilam semanalmente, há quatro anos entre os que assistem às missas em Nova Iguaçu, Nilópolis, São João de Meriti, Paracambi, Itaguaí, Mangaratiba e parte do Município de Vassouras. Ao pé da página, comentários envolvendo o personagem *Brasilino*, sonhador e iludido por promessas governamentais.

Os artigos — segundo os padres da Cúria — são feitos por D Adriano Hipólito e alguns auxiliares. Aparece sempre a personagem *Dr Classe A da Baixada da Silva*.

Nos três números já distribuídos este mês, o jornal, sem fins lucrativos, da Mitro Diocesana de Nova Iguaçu, tratou da má distribuição de renda, das desigualdades entre ricos e pobres e das discussões sobre posições da Igreja nos artigos *Riqueza é a Soma de Muitas Pobrezas*, *Zezinho-da-Silva*, *o Menino-Macaco do Patropi* e *A Cidade Está em Chamas e Teólogos Soltam Traques*.

Ao pé das primeiras páginas, comentários sobre “os médicos que preferem clinicar na Zona Sul”; os desencantos de *Teotônio Paradi*, “que nasceu para ser líder”, e sobre as atividades do Copersucar vistas pelo *Brasilino*, o “doce e anêmico” personagem. No de domingo que vem, os comentários são sobre o *Garotão Filosofia*, universitário que não sabe “como aprender política na escola dos Partidos políticos, nos quais há uma crise eterna de liderança, de princípios, meios e fins”.

O jornal da Mitro Diocesana de Nova Iguaçu é impresso na Editora Vozes, de Petrópolis, e distribuído na área sob a influência de D Adriano Hipólito. Inicialmente a tiragem era de cerca de 30 mil exemplares, mas

O jornal do Bispo

A primeira página de *A Folha* desta semana traz o seguinte texto, sob o título “Pro Dr Baixada da Silva tem o seu lugar”.

“Quarenta meninos e duas meninas, amontoados por três dias em quatro celas da delegacia policial de Duque de Caxias, foram liberados por ordem do Juiz de Menores local, Dr Libório Siqueira. Correndo alegres, deixaram-se filmar pela televisão e fotografar pelos jornais. Pelo menos 15 dentre eles não corriam em direção alguma. Apenas fugiam das grades, que para eles significavam a perda do único bem que possuíam: a liberdade.

Chama-se liberdade, no caso, o fato de não ter lar. Liberdade é dormir numa galeria, sob a via férrea, e comer amontoado numa grande vasilha, fornecida pelo dono de um bar das imediações. Alta madrugada, pouco antes de encerrar o expediente, o dono do bar enche a grande vasilha com restos de comida, e assim os garotos se alimentam, e é esta a liberdade deles. Dormidos e alimentados, lá vão eles, ao nascer do dia, para a louca aventura que é a vida em tais condições. No tempo ocioso, praticarão pequenos furtos, pequenos assaltos, e sem dúvida encontrarão pequenas alegrias. Ou o pequeno susto: a blitz policial, que os apanhará desprevenidos e os levará de volta ao xadrez, onde ficarão até que novamente o Juiz de Menores os devolva à rua.

Eram 40 meninos e duas meninas. Dez outros continuaram presos naquele dia — 10 delinquentes de alta periculosidade, acusados de arrombamentos e latrocínios. Dez bandidos reincidentes e temíveis. O Juiz esperava que a Funabem se interessasse por eles, mas a Funabem não se interessou. Apareceram três pais ou responsáveis e levaram três deles. Ficaram sete. Entre os sete estava Jorge Luis Chagas.

Quarenta meninos e duas meninas, amontoados por três dias em quatro celas da delegacia policial de Duque de Caxias, foram liberados por ordem do Juiz de Menores local, Sr. Libório Siqueira.

Eram quarenta meninos e duas meninas. Dez outros continuaram presos naquele dia — dez delinquentes de alta periculosidade, acusados de latrocínios.

educado para ser bandido, tirou o diploma de bandido nas prisões, resistiu à violência com violência. Viveu como um cão e morreu como um verme. E não terá sequer o consolo póstumo de um destino examinado em sua singularidade. Era um a mais, entre os chacinados da Baixada Fluminense, e não era nada além disso. Chamava-se Jorge Luis Chagas e tinha 17 anos, nada mais do que isso (JL, 2.6.76).

Aí o Dr. Classe A. da Baixada da Silva indignou-se em seu senso moral e proclamou na imprensa:

“A Folha” de D Adriano

A ausência por dois dias de D Adriano Hipólito, da Diocese de Nova Iguaçu não impedirá os fiéis de lerem, como todos os domingos, o jornal — *A Folha* — distribuído gratuitamente nas igrejas, com duas de suas quatro páginas dedicadas à política e fatos envolvendo moradores da Baixada Fluminense: o de amanhã já está pronto e a primeira página tem texto intitulado *Pro Dr Baixada da Silva, Lixo Tem o Seu Lugar*, comentando a prisão de 40 menores em Duque de Caxias, em junho.

Críticas à política salarial, ao abandono da região pelas administrações, ao Esquadrão da Morte e ao aumento do custo de vida desfilam semanalmente, há quatro anos entre os que assistem às missas em Nova Iguaçu, Nilópolis, São João de Meriti, Paracambi, Itaguaí, Mangaratiba e parte do Município de Vassouras. Ao pé da página, comentários envolvendo o personagem *Brasilino*, sonhador e iludido por promessas governamentais.

Os artigos — segundo os padres da Cúria — são feitos por D Adriano Hipólito e alguns auxiliares. Aparece sempre a personagem *Dr Classe A da Baixada da Silva*.

Nos três números já distribuídos este mês, o jornal, sem fins lucrativos, da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu, tratou da má distribuição de renda, das desigualdades entre ricos e pobres e das discussões sobre posições da Igreja nos artigos *Riqueza é a Soma de Muitas Pobrezas*, *Zezinho-da-Silva*, *o Menino-Macaco do Patropi* e *A Cidade Está em Chamas e Teólogos Soltam Traques*.

Ao pé das primeiras páginas, comentários sobre “os médicos que preferem clinicar na Zona Sul”; os descendentes de *Teotônio Parati*, “que nasceu para ser líder”, e sobre as atividades do Copersucar vistas pelo *Brasilino*, o “doce e anêmico” personagem. No de domingo que vem, os comentários são sobre o *Garotão Filosofia*, universitário que não sabe “como aprender política na escola dos Partidos políticos, nos quais há uma crise eterna de liderança, de princípios, meios e fins”.

O jornal da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu é impresso na Editora Vozes, de Petrópolis, e distribuído na área sob a influência de D Adriano Hipólito. Inicialmente a tiragem era de cerca de 30 mil exemplares, mas agora os padres não dizem qual a circulação atual, “informação restrita ao Bispo ou a seus auxiliares”. Tem quatro páginas e, além das primeira e última com artigos políticos, há textos sobre a missa do dia para ser acompanhada pelos fiéis.

O jornal do Bispo

A primeira página de *A Folha* desta semana traz o seguinte texto, sob o título “Pro Dr Baixada da Silva tem o seu lugar”.

“Quarenta meninos e duas meninas, amontoados por três dias em quatro celas da delegacia policial de Duque de Caxias, foram liberados por ordem do Juiz de Menores local, Dr Libório Siqueira. Correndo alegres, deixaram-se filmar pela televisão e fotografar pelos jornais. Pelo menos 15 dentre eles não corriam em direção alguma. Apenas fugiam das grades, que para eles significavam a perda do único bem que possuíam: a liberdade.

Chama-se liberdade, no caso, o fato de não ter lar. Liberdade é dormir numa galeria, sob a via férrea, e comer amontoado numa grande vasilha, fornecida pelo dono de um bar das imediações. Alta madrugada, pouco antes de encerrar o expediente, o dono do bar enche a grande vasilha com restos de comida, e assim os garotos se alimentam, e é esta a liberdade deles. Dormidos e alimentados, lá vão eles, ao nascer do dia, para a louca aventura que é a vida em tais condições. No tempo ocioso, praticarão pequenos furtos, pequenos assaltos, e sem dúvida encontrarão pequenas alegrias. Ou o pequeno susto: a blitz policial, que os apanhará desprevenidos e os levará de volta ao xadrez, onde ficarão até que novamente o Juiz de Menores os devolva à rua.

Eram 40 meninos e duas meninas. Dez outros continuaram presos naquele dia — 10 delinquentes de alta periculosidade, acusados de arrombamentos e latrocínios. Dez bandidos reincidentes e temíveis. O Juiz esperava que a Funabem se interessasse por eles, mas a Funabem não se interessou. Apareceram três pais ou responsáveis e levaram três deles. Ficaram sete. Entre os sete estava Jorge Luis Chagas.

25.09.76

Jorge Luis Chagas devia ser magro de fome e não possuía necessariamente uma cor de pele, pois nesse estado de miserabilidade todos são pretos. Pode ter olho azul e cabelo louro que continua preto. Com 17 anos, assaltante de profissão, Jorge Luis Chagas já estava há sete meses no xadrez de Duque de Caxias, quando o Juiz Libório Siqueira o fez assinar um termo de liberdade vigiada e o soltou. Uma vez por mês, deveria apresentar-se ao Juiz de Menores, a fim de comprovar que se achava em situação socialmente aceitável. Terça-feira era dia de apresentação. Jorge Luis não se apresentou.

Dois dias antes, cinco corpos foram encontrados no Jardim Metrópole, em São João de Meriti. Torturados e fuzilados. Um dos mortos era Jorge Luis Chagas. Eis aí a biografia de uma criança brasileira. Nasceu, cresceu, matou e foi morto na Baixada Fluminense. Nasceu na miséria, cresceu na rua, onde foi educado para ser bandido, tirou o diploma de bandido nas prisões, resistiu à violência com violência. Viveu como um cão e morreu como um verme. E não terá sequer o consolo póstumo de um destino examinado em sua singularidade. Era um a mais, entre os chacinados da Baixada Fluminense, e não era nada além disso. Chamava-se Jorge Luis Chagas e tinha 17 anos, nada mais do que isso (JB, 2-6-76).

Aí o Dr Classe A. da Baixada da Silva indignou-se em seu senso moral e proclamou na reunião dos cursilistas: "Precisamos fazer alguma coisa! Precisamos fazer alguma coisa pelo menor abandonado! Vejam só as ruas de nossa cidade, cheias dessas infelizes crianças que vão ser os assaltantes de amanhã! Até por uma necessidade de proteção ao nosso patrimônio, precisamos fazer alguma coisa! E a solução é simples: fazer orfanatos, dar valor aos que já temos e, quem sabe, construir mais. Pra que gastar dinheiro com elefantes brancos e empregar renda de festas em obras de finalidade vaga e distante, como centros de formações e cursos de conscientização? O negócio é orfanato!"

O garoto Jorge Luis não morreu por falta de orfanato mas de justiça. Aí a reflexão do Dr Baixada da Silva faz aquela curva rápida e completa, chamada *cavalo-de-pau*, pro carro não cair no precipício: no precipício do lixo humano produzido pelas felizes máquinas de inchação das riquezas e de espoliação da pobreza, da nossa gloriosa civilização cristã. "Gente, esse assunto é muito complexo. O mundo foi sempre assim e não é a gente que vai dar jeito. Aliás, o assunto é até meio perigoso. Depois, acho que já vou indo, vou ter que acordar cedo amanhã". "Ai de vós, ricos!" — ruje o monge Tiago na missa de hoje.

"Catabis e catacreses"

1. Aconteceu que o doutor disse improvisadamente: "Não é possível que eles (os jovens, tá?) vivam sem conhecimento dos problemas do país. E o lugar de preparo político não pode ser a universidade: a escola política está nos Partidos."

2. Dado o tema, vamos à meditação sobre como a juventude tem isso de seu: pros garotos entenderem os problemas, precisam pegar a dimensão existencial dos problemas. Entende? Quer dizer: o garotão quer resolver o problema.

3. Problema só pra conhecer, já era, né, garotão? E tem mais, gente: garotão resolve problema toda hora, em todo lugar, de qualquer jeito. Dai por que o garotão que passa muitas horas na faculdade não pode esquecer, no seu mundo da faculdade, os problemas que esperam solução.

4. Tanto mais que os Partidos políticos, aí, doutor, então V Exa ainda não viu o que tá-se dando por aí? Na Sapucaia tem Arena 1, Arena 2, Arena 3. Metade da Arena 1 ligou-se com metade da Arena 2 e formou a Arena 4. A Arena 3, pro devido equilíbrio de forças, uniu-se com a restante metade da Arena 1 pra combater o vice-prefeito lançado pela Arena 4. A metade viúva da Arena 2, num decidido risco suicida, resolveu abrir mão de todas as divergências e apoiar por sua vez a metade do MDB 2. E o etc.

5. Desse jeito como é que o garotão vai aprender política na escola dos Partidos políticos, nos quais há uma crise eterna de liderança, de princípios, de meios, de fins? E' que o negócio certo é mesmo democracia, isto é: Democracia, com D grande, essa sim que é jóia, entende?

Jorge Luis Chagas devia ser magro de fome e não possuía necessariamente uma cor de pele, pois nesse estado de miserabilidade todos são pretos. Pode ter olho azul e cabelo louro que continua preto. Com 17 anos, assaltante de profissão, Jorge Luis Chagas já estava há sete meses no xadrez de Duque de Caxias, quando o Juiz Libório Siqueira o fez assinar um termo de liberdade vigiada e o soltou. Uma vez por mês, deveria apresentar-se ao Juiz de Menores, a fim de comprovar que se achava em situação socialmente aceitável. Terça-feira era dia de apresentação. Jorge Luis não se apresentou.

Dois dias antes, cinco corpos foram encontrados no Jardim Metrópole, em São João de Meriti. Torturados e fuzilados. Um dos mortos era Jorge Luis Chagas. Eis aí a biografia de uma criança brasileira. Nasceu, cresceu, matou e foi morto na Baixada Fluminense. Nasceu na miséria, cresceu na rua, onde foi educado para ser bandido, tirou o diploma de bandido nas prisões, resistiu à violência com violência. Viveu como um cão e morreu como um verme. E não terá sequer o consolo póstumo de um destino examinado em sua singularidade. Era um a mais, entre os chacinados da Baixada Fluminense, e não era nada além disso. Chamava-se Jorge Luis Chagas e tinha 17 anos, nada mais do que isso (JB, 2-6-76).

Aí o Dr Classe A. da Baixada da Silva indignou-se em seu senso moral e proclamou na reunião dos cursilistas: "Precisamos fazer alguma coisa! Precisamos fazer alguma coisa pelo menor abandonado! Vejam só as ruas de nossa cidade, cheias dessas infelizes crianças que vão ser os assaltantes de amanhã! Até por uma necessidade de proteção ao nosso patrimônio, precisamos fazer alguma coisa! E a solução é simples: fazer orfanatos, dar valor aos que já temos e, quem sabe, construir mais. Pra que gastar dinheiro com elefantes brancos e empregar renda de festas em obras de finalidade vaga e distante, como centros de formações e cursos de conscientização? O negócio é orfanato!"

O garoto Jorge Luis não morreu por falta de orfanato mas de justiça. Aí a reflexão do Dr Baixada da Silva faz aquela curva rápida e completa, chamada *cavalo-de-pau*, pro carro não cair no precipício: no precipício do lixo humano produzido pelas felizes máquinas de inchação das riquezas e de espoliação da pobreza, da nossa gloriosa civilização cristã. "Gente, esse assunto é muito complexo. O mundo foi sempre assim e não é a gente que vai dar jeito. Aliás, o assunto é até meio perigoso. Depois, acho que já vou indo, vou ter que acordar cedo amanhã". "Ai de vós, ricos!" — ruge o manso Tiago na missa de hoje.

"Catabis e catacreses"

1. Aconteceu que o doutor disse improvisadamente: "Não é possível que eles (os jovens, tá?) vivam sem conhecimento dos problemas do país. E o lugar de preparo político não pode ser a universidade: a escola política está nos Partidos."

2. Dado o tema, vamos à meditação sobre como a juventude tem isso de seu: pros garotos entenderem os problemas, precisam pegar a dimensão existencial dos problemas. Entende? Quer dizer: o garotão quer resolver o problema.

3. Problema só pra conhecer, já era, né, garotão? E tem mais, gente: garotão resolve problema toda hora, em todo lugar, de qualquer jeito. Dai por que o garotão que passa muitas horas na faculdade não pode esquecer, no seu mundo da faculdade, os problemas que esperam solução.

4. Tanto mais que os Partidos políticos, aí, doutor, então V Exa ainda não viu o que tá-se dando por aí? Na Sapucaia tem Arena 1, Arena 2, Arena 3. Metade da Arena 1 ligou-se com metade da Arena 2 e formou a Arena 4. A Arena 3, pro devido equilíbrio de forças, uniu-se com a restante metade da Arena 1 pra combater o vice-prefeito lançado pela Arena 4. A metade viúva da Arena 2, num decidido risco suicida, resolveu abrir mão de todas as divergências e apoiar por sua vez a metade do MDB 2. E o etc.

5. Desse jeito como é que o garotão vai aprender política na escola dos Partidos políticos, nos quais há uma crise eterna de liderança, de princípios, de meios, de fins? E' que o negócio certo é mesmo democracia, isto é: Democracia, com D grande, essa sim que é jóia, entende?

Silêncio Perigoso

Br. 25-09-76

O vandalismo anônimo praticou dois atos de terrorismo que receberam, como deviam, a condenação de uma parte da sociedade brasileira. A parte omissa, numericamente considerável, deixou de condenar porque continua desconhecendo o que ocorreu na noite de quarta-feira no Rio, ou conhece apenas pedaços da história, com as distorções ampliadas, maldosas e às vezes tendenciosas dos boatos.

Os jornais, na liberdade a eles assegurada pelo Governo, noticiaram o fato com o destaque merecido, pois o espaço correspondeu à notoriedade dos envolvidos e ao conteúdo de violência pessoal contra um prelado da Igreja Católica. As emissoras de rádio e televisão, no entanto, foram impedidas de informar a respeito.

Ocorreu então o que parecia impossível: o Ministério da Justiça autocensurou-se ao proibir a divulgação dos fatos porque a radiodifusão foi proibida de transmitir a nota oficial condenando as bombas. E, de quebra, a censura alcançou também nota em que o Primeiro Exército, também ofendido pelo ato criminoso, apressou-se em esclarecer a opinião pública.

Jamais se saberá, com extensão, como o fato concreto do sequestro e sevícias a um Bispo de Diocese da Baixada Fluminense chegou à maioria dos moradores daquela região. O que é inegável, no entanto, é que o crime chegou primeiro ao conhecimento da população metropolitana do Rio e de todo Brasil através da rede de boatos.

A teoria da proteção sob segredo mostra a gravidade de tentar-se impedir, através da censura, o conhecimento público em toda sua extensão e fidelidade aos fatos. O sigilo imposto gera o conhecimento distorcido, de graves consequências psicossociais.

O silêncio baixado sob alegação de proteger o Estado, na verdade destrói a Nação. A médio prazo, provoca a apatia nacional, um vírus que contamina notadamente a faixa juvenil da população, exposta ao desconhecimento dos valores que poderiam incutir-lhe o respeito às instituições. O panorama internacional, presente e passado, mostra que as nações postas em quarentena transformam-se sob esse controle obsoleto em presas fáceis da mistificação, principalmente da que tem por objetivo a contaminação ideológica.

Socialmente não devemos temer as bombas, mas prepararmo-nos, pelo esclarecimento, para impedir que a mensagem do terror, venha de onde vier, ganhe campo no meio social. O próprio Ministro da Justiça, com sua vivência no campo dos interesses jornalísticos, sabe que a notícia não tem geração espontânea; nasce do fato. E este é que demonstra a saúde ou a doença da sociedade. Os homens — como os países — quando enfermos, não encontram a cura pelo desconhecimento da doença, mas por seu diagnóstico correto e terapia bem aplicada.

TFP repudia seqüestro de D Hipólito

13- 26-09-76
A TFP (Tradição, Família e Propriedade), a respeito do seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, e do atentado a bomba à sede da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), divulgou ontem um comunicado, em que manifesta sua repulsa pelos atos terroristas.

COMUNICADO

"A TFP manifesta sua mais categórica repulsa aos atos de terrorismo praticados contra a pessoa sagrada de um Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito e à CNBB, bem como contra a residência do jornalista Roberto Marinho.

"Entidade cívica inspirada em seu pensamento e sua ação pela doutrina católica, a TFP repudia com especial energia a violência — merecidamente qualificada como sacrilega pelo direito canônico — contra a pessoa sagrada de um Bispo da Santa Igreja. E verbera igualmente as ações delituosas de que foram vítimas um parente de Sua Excia e o empregado doméstico do Sr Roberto Marinho.

"Na presente conjuntura, a TFP recomenda a todos os seus sócios, cooperadores, correspondentes e simpatizantes uma atitude de serenidade vigilante e de prece pela boa ordem em nosso país. E recomenda confiança na atuação do Poder Público, empenhado em punir tais ações e prevenir que outras do mesmo gênero venham a ocorrer".

BISPO DE BAURU

São Paulo — O Delegado Regional de Polícia de Bauru, Francisco de Assis Moura, informou ontem que o DEOS, tendo em vista os acontecimentos que envolveram esta semana o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, ofereceu proteção ao Bispo de Bauru, Dom Candido Padim, que recentemente esteve envolvido no Equador em incidente que

TFP repudia seqüestro de D Hipólito

13- 25-09-76
A TFP (Tradição, Família e Propriedade), a respeito do seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, e do atentado a bomba à sede da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), divulgou ontem um comunicado, em que manifesta sua repulsa pelos atos terroristas.

COMUNICADO

"A TFP manifesta sua mais categórica repulsa aos atos de terrorismo praticados contra a pessoa sagrada de um Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito e à CNBB, bem como contra a residência do jornalista Roberto Marinho.

"Entidade cívica inspirada em seu pensamento e sua ação pela doutrina católica, a TFP repudia com especial energia a violência — merecidamente qualificada como sacrilega pelo direito canônico — contra a pessoa sagrada de um Bispo da Santa Igreja. E verbera igualmente as ações delituosas de que foram vítimas um parente de Sua Excia e o empregado doméstico do Sr Roberto Marinho.

"Na presente conjuntura, a TFP recomenda a todos os seus sócios, cooperadores, correspondentes e simpatizantes uma atitude de serenidade vigilante e de prece pela boa ordem em nosso país. E recomenda confiança na atuação do Poder Público, empenhado em punir tais ações e prevenir que outras do mesmo gênero venham a ocorrer".

BISPO DE BAURU

São Paulo — O Delegado Regional de Polícia de Bauru, Francisco de Assis Moura, informou ontem que o DEOS, tendo em vista os acontecimentos que envolveram esta semana o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, ofereceu proteção ao Bispo de Bauru, Dom Candido Padim, que recentemente esteve envolvido no Equador em incidente que motivou sua detenção por 24 horas e expulsão daquele país. O Bispo aceitou a proteção, que está sendo feita discretamente.

28 / 09 / 1976



Celam condena seqüestro

Wm. 28.09.76
Bogotá — A Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam), com sede nesta Capital, condenou em comunicado o seqüestro de que foi vítima o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

A nota expressa "profunda solidariedade" da Celam à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), à Igreja de Nova Iguaçu e ao seu Bispo em vista do "inqualificável atentado terrorista de que foi alvo".

DOS MARIANOS

No Rio, em nome de seus mais de 15 mil congregados, a Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil enviou mensagem a Dom Adriano Hipólito repelindo "a torpe agressão física e moral de que foi vítima por levantar sua voz de pastor em defesa dos pobres e da moral da família brasileira".

SOBRINHO DEPÕE

O delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social, vai ouvir hoje o Sr Fernando Webereng, sobrinho de Dom Hipólito e com ele seqüestrado. O exame de corpo delito de Fernando foi feito na residência do Cardeal Eugênio Salles, onde ele se acha hospedado, em companhia do Bispo de Nova Iguaçu.

30 / 09 / 1976

DOPS não tem pista de seqüestro

Os policiais do DOPS ainda não têm pistas para esclarecer o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e nem as explosões de bombas que destruíram seu carro e atingiram a casa do jornalista Roberto Marinho. As investigações ainda se restringem aos depoimentos.

O inquérito que apura a explosão na ABI e a colocação da bomba na sede da OAB/RJ também continua em andamento no DOPS, e ontem várias pessoas foram ouvidas. Os autos devem ser remetidos à Justiça nas próximas semanas, sem apontar os autores ou autor dos atentados.

SOBRINHO

O Bispo de Nova Iguaçu poderá vir a ser ouvido novamente no DOPS, pois se espera que forneça novos subsídios que possam conduzir a uma pista. A polícia pensa também em fazer a reconstituição do seqüestro e da agressão que D Adriano Hipólito sofreu.

O sobrinho do Bispo, Fernando Leal Webering, voltou a ser ouvido ontem pelos órgãos de segurança, mas seu depoimento foi idêntico ao de seu tio, sem qualquer pista. Ambos não são capazes de reconhecer os sequestradores, segundo a polícia.

Bispos paulistas condenam agressão a Dom Adriano e lamentam ataques à Igreja

Wor. 01-10-76
São Paulo — Em mensagem pastoral a Província Eclesiástica de São Paulo condena a agressão de que foi vítima Dom Adriano Hipólito e lamenta que se divulgem "ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis".

O documento dos bispos paulistas, tendo à frente o Cardeal Paulo Evaristo Arns, ressalta que "alguns por ignorância, outros por má-fé procurarão ver nesta ação comprometimento com ideologias que nunca aceitamos nem defendemos, pois nossa vinculação é somente com o Evangelho de Cristo".

A MENSAGEM

"Os Bispos da Província Eclesiástica de São Paulo, em reunião ordinária no dia 28 de setembro de 1976, refletiram sobre os acontecimentos terroristas que nos últimos dias atingiram, entre outras pessoas e entidades, o Sr Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito e a CNBB e julgaram conveniente uma palavra oficial às suas igrejas.

Em primeiro lugar, não se deve estranhar que os cristãos venham a sofrer injúrias, perseguições e até o martírio por causa da fé e da sua adesão ao Senhor Jesus. A História antiga e recente no-lo mostra e o Evangelho nos previne: "Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o gênero de calúnias contra vós por minha causa." (Mt. 5, 11). Acrescente-se a isto o fato de no Brasil se estarem repetindo e divulgando, por quase toda parte, ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis, ataques estes impunemente acolhidos sem que se possa entender como tiveram aceitação nos meios de comunicação social. Nesta linha de procedimento incitador contra a Igreja é que se devem entender as cartas anônimas com amea-

ças, as calúnias com fotografias montadas, os telefonemas com intimidações, cuja autoria confiamos, será possível, a quem de direito, pesquisar e descobrir, com urgência e eficácia, excluindo sempre métodos contrários à dignidade da pessoa humana.

Em segundo lugar, desejamos que os homens de boa vontade compreendam que nossa solicitude e ação, por serem evangélicas, estão comprometidas com a pessoa humana e sua dignidade, com os deveres e direitos daí decorrentes, com a vida da população mais necessitada, com os oprimidos que não têm quem por eles fale. Alguns por ignorância, outros por má-fé procurarão ver nesta ação comprometimento com ideologias que nunca aceitamos nem defendemos, pois nossa vinculação é somente com o Evangelho de Jesus Cristo, que é amor e justiça. Con-

fiemos, pois, que Nosso Senhor, superando nossas limitações, será nossa força para continuarmos a cumprir a missão que de Cristo recebemos para o bem e a salvação de nossos irmãos. A Deus, único juiz que penetra a consciência, entregamos aqueles que, tentando destruir o direito à liberdade, usam da violência e opressão. Que eles, convertidos, saibam reconhecer a desordem de suas atitudes e se disponham a colaborar para a construção de uma sociedade sem ódio

LAUDOS

O Instituto Carlos Éboli já concluiu os laudos sobre as bombas que explodiram no Volkswagen do Bispo Adriano Hipólito, na casa do Sr Roberto Marinho e na Associação Brasileira de Imprensa, além da que foi recolhida na Ordem dos Advogados do Brasil. Serão enviados segunda-feira ao Delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social.

O ICE mandará cópias dos laudos para a 10a. DP (jurisdição da residência do Sr Roberto Marinho), 9ª DP (explosão do carro) e 3a. DP (ABI e OAB). Outras cópias serão remetidas para o Departamento Geral de Investigações Especiais e órgãos de segurança, segundo se soube ontem na Secretaria de Segurança Pública.

BOMBA DA OAB

Conforme informações obtidas na polícia, a bomba encontrada na sede da OAB é de fabricação caseira, de efeito retardado (por pavio enrolado em fio plástico, vermelho) e composta por doze bananas chamadas salsinhas, com 180 gramas cada — o explosivo pesava ao todo 2,160 quilos. Estava dentro de uma caixa de papelão com os dizeres "contém livros", escritos com pincel atômico.

O laudo do ICE nada informa sobre o tipo de material usado na confecção da bomba ou sua procedência, intitulando-se apenas Local e Bomba, os outros três são denominados Local e Explosão. Policiais disseram que os laudos são omissos

Bispos paulistas condenam agressão a Dom Adriano e lamentam ataques à Igreja

WBR 01-10-76
São Paulo — Em mensagem pastoral a Província Eclesiástica de São Paulo condena a agressão de que foi vítima Dom Adriano Hipólito e lamenta que se divulgem "ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis".

O documento dos bispos paulistas, tendo à frente o Cardeal Paulo Evaristo Arns, ressalta que "alguns por ignorância, outros por má-fé procuram ver nesta ação comprometimento com ideologias que nunca aceitamos nem defendemos, pois nossa vinculação é somente com o Evangelho de Cristo".

A MENSAGEM

"Os Bispos da Província Eclesiástica de São Paulo, em reunião ordinária no dia 28 de setembro de 1976, refletiram sobre os acontecimentos terroristas que nos últimos dias atingiram, entre outras pessoas e entidades, o Sr Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito e a CNBB e julgaram conveniente uma palavra oficial às suas igrejas.

Em primeiro lugar, não se deve estranhar que os cristãos venham a sofrer injúrias, perseguições e até o martírio por causa da fé e da sua adesão ao Senhor Jesus. A História antiga e recente no-lo mostra e o Evangelho nos previne: "Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o gênero de calúnias contra vós por minha causa." (Mt. 5, 11). Acrescente-se a isto o fato de no Brasil se estarem repetindo e divulgando, por quase toda parte, ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis, ataques estes impunemente acolhidos sem que se possa entender como tiveram aceitação nos meios de comunicação social. Nesta linha de procedimento incitador contra a Igreja é que se devem entender as cartas anônimas com amea-

ças, as calúnias com fotografias montadas, os telefonemas com intimidações, cuja autoria confiamos, será possível, a quem de direito, pesquisar e descobrir, com urgência e eficácia, excluindo sempre métodos contrários à dignidade da pessoa humana.

Em segundo lugar, desejamos que os homens de boa vontade compreendam que nossa solicitude e ação, por serem evangélicas, estão comprometidas com a pessoa humana e sua dignidade, com os deveres e direitos daí decorrentes, com a vida da população mais necessitada, com os oprimidos que não têm quem por eles fale. Alguns por ignorância, outros por má-fé procuram ver nesta ação comprometimento com ideologias que nunca aceitamos nem defendemos, pois nossa vinculação é somente com o Evangelho de Jesus Cristo, que é amor e justiça. Con-

fiamos, pois, que Nosso Senhor, superando nossas limitações, será nossa força para continuarmos a cumprir a missão que de Cristo recebemos para o bem e a salvação de nossos irmãos. A Deus, único juiz que penetra a consciência, entregamos aqueles que, tentando destruir o direito à liberdade, usam da violência e opressão. Que eles, convertidos, saibam reconhecer a desordem de suas atitudes e se disponham a colaborar para a construção de uma sociedade sem ódio e sem egoísmos, fundamentada na justiça, na fraternidade e na paz".

LAUDOS

O Instituto Carlos Éboli já concluiu os laudos sobre as bombas que explodiram no Volkswagen do Bispo Adriano Hipólito, na casa do Sr Roberto Marinho e na Associação Brasileira de Imprensa, além da que foi recolhida na Ordem dos Advogados do Brasil. Serão enviados segunda-feira ao Delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social.

O ICE mandará cópias dos laudos para a 10a. DP (jurisdição da residência do Sr Roberto Marinho), 9ª DP (explosão do carro) e 3a. DP (ABI e OAB). Outras cópias serão remetidas para o Departamento Geral de Investigações Especiais e órgãos de segurança, segundo se soube ontem na Secretaria de Segurança Pública.

BOMBA DA OAB

Conforme informações obtidas na polícia, a bomba encontrada na sede da OAB é de fabricação caseira, de efeito retardado (por pavio enrolado em fio plástico, vermelho) e composta por doze bananas chamadas salsinhas, com 180 gramas cada — o explosivo pesava ao todo 2,160 quilos. Estava dentro de uma caixa de papelão com os dizeres "contém livros", escritos com pincel atômico.

O laudo do ICE nada informa sobre o tipo de material usado na confecção da bomba ou sua procedência, intitulando-se apenas Local e Bomba, os outros três são denominados Local e Explosão. Policiais disseram que os laudos são omissos quanto a dados técnicos das bombas porque os peritos

O mês do Rosário

Dom Eugênio de Araújo Sales

Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro

Uma das características da atividade divina no mundo é a desproporção entre o instrumento utilizado e o efeito obtido. Resultados extraordinários na ordem espiritual são conseguidos pelo emprego de meios inadequados, segundo critérios naturais. Assim, fica patente a intervenção de Deus, seu valor, sua onipotência, algo que rebaixa nosso orgulho, fonte dos males. Aos olhos terrenos, toda a fantástica mudança oriunda do cristianismo tem como causa um fracasso aparente — a morte de seu Fundador na cruz. E, durante séculos, não houve sinais de amparo nas forças visíveis. No entanto, a idéia crescia e avassalava. Já o apóstolo Paulo afirmava: "Tudo o que me aconteceu contribuiu para o progresso do Evangelho; em todo o pretório e por toda a parte tornou-se conhecido que é por causa de Cristo que estou preso" (FLP 1, 12-13).

O Senhor também age de modo espetacular mas não despreza a simplicidade e a pequenez. Faz avultar seu poder, quando de maneira evidente lhe é atribuído o que jamais poderia ter origem nos homens.

Tais considerações me vêm no início deste mês de outubro, tradicionalmente consagrado pela piedade cristã ao Rosário. Esta devoção está marcada por múltiplos aspectos onde predomina a humildade. Nada tem de especial que possa incensar os que esperam soluções naturais oriundas unicamente dos recursos de nossa razão. A insistência, pela repetição do Pai-Nosso e Ave-Maria, induz ao reconhecimento de nossas necessidades e fraqueza, enquanto proclama a inabalável confiança no Pai e em Maria, aos quais nos dirigimos, por vezes, de forma angustiada. Revela também o mistério da vida de Cristo. Meditando desde o anúncio do anjo à glória da coroação, o fiel se

sabe filho de Deus, sente-se pecador, peregrinando no tempo, como responsável por seus irmãos. A Esperança se aviventa, a Caridade se afevora e a Fé é alimentada.

Os que pretendem construir uma Igreja para a época sofisticada em que vivemos, levados por esta mentalidade, jamais poderão descobrir as riquezas reservadas pelo Redentor aos pequenos e humildes.

Tem-se a impressão de que o trabalho evangelizador e os esforços pastorais, em nossos dias, se desvincularam de várias práticas piedosas como a do terço.

Necessário se faz esclarecer um equívoco. Uma coisa é depurar e outra, incinerar. O Concílio veio, sob a inspiração do Espírito Santo, retirar sequelas que se introduziram no decorrer dos séculos. Não quis destruir mas edificar e aperfeiçoar. Pensar diferentemente é um engano que arrefeceu em alguns o amor às legítimas devoções populares.

Neste mês de outubro, devemos proclamar com entusiasmo o valor e a utilidade da recitação do terço. Ele continua atual, eficaz e valioso. Posso acrescentar que em nossos dias mais importante é essa devoção, que antes do Concílio. Explico-me.

A História eclesiástica nos fala da proteção divina, por intercessão da Virgem, em situações difíceis. Hoje, surgem problemas e desafios pouco comuns. Antigamente, a insubordinação contra o Magistério se evidenciava pelo afastamento ostensivo da comunhão eclesial. Hoje, indisciplinas e erros doutrinários são cometidos, mas seus autores se acobertam sob pretextos de defender a obra de Cristo. Os episódios se sucedem entre os que rejeitam as legítimas reformas e aqueles que apregoam as falsas.

O incremento de nossa Fé se fundamenta primordialmente no plano sobrena-

tural. Obra do Senhor, a Ele cabe a defesa; a nós, a súplica, o pedido, a impetração. O terço se inclui entre os vários recursos inspirados pelo Senhor para que ajudemos a Igreja nos momentos de maiores dificuldades.

Este mês de outubro unirá muitos na súplica com a recitação do Rosário. O presente clima de ódio e violência, as investidas constantes contra a família e as normas morais exigidas pelo cristianismo também pedem o incremento da oração, especialmente em comum. O terço é uma real ajuda ao amor verdadeiro que une os homens, apaga incêndios da maldade, rivalidades e divisões. Une, não separa. "A recitação diária do terço é meio seguro para atrair as bênçãos de Deus sobre a família e especialmente preservar a paz e a felicidade no lar" — ensinava o Papa Pio XII, escrevendo aos ingleses, em 14 de julho de 1952.

A insanidade, revelada no recente atentado contra um Bispo, mostra o grau de barbárie a que se pode chegar pela deformação moral do caráter. A destruição total do mais elementar respeito aos valores reais abre portas aos maiores excessos. Enquanto as autoridades exercem sua função de investigar e punir, nós procuramos modificar, converter pela volta a Deus, inclusive através da prece.

No caso concreto do Rio de Janeiro, a comemoração do seu Tricentenário sugere a recitação do terço, neste mês, como agradecimento pelos favores recebidos. Ao mesmo tempo, nos leva a insistir sobre a continuação da proteção divina para esta Arquidiocese e o Povo de Deus que a constitui.

A fidelidade à devoção mariana sempre foi, e será uma característica da Igreja. Nossa devoção ao Rosário é garantia nas dificuldades e segurança nos dias atuais.



D Adriano, a primeira missa após o seqüestro

Milhares de fiéis e mais de 60 Bispos compareceram à missa para Dom Adriano

Milhares de fiéis — inclusive de outras cidades — lotaram ontem a Catedral de Nova Iguaçu e ruas vizinhas para assistir e acompanhar a primeira missa celebrada pelo Bispo da Diocese local, D Adriano Hipólito, após o seqüestro de que foi vítima no mês passado. O município comemorou também a Festa de São Francisco

Mais de 60 padres e Bispos de Dioceses fluminenses e de outros Estados, além do Arcebispo do Espírito Santo, estiveram presentes. As pessoas que ficaram do lado de fora da igreja acompanharam a celebração através de um impresso mimeografado, distribuído em vários pontos da cidade.

FÊ

Para o Bispo de Nova Friburgo, D Clemente Isnard, "quando a Igreja não é perseguida e quando seus ministros gozam de prestígio, devemos desconfiar de que alguma coisa não anda certa". D Valdir Calheiros, que está sob proteção policial devido às ameaças que recebeu, advertiu para a afronta que o atentado representou à Igreja e seus mais de 300 bispos.

Quando D Adriano Hipólito fala em nome dos pobres — lembrou D Valdir — passa a ser considerado perigoso, porque "estremece aqueles que estão lá em cima, que são os que querem que a Igreja cuide só da parte espiritual do cristão e esqueça que a vida eterna pregada pelo Evangelho começa aqui".

A Igreja — acrescentou — não é apenas uma estrutura, mas sim a força do

amor de Deus e toda a sua atividade. Por isso mesmo tem razão de ser.

Presentes à celebração, entre outros, o Arcebispo de Vitória, D João Mota, e os Bispos de Goiás, D Tomás Balduino; de Teófilo Ottoni, em Minas Gerais, Quirino Schmitz; de Iguaçu, no Ceará, D Mauro Alarcón, e D Inácio Acioli, do Mosteiro de São Bento. O Prefeito João Batista Lubanco (Arena) fez uma oração.

O Bispo de Nova Iguaçu recebeu telegramas de 131 bispos, inclusive o das Cidades francesas de Nanterre e Cjhlon, e mais 203 de outros religiosos e organizações leigas, além de mensagens individuais. Entre as mensagens, uma é do Conselho Mundial de Igrejas, sediado em Genebra, congregando todas as grandes igrejas do culto protestante do mundo, e da Comissão Justiça e Paz, entidade católica com sede em Roma.

Solidariedade

O texto do impresso distribuído aos fiéis antes da missa é o seguinte:

"Irmãos: aqui estamos para manifestar nossa solidariedade ao nosso irmão e pastor, Dom Adriano. Todos sabemos como, na noite do dia 22 de setembro, foi selvagememente sequestrado, encapuçado, algemado e torturado, juntamente com seu sobrinho Fernando. Os autores deste atentado disseram que iriam fazer o mesmo com outros Bispos da Igreja. O que pretendem é atingir a posição da Igreja a favor do povo, dos pobres, dos oprimidos. Querem amedrontar e fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos.

"Nós, cristãos, estamos conscientes de que a Igreja não pode deixar de cumprir a missão que Cristo lhe confiou, que é pregar o Amor e a Verdade, denunciar o erro e a injustiça e lutar pelos direitos humanos. Nosso Se-

nhor foi perseguido por causa de sua pregação, e nos preveniu de que também sofreríamos perseguição. Sabemos que é da morte que nasce a vida, da cruz que vem a ressurreição. O sofrimento do nosso pastor é um sinal de que estamos no caminho certo, no caminho que Nosso Senhor viveu e pregou.

"Celebramos hoje, também, a festa de São Francisco, homem de Deus que optou pelo povo pobre, pelos pequenos e humildes, e colocou toda a sua vida a serviço deles. Também nós queremos celebrar o nosso compromisso de viver o Evangelho até o fim, de colocar nossa vida a serviço do povo e, unidos em nossas comunidades, ser cristãos, sem medo e sem desânimo, diante daqueles que querem destruir a nossa união. O Senhor é a nossa força: No mundo teréis aflições. Mas, Coragem! Eu venci o mundo."

05 / 10 / 1976

Cardeal de Salvador quer definir rumos para evitar desgaste das autoridades

Salvador — "Há uma necessidade imperiosa de definirmos, no Brasil, os rumos de nossa caminhada, para evitarmos a perplexidade do povo, o desgaste das autoridades, a desorientação dos grupos que desejam cooperar para a paz e o bem coletivos".

Estas palavras são do Cardeal de Salvador, Dom Avelar Brandão Vilela, ao comentar o episódio do sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, em sua coluna *Oração por um Dia Feliz*, publicada no jornal *O Mensageiro*, distribuído ontem nas igrejas e nas comunidades católicas de Salvador.

DOLOROSA IMPRESSÃO

"Ainda estamos sob a dolorosa impressão do episódio sem qualificativos que envolveu a pessoa de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu", começa Dom Avelar o seu artigo. "O trucidamento de Dom Pedro Fernandes Sardinha foi praticado por índios antropófagos. Não cometeram crime. Faltava-lhes a consciência moral necessária para que de fato praticassem um ato de responsabilidade. A prisão de Dom Vital e de Dom Macedo Costa foi ato de violência, embora se tivessem respeitado certos critérios no trato da pessoa humana, como o direito de defesa".

Afirma Dom Avelar, em seguida, que o sequestro de Dom Adriano Hipólito "significa uma ação terrorista planejada e executada com todos os requintes do desrespeito à pessoa em si, como cidadão, e à função e missão que exerce, na qualidade de pastor de uma grei diocesana".

"O fato, pelo ineditismo de suas características, pela comprovada intenção de querer ferir e de ferir de fato um Bispo corajoso e fiel à linha e ao estilo pastoral que adotou para a realidade de sua Diocese, atingiu também o coração da Igreja", diz Dom Avelar.

DEMOCRACIA

Em seu comentário no jornal católico *O Mensageiro*, Dom Avelar acrescenta que, "se alguns não concordavam com a maneira peculiar de redigir mensagens e de orientar a ação sócio-religiosa, própria do Bispo D Adriano, teriam inúmeras formas lícitas de demonstrar o seu desagrado e de esclarecer os seus pontos-de-vista. A opção que fizeram trouxe, a nosso ver, dificuldades gerais, para todos aqueles que vivem e agem debaixo do sol. Inclusive para o Governo, empenhado no processo de revigorar no Brasil os critérios e valores da vida democrática".

O terrorismo em ação

WZ. 14-10-76

Tristão de Athayde

As autoridades públicas, ao que se diz, estão empenhadas em elucidar de verdade os atentados terroristas, ultimamente praticados entre nós. E, acima de todos, a infamia cometida contra Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, que se converteu, de um momento para outro, no próprio símbolo do mais puro cristianismo brasileiro e da resistência ao mal. Os requintes de baixeza, de covardia e de obscenidade, utilizados na agressão contra o santo e humilíssimo Bispo da Baixada Fluminense, revelam estar em jogo o que há de mais baixo e perverso no submundo nacional. A vida humana é de tal maneira imprevisível que, embora nos julgemos vacinados em matéria de degradação moral, ela nos revela surpresas de que nos julgávamos totalmente saturados. Como estou escrevendo este desabafo, logo após o revoltante acontecimento e antes que se tenha, ao menos oficialmente, qualquer indício que nos leve a desvendar essa teia diabólica, não temos o direito de adiantar qualquer conclusão definitiva, antes das prometidas investigações. Mas alguma coisa podemos desde já dizer. É que, mais uma vez, se nada for de positivo apurado, como nos crimes do Esquadrão da Morte, para o conhecimento dos verdadeiros culpados, estaremos em face de mais um motivo grave para duvidar dos propósitos dessas investigações. E como continuamos a viver num regime em que a censura prévia continua a exercer a deletéria função de negar, ao povo brasileiro, o conhecimento exato do ambiente em que estamos envolvidos, esperamos sem muita esperança o que resultará dessas prometidas averiguações.

Por ora, podemos dizer apenas que o terrorismo da direita, que assumiu publicamente a responsabilidade de tais aten-

tados, é tão detestável como o terrorismo da esquerda. E mais ainda do que este, porque pode permitir supostas conviências com as forças da ordem e com ligações internacionais, como o que vem ocorrendo em países vizinhos. Especialmente na Argentina, peronista ou antiperonista. Nela, os dois tipos de terrorismo se defrontam publicamente, e a A. A. A. (Aliança Anticomunista Argentina) e os Montoneros (ala esquerda do peronismo revolucionário), se digladiam no meio da mais desbragada violência. Entre nós, estamos vendo que o terrorismo anticomunista (o comunismo tem costas largas) é um fato. E mesmo o mais anti-brasileiro dos fatos. Ora, o terrorismo quando aproveita ao Poder constituído é tão abominável como quando se atira contra ele. Não é o objetivo que o desqualifica. É o processo. O meio mais eficiente de o combater é preveni-lo, pelo ataque às causas que o provocam. A causa imediata é, sem dúvida, a falta de informação, isto é, a carência de liberdade de imprensa. A causa remota é a falta de legalidade política autêntica, isto é, a carência de justiça, particularmente econômica. Quando o binômio liberdade-justiça entra em crise, a violência toma o seu lugar. Bem sei que há causas mais vastas e mesmo supremas, como a substituição de valores morais por valores marciais e plutocráticos, como medida da civilização universal. No caso brasileiro há motivos particulares de atuação internacional, segundo a lei de repercussão, que nos torna cada vez mais dependentes do que se passa fora de nossas fronteiras, como causa dos reflexos em nossa vida nacional. E até mesmo temperamental. Estamos longe ainda de ser independentes como desejariamos. Se não podemos remover essas causas remotas ou indiretas, senão por uma ação de-

morada e contínua, podemos ao menos remover ou atenuar as causas próximas ou menos remotas.

A começar pela aludida falta de liberdade, que nos é imposta por um regime autoritário e censório, que encobre a verdade em nome da segurança. Resultando daí uma crescente insegurança, em nossa vida cotidiana, de que esses atentados constituem a mais recente e concludente das provas. É um paradoxo mas é a verdade. Nossa segurança individual diminuiu na razão direta da segurança coletiva, como critério supremo de nossa vida política institucional. Assim como a falta de justiça social leva, inevitavelmente, à criminalidade. O JB transcreveu, há dias, trechos de uma folha diocesana de Nova Iguaçu, em que esse humilde Bispo franciscano, totalmente dedicado à causa da população mais pobre e abandonada dos subúrbios, assim como à luta contra a violência ilegal na repressão à criminalidade da Baixada Fluminense, denuncia os males sociais mais clamorosos da região. Será que essas denúncias é que provocaram tão sórdida vingança? Repito, não podemos concluir nada com segurança, antes que se desvendem os verdadeiros criminosos. Mas bem sabemos, como o dramatiza François Mauriac no seu romance *Les Anges Noirs*, que a maioria absoluta dos crimes fica, para sempre, incógnita e impune. Se esse atentado ainda não fez, de tão humilde portador da Palavra de Deus, um mártir da Fé, pelo menos o coloca entre os que derramaram seu sangue pela liberdade e pela justiça, palavras que a maldade humana vem tentando esvaziar, mas hoje voltam a nos indicar onde está o verdadeiro sentido da vida. Pois, muito mais importante do que descobrirmos o nome dos seus algozes é aprendermos a lição da vítima.

20 /10 / 1976

JORNAL DO BRASIL □ Quarta-feira, 20/10/76 □ 1º Caderno

Regionais da CNBB discutem morte e seqüestro de padres

Br. 20-10-76 Inq. x Estado

A pauta de trabalhos da Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), instalada ontem em Laranjeiras, incluirá o caso do assassinato dos Padres Rodolfo Lunkenbein e João Bosco Penido Burnier e do seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

Ao afirmar que a morte daqueles padres é "apenas uma expressão do que está acontecendo entre posseiros e fazendeiros", o Arcebispo de Manaus e participante da reunião, Dom João de Souza Lima, lembrou que o assunto será tratado por uma comissão especialmente constituída e da qual fazem parte Dom José Maria Pires, Arcebispo de João Pessoa e Dom Epaminondas José de Araújo e Dom Paulo Moreto, Bispos de Anápolis e Caxias do Sul.

Segurança

Participam do encontro 38 cardeais, arcebispos e bispos, que representam os 13 regionais da CNBB e cujas deliberações têm praticamente o mesmo peso de uma assembléia-geral. Um dos temas intitula-se Os Cristãos e as Eleições. Como medida de segurança e pela primeira vez, a CNBB pediu a presença de policiais, durante os oito dias da reunião, no Convento do Cenáculo.

A reunião foi iniciada ontem pela manhã e na presença do Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco, pelo presidente interino da CNBB, Dom Geraldo Fernandes (a conselho dos médicos, o Cardeal Aloísio Lorscheider, presidente efetivo, não comparece), e o Cardeal-Arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales, como anfitrião, deu as boas-vindas aos colegas de Episcopado.

O secretário-geral da Conferência, Dom Ivo Lorscheiter, apresentou o tema para votação. Alguns bispos pediram que fosse acrescentado o caso da morte dos Padres João Bosco e Rodolfo, e o seqüestro de Dom Adriano Hipólito.

Pela primeira vez na história das reuniões de cúpula da Igreja Católica no Brasil, foram convidados a participar, como observadores, representantes das Igrejas Ortodoxas, Episcopal, Metodista e Evangélica de Confissão Luterana. Mas até ontem à tarde só um tinha comparecido, o da igreja Evangélica, Pastor Weber, professor universitário de Porto Alegre.

O que está por trás

Comentando com a imprensa a morte do Padre João Bosco, o Bispo de Itapipoca, Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, observou que "não se deve

procurar um bode expiatório no soldado que matou o padre". Depois de confirmar que aquela morte "não pode ser encarada como um fato isolado", disse achar mais conveniente que o assunto seja tratado "em suas raízes e tudo aquilo que está por trás do episódio".

Sobre censura a sermões dentro da igreja, Dom Paulo declarou ter conhecimento de alguns casos, "mas só esporádicos". Quanto a Lei Falcão, que proíbe a propaganda eleitoral na rádio e televisão, comentou que "é lamentável" e que "gostaria de ver mais liberdade".

Tanto o Bispo de Itapipoca (Ceará) como o Arcebispo de Manaus admitem que nos últimos anos o povo de suas regiões têm obtido melhorias dos serviços públicos, mas não escondem que "cada vez dimiui mais o poder aquisitivo dos pobres e aumenta o dos ricos". E ambos chamam a atenção para um complexo social que causa "muita inquietação" na Amazônia, especialmente, Acre, Rondônia e Mato Grosso:

"Todo mês chegam do Sul cerca de 1 mil famílias. As lutas entre posseiros e fazendeiros não param. E muitos que não têm onde trabalhar emigram para a Bolívia, Peru e Paraguai.

Catequese e liberdade

Em seu primeiro dia de trabalho, os bispos estudaram ontem o tema do Sínodo Mundial dos Bispos, a realizar-se daqui a um ano em Roma e que tem por título A Catequese no Nosso Tempo com Particular Referência à Catequese das Crianças e dos Jovens.

Uma nota distribuída pelo Secretariado da CNBB diz que "o texto enviado por Roma contém apenas a indicação dos problemas e interrogações sobre uma série de assuntos para excitar e promover a consulta a ser feita nas Conferências episcopais". Acrescenta que "temas candentes são debatidos como a relação entre a catequese cristã e as culturas contemporâneas, entre catequese e situações sociais (...), entre mensagem revelada e promoção humana e compromisso político, entre teologia e ciências humanas".

A nota comenta que "talvez mereça destaque especial o tema Catequese e Liberdade, numa época em que a liberdade, e sobretudo a liberdade religiosa e de consciência, é muitas vezes cerceada em várias regiões do mundo".

Outro tema em estudo pelos bispos diz respeito à questão agrária, e para a qual a CNBB conta com sua Comissão Pastoral da Terra, presidida pelo Bispo do Acre, Dom Moacyr Grechi.

Pastoral prega solidariedade

O Departamento de Imprensa e Comunicações do secretariado-geral da CNBB distribuiu ontem o seguinte *Boletim de Imprensa*:

Declaração da Comissão Nacional de Pastoral

A Comissão Nacional de Pastoral, integrada de bispos, sacerdotes, religiosos e leigos, participantes desta reunião ordinária para estudar O Caminhar da Igreja no Brasil Hoje e Amanhã, vem manifestar sua solidariedade às igrejas e congregações religiosas atingidas atrozmente em seus membros quando na defesa dos direitos da pessoa humana, especialmente dos pequenos e marginalizados.

Torna público o seu protesto por esses atos de violência e por todos os outros que os antecederam.

A consciência brasileira não pode mais ser aquietada com a simples afirmação de que esses atos são fatos lamentáveis, mas isolados. Lamentáveis sim e lamentabilíssimos, porque a brutalidade tem o sinistro poder de cometer erros irreparáveis. Mas isolados não, porque iluminam um subterrâneo de ini-

quidade, no qual se perseguem, espancam, ultrajam e matam vítimas indefesas. Isolados não, porque seus responsáveis encontram e encontrarão sempre as presenças incômodas daqueles que estão decididos, em nome das exigências do Evangelho, a dar voz aos que não têm voz. Isolados não, porque naquela empreitada iníqua está incluída a operação silêncio: fazer calar, pelas ameaças que se multiplicam e pelos atentados que confirmam as ameaças, a voz dos que denunciam e continuarão a denunciar a iniquidade. Outros martírios estão na lógica do sangue derramado e a eloquência do sofrimento inocente. Os que se comprometem realmente com os pobres e oprimidos aceitaram a condição de viver como seus reféns sempre sitiados.

Esta Comissão não faz apelo às autoridades, porque espera que elas tenham consciência de sua mais antiga e bíblica responsabilidade: a defesa dos pobres, dos órfãos e das viúvas.

Mas se volta sobretudo para Deus, que "ouve o clamor de seu povo", para que Ele confira à silenciosa eloquência do sangue derramado a força irresistível do testemunho profético.

Juiz recebe inquérito hoje

Cuiabá — O Juiz da Comarca de Barra do Garças, Flávio José Bertini, recebe hoje o inquérito sobre a morte do Padre João Bosco. O Delegado Especial da Secretaria de Segurança e encarregado das investigações, Coronel José Pereira Diniz, disse que todos os envolvidos foram ouvidos.

O Coronel recebeu do inspetor de Polícia Federal Hélio Máximo Pereira — que acompanhou o inquérito por ordem do Ministro da Justiça — o depoimento escrito e assinado pelo Bispo de São Félix, D. Pedro Casaldáliga. Ele foi ouvido pela comissão especial do Ministério da Justiça, domingo, em Cuiabá.

Sargento nega

Segundo fonte da Secretaria de Segurança, o único dos PMs a negar sua participação nas torturas de que são acusados os policiais de serviço no dia da morte do Padre, foi o comandante do destacamento, sargento Elias Amador — também expulso da corporação.

Cimi quer apuração ampla

Brasília — O secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), padre Egydio Schwade, disse que o momento não exige fuzilamentos ou condenações de pessoas que praticam crimes bárbaros, como o de que foi vítima o jesuíta João Bosco Penido Burnier.

"É preciso" — destacou — "conhecer os verdadeiros mandantes desses crimes e, quem sabe, descobriremos, com surpresa, que os responsáveis são as mesmas pessoas que hoje falam em condenação e fuzilamento do soldado Ezy Feitosa Ramalho, assassino do Padre Burnier, conforme exigiu o Secretário de Segurança de Mato Grosso, Coronel Aluisio Madeira Évora."

O Padre Schwade acha que as raízes dos problemas vividos por índios e posseiros no país estão na expansão desenfreada das grandes propriedades rurais, principalmente no Norte, onde os pequenos agricultores defendem como

Seu depoimento provocou revolta. Num trecho, afirmou ter deixado "as investigações sobre a morte do soldado Félix a cargo dos cabos e soldados do destacamento" e que teve conhecimento "das torturas, mas não as comuniquei por falta de tempo."

O inquérito apurou que o Padre João Bosco e o Bispo D. Pedro Casaldáliga foram recebidos na Delegacia de Ribeirão Bonito pelo soldado Ezy Ramalho Feitosa, que estava com a arma na mão. Ao tomar conhecimento das torturas contra as mulheres, os religiosos ameaçaram denunciar o fato às autoridades e à imprensa de Brasília.

O soldado exigiu a identificação do padre que, ao exibi-la, levou um tapa na mão. A carteira caiu e o jesuíta abaixou-se para apanhá-la, quando foi agredido com um soco, uma coronhada e, finalmente, um tiro na cabeça.

Testemunha do crime, um menino — cujo depoimento consta do inquérito — disse que, após atirar, o soldado declarou: "Cabo, eu atirei sem querer e matei o padre. Solte as mulheres."

podem as terras nas quais vivem e trabalham há muito tempo.

"Os órgãos governamentais criados para atender as comunidades indígenas (Funai) e trabalhadores rurais (INCRA) têm suas atuações limitadas pela política econômica oficial, principal incentivadora dos interesses privados", acrescentou.

Comentou que o sistema agrário brasileiro está totalmente desestruturado com o surgimento de oligarquias rurais, as quais não podem mais ser apoiadas pela Igreja. "Temos de nos comportar com a maioria marginalizada nacional e com ela lutar para que se faça justiça no país."

A reforma agrária — segundo o secretário-executivo do Cimi — tem de ser iniciada para dar terras produtivas e amparo das cooperativas às populações de baixa renda sem qualquer apoio legal.

Burnier acusa comunistas pela bomba em sua empresa

O Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier atribuiu, como "conhecedor da técnica subversiva, pois chefiou o Serviço Secreto da Aeronáutica", a comunistas a autoria do atentado a dinamite contra a empresa da qual é diretor-presidente, a Xtal do Brasil, na Av. Paulo de Frontin, 373, ocorrido ontem à 1h40m.

Dependências da empresa, que produz cristais para aparelhos eletrônicos, foram destruídas pela explosão. Panfletos deixados na garagem onde funcionava o escritório da Xtal traziam o nome da Vanguarda Popular Revolucionária e do Comando Padre João Bosco. O Brigadeiro Moreira Burnier, ex-comandante da 3a. Zona Aérea, é primo do Padre João Bosco Burnier, assassinado por um PM em Mato Grosso.

O atentado

A explosão ocorreu na garagem do prédio de dois andares e oito salas. O telhado da garagem ruíu e duas salas no térreo ficaram danificadas. A perícia do Instituto de Criminalística constatou, ainda, rachaduras nas paredes do andar superior.

Ontem de manhã, além da perícia, agentes do SNI, do Cenimar e da Delegacia de Polícia Política e Social vistoriam o imóvel, recolhendo os panfletos. A destruição, segundo o Brigadeiro Burnier, foi causada pela explosão de oito bananas de dinamite, que "alguém amarrou e jogou pela única janela aberta da empresa".

"O atentado", disse ele, "não procurou atingir pessoas, e sim uma firma brasileira, financiada pelo BNDE, com a intenção de enfraquecer o capital brasileiro e tumultuar o processo eleitoral". Considerou "um insulto à memória de um santo homem" a denominação do grupo terrorista de Comando Padre João Bosco, "porque ele não se envolvia em política".

"Ele só foi morto porque a polícia é despreparada", disse o Brigadeiro.

No momento da explosão estavam no prédio apenas o vigia Severino Francisco de Oliveira e sua namorada Ana Lúcia de Assis Seabra, que nada sofreram. Detidos ali, ambos foram levados para o DPPS, onde permaneceram incommunicáveis. Severino disse que entrou em serviço entre 19h30m e 20h, e que não observou nenhum movimento de estranhos nas imediações.

No Setor de Explosivos da DPPS, peritos que examinaram fragmentos da bomba classificaram de médio o seu teor explosivo. Esses fragmentos serão comparados com os da bomba que explodiu no dia 19 de agosto na Associação Brasileira de Imprensa, da que foi desativada na mesma data na Ordem dos Advogados do Brasil e da que explodiu no dia 3 de setembro na casa do Sr Roberto Marinho.

Buscas inúteis

O Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier e o Almirante Aires Cunha da Silva, também diretor da Xtal, foram avisados do atentado em suas residências e estiveram no local da explosão até as primeiras horas da manhã, acompanhando os trabalhos da polícia. Quando a perícia concluiu seu serviço, o prédio foi fotografado pelo SNI e Cenimar. A polícia realizou durante a madrugada buscas em todas as ruas das imediações, mas sem êxito.

A hipótese inicial de que a bomba tivesse sido lançada do Elevado Paulo de Frontin foi afastada. O teto da garagem desabou porque as vigas de sustentação cederam. E alguém entrou no prédio para espalhar os panfletos.

"Negocinho pequeno"

Por seu texto em baixo nível, os panfletos deixados na Xtal não coincidem, segundo as autoridades de segurança, com as mensagens redigidas anteriormente pela VPR, que está desativada desde 1971. Elas acreditam também não haver qualquer relação entre este e os recentes atentados a bomba ocorridos no Rio. Mesmo assim, é possível que ex-integrantes da VPR sejam detidos para esclarecimentos na DPPS. Agentes de segurança informaram que muitos ativistas da organização clandestina se encontram no Rio, e que o baixo nível na redação do panfleto pode fazer parte de um esquema para desorientar as investigações.

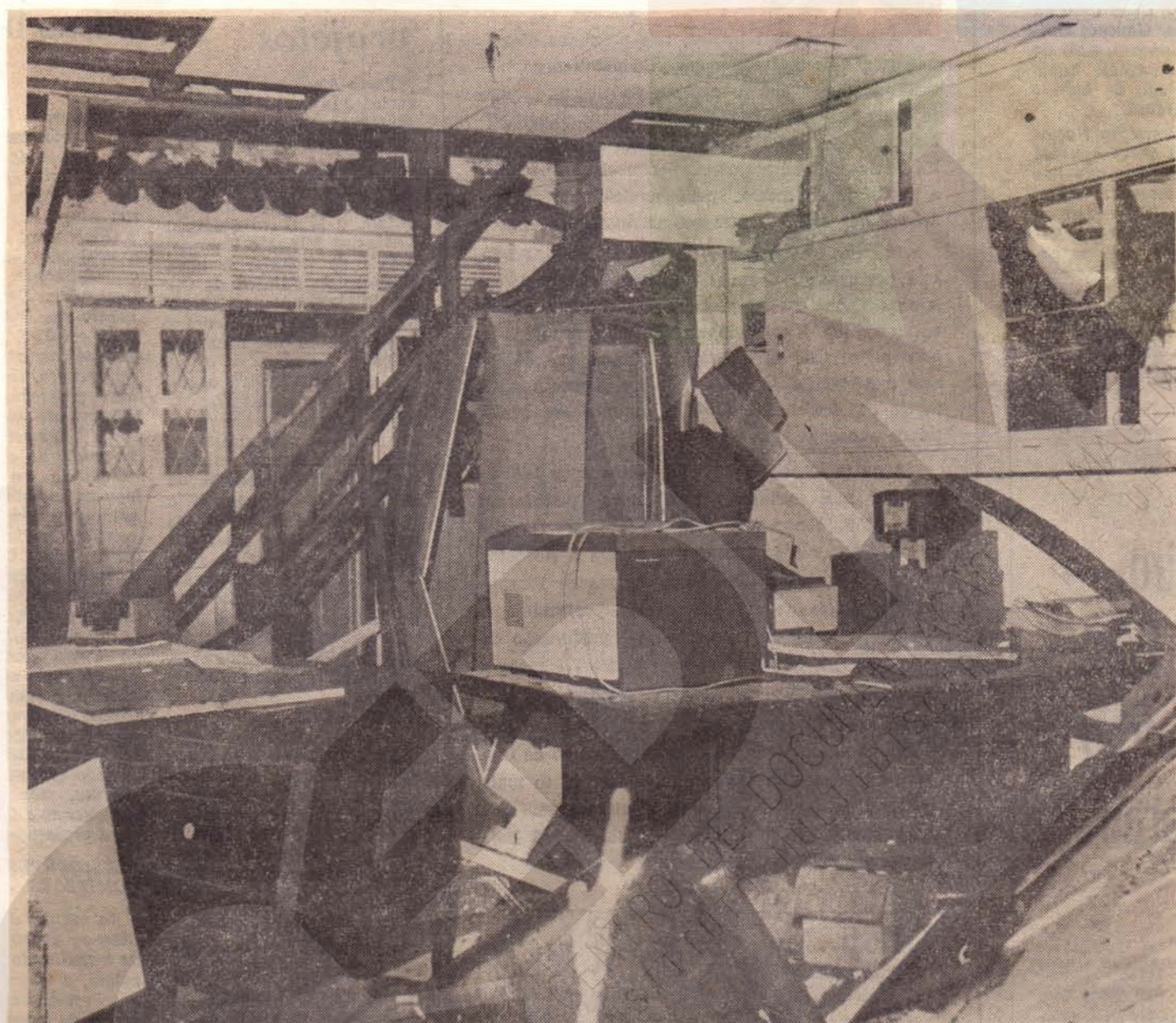
No almoço de ontem no Clube Ginástico Português, o Secretário de Segurança do Estado do Rio, General Osvaldo Inácio Domingues, exibiu ao Governador Faria Lima algumas fotografias do local da explosão.

"Foi um negocinho pequeno, sem maiores problemas", disse o General Domingues, apontando para os fatos. "Só atingiram essa parte da casa, que é feita de madeira."

Federais fora

A Polícia Federal considera que a explosão da bomba ontem no Rio é assunto da alçada da Secretaria de Segurança do Estado, a quem caberá promover todas as investigações e apurar as responsabilidades. O DPF informou em Brasília que somente terá participação nas investigações se houver solicitação do Governo do Estado ao Ministério da Justiça, ou se o Ministro Armando Falcão assim o determinar.

No Rio, às 21h30m, o agente federal Irapuã Azambuja trouxe à Redação do JORNAL DO BRASIL esta comunicação: "De ordem superior, fica sem efeito a solicitação datada de hoje referente à existência de bombas colocadas em alguns locais desta cidade. Podem ser divulgadas notícias relativas ao assunto, Rio, 22 de outubro de 1976. a) José Luchsinger Bulcão, Superintendente Regional/DPF/RJ".



A explosão destruiu o teto, móveis e aparelhos da empresa e provocou rachaduras nas paredes

23 / 10 / 1976

Brigadeiro vê provocação ao Governo

"A firma tem em sua direção oficiais da Marinha, Exército e Aeronáutica, que desempenharam funções influentes, participando ativamente na Revolução de 64. Só posso admitir o atentado como mais uma prova de que os traidores da Pátria, comunistas e pseudo-defensores dos pobres e desamparados, não desejam o progresso do Brasil."

De terno cinza e com um revólver calibre 32 na cintura, o Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier explicou ontem, em sua residência, na Tijuca, por que a empresa Xtal do Brasil S/A sofrera um atentado. Considerou os últimos atentados a bomba — inclusive o ataque ao Bispo de Nova Iguaçu — como "um chamamento da esquerda" e "uma provocação contra o Governo do Presidente Ernesto Geisel", já que tudo tem acontecido durante sua visita ao Rio de Janeiro.

Ataque aos militares

O Brigadeiro Burnier, afirmando ser conhecedor da técnica subversiva, pois chefiou o Serviço Secreto da Aeronáutica, disse que "alguém juntou oito bananas de dinamite e, depois de acender o pavio, atirou-as pela única janela aberta da empresa Xtal. Quanto aos panfletos, foram amontoados na varanda e seu texto foi um ataque direto a mim e a outros militares."

O Brigadeiro, irritado com o acontecimento, declarou ainda que a bomba teve a finalidade de tentar atemorizá-lo, e completou: "Se eles querem a guerra comigo, então, vão ter a guerra. Eles não vão me pegar desprevenido. Como militar da reserva posso andar armado e hoje por acaso estou com um 32, mas na verdade uso uma pistola 45. Ela é mais potente e o seu impacto atira o sujeito a distância. E digo mais, todo mundo na minha casa anda armado."

Voltando a falar sobre a explosão da carga de dinamite, o Brigadeiro garantiu que na sua empresa todos os funcionários são de inteira confiança, portanto a sua conclusão é de que não poderia ter sido obra de algum empregado descontente.

"Os subversivos fizeram isto para poderem continuar com a campanha mentirosa contra o Governo e a propaganda para obterem adesões e adeptos. Esses atos retardam o avanço do progresso, já que a Xtal foi criada com capital totalmente nacional e seus diretores são brasileiros natos".

Informou que a empresa somente iniciará sua produção no próximo mês e pretende atingir o mercado internacional de barras de cristal cultivado e lamínas de cristal cultivado ou natural; e o mercado nacional produzindo unidades de cristal osciladores para receptores de TV a cores. Garantiu ainda que os prejuízos foram de pequena monta, aproximadamente Cr\$ 30 mil.

Serviço eficiente

Sobre a sua vida militar, o Brigadeiro Burnier revelou que foi o criador do Serviço Secreto da Aeronáutica, pois na época (1964) foi inscrito a fazer um curso de especialização no Paraná. Já um pouco descontraído e sorridente disse: "Era Coronel na época e iniciei essa atividade auxiliado por um capitão e um cabo, mas depois da Revolução o setor foi desenvolvido, ainda sob o meu comando".

Sempre afirmando que lamenta profundamente o ocorrido, disse que ele e os outros militares da empresa, todos atualmente na reserva, tiveram atitudes marcantes na Revolução de 64. No seu caso contou que colocou várias cargas de dinamite no Palácio Guanabara para evitar que os comunistas tomassem o prédio.

Sobre o Almirante Ayres Cunha de Andrade, diretor industrial da Xtal, disse ser um militar brilhante e que sua última tarefa na ativa foi como membro da Comissão de Energia Nuclear. Afirmou ainda que todos, mesmo sem pertencerem ao Governo, estão atualmente tentando criar uma empresa para evitar a evasão de dólares. "O projeto da Xtal é pioneiro em sua concepção e tem por objetivo industrializar e comercializar o cristal de quartzo".

Descrivendo a sua carreira militar, o Brigadeiro-do-Ar Burnier, atualmente com 57 anos, apontou dois fatos marcantes em sua vida: o de ter sido preso 30 dias por não querer transportar em avião militar tijolos para a construção de Brasília e a do seu grupo, na época que era do Serviço Secreto da Aeronáutica, ter descoberto o ex-Capitão Lamarca, "um dos mais perigosos subversivos".

"Fiz todos os cursos e desempenhei todas as funções dentro da Aeronáutica. Tirei primeiro lugar no curso do Estado-Maior da Aeronáutica e na Escola Superior de Guerra. Sai aspirante em 1942 e com 29 anos de idade ocupei o posto de Major. Hoje, ninguém com essa idade chega a Major. Cedo (1970) fui nomeado Brigadeiro-do-Ar pelo então Presidente Costa e Silva, mas até agora não entendi por que o Presidente Médici provocou o meu afastamento para a reserva".

Bastante contrariado por voltar a falar em comunistas e subversivos, o Brigadeiro Burnier garantiu que jamais torturou presos políticos ou mandou matá-los. "Espalharam pelo país inteiro que mandei o pessoal do Parasar jogar presos políticos no mar ou atirá-los sem pára-quadras de algum helicóptero. Tudo isso é uma campanha subversiva para me difamar, pois sempre puni os subordinados que tentavam maltratar os presos políticos".

Disse ainda que nunca foi diretor ou responsável por qualquer presidio ou prisão militar, onde foram colocados os presos políticos. Mas garantiu que na campanha contra a sua pessoa chegou a ser acusado no Superior Tribunal Militar por uma senhora, mãe de um preso político torturado.

"Atualmente estou na reserva e meu último posto na ativa foi como Comandante da 3a. Zona Aérea (hoje 3º Comando Aéreo Regional), mas continuo achando que a Revolução de 64 foi um benefício para o país. E também continuo contrário aos comunistas e subversivos. Agora, eles querem repetir no Brasil o que está acontecendo na Argentina. Lembram da morte do ex-Presidente Aramburu (foi morto por terroristas do grupo Montoneros)? Pois bem eles querem fazer o mesmo.

Apesar de ter sua casa guardada por policiais, depois do atentado, o Brigadeiro Burnier não se considera suficientemente protegido. Para ele, os subversivos estão querendo apanhá-lo desprevenido, como no caso Aramburu, e por esta razão pediu para não ser fotografado. Sua foto ajudaria a identificá-lo no meio de uma multidão.

Ontem, a grande preocupação do Brigadeiro era a de informar a dois dos seus seis filhos (três homens e três mulheres) que a explosão da dinamite não passava de uma provocação. "Tenho certeza de que os meus dois filhos, um capitão do Exército e um tenente-aviador, a essa altura estarão pensando que aconteceu alguma coisa comigo. Mas repito, esses comunistas não vão me apanhar tão facilmente como pensam. Conheço como trabalham e com a ajuda dos órgãos de segurança logo nós vamos saber quem ou quais pessoas estão implicadas nisso. Se vierem contra a minha pessoa vão receber é bala."

Finalizando, contou que foi informado da explosão por um funcionário da empresa, na madrugada. Logo a seguir ligou para os órgãos de segurança e foi ao local, onde permaneceu até às 12h. A tarde prestou depoimento no DOPS e foi para sua residência.

"Não vão repetir comigo o que fizeram com aquele capitão americano, fuzilado quando desembarcava de seu automóvel", afirmou.

O Brigadeiro Burnier

O Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier, 57 anos, seis filhos maiores, ocupou seu último comando na 3a. Zona Aérea, quando foi obrigado com 13 colegas a se transferir para a reserva, durante o Governo Médici. Oficial brilhante, 10 anos depois de ingressar na Escola Militar (1939) chegou a major. Em dezembro de 59, como coronel, chefiou a rebelião de Aragarças, contra o Governo de Juscelino Kubitschek. Um de seus oficiais, o então Major Eber Teixeira Pinto, realizou pela primeira vez no mundo um sequestro de aeronave comercial (Constellation da Panair, com 38 passageiros a bordo) com fins políticos, obrigando o piloto a desviar para Aragarças o avião que fazia a linha Rio-Belém.

Exilado na Bolívia, Burnier foi anistiado por Kubitschek. Em 1963 foi para o Panamá, onde fez cursos especiais para criar na Força Aérea seu primeiro serviço secreto.

Promovido a Brigadeiro-do-Ar pelo Presidente Costa e Silva, em 1971 passou para a reserva remunerada. Derrotado no Supremo Tribunal Federal — tentava anular o ato do Presidente Médici — Burnier criou a Xtal do Brasil, empresa destinada a industrializar cristal de quartzo.

23 / 10 / 1976

OAB divulga a "Declaração de Salvador" e encerra a VI Conferência Nacional

Salvador — Os presidentes das seccionais estaduais da OAB divulgaram ontem a Declaração de Salvador, no encerramento da VI Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil. Explicaram, representando a classe, que o documento "é essencial à eficácia da reforma judiciária, à devolução das prerrogativas da Magistratura e ao restabelecimento do habeas corpus".

A Declaração de Salvador diz que "a Nação carece, devido ao seu crescimento, de reformulação substancial na mecânica do Poder Judiciário, assegurando-se o acesso pronto e seguro dos cidadãos aos cancelos legais. A responsabilidade dos juizes e advogados deve se somar a sua independência, em toda a sua perfeição, sendo mantido também o princípio federativo".

ELOGIOS AOS ESTUDANTES

O presidente da OAB nacional, Sr Mário da Silva Pereira, disse, em seu discurso de encerramento, na Retórica da Universidade Federal da Bahia, "que o comparecimento maciço, jamais igualado, é o inequívoco índice de nossa unidade e de nossa conscientização".

Referindo-se à participação dos estudantes de Direito na Conferência, o presidente da OAB afirmou:

"Eu, que vivo há 40 anos entre estudantes e que me afino com suas alegrias, compreendendo suas angústias, percebo suas incertezas, traduzo suas apreensões e justifico suas ambições de disputar o seu lugar considero-me bem pago. Eles são o ideal, aquele, ideal que José Ingenieros definia como impulso do homem rumo à perfeição. Um povo que conta com essa juventude vibrante, traz sempre acesa a chama da esperança e a crença no futuro".

O Sr Cáo Mário da Silva Pereira disse ainda que a Conferência não registrou divergências de base, uma vez que nenhum das teses aprovadas pelas comissões foi rejeitada no plenário. Por complexidade das te-

ses, um ou outro ponto não mereceu aprovação, mas apenas isso".

REFORMA DO JUDICIÁRIO

O advogado Cáo Mário Pereira disse que "a OAB defende, e sempre defendeu, o respeito intransigente aos direitos humanos. Em relação à reforma do Judiciário, o que se conhece dessa anunciada reforma não atende às aspirações dos advogados, no que consideramos suficiente para solucionar os problemas relativos ao funcionamento da Justiça".

"Somos uma classe independente, afirmou. Cada um diz, pensa e fala o que quer. Se todas essas opiniões puderem ser aproveitadas no projeto de reforma do Judiciário, acharemos que terão sido muito bem pagos todos os nossos esforços. Mas do anteprojeto, só subemos o que foi publicado nos jornais. E agora leio que o Ministro Armando Falcão considera que ainda não há um projeto de reforma. Esperamos que, quando vier o projeto em caráter definitivo, ele possa atender melhor às aspirações da classe dos advogados e aos interesses nacionais".

Macedo Soares considera que o brasileiro perdeu a noção de seus direitos

Porto Alegre — O Contra-Almirante José Carlos de Macedo Soares Guimarães disse que o brasileiro necessita adquirir a noção de direito público e a consciência de que paga impostos e "que todo esse pessoal é funcionário público que nós pagamos", mesmo cometendo erros, como o II PND, "que é um plano irreal e absurdo". Ele considerou o Ministério do Presidente Geisel "o pior da história republicana, e não sou eu quem diz isso, é *vox populi*".

"No entanto, o General Geisel não é culpado de todas as dificuldades do país, porque herdou muita coisa do Governo anterior", afirmou, ontem, ao lançar nesta Capital o seu livro *Temos Pressa*. Lembrou que a crise do petróleo é de junho de 1973, e na época o Governo não tomou qualquer providência. "Mas errado foi, um ano e meio depois, em janeiro de 1975, terem publicado o II PND, que é um plano irreal e absurdo, e consequência do nosso ufanismo, da idéia de que o Brasil é um oásis no mundo contemporâneo. Vemos que não é".

RESPONSABILIDADE

Depois de defender a livre iniciativa e a quebra do monopólio do petróleo para permitir que empresas brasileiras também participem da prospecção, porque "os brasileiros da Petrobrás não são mais brasileiros do que os de outras empresas", o Contra-Almirante Soares Guimarães responsabilizou os gastos públicos pela inflação do país.

Citou a Petrobrás que, enquanto encaminhava ao Congresso pedido de aumento de 50% nas taxas portuárias, gasta Cr\$ 160 milhões para se transferir para Brasília. "Estamos em crise, não é hora de mudar. Primeiro é preciso mostrar eficiência", destacou.

"Não vejo medidas eficientes no plano econômico para os nossos problemas. Considero, entretanto, que todo o estado atual de coisas vem principalmente do problema do petróleo, porque importamos a inflação externa. E estamos numa encruzilhada com relação ao petróleo. Eu já teria adotado o racionamento há dois anos atrás. Imaginem se os países da OPEP acertarem um aumento de 15% no preço do petróleo. Isso será uma sangria de mais de 600 milhões de dólares para o Brasil, que está numa situa-

exemplo do fracasso da política econômica-financeira do Governo".

MEDO

Para o Contra-Almirante, que antes citou o artigo *Os Militares e a Distensão*, incluído em seu livro, "não há um sistema organizado dando ordens ao Presidente da República. O sistema é uma desculpa. Os militares da ativa estão entregues aos seus afazeres e um militar no Governo passa a ser civil".

Mas, ressaltou, a "Revolução brasileira está incorrendo no mesmo erro da ditadura de Getúlio, impedindo a formação de líderes. Quando terminar o Governo Geisel serão 15 anos de Revolução e onde estão os novos líderes?"

"Não é possível ter democracia assim. Precisamos começar a pensar como gente grande, dar força ao Judiciário, que é o caminho da democracia, e falar um pouco mais". "Não tenho medo moral, posso ter medo físico, mas não tenho medo de ser preso. O que existe no Brasil sobre posições que estamos tomando é completo alheamento de problemas que vivemos. E quando alguém diz alguma coisa diferente, parece ter muita coragem. Reconheço em Vargas um estadista, mas

OAB divulga a "Declaração de Salvador" e encerra a VI Conferência Nacional

Salvador — Os presidentes das seccionais estaduais da OAB divulgaram ontem a Declaração de Salvador, no encerramento da VI Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil. Explicaram, representando a classe, que o documento "é essencial à eficácia da reforma judiciária, à devolução das prerrogativas da Magistratura e ao restabelecimento do habeas corpus".

A Declaração de Salvador diz que "a Nação carece, devido ao seu crescimento, de reformulação substancial na mecânica do Poder Judiciário, assegurando-se o acesso pronto e seguro dos cidadãos aos cancelos legais. A responsabilidade dos juizes e advogados deve se somar a sua independência, em toda a sua perfeição, sendo mantido também o princípio federativo".

ELOGIOS AOS ESTUDANTES

O presidente da OAB nacional, Sr Mário da Silva Pereira, disse, em seu discurso de encerramento, na Retórica da Universidade Federal da Bahia, "que o comparecimento maciço, jamais igualado, é o inequívoco índice de nossa unidade e de nossa conscientização".

Referindo-se à participação dos estudantes de Direito na Conferência, o presidente da OAB afirmou:

"Eu, que vivo há 40 anos entre estudantes e que me afino com suas alegrias, compreendendo suas angústias, percebo suas incertezas, traduzo suas apreensões e justifico suas ambições de disputar o seu lugar considero-me bem pago. Eles são o ideal, aquele, ideal que José Ingenieros definia como impulso do homem rumo à perfeição. Um povo que conta com essa juventude vibrante, traz sempre acesa a chama da esperança e a crença no futuro".

O Sr Cáo Mário da Silva Pereira disse ainda que a Conferência não registrou divergências de base, uma vez que nenhum das teses aprovadas pelas comissões foi rejeitada no plenário. Por complexidade das te-

ses, um ou outro ponto não mereceu aprovação, mas apenas isso".

REFORMA DO JUDICIÁRIO

O advogado Cáo Mário Pereira disse que "a OAB defende, e sempre defendeu, o respeito intransigente aos direitos humanos. Em relação à reforma do Judiciário, o que se conhece dessa anunciada reforma não atende às aspirações dos advogados, no que consideramos suficiente para solucionar os problemas relativos ao funcionamento da Justiça".

"Somos uma classe independente, afirmou. Cada um diz, pensa e fala o que quer. Se todas essas opiniões puderem ser aproveitadas no projeto de reforma do Judiciário, acharemos que terão sido muito bem pagos todos os nossos esforços. Mas do anteprojeto, só soubemos o que foi publicado nos jornais. E agora leio que o Ministro Armando Falcão considera que ainda não há um projeto de reforma. Esperamos que, quando vier o projeto em caráter definitivo, ele possa atender melhor às aspirações da classe dos advogados e aos interesses nacionais".

Macedo Soares considera que o brasileiro perdeu a noção de seus direitos

Porto Alegre — O Contra-Almirante José Carlos de Macedo Soares Guimarães disse que o brasileiro necessita adquirir a noção de direito público e a consciência de que paga impostos e "que todo esse pessoal é funcionário público que nós pagamos", mesmo cometendo erros, como o II PND, "que é um plano irreal e absurdo". Ele considerou o Ministério do Presidente Geisel "o pior da história republicana, e não sou eu quem diz isso, é *vox populi*".

"No entanto, o General Geisel não é culpado de todas as dificuldades do país, porque herdou muita coisa do Governo anterior", afirmou, ontem, ao lançar nesta Capital o seu livro *Temos Pressa*. Lembrou que a crise do petróleo é de junho de 1973, e na época o Governo não tomou qualquer providência. "Mas errado foi, um ano e meio depois, em janeiro de 1975, terem publicado o II PND, que é um plano irreal e absurdo, e consequência do nosso ufanismo, da idéia de que o Brasil é um oásis no mundo contemporâneo. Vemos que não é".

RESPONSABILIDADE

Depois de defender a livre iniciativa e a quebra do monopólio do petróleo para permitir que empresas brasileiras também participem da prospecção, porque "os brasileiros da Petrobrás não são mais brasileiros do que os de outras empresas", o Contra-Almirante Soares Guimarães responsabilizou os gastos públicos pela inflação do país.

Citou a Portobrás que, enquanto encaminhou ao Congresso pedido de aumento de 50% nas taxas portuárias, gasta Cr\$ 160 milhões para se transferir para Brasília. "Estamos em crise, não é hora de mudar. Primeiro é preciso mostrar eficiência", destacou.

"Não vejo medidas eficientes no plano econômico para os nossos problemas. Considero, entretanto, que todo o estado atual de coisas vem principalmente do problema do petróleo, porque importamos a inflação externa. E estamos numa encrucenra com relação ao petróleo. Eu já teria adotado o racionamento há dois anos atrás. Imaginem se os países da OPEP acertarem um aumento de 15% no preço do petróleo. Isso será uma sangria de mais de 600 milhões de dólares para o Brasil, que está numa situação seriíssima. O nosso déficit de conta corrente deverá chegar a 6 bilhões de dólares, quando, no começo do ano, a promessa do Ministro da Fazenda era de 1 bilhão. Este é mais um

exemplo do fracasso da política econômica-financeira do Governo".

MEDO

Para o Contra-Almirante, que antes citou o artigo *Os Militares e a Distensão*, incluído em seu livro, "não há um sistema organizado dando ordens ao Presidente da República. O sistema é uma desculpa. Os militares da ativa estão entregues aos seus afazeres e um militar no Governo passa a ser civil".

Mas, ressaltou, a "Revolução brasileira está incorrendo no mesmo erro da ditadura de Getúlio, impedindo a formação de líderes. Quando terminar o Governo Geisel serão 15 anos de Revolução e onde estão os novos líderes?"

"Não é possível ter democracia assim. Precisamos começar a pensar como gente grande, dar força ao Judiciário, que é o caminho da democracia, e falar um pouco mais". "Não tenho medo moral, posso ter medo físico, mas não tenho medo de ser preso. O que existe no Brasil sobre posições que estamos tomando é completo alheamento de problemas que vivemos. E quando alguém diz alguma coisa diferente, parece ter muita coragem. Reconheço em Vargas um estadista, mas sua ditadura foi responsável pelo decréscimo da liberdade e, com ela, o brasileiro passou a ter medo" — concluiu o Contra-Almirante Macedo Soares Guimarães.

Atitude de Geisel deixa Cardeal feliz

28.10.76

O Cardeal Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão, considerou "altamente significativa" a conversa do Chefe do Governo com o Bispo de Juiz de Fora e afirmou que não foi surpresa para ele, "que sempre teve uma opinião favorável do Presidente Geisel. Continuo com o mesmo espírito de sempre: nunca adotei o estilo de rompimento entre a Igreja e o Estado".

Segundo o Cardeal, que ontem comemorou 30 anos de bispado, as providências no caso da morte do Padre João Bosco Burnier Penido já foram tomadas pelo Presidente. "E estou absolutamente convencido de que o Governo marcará também presença positiva no episódio de Dom Adriano Hipólito, que considero de gravidade singular, por ter sido planejado e executado friamente". (Página 5)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

D Avelar elogia conversa de Geisel com D Geraldo

Salvador — "Um gesto altamente significativo, que revelou todos os sentimentos constitutivos da formação do Presidente Geisel", foi como o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Cardeal Avelar Brandão, definiu ontem a iniciativa tomada pelo Presidente da República em conversa, em Juiz de Fora, com o Arcebispo Geraldo Maria de Moraes Penido, primo do Padre João Bosco Burnier, assassinado recentemente em Mato Grosso.

Dom Avelar Brandão comemorou ontem, com missa e uma encenação bíblica do Sermão da Montanha realizadas no pátio do Colégio Antonio Vieira, seus 30 anos como Bispo e mais 11 como Padre, quando afirmou que esse itinerário de 41 anos de sacerdócio o deixa satisfeito "na medida em que procurei fazer sempre aquilo que me foi possível fazer".

Confiança no Governo

Para Dom Avelar, o gesto presidencial em Minas Gerais "não foi surpresa para mim, porque sempre tive do Presidente Geisel essa impressão favorável. De minha parte continuo com o mesmo espírito de sempre: nunca adotei o estilo de rompimento entre Estado e Igreja, porque não havia razão para isso, se encaramos os fatos de uma posição adulta".

"Estamos diante de dois fatos", disse Dom Avelar: "A morte do Padre Burnier, com todas as providências já tomadas e outras anunciadas, o fato ligado ao despreparo policial, que foi levantado pelo Presidente Geisel, e o caso de Dom Adriano Hipólito, que considero de gravidade singular, por ter sido uma coisa planejada e executada friamente. Mas estou absolutamente convencido de que o Governo do nosso país marcará também presença positiva nesse episódio".

"No momento, o que temos a fazer é tomar uma posição adulta, ou seja, tomar o caminho certo: manifestar o desagrado pelo acontecimento e sua gra-

vidade, e pedir providências de maneira confiante no Governo. Só ficarei mais tranquilo quando vir uma resposta mais clara sobre o episódio de Dom Adriano Hipólito, onde a agressão moral foi ainda pior que a agressão física e que deixou toda a Igreja ferida".

Um obstinado pela paz

Natural de Viçosa, em Alagoas, Dom Avelar Brandão nasceu em 13 de junho de 1912, e foi num dia de Cristo Rei — que caiu num 27 de outubro — que foi ordenado Padre. Onze anos mais tarde, foi sagrado Bispo também na mesma festa, que coincidiu também com a data de 27 de outubro. Atualmente, a festa do Cristo Rei é comemorada no último domingo de novembro.

— Esse itinerário de 41 anos de missão sacerdotal, coloca diante de mim três perguntas: o que pude fazer, o que deixei de fazer e o que ainda deverei e poderei fazer. Ai está a história de um idealismo que sempre pisou na realidade do dia-a-dia, na poeira das estradas" — disse Dom Avelar.

Como orientação pastoral, lembrou, "desde os primórdios da minha vida de Padre, tive por norma evangelizar e humanizar. Sempre olhei o homem não como alma separada do corpo, mas como unidade físico-psíquica com necessidades temporais e eternas".

— Sempre fui um propugnador da paz, um inveterado e obstinado propugnador da paz no seu mais amplo e profundo conceito: a paz interior, que é o encontro da pessoa consigo mesma em Deus, e a paz exterior, que é o encontro das pessoas entre si na convivência justa e correta. A paz social, enfim. Uma paz social que só pode florescer e frutificar quando nasce e decorre do amor e da justiça. Coloquei-me sempre diante desses valores, que são valores immanentes e transcendentais ao mesmo tempo — disse Dom Avelar em seu sermão durante a missa comemorativa dos seus 41 anos de vida sacerdotal, que contou com a presença de numerosos religiosos.



Bispo nega cisão com Estado

Belo Horizonte — O Bispo-Auxiliar de Belo Horizonte, Dom Serafim Fernandes de Araujo, comentando ontem o encontro entre o Presidente Ernesto Geisel e o Arcebispo de Juiz de Fora, Dom Geraldo Moraes Penido Burnier, afirmou que "a Igreja e o Estado nunca estiveram separados, mas existe um respeito mútuo, e cada um tem liberdade total de dizer o que pensa".

Disse Dom Serafim, Reitor da Universidade Católica de Minas Gerais — que a conversa entre o Arcebispo de Juiz de Fora e o Chefe do Governo foi o acontecimento principal da visita presidencial àquela cidade, "pois o Presidente procurou o diálogo num momento em que as relações Igreja-Estado pareciam enfraquecer-se".

Humano

Acrescentou o Bispo-Auxiliar de Belo Horizonte que o "gesto do Presidente

Ernesto Geisel demonstra sua grandeza de homem profundamente humano".

— O Presidente da República — disse — deixou claro que o caso do Padre João Bosco Burnier foi um caso isolado, que não afetou as relações Igreja-Estado.

Já o presidente do Diretório Regional do MDB, Deputado Jorge Ferraz, entende que "a Igreja e o Governo estão se afastando cada vez mais um do outro".

— O pensamento da Igreja se aproxima muito das teses defendidas pelo MDB. Estas teses são, evidentemente, contrárias às do Governo.

O presidente da Arena de Minas, Deputado Carlos Elói comentou, porém, não ter a conversa se constituído em novidade. "O Presidente Ernesto Geisel sempre combateu qualquer tipo de tortura e sempre manteve um diálogo aberto com a Igreja".

Brossard analisa as declarações

Brasília — Para o Senador Paulo Brossard (MDB-RS), as declarações do Presidente Ernesto Geisel feitas ao Arcebispo de Juiz de Fora têm "aspectos positivos e negativos, mas uma falha fundamental, pois o importante seria que o Chefe do Governo pudesse proclamar não existir mais este processo ilegal e imoral de torturas".

— Pelo que entendi — afirmou o Senador gaúcho — o Presidente disse que há torturas e que no Exército há ordens para evitar isso. O Presidente reconhece assim a existência de tortura e a veracidade de sua palavra é um aspecto positivo, em contraste com a palavra de outras pessoas investidas de autoridades que negam o fato.

"O aspecto negativo" — prosseguiu o Senador Paulo Brossard — "é o reconhecimento de que há. O Governo, todopoderoso, não devia lamentar a existência de tortura, mas proclamar que, se encontrou tortura ao assumir, por sua ordem e por sua autoridade ela deixará de existir. Lamento que o Presidente não tenha podido dizer isso: "Havia tortura, mas meu Governo pôs fim a esse processo ilegal e imoral". De outro lado, parece-me que faltou alguma coisa às palavras presidenciais. É que nada disse sobre responsabilização daqueles que torturavam ou torturam. Esta impunidade seria uma espécie de anistia, o que não me parece correto e não pode ter o meu aplauso."

29 /10 / 1976

"Nisi granum" ...

Tristão de Athayde

Bz 29-10-76

Continuam soltos os sequestradores do Bispo D Adriano Hipólito. Continuam ignorados os lançadores de bombas na ABI, na CNBB, na OAB, e numa escola paulista de Estudos Sociais, confessadamente jogadas por uma misteriosa Ação Anticomunista. E se multiplicam, ao mesmo tempo, os assassinatos cometidos por aqueles, cuja função é precisamente combater a criminalidade. Os mais bárbaros e mais recentes são, sem dúvida, os praticados em Mato Grosso. Dois deles contra missionários, o salesiano Rudolf Lunkenheim, e o jesuíta nosso patrício João Bosco Penido Burnier. Essa série de crimes, cometidos pelas forças chamadas "da ordem" ou por latifundiários e agentes de grandes empresas, empenhadas em destruir os indígenas e desapropriar pequenos posseiros, mostra como há, realmente, alguma coisa de podre em nossa ordem social vigente. Contra ela, no mundo de hoje, se levantam duas grandes forças. Uma, em nome de novas forças militares e tecnocráticas, concentradas em estruturas rígidas de Poder, nos Estados totalitários comunistas. A experiência, de mais de meio século de socialismo no Poder, na Rússia, no Oriente europeu, na China ou em Cuba, nos vem mostrando que a Força, quando apenas muda de mãos, mesmo que mude também de classes, como nesses países, mas sem o devido respeito pela liberdade e pelos direitos de cada ser humano, anteriores e superiores aos de qualquer Partido político ou instituição estatal — quando isso acontece os males continuam os mesmos. A liberdade continua a ser espezinhada. A repressão policial continua a ser implacável. Os direitos pessoais continuam a ser desconhecidos. A imprensa continua a ser esmagada pela censura. Em suma, terá sido desperdiçada uma revolução a mais. E o ceticismo, que tal fato comunica, é tão grave como o ceticismo daqueles que se conformam com as injustiças capitalistas vigentes, como a opressão dos fracos, pelos fortes, dos pobres pelos ricos, dos governados pelos governantes, sob pretexto de que esses males "são inevitáveis".

A outra força que se levanta tra esses males e os erros de

uma sociedade capitalista, baseada apenas na liberdade dos interesses econômicos e não nas exigências de uma justiça distributiva, que limite essa liberdade *individualista*, para garantir uma equidade coletiva maior, na repartição dos bens materiais e na garantia dos direitos pessoais — essa outra força é precisamente aquela que está sendo atualmente vítima dos atentados e assassinatos, que vêm revoltando a opinião pública nacional, ainda não anestesiada pelo ceticismo conformista. O frio assassinato desses dois santos missionários e as ameaças lançadas diariamente contra outros, como o Padre Schneider, S. J., o Padre Kauling, S. J., e o grande Bispo D Pedro Casaldáliga, da prelazia de São Félix, bem mostram como há toda uma conspiração organizada para atemorizar a ação da Igreja, em defesa daqueles que não têm vez nem voz. Quando D Pedro Casaldáliga (há tempos ameaçado da mesma expulsão do Brasil, de que foi vítima o missionário francês Padre Gentel, pelas mesmas "culpas"), foi à delegacia local de polícia, acompanhado do Padre João Bosco, foram defender duas pobres mulheres torturadas e indefesas. Não se tratava, porém, de uma atitude isolada. Era a expressão de uma retomada da missão imemorial da Igreja, em sua função específica. Como disse tão bem o comunicado da Diretoria Nacional dos Religiosos do Brasil: "A Igreja esteve não raro, no Brasil e no mundo, vinculada ao Poder, privilegiada pelos grandes. Seu recente esforço para continuar a missão de Jesus Cristo, numa linha de proximidade ao Homem e aos pequenos dentre os homens, é que torna vulnerável essa Igreja, antes quase inatingível. Ela se faz participante do destino dos pobres. É perseguida como eles. Morre como eles... A morte de Padre Burnier, mártir da caridade, é fruto fecundo deste processo de crescimento interno da Igreja... Essa morte vivida nos questiona a todos. Grandes e pequenos. Ricos e pobres. Governo e Igreja".

Nessa mesma linha é que vêm atuando, há muito, D Hélder Câmara, em sua diocese e tantos outros nas deles. E, por isso, são frequentemente vilipendiados aqui ou

expulsos de um país vizinho, como Dom Padim e Dom Frágoso, pois as forças demoníacas ou humanas que aqui desconhecem a justiça, não atuam apenas entre nós.

Na Argentina, já se conta por mais de uma quinzena o número de sacerdotes presos ou assassinados, por "pregarem idéias esquerdistas". Pois a onda reacionária, que ultimamente vem assumindo o Poder na América Latina, escolheu a Igreja como seu alvo predileto. Em vez de nela ver, como devia, o maior reduto, não para substituir um tipo de injustiça social *individualista*, por outro tipo de injustiça social *coletivista*, e sim o da defesa dos princípios eternos de liberdade e de justiça, tanto pelos leigos como pelos sacerdotes. Ainda há dias o advogado Sobral Pinto, bravo entre os bravos, dizia em São Paulo: "É o que está acontecendo no Brasil: sob o pretexto de se vencer o comunismo, na realidade se implantou no país uma ditadura férrea, uma ditadura que não tem nem ao menos a coragem de se apresentar como tal, como acontece em outras nações. É uma ditadura que procura disfarçar, como democracia, um regime onde só há um Poder, o Executivo". (cf. *Folha de São Paulo*, 15/10/76). Quanto ao assassinato desses dois últimos mártires da Fé e os sofrimentos e perseguições de que está sendo vítima a Igreja, isso só consegue demonstrar que a única alternativa, para os regimes de Força e de Privilégio, é a ação lenta e pertinaz, contra todas as formas de injustiça e de perseguição. Como escreveu um jovem dominicano, Ivo Lesbaupin, ainda na Penitenciária Regional de Presidente Wenceslau, em maio de 1973: "A perseguição grassa. O clima é de angústia e preocupação. A incerteza paira no ar. No meio da tribulação, porém, há uma esperança, mais forte do que qualquer sofrimento, uma certeza que firma e anima os cristãos, pois, como diz o Apocalipse (I, 17-18): "Não temas nada, sou eu, o Primeiro e o Último, o que Vive. Estive morto e eis-me aqui vivo, pelos séculos dos séculos. Tenho as chaves da morte e da região dos mortos" (Ivo Lesbaupin. *A Bem-Aventura dos Oprimidos*. Ed. Vozes, 1975, pg. 94).

O tricentenário diocesano carioca

Tristão de Athayde

Este mês de novembro de 1976 representa, para nós católicos cariocas, um marco decisivo, no tempo e no espírito. Um século antes que o povo norte-americano conquistasse a sua independência política, o povo carioca recebia a sua autonomia religiosa. Pois o sentido profundo do cristianismo, e nele o da criação de uma célula viva do Corpo Místico do Cristo, segundo a nossa Fé, é o da acesso à liberdade autêntica, pela autonomia comunitária e pela responsabilidade. Pois uma diocese, ou é uma expressão plena de vida espiritual, ou não passa de uma simples organização administrativa, como outra qualquer.

Acontece ainda que, neste dia 4 de novembro, antecipando-me ao da festividade solene do dia 16, passa pelos fiéis desta diocese uma sombra, que nos faz lembrar o sentido da morte, como começo e não fim da verdadeira vida. Foi assim que, nesta data, há 48 anos, o mar do Joã levou para a eternidade uma das mocidades mais luminosas da nossa geração, Jackson de Figueiredo. Como, agora mesmo mal 30 dias se passaram da humilhação redentora de que foi vítima um dos pastores mais santos desta mesma arquidiocese, o Bispo Dom Adriano Hipólito.

E com a morte ou o sofrimento, que o mistério do nosso destino tece a vida espiritual dessas comunidades em Cristo, iniciadas por São Paulo nas margens do Mediterrâneo e que representam, até hoje, por mais obscuras que sejam, o mais puro fermento da história do mundo.

Recordar, portanto, neste mês do tricentenário de nossa Igreja carioca, um jovem leigo levado pela morte violenta aos 37 anos de idade, ao mesmo tempo que evocar o sacrifício de um sacerdote, vítima do seu amor pelos mais pobres e injustiçados, é colocar, sob o signo do Espírito, uma comemoração que não deve ser apenas festiva, mas redentora e fecunda, para a renovação contínua do nosso espírito.

cu representa a sua continuidade (assim como as ameaças contra o de Volta Redonda), no mesmo sentido sobrenatural.

Se me fosse permitido encontrar, nessa linha de continuidade religiosa, um sinal marcante deste nosso século XX, eu diria o seguinte. Até então, os pastores do rebanho carioca (pois a terminologia de uma sociedade pastoril, como a dos tempos patrísticos, se aplica perfeitamente às sociedades industriais do nosso tempo, pois uma das missões do cristianismo é, precisamente, mostrar o que há de eterno, no homem, através de todas as vicissitudes e revoluções históricas), os pastores do rebanho carioca, repito, viveram até então para o povo. A partir do início do nosso século, passaram a viver com o povo.

Não se veja, nessa nova atitude, uma ruptura, mas uma continuidade, dentro das novas exigências que o tempo introduz nas aplicações concretas de uma mensagem de Eternidade. Por muito tempo, os bispos diocesanos ou arquidiocesanos, desta e de outras circunscrições eclesiais, representaram, como igualmente os nossos dirigentes políticos, o papel da Autoridade, exercida de longe e de cima para baixo, voltada para o bem do povo, ao menos em intenção, mas dele separada por uma tradição, um hábito ou uma rotina, de misterio e de distância, cercada de uma soliação, aparentemente necessária ao exercício do poder de mando, quer civil, quer religioso.

O que os novos tempos trouxeram, por toda parte e particularmente para nós, neste século XX, foi sem dúvida uma aproximação maior do Governo com o povo; dos dirigentes com os dirigidos, da autoridade que desce com a liberdade que sobe. O que ocorreu no plano político entre nós, ao menos teoricamente (pois na prática, o que aconteceu foi, muitas vezes, o contrário...), com a passagem de um regime monárquico a um regime republicano, ocorreu outrossim com a

deixar Dom Sebastião Leme. Não foi à toa que ocorreu, ao mesmo tempo, uma aproximação pessoal da maior autoridade diocesana, nessas duas primeiras décadas do novo século, com um leigo recém-convertido, como foi Jackson de Figueiredo. Era o pastor que descia e o rebanho que subia, no sentido de uma ação conjunta.

Tratava-se, então, do primeiro contato, franco e pessoal, da autoridade diocesana com o povo carioca, nesse momento representado pelo jovem intelectual sergipano. Não foi à toa que as três maiores realizações do Cardeal Leme, a Ação Católica, a Liga Eleitoral Católica e a Universidade Católica, tivessem o cunho específico de uma aproximação com o povo. Esse povo era, então, representado por uma elite intelectual, no plano propriamente cultural e pela classe média, no plano político. Já em 1916, quando Arcebispo de Olinda e Recife, o futuro segundo Cardeal brasileiro lançou forte apelo, em uma famosa Pastoral, para a necessidade de uma tomada de consciência mais profunda e mais autêntica do povo brasileiro, nominalmente católico, para as consequências práticas efetivas de uma Fé, até então mais tradicional e convencional, que efetivamente vivida.

A originalidade da obra pastoral de Dom Sebastião Leme, em nosso século, foi precisamente trabalhar com o povo e não apenas para o povo, através das autoridades públicas e das elites sociais. Essa presença da Igreja junto ao povo, tanto no plano educativo (o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, desde 1931); no plano cultural (a fundação do Centro Dom Vital e a revista *A Ordem* em 1921/1922 e, posteriormente, a da Universidade Católica); como no plano político (a LEC e a Constituinte de 1934), foi uma consequência desse conceito novo, digamos assim, da missão eclesial junto ao povo, que foi introduzida na Arquidiocese carioca e dela irradiou pelo Brasil afora, nesse início do século XX.

Este mês de novembro de 1976 representa, para nós católicos cariocas, um marco decisivo, no tempo e no espírito. Um século antes que o povo norte-americano conquistasse a sua independência política, o povo carioca recebia a sua autonomia religiosa. Pois o sentido profundo do cristianismo, e nele o da criação de uma célula viva do Corpo Místico do Cristo, segundo a nossa Fé, é o da acesso à liberdade autêntica, ~~para~~ autonomia comunitária e pela responsabilidade. Pois uma diocese, ou é uma expressão plena de vida espiritual, ou não passa de uma simples organização administrativa, como outra qualquer.

Acontece ainda que, neste dia 4 de novembro, antecipando-me ao da festividade solene do dia 16, passa pelos fiéis desta diocese uma sombra, que nos faz lembrar o sentido da morte, como começo e não fim da verdadeira vida. Foi assim que, nesta data, há 48 anos, o mar do Joã levou para a eternidade uma das mocidades mais luminosas da nossa geração, Jackson de Figueiredo. Como, agora mesmo mal 30 dias se passaram da humilhação redentora de que foi vítima um dos pastores mais santos desta mesma arquidiocese, o Bispo Dom Adriano Hipólito.

E com a morte ou o sofrimento, que o mistério do nosso destino tece a vida espiritual dessas comunidades em Cristo, iniciadas por São Paulo nas margens do Mediterrâneo e que representam, até hoje, por mais obscuras que sejam, o mais puro fermento da história do mundo.

Recordar, portanto, neste mês do tricentenário de nossa Igreja carioca, um jovem leigo levado pela morte violenta aos 37 anos de idade, ao mesmo tempo que evocar o sacrifício de um sacerdote, vítima do seu amor pelos mais pobres e injustiçados, é colocar, sob o signo do Espírito, uma comemoração que não deve ser apenas festiva, mas redentora e fecunda, para a renovação continua do nosso espírito.

A conversão e a morte prematura do autor de *Pascal e a Inquietação Moderna*, no início deste nosso século, representaram de certo modo o começo de uma nova fase em nossa história diocesana. Como o testemunho do Bispo de Nova Igua-

çu representa a sua continuidade (assim como as ameaças contra o de Volta Redonda), no mesmo sentido sobrenatural.

Se me fosse permitido encontrar, nessa linha de continuidade religiosa, um sinal marcante deste nosso século XX, eu diria o seguinte. Até então, os pastores do rebanho carioca (pois a terminologia de uma sociedade pastoral, como a dos tempos patrísticos, se aplica perfeitamente às sociedades industriais do nosso tempo, pois uma das missões do cristianismo é, precisamente, mostrar o que há de eterno, no homem, através de todas as vicissitudes e revoluções históricas), os pastores do rebanho carioca, repito, *viveram até então para o povo*. A partir do início do nosso século, passaram a viver *com o povo*.

Não se veja, nessa nova atitude, uma ruptura, mas uma continuidade, dentro das novas exigências que o tempo introduz nas aplicações concretas de uma mensagem de Eternidade. Por muito tempo, os bispos diocesanos ou arquidiocesanos, desta e de outras circunscrições eclesiais, representaram, como igualmente os nossos dirigentes políticos, o papel da Autoridade, exercida de longe e de cima para baixo, voltada *para o bem do povo*, ao menos em intenção, mas dele separada por uma tradição, um hábito ou uma rotina, de *mistério* e de *distância*, cercada de uma *soliação*, aparentemente necessária ao exercício ao poder de mando, quer civil, quer religioso.

O que os novos tempos trouxeram, por toda parte e particularmente para nós, neste século XX, foi sem dúvida uma aproximação maior do Governo com o povo; dos dirigentes com os dirigidos, da autoridade que desce com a liberdade que sobe. O que ocorreu no plano político entre nós, ao menos teoricamente (pois na prática, o que aconteceu foi, muitas vezes, o contrário...), com a passagem de um regime monárquico a um regime republicano, ocorreu outrossim com a Igreja, no seu plano espiritual e no modo de levar o fermento evangélico à população. No caso o povo carioca.

O primeiro Bispo do século, que representou essa mutação, foi a figura inescutível e singular do Car-

deal Dom Sebastião Leme. Não foi à toa que ocorreu, ao mesmo tempo, uma aproximação *pessoal* da maior autoridade diocesana, nessas duas primeiras décadas do novo século, com um leigo recém-convertido, como foi Jackson de Figueiredo. Era o pastor que descia e o rebanho que subia, no sentido de uma ação conjunta.

Tratava-se, então, do primeiro contato, franco e pessoal, da autoridade diocesana com o povo carioca, nesse momento representado pelo jovem intelectual sergipano. Não foi à toa que as três maiores realizações do Cardeal Leme, a Ação Católica, a Liga Eleitoral Católica e a Universidade Católica, tivessem o cunho específico de uma aproximação *com o povo*. Esse povo era, então, representado por uma elite intelectual, no plano propriamente cultural e pela classe média, no plano político. Já em 1916, quando Arcebispo de Olinda e Recife, o futuro segundo Cardeal brasileiro lançara forte apelo, em uma famosa Pastoral, para a necessidade de uma tomada de consciência mais profunda e mais autêntica do povo brasileiro, *nominalmente* católico, para as consequências práticas efetivas de uma Fé, até então mais tradicional e convencional, que efetivamente vivida.

A originalidade da obra pastoral de Dom Sebastião Leme, em nosso século, foi precisamente trabalhar *com o povo* e não apenas *para o povo*, através das autoridades públicas e das elites sociais. Essa presença da Igreja junto ao povo, tanto no plano educativo (o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, desde 1931); no plano cultural (a fundação do Centro Dom Vital e a revista *A Ordem* em 1921/1922 e, posteriormente, a da Universidade Católica); como no plano político (a LEC e a Constituinte de 1934), foi uma consequência desse conceito novo, digamos assim, da missão eclesialística junto ao povo, que foi introduzida na Arquidiocese carioca e dela irradiou pelo Brasil afora, nesse início do século XX.

Dai podermos falar da passagem de um tipo de autoridade (para o povo), a um novo tipo de autoridade (com o povo), que desde então vai caracterizar nossa Arquidiocese no tricentenário de sua fundação.

D. Vicente não concorda com *W8. 16-11-76 Rel.* acusações repetidas da CNBB

Porto Alegre — Depois de advertir sobre a responsabilidade dos eleitos para ampliar as bases sólidas da ordem institucional, o Cardeal Vicente Scherer afirmou não ter aprovado integralmente o comunicado pastoral da CNBB, a ser divulgado após as eleições, por considerar que "mais vale um esforço positivo para melhorar as situações insustentáveis da violação dos direitos que recorrer a incessantes incriminações verbais".

— A situação descrita no Comunicado Pastoral ao Povo de Deus e as conclusões que dele se tiram, não me parecem corresponder à realidade global do país nem, principalmente, verificar-se no Rio Grande do Sul. O aperfeiçoamento das instituições políticas e sociais se alcançará pela vigilância permanente e a colaboração generosa de todos em espírito de verdade, de justiça e de amor", salientou o prelado gaúcho, na sua alocução semanal *A Voz do Pastor*.

Colaboração

Para o Cardeal Vicente Scherer, a Igreja, na sua missão profética, "louva os êxitos obtidos, para incentivá-los, e aponta falhas e abusos em defesa dos direitos particulares de grupos e do bem comum". Acrescenta que "suas advertências e suas críticas não de apolar-se em fatos concretos e comprovados que ficaram sem providências e sem correção".

Depois de lembrar que existem os tribunais para pleitear direitos violados e decidir questões controvertidas de Justiça, o Cardeal gaúcho disse que vale a recomendação do Evangelho de que "não se há de chegar a correções públicas sem antes esgotar as tentativas de solução pelo diálogo, pelo estudo em comum e pelo entendimento, para maior segurança de êxito feliz e para a solução adequada dos problemas pendentes".

— Acusações indefinidas ou imprecisas, total ou parcialmente, provocam efeito negativo e configuram nova injustiça — acrescentou Dom Vicente Scherer, lembrando a atuação do Episcopado gaúcho, que patrocinou a sindicalização rural, fundando a Frente Agrária Gaúcha (FAG), com mais de 200 sindicatos. "A mais preciosa e insubstituível colaboração que a Igreja ou o Cristianismo dá ao Estado e ao bem geral, no campo social, é a sua específica ação evangelizadora, educacional e religiosa, promovendo a conversão e a reforma da vida."

Acrescentou Dom Vicente Scherer que "é uma ação eficaz, embora silenciosa e despercebida."

"A corrupção moral já teria destruído as estruturas sociais se ela não

fosse neutralizada, ao menos em parte, pelo fermento cristão. Creio que se deve bendizer a evolução que está em ação no exercício desta missão da Igreja que chamamos, com antiga expressão, de profética, de ela preferir ser menos palavra e mais presença, menos discurso e mais sacramento, sinal visível e eficaz de salvação, esperança e libertação. Torna-se isto mais difícil e penoso que publicar veementes e inflamados protestos, embora estes, às vezes, também se façam oportunos e necessários" — afirmou.

Responsabilidade

O Cardeal Vicente Scherer lembrou, também, que votar e escolher os governantes "é uma das formas mais destacadas e importantes de participar da vida pública e definir os rumos da coletividade em que estamos inseridos". Acrescentou que a meta suprema da atividade política e a tarefa essencial de toda a autoridade ou função de aparelhamento oficial são "a busca e a concretização do bem comum".

Manifestou sua expectativa de que, após as eleições, os eleitos "correspondam ao compromisso inseparável das posições conquistadas e nas áreas de sua futura ação, às quais se estenderá a sua influência, com honestidade, desprendimento pessoal e espírito de criatividade, resolvam os problemas existentes". Disse também que a função pública e os cargos eletivos se definem no seu desempenho da maneira mais completa e perfeita como prestação de serviços, isto é, neles se espera e exige o atendimento das necessidades e aspirações justas dos outros, da população, da coletividade".

O prelado gaúcho lembrou que há valores e princípios que o legislador e o Poder Público devem reconhecer e amparar, sob pena de subverter, as únicas bases de sua própria ordem institucional. Entre eles, se destacam pela sua importância, o respeito à vida, também dos nascituros, a liberdade política e religiosa, a proteção da família, a educação como tarefa primordial dos pais. Tais valores e realidades espirituais radicam no próprio conceito da pessoa humana, portadora de dignidade e de direitos inalienáveis, anteriores e superiores ao Estado. Em todos os tempos, teme protestado contra a violação destes direitos e contra o menosprezo destes valores. Sem eles se estabelece o caos, a anarquia, a desordem, o despotismo e a impossibilidade do convívio humano no município, no Estado, na Nação."

Bispos apontam causa da violência

Os bispos da Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil consideram que a falta de justiça aos pobres, a imunidade de policiais criminosos, a má distribuição de terras, a situação dos índios e o conceito vigente sobre segurança nacional e segurança individual são os principais fatores que geram a violência no país.

A análise desses fatores e a atuação da Igreja diante deles são apresentadas em documento elaborado pelos bispos em reunião realizada no Rio de Janeiro, de 19 a 25 de outubro último, e que será divulgado hoje pelo secretário-geral da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter. O sigilo que resguardou o pronunciamento dos preladados, que esperam com ele gerar "uma atitude de fé e coragem, uma animação parecida com aquela que dá o Livro do Apocalipse", foi motivado por "um sentimento de respeito pelo processo eleitoral, no qual não desejamos intervir", adiando sua publicação para depois do dia 15 de novembro.

Violência

O documento dos bispos brasileiros, de 19 laudas, após relatar os principais atentados a bispos e padres do país — entre os quais a morte do Padre João Bosco, em Mato Grosso, o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, e fatos como a censura a Dom Helder Camara e ao semanário *O São Paulo*, tentados a bomba na ABI e Ordem dos Advogados do Brasil, se reporta à violência da América Latina e afirma que "violência gera violência. A violência instigada contra os presos políticos alastrou-se entre militares e policiais".

"Diante de todos esses fatos, quem deve ser responsabilizado pela onda de perversidade que vem assumindo proporções alarmantes. O que está por trás de todos os crimes que, em nosso país, alcançam um grau requintado de crueldade? A ação perniciosa e nefasta, anônima ou pública, daqueles que tacham bispos, padres e leigos de subversivos, agitadores e comunistas, quando tomam a defesa dos pobres, dos humildes, dos presos e das vítimas de torturas, contribui para o clima e a prática da violência", afirmam os preladados.

Raízes profundas

Em seguida, após se referir aos "fatos que revoltam a opinião pública do país", o documento ressalta que não se pode responsabilizar "somente o pequeno policial que puxa o gatilho do revólver, a este ou aquele policial ou militar. Torna-se necessário procurar as raízes mais profundas que colaboram para gerar o clima da violência".

Os Bispos brasileiros destacam, então, como "os principais fatores de violência, por ordem, os pobres sem justiça "que enchem as cadeias, as delegacias, onde as torturas são frequentes em vítimas que aí se encontram sob a acusação de não trazerem documentos de identidade, ou presos durante um arrastão das batidas policiais (somente po-

bres são acusados e presos por vadiagem); a imunidade de policiais criminosos, como a "notória ação criminosa do famoso esquadrão da morte; a má distribuição de terras, acentuada nos últimos anos pela "política de incentivos fiscais às grandes empresas agropecuárias", gerando especulação imobiliária que atinge os pequenos proprietários, os indígenas e os posseiros.

O documento aponta ainda a situação dos índios e afirma que o Estatuto do Índio "torna-se letra morta", denunciando também o lento processo de demarcação das terras indígenas. Depois, no último item, aborda a segurança nacional e a segurança individual, e afirma que "outra grande tentação dos detentores do Poder é confundir o dever de lealdade do povo para com a Nação, com a lealdade ao Estado, isto é, ao Governo. Colocar o Estado, o Governo, acima da Nação, significa supervalorizar a segurança estatal e desprezar a segurança individual. Isto significa reduzir o povo ao silêncio e a um clima de medo".

Apelos

"Sem a consulta e a participação popular, os programas, projetos, planos oficiais, por melhores que possam ser, e mesmo se tiverem êxito material e econômico, mais facilmente levam à corrupção", diz o documento. Os Bispos da CNBB afirmam ainda que "a ideologia da segurança nacional colocada acima da segurança pessoal, espalha-se pelo continente latino-americano, como ocorreu nos países sob domínio soviético. Nela inspirados, os regimes de força, em nome da luta contra o comunismo e a favor do desenvolvimento econômico, declararam a guerra anti-subversiva contra todos aqueles que não concordam com a visão autoritária da organização da sociedade".

Os preladados brasileiros suplicam "as luzes e a sabedoria do Santo Espírito para poder perceber, nesses acontecimentos e nessas situações, os apelos de Deus para nossa missão evangelizadora" e firmam alguns princípios de orientação pastoral, e destacam que "a Igreja deve seguir o exemplo de Cristo", mas "sua opção e seus predileitos são os fracos e oprimidos", pelos quais vem lutando. "Mas, hoje, reclama para o povo não mais a esmola das sobras que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens".

Antes de citar várias sentenças de Cristo — como "no mundo tereis atribulações, mas tende coragem: eu venço o mundo" — o documento dos Bispos afirma que "a Igreja não pode ser um poder como os outros poderes. Ela não deve confiar na força nem tentar usar as mesmas armas dos poderosos. Sua arma é a cruz, sua força é a graça de Deus, não para construir o reino desse mundo, mas o de Deus, é preciso ser, crer, orar e sobretudo sofrer até morrer, porque sem derramamento de sangue não há redenção (Hebreus 9.22)".

Bomba destrói redação do jornal "Opinião" e fere crianças em prédio ao lado

Uma bomba gelatinosa, de alto poder de destruição, explodiu ontem de madrugada na varanda do prédio de dois andares onde funciona o semanário *Opinião*, na Gávea, abrindo na parede da redação um rombo de 34 cm de diâmetro, estilhaçando vidraças e causando ferimentos leves em crianças excepcionais que dormiam num colégio vizinho.

Em panfletos deixados no prédio 78 da Rua Abade Ramos, onde ocorreu a explosão, a Aliança Anticomunista Brasileira (AAB) assumiu a autoria do atentado. Pessoas que acordaram com o barulho viram, afastando-se do local, um Volkswagen de placa não anotada e um Corcel descrito como amarelo, placa WX-2847. Cada um tinha quatro ocupantes.

A EXPLOSAO

No momento da explosão, 3h05m, o imóvel pertencente à Editora Inúbia, que edita *Opinião*, estava fechado, encontrando-se apenas, no segundo pavimento, o vigia Reinaldo Abelardo Marques, que trocara o plantão com um colega de serviço. Ele disse que todo o prédio estremeceu, como se estivesse desabando.

Reinaldo telefonou para a polícia e prestou assistência às crianças excepcionais internas no colégio ao lado, prédio 94, que teve quebrados todos os vidros laterais do primeiro e segundo pavimentos, além de objetos danificados no salão da frente. Na redação de *Opinião* o impacto, embora amortecido pelos arquivos de jornais encostados à parede, destruiu objetos e fez um fichário de aço deslocar-se alguns centímetros. Todos os vidros da frente e dos fundos, nos dois andares, partiram-se, ficando retorcidas as duas portas de ferro da varanda. Peritos da Polícia Federal e do Departamento de Ordem Política e Social disseram que a bomba gelatinosa foi montada e colocada por especialistas.

ESPERADO

O diretor de *Opinião*, Fernando Gasparian, declarou que o atentado já era esperado e que foi praticado por "elementos que desejam tumultuar o processo político brasileiro". Gasparian, que chegou à redação em companhia de policiais do DPPS, da 15a. DP, soldados da Polícia Militar e peritos do Instituto Carlos Éboli e do Departamento Geral de Investigações Especiais, calculou os danos materiais em mais de Cr\$ 10 mil, mas inferiores a Cr\$ 20 mil.

O diretor da Editora Inúbia, Eurico Amado, declarou que o jornal vem sendo ameaçado há quatro anos, desde a sua fundação. "Não será uma bomba a mais ou a menos que vai nos impedir de continuar a luta pela liberdade do Brasil", disse, acrescentando que se o atentado ocorresse numa noite de quarta-feira, quando se encerram os trabalhos de redação para impressão no dia seguinte, poderia ter vitimado muitos profissionais. Para garantir a integridade destes, tomará as providências cabíveis.

O diretor Eurico Amado, que relatará à Comissão Interamericana de Imprensa os objetivos do ato terrorista — "intimidação, reação covarde à política de abertura do Presidente Geisel" — não estabelece vinculação entre o atentado e as últimas matérias publicadas no semanário. Os originais para a edição da próxima sexta-feira ontem à tarde seriam enviados à censura do Ministério da Justiça, em Brasília, para devolução ao jornal amanhã.

O barulho da explosão, disse o Sr Gasparian, foi ouvido num raio de três quilômetros.

O PANFLETO

Os panfletos deixados no prédio dizem: "A Aliança Anticomunista Brasileira decidiu que não é mais possível deixar sem resposta as ações criminosas a soldo de Moscou que este grupo de traidores vem realizando há longo tempo em proveito da comunização do Brasil, através do jornaleco *Opinião* e outras publicações. Esta é a nossa mensagem de advertência; da próxima vez ajustaremos contas pessoais com esses excrementos humanos. A hora da verdade está chegando, Fernando Gasparian e assecas! Estejam certos que pagarão com a própria vida a tração à Pátria que estão cometendo. Morte à canailha comunista! Viva o Brasil! a) AAB — Aliança Anticomunista Brasileira".

NOTA OFICIAL

A diretoria de *Opinião* enviou à Associação Brasileira de Imprensa e aos jornais esta nota:

"Comunicamos a V. Sa. que, na madrugada do dia 15 de novembro, uma bomba de alto teor explosivo danificou as dependências do jornal *Opinião*, à Rua

Abade Ramos, 78. O alto teor da explosão pode ser avaliado pelos estragos que causou às paredes, portas de ferro e vidros do prédio do jornal, bem como às residências vizinhas, inclusive uma escola onde crianças internadas dormiam na ocasião da explosão, sendo atingidas pelos vidros partidos. Toda a vizinhança do local foi acordada pelo barulho, ouvido a uma distância de 3 quilômetros. Felizmente o atentado não causou danos de maior gravidade a pessoas, uma vez que no momento da explosão o vigia se encontrava no andar superior do prédio. Panfletos deixados no local e cuja cópia anexamos, demonstram a premeditação e a confiança na impunidade dos autores do atentado, reivindicado pela AAB. E' mais um elo numa cadeia de violência que já atingiu a ABI, OAB, uma auditoria militar no Rio Grande do Sul, Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, sequestrado e sequestrado, a residência do diretor da Rede Globo, Sr Roberto Marinho, Cebrap, em São Paulo, além de ameaças a presos políticos em todo o país. E' mais um crime que permanecerá com seus autores nebulosamente encobertos numa suspeita impunidade?

Primeira redação de jornal diretamente atingida, embora outras tenham sido ameaçadas de atentados, na verdade a explosão da madrugada do dia 15 de novembro visou a opinião democrática do país, quando escolheu o dia das eleições municipais. A organização clandestina que reivindica a autoria de mais este atentado ameaça em seus panfletos "outras publicações", por isso concitamos os que fazem imprensa no Brasil a pressionarem no sentido da apuração desses crimes e ameaças e a tornarem claro que a impunidade que até agora beneficiou seus autores vem comprometendo a segurança interna do país, além de estimular uma escalada desses crimes com efeitos imprevisíveis. a) Fernando Gasparian, diretor do jornal *Opinião*.

CARDEAL REPELE

O Cardeal Eugênio Sales, ao chegar ontem à sua seção Eleitoral, manifestou à imprensa a sua repulsa ao ato terrorista.

"Trata-se de um desserviço ao país e à própria causa dos autores", disse, "já que violência só gera violência, e dela só se podem esperar soluções imediatistas".

"MOVIMENTO"

São Paulo — A redação do semanário paulista *Movimento* distribuiu a seguinte nota:

"A Fernando Gasparian e à Redação do semanário *Opinião*. Aceitem a nossa solidariedade fraterna neste momento em que mais uma vez as forças do terror fascista se erguem contra os que lutam pela independência nacional e pela democracia. A luta de *Opinião* é antiga e é de muitos; *Opinião* foi o primeiro jornal brasileiro a levar a atual censura prévia aos tribunais; foi também o primeiro a analisar amplamente relevantes ameaças à nossa soberania, como a dívida externa e o modelo dependente dos capitais, da tecnologia, dos mercados estrangeiros. A bomba que atingiu a sede de *Opinião*, na madrugada deste dia 15 de novembro, tem o mesmo propósito que as dirigidas impunemente ao longo de três meses contra a Associação Brasileira de Imprensa — ABI, a Ordem dos Advogados do Brasil — OAB, e o Centro Brasileiro de Análises e Planejamento — Cebrap: procura intimidar os democratas e patriotas e afastá-los dos que lutam por um regime de amplas liberdades políticas.

Estamos certos de que as bombas fascistas e suas outras ameaças não deterão aqueles que lutam ao lado da imensa maioria da população brasileira, que quer a liberdade e a independência. (a) Redação de *Movimento*".

17.11.76

Polícia Federal apreende em TV do Sul cópias da Carta Pastoral da CNBB

Porto Alegre — O Delegado Executivo da Polícia Federal de Santa Maria, Sérgio Miguel Schneider, apreendeu ontem de madrugada, na redação da TV Imbembui, de Santa Maria, cópias da Carta Pastoral ao Povo de Deus, documento que o Bispo Dom Ivo Lorscheider, secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — havia deixado ali para posterior divulgação.

No noticiário da noite de segunda-feira, a TV Imbembui divulgou um resumo da análise política e socioeconômica com as conclusões da reunião da CNBB em outubro, o que despertou o interesse da Polícia Federal,

INVASÃO

O agente federal invadiu a redação da Televisão quando o editor de notícias, jornalista Nestor Calcagno remetia pelo telex uma cópia para o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, do qual é correspondente. O Sr. Nestor recusou-se a entregar o material e o delegado Schneider procurou o diretor da emissora, Sr. Ento Cogo, em sua residência, conseguindo assim obter todas as cópias, inclusive a fita de telex.

O jornalista Nestor Calcagno foi convidado a assinar uma declaração responsabilizando-se pela divulgação do documento e contou que os policiais mostraram-se "surpresos por encontrar cópias na inte-

gra, pois esperavam sua liberação apenas para terça-feira (ontem) às 16h no Rio de Janeiro".

Dom Ivo Lorscheider não estava mais em Santa Maria no momento da apreensão. Já tinha seguido para o Rio, onde participaria da entrevista coletiva na qual divulgaria oficialmente o documento.

Embora tenha ficado com todas as cópias da carta pastoral, o delegado Schneider preferiu classificar sua atitude — que disse ter sido tomada por sua própria iniciativa — como "uma tomada de conhecimento e não uma apreensão". Acrescentou que não será aberto inquérito contra o jornalista, mas que o material vai ser remetido para Brasília.

Bispos acham que não há divisão na Igreja

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Ivo Lorscheider, disse ontem que a posição do Arcebispo de Porto Alegre, Cardeal Vicente Scherer, sobre o Comunicado Pastoral ao Povo de Deus não demonstra nenhuma divisão da Igreja Católica no Brasil. Da mesma opinião são os Bispos Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, e Valdyr Calheiros, de Volta Redonda.

D. Ivo Lorscheider se mostrou preocupado com a denúncia feita pelo Padre Florentino Malboni, que se encontra preso no Pará, acusando membros da cúpula da CNBB de comunistas. A denúncia foi feita em entrevista ao repórter Carlos Flecha, do jornal *Provincia do Pará*, que será publicada hoje pelo *Correio Brasileiro*.

PASTORAL

D. Adriano Hipólito considerou normal a divergência de D. Vicente Scherer quanto às conclusões do Comunicado Pastoral ao Povo de Deus. Disse que "no clima de liberdade que há na Igreja é perfeitamente admissível uma discordância".

"Não há clima de polarização de posições dentro da Igreja", afirmou D. Adriano Hipólito. "Estamos unidos junto ao Papa Paulo VI e à fé. Há concordância sobre os dogmas, mas na sua aplicação é perfeitamente normal que haja discordância".

As denúncias do Padre Florentino Malboni são, principalmente, para o que ele chama de "certos elementos da CNBB e os lei-

gos que atuam na região de Conceição de Araguaia e áreas do Pará". Dom Ivo Lorscheider ficou com um telegrama que lhe foi mostrado por repórteres de um matutino paulista, com toda a entrevista do Padre detido.

Seu comentário foi apenas: "Preciso saber em que condições o Padre disse isto e onde se encontra". Dom Adriano Hipólito afirmou que o Padre "deve estar fora de sua razão para fazer uma acusação desta" e que nunca se identificou entre os bispos mais atuantes, citando entre estes ele e Dom Helder Camara, "qualquer coisa que nos identifique como subversivos".

SEM COMENTÁRIOS

O Ministro da Justiça não quis fazer quaisquer considerações sobre a Pastoral da CNBB. Sua única declaração foi: "Sem comentários". O Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Célio Borja, disse que o documento da CNBB exprime uma visão própria da cúpula da Igreja Católica no Brasil e que muitos pontos da Pastoral já foram identificados pelo Governo.

"Não estou de acordo com o teor da Pastoral. Só posso dizer que dentro do Governo há elementos que não querem que as distorções apontadas prossigam. Identificar as autoridades com os autores dos fatos citados não é possível. O dia em que me disserem que se descobriu o sequestrador do Bispo de Nova Iguaçu e que ele continua solto, mudo minha posição política".

Núncio Apostólico leu mas não comenta

O Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco, disse já ter lido o documento mas, quando perguntado se concorda com ele, só tem uma resposta: "Isso é outro assunto". O Cardeal Eugênio Sales foi mais preciso: "Nada tenho a comentar". E o Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Camara, que ontem se encontrava no Rio, não se recusou a falar, mas impôs uma condição: "No Recife eu digo tudo".

PATRIARCA

O Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco, que participou no Palácio São Joaquim da cerimônia do lançamento da medalha comemorativa do Tricentenário da Diocese do Rio, pediu desculpas aos jornalistas por não fazer declarações a respeito. Admitiu que já o tinha lido mas ainda não analisado e alegou que aquele não era o momento apropriado para se declarar, além de que estava "muito cansado".

O Arcebispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, pediu tempo para estudar o documento com mais profundidade e o seu par de Mariana, Dom Oscar de Oliveira, disse que ainda não o tinha lido. O Bispo-Auxiliar de Salvador, Dom Tomás Murphy, pediu desculpas mas contou que "sinceramente só o tinha lido por alto".

Só o Cardeal-Patriarca de Lisboa, Dom António Ribeiro, que também veio para

as comemorações do Tricentenário da Diocese, se permitiu um comentário mais explícito. Disse que em Portugal são conhecidos os assassinatos de padres bem como o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e admitiu:

"Se as coisas aconteceram como foi divulgado, isso prova que a Igreja no Brasil vive momentos importantes, que revelam sua presença. E ela tem o direito de protestar".

Lamentou entretanto que casos semelhantes ocorridos nos países do Leste europeu não encontrem o mesmo eco.

Dom Hélder Camara limitou-se a informar que veio ao Rio só para assistir às comemorações do Tricentenário e que hoje mesmo voltaria para o Recife. Domingo, estará em Salvador que também está festejando o seu Tricentenário de Arquidiocese. Na segunda-feira embarcará no Rio para os Estados Unidos, onde receberá (no Centro Thomas Merton da Universidade de Duquesne, em Pittsburgh) um Prêmio da Paz, e sexto que recebeu naquele país.

Dos Estados Unidos, Dom Hélder viajará até a Bélgica, para um encontro com o Cardeal Suenens e depois participará de um painel na televisão francesa sobre Qualidade de Vida, a convite dos clubes de Roma e Dacar.

40 — CIDADE

Terror em nove atentados

JORNAL DO BRASIL □ Domingo, 21/11/76 □ 1º Caderno

não deixa uma pista no Rio

De agosto a novembro, nove atentados terroristas ocorreram no Rio de Janeiro, oito deles assumidos pela Aliança Anticomunista Brasileira, sem que os órgãos de segurança tenham conseguido, até agora, qualquer pista para identificação dos seus autores, cujas ameaças prosseguem.

O terror no Rio começou sua ação deste semestre com uma bomba na Associação Brasileira de Imprensa e outra, que falhou, na Ordem dos Advogados do Brasil. De um dia para o outro sequestrou o Bispo Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, explodiu seu carro em frente à CNBB, na Glória, e lançou uma bomba na casa do Sr Roberto Marinho, no Cosme Velho. Nos atentados seguintes destruiu cinco carros em dois pontos da Zona Sul, detonou dinamite na empresa Xtal do Brasil e danificou com bomba a sede do semanário Opinião.

ABI e OAB

Na manhã ensolarada de 19 de agosto, oito funcionários trabalhavam no 7º andar do prédio da ABI, na Rua Araújo Porto Alegre, quando uma bomba explodiu no banheiro, destruindo-o e afetando a tubulação sanitária e o sistema de água do edifício. A violência da detonação estilhaçou vidraças da-quele andar e de imóveis em frente.

O fato ocorreu às 10h10m e somente uma hora depois chegaram os primeiros policiais. Hugo Martins, funcionário da ABI, contou que ouviu a explosão e pensou que se tratasse de defeito na caixa de força, junto ao banheiro. Ao se dirigir para o lado de onde veio o barulho, viu o estrago causado e grande número de panfletos da AAB pelo chão.

Até hoje o local visado, junto ao gabinete da presidência, está interditado à disposição da pericia.

Na sede da ABI era grande a movimentação de autoridades e diretores do órgão quando circulou a informação de outra bomba no edifício da Ordem dos Advogados do Brasil. Alguns agentes policiais foram para lá e arrecadaram o petardo, que não explodiu por falha do pavio.

Nesse dia, na OAB, 300 novos advogados deveriam receber suas credenciais. Além deles, ali se achavam amigos e parentes. A bomba que falhou era, segundo a polícia, muito mais potente do que a da ABI.

Sequestro do Bispo

Ao deixar na noite de 22 de setembro por

Na Rua Paraguassu, os três veículos fecharam o carro do Bispo e fizeram-no parar, só dando tempo para que Maria conseguisse saltar e fugir. Dom Adriano e o sobrinho foram sequestrados pelos desconhecidos, que adiante abandonaram o rapaz. Durante várias horas o Bispo esteve em poder dos sequestradores, pelos quais foi surrado e abandonado em Jacarepaguá, despido e com o corpo pintado de vermelho.

Ele foi encontrado no início da madrugada, atirado num matagal nas esquinas das Ruas Japurá e Capitão Menezes, pelo repórter fotográfico Adir Mera, que viu um dos carros dos sequestradores deixando o local. Enquanto era levado para a 32a. DP, onde a autoridade não queria registrar o fato por ter o sequestro ocorrido em Nova Iguaçu, seu carro era deixado nas proximidades da CNBB, na Glória, com uma bomba que explodiu e o destruiu completamente.

No Cosme Velho

Aos primeiros minutos do dia 23 de setembro a mobilização dos órgãos de segurança estendia-se da Baixada à Zona Sul, à procura dos autores do sequestro de Dom Adriano, quando na residência do Sr Roberto Marinho, na Rua Cosme Velho, 1105, um dos empregados recebeu estranho telefonema, em que se falava sobre a ação contra o Bispo, a bomba no veículo e avisava que dali a instantes um petardo explodiria sobre aquela casa.

O empregado nada falou aos patrões. Aos 10 minutos do dia 23 a bomba explodiu sobre a ponta do telhado da residência e, além de causar estragos, estilhaços do vidro de uma janela atingiram os olhos do copeiro Teotônio Queiroz, quase o cegando.

Policiais acharam na casa um bilhete ao Sr Roberto Marinho. "Se é contra a propriedade, também somos contra você".

No dia 5 de outubro o terror voltava a agir, desta vez apenas contra o patrimônio particular. Os alvos foram cinco veículos estacionados, dois em Botafogo e três em Copacabana. Embora praticados os atentados em presença de inúmeras pessoas, os testemunhos de nada adiantaram às investigações.

Em Botafogo, em frente à Fundação Getúlio Vargas, foram atingidos o Opala WZ-9186, de Antônio Luis Turolla, e o Volkswagen NW-1406, de Henrique Francisco Ribeiro. Duas horas após, nas esquinas de Av. Atlântica com Rua República do Peru, de um carro que parecia ser Gálexie ou Dodge, marrom ou vermelho, foi atirado um objeto cilin-

gareth Kehl, e o ZQ-6685, cujo proprietário não foi identificado. Durante toda a madrugada e nos dias seguintes, policiais tentaram localizar o Gálexie, sem êxito.

Desta vez de autoria, segundo os panfletos deixados, da Vanguarda Popular Revolucionária e do Comando Padre João Bosco, o atentado da madrugada de 22 de outubro teve por alvo a empresa Xtal do Brasil, na Av. Paulo de Frontin, 373, e da qual é diretor-presidente o Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier, primo do Padre João Bosco Burnier assassinado em Mato Grosso por um soldado da PM.

Como conhecedor da técnica subversiva — "pois chefiou o Serviço Secreto da Aeronáutica" — o Brigadeiro Burnier atribuiu a comunistas o atentado a dinamite, que destruiu dependências da empresa, produtora de cristais para aparelhos eletrônicos.

"Opinião"

O mais recente atentado, cuja autoria AAB assumiu, foi praticado contra a sede do semanário Opinião, na Rua Abade Ramos, 8, Gávea, onde uma bomba explodiu na varanda, abrindo na parede um rombo de 34 cm de diâmetro.

O atentado, além de prejuízos estimados em mais de Cr\$ 10 mil pelo diretor do jornal, Fernando Gasparian, feriu crianças e o prédio 94, onde funciona uma escola particular excepcional.

No momento da explosão, 3h05m da madrugada do último dia 15, no prédio do semanário, de propriedade da Editora Inúbia estava somente o vigia Reinaldo Abelardo Marques, que nada sofreu.

Minutos após a explosão, ouvida num raio de mais de três quilômetros, dali afastou-se um Corcel amarelo, cuja placa WX-2874 foi anotada por um guarda de segurança de um ministro. O veículo, do estudante Christil Kutç Gavealipecker, foi intensamente perseguido, no dia seguinte, por vários órgãos de segurança.

O DPDS entretanto descobriu seu local de guarda, na Tijuca, e intimou o jovem a prestar esclarecimentos. O estudante foi considerado inocente e liberado.

Silêncio

Sobre esses atentados existem oito inquirições no DPDS, presididos pelo Delegado Francisco de Paula Borges Fortes, que não divulgou até hoje qualquer informação. Sabe apenas que foram praticados por simpatizantes da Aliança Anticomunista Brasileira.

Todos os escalões da Secretaria de Se-

Terror em nove atentados

JORNAL DO BRASIL □ Domingo, 21/11/76 □ 1º Caderno

não deixa uma pista no Rio

De agosto a novembro, nove atentados terroristas ocorreram no Rio de Janeiro, oito deles assumidos pela Aliança Anticomunista Brasileira, sem que os órgãos de segurança tenham conseguido, até agora, qualquer pista para identificação dos seus autores, cujas ameaças prosseguem.

O terror no Rio começou sua ação deste semestre com uma bomba na Associação Brasileira de Imprensa e outra, que falhou, na Ordem dos Advogados do Brasil. De um dia para o outro sequestrou o Bispo Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, explodiu seu carro em frente à CNBB, na Glória, e lançou uma bomba na casa do Sr Roberto Marinho, no Cosme Velho. Nos atentados seguintes destruiu cinco carros em dois pontos da Zona Sul, detonou dinamite na empresa Xtal do Brasil e danificou com bomba a sede do semanário **Opinião**.

ABI e OAB

Na manhã ensolarada de 19 de agosto, oito funcionários trabalhavam no 7º andar do prédio da ABI, na Rua Araújo Porto Alegre, quando uma bomba explodiu no banheiro, destruindo-o e afetando a tubulação sanitária e o sistema de água do edifício. A violência da detonação estilhaçou vidraças daquele andar e de imóveis em frente.

O fato ocorreu às 10h10m e somente uma hora depois chegaram os primeiros policiais. Hugo Martins, funcionário da ABI, contou que ouviu a explosão e pensou que se tratasse de defeito na caixa de força, junto ao banheiro. Ao se dirigir para o lado de onde veio o barulho, viu o estrago causado e grande número de panfletos da AAB pelo chão.

Até hoje o local visado, junto ao gabinete da presidência, está interditado à disposição da pericia.

Na sede da ABI era grande a movimentação de autoridades e diretores do órgão quando circulou a informação de outra bomba no edifício da Ordem dos Advogados do Brasil. Alguns agentes policiais foram para lá e arrecadaram o petardo, que não explodiu por falha do pavio.

Nesse dia, na OAB, 300 novos advogados deveriam receber suas credenciais. Além deles, ali se achavam amigos e parentes. A bomba que falhou era, segundo a polícia, muito mais potente do que a da ABI.

Sequestro do Bispo

Ao deixar na noite de 22 de setembro por volta das 19h, sua paróquia em Nova Iguaçu, acompanhado do sobrinho Fernando Leal Nebring e da noiva deste, Maria del Pilar Iglesias Vila, o Bispo Dom Adriano Hipólito não viu que três carros, um dos quais seria um Chevrolet vermelho, ano 1955 ou 56, seguiu o Volkswagen FB-7591, dirigido por Fernando.

Na Rua Paraguassu, os três veículos fecharam o carro do Bispo e fizeram-no parar, só dando tempo para que Maria conseguisse saltar e fugir. Dom Adriano e o sobrinho foram sequestrados pelos desconhecidos, que adiante abandonaram o rapaz. Durante várias horas o Bispo esteve em poder dos sequestradores, pelos quais foi surrado e abandonado em Jacarepaguá, despido e com o corpo pintado de vermelho.

Ele foi encontrado no início da madrugada, atirado num matagal nas esquinas das Ruas Japurá e Capitão Menezes, pelo repórter fotográfico Adir Mera, que viu um dos carros dos sequestradores deixando o local. Enquanto era levado para a 32a. DP, onde a autoridade não queria registrar o fato por ter o sequestro ocorrido em Nova Iguaçu, seu carro era deixado nas proximidades da CNBB, na Glória, com uma bomba que explodiu e o destruiu completamente.

No Cosme Velho

Aos primeiros minutos do dia 23 de setembro a mobilização dos órgãos de segurança estendia-se da Baixada à Zona Sul, à procura dos autores do sequestro de Dom Adriano, quando na residência do Sr Roberto Marinho, na Rua Cosme Velho, 1105, um dos empregados recebeu estranho telefonema, em que se falava sobre a ação contra o Bispo, a bomba no veículo e avisava que dali a instantes um petardo explodiria sobre aquela casa.

O empregado nada falou aos patrões. Aos 10 minutos do dia 23 a bomba explodiu sobre a ponta do telhado da residência e, além de causar estragos, estilhaços do vidro de uma janela atingiram os olhos do copeiro Teotônio Queiroz, quase o cegando.

Policiais acharam na casa um bilhete ao Sr Roberto Marinho. "Se é contra a propriedade, também somos contra você".

No dia 5 de outubro o terror voltava a agir, desta vez apenas contra o patrimônio particular. Os alvos foram cinco veículos estacionados, dois em Botafogo e três em Copacabana. Embora praticados os atentados em presença de inúmeras pessoas, os testemunhos de nada adiantaram às investigações.

Em Botafogo, em frente à Fundação Getúlio Vargas, foram atingidos o Opala WZ-9186, de Antônio Luis Turolla, e o Volkswagen NW-1406, de Henrique Francisco Ribeiro. Duas horas após, nas esquinas de Av. Atlântica com Rua República do Peru, de um carro que parecia ser Galaxie ou Dodge, marrom ou vermelho, foi atirado um objeto cilíndrico que explodiu debaixo do Mercedes-Benz esporte QX-5483.

O Mercedes, de Dalva Padilha Gonçalves, que visitava uma amiga nas proximidades, foi destruído e as chamas danificaram dois Volkswagen, o NP-0875, de Joana Berta Mar-

gareth Kehl, e o ZQ-6685, cujo proprietário não foi identificado. Durante toda a madrugada e nos dias seguintes, policiais tentaram localizar o Galaxie, sem êxito.

Desta vez de autoria, segundo os panfletos deixados, da Vanguarda Popular Revolucionária e do Comando Padre João Bosco, atentado da madrugada de 22 de outubro, teve por alvo a empresa Xtal do Brasil, na Paulo de Frontin, 373, e da qual é diretor presidente o Brigadeiro João Paulo Moré Burnier, primo do Padre João Bosco Burnier assassinado em Mato Grosso por um soldado da PM.

Como conhecedor da técnica subversiva — "pois chefei o Serviço Secreto da Armada" — o Brigadeiro Burnier atribuiu aos comunistas o atentado a dinamite, que destruiu dependências da empresa, produtos de cristais para aparelhos eletrônicos.

"Opinião"

O mais recente atentado, cuja autoria a AAB assumiu, foi praticado contra a sede do semanário **Opinião**, na Rua Abade Ramos, Gávea, onde uma bomba explodiu na varanda, abrindo na parede um rombo de 34 cm de diâmetro.

O atentado, além de prejuízos estimados em mais de Cr\$ 10 mil pelo diretor do jornal, Fernando Gasparian, feriu crianças no prédio 94, onde funciona uma escola particular excepcional.

No momento da explosão, 3h05m da madrugada do último dia 15, no prédio do semanário, de propriedade da Editora Inútil, estava somente o vigia Reinaldo Abela Marques, que nada sofreu.

Minutos após a explosão, ouvida num raio de mais de três quilômetros, dali afastou um Corcel amarelo, cuja placa WX-2874 anotada por um guarda de segurança de ministro. O veículo, do estudante Christ Kute Gavealipecker, foi intensamente perseguido, no dia seguinte, por vários órgãos de segurança.

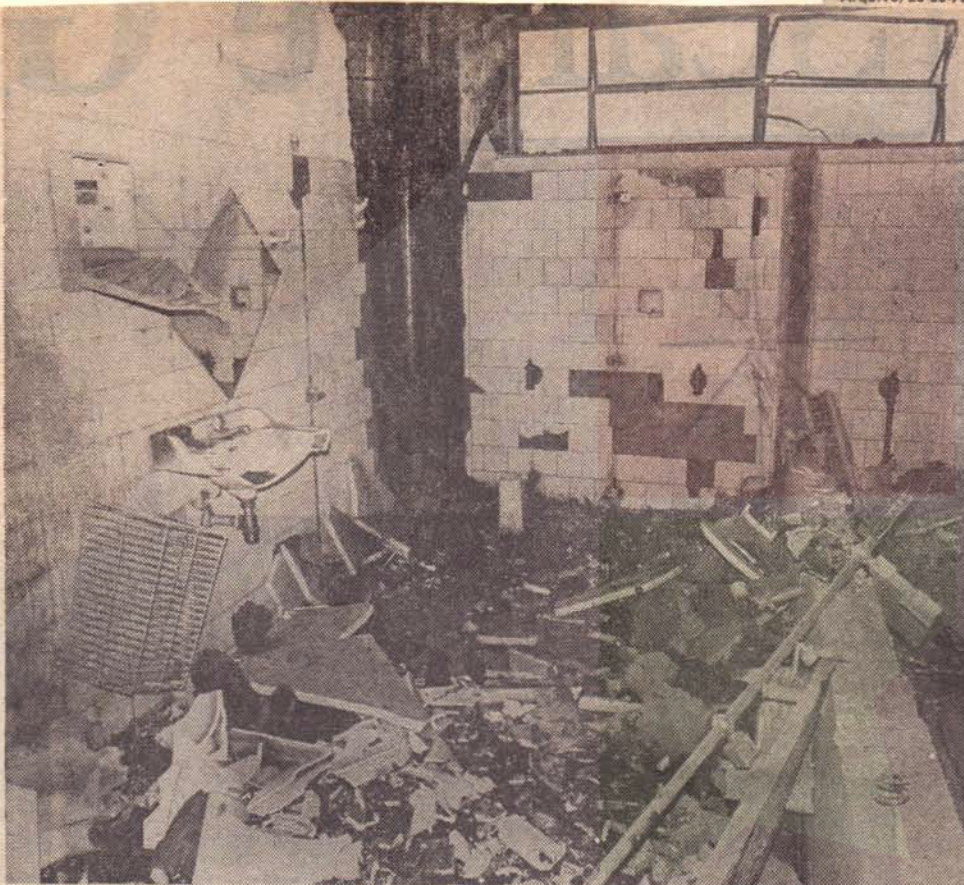
O DPPS entretanto descobriu seu local de guarda, na Tijuca, e intimou o jovem a prestar esclarecimentos. O estudante foi considerado inocente e liberado.

Silêncio

Sobre esses atentados existem oito informações no DPPS, presididos pelo Delegado Francisco de Paula Borges Fortes, que não divulgou até hoje qualquer informação. Sabemos apenas que foram praticados por simpatizantes da Aliança Anticomunista Brasileira.

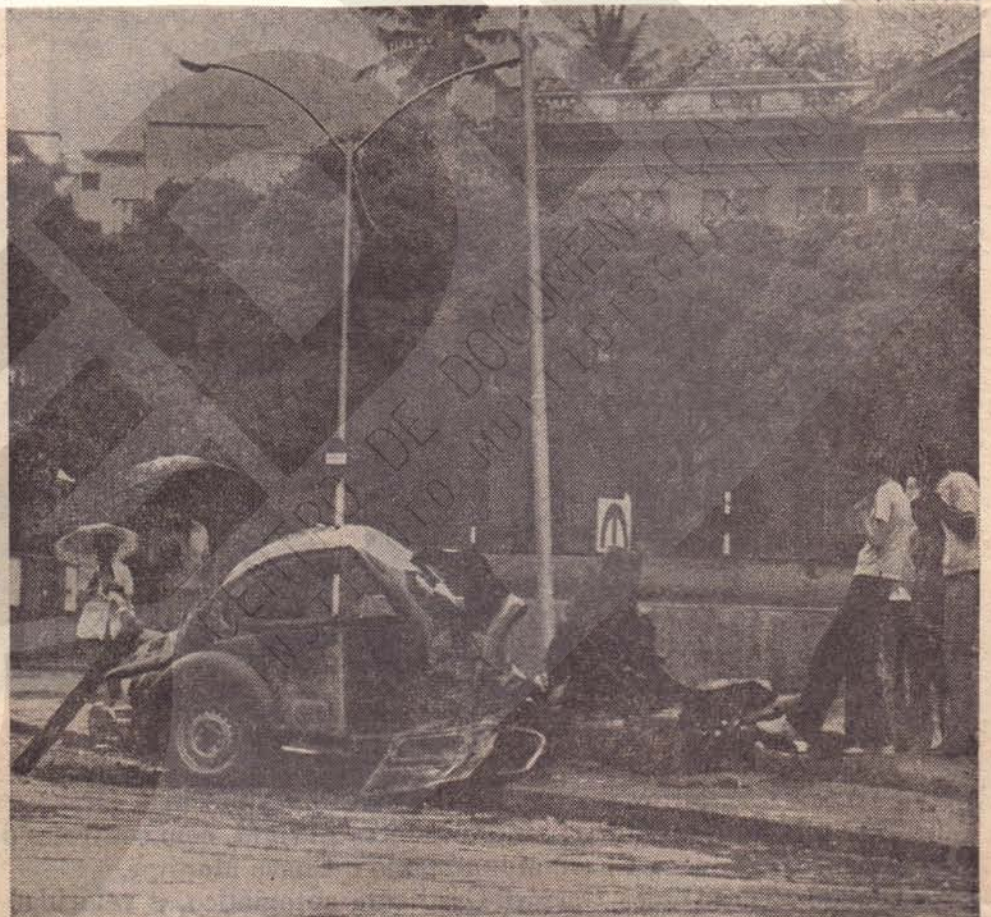
Todos os escalões da Secretaria de Segurança Pública evitam falar sobre o andamento das diligências. O diretor do Departamento-Geral de Investigações Especiais Delegado José Nicanor de Almeida, afirma que "a polícia está trabalhando bastante, mas nenhuma informação pode ser publicada".

Arquivo/20-08-76



Além do banheiro da [redacted] bomba danificou os encanamentos do prédio

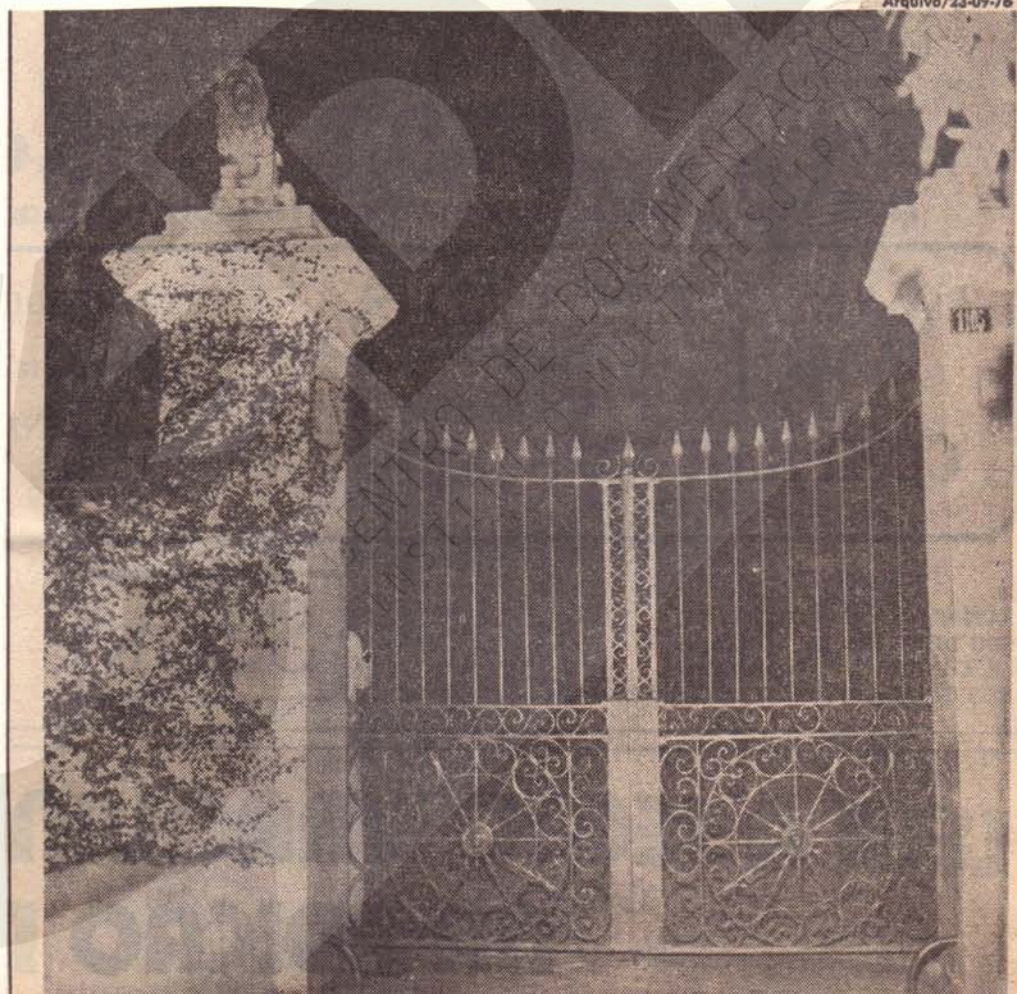
Arquivo/23-09-76



A explosão do carro de Dom Adriano ocorreu defronte da sede da CNBB

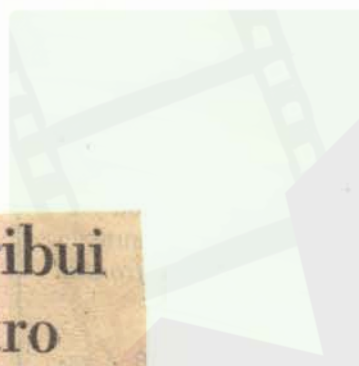


O Mercedes esporte foi um dos cinco carros destruídos numa só noite



Bomba de pequeno poder explodiu sobre a casa do Sr Roberto Marinho

26 / 11 / 1976



Bispo atribui o seqüestro à sua missão

26-11-76
O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, atribuiu à missão profética da Igreja, "que é declarar os defeitos do rei e do povo no sentido de construir um mundo melhor", as causas do seu seqüestro e não admite qualquer participação ou prévio conhecimento do Governo.

Dom Hipólito afirmou saber, pelo delegado encarregado do caso, que têm havido muitas pressões das autoridades para a elucidação definitiva do crime que sofreu, mas até o momento não teve qualquer notícia dos sequestradores ou do andamento das diligências. Disse ainda o Bispo Dom Hipólito que os anticomunistas que assumiram a responsabilidade do seqüestro só fizeram prejudicar o Governo Geisel com sua ação. (Página 17)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Bispo atribui seqüestro a missão profética da Igreja

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, disse ontem que não pode admitir qualquer participação ou prévio conhecimento do Governo em seu seqüestro e o atribuiu à missão profética da Igreja "que é declarar os defeitos do rei e do povo no sentido de construir um mundo melhor".

Dom Hipólito afirmou que sabe — através do delegado Borges Fortes — haver grande interesse do Presidente da República, do Governo do Estado, do Secretário de Segurança, da CNEB e do público em geral em esclarecer as condições do seqüestro. Mas até agora não teve informação oficial sobre os sequestradores, ou sobre o andamento das diligências.

Abertura

O Bispo comentou que os elementos que assumiram a responsabilidade de seu seqüestro e o acusaram de comunista — a Aliança Anticomunista Brasileira — "com estas atitudes se colocam contra o Governo Geisel, pois contra a abertura democrática que tem havido é que se colocam essas pessoas da AAC".

Ele acha que o Governo está tentando uma democracia não de forma pura, mas de formas mais democráticas de governo e de política. "Não se pode dizer que nunca tivemos democracia; claro, se a gente quiser colocar a democracia em sentido filosófico, no seu sentido ideal, vamos concluir que em nenhuma parte há democracia,

mas há aproximações maiores ou menores.

Ao falar de eleições, disse que "eleições imperfeitas são melhores do que falta de eleições". E afirmou: "Há aí sempre, a meu ver, uma tendência totalitária de partir das imperfeições que existem de fato para se dizer ser melhor não haver eleições; a meu ver, isto é o fim".

"Tenho impressão que o Presidente Geisel está tentando corrigir, com muito boa fé, as distorções que existem", disse, mas admitiu que em certos casos políticos a Igreja deve interferir. "Por exemplo, quando a imprensa é amordaçada; a Igreja tem que tomar atitude em defesa da liberdade de imprensa, que é uma liberdade fundamental do homem; não posso admitir o que está havendo em São Paulo, pois o jornal da Diocese está sendo censurado; não quero colocar este caso isoladamente; o problema de liberdade de imprensa é um todo; um problema grave".

Missão da Igreja

Dom Hipólito considera que a missão da Igreja deve ser voltada para as condições humanas e sociais. "Quando interferimos, não é com conotação política ou ideológica, mas tipicamente evangélica", disse. "Como a pessoa humana está envolvida em problemas políticos, é claro que a Igreja também se preocupa em orientar nesse sentido; não se pode separar o homem religioso do homem social e político, que deve ser objeto de preo-

cupação da Igreja e do Evangelho", afirmou.

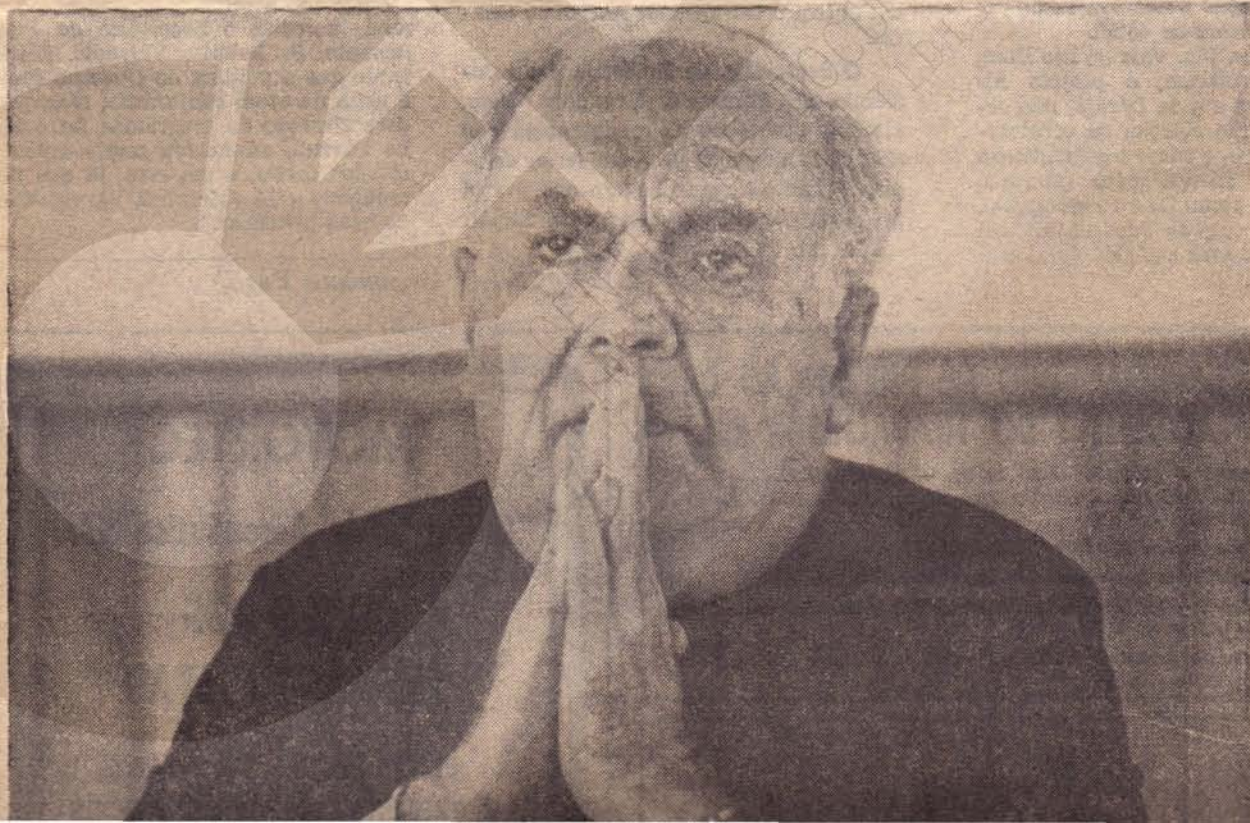
"É função da Igreja abalar as pessoas responsáveis, sensibilizá-las, para que calam em si e procurem encontrar o que é melhor para o povo; mas esta missão é conflitante, nunca deixará de despertar conflitos; e nós da Igreja nos países sul-americanos temos nos identificado muito com o povo; isto é indiscutível", disse Dom Hipólito.

O Bispo de Nova Iguaçu, há 16 anos em sua paróquia, acha que a situação não melhorou "a não ser em termos de atendimento médico pelo INPS". Disse que a população de sua Diocese é sofrida e "como os sinais de esperança não são muito claros, há pessoas que ainda vivem mais ou menos desesperadas".

Manifesto

Um manifesto "com dezenas de milhares de assinaturas" será encaminhado, depois de 5 de dezembro, ao Ministro da Justiça Armando Falcão para saber em que altura se encontra a diligência "para apurar o caso de seqüestro, espancamento, tentativa de desmoralização e assassinato de um bispo da Igreja".

O manifesto reclama ainda da onda de violências que vem acontecendo na Baixada Fluminense pois "é conhecida, no Brasil e no mundo, a insegurança" nesta região. "Insegurança e medo porque não sabemos mais em quem confiar, a quem recorrer, em quem nos segurarmos", diz o manifesto.



28 / 11 / 1976



Cardeal sabe quase tudo do seqüestro

28-11-76
O Cardeal D Eugênio Sales deu a entender, ontem, que já sabe o nome dos sequestradores do Bispo D Adriano Hipólito, pois "fui informado por uma determinada autoridade da procedência das pessoas responsáveis pelo atentado". Como alguém insistisse em relação aos nomes, D Eugênio comentou: "Soube disso por telefone e por telefone não se diz tudo."

O Ministro da Justiça, Armando Falcão, comunicou, ontem, ao Cardeal Eugênio Sales, durante a cerimônia em homenagem aos mortos da Intentona Comunista de 1935, na Praia Vermelha, que o Padre Florentino Maboni, que estava preso em Belém do Pará, foi solto na última sexta-feira.

O Cardeal disse que não sabe do estado de saúde do sacerdote, "porque ainda não entrei em contato com Belém para conhecer maiores detalhes". Os motivos da prisão, disse D Eugênio, "são problemas internos da Prelazia". Preso em São Geraldo, no Araguaia, o Padre Maboni ficou 17 dias à disposição da Polícia Militar do Pará.

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

06 / 12 / 1976

Nova Iguaçu reza com seu Bispo e pede segurança

Man 86-12-76
Ao final da missa em que comemorou 10 anos à frente da diocese de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito recebeu um manifesto da população, dirigido ao Ministro da Justiça, em que se pedem informações sobre o andamento das diligências que apuram o sequestro e espancamento do religioso, em setembro, além de providências contra a criminalidade na Baixada fluminense.

Hoje, Dom Adriano segue para a Alemanha, onde fará palestra sobre a *Situação do Povo e os Trabalhos da Igreja em Nova Iguaçu*, durante a reunião da ação Adveniat dos Católicos Alemães, que nessa época do ano angaria donativos para custear obras religiosas na América Latina. O Bispo deverá permanecer na Alemanha durante três semanas.

Missa

A missa foi celebrada por Dom Adriano e os 68 padres da Baixada e leigos. No início os leigos leram mensagem explicando o sentido do ato religioso e afirmando:

"Nesses 10 anos de pastor, Dom Adriano não se cansou de falar e agir para abrir os olhos de todos face à grave situação de insegurança de tantos de nossos irmãos subnutridos, sem recursos para a saúde e para a educação, e instrução, expostos à violência e à exploração. Por causa de sua pregação foi torturado, injuriado, abandonado nu e algemado na via pública, mas seu martírio deu mais vigor à sua palavra e apelos à luta e união contra as injustiças. Estreitou nossa união, aumentou nossa fé, encorajou a todos na defesa dos que, na Baixada Fluminense, não têm vez nem voz. Esta nossa celebração de ação de graça é também um sinal, uma prova e testemunho público de que estamos de acordo com nosso bispo".

Dom Adriano disse em seguida que "o mundo contém a presença do bem e do mal. O Evangelho fala de um campo onde foram semeadas a boa e a má semente. Há filhos da luz que recebem a mensagem da salvação e há filhos das trevas que se recusam a recebê-la. A divisão entre o bem e o mal passa pelo coração de cada um de nós. Por isso temos necessidade constante de conversão, de deixar o Espírito Santo ir expulsando as traves que ainda há em nós."

Polícia já sabe como seriam

IGREJA —

os seqüestradores do Bispo

NBm 11-42-76



05-11-76

TASSARY



05-11-76

TASSARY



05-11-76

TASSARY

Quatro dias depois da explosão no depósito da Editora Civilização Brasileira e dois meses e meio depois do sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, a Secretaria de Segurança Pública distribuiu três desenhos (retrato falado) de possíveis seqüestradores do prelado.

Entre o início da escalada terrorista, com uma bomba na ABI em 19 de agosto e a descoberta de outra na Ordem dos Advogados, os terroristas explodiram o automóvel do bispo seqüestrado, lançaram uma bomba na residência do Sr. Roberto Marinho, destruíram cinco carros na Zona Sul, e danificaram, com bombas, a Xtal do Brasil (empresa do Brigadeiro João Paulo Bournier) e a sede do semanário **Opinião**.

Ontem, acompanhando os desenhos, os jornais receberam a seguinte nota em papel timbrado da Secretaria de Segurança Pública:

"A SSP prossegue, através do Departamento de Polícia Política e Social do DGIE,

nas investigações para apurar os atentados a bomba, praticados na cidade, a partir de 19 de agosto deste ano, bem assim, o sequestro de D. Adriano Hipólito e do seu motorista. Apesar das dificuldades da apuração de fatos dessa natureza, lograram as autoridades, após persistentes trabalhos investigatórios, elaborar três "retratos falados" de participantes do referido sequestro. Estão sendo realizadas diligências para o levantamento da identidade dos retratados".

O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio de Araújo Sales, revelou no final da cerimônia junto ao túmulo das vítimas da Intentona Comunista (27 de novembro), que fêra informado sobre a identidade dos seqüestradores de D. Adriano Hipólito, e embora não quisesse adiantar mais nada.

Ante a insistência de repórteres, já que na solenidade também estava o Ministro da Justiça, o Cardeal acrescentou que recebera a informação por telefone.

24 / 01 / 1978

Faria Lima nega prorrogação do seu mandato e acha que a imprensa alimenta boatos

W3v. 24-01-78 repm/5
O Governador Faria Lima negou, ontem, que vá continuar no cargo por mais um mandato — "Não há a menor possibilidade. Largo o Governo no dia 15 de março de 1979; não fico nem mais um minuto" — e atribuiu a notícia "a uma central de boatos alimentada pela imprensa".

A continuação do Governador Faria Lima à frente do Executivo do Rio de Janeiro seria efetivada mediante a prorrogação da Fusão, com o objetivo de manter sob o comando da Arena o único Estado onde, dentro das reformas do pacote de abril, o Partido não poderá eleger Governador.

IRRITAÇÃO

A declaração do Governador foi feita durante a inauguração do novo prédio da Secretaria de Segurança do Estado do Rio. Durante o coquetel, vários repórteres o assediaram, sempre com a mesma pergunta:

"O Sr continuará no Governo do Estado do Rio no próximo mandato?"

A todos, o Governador respondia com a mesma frase:

"Não há a menor possibilidade".

Quando a pergunta foi repetida pela quarta vez, o Governador irritou-se e respondeu mais ríspidamente.

— Mas, Governador; a que o Sr atribui essa notícia?

— Isso vocês é quem sabem. São boatos, criados por vocês ou por pessoas interessadas nisso.

— Os boatos vem do Planalto — argumentou uma repórter de rádio.

— Você afirma isso? — replicou o Governador, espantado e irritado ao mesmo tempo.

— E' o que publica a revista *Veja* desta semana.

— Quer dizer que, se a *Veja* lança um boato, vocês concluem que é verdadeiro. Isso é um sistema contínuo de inovações e criações de boatos que sustentam o ambiente político.

O Governador negou, também, que esteja havendo dificuldades para a escolha dos próximos governadores. "pois há inclusive, muitos candidatos para os cargos". Um repórter lembrou que justamente isso representa dificuldade, mas o Governador desconversou:

"Na hora, quem tiver de decidir que decida".

Segurança ganha prédio para ser mais eficiente

Quase 10 anos depois de iniciada sua construção, foi inaugurado, ontem, pelo Governador Faria Lima, o novo prédio da Secretaria de Segurança Pública, na esquina da Rua da Relação com a Avenida Gomes Freire, perto da antiga sede. Em rápido discurso, o Secretário Brum Negreiros afirmou que as novas instalações possibilitarão um combate mais eficiente ao crime e lembrou que a criminalidade vem decrescendo no Estado.

Para o Governador Faria Lima, que percorreu quatro dos 12 andares do prédio, o problema da criminalidade no Rio é o mesmo do resto do mundo: "A vida é assim mesmo; a brutalidade impera, a violência impera". Disse que os sequestros do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e da Freira Maria da Conceição Palmeira, sem solução até hoje, não têm caráter político e, por isso, estão recebendo o mesmo tratamento que os outros crimes que ocorrem no Rio.

ENGARRAFAMENTO

Construído numa área de 5 mil metros quadrados, por Cr\$ 70 milhões, o novo prédio da Secretaria de Segurança foi iniciado na administração do General Luís de França Oliveira. Tem 12 andares, 240 salas, ar condicionado central, garagem para 80 carros e heliporto.

Para a inauguração, foram interditadas várias vias, como Rua da Relação, Rua dos Inválidos, Avenida Gomes Freire, Avenida Henrique Valadares e Rua Ubaldino Amaral. O esquema começou às 9h e só foi desativado por volta do meio-dia, o que provocou engarrafamento em toda a área.

Compareceram à cerimônia o Comandante do I Exército, General José Pinto de Araújo Rabello; o Comandante do 1º Distrito Naval, Almirante Newton

Braga de Faria; o Secretário de Justiça, Laudo Camargo; comandantes da Polícia Militar; e delegados da Polícia Civil.

COLABORAÇÃO

Ao som do hino nacional, executado pela Banda do Corpo de Bombeiros, o Governador Faria Lima hasteou a Bandeira brasileira, enquanto o Secretário Brum Negreiros hasteava a do Estado do Rio e o Subsecretário Hélio Freire a do Município.

O Secretário leu seu discurso, lembrando o que a secretaria já fez após a fusão.

"Podemos, hoje, dizer que novos resultados positivos podem ser somados à atuação da secretaria. Por exemplo: a ordem em que transcorreram as manifestações dos estudantes. Sabemos que o tempo é de lutas, que vivemos numa época de criminalidade exacerbada e que é nossa obrigação superar obstáculos e, em nenhum momento, deixar que a desilusão ou o cansaço nos desvie de nossos objetivos. Aproveitamos a oportunidade para pedir aos cidadãos que colaborem com a nossa secretaria" — concluiu.

Terminado o discurso, o Governador Faria Lima descerrou a placa de inauguração e assistiu um desfile bôlica a assistiu um desfile de grupamentos da Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros, liderado pela Banda da PM, que executou dobrados.

Acompanhado pelo Secretário Brum Negreiros e pelos Comandantes do I Exército e 1º Distrito Naval, o Governador Faria Lima visitou alguns andares do prédio, mostrando especial interesse pelas salas do Dente, que permitirão a comunicação da secretaria com todas as delegacias do Estado e demais secretarias do Governo.

28 / 03 / 1978

Informe JB

Triste fim

28-03-78
Terminou da pior maneira possível o episódio das prisões no Paraná.

Pessoas foram para a cadeia, permaneceram diversos dias incomunicáveis, tiveram as casas revistadas e objetos apreendidos, ficaram debaixo da suspeita de ter cometido sérios crimes e, ao fim de uma semana, viu-se que tudo não passava de um monte de vento.

* * *

A lei que prevê a incomunicabilidade, e a interpretação que proíbe até a visita de advogados, destina-se, em nome do bom senso, a garantir o Estado de ameaças imediatas e importantes. Até mesmo aqueles que conceberam situações excepcionais como essa não pretendiam que tamanha artilharia fosse usada para tão pouco.

Num momento em que se discute a própria legitimidade do aparato de leis repressivas no país, o episódio paranaense é demonstrativo do arbítrio que elas patrocinam. Ficou provado em Curitiba um velho princípio de política, segundo o qual os instrumentos excepcionais são temíveis e desaconselháveis, não pela medida dos delitos que podem ser cometidos, mas pela medida das violências que podem patrocinar.

* * *

Os presos foram tratados de forma correta, mas do episódio ressalta claramente que neste país, a qualquer momento, por qualquer motivo e por qualquer especulação, uma pessoa pode ser presa, colocada em regime de incomunicabilidade e depois solta, como se nada houvesse.

Essa situação, esculpida em nome da segurança nacional, só serve para trazer insegurança a todos aqueles que, na pior das hipóteses, se dão ao perigoso hábito de ter livros em casa.

* * *

O mais estranho de tudo é que, ao lado das prisões, ocorreu um sequestro, onde uma jovem foi submetida a violências. Esse caso, para a polícia, parece não ter importância, pois até agora ela não descobriu uma só pista.

Como não descobriu quem botou uma bomba na OAB.

Como não descobriu quem botou uma bomba na ABI.

Como não descobriu quem sequestrou o Bispo de Nova Iguaçu.

Como não descobriu que as pessoas podem ser pacatas, mas não são necessariamente tolas.

24 / 08 / 1978

"Em Tempo" ganha moção

Brasília — Os convencionais do MDB aprovaram, ainda, uma moção de solidariedade ao jornal *Em Tempo*, vítima de três atentados terroristas nos últimos 30 dias. Os atentados, feitos por organizações autodenominadas Comando de Caça aos Comunistas, Grupo Anticomunista e Movimento Anticomunista não foram, segundo a moção, fatos isolados. A eles se poderiam somar, segundo a moção, o sequestro de D Adriano Hipólito, e atentados contra a OAB-RJ, ao Cebrap, ao Movimento Feminino pela Anistia de Belo Horizonte, além do sequestro da professora Juraciilda Veiga e várias cartas de ameaças de morte a jornalistas, parlamentares, religiosos e líderes de classes.

A moção protesta contra a impunidade aos autores dos atentados e explica que, no caso da imprensa, os atos terroristas tem por objetivo intimidá-la, impedindo que venham a público fatos como a denúncia de 233 torturados feita pelos presos políticos da Penitenciária do Barro Branco, em São Paulo, e "o envolvimento de altas personalidades da administração pública em negócios que favorecem o controle da indústria petroquímica por empresas multinacionais".

"Os convencionais do MDB reafirmam sua solidariedade a todas as entidades e pessoas atingidas", prossegue a nota, acrescentando a exigência dos participantes da Convenção de uma apuração rigorosa dos fatos e punição de seus responsáveis.

Benedito Cintra, delegado do Diretório Distrital do MDB de Nossa Senhora do Ó (SP) apresentou aos convencionais uma outra moção, denunciando a impugnação ao registro dos candidatos do MDB de São Paulo à Assembleia Legislativa e à Câmara.

25 / 08 / 1978



DOPS e PM cercaram o quartelão, mas não proibiram o protesto

Mineiros protestam contra bomba atirada em jornal

13h. 25-08-78 repórter

Belo Horizonte — Três quartelões do centro desta Capital foram cercados ontem à noite por cerca de 130 policiais do DOPS e da PM que se concentraram em volta do prédio da Câmara de Vereadores onde se realizava um ato público contra a ação terrorista de direita contra a sucursal mineira do jornal **Em Tempo**, onde há nove dias explodiu uma bomba.

A manifestação foi realizada sem problemas e, só por volta das 20 horas — os policiais chegaram às 17 horas — ocorreu um incidente mais grave: uma bomba explodiu do lado de fora do prédio provocando mal estar entre os participantes, entre os quais estavam os Deputados Genésio Bernardino e Dalton Canabrava, do MDB, e o ex-Prefeito de Belo Horizonte, Jorge Carone, além do Vereador opositorista, Paulo Ferraz.

Torturadores

O jornalista Fausto Brito, um dos principais oradores, disse que o jornal até então já havia sofrido três atentados: um em Curitiba e dois em Belo Horizonte. "O segundo ocorreu quando ainda estava sendo feito o inquérito sobre o primeiro atentado e, mesmo assim, estávamos, na época, sem proteção".

O padre Roberto Augusto da Arquidiocese de Belo Horizonte leu uma nota assinada por 20 sacerdotes: "Sabemos dos casos contra D Hipólito, D Tomás Balduino, D Pedro Casaldáliga e D Hel-

der Camara. O ódio e a intolerância são cegos e sem inteligência. A covardia os coloca no anonimato de siglas. Estamos com vocês, que têm coragem e inteligência para se organizar. A cada ato desses, o povo responde unido".

As 20h, quando discursava o chefe da sucursal mineira do **Em Tempo**, Jornalista João Batista dos Mares Guia, uma bomba de gás lacrimogênio explodiu do lado de fora do plenário da Câmara.

Momentos antes, dois soldados da PM e dois cães policiais tinham entrado no prédio e pediram aos porteiros para ir ao banheiro, o que lhes foi permitido. O banheiro ficava próximo ao local onde estourou a bomba e seus efeitos foram sentidos logo depois da saída dos soldados.

Durante o ato público contra as invasões de **Em Tempo**, os Deputados Dalton Canabrava e Genésio Bernardino mantiveram, no próprio plenário, uma conversa reservada, por telefone, com o Secretário de Segurança do Estado, Coronel Amando Amaral, e expuseram a ele um quadro do que acontecia na Câmara dos Vereadores. Por parte do Secretário, houve a garantia de que não haveria interferência policial, desde que o pessoal não promovesse passeatas.

Também aos presentes, o jornalista de **Em Tempo**, Fausto Brito, solicitou que deixassem o prédio da Câmara Municipal sem provocações aos policiais e em grupos pequeno. Durante a recomendação, foi repetida insistentemente a palavra "pacificamente".

Respeite-se a lógica

73. 26.08.78
Diz o Secretário de Segurança do Paraná, Alcindo Pereira Gonçalves:

"O Comando de Caça aos Comunistas é um grupo lírico, são verdadeiros poetas, porque só escrevem cartas". Em seguida, perguntou: "Será que o CCC existe mesmo? Afinal, atuando por tanto tempo como dizem, nunca nenhum de seus membros foi preso e identificado".

* * *

A reflexão do Secretário é interessante. Esqueça-se a hipótese da existência de um só CCC como ente organico, até porque não há no país cartório de registro de organizações clandestinas.

Feito isto, recorde-se que já foram colocadas bombas na ABI e na OAB. Recorde-se também que o Bispo de Nova Iguaçu foi sequestrado e some-se a essa lembrança o sequestro de uma professora no próprio Paraná.

* * *

Do ponto-de-vista da segurança que o Secretário está contratado para manter, é indiscutível que na sua jurisdição, assim como em outras, foram praticados atos terroristas.

Sabe-se que é difícil apurar esse tipo de atentado. Sabe-se também que a polícia tem poucos recursos. Da mesma forma, conhecem-se os riscos que a impunidade dessas práticas provoca.

Lembrando-se de tudo e sabendo-se tanto, o Secretário de Segurança do Paraná poderia ser dispensado de tratar um assunto semelhante com tal ligeireza, até porque se os terroristas não foram identificados ou presos a culpa não é do contribuinte, mas dele.

JORNAL DO BRASIL ☐ Domingo, 11/3/79 ☐ 1.º Caderno

Geisel reagiu com energia às crises de seu Governo

O Governo do General Ernesto Geisel começou em 1974 sob as doces promessas da distensão, que seria segura e gradual. Um ano depois, tendo à maioria do MDB na Assembléia Legislativa do Acre recusado sucessivamente dois candidatos à Prefeitura de Rio Branco, o Presidente desarmou o AI-5 e solucionou o problema cirurgicamente. Em todos os outros momentos de tensão de seu Governo, Geisel demonstrou igual disposição para agir e buscar soluções, ainda que rigorosas. Por isso houve quem temesse pela distensão, e quem dela desacreditasse totalmente.

Mas, na próxima quinta-feira, ao entregar o Poder a seu sucessor, o Presidente sem dúvida terá troféus valiosos a exibir: o AI-5 revogado, a Lei de Segurança abrandada, a imprensa sem censura, um Ministro do Exército que, sentindo a instituição agravada por uma reportagem, não vai ao Palácio pedir cabeças, mas recorre à Justiça. Ainda não é a democracia sonhada, mas para o General Figueiredo é a segurança de um ambiente politicamente favorável. Quem sabe com condições para evitar a repetição de crises como essas que influíram negativamente no Governo anterior.



Julho 75

Eleito Senador em 1970, quase por acaso, pois não tinha um passado de militância política (naquele tempo a Arena ainda era proprietária da grande maioria dos colégios eleitorais de Pernambuco) Wilson Campos entendeu de reforçar seus subsídios parlamentares com comissões cobradas de quem procurasse financiamentos no Banco de Desenvolvimento de Pernambuco. Desentendeu-se com um dos candidatos, o industrial Carlos Alberto Menezes, que revelou gravações de todas as suas negociações

pouco éticas. Durante seis meses, Campos ficou numa situação aparentemente insustentável, diante do Senado que deveria conceder licença para que fosse processado na Justiça. Revelando um acurado espírito de corporação, os Senadores rejeitaram a licença — e Campos foi fulminado pelo AI-5, juntamente com seu denunciante e com a paciência do Presidente Geisel para conceder prazos para que se procurassem soluções políticas para os problemas.

Agosto 75

Com o Congresso ainda amargando a dura lição de julho, o Presidente Geisel recebeu de volta seu Chefe do Gabinete Civil, Golbery do Couto e Silva, que finalmente se recuperava de um descolamento da retina, e foi à televisão para um duro pronunciamento. Desdenhou a distensão entre aspas, de que tanto falavam os políticos, firmou seu conceito de distensão sem aspas, apoiada num desenvolvimento integrado dos campos político, social e econômico, acabou com os sonhos então acalentados de imediata revisão do bipartidarismo e, pecado dos pecados, elogiou a ação dos órgãos de segurança no combate à subversão. Refletindo a decepção do mundo político, o MDB respondeu com uma nota amargar, na qual citava o filósofo Giordano Bruno: "Que ingenuidade a minha pedir aos donos



do Poder a reforma do Poder". Tal irreverência quase custou o mandato do seu signatário, o Deputado Ulysses Guimarães, salvo por delicadas gestões promovidas no terceiro andar do Palácio do Planalto.

" JORNAL DO BRASIL "

11 / 03 / 1979



Abril 77

Mais uma vez o Presidente Geisel foi festejar a Revolução na Vila Militar, e mais uma vez o aviso não foi percebido. Empolgado pela oratória do Senador Paulo Brossard, o MDB fechou a questão contra a reforma do Judiciário, proposta pelo Governo, que exigia algumas mudanças na Constituição. Estas, na época, dependiam do voto de dois terços dos parlamentares, números que a Arena não possuía. O impasse foi desfeito com punho de ferro: o Presidente pôs o Congresso em recesso, a reforma foi feita como estava no modelo original e, de quebra, mudaram-se algumas coisas na ordem política e eleitoral. Os governadores voltaram a ser eleitos indiretamente, decretou-se a coincidência de todos os mandatos eletivos, a Lei Falcão, que nascera transitória para impedir de-

bates no rádio e na televisão, nas eleições municipais de 1978, tornou-se definitiva e num ambiente ecológico assim favorável desabrocharam os senadores biónicos. Foi o indigesto pacote de abril, produzido por Geisel e alguns raros auxiliares. Fechado 14 dias, o Congresso reabriu mergulhado em funda depressão. Nas ruas de São Paulo, estudantes promoviam suas primeiras manifestações, duramente reprimidas pela polícia. O ambiente seria totalmente sombrio, se uma pequena luz não começasse a ralar no horizonte, embora poucos a percebessem no momento: por dois votos, Raymundo Faoro conquistou a presidência da OAB, para dela fazer uma inabalável trincheira de defesa da redemocratização e dos direitos humanos.



Maio 77

Foi uma rápida sucessão de acontecimentos. Os estudantes ocupavam as ruas das principais cidades do país e o Governo finalmente ordenou que fossem reprimidos. Houve choques, violências, jatos de água, bombas e prisões. O Banco Central tomou conta do Grupo Independência-Decred, onde já enfiara Cr\$ 3 bilhões 400 milhões, no que foi considerado o maior escândalo financeiro dos tempos recentes. Acusado de corrupção, quando Prefeito de Campinas, esteve para ser cassado o supervotado Senador emedebista Orestes Quércia. No Rio, morreu Carlos Lacerda e em Brasília um obscuro Deputado do MDB, Marcos Tito, pronunciou um pálido discurso de críticas ao Governo e ao regime que, foi-se saber depois, gra-

ças à denúncia do arenista mineiro Sinval Boaventura, era cópia fiel de editoria da *Voz Operária*, clandestino porta-voz do clandestino Partido Comunista Brasileiro. Boaventura era comandante do grupo parlamentar partidário da candidatura presidencial do Ministro do Exército, Sílvio Frota, que mais uma vez pressionou por providências energéticas. O Brasil ganhou as primeiras páginas dos jornais americanos quando a mulher do Presidente Carter, Rosalyn, em visita oficial ao país, foi a Recife conversar com os missionários Lawrence Rosenbaugh e Thomas Capuano, presos e torturados pela polícia. A tempestade foi atravessada ao preço da cabeça de Marcos Tito. O delicado jogo da sucessão presidencial chegava aos seus momentos mais emocionantes.



Junho 77

O MDB decidiu enviar uma mensagem de encorajamento às suas bases, usando, pela primeira (e única) vez um dispositivo legal que garantia aos Partidos aparecerem na televisão para debater seus programas. Sob a proteção da Justiça Eleitoral, falaram os Deputados Ulisses Guimarães, Alencar Furtado, Alceu Colares e o Senador Franco Montoro. Não foi um IBOPE ex-

traordinário, mas o programa teve suas repercussões. O General João Baptista de Figueiredo, então simplesmente Chefe do SNI, proferiu uma frase lacônica: "Vi e não gostei". O Ministro Frota, sempre radical, queria cassar os quatro astros emedebistas, soube-se mais tarde. O Presidente Geisel cassou apenas o líder Alencar Furtado, o único que ousara estender suas críticas aos órgãos de segurança.



Outubro 77

No dia 12, feriado em Brasília, o Ministro do Exército, Silvio Frota, foi chamado para um despacho urgente e extraordinário no Palácio do Planalto. Lá, sem *dourar a pílula*, Geisel disse-lhe que em definitivo não se acertavam em opiniões e que o Ministro deveria demitir-se. Frota recusou-se a fazer o pedido. Foi sumariamente demitido e durante toda uma tarde temeu-se que ele resistisse e não entregasse o cargo ao sucessor, General Fernando Bethlem. Pelos manuais das academias militares, Frota tinha na Capital superioridade de tropas sobre os comandos fiéis ao Presidente. Dai ter o chefe do

Gabinete Militar, General Hugo Abreu, colocado de prontidão, no Rio, a tropa de pára-quedistas de que fora comandante e que poderia chegar rapidamente a Brasília, em caso de emergência. Precauções exageradas. Frota não resistiu, entregou o Ministério com uma simples conversa do General Ariel Pacca da Fonseca e ao anoitecer daquele mesmo dia, de terno e gravata, viajou num avião de carreira para o Rio, onde se impôs um silêncio inabalável. Havia quem ainda não soubesse, mas naquele tenso momento de conversa entre Geisel e Frota decidira-se a sucessão presidencial.

Janeiro 78

Quem ainda não sabia era o General Hugo Abreu, que fora encarregado de aparecer na televisão lendo uma nota em que o Governo afirmava que o afastamento do Ministro nada tinha a ver com a sucessão. Abreu acreditou nas próprias palavras e por isso, em janeiro, quando supunha que se começaria a procura do melhor candidato ao lugar de Geisel, caiu das nuvens quando o Presidente em pessoa lhe contou que o escolhido era Figueiredo e tudo estava pronto para a sagração. Abreu fez denúncias contra Figueiredo, seus filhos, seus aliados no Palácio do Planalto, mas inutilmente: a candidatura consolidou-se e ele se exonerou do Gabinete Militar e foi para a Vice-Chefia do Departamento Geral do Pessoal, onde encontrou lares para tentar fazer decolar a candidatura alternativa do General Euler Bentes Monteiro e, depois da derrota no Colégio Eleitoral, para escrever um livro onde divulga as denúncias feitas a Geisel e que promete editar logo após a posse de Figueiredo.



Anistia

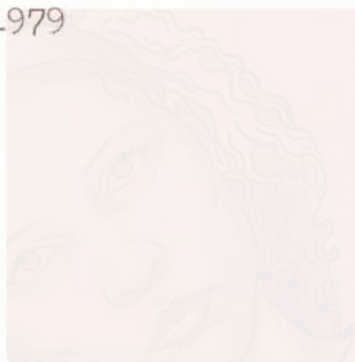
Tendo sido citado o meu nome em carta publicada nesta seção em 18/03, quero lembrar ao missivista, Sr. Hindenburgo, que aqueles que ele classifica como "assassinos e assaltantes comuns" são, sem exceção, enquadrados na Lei de Segurança Nacional, lei que se destina a punir crimes contra a Segurança Nacional, isto é, crimes políticos. São, portanto, no máximo, "criminosos políticos". O Sr Hindenburgo pode não gostar disso, mas esta é a verdade cristalina.

Quem agita o espantinho de terrorismo com relação a essas verdadeiras vítimas da ditadura (como o próprio missivista reconhece) ignora a sucessão de crimes através dos quais, a partir do golpe de estado de 64, implantou-se a mais terrível forma de terror em nosso país, o terrorismo de Estado: através de uma repressão brutal, ilegítima, ilegal e imoral através de torturas, assassinios e desaparecimentos, para não falar da flagrante e total impunidade dos grupos clandestinos de direita, que sequestraram e torturaram até bispos, como D Adriano Hipólito. Não nos esqueçamos de que foi o regime que, desde o primeiro momento, usou da violência contra o povo indefeso. Não nos esqueçamos dos operários e camponeses submetidos a toda espécie de violência repressiva, de tortura, apenas porque procuraram se organizar na defesa de seus mais legítimos interesses. Dos estudantes sobre os quais se despejavam tiros e bombas de gás lacrimogêneo apenas porque ousavam manifestar-se pacificamente.

O "sentimentalismo de nossa gente", como diz o missivista, não impediu que Mário Alves fosse morto dentro das dependências policiais militares **empalado com um cassete denteado**, nem evitou que Stuart Edgard Angel Jones fosse assassinado em meio à tortura, pela asfixia de gases venenosos dos canos de escape de um jipe que o arrastava pelo pátio de uma base aérea militar, com a boca colada à saída dos gases. Isto, para citar apenas dois casos, como exemplos, em meio a centenas e centenas de outros.

Repito: a luta pela Anistia ampla, geral e irrestrita tem suas raízes em um terrível passado de mortes e de sofrimento, mas está voltada para a construção de um futuro radioso em que as liberdades democráticas servirão à libertação econômica, social, política e cultural de toda a sociedade brasileira. E nesse futuro terão lugar todos aqueles que se identificaram com o povo, quaisquer que tenham sido os meios de luta a que recorreram e os caminhos políticos porque seguiram. Iramayade de Queiroz Benjamim — Rio de Janeiro.

27 / 09 / 1979



Últimos atentados no Grande Rio

20/agosto/1975 — Às 10h15m uma bomba explode no 7º andar da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e a organização clandestina AAB (Aliança Anticomunista Brasileira) assume a responsabilidade. Não houve vítimas, mas grandes estragos. Três horas depois, outra bomba é encontrada na sede da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) junto a panfletos da AAB. Peritos da polícia explicam que era feita de material de má qualidade e só por isso não explodira: o pavio queimara dois centímetros e apagara.

22/agosto/1975 — Três bombas atingem a casa do jornalista Manuel Gois Teles, diretor do semanário *O Pontual*, em Nova Iguaçu. Só duas explodem, destruindo um carro e a varanda. Ninguém se responsabilizou e o semanário atribuiu o atentado ao fato do jornalista não ter apoiado a administração do Prefeito Joaquim de Freitas.

22/setembro/1975 — Sequestrado, o Bispo de Nova Iguaçu, Adriano Hipólito encontrado em Jacarepaguá (nó, pés e mãos amarrados, seviciado). Duas horas depois, uma bomba explode em seu carro, estacionado diante da CNBB, na Glória. Às 23h30m, outra bomba explode sobre o telhado da casa do Sr Roberto Marinho, no Cosme

Velho, ferindo um copeiro. Através de notas à Rádio JORNAL DO BRASIL, a AAB assume os atentados.

22/outubro/1976 — Bomba de fabricação caseira destrói quase todo o escritório da empresa Xtal do Brasil SA, na Av Paulo de Frontin. São encontrados panfletos de um Comando Padre João Bosco, do grupo Vanguarda Popular Revolucionária. A empresa pertence a vários militares, entre eles o Brigadeiro João Moreira Burnier, primo-irmão do Padre João Bosco Benido Burnier, assassinado por um PM em Mato Grosso. O Brigadeiro é acusado de utilizar o Para-sar na repressão à subversão, fato que determinou sua passagem para a reserva.

15/novembro/1976 — Bomba explode na varanda da casa onde funcionava o semanário *Opinião*, na Gávea. Panfletos da AAB foram deixados. A explosão fez abrir um buraco de 24cm na parede da redação e estilhaços ferem crianças excepcionais que dormem num colégio vizinho.

5/dezembro/1976 — Bomba de fabricação caseira destrói o portão do depósito da Editora Civilização Brasileira, em Bonsucesso e danifica dois veículos. Panfletos da AAB são deixados no local.

24 / 10 / 1979

D Evaristo recebe carta

São Paulo — O Cardeal D Paulo Evaristo Arns recebeu, na manhã de ontem, carta do Movimento de Renovação Nazista nos mesmos termos de outra enviada ao JORNAL DO BRASIL na última segunda-feira, com uma relação de pessoas ameaçadas. D Paulo divulgou a carta, cujo original será entregue hoje ao DOPS, pelo advogado José Carlos Dias, presidente da Comissão de Justiça e Paz.

Os dois envelopes têm o mesmo carimbo postal da Rua Haddock Lobo, no bairro de Cerqueira César. A remessa da carta ao Cardeal foi comunicada ao delegado Sílvio Machado, no final da tarde de ontem, pelo advogado que enviou ao DOPS, também, as gravações dos telefonemas recebidos pelo pintor Mário Gruber para um exame pericial. Enquanto a Comissão de Justiça e Paz está recolhendo vários depoimentos, o Sr José Carlos Dias já apresentou a gravação a uma pessoa alemã, para uma possível identificação da voz, mas não revelou qual o resultado dessa primeira pesquisa.

DIVULGAÇÃO

Enquanto o Cardeal distribuiu cópias da carta para divulgação, observando que "a clandestinidade é a maior inimiga da democracia", o presidente da Comissão de Justiça e Paz, Sr José Carlos Dias, também considerou importante divulgar o seu recebimento, mas discorda de sua publicação na íntegra, "devido aos termos que ferem a dignidade das pessoas envolvidas".

D Paulo destacou que "gostaria de ver um empenho da polícia, porque seria a prova de que o Governo, de fato, não aceita extremismos de nenhuma categoria, como está dizendo há muitos anos, mas não está provando. O que realmente me impressiona é que nunca um grupo de direita foi apresentado ao público, foi descoberto, nunca foi julgado nesses 15 anos de revolução".

— Os grupos de esquerda de todos os matizes e até, às vezes, os batizados de esquerdistas, foram atingidos pela polícia, mas jamais um grupo de direita. Embora soltando bombas e, agora, já atingindo pessoas, eles simplesmente não merecem a atenção séria da polícia — acrescentou.

O Cardeal declarou-se "chocado" com as declarações do Secretário de Segurança "de que poderia ser uma brincadeira de mau

gosto. Já havia uma pessoa violentamente agredida. Não foi apenas uma ameaça verbal. Não se pode mais classificar de brincadeira. É preciso examinar seriamente".

Discordando, também, de que os dados fornecidos à polícia são "um zero à esquerda", D Paulo ressaltou que "os dados, felizmente, são abundantes e, além disso, são reveladores. Tem gravações, até calxa de correio, envelopes, há pessoas agredidas, portanto há marcas. A questão continua e podem aparecer outras ameaças".

D Paulo fez um apelo, ainda, "para que as pessoas não se afoquem diante de um grupo que deve ser minúsculo, porque chamar-se de 'filhos de Hitler' é muita coragem, hoje, no Brasil, ou melhor, é muita loucura. E de louco se deve temer tudo".

Depois de lembrar os vários atentados de grupos de direita que não foram esclarecidos — "os de Minas, o do Cebrap, o de D Adriano Hipólito" — D Paulo afirmou que não tem elementos para saber se, nesse movimento, há pessoas ligadas ao DOI-CODI, segundo hipótese levantada pelo advogado José Carlos Dias: "A polícia tem de andar atrás de todas as pistas", comentou apenas.

Relacionou, ainda a atuação desse movimento ao quarto aniversário da morte do jornalista Vladimir Herzog (que morreu no dia 25 de outubro de 1975 nas dependências do DOI-CODI do II Exército), lembrando que o nome de Herzog aparece na cara.

NOTA DA COMISSÃO

"A Comissão Justiça e Paz de São Paulo tomou conhecimento de ameaças e até mesmo de atentado físico endereçados a intelectuais brasileiros, evidentemente com o intuito de intranquilizar a quantos se dispuseram a luta pelo restabelecimento das franquias democráticas.

"A Comissão Justiça e Paz se vê, neste instante, diretamente atingida, quando seu presidente, o advogado José Carlos Dias, acaba de receber ameaças, no mesmo sentido, por pessoas que se intitulam integrantes de movimentos da direita.

"A Comissão Justiça e Paz repete, veementemente, essas ameaças e adota, com serenidade, posição de absoluta solidariedade a seu presidente e a todas as pessoas atingidas, renovando sua disposição de prosseguir na defesa dos direitos humanos onde e por quem procure feri-los".

com lista de ameaçados

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

A carta apócrifa

"O Movimento de Renovação Nazista vem por meio deste assumir a responsabilidade do atentado à casa de Mario Schemberg e à sua mulher Lourdes Cedran, sendo que a esta será devolvido um dia a cicatriz que fez a um dos nossos homens. Hitler morreu mas está vivo em nós seus filhos que renascemos em todo mundo. A razão da presente luta é motivada pelos seguintes fatos:

A) Somos a favor do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha, esse é um dos caminhos para que a raça ariana volte a ter o seu verdadeiro papel no mundo, sobretudo militarmente.

B) Somos contra, é óbvio, a raça judia que com seus impérios cada vez mais toma conta do mundo levando a degeneração.

C) Somos contra a arte corrupta, erótica, imoral que assola o mundo artístico levado por artistas que fazem dela o seu discurso degenerado.

D) Somos contra embora uma idiotice, o movimento feminista que estimula a mulher a desobedecer o homem e ter idéias próprias.

Vamos dar e não temos medo, a relação das pessoas ameaçadas mas também das que calaram pensando estarem agindo com prudência mas também com medo, outras com os quais o esquema telefone não funcionou, e as razões:

Pela ordem de importância e perigo à nossa causa:

Mário Schemberg, por ser contra o Acordo Nuclear e possuir prestígio internacional para enfraquecê-lo por ser judeu e como tal diabólico, inteligente, astuto, já ter um carisma junto à juventude e pela palavra poder congregar forças. Temos e admitimos que a sua inteligência extrapola por estimular artistas e intelectuais que estorvam a nossa causa.

Lourdes Cedran sua mulher, por uma arte erótica, indecente mas que só conseguiu mostrar no exterior, pois aqui as galerias temem esse tipo de arte e fazem muito bem. Segundo pelo atrevimento de nos enfrentar e juramos que vamos devolver a ela a marca que fez no rosto de um de nossos homens. Por ser contra o Acordo Nuclear — por viver assistindo artistas ditos populares que são, na verdade, sifilíticos degenerados que deviam ser transformados em adubo.

José Mindlin — Não esqueçamos o caso Herzog — judeu imundo, mecenas dos artistas duvidosos — contra o Acordo Nuclear. A sua mulher será dada a devida lição (atropelamento).

Bardella — Por ser contra o Acordo Nuclear e posições muito liberais.

Marcelo Dany — Contra o Acordo e judeu.

Maurício Segal — Sua posição ideológica, por ser judeu e viver em função daquele museu imundo que propaga a arte suja de Segal, e faz questão de proteger especialmente artistas de origem judia, a sua mulher Beatriz um corte na face poderá interromper a carreira de prostituta do teatro, outro antro de corrupção.

Rogério Cerqueira Leite — Pinguelli — Leite Lopes — Goldenberg judeu imundo, todos contra o Acordo Nuclear e Alberto Rocha Barro p/posição contra o Acordo e apoio à nojenta ADUSP que saberemos derrubar.

Ainda Ernesto Hamburger, judeu, físico, contra o Acordo e Jessica Nogueira Moutinho, trabalho junto ao Cimi.

Deputado Alberto Goldman, judeu, malreio, contra o Acordo, cuja liderança é prejudicial ao nosso movimento.

Deputado Eduardo Suplicy, pelas maquinações no campo da economia.

Dr José Carlos Dias, da Comissão de Justiça e Paz, que está se entrometendo demais na questão e que podemos calar a boca de surpresa.

Artistas que fazem uma arte indecente imoral, porca e que sabemos são todos fundamentalmente contra o nosso Acordo Nuclear.

Mário Gruber, embora pintor da alta burguesia, prega uma arte podre e como os outros é contra o Acordo.

Fábio Magalhães — Arte subversiva, contra o Acordo, cabeça fria para arquitetar jogadas.

Anézia Pacheco Chaves — instigadora do movimento feminista no Brasil, uma arte de merda vindo da lama podre da psicanálise conta o Acordo. Bernardo Krucynski. Jornalistas — Alberto Dines, Flávio Rangel.

Outros nomes que como judeus nos atrapalham a nossa causa, pelo poderio econômico e idéias progressistas.

Jose Nemirovsky, judeu. Todos os anos vai a Israel cuidar dos seus tratos sionistas, artista, intelectual, só que é no fundo de centro-esquerda, mecenas etc.

Adolfo Jagle, médico, judeu, defensor de idéias que não aprovamos.

Alberto Castiel, judeu espanhol, intelectual.

Grünwald — judeu, anista etc. Max Feffer — judeu sionista que como secretário de cultura facilitou muito a arte e a música corrupta. Sua mulher Bethy está na nossa mira, ela será um prato para se provar.

Alfredo Rosenthal, judeu, tipo come-quieto mas tem feito certos trabalhos que estorvam.

Farrkas, judeu, progressista.

Por enquanto esta é a comunicação, outras virão e quando menos esperarem fatos serão consumados.

Outros nomes que poderão estranhar não estarem na lista: é porque cachorro que late não morde.

Para finalizar não vacilaremos para que esses dois velhos senis agitadores Gregório Bezerra e Diógenes Arruda tenham o fim que merecem.

O processo telefônico não surtiu o efeito que queríamos, agora a tática foi mudada.,
ass.) M.R.N.

ONU apura tortura no Brasil

13. 22.01.80
A proposta para que seja criado um tribunal sobre a tortura no Brasil foi aceita ontem pela Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas e a decisão comunicada ao representante do Tribunal Permanente Bertrand Russel, Sr Gerald Thomas, que está no Brasil. Na petição encaminhada à ONU, foram responsabilizadas 709 pessoas.

O documento, com 150 páginas, redigido em inglês, implica o Brigadeiro João Paulo Burnier (desaparecimento do ex-Deputado Rubens Paiva), acusa o delegado Sérgio Fleury, já falecido, e aponta também o Tenente-Coronel José Ribamar Zamith como um dos responsáveis pelo seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

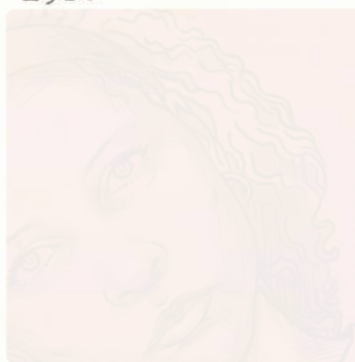
DESATIVAÇÃO

Além de pedir a desativação do DOI-CODI (Departamento Operação Interna do Centro de Operação de Defesa Interna), "à semelhança do que se passou com a Polícia Secreta do Chile, a DINA", o documento historia as atividades da Operação Bandeirantes — Oban — em São Paulo. Foram relacionados também os nomes de vários médicos que teriam prestado serviços aos torturadores.

O Sr Gerald Thomas e mais quatro pessoas durante nove meses redigiram o documento encaminhado à Divisão de Direitos Humanos da ONU, mantido até agora em sigilo. A pesquisa é o resultado de investigações quanto à tortura, nos últimos 15 anos, e relata também a morte da figurinista Zuzu Angel, mãe de Stuart Angel, desaparecido até hoje.

O tribunal sobre a tortura no Brasil estará funcionando a partir de agosto, conforme o projeto aprovado por países e organizações não governamentais, que funcionam como órgão de consultoria do Conselho de Direitos Humanos.

10 / 02 / 1980



D Hipólito relata atentados

São Paulo — Depois de apresentar um relatório sobre os atentados que sofreu, o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, informou que a CNBB, a OAB e a Comissão de Justiça e Paz estão interessadas em acompanhar as pistas levantadas pelo semanário Movimento, apontando o Tenente-Coronel José Ribamar Zamith, como autor intelectual do seu seqüestro, ocorrido em setembro de 1976.

Lembrou que o militar "sempre teve um contato muito íntimo com políticos e empresários de Nova Iguaçu, antes do seqüestro". E informou que nada foi apurado, também, sobre o atentado contra a Catedral da cidade, em dezembro. O telegrama enviado pelo Cardeal do Rio de Janeiro ao Ministro Petrônio Portella, pedindo investigações, foi respondido apenas dia 15, pelo novo Ministro da Justiça Abi-Ackel.

Nada apurado

Dom Adriano lembrou que a investigação secreta do Exército sobre seu seqüestro foi encerrada em dezembro de 1976, sem resultado, ressaltando que em seu último depoimento ao Departamento de Polícia Política e Social do Rio, em janeiro de 1977, confirmou as declara-

ções de que os seqüestradores o levaram para área da Vila Militar.

Segundo Dom Adriano, seu sobrinho, que também foi seqüestrado, não foi encapuzado e teve condições de reconstituir o trajeto que terminava na Vila Militar. "Liguei os fatos e lembrei que, 10 dias antes do seqüestro, fui visitado pelo Coronel Moraes José de Carvalho Lopes, do Regimento Sampaio, que fez várias perguntas sobre o trabalho da diocese. Um seqüestrador independente jamais se aventuraria a entrar na área da Vila Militar, ainda mais a noite, quando os carros são revistados. Mas o Delegado não quis incluir essas declarações no depoimento".

Embora a sigla tenha mudado — Aliança Anticomunista Brasileira (AAB), em 1976, e vanguarda de Caça aos Comunistas (VCC), em 1979, Dom Adriano afirma que "o grupo é o mesmo, pela ação e pela linguagem".

Observou que, até agora, a polícia não entregou o laudo sobre a bomba atirada na catedral. Somente este mês, foram ouvidos os três operários que estavam na igreja na hora do atentado, "num depoimento muito formal". Para Dom Adriano, o problema mais sério é a falta de interesse em apurar os fatos, em relação a qualquer coisa da extrema-direita.

Dividir para dominar

Tristão de Athayde

Rev. 17-07-80 Japira/Instituto

GOVERNAR bem é promover a união. Governar mal é promover a divisão. Quando essa união ou essa divisão se mostram efêmeras e superficiais é que a qualidade, boa ou má, do governo é, também, efêmera e superficial. Há mais de três lustros, nossos sucessivos governos, apoiados numa filosofia política supostamente unitária, não conseguiram promover a união dos brasileiros e sim a sua crescente fragmentação. Agora mesmo, depois de uma substituição de autoridades, por uma que pretende reagir contra essa divisão entre Estado e Nação, através de uma apregoada "abertura" democrática, os fatos mais recentes não coincidem com esses propósitos. O que se nota é o prosseguimento de uma política de "dividir para reinar", segundo a famosa máxima maquiavélica. E com uma agravante. Esse divisionismo é atribuído, pelos poderes vigentes, aos seus adversários, quando tudo indica ser ela uma política intencional. Isto é, dividir para manter a unidade do poder, à custa da fragmentação dos adversários. Os regimes totalitários seguem, sistemática e confessadamente, a técnica letal da eliminação dos dissidentes. Os regimes autoritários, como o nosso, pretendem ser "democráticos", mas aplicam, para o mesmo fim, o processo tortuoso da pulverização. É o método mitológico dos Horácios e Curiácios.

Quais são os sintomas mais recentes e atuais desse processo divisionista, intimamente ligado à intenção continuista? Vejamos contidos no plano estratégico de dividir os partidos, os sindicatos e... a própria Igreja.

A extinção do bipartidarismo foi feita sob a alegação democrática de substituir a existência, de fato, de um partido impotente mas oficial, pela coexistência de vários partidos de força equilibrada e programas próprios, que impedissem a onipotência disfarçada do Poder Executivo. O resultado, pelo menos até agora, foi uma fragmentação partidária puramente nominal, sem força equilibrada, sem programas ideológicos e com eleições inconstitucionalmente adiadas pelo mesmo absolutismo do Executivo, que se pretendia corrigir. Em vez do equilíbrio de forças, o que houve foi a criação de um novo partido oficial todo poderoso, herdeiro de fato dos privilégios da antiga Arena. Em vez de um falso bipartidarismo, um falso multipartidarismo. De mudança, até agora, só restou a falsidade, que apenas mudou de rótulo. No propósito de organizarem um novo partido, apenas de sigla mudada, o que fizeram os estrategistas planaltinos foi deparar os grupos políticos, em que se dividia a oposição unida. Foi estimular, quanto possível, a criação de vários partidos oposicionistas fracos, para não terem elementos de se contrapor, no Parlamento, ao rolo compressor do partido oficial.

Tudo quanto há de mais semelhante às práticas mais condenáveis da chamada República Velha anterior a 1930. O PP, que tudo indicava ser um elemento confiável (para o governo) mas forte, foi logo de início habilmente decapitado ou sufocado. O PTB que podia articular a tradição getuliana das massas trabalhistas, sofreu uma bicefalia extremamente suspeita. A formação de um partido socialista foi posta de lado, como se socialismo e comunismo se equivalessem. Da oficialização de um PC nem se fala, embora seja uma exigência elementar de qualquer democracia que não seja apenas para inglês ver. Quanto ao PT, está muito arriscado a não ser reconhecido pela alegação de ser classista, como se os demais não o fossem. Só resta, como força possível, de oposição organizada, o PMDB, contra o qual se concentram todas as baterias governamentais para estimular, dentro dele, a cisão e a discórdia. Em tudo isso, o que domina é o propósito de dividir, quanto possível, a área partidária, para garantir o

domínio de um partido de fato único, sob a máscara de um pluralismo traído. E, no primeiro teste eleitoral, das eleições de novembro, o descumprimento patente do imperativo constitucional, enquanto se alega, pomposamente, que é preciso cumprir a lei. Pelos cidadãos sim, e pelos partidos oposicionistas. Pelo governo ou pelo seu partido oficial, não... Impostura.

Essa lei, que os autocratas querem que os cidadãos livres cumpram sem discutir, é também escandalosamente descumprida em matéria de liberdade sindical. O teste recente do ABC evidenciou mais esse propósito de dividir para dominar. A greve é um direito constitucional. A liberdade de associação também. Há um ano o governo tentara a intervenção nos sindicatos. Avisado a tempo, voltou atrás, restituindo aos sindicatos do ABC sua autonomia. Passa-se um ano. O operário paulista mostra que está crescendo em amadurecimento político. Revela-se apto a cumprir a lei da liberdade. Tenta cumpri-la. Mas... como mostrou autonomia demais, sob a direção de um líder verdadeiro, forjado na luta livre e desarmada, o autoritarismo oficial mobilizou a força policial e a lei foi descumprida pelas forças governistas, de cima para baixo, escudadas em uma sentença de legalidade altamente duvidosa. E, já agora, cessada a greve, a grande notícia é... o desmembramento do sindicato dos metalúrgicos, como punição inconfessa pelo exercício da tomada da consciência cívica da classe operária. Repete-se, com os sindicatos, o que se está fazendo com os novos partidos. Pulveriza-se para empoeirar o ambiente. Mantém-se a suposta pluralidade sindical, mas peleguisticamente dirigida pelo Ministério do Trabalho, como no corporativismo fascista. Volta-se a liberdade contra a própria liberdade sindical, como o plurarismo político passa a servir a um novo partido único. Sempre o exercício da máxima maquiavélica de dividir para dominar.

A terceira instituição, que poderia fazer sombra ao continuísmo político autoritário é a Igreja. Adulada, enquanto aparentemente reduzida às sacristias, aos lares e às consciências individuais, torna-se perigosa, para todo Poder absoluto, quando procura cumprir sua missão apostólica, não só à margem da sociedade política, mas no meio dela e participando, com a proclamação de suas exigências morais, em matéria de justiça, educação e liberdade, de sua vivência social e portanto política. Torna-se, com isso, um obstáculo a todo autoritarismo absoluto. Por isso deve ser também retalhada. Daí as tentativas crescentes de lhe tolherem a liberdade de ação e de participação nos conflitos sociais. Daí as acusações de intromissão indevida da Igreja em assuntos de Estado. Daí a tentativa maliciosa de açularem as distinções naturais e até sadias, entre progressistas e tradicionalistas, naturais em todo corpo coletivo, como se fossem rupturas graves entre "a Igreja" e "certos elementos dentro dela". Daí a campanha contra Dom Hélder ou contra Dom Pedro Casaldáliga e o atentado contra Dom Adriano Hipólito, até hoje indecifrado. Daí o propósito de denunciarem "uma nova questão religiosa", como aquela em que Dom Vital, como hoje Dom Paulo Evaristo, embora por motivos diferentes, ousou enfrentar o regalismo imperial. Essa ingloria tentativa de dividir a Igreja e contestar-lhe o direito de se colocar ao lado dos fracos e dos seus inalienáveis direitos é a expressão máxima dessa política maquiavélica, de dividir para impor, que está adulterando o nosso reingresso na via democrática prometida.

Se governar bem é promover a união e governar mal é provocar a divisão, o povo brasileiro que diga, em eleições livres, se estamos sendo bem ou mal governados. Talvez por isso é que vão começar por suprimir as eleições de novembro...

13.08.80

Terroristas explodem bombas em bancas do Sul e Brasília

Miri. 13-08-80 seq. + bomba

Santa Rosa (RS)/ Foto CJCJ



O atentado à Edu Jornais e Revistas é o primeiro contra bancas de jornais no Rio Grande do Sul

Rio Grande do Sul e Brasília tiveram ontem de madrugada seus primeiros atentados a bancas de jornais. Na cidade de Santa Rosa e na Avenida W-3, bombas foram colocadas em bancas previamente advertidas a não vender jornais da imprensa alternativa.

Em Brasília, a banca de jornais Disneylândia, de propriedade do Sr Eunio Ferreira, na Avenida W-3, sofreu um atentado, na madrugada de ontem, reivindicado pela Falange Pátria Nova: às 2h, uma bomba plástica de baixo teor explosivo foi detonada do lado de fora, quebrando dois vidros e vergando prateleiras.

O proprietário da banca, ao chegar para abri-la, ontem cedo, viu os vidros estilhaçados e imediatamente registrou queixa na 1ª Delegacia de Polícia de Brasília, que, por sua vez, requisitou a presença da Polícia Federal. O DPF fez perícia do local e levou um bilhete deixado na banca, em letras de forma, com os seguintes dizeres: "Não haverá segundo aviso." Embaixo, a assinatura: Falange Pátria Nova.

Não recuar

O dono da banca disse que não se intimidará com o atentado e continuará a vender jornais alternativos: "Acho que os jornaleiros não devem recuar, pois vendendo jornais de todas as tendências políticas estão colaborando com a política de abertura do Governo federal."

O atentado foi ouvido por moradores da Superquadra Sul 514, que fica atrás da banca. Ninguém, no entanto, viu quem colocou o artefato. A banca Disneylândia não fora visada pelos terroristas que, na semana retrasada, colocaram cola misturada com limalha de ferro nas fechaduras de várias bancas, obrigando os donos a arrombá-las para abrir a porta.

O atentado chamou a atenção das pessoas que passavam ontem de manhã pela principal avenida de Brasília. Quatro parlamentares, os Deputados Roberto Freire (PMDB-PE), Ademar Santillo (PMDB-GO), Freitas Diniz (PT-MA) e o Senador Henrique Santillo (PMDB-GO) e o presidente do Sindicato dos Jornalheiros de Brasília, Joacil Lemos, estiveram no local.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal e a diretoria eleita para a Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais distribuíram nota, assinada conjuntamente pelos presidentes Carlos Castello Branco e Washington Thadeu de Mello, protestando contra o atentado e pedindo providências do Governo para evitar sua repetição em Brasília. Este foi o primeiro atentado a bomba contra bancas de jornais na Capital federal.

Ao pé da página

O Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, ao tomar conhecimento ontem, pela manhã, do primeiro atentado a bomba a uma banca de jornais brasileira, afirmou: "Resguardada a autonomia dos Estados e Distrito Federal, cumpre ao Governo propiciar às bancas policiamento permanente, como forma de proteção à atividade".

Disse ainda que o "Governo da União vem coordenando medidas objetivas, destinadas a assegurar garantias às bancas de jornais. Tais medidas são objeto de verificação diária através do Ministério da Justiça".

As afirmações do Ministro foram feitas por escrito, de próprio punho, ao pé da página onde os jornalistas credenciados formularam a pergunta.

Sindicatos protestam

Em nota divulgada logo depois, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais e a Federação Nacional dos Jornalistas protestaram contra o atentado: "Atentados como esse não atingem apenas os jornalistas, os jornaleiros, os proprietários de jornais e revistas e seus funcionários, mas toda a população, por constituírem uma violência contra o direito à informação, que é de toda a população e contra a liberdade de imprensa".

Numa nota conjunta, os Sindicatos dos comerciantes, bancários, metalúrgicos, barbeiros, securitários, da indústria de alimentação, vigilantes, hoteleiros e vendedores de jornais afirmam: "O Presidente foi abertamente desafiado. Acreditando na honestidade de Sua Excelência, quando afirma repudiador atos de terrorismo, esperam os trabalhadores que a autoridade do dirigente da nação seja restabelecida, através da mobilização dos órgãos de segurança para, finalmente, identificar e apresentar ao país os responsáveis pelos atentados que intranquilizam a população".

"É o único e último aviso", disse o CCC

Porto Alegre — Com a explosão, aos 50 minutos de ontem, da principal loja de jornais e revistas de Santa Rosa, a 536 quilômetros da Capital, de propriedade de um ex-Vereador da Arena, João Carlos Batista dos Santos, registrou-se o primeiro atentado terrorista a bancas de jornais no Rio Grande do Sul.

Em audiência, na Capital, com o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, Lauro Haggeman, o Vice-Governador Octávio Germano, pediu que todas as pessoas que receberem alguma ameaça se comuniquem imediatamente com a Secretaria de Segurança Pública, que providenciará policiamento permanente. Trinta estudantes gaúchos receberam cartas do CCC ou ameaças telefônicas, nos últimos dias.

"Último aviso"

A carta do CCC à banca de Santa Rosa, enviada dia 7 (postada em Cruz Alta, a 368 quilômetros da Capital), ameaçava queimar a banca se continuasse a vender O Pasquim, Movimento e Hora do Povo: "É o único e último aviso. Depois...ação."

O incêndio destruiu metade da loja, atingindo as vitrinas da frente, onde eram vendidos bilhetes de loteria, cigarros, e onde havia uma máquina registradora, avaliada em Cr\$ 220 mil. Curiosamente, os jornais alternativos não foram atingidos pelo fogo, por estarem nos fundos da loja, mas ficaram inutilizados pela água dos bombeiros, que chegaram a tempo de controlar o incêndio.

Segundo o proprietário a Brigada Militar, que isolou a área até a chegada da Polícia Técnica de Porto Alegre, encontrou no local uma taquara medindo cerca de 1,70m com estopa embebida em óleo diesel, e que serviu para quebrar os vidros da frente da loja e atravessar a grade de ferro.

Dois carros

A cidade sofreu um corte de luz das 22h às 2h50m, provocado, segundo técnicos da Companhia Estadual de Energia Elétrica, pelo de campos que atingiu postes com transformadores. Por isso, os moradores perto da loja, não puderam ver os autores do atentado. Mas um vizinho, Luís Alberto Pilotti, depois de ouvir uma explosão abafada, viu algumas pessoas saindo do local num Volkswagen e num Corcel branco.

O Sr João Carlos Batista de Souza, que além da loja que sofreu o atentado é proprietário de mais duas bancas na cidade e distribuidor de jornais para 15 cidades do interior, informou que possui um seguro do Unibanco que cobrirá 60% dos prejuízos.

Artefato caseiro

O Superintendente dos Serviços Policiais, delegado Luis Carlos Carvalho da Rocha, disse que, pelas primeiras informações que recebeu do local, o atentado foi praticado com um artefato caseiro, mas acha prematuro arriscar uma hipótese quanto a autoria, uma vez que desconhece a existência de grupos terroristas de esquerda ou de direita agindo na região.

O Superintendente informou que uma equipe do Instituto de Criminalística, de Porto Alegre, seguiu para Santa Rosa para perícia no material encontrado após a explosão. Enquanto não receber o laudo não se manifestará sobre o assunto. O Secretário da Segurança Pública substituído, Coronel Hélio Loro Orlandi, não falou à imprensa porque as investigações estão a cargo da Polícia Civil.

O delegado Rocha disse que desconhece a existência e atuação, no Estado, de um grupo que denomina de Comando de Caça aos Comunistas, mas acrescentou que a ameaça recebida pela Livraria Combate Socialista, há duas semanas, em Porto Alegre, está sendo investigada pelo DOPS, que ainda não conseguiu nenhuma pista.

Na Assembleia Legislativa, o Deputado Porfírio Peixoto (PDT), da tribuna, condenou os atentados terroristas de direita, "acobertados pelas forças policiais e militares. É ignominioso presenciar estas minorias atentarem contra a cultura nacional, propondo o obscurantismo e a cegueira nacional".

Primeiro, os jornais

Em Passo Fundo (291 quilômetros da Capital), o jornalista Ivaldino Tasca, de O Nacional, recebeu ameaça de que o jornal seria incendiado. Em Santo Angelo (459 quilômetros da Capital) jornalistas e bancas de jornais também sofreram ameaças, não concretizadas até agora. O presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, Lauro Haggeman, disse: "Na Alemanha nazista começou assim, primeiro os jornais, depois os livros e depois os judeus".

O presidente da União Estadual de Estudantes (UEE), David Fialkov Sobrinho, disse que os 30 estudantes gaúchos ameaçados, entre eles a vice-presidente da UEE, Maria Isabel Torres, receberam cartas e telefonemas anônimos do CCC. Na sua opinião, a intenção do grupo terrorista de direita "é criar um ambiente de instabilidade no país, que conduza a um novo processo de repressão do Governo".

Minas instala CPI sobre terrorismo

Belo Horizonte — A Assembléia Legislativa de Minas instala amanhã a primeira Comissão Parlamentar de Inquérito do país para apurar atentados terroristas a entidades e líderes comunitários e os incêndios em bancas de jornais.

Durante 60 dias, a CPI convocará, para serem ouvidos, o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, o Secretário de Segurança de Minas, Coronel Walther Vieira, o Deputado federal Genival Tourinho (PDT) e as vítimas dos atentados.

O Deputado Ademir Lucas (PMDB), autor do requerimento da CPI, sugeriu, na reunião de ontem com o Comitê de Solidariedade às Vítimas dos Atentados, que entre os depoentes sejam incluídos o advogado de presos políticos Geraldo Magela de Almeida e o ex-agente de informações Nelson Galvão Sarmento.

Dom José

Salvador — O bispo de Própria, Dom José Brandão, disse que os constantes casos de perseguição à Igreja, no interior, são também "uma expressão do terrorismo de direita".

"Enquanto nas cidades grandes o terrorismo se manifesta através de atentados a personalidades de expressão ou incêndios a bancas de jornais, no interior o terrorismo ocorre no confronto com a Igreja por causa de conflitos pela posse da terra."

Dom José afirmou que tudo o que está acontecendo com o homem do campo é fruto da implantação do capitalismo no meio rural: "O homem não é levado em conta. Pelo contrário, é considerado um empecilho para o Governo. É necessário que haja uma mudança de concepção na hora de serem executados programas como o do álcool e da pecuária."

Não desmontado

Florianópolis — O professor Moniz Bandeira, da PUC carioca, que se encontra nesta Capital para falar aos alunos de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina, disse que "a escalada de violência que se abateu sobre o país nos últimos dias é decorrente de luta de classes e seus autores são pessoas ligadas ao aparelho repressivo que, apesar da abertura e da anistia, não foi desmontado".

Afirmou o professor: "É evidente que este tipo de ação não interessa ao Planalto. Mas acho difícil a elucidação dos casos e a identi-

cação dos autores. Afinal, como é que a polícia vai investigar a própria polícia?"

"Jeans"

João Pessoa — Agentes do DOPS, sem mandado judicial, entraram ontem na redação do *Correio da Paraíba* para prender o jornalista e radialista Gerson Luis, mas foram repelidos por repórteres e redatores que impediram a consumação da prisão.

O jornalista é editor de um tablóide, *Jeans*, dirigido à juventude e, no último número, que foi apreendido, havia uma reportagem sobre a filha de um empresário. O empresário conseguiu a apreensão do jornal, mas, segundo uma versão do superintendente do *Correio da Paraíba* (em cujas oficinas *Jeans* é rodado), houve um acordo para indenizar o jornalista Gerson Luis.

Extensão das rondas

São Paulo — O Secretário de Segurança, Octávio Gonzaga Jr., disse aos representantes do Sindicato de Jornais e Revistas que não vê como dar cobertura permanente às 6 mil bancas de jornais paulistas, com o efetivo disponível para o policiamento. "Mas já determinei a extensão das rondas rotineiras das guarnições da PM para prevenir novos atentados."

O Secretário recebeu em seu gabinete o advogado e o tesoureiro do Sindicato, José Antônio da Silva e Antônio Rodrigues. Disseram que, "diante do grande número de queixas de famílias, houve necessidade de apreender revistas e livros declaradamente obscenos, com apelos eróticos".

"Digo mais. Não sou nenhum puritano", continuou o Secretário, "mas há muita coisa nojenta nestas publicações. Grande parte delas nem traz o nome dos responsáveis." O Secretário afirmou que "a ação policial foi perfeitamente resguardada pelas normas penais vigentes".

Como um sinal de protesto contra a "investida nazi-fascista que vem preocupando inclusive o Governo", o Reitor da Universidade Metodista de Piracicaba, Elias Boaventura, apoiou a iniciativa de os estudantes montarem uma banca no campus para vender os jornais alternativos.

O presidente do DCE da Universidade Metodista, Adelmo Alves Lindo, informou que a instalação da banca no Campus Taquaral representa uma resposta "à omissão do Governo diante dos atentados".

Dom Paulo estranha a impunidade

São Paulo — Diante da possibilidade levantada no DOPS, de que a esquerda poderia ser responsável pelas últimas ameaças e atentados, o Cardeal Paulo Evaristo Arns considerou que "é estranho classificar a esquerda de violenta e não descobrir os verdadeiros autores dos atentados e ameaças".

Segundo o Cardeal, de São Paulo, "antigamente, quando se sabia que eram da esquerda, todos os atentados eram imediatamente descobertos. O que teria mudado? Mas continuamos confiando que a polícia vá descobrir o quanto antes os autores e terá todo o apoio da comunidade para esse trabalho que é decisivo para a paz social".

Vários níveis

Salvador — Os conferencistas do seminário que assinala o 50º aniversário da Associação Baiana de Imprensa, o jornalista Pompeu de Souza, vice-presidente da ABL, o repórter político Villas-Boas Correia e o editor-chefe do jornal *A Tarde*, Jorge Calmon, ex-membro da Comissão de Liberdade de Imprensa da Sociedade Interamericana de Imprensa, condenaram, ontem, os atentados a bancas de jornais e personalidades.

Segundo eles, os atentados não ameaçam apenas a imprensa alternativa, "mas toda a imprensa nos seus vários níveis", conforme assinalou o Sr. Jorge Calmon, que presidiu a mesa do seminário. Segundo o repórter Villas-Boas Correia, a origem dos atentados "passa pela porta dos quartéis ou do quintal do Governo", mas ressaltou que as Forças Armadas como um todo não promovem esses acontecimentos.

Na opinião de Villas-Boas Correia, da TV Bandeira, "há grandes diferenças entre os

Governo quisesse já teria descoberto os autores dos atentados". Lembrou que o atentado ao Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, foi praticado num tipo de carro de que só existem três no Brasil. A cor do veículo também permitia a identificação, porque com chapa do Rio de Janeiro só existe um.

Rumo da história

Brasília — "Tentar deter o rumo da história pelo terror conduzirá, mais cedo ou mais tarde, a ruptura do pacto social, com desdobramentos incontroláveis que a ninguém pode interessar", disse o Deputado Rubem Medina (PDS-RJ), antecipando a linha do discurso que fará hoje na Câmara.

Na sua opinião, aqueles a quem o pleno exercício da democracia se apresenta como um fantasma deveriam muito mais temer "o fantasma da radicalização". O Deputado fluminense acha que tudo deve ser feito para que não aconteça aqui o que vem ocorrendo em tantos países, "com implosões das comunidades, numa patética sequência de retrocessos".

Riscos

"Temeu-se até pela visita do Papa ao Brasil e nunca os valores espirituais pairaram tão alto. Temia-se, antes, pela ordem pública com a libertação dos presos políticos, com a anistia, a volta dos banidos. Nada ocorreu de anormal".

E acentuou o Sr. Rubem Medina: "E o que se tem agora? O poder corrosivo da imprensa alternativa? Mas como, se todos os dias, em cada banca, os grandes preferidos pelo público são sempre os outros jornais? A força desagregadora dos advogados, que, até por necessidade de sobrevivência profissional, são os pri-

serem ouvidos, o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, o Secretário de Segurança de Minas, Coronel Walther Vieira, o Deputado federal Genival Tourinho (PDT) e as vítimas dos atentados.

O Deputado Ademir Lucas (PMDB), autor do requerimento da CPI, sugeriu, na reunião de ontem com o Comitê de Solidariedade às Vítimas dos Atentados, que entre os depoentes sejam incluídos o advogado de presos políticos Geraldo Magela de Almeida e o ex-agente de informações Nelson Galvão Sarmento.

Dom José

Salvador — O bispo de Própria, Dom José Brandão, disse que os constantes casos de perseguição à Igreja, no interior, são também "uma expressão do terrorismo de direita".

"Enquanto nas cidades grandes o terrorismo se manifesta através de atentados a personalidades de expressão ou incêndios a bancas de jornais, no interior o terrorismo ocorre no confronto com a Igreja por causa de conflitos pela posse da terra."

Dom José afirmou que tudo o que está acontecendo com o homem do campo é fruto da implantação do capitalismo no meio rural: "O homem não é levado em conta. Pelo contrário, é considerado um empecilho para o Governo. É necessário que haja uma mudança de concepção na hora de serem executados programas como o do álcool e da pecuária."

Não desmontado

Florianópolis — O professor Moniz Bandeira, da PUC carioca, que se encontra nesta Capital para falar aos alunos de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina, disse que "a escalada de violência que se abateu sobre o país nos últimos dias é decorrente de luta de classes e seus autores são pessoas ligadas ao aparelho repressivo que, apesar da abertura e da anistia, não foi desmontado".

Afirmou o professor: "É evidente que este tipo de ação não interessa ao Planalto. Mas acho difícil a elucidação dos casos e a identi-

João Pessoa — Agentes do DOPS, sem mandado judicial, entraram ontem na redação do **Correio da Paraíba** para prender o jornalista e radialista Gerson Luis, mas foram repelidos por repórteres e redatores que impediram a consumação da prisão.

O jornalista é editor de um tablóide, **Jeans**, dirigido à juventude e, no último número, que foi apreendido, havia uma reportagem sobre a filha de um empresário. O empresário conseguiu a apreensão do jornal, mas, segundo uma versão do superintendente do **Correio da Paraíba** (em cujas oficinas **Jeans** é rodado), houve um acordo para indenizar o jornalista Gerson Luis.

Extensão das rondas

São Paulo — O Secretário de Segurança, Octávio Gonzaga Jr., disse aos representantes do Sindicato de Jornais e Revistas que não vê como dar cobertura permanente às 6 mil bancas de jornais paulistas, com o efetivo disponível para o policiamento. "Mas já determinei a extensão das rondas rotineiras das guarnições da PM para prevenir novos atentados."

O Secretário recebeu em seu gabinete o advogado e o tesoureiro do Sindicato, José Antônio da Silva e Antônio Rodrigues. Disse-lhes que, "diante do grande número de queixas de famílias, houve necessidade de apreender revistas e livros declaradamente obscenos, com apelos eróticos".

"Digo mais. Não sou nenhum puritano", continuou o Secretário, "mas há muita coisa nojenta nestas publicações. Grande parte delas nem traz o nome dos responsáveis." O Secretário afirmou que "a ação policial foi perfeitamente resguardada pelas normas penais vigentes".

Como um sinal de protesto contra a "investida nazi-fascista que vem preocupando inclusive o Governo", o Reitor da Universidade Metodista de Piracicaba, Elias Boaventura, apoiou a iniciativa de os estudantes montarem uma banca no campus para vender os jornais alternativos.

O presidente do DCE da Universidade Metodista, Adelmo Alves Lindo, informou que a instalação da banca no Campus Taquaral representa uma resposta "à omissão do Governo diante dos atentados".

Dom Paulo estranha a impunidade

São Paulo — Diante da possibilidade levantada no DOPS, de que a esquerda poderia ser responsável pelas últimas ameaças e atentados, o Cardeal Paulo Evaristo Arns considerou que "é estranho classificar a esquerda de violenta e não descobrir os verdadeiros autores dos atentados e ameaças".

Segundo o Cardeal, de São Paulo, "antigamente, quando se sabia que eram da esquerda, todos os atentados eram imediatamente descobertos. O que teria mudado? Mas continuamos confiando que a polícia vá descobrir o quanto antes os autores e terá todo o apoio da comunidade para esse trabalho que é decisivo para a paz social".

Vários níveis

Salvador — Os conferencistas do seminário que assinala o 50º aniversário da Associação Baiana de Imprensa, o jornalista Pompeu de Souza, vice-presidente da ABI, o repórter político Villas-Boas Correia e o editor-chefe do jornal **A Tarde**, Jorge Calmon, ex-membro da Comissão de Liberdade de Imprensa da Sociedade Interamericana de Imprensa, condenaram, ontem, os atentados a bancas de jornais e personalidades.

Segundo eles, os atentados não ameaçam apenas a imprensa alternativa, "mas toda a imprensa nos seus vários níveis", conforme assinalou o Sr Jorge Calmon, que presidiu a mesa do seminário. Segundo o repórter Villas-Boas Correia, a origem dos atentados "passa pela porta dos quartéis ou do quintal do Governo", mas ressaltou que as Forças Armadas como um todo não promovem esses acontecimentos.

Na opinião de Villas-Boas Correia, da TV Bandeirantes, "há grupos radicais com cobertura militar ou setores do aparelho de segurança" promovendo os atentados. Ele estranhou a demora da Polícia e dos órgãos de segurança para elucidar os atentados e salientou estar convencido que mostram o descontentamento desses grupos com a política de abertura do Presidente da República.

Para o jornalista Pompeu de Souza, "se o

Governo quisesse já teria descoberto os autores dos atentados". Lembrou que o atentado ao Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, foi praticado num tipo de carro de que só existem três no Brasil. A cor do veículo também permitia a identificação, porque com chapa do Rio de Janeiro só existe um.

Rumo da história

Brasília — "Tentar deter o rumo da história pelo terror conduzirá, mais cedo ou mais tarde, a ruptura do pacto social, com desdobramentos incontroláveis que a ninguém pode interessar", disse o Deputado Rubem Medina (PDS-RJ), antecipando a linha do discurso que fará hoje na Câmara.

Na sua opinião, aqueles a quem o pleno exercício da democracia se apresenta como um fantasma deveriam muito mais temer "o fantasma da radicalização". O Deputado fluminense acha que tudo deve ser feito para que não aconteça aqui o que vem ocorrendo em tantos países, "com implosões das comunidades, numa patética sequência de retrocessos".

Riscos

"Temeu-se até pela visita do Papa ao Brasil e nunca os valores espirituais pairaram tão alto. Temia-se, antes, pela ordem pública com a libertação dos presos políticos, com a anistia, a volta dos banidos. Nada ocorreu de anormal".

E acentuou o Sr Rubem Medina: "É o que se tem agora? O poder corrosivo da imprensa alternativa? Mas como, se todos os dias, em cada banca, os grandes preferidos pelo público são sempre os outros jornais? A força desagregadora dos advogados, que, até por necessidade de sobrevivência profissional, são os primeiros a defender rigoroso cumprimento da lei? A manifestação de um artista, os arroubos de um parlamentar, a reivindicação de um sindicato? Que riscos são esses, que o instrumental jurídico do país tem facilmente como controlar e canalizar, quando comparados com o risco maior da violência clandestina e indiscriminada? Uma crítica pode ser incômoda. Uma bomba é mortal".

Ministro não sabe se é atentado

Salvador — O Ministro da Marinha, Almirante Maximiano da Fonseca, considerou "uma expressão muito forte" a classificação de atentado terrorista para o espancamento do professor Daimo Dallari, em São Paulo, e para a ameaça de explosão de todo o país a bancas que vendem jornais considerados de oposição ao Governo.

De início o Ministro alegou desconhecer "se mataram ou surraram alguém" mas depois, quando lhe foi lembrado por jornalistas o espancamento do professor Dallari, observou: "Há um caso em São Paulo que até hoje não foi esclarecido. Até hoje não sei se foi ou não um atentado político. Agora, há um certo exagero em falar de atentado terrorista."

Coisa desagradável

Ampliando sua apreciação sobre o assunto, o Ministro declarou que as ameaças e os atenta-

dos são "uma coisa muito desagradável e prejudicial ao Governo. Isso é péssimo porque o Governo não quer e seria bom que não houvesse".

"Acho um certo exagero dizer que está havendo uma onda de terrorismo no Brasil. Terrorismo houve em 1968. Ai, sim, mataram gente", comentou o Ministro, concordando no, entanto, que os fatos de agora, até certo ponto, "alteram o momento político brasileiro" e "devem ser combatidos e apurados pelo Governo, partam da direita ou da esquerda".

O Ministro Maximiano da Fonseca discorda de que haja por parte do Governo desinteresse em apurar fatos considerados atos de terrorismo, considerando que "a Justiça no Brasil é sempre um pouquinho lenta. Porque eu não sei" mas garantiu: "O interesse do Governo é apurar tudo o que vem acontecendo."

Sobre a possibilidade da intervenção das Forças Armadas na questão, lembrou que "elas só entram em ação quando o Governo manda, determina", o que por enquanto não aconteceu.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

18-09-80

requisito / hum

Terrorismo

Tristão de Athayde

COSTUMO dizer que o fanatismo é a peste do nosso tempo. Em todos os terrenos, das idéias aos fatos. Ora, o terrorismo, cuja onda universal nos está hoje atingindo em cheio (como se fosse uma vingança demoníaca ao novo Triunfo Eucarístico, como o do século XVIII em Vila Rica, hoje representado pela recente passagem de João Paulo II por entre nós), o terrorismo é hoje a manifestação mais patente e universal do fanatismo. Pois, assim como não podemos curar um câncer, como já se cura, sem extirpar-lhe as raízes e metástases, não basta condenar o terrorismo, como absurdo ou criminoso, mas tentar entendê-lo em profundidade e extensão. E, por isso, considerá-lo em seus aspectos filosófico, sociológico e político, de caráter integral, universal e nacional, nazi-fascista (como o nosso atual); nacionalista (como o basco, o palestino ou o sionista); religioso (como o irlandês); comunista-fascista (como o italiano).

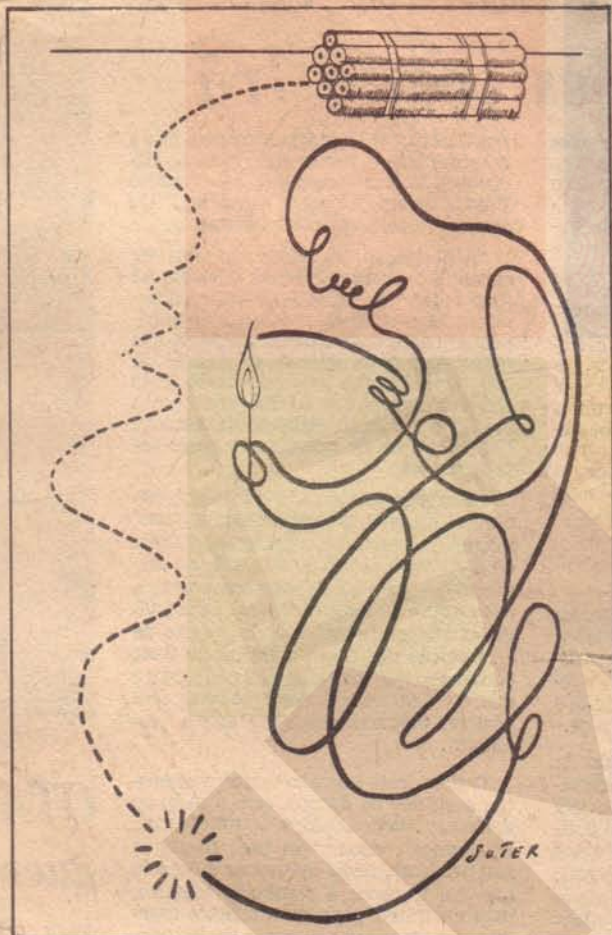
Filosoficamente, o terrorismo é uma ideologia do desespero. Desespero que leva ao suicídio quando é total. Ou ao assassinato e à destruição pela violência, quando se torna instrumento de ação social, semelhante ao processo primitivo de desmatamento pelo fogo, como preparo às plantações. Ou ao processo literário do dadaísmo ou da contracultura, como terra-rasa intelectual, para novas construções estéticas. A epidemia de suicídios no fim do mundo antigo, na Grécia ou em Roma, está-se reproduzindo hoje nos Estados Unidos.

A revista *Time* de setembro ("Suicide Belt") traz as seguintes estatísticas: "Em todo o país o suicídio é hoje a terceira causa-mortal entre os jovens de 15 a 19 anos (sic), depois dos acidentes e homicídios. Em 1977, 1871 adolescentes se mataram, 20% a mais durante um ano e 200% a mais, desde 1950. Nos bairros ricos, o índice de aumento é maior. No bairro mais opulento de Chicago, o aumento chega a 250% a mais, durante a última década." É uma confirmação do que Dürckheim dissera, no início do século, em sua obra clássica sobre o suicídio, mostrando como a

mocidade é a idade humana em que o homem mais se suicida. Nesse sentido filosófico, o fanatismo, de que o terrorismo é a manifestação política mais patente em nossos dias, é uma degradação intelectual e afetiva da natureza humana, agravada ao extremo pelas circunstâncias histórico-sociais.

Sociologicamente, como se sabe, o nome de terrorismo provém do grupo de extremistas fanáticos da Revolução Francesa, de que Robespierre e Saint-Just se tornaram símbolos universais desde então. Se, filosoficamente, o fanatismo é uma atitude de desespero total em face da vida, isto é, uma vontade invencível de não viver, sociologicamente é um recurso desesperado para alcançar uma utopia, na própria organização da vida coletiva. Em ambos os casos, o terrorismo, como produto social do fanatismo e do desespero, é um fenômeno universal, que no Ocidente moderno se está manifestando como uma crise fatal da própria civilização. E, particularmente, como o fruto de uma concepção ilusória do progresso, nascida do iluminismo do século XVIII e desenvolvida pelo evolucionismo naturalista do século XIX. O século XX, por sua vez, com o desenvolvimento de suas guerras, revoluções e crises, está chegando ao seu fim como um século **passional e frustrado**, em suas exageradas e falsas expectativas de progresso crescente e irreversível. O terrorismo, portanto, é hoje um fenômeno universal, como subproduto da civilização moderna e seu próprio requinte, tanto tecnológico como ideológico. Afeta, sobretudo, as classes superiores da população. Seu maior paradoxo é ser elitista. Os brigadistas italianos são recrutados, em geral, na elite social e intelectual do país. Na Irlanda, como no Irã, é o sentimento religioso fanático que leva a ele. Como na Espanha é a paixão regionalista.

A terceira face, pela qual o nosso próprio terrorismo brasileiro deve ser encarado, é naturalmente o aspecto histórico da nossa recente evolução política. Não estamos muito longe dos dias do nosso ufanismo institucional, em



que um ministro de Estado, talvez o mais inteligente, podia serenamente proclamar que o Brasil era uma ilha de paz e de prosperidade social, num mundo dominado pelo tumulto e pela desordem...

Hoje, ou antes, de alguns anos para cá, os próprios ufanistas são forçados a reconhecer que estamos todos embarcados na mesma galera, como dizia Molière. É como uma onda de petróleo, escurecendo nossas praias. E despertando, com isso, as reações mais desencontradas de pânico ou de repressão violenta, olho por olho, dente por dente.

Se era inteiramente falsa, anos atrás, a onda de ufanismo insensato, com que tentaram anestesiá-lo nosso povo, seria uma nova insensatez reagir, por meio de um pessimismo ou de um retrocesso, interrompendo as conquistas da Oposição, já incorporadas à situação vigente, como a liberdade de imprensa, a anistia, a pluralidade partidária, em processo ainda tão incompleto. Ora, o nosso terrorismo, encapuzado covardemente em suas fontes nacionais e internacionais, está

visivelmente tentando sabotar o esforço do atual Governo e as promessas de um homem de caráter como o seu Presidente, para a instauração de um Estado de legalidade justa, a que todos aspiramos.

Essa tentativa em curso se coloca em posição diametralmente oposta (a despeito das recentes visitas presidenciais...), ao caminho que está sendo seguido pela maioria das nossas nações vizinhas (ou antes pelos seus governos, não pelos seus povos), como o Uruguai, a Argentina, o Chile, o Paraguai e já agora a infeliz Bolívia. Esse caminho ditatorial e militarista, de que o recente golpe boliviano é a mais grave manifestação, encontra, patentemente, em nosso meio, e particularmente nos "subúrbios" do governo, como o disse o nosso arguto Carlos Castelo Branco, um eco muito complacente. Ora patente, ora invisível. Há muito temo que atos preparatórios do atual surto terrorista, desde a agressão impune ao bispo de Nova Iguaçu, vêm sendo praticados por forças secretas da direita, com a complacência ou a in-

diferença das autoridades públicas, sem que quaisquer providências tivessem sido tomadas contra seus planejadores ou executores. Basta dizer que até o recente atentado contra o professor Dalmo Dallari, que indignou a opinião pública, foi considerado como uma "farsa" pelo Governador de S. Paulo. Sem falar na absoluta impunidade dos atos criminosos do famoso Esquadrão da Morte ou da Mão Branca, até mesmo da enigmática Operação Cristal.

Tudo faz crer, entretanto, que, desta vez, o problema está sendo enfrentado com visão objetiva: tal o clamor público despertado pelo atentado contra a benemerita OAB e o assassinato de sua sacrificada chefe da Secretaria. Por muito tempo, o anti-comunismo, o antiesquerdismo e até mesmo o anticlericalismo foram utilizados pelo governo, como a única arma eficiente na defesa da sua pretensa legalidade e ordem pública. Ora, é óbvio que o terrorismo não vem, nem só da esquerda nem só da direita. No momento, entretanto, está na cara que ele visa, antes e acima de tudo, impedir o processo de abertura democrática em curso. É um movimento nitidamente voltado contra o atual governo. O propósito de um entendimento interpartidário, governo-oposição, para combatê-lo e evitar recíprocos radicalismos, é o caminho certo a seguir. Estamos pagando o alto preço de anos seguidos de falso ufanismo e de impunidade de atos constantes de pré-terrorismo, praticados até mesmo abertamente pelas autoridades públicas, como foi, ainda há pouco, a criminosa demolição do prédio da UNE na Praia do Flamengo. Devemos todos, no momento, concorrer para a mobilização nacional do bom senso, contra a ameaça terrorista, de tipo civil, policial, militar ou paramilitar, qualquer que seja o seu nível social ou funcional. Mas, tão grave como esse tipo de irracionalidade, seria a insensatez de prosseguir numa política autoritária ou na impostura de um anti-comunismo primário, que não passa de um biombo, para a instauração de um tipo qualquer de neofascismo, igualmente totalitário.

20.09.80

Sigla VCC estava gravada na bomba enviada à Sunab

Mar. 20-09-80 *Mar. 20-09-80*

A sigla da VCC (Vanguarda de Caça aos Comunistas) estava gravada a alfinete na bomba que não explodiu na Sunab. Antes, o DPPS só conhecia esta sigla de panfletos. A organização está catalogada na Polícia Federal como organização de direita radical, junto com a Brigada Anticomunista Tenente Mendes e com o CCC (Comando de Caça aos Comunistas).

O Delegado Brito Pereira, delegado titular da Delegacia de Ordem Política e Social, disse que estas organizações de direita estão para a polícia como o bicho-papão está para a criança. "Quem é o bicho-papão?", indagou o delegado. "É um elefante, um lobo ou um urso? E quem são os componentes destas organizações de direita radicais? Nós não sabemos."

Só esquerda

O Sr Brito Pereira disse que, até hoje, o DPPS não fez nenhum processo contra organizações de direita. Apenas contra a esquerda. "Descobrimos aparelhos subversivos e processamos seus integrantes. Nós sabíamos de cor e salteado que era subversivo. Agora, da direita, nós não sabemos."

No DPPS, existe um processo contra uma organização direitista. É a Brigada Anticomunista Tenente Mendes, que se responsabilizou pelo atentado ao carro do jornalista Hélio Fernandes — Fiat RY 9904 — incendiado em 29 de novembro. No DPPS ninguém conhece Tenente Alberto Mendes, mas todos se lembram do episódio em que o Tenente Alberto Mendes, da Polícia Militar, à frente de sua tropa, cercou um grupo comandado pelo Capitão Lamarca em São Paulo e acabou sendo morto a pauladas.

Nos arquivos do DPPS há os seguin-

tes registros sobre explosões, atentados ou ameaças, desde 1979, sem indicio de autoria:

1 — explosão na Escola Municipal Pedro Lessa, em Bonsucesso, em 26 de setembro de 1979;

2 — explosão e pichamento da Matriz de Nova Iguaçu, e seqüestro do Bispo Adriano Hipólito;

3 — incêndio do carro do jornalista Hélio Fernandes;

4 — ameaça ao jornalista Luis Gomes da Silva, através de cartas, em Copacabana;

5 — outra ameaça, ao jornalista Francisco Trota, em Padre Miguel;

6 — explosão da banca de jornais na Rua Araújo Porto Alegre, no Castelo, em 4 de agosto;

7 — explosão em outra banca, na Rua Gago Coutinho, no mesmo dia;

8 — explosão de uma bomba na Letra S/A, em Madureira, no dia 27 de abril;

9 — explosão na sede do jornal Hora do Povo, na Rua Buenos Aires;

10 — bomba no escritório da OAB;

11 — bomba na Tribuna Operária, na Rua da Lapa;

12 — bomba na OAB;

13 — bomba na Câmara dos Vereadores;

14 — bomba na Sunab.

A explosão de uma bomba em uma banca de jornais no centro de Niterói está com sua investigação praticamente encerrada. Segundo a polícia, não houve atentado. Apenas um grupo de pivetes, ao passar por uma garagem, viu um pedaço de estopa embebida em inflamável, em chamas, e passou a chutá-la, até que ela foi parar em baixo da banca de jornais. Pessoas que passavam na ocasião viram o fogo e pensaram que fosse atentado e chamaram a polícia e os bombeiros.



A NOTÍCIA



JORNAL DO RIO DE JANEIRO

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRJ

O jornal da
cidade de maior
circulação
na cidade
Fundado em
17/9/1894
Diretor
UYRUM PAULINO

A Notícia

CR\$
1,50
CAPITAL,
INTERIOR
E MINAS

Rua Riachuelo, 359 — 12 páginas ★ ANO LXXXII — 5.ª-feira, 23-9-76 — N.º 14.106 ★ Tel.: 222-7751 — Telex 22.385

Seqüestro e bomba contra Dom Adriano de Nova Iguaçu

Pouco depois das 19 horas de ontem, seis homens, num fusca vermelho e um Chevrolet antigo, seqüestraram o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e seu sobrinho, Fernando Leal Webereng, quando ambos chegavam de carro à casa de Maria del Rio Pilar Deglesias, noiva de Fernando, na Rua Paçaguassu, Posse. Mais tarde, o carro em que viajava o Bispo era explodido na Glória, a poder de bomba

DEIXARAM BISPO NU

Ao final da noite, na Delegacia de Madureira, Dom Adriano Hipólito descreveu para a Polícia os lances dramáticos do seqüestro de que foi vítima, juntamente com seu sobrinho. No fuscão deste último, foi ele levado para Jacarepaguá. Pelo caminho, os seqüestradores enfiaram-lhe um capuz na cabeça, amarraram-lhe os pés e as mãos, tiraram-lhe os sapatos e, pedacinho por pedacinho, cortaram-lhe as vestes, deixando-o inteiramente despido. Obrigaram-no ainda a beber cachaça. Dom Adriano temia que o matassem ali mesmo, mas um dos seqüestradores avisou: "Nosso chefe não quer que você morra agora. A sua hora ainda não chegou". Esclareceu o Prelado que por fim seus algozes o abandonaram num lugar que não sabia precisar qual. Eram 22 horas. Enquanto isto, seu sobrinho, em outro carro, o seu próprio fuscão, era levado para o Jardim Sulacap, onde mais tarde seria encontrado amarrado, amordaçado e descalço. Seu fuscão os seqüestradores conduziram para a Glória e ali o explodiram a bomba. Às 23h30min, outra bomba explodia, na residência do Sr. Roberto Marinho, no Cosme Velho, ferindo um empregado da casa, o copeiro Teotônio Queirós, que foi levado à medicação no Hospital Miguel Couto pelo motorista José Elias Carvalho, seu colega de trabalho. Após consumarem os atentados, os seqüestradores telefonaram para a rádio JB, avisando que o Bispo acabava de ser abandonado num subúrbio (Página 6)



No fusca deixado na Glória, os seqüestradores puseram uma bomba, cuja explosão acabou com o carro

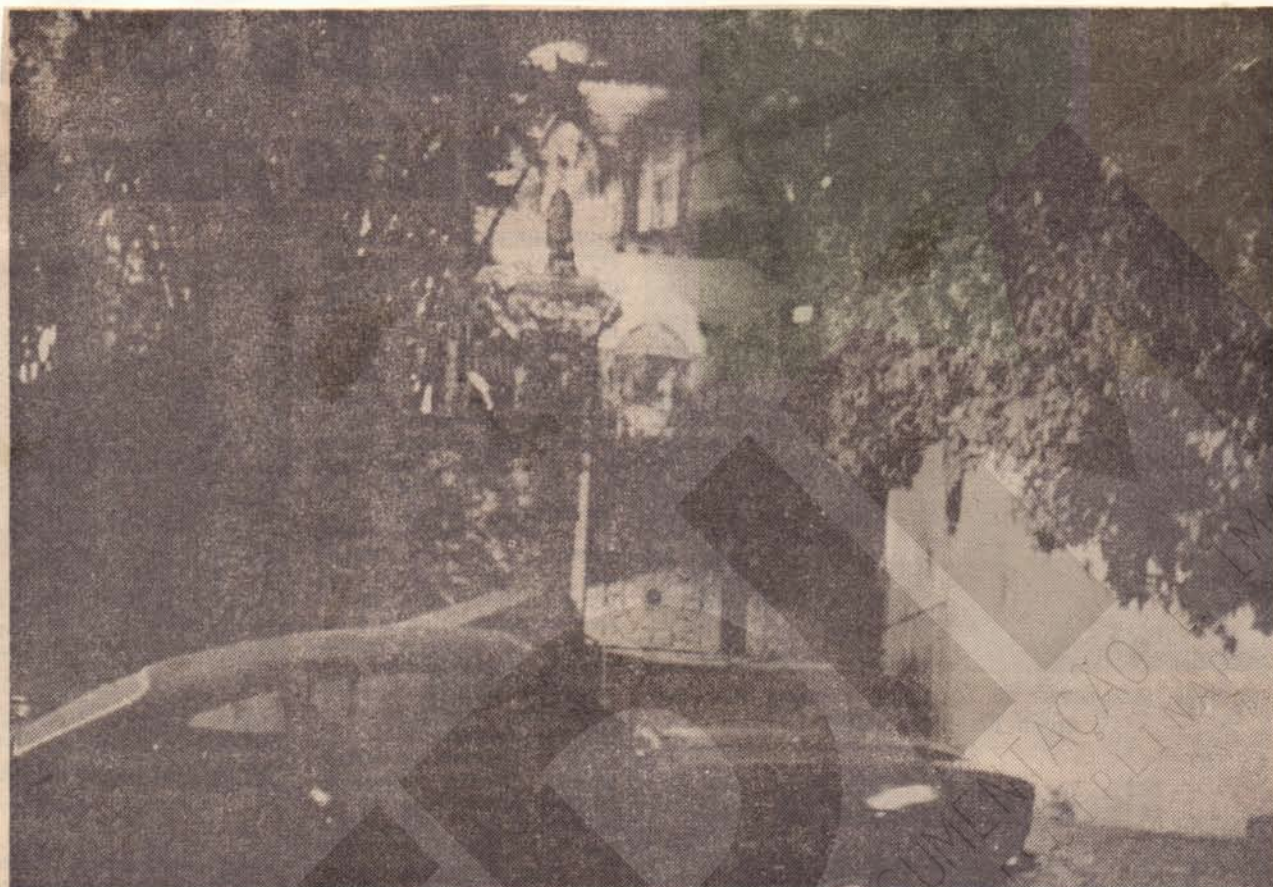




CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRJ



Na 29ª DP, D. Adriano, com a roupa de um repórter, descreveu o seqüestro



A residência do Sr. Roberto Marinho foi interditada pouco depois do atentado

Bispo seqüestrado ficou nu e amarrado em Jacarepaguá

A NOTÍCIA/RIO 23-09-76

Seis homens que usavam dois carros seqüestraram, em Nova Iguaçu, o Bispo Adriano Mandarino Hipólito, desta cidade, e o seu sobrinho Fernando Leal Webereng. O sacerdote foi encontrado horas depois, em Jacarepaguá, no Rio, de pés e mãos amarrados e completamente nu. Não muito distante de Jacarepaguá, no Jardim Sulacap, os seqüestradores abandonaram o rapaz, amarrado, amordaçado e descalço.

TRES NO FUSCÃO

Dom Adriano Hipólito, de 58 anos, levado para a Delegacia de Madureira, contou ao Delegado Ronaldo Coelho, os lances do seqüestro. Disse que aproximadamente às 19h20m., de ontem, no fuscão vermelho RJ FB 7591 saiu da Catedral de Nova Iguaçu, na Rua Marechal Floriano Peixoto. O carro era dirigido por seu sobrinho Francisco Leal Webereng, de 25 anos, e nele ia, também, a noiva do rapaz, Maria del Rio Pilar Deglesias, de 23 anos, que mora na Rua Paraguaçu, 671, no distrito de Posse.

DOIS NA «FECHADA»

O fuscão parou em frente à residência da moça. Ela saltou. Nesse momento surgiram um fusca vermelho e um Chevrolet antigo, que «fecharam» o fuscão. Dois homens saltaram do fusca e quatro do Chevrolet. A moça correu para a sua casa. Os seqüestradores mantiveram Francisco no fuscão. Outros dois levaram o Bispo para o fusca e outros foram para o Chevrolet.

BATERIA CORTADA

Os três carros foram postos em movimento. Ele não sabe o destino dos outros dois. No seu fuscão, além do seqüestrador-motorista, ia outro, com ele, no banco traseiro. Esse bandido roubou-lhe 5 mil cruzeiros e duas pastas com documentos paroquiais. Meteu-lhe um capuz na cabeça e amarraram-lhe os pés e mãos. Depois, com uma tesoura, começou a cortar suas roupas sacerdotais. Cortou tudo que era rou-

pa, tirou-lhe os sapatos. Por fim ele ficou inteiramente nu.

CORPO PINTADO

Depois disso o seqüestrador usou mercúrio como vermelho para pintar-lhe o corpo. Tirou-lhe o capuz e pintou-lhe o rosto. Depois obrigou-o a beber cachaça. Botou-lhe novamente o capuz e o fuscão vermelho continuou rodando. Ele não sabe por onde andou, mas sabe que eram ruas de vários tipos, pela trepidação do carro, asfaltadas, de paralelepípedo e de terra batida.

NÃO ERA A HORA

O sacerdote receava que o matassem. O seqüestrador, porém, em dado momento lhe disse: «Nosso chefe não quer que você morra agora. A tua hora ainda não chegou. Nós somos da Aliança Ante-Comunista. E o fusca seguiu rodando. Por fim abandonaram-no num lugar que não sabia qual. Numa calçada. Cerca das 22 horas parou junto dele a Rural RJ QS 4252, de propaganda do candidato a vereador José Meneses.

JORNALISTA AJUDOU

O motorista Evandro Moreira saltou, espantado, ao ver o homem nu e amarrado, na calçada. Perguntou o que ocorrera. O sacerdote respondeu com outra pergunta: «Em que rua de Nova Iguaçu estou?» Explicou-lhe o motorista que estava na Rua Jupará, em Jacarepaguá, perto da Praça Barão da Taquara (Praça Seca), em Jacarepaguá, Rio. Dom Adriano Hipólito começou a falar do seqüestro e aproximou-se o jornalista Adir Mera, residente nas imediações.

PADRES SOLIDÁRIOS

O repórter inteirou-se rapidamente do ocorrido e levou o bispo para a sua moradia. Deu-lhe roupas e levou-o para a Delegacia de Madureira. Pouco depois chegavam o Vigário-Geral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann, o Chanceler, Padre Manuel Monteiro, padres Davi Cock e Davi Kigan e outros e o Prefeito João Batista Barreto Lubanco. É que a noiva de Fernando Leal logo que os seqüestra-

dores se haviam afastado entraram em contato com a Delegacia de Nova Iguaçu e a catedral da cidade. Também chegaram detetives do DOPS e do Departamento-Geral de Investigações Especiais.

BOMBA NO CARRO

A Polícia ainda se inteirava dos fatos quando uma bomba destruiu um carro no Largo da Glória, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O delegado Jacques de Brito e detetives da Delegacia do Catete (9ª DP) foram para lá e logo identificaram o carro destruído: era o de Fernando, sobrinho do bispo. Apuraram que o fuscão parara no meio da pista. Dele saíram dois rapazes. Colocaram debaixo do fuscão um embrulho e correram. Instantes depois houve a explosão.

A parte mais pesada do fuscão foi atirada ao canteiro de obras do metrô. Pedacos voaram longe, a 50 metros. Dentro da parte maior a Polícia apreendeu pedaços da batina do sacerdote, dinheiro, papéis e três pés de sapatos. Acredita-se que tudo pertencesse a D. Adriano Hipólito.

Detetives de Nova Iguaçu, Madureira, Catete, DOPS, DGIE e outros agentes de segurança começaram a procurar o sobrinho do bispo.

NO SULACAP

Fernando Leal Webereng foi deixado pelos seqüestradores no Jardim Sulacap, amarrado, amordaçado e sem sapatos. Patrulheiros da RP 54-0110 o encontraram aproximadamente às 21 horas. O rapaz estava muito perturbado e foi levado a medicar-se no Hospital Padre Olivério Kraemer. Depois foi para a sua moradia.

PROCURA INÚTIL

Maria del Rio Pilar Deglesias ainda na noite de ontem prestou depoimento no DOPS e em seguida retirou-se. O local da explosão na Glória foi submetido a demorados exames periciais e detetives vararam a madrugada procurando os seqüestradores terroristas, mas sem encontrá-los.

Bomba na casa do jornalista

Pouco depois das 23h30min uma bomba explodiu na residência do Sr. Roberto Marinho, presidente da organização Globo, de comunicações. Só uma pessoa teve ferimentos. O copeiro Teotônio de Queirós, de 23 anos. O fato foi

comunicado à Polícia, e, em seguida, a mansão da Rua Cosme Velho, 1-105, ficou rodeada de policiais.

EMBRULHO NO TELHADO

O copeiro teve ferimentos diversos, principalmente no peito e rosto, incluindo a região

orbicular. O motorista João Elias de Carvalho, também empregado do Sr. Roberto Marinho, levou-o a medicar-se no Hospital Miguel Couto. O copeiro contou que estava trabalhando, na copa, quando ouviu um ruído no telhado.

Saiu para ver do que se tratava. Olhou e viu um embrulho em cima do telhado. E do embrulho saíram umas centelhas. Segundos depois houve a explosão que o feriu e destruiu várias telhas, ripas e calbros.

Ligação entre os atentados

A Polícia acredita que têm ligação os atentados contra o Bispo de Nova Iguaçu e o jornalista. Soube, a propósito, de telefonema recebido pela Rádio Jornal do Brasil, já na madrugada de hoje. Um anônimo disse que o sacerdote havia sido seqüestrado, castigado e abandonado num

bairro da Zona Norte, sendo o carro dele mandado como aviso à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O homem do telefonema disse, também, que o Sr. Roberto Marinho acabara de receber uma advertência.

O jornal da
tarde de maior
circulação
na cidade

Fundado em
17/9/1894

Diretor
GILSON PAULINO

A Notícia

OS
1,50
CAPITAL,
INTERIOR
E MINAS

122

Rua Riochuelo, 359 — 12 páginas ★ ANO LXXXII — 6.ª-feira, 24-9-76 — N.º 14.107 ★ Tel.: 222-7751 — Telex 22.385

Bispos pedem garantias

O secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, monsenhor Hames, esteve, ontem, no Ministério da Justiça para manifestar as apreensões da entidade em relação aos atos do Bispo de Nova Iguaçu, bem como pedir garantias para o trabalho exercido pela Igreja e seus dignitários. A Polícia está procurando o fusca azul de placa LI 8290, cujos ocupantes foram acusados de terem participado do atentado a bomba no Cosme Velho e dos outros atos de terror, o seqüestro do Bispo e a explosão do carro do sobrinho dele. O comando do I Exército distribuiu nota oficial condenando os fatos episódicos que não afetam a segurança da área e dizendo que a Secretaria de Segurança está empenhada em apurar as responsabilidades. Em Brasília, logo após a reunião com o ministro da Justiça, Ernesto Geisel, no Palácio do Planalto, o Ministro Armando Falcão afirmou que o Governo já tomou todas as providências com vistas a descobrir e punir os responsáveis pelos atos de violência. O Observador Romano, expressou seu protesto pela violência de que foi vítima o Bispo de Nova Iguaçu, referindo-se ao "desaparecimento" do mesmo, em lugar de expressar mais,

A Notícia

GS
1,50
CAPITAL
INTERIOR
& MINAS

122

— 12 páginas ★ ANO LXXXII — 6.ª-feira, 24-9-76 — N.º 14.107 ★ Tel.: 222-7751 — Telex 22.385

pos pedem

garantias

Nacional dos Bispos do Brasil, monsenhor Hames, esteve, ontem, no Ministério da Justiça para manifestar as apreensões da entidade em relação aos atentados da véspera e o seqüestro, bem como pedir garantias para o trabalho exercido pela Igreja e seus dignitários. A Polícia está procurando o fusca azul de placa LI 8290, cujos ocupantes são os principais suspeitos de Velho e dos outros atos de terror, o seqüestro do Bispo e a explosão do carro do sobrinho dele. O comando do I Exército distribuiu nota oficial condenando os atentados, classificando-os como atentados contra a segurança da área e dizendo que a Secretaria de Segurança está empenhada em apurar as responsabilidades. Em Brasília, logo após um despacho do Presidente da República, o Ministro Armando Falcão afirmou que o Governo já tomou todas as providências com vistas a descobrir e punir os responsáveis pelos atentados. O jornal do Vaticano, L'Espresso, fez seu protesto pela violência de que foi vítima o Bispo de Nova Iguaçu, referindo-se ao "desaparecimento" do mesmo, em lugar de expressar mais claramente o "seqüestro" (P. 9)



Maria Deglesias, noiva do jovem Fernando, sobrinho de Dom Adriano, escapou por milagre à ação fulminante dos seqüestradores

"Toda confiança no Governo"

O Comando do I Exército distribuiu nota oficial condenando os atentados, classificando-os de fatos episódicos que não afetam a segurança da área e dizendo que a Secretaria de Segurança está empenhada em apurar as responsabilidades.

É a seguinte a íntegra da nota:

«1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, teme o dever de esclarecer:

a. O Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranqüilidade e paz existentes na área.

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial.

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.»

«FANATISMO PRIMÁRIO»

A CNBB divulgou, no início da tarde de ontem, nota oficial, assinada pela presidência e pela Comissão Episcopal de Pastoral, na qual se solidariza com o bispo D. Adriano Hipólito e considera «uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha de um fanatismo primário».

A nota, na íntegra, é a seguinte:

«A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

1. A presidência da CNBB, reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1 — Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2 — Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e diante de um fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3 — Agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vem recebendo de todos os recantos do Brasil;

4 — Renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, de onde quer que venham e a quem quer que atinjam».



D. Eugênio Sales

CONDENAÇÃO

Quase na mesma hora, a Assessoria de Imprensa da Arquidiocese do Rio de Janeiro divulgou também uma nota oficial em nome do Cardeal-Arcebispo Dom Eugênio Sales. A nota é a seguinte:

«O seqüestro de Dom Adriano, bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos».

SELVAJARIA

Assinada por Monsenhor Artur Hartmann, vigário geral, a Diocese de

Nova Iguaçu divulgou a seguinte nota oficial:

«Dom Adriano Hipólito, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente seqüestrado, encapuzado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja: ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: «Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós» (Mateus, 5,11-12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos «filhos das trevas» os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os «clamores do povo» (Êxodo 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o seqüestro e a tortura de Dom Adriano não são um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: «Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação» (Lucas 21,17-19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nossos compromissos de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.»

SEGURANÇA E LIBERDADE

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Prudente de Moraes Neto, visitou, à tarde, o jornalista Roberto Marinho, na sede do jornal O Globo, para prestar-lhe solidariedade pelo atentado a bomba contra sua residência, na noite de anteontem, e, ao mesmo tempo, a ABI divulgou uma nota oficial em que qualifica o ato como mais uma ação na escalada do terror.

Depois de lembrar as agressões sofridas recentemente pela ABI e pela OAB, a nota da associação considera «sintomático que os alvos desta sanha incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa». O objetivo estratégico do extremismo, segundo a ABI, visa, na verdade, «ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais em que se envolve historicamente a nação inteira».

A nota oficial da ABI diz o seguinte, na íntegra:

«Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, diretor-redator-chefe de O Globo, e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do país, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade,

"Todos nós devemos nos unir"

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a nação.

GRUPOS EXTREMISTAS

SÃO PAULO — O Sindicato dos Jornalistas enviou telegrama de solidariedade ao Sr. Roberto Marinho e distribuiu uma nota à imprensa, que tem o seguinte teor:

«O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo manifesta seu mais veemente repúdio aos novos atentados a bomba praticados ontem à noite no Rio de Janeiro, atingindo a residência do jornalista Roberto Marinho, diretor do Jornal O Globo, assim como as violências de que foi vítima o Bispo Dom Adriano Hipólito, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Como já fizeram na ocasião do atentado contra a sede da Associação Brasileira de Imprensa, os jornalistas de São Paulo condenam os grupos extremistas interessados em tumultuar a vida do País, através de atos terroristas, e manifestam sua crença em que só o diálogo, o debate e o desenvolvimento normal do processo político poderão conduzir aos objetivos de liberdade e democracia que todo o País deseja».

Ao jornalista Roberto Marinho, o sindicato enviou o seguinte telegrama:

«Receba nossa solidariedade neste momento em que sua pessoa é atingida por aqueles que não se conformam com a força do debate e da liberdade, e tentam silenciar a imprensa com atos terroristas que todos repudiamos».

DILIGÊNCIAS

Também a Secretaria de Segurança distribuiu nota dando conta das diligências que estão sendo realizadas em caráter sigiloso, visando a descobrir os autores do sequestro do bispo e da explosão de seu carro, no Largo da Glória, bem como do atentado a bomba à residência do Sr. Roberto Marinho.

BRASÍLIA — O Presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, condenou o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano, e o atentado contra a residência do Sr. Roberto Marinho, recusando-se a admitir que eles possam contribuir para atrasar o desenvolvimento político do País.

O senador mineiro identificou nos acontecimentos "sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos nós devemos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que perguntem, ao mesmo tempo, um bispo que diz de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição».

Ele se negou a admitir que os atentados possam impedir ou atrasar a volta da normalização política do País:

"Não devem atrasar. Porque aí seria dar ganho de causa aos radicais. Eles estão fazendo isto, porque não estão satisfeitos com as eleições e com o caminho que o Brasil está tomando».

TOTAL REPÚDIO

BRASÍLIA — O Presidente da Arena, Deputado Francelino Pereira condenou os atentados contra o Bispo de Nova Iguaçu e o diretor de O Globo:

"A Arena manifesta total repúdio a este tipo de violência, perversa de onde partir. Ato desta natureza, de direita ou de esquerda, não pode receber e não tem o apoio do povo brasileiro. Trata-se de ato efetivamente condenável e que só pode ser punido por tipos anômalos ou doentes».

"DEVIDAMENTE PUNIDOS"

BRASÍLIA — Em nome da bancada da Arena na Câmara, o vice-líder Eduardo Galil condenou os dois atentados ocorridos no Rio de Janeiro. Pediu ele, em nome do partido, "que os responsáveis por esse ato de violência, repugnado por toda a bancada, sejam devidamente punidos a fim de que este País não tenha na sua História a marca negra e vermelha das violências que todos nós repudiamos».

Afirmou o vice-líder que "os dois atentados merecerão, por certo, do Presidente Geisel, as mais absolutas e totais diligências no sentido de se apurar as responsabilidades e de se punir os culpados. Este País — prosseguiu — há 12 anos, vive sob a égide da tranquilidade, da paz, com sacrifício de muitas vidas de pessoas ilustres, pertencentes aos órgãos de segurança, que deram tudo para que o País continuasse trilhando o caminho da paz e da tranqüilidade».

Pela liderança do MDB, o Deputado Celso Barros (PI) condenou os atentados terroristas que, para ele, configuram um procedimento sob todos os pontos condenável, porque desvirtuam o sentido de solidariedade e de comportamento do povo brasileiro. Afirmou que jamais o MDB pregou a subversão, pelo contrário, sempre se opôs a ela, porque a considera "um mal em muitos aspectos irreparável visando a pessoas inocentes que pelo seu trabalho e honradez, prestam relevantes serviços à Nação».

GOVERNO REPUDIA

Brasília — O Ministro da Justiça, Américo Falcão, de-

clarou, ao deixar o gabinete do Presidente Geisel no Palácio do Planalto, que o Governo está acompanhando as diligências que se realizam no Rio, para apurar a responsabilidade pelos atentados.

— O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual, para descoberta de autoria e punições legais dos eventuais responsáveis...

AÇÃO LOCALIZADA

O Governador Faria Lima considerou o sequestro do bispo de Nova Iguaçu, e a explosão de uma bomba na residência do diretor de O Globo, uma ação localizada que não terá repercussões sobre o quadro político e muito menos no resultado das eleições de novembro.

Em rápida conversa com repórteres, Faria Lima afastou a hipótese sobre a participação do esquadrão da morte do sequestro do bispo, que tem feito reiterados apelos contra a matança de marginais. O Governador foi categórico: "Essa história de esquadrão não existe, é invenção».

APUREM A AUTORIA

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Caio Mário da Silva Pereira, classificou os últimos atentados terroristas da Aliança Anticomunista Brasileira como manifestações que só concorrem para exacerbar os

espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Ernesto Geisel no sentido de se efetivar a "distensão". Caio Mário lembrou que os atentados da AAB contra a Associação Brasileira de Imprensa, a própria OAB, contra o Centro Brasileiro de Pesquisas e agora contra a Igreja, têm como objetivo atingir instituições desarmadas e empenhadas na solução dos problemas sociais do Brasil.

— Como presidente da OAB e fiel aos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica, manifesto minha repulsa a esses atentados e mais uma vez formulo meus apelos para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição».

ATOS DE VANDALISMO

Para o presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, Eduardo Seabra Fagundes, é preciso que o Governo, que já está de posse dos instrumentos legais e técnicos para isso, identifique os culpados por esta série de atentados, a fim de devolver a tranqüilidade à nação já tão conturbada em função de problemas de ordem política, econômica e de conjuntura". Ressaltou, entretanto, que a ação dos órgãos de segurança não pode justificar maiores restrições à vida política do país.

— A nação brasileira espera que esta série de atos de vandalismo contrária aos sentimentos e tradições do povo brasileiro tenha paradelo o quanto antes».

PLACA DE FUSCA PODE LEVAR A SEQÜESTRADORES DO BISPO



D. Adriano presta seu depoimento

Os seqüestros e os dois atentados a bomba, anteontem à noite, de que foram vítimas o Bispo de Nova Iguaçu, seu sobrinho e o Sr. Roberto Marinho, têm mais uma pista: o automóvel Volkswagen azul, placa LI 8290, que está sendo procurado pela Polícia.

Seus ocupantes são os principais suspeitos dos atos terroristas, sendo que o fusca foi visto rondando a casa da Rua do Cosme Velho, pouco antes do atentado, às 23h30min.

A primeira pista foi dada pelos próprios terroristas, que em panfletos e num telefonema a uma emissora de rádio, identificaram-se como elementos da Aliança Anticomunista Brasileira, o que de resto revelaram pessoalmente ao Bispo de Nova Iguaçu, quando o seqüestraram.

Os acontecimentos, que provocaram, em todo o País, manifestações de solidariedade às vítimas e de protesto contra o terrorismo, tiveram, cronologicamente, quatro episódios marcantes na noite de anteontem:

19h30min — seis homens armados, que desembarcaram de dois automóveis, levaram o bispo num dos carros;

23h30min — o bispo é encontrado, inteiramente despido, na Rua Japurá, em Jacarepaguá;

23h30min — o fusca vermelho, chapa EB 751, do sobrinho do bispo, foi estacionado diante da sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Largo da Glória; um garoto viu dois homens descender e colocarem um envelope (com o panfleto terrorista) sobre um monte de terra; os dois estranhos se afastaram e logo depois o fusca explodiu;

23h30min — à mesma hora em que o fusca vermelho, do sobrinho do bispo, explodia no Largo da Glória, outro fusca, azul, placa LI 8290, era visto rondando a casa do Sr. Roberto Marinho onde, pouco depois, explodia uma bomba.

Eram 6 armados de revólveres

O Bispo D. Adriano ganhou notoriedade por suas críticas sistemáticas ao esquadrão da morte, a cada série de execuções sumárias na Baixada Fluminense.

Quando o esquadrão da morte voltou a fazer vítimas, a partir de maio deste ano — cinco homens foram executados no Jardim Metrópole — D. Adriano procurou o Governador Faria Lima, no Palácio Guanabara, e dele exigiu providências contra a matança na Baixada.

Às 19h30min de anteontem, o bispo deixou a Catedral de Nova Iguaçu em companhia de seu sobrinho Fernando e da noiva deste, Maria del Rio Pilar D'Eglesias. Eles embarcaram no fusca vermelho de Fernando, de placa EB 75-91 e seguiram para o bairro da Posse, onde deixariam a moça em casa. De lá seguiram para o parque Flora, a cinco quilômetros de Nova Iguaçu, onde o bispo mora com o sobrinho.

Assim que o carro parou e Maria desembarcou, em Posse, o fusca de Fernando foi fechado por dois automóveis, dos quais desembarcaram seis homens armados de revólveres. Eles obrigaram o bispo a passar para outro carro, onde também embarcaram um tipo branco de óculos e outro moreno.

AS AGRESSÕES

O bispo ouviu os gritos de seu sobrinho, que ficou dominado pelos outros seqüestradores em seu próprio carro. D. Adriano foi algemado, amarrado com cordas e encapuzado. Em seguida passaram-no do banco para o chão do carro. A partir daí o bispo recebeu uma série de pontapés. Durante a viagem, em que o carro, segundo D. Adriano, percorreu caminhos de paralelepípedos e estradas de terra, os seqüestradores lhe disseram que muitos comunistas iam morrer, mas que sua vez ainda não havia chegado, por determinação do chefe do grupo.



Aqui abandonaram o bispo

Em um lugar que o bispo não sabe precisar, os terroristas rasgaram sua batina e deixaram-no inteiramente despido. Em seguida, pintaram seu corpo de vermelho — com mercúrio cromo — e o deixaram. D. Adriano foi encontrado duas horas depois, às 21h30min, na Rua Japurá, em Jacarepaguá, por um candidato a vereador que passava com seu carro ornamentado com propaganda eleitoral. O candidato conduziu o bispo à casa de um fotógrafo, que lhe cedeu roupas e sapatos. Novamente vestido, o bispo foi encaminhado à delegacia mais próxima, a de Madureira.

A EXPLOSAO

Às 23h30min, o fusca vermelho do sobrinho do bispo foi estacionado diante da sede da CNBB, no Largo da Glória, e logo depois explodiu. Já logo após o seqüestro, Maria, a noiva do sobrinho do bispo, que a tudo presenciara, comunicou o fato à delegacia de Nova Iguaçu. O delegado Amil Nei Reichald entrou em contato imediato com o Secretário de Segurança. Assim, quando o carro do sobrinho do bispo explodiu e os bombeiros e a Polícia chegaram, D. Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, procurou os policiais para saber se o carro que explodira era o do bispo que fora seqüestrado. Os agentes recolheram, no porta-luvas do carro, os documentos, conferiram o nome constante na identidade com o que era fornecido por D. Ivo e constataram que o carro era do sobrinho de D. Adriano e que não havia vítima no interior do veículo.

Ao tempo em que D. Adriano contava como ocorrera o seqüestro e queixava-se de que os terroristas haviam roubado seus documentos e cinco mil cruzeiros, com os quais ele ia pagar títulos da catedral de Nova Iguaçu, seu sobrinho era encontrado na Estrada do Catunho, próximo ao Hotel Taba. Fer-

nando estava despido, manietado, enca-
puzado e apresentava-se bastante feri-

PASSA BEM

do. Ele foi levado a uma clínica em
Nova Iguaçu para ser medicado. Logo
depois D. Adriano era conduzido ao
DOPS para prestar depoimento.

O Bispo de Nova Iguaçu esta cansa-
do, um pouco machucado, mas psicolo-
gicamente passa muito bem. Essa foi
a informação dada, ontem, na CNBB e
no Palácio São Joaquim (sede do arce-
bispo do Rio) pelos diversos bispos
e padres que estiveram com D. Adriano,
desde a hora em que ele foi encontra-
do despido em Jacarepaguã.

D. Adriano passou parte da madru-
gada de ontem andando de uma repar-
tição policial para outra, até a sede do
Dops, onde prestou depoimento, acom-
panhado do Nuncio Apostólico do Bra-
sil, D. Carmine Rocco, e do secretário-
geral da CNBB, D. Ivo Lorscheider. O
Nuncio estava no Rio, ontem, por aca-
so e, quando soube do seqüestro, pro-
curou imediatamente se encontrar com
D. Adriano.

O bispo disse que os seqüestradores
cortaram sua batina em pedaços, até
que o deixaram completamente nu. De-
pois, tentaram obrigá-lo a beber um li-
tro de cachaça, o que quase lhe pro-
vocou um desmaio, porque o álcool mo-
lhou o capuz e provocou um cheiro ao
qual o bispo não está acostumado.

Depois de conversar com vários bis-
pos e padres, D. Adriano foi dormir e
acordou às 9h30min. Entre 11h30min e
12 horas, deixou o colégio no Alto da
Boa Vista e foi se consultar com um
oculista, pois os dois tipos de óculos
que usa foram perdidos com o seqües-
tro. Depois da consulta com o oculis-
ta, foi levado a um local desconhecido,
como medida de segurança.

"FRANCO E CORAJOSO"

Traumatizado com o atentado sofri-
do pelo dirigente de uma diocese que
congrega seis municípios (Nova Iguaçu,
Nilópolis, Meriti, Itaguaí, Paracambi e
Mangaratiba) e uma população de mais

de três milhões de pessoas, a comuni-
dade cristã da Baixada Fluminense, re-
gião em que vive a maioria desses ha-
bitantes, considera que o seqüestro de
D. Adriano foi causado por suas posi-
ções e pronunciamentos independentes,
francos e corajosos sobre a realidade
econômico-social daquela região.

Padres e leigos que participam do
convívio diário com o bispo de Nova
Iguaçu disseram, ontem, que nunca ou-
viram de sua parte qualquer referência
a ameaças telefônicas porventura diri-
gidas contra ele. Na quarta-feira ele
trabalhou até mais tarde na cúria da
diocese, no centro de Nova Iguaçu, de
onde saiu após as 18h30min, depois de
conversar tranquilamente com o padre
Henrique, vigário da catedral da cida-
de. Em seguida ele entrou no fusca
dirigido por seu sobrinho Fernando e
no qual também estava a noiva deste,
Maria del Pilar.

APREENSÃO

A cúria de Nova Iguaçu, que funcio-
na em prédio ao lado da catedral, não
abriu ontem. Por volta das 11 horas
alguns padres conversavam no térreo,
quando padre Henrique informou não
poder revelar o local em que D. Adria-
no se encontrava. Na casa do bispo,
na Rua Comendador Francisco de Oli-
veira, no bairro da Posse, ninguém sa-
bia informar sobre o paradeiro de D.
Adriano, dizendo apenas que haviam
sido avisados de que ele estava pas-
sando bem.

Padre Henrique contou que a notícia
do seqüestro lhe foi dada, pouco de-
pois das 19h30min de anteontem, por
Maria del Pilar, que entrou chorando
em casa, aos fundos da catedral. To-
madas as primeiras providências de co-
municar o fato à CNBB e à Delegacia
de Nova Iguaçu, padre Henrique rece-
beu, mais tarde, a visita do nuncio
apostólico. O vigário da catedral disse
ainda que, às 3h15min da madrugada
de ontem, recebeu um telefonema da
CNBB, comunicando-lhe que D. Adria-
no já tinha aparecido e acabado de
prestar depoimento no DOPS, retiran-
do-se em seguida para repousar.

REGISTRO

A comunicação do seqüestro às au-
toridades de Nova Iguaçu foi feita pelo
padre David John Kiegan, irlandês, que
compareceu à delegacia às 20h15min.
O registro diz que, por volta das 19h e
30min, seis homens, ocupando dois car-
ros, um dos quais foi identificado como
um Ford Corcel, interceptaram o fusca
em que estava D. Adriano, em frente
ao nº 671 (residência de Maria del Pi-
lar) da Rua Paraguassu, quase esquina
com a Estrada do Ambai, no bairro da
Posse.

Maria del Pilar disse, ontem à tarde,
à porta de sua residência, que não viu
muita coisa, pois já estava entrando em
casa quando o carro de seu noivo foi
cercado. Muito nervosa ela sequer an-
tou a placa dos carros. Logo depois
de ter iniciado a conversa com os re-
pórteres, a moça foi puxada para den-
tro de casa, por sua mãe e, mais tar-
de, foi levada a depor, em local igno-
rado, em um carro da polícia.

PROVIDÊNCIAS

O secretário da CNBB, Monsenhor
Hames, esteve, ontem, no Ministério da
Justiça para manifestar as apreensões
da erridade em relação ao episódio,
bem como pedir segurança para o tra-
balho exercido pela igreja e seus dig-
nitários.

Monsenhor Hames preferiu não co-
mentar as reações do Ministro da Jus-
tiça sobre o incidente, limitando-se a
afirmar que recebera amplas garantias
de que todas as providências seriam
tomadas para a pronta solução do
caso.

Polícia procura um fusca azul

O fusca azul, placa LI 8290,
está sendo procurado pela
polícia. Seus ocupantes são
os principais suspeitos do
atentado a bomba contra a
casa do Sr. Roberto Marinho,
no Cosme Velho. O carro foi
visto rondando a casa pouco
antes do atentado, às 23 ho-
ras e 30min.

A polícia concluiu que a
bomba foi jogada pelos
ocupantes de um carro que
descia a ladeira dos Guara-
rapes, que passa nos fundos
da propriedade. A bomba
caiu sobre o telhado deslizando

sobre o mesmo e explodiu
próximo à parede da casa.

O petardo destruiu todas
as vidraças do quarto do
casal, que dormia. Um po-
licial informou que o casal só
não foi atingido porque os
estilhaços de vidro caíram
de encontro à cortina, que
estava fechada.

O atentado feriu dois em-
pregados da casa, os copel-
eros Darci Alves Faria e An-
tônio Queiroz. Este foi le-
vado ao Hospital Miguel Cou-
to, com alguns ferimentos.
Ele foi liberado após ser
medicado, mas retornou ao

hospital ontem, para um exa-
me dos olhos, que foram
atingidos pelos estilhaços.

A PREOCUPAÇÃO

O diretor-redator-chefe de
O Globo distribuiu a seguin-
te nota:

"A bomba explodiu sobre
o beiral do telhado de mi-
nha casa, aos primeiros mi-
nutos de hoje, destruindo pe-
quena parte do telhado e
vidraças da casa. Não ima-
gino qual tenha sido a moti-
vação, nem a autoria deste
atentado.

O caso está entregue às

autoridades policiais que,
desde os primeiros momentos
demonstraram estar empenha-
das em sua elucidação. Con-
fio totalmente nelas e estou,
assim como minha família e
meus companheiros de tra-
balho, tranquilo.

O que, acima de tudo, la-
mento, é que este ato brutal
feriu um de meus empregados
que está, inclusive, ameaça-
do de perder a visão de um
olho, atingido pelos estilha-
ços de vidro. Seu estado
de saúde é, nesse momento,
o fator de nossa maior preo-
cupação".

29 / 10 / 1976

Excomungados pela Igreja os seqüestradores de D. Adriano

A Notícia 29-10-76

A Igreja excomungou os seqüestradores do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Mandarino Hipólito, arrancando de seu carro, na noite do último dia 22, e abandonado num lugar ermo em Jacarepaguá, despido, encapuzado e algemado.

Acompanhado do Cardeal Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e de outros religiosos, o Bispo D. Adriano recebeu a imprensa na sede do Centro de Formação de Líderes de Nova Iguaçu, tendo declarado que o atentado, em sua opinião, se caracterizou por um ato de intimidação, um desafio, embora não veja nele uma conotação política, porque não se envolve no assunto, tratando apenas da vida da Igreja no auxílio aos fiéis.

A EXCOMUNHÃO

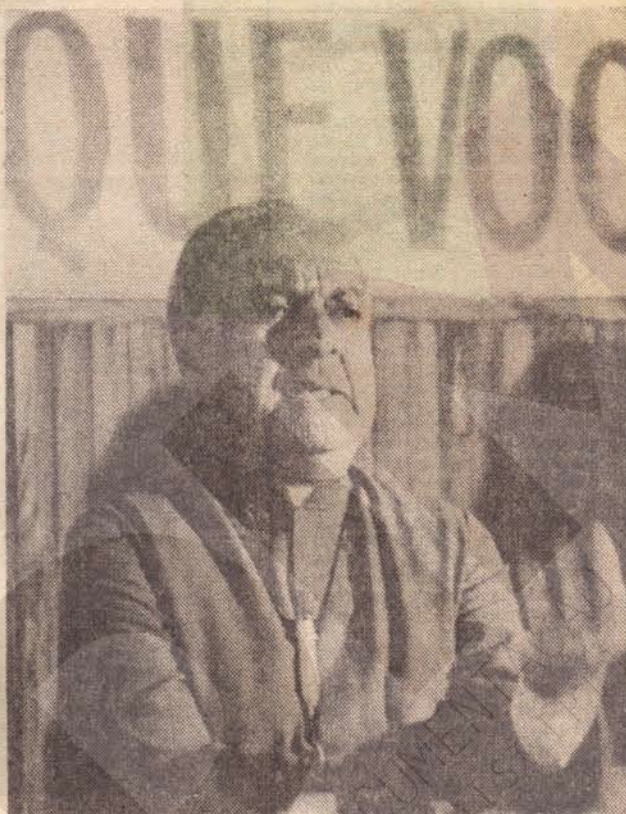
Sob o título Excomunhão para os Seqüestradores do Bispo, a CNBB expediu, ontem, um boletim de imprensa, assinado pelo presidente, D. Aloísio Lorscheider, cujo texto, na íntegra, é o seguinte:

"1 — A Presidência da CNBB faz público o teor do cânon 2343, § 3 do Código de Direito Canônico: "Quem praticar violência contra a pessoa de um Patriarca, Arcebispo ou Bispo, embora só titular, incorre em excomunhão 'latae sententiae' (automaticamente) reservada de modo especial à Sé Apostólica."

2 — Castiga este cânon as injúrias reais, consistentes em ações contra o corpo, ou contra a liberdade, ou contra a dignidade.

3 — Recorda a mesma Presidência que este castigo canônico aponta a gravidade do delito cometido contra Dom Adriano Mandarino Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, RJ.

4 — Com toda a Comunidade Católica, a Presidência da CNBB pede a Deus que inspi-



D. Adriano rememorou os lances do atentado que sofreu

re melhores sentimentos aos que ora incorreram na dolorosa mas necessária sanção eclesiástica."

O SEQUESTRO

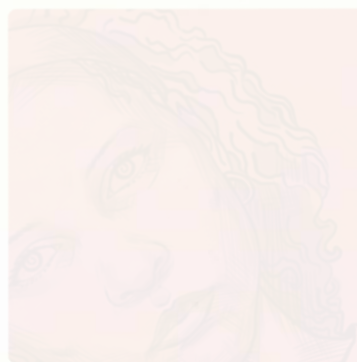
Na reunião na sede do Centro de Formação de Líderes de Nova Iguaçu, D. Adriano leu o relatório que preparou, contando os pormenores da violência de que foi vítima. Sobre seus algozes, escreveu:

"Começaram os insultos e provocações. Havia um que rugia como fera. Outro me disse: 'Chegou tua hora, miserável, traidor vermelho. Nós somos da Ação (não me recordo se disseram Ação, Aliança ou Comando) Anticomunista Brasileira e vamos tirar vingança. Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vin-

gança para você, depois é a hora do bispo Calheiros de Volta Redonda e de outros traidores. Temos a lista dos traidores." Depois acrescentaram: "Diga que é comunista, miserável!", ao que respondi: "Nunca fui, não sou nem serei comunista. O que eu fiz foi sempre defender o povo". De vez em quando me davam pontapés.

Levado num dos carros dos seqüestradores, disse o bispo que, depois de rodar por meia-hora, segundo seu cálculo, foi atirado na calçada com um safanão.

"Cai deitado. Quando me voltei, o carro tinha arrancado com violência. Notei que era vermelho. Foi só antes dessa pancada no pescoço que me retiraram o capuz".



TRIBUNA DE IMPRENSA



JORNAL DO RIO DE JANEIRO

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

03/01/80

O MEDO NOSSO DE CADA DIA

Termino a leitura do relato feito por D. Adriano Hipólito, narrando os acontecimentos em que se viu envolvido, quando de seu sequestro, no dia 22 de setembro. E de mim se apodera sensação que é um misto de medo, vergonha e raiva impotente.

Dias antes, em Mato Grosso, um jovem, filho de família economicamente mais que privilegiada, fora sequestrado e morto. Pouco tempo depois, o País era também possuído por uma sensação de medo, vergonha e raiva impotente ao saber que o ato criminoso se efetivara sob o comando e orientação de duas altas patentes de uma corporação que o trabalho suado dos brasileiros mantém, em termos formais, para sua segurança e em benefício de todos.

Enquanto desse segundo acontecimento tudo se sabe hoje, em relação ao primeiro, apenas o silêncio, a falta de pistas, a dificuldade de apuração, o que leva a crer ficará este como outros atentados, que denunciam violências de grupos radicais de direita, no rol das coisas insolúveis.

E isso soa como uma advertência: a de que há violências que são crimes e outras que não passam de justicamento pelos deuses. Há os que podem ser violentados impunemente, porque pensaram ou agiram mal, em função dos valores ou das convicções ou das conveniências dos que se fizeram senhores da vida e da morte de qualquer cidadão — se é que se pode denominar de cidadão quem nada pode — e há violências que são inadmissíveis: as que alcançam pessoas e interesses colocados acima de qualquer suspeita e acima de qualquer contestação.

Há deuses e há demônios. Atingir os deuses é pecado sem remissão. Ferir os demônios é exorcismo e purificação.

Concluir-se por que isso verdade, é a causa daquilo a que chamei de raiva impotente.

A outra sensação - a de vergonha. Redescobrir-se, de uma hora para outra, quanto é precária a condição humana, quanto ela é cheia de riscos, vulnerável, capaz de deixar afluir no homem, ao menor descuido, a besta que nele dorme, e afluir num dimensionamento que as próprias bestas desconhecem.

A fúria gratuita, a violência assalariada, a louca sanha agressiva, sem objetivo e sem causa racional, a fúria dos puros instintos enlouquecidos (se é que podemos degradar o

termo instinto a esse ponto, ele que é a sabedoria dos irracionais, para qualificar a animalidade dos racionais) tudo isso é motivo de vergonha e de abatimento moral.

E por último o medo.

O medo nosso de cada dia, que se vem tornando, gradativamente, o pão nosso cotidiano.

Medo que não é apenas o de ser objeto de violência física. É o medo, também, de ser objeto de proscricção, de ser violentado moralmente. Medo de ficar à margem do acesso a qualquer cargo público, por mais modesto que seja, e muitas vezes até mesmo de acesso a empregos privados, por força de informações que nunca serão conhecidas ou de acusações que nunca serão verificadas a céu aberto. Medo de ser proscrito por força de impedimentos para remoção dos quais nenhum tribunal existe, nem legítimo, nem de exceção, nem castrense, nem civil. Nada, ninguém, absolutamente nada e ninguém, senão o anonimato da acusação e a incontestabilidade do veto.

E esse medo moral castra os homens, castra principalmente os jovens, fazendo proliferar na comunidade a frustração dos eunucos morais, cuja única contribuição esperada e possível só pode ser, em benefício do todo, a sua própria infecundidade.

No ano passado, a imprensa divulgou alguns dados colhidos em pesquisa feita pelo Instituto Gallup de Opinião Pública, com cariocas e paulistas, buscando identificar os temores mais frequentes nas duas grandes cidades. Os medos nela identificados variaram desde os que traduzem evidente insegurança econômica até aos que revelaram insegurança pessoal, desde o medo de não poder trabalhar até o medo de ficar sozinho em casa.

Dessa série de medos que atormenta os homens das grandes metrópoles, retirou o instituto uma conclusão melancólica e final: tendo vindo buscar segurança (principalmente econômica) nas grandes cidades, suas populações parecem viver atualmente dentro de um clima de intensa insegurança.

Sem dúvida que me assusta essa violência enjaulada dentro de nós, paradoxalmente causa e consequência de nosso medo. O meu medo maior, entretanto, é que se venha a acreditar ser o remédio mais seguro para afastar esse

341

clima de insegurança, multiplicar os meios materiais de segurança: armar muito mais homens, proteger muito mais os homens oficialmente armados, aumentar o número de prisões, multiplicar o número de delitos, agravar as penas de todas as formas de antijuridicidade, tornar efetiva a pena de morte, oficialmente aceita, ao lado da morte para-oficial, já existente enfim, estimular a violência que se diz justificada, porque formalmente autorizada, para eliminar a violência informal ou desautorizada que tipifica toda a série de acontecimentos que os detentores do poder qualificam como delitos.

Este será um erro que nos levará ao irre-mediável. Traduzirá apenas o medo dos que não deviam ter medo, sim sabedoria, suficiente sabedoria para não esquecer que a autoridade é que preside a boa sociedade humana e não a força.

A violência não nasce por geração espontânea. Suas causas são muitas e são profundas. Elas assentam tanto na má saúde física, quanto na má saúde moral dos que integram a comunidade. Ela vive das frustrações, dos sofrimentos, da fadiga, da desesperança, da impotência individual e coletiva, da ambição desenfreada dos que não se saciam numa sociedade que põe no ter toda a sua tônica, que convida à competição como única forma válida de atuação social, que doutrina pela televisão e pelo cinema, a toda hora e a todo instante, em termos de violência e de libertação para os prazeres sem responsabilidade.

A violência é fruto da educação do medo, aquela que não prepara os homens para a segurança em termos pessoais — que é de ordem moral, e para a segurança em termos sociais — que é de ordem racional.

Ajudar os homens a se construírem como pessoa é pacificá-los. Incentivá-los a se destruírem, é bestializá-los. E a violência só consegue gerar violência, porque sendo a mais primitiva das manifestações animais, ela apenas retarda, no homem, o florescimento daquilo que é especificamente humano.

E é humanizando-se que o homem vai para a frente, e só vão para a frente as comunidades em que o homem vive de forma solidária, participante e responsável.

J.J. CALMON DE PASSOS

(Transcrito da TRIBUNA DA BAHIA — 05/10/76)



Seabra e Dom Adriano trocam experiências sob as vistas do líder do MAB.

Bispo seqüestrado reza por vítima de atentado

CONSUELO LINS

"Já sentimos na carne esse tipo de atentado". Foi com essa frase que o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, levou, na tarde de ontem, sua solidariedade ao presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Eduardo Seabra Fagundes, pelo recente atentado contra a entidade, que causou a morte da funcionária Lyda Monteiro da Silva. Em 1976, Dom Adriano foi seqüestrado, mas até hoje, apesar das promessas feitas, então, pelas autoridades do DOPS e do Serviço Secreto do Exército, nada foi apurado.

Além de prestar solidariedade à OAB, Dom Adriano disse que sua visita tinha o objetivo, também, de agradecer o apoio que a Ordem dos Advogados do Brasil tem dado à sua diocese. Quanto ao processo para apurar os responsáveis pelo seu seqüestro, o bispo de Nova Iguaçu disse que foi arquivado, embora ele, pessoalmente, não tenha recebido informações oficiais. "Apênas sei o que li nos jornais" — acrescentou.

Impunidade

Segundo Dom Adriano, "a impunidade é o aspecto mais grave na questão dos atentados", uma vez que, pelo menos no caso do seu seqüestro, havia uma pista, mostrada quando da reconstituição do fato: o caminho percorrido pelos seqüestradores passava pela Vila Militar, o que não é normal em um ato criminoso. Na visita à OAB, Dom Adriano disse, ainda, que a entidade máxima dos advogados brasileiros e a diocese de Nova Iguaçu estão engajadas na mesma causa: a luta pelos direitos humanos.

Ainda ontem, o presidente da OAB, Seabra Fagundes, distribuiu nota a fim de "esclarecer certas confusões nos noticiários dos jornais", a respeito de uma frente de oposições, na qual estariam incluídas não só organizações partidárias como entidades civis. Segundo a nota, o que existe realmente é a congregação de entidades politicamente neutras, como a OAB, a CNBB e a ABI, que nada tem a ver com outra, constituída pelos partidos de Oposição, fato este mencionado na última quinta-feira pelo presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, Luís Ignácio da Silva, por ocasião de visita de solidariedade que fez à OAB.

Quanto à violência praticada, em Brasília, na noite de quinta-feira passada, contra o deputado Genival Tourinho (PT-MG), Seabra Fagundes disse que "todo mundo tem motivos para achar estranho, já que ele está sendo processado por ter acusado três generais de estarem envolvidos em atentados terroristas."

Quanto à violência praticada, em Brasília, na noite de quinta-feira passada, contra o deputado Genival Tourinho (PT-MG), Seabra Fagundes disse que "todo mundo tem motivos para achar estranho, já que ele está sendo processado por ter acusado três generais de estarem envolvidos em atentados terroristas."

★ Ninguém melhor do que Dom Adriano para mostrar à OAB qual é a dos órgãos de segurança: ele foi seqüestrado há quatro anos e até hoje ninguém sabe de nada, embora os seqüestradores ou associados — de vez em quando voltam para novas provocações.



ÚLTIMA HORA



JORNAL DO RIO DE JANEIRO

CEPIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

129
" ÚLTIMA HORA "
24 / 09 / 1976

Última Hora

Ano XXVI ● sexta-feira, 24 de setembro de 1976 ● 7792 ● Cr\$ 3,00

Atentado ao Bispo e a Roberto Marinho

**EXÉRCITO:
- COM O POVO
CONTRA
EXTREMISTAS**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO DE HISTÓRIA E DISCIPLINA
UFRRJ

Qual foi o crime deste Pastor?



Dom Adriano Hipólito conta detalhes do seqüestro, com seu sobrinho, Fernando. Fo

C
in
al
n

Nascimento, presidente da Cedae, falarão sobre a implantação dos sistemas.

Em Magé, o Governador vai inaugurar, também, a nova sede da Prefeitura Municipal, devendo fazer um pronunciamento sobre o que seu governo vem realizando no setor do saneamento básico do Estado.

Prefeitura do Rio

Secretaria de Saúde continua vacinação

A Secretaria Municipal de Saúde continuará com o programa de vacinação contra a meningite. Seis Centros Médicos Sanitários e doze postos-volantes, montados em Kombis, trabalharão normalmente, sábado e domingo das 8 às 18 horas na Zona Sul. A campanha já se encerrou na Tijuca e Subúrbio.

Os postos de vacinação serão os seguintes: 6ª Região Administrativa, Lagoa: na confluência das Ruas Jardim Botânico e Joana Angélica. 4ª Região, Botafogo nas Ruas Silveira Martins; em Copacabana, Rua Toneleros, es-

Derror



os de conti-
ro e alguns
perados. A
ica e social
o-Geral de
centralizou
a torno dos
D. Adriano
e contra a
diretor de
ada outra

do municí-
uja jurisdí-
não fez o
ia elemen-
o Delegado

OS

ção do Mi-
o centro e
estão rece-
empregos
ércio e na
de vagas

CUR

Datilografia, S
de Escritório e Op
xa são os cursos q
oferecendo gratu
diante taxa de
carteira profissio

destruição no rastro do terror



No Largo da Glória, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pouco restou do fuscão RJ-EB 7591 depois que explodiu a bomba

Diretor de O Globo sem medo



Única preocupação de Roberto Marinho foi com seu copeiro Teotônio, ferido

1 O comandante do I Exército, General Reynaldo Melo de Almeida, em nota à imprensa, diz que o Exército condena e combate, com o povo, qualquer atividade extremista. Atos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes, afirma o General.

2 D. Eugênio Sales afirma que o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu fere profundamente os sentimentos do povo. O cardeal confia na identificação e no castigo dos criminosos. O atentado repercutiu no Vaticano, segundo o jornal L'Osservatore Romano.

3 O Governo repudia com veemência os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem, afirma o Ministro da Justiça, Armando Falcão. Bispos também repelem o terrorismo.

Repulsa total aos atos do terror

O Comandante do I Exército condenou e combate qualquer atividade extremista. Lembra que o Exército confia no Governo.

A CNBB passou todo o dia de ontem reunida, analisando o caso do seqüestro. Em nota oficial, os bispos manifestam repúdio aos atos do terror.

Dom Eugênio Salles também condenou os atos do terrorismo. "Esse extremismo fere profundamente os sentimentos do povo." E confia no castigo para o terrorismo

Toda a polícia carioca foi mobilizada para descobrir quem seqüestrou o bispo de Nova Iguaçu, destruiu seu carro e jogou uma bomba na residência do diretor do Globo

Para os bispos da CNBB, Dom Adriano Hipólito não está desaparecido. Ele se encontra em repouso num retiro, se reabilitando das atrocidades sofridas.



Estilhaços feriram muito Teotonio de Queiros



José Elias de Carvalho encontrou D. Adriano



I Exército condena e combate qualquer atividade extremista

O Comando do I Exército, ontem à noite, distribuiu à Imprensa a seguinte nota:

"1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

a. - o Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b. - atos episódicos criminosos não

afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. - o Governador do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto competente inquérito policial;

3. - a confiança no Governo e na ação das Forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.

a) Gen. Reynaldo Melo de Almeida - Comandante do I Exército."

Cardeal lamenta atentado a bispo

A Assessoria de Imprensa do Palácio São Joaquim distribuiu a seguinte declaração do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araujo Sales:

"O seqüestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem a alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as Autoridades estão profundamente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos."

Bispos manifestam seu repúdio a todos os atos de terrorismo

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB, reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2. reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo

primário são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundido-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esses, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar ela se enche de júbilo na certeza de ser julgada digna de milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3. agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil;

4. renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam."

Somem o bispo e seu sobrinho após o seqüestro e explosão

Depois do seqüestro, o Bispo Adriano Mandarino Hipólito desapareceu. Seu sobrinho, Fernando Leal Webering, após ser atendido no Hospital Olivério Kraemer, também sumiu. Ninguém sabe do paradeiro dos dois, nem Helena Hipólito Cerqueira Passos, irmã do bispo, nem Maria Del Rio Pilar, noiva de Fernando. Enquanto isso, o DGIE assume as diligências do atentado.

Nem mesmo os parentes sabem do paradeiro do Bispo Adriano Mandarino Hipólito e de seu sobrinho Fernando Leal Webering, ambos seqüestrados às 19 horas de quarta-feira, em Nova Iguaçu, e libertados em lugares diferentes, depois de seviciados.

O bispo, completamente nu e amarrado, foi abandonado em Jacarepaguá, enquanto o estudante Fernando, manietado e amordaçado, era deixado na Estrada do Catonho, em frente ao Motel Tabas. Os patrulheiros da RP-54-0110 encaminharam o jovem ao Hospital Olivério Kraemer, que ali deu entrada com escoriações, hematomas no frontal e forte hemorragia nasal.

Estranhamente, Fernando fugiu depois de medicado, acreditando-se tenha o estudante se deixado dominar pelo pavor. Sua ficha hospitalar registra seu nome e endereço, porque a todas as outras perguntas Fernando preferiu afirmar que de mais nada se lembrava.

Três delegacias registraram a ocorrência: de Nova Iguaçu, onde ocorreu o seqüestro; de Madureira (29ª DP), que anotou os fatos narrados pelo bispo, e a de Realengo (33ª DP), jurisdição em que foi encontrado o estudante. Todavia, como o fato parece ter sido obra de um grupo terrorista, cujos elementos se afirmaram ligados à Aliança Anticomunista, o Departamento Geral de Investigações Especiais assumiu a responsabilidade de seu total esclarecimento.

No palacete da Rua Francisco de Oliveira, Parque Flora, Nova Iguaçu, residência do bispo, ninguém sabe de seu paradeiro. Até mesmo sua irmã Helena Hipólito Cerqueira Passos, na Kombi FB-2335, em companhia de três pessoas amigas, procurou-o o dia todo sem sucesso.



Permanece vazio o palacete do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito. O sobrinho do prelado, Fernando Leal Wedering, que também foi seviciado, sumiu. Sua noiva, Maria Del Rio Pilar, descreveu para a polícia o seqüestro.

Toda a polícia na caça ao terror

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunida ontem com a Comissão Episcopal de Pastoral, manifestou sua repulsa contra o atentado de que foram vítimas o bispo da cidade de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, de 58 anos, e seu sobrinho Fernando Leal Wedering. Em nota oficial distribuída à tarde, reafirmou que "considera uma glória para a Igreja do Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos".

Também a Secretaria de Segurança Pública distribuiu nota dando conta das diligências que estão sendo realizadas em caráter sigiloso, visando descobrir os autores do sequestro do bispo e da explosão de seu carro, no Largo da Glória, bem como do atentado a bomba à residência do jornalista Roberto Marinho, diretor do jornal "O Globo", seu copeiro, Teotônio de Queirós, de 22 anos, sofreu ferimentos generalizados. Está em tratamento na Casa de Saúde São Silvestre.

Pela manhã, o Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio de Araujo Sales, acompanhado do Nuncio Carmine Rocco, do Arcebispo de Niterói, Dom José Gonçalves da Costa, também Secretário Regional Leste 1, que compreende todas as dioceses do Rio de Janeiro e do Bispo Auxiliar, Dom Eduardo Koaik, avistou-se com o Bispo Adriano Mandarino Hipólito, que está em local ignorado e sob forte proteção policial. Os religiosos foram manifestar-lhe solidariedade e comunicar-lhe as providências policiais que vêm sendo tomadas para descobrir os seus sequestradores.

O sequestro do bispo de Nova Iguaçu ocorreu por volta das 19h30min, de ontem, quando ele, em companhia de seu sobrinho Fernando Leal Wedering deixou a catedral de Nova Iguaçu, na rua Marechal Floriano Peixoto, naquele município, para levar a noiva do rapaz à sua casa, rua Paraguaçu 761, Bairro da Posse, naquela cidade.

Os três embarcaram no fuscão vermelho RJ-EB 7591, de propriedade do sacerdote e que era dirigido por Fernando. Quando se aproximaram da residência da moça, o veículo foi fechado por dois outros carros — um Volks e um Chevrolet antigo —, saltando do segundo dois rapazes que agarraram o bispo e o obrigaram a acompanhá-los, enquanto um terceiro tomava o volante do fuscão.

A noiva de Fernando escapou. Correu até sua casa, entrando imediatamente em contato com as autoridades policiais de Nova Iguaçu, que transmitiram mensagens pelo rádio pedindo a todas as viaturas a apreensão dos três carros e a prisão dos sequestradores.

O Bispo Adriano Hipólito e seu sobrinho ficaram durante mais de duas horas em poder dos bandidos, que acabaram abandonando o primeiro, completamente despido, manietado e com o corpo pintado de mercúrio-cromo, na rua Japará, (Praça Seca), em Jacarepaguá. Fernando foi deixado horas depois, também despido e com os braços amarrados, no mesmo bairro.

José Menezes, que fazia propaganda eleitoral na rural RJ-KS 4252, dirigida pelo motorista Evandro Moreira (rua CM, 131, bloco 24, apt. 24, conjunto habitacional de Padre Miguel), quando passava pela rua Japará avistou um homem despido e amarrado. A vítima se identificou como bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, imediatamente conduzido à 29ª Delegacia Policial (Madureira), depois de receber roupas que lhe foram oferecidas pelo jornalista Acyr Mera, que mora nas imediações.

Em contato com as autoridades, o sacerdote relatou o sequestro, sempre perguntando pelo destino de seu sobrinho, que naquela altura, ainda era ignorado. Disse que os bandidos, tão logo o apanharam, colocaram-lhe um capuz e que o carro passou por diversas ruas, algumas calçadas, outras esburacadas. Os sequestradores, durante a viagem, cortaram sua batina, até deixá-la em frangalhos, e obrigaram-no a beber cachaça. Depois, pintaram seu corpo de mercúrio-cromo.

Os sequestradores, segundo o bispo, disseram-lhe que pertencem à Aliança Anticomunista do Brasil e que haviam recebido ordens de seu chefe para não matá-lo naquele momento.

Minutos após a chegada do religioso àquela delegacia, ali compareceram para prestar-lhe solidariedade, o vigário da Catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann, e os padres Manoel Monteiro, Chanceler, André Coock e David Kigan. Também agentes do DPPS, do DGIE e de outros órgãos de segurança estiveram na Polícia para ouvi-lo, anotando todas as descrições que forneceu dos sequestradores. O bispo reclamou que em seu carro havia duas pastas tipo 007 uma com 5 mil cruzeiros e a outra com documentos da Catedral de Nova Iguaçu.

As autoridades ainda interrogavam o bispo, quando foram informadas da explosão de um carro no Largo da Glória. Foi para lá o Delegado Jacques de Brito, acompanhado do perito Frascalle, do Instituto de Criminalística. Verificaram que era o fuscão do sacerdote e que o atentado havia sido praticado por dois rapazes, um de camiseta, outro sem camisa. Populares informaram à Polícia que os bandidos deixaram o carro quase no meio da rua e logo saltaram, tendo um deles jogado um embrulho debaixo do veículo. Depois, saíram correndo em direção à Rua Antônio Mendes Campos, ao mesmo tempo em que o carro voava pelos ares. A explosão ocorreu em frente à sede da CNBB, no Largo da Glória, 99.

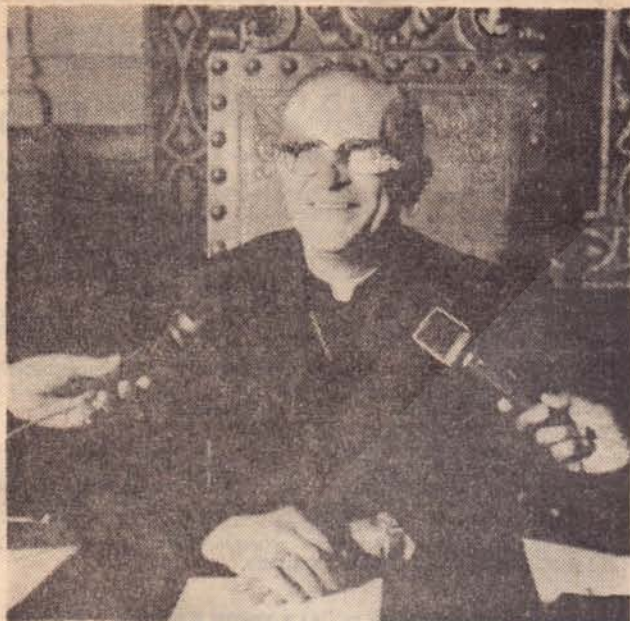
Parte do veículo caiu sobre o canoteiro do Metrô e outras partes foram atiradas a mais de 50 metros. A explosão causou pânico aos moradores, que julgaram a princípio ter sido alguma banana de dinamite das obras do Metrô. Muitos saíram para ver o que havia acontecido.

A Polícia recolheu um panfleto assinado pela Aliança Anticomunista do Brasil (AAB), anunciando que outras autoridades eclesásticas, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes.

A mensagem não foi liberada para a imprensa, mas um policial deu a informação, sem contudo lembrar os nomes das próximas vítimas. O panfleto foi encontrado por policiais que seguiram a indicação de um menino. Ele viu quando o carro estacionou à porta da CNBB e dele descenderam dois homens. Colocaram um envelope sobre um monte de terra, afastado do carro, e deixaram o local a pé. Pouco depois o carro explodiu.

Quando os policiais abriram o envelope e tomaram conhecimento da mensagem, mudaram seu comportamento em relação à imprensa. Os fotógrafos foram proibidos de continuar a tirar fotos do carro e alguns perderam os filmes já operados. A Delegacia de Polícia Política e Social (DPPS) do Departamento-Geral de Investigações Especiais centralizou todas as investigações em torno dos atentados contra o Bispo D. Adriano Hipólito e seu sobrinho, e contra a casa de Roberto Marinho, diretor de O Globo, onde foi jogada outra bomba.

A delegacia de polícia do município de Nova Iguaçu, em cuja jurisdição ocorreu o sequestro, não fez o registro, porque não havia elementos suficientes, segundo o Delegado Amil Nei Reichaid.



O Cardeal D. Eugênio Sales quando falava sobre o seqüestro

CNBB considera atentados ameaça direta

"Não sou parte da Polícia nem detetive, mas entendo que a Igreja defende a quem merece e a quem deve ser defendido, no caso especial, Dom Adriano Hipólito, que tem grande folha de serviços prestados à Igreja e ao Brasil", disse o vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Geraldo Fernandes, durante entrevista coletiva, falando em nome do presidente, Dom Aloisio Lorscheider.

"A presidência da CNBB, afirmou, se sente perplexa diante do que consideramos uma ameaça direta do terrorismo, vindo fazer explodir uma bomba dentro do carro do sobrinho do Bispo de Nova Iguaçu, diante de sua sede, no Largo da Glória".

AMEAÇAS

"Isto é uma ameaça e o terror quer nos amedrontar. No entanto, acho a atitude um pouco ingênua, pois ela não leva a nada e nem atinge a Igreja como organismo vivo na defesa dos direitos humanos e dos humildes", acentuou. Depois, admitiu "que talvez haja um grupo diferente por trás da sigla Aliança Anticomunista Brasileira se escondendo no anonimato e que será muito difícil sua identificação".

Na opinião de Dom Geraldo, a Igreja suspeita de que possa haver elementos do chamado Esquadrão da Morte participando desses atos de terrorismo, "em razão de recentes pronunciamentos da Igreja contra a matança na Baixada Fluminense e da solicitação feita a todas as Secretarias de Segurança do País quanto à venda de armas e à concessão indiscriminada de portes de armas".

"Dom Hipólito, aliás, pregava esses objetivos contra a violência e defendia os problemas sociais da Baixada, abordando-os sempre nas suas pregações".

MEDO

Considera muito difícil

identificar os autores dessas ações e que, assim, o Rio se transforma "num ambiente um pouco pesado e impróprio para as pessoas que desejam passear com suas famílias".

"A Polícia, prosseguiu, nunca descobre os integrantes do Esquadrão da Morte. A gente começa a ter medo maior, que comparado com o medo na Argentina e na Itália".

Perguntado sobre se admitia a participação de membros da Tradição Família e Propriedade no atentado, disse que tinha experiência de haver cultivado por algum tempo a amizade de alguns diretores da TFP e que não acreditava.

FALAR CLARO

Outra pergunta foi sobre se Dom Geraldo fazia alguma ligação entre os atentados de anteontem — seqüestro do Bispo, explosões do carro na porta da CNBB e de uma bomba na casa do jornalista Roberto Marinho — e da explosão na ABI e ameaças à CNBB e à Ordem dos Advogados do Brasil, foi claro:

"E porque a Imprensa, a Igreja e a OAB, nós, juntos, costumamos falar claro. Somos nós que emitimos opiniões e por isso incomodamos".

METRÔ

Contou que oito bispos participam, no Rio, da reunião mensal da CNBB e que todos dormiam na hora da explosão.

"Pensamos que a explosão fosse nas obras do Metrô. No entanto, o Secretário-Geral, Dom Ivo Lorscheider, desceu e foi até ao carro, encontrando os documentos de D. Hipólito e confirmando o atentado".

Disse mais que recebeu telefonemas de quase todos os bispos e arcebispos do Brasil, destacando os dois cardeais D. Evaristo Arns, de São Paulo, D. Avelar Brandão, da Bahia e, D. Vicente Scherer, de Porto Alegre.

Coronhadas e óculos quebrados

O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, recebeu a imprensa, à tarde, no Palácio São Joaquim, para falar sobre o seqüestro de D. Adriano Hipólito e da explosão ocorrida em frente à sede da CNBB.

Disse que esteve durante toda a manhã com D. Adriano, que foi medicado de ferimentos leves na cabeça, provocados por coronhadas desferidas por dois dos três seqüestradores.

BEBIDA

Contou que o Bispo de Nova Iguaçu teve os óculos bifocais quebrados e que os terroristas tentaram fazê-lo beber uma garrafa de cachaca.

Dom Adriano reagiu e os marginais colocaram-lhe um capuz na cabeça derramando, depois, a cachaca em cima. O bispo chegou a desmaiar por duas vezes.

Dom Eugênio acrescentou que antes de saber da notícia do atentado estava em visita pastoral à Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Padre Miguel.

"Cheguei ao Palácio São Joaquim às 21h30min e logo recebi telefonemas de Nova Iguaçu, contando o seqüestro de Dom Adriano. Imediatamente liguei pelo telefone oficial para o Comandante do I Exército, General Reinaldo

Melo de Almeida, para o Secretário de Segurança, General Inácio Domingues, para o Governador Faria Lima e para o Prefeito Marcos Tamoio, dando conta da situação".

Depois afirmou que, quando falava ao telefone com uma alta autoridade (não quis revelar o nome), ouviu a explosão da bomba perto da CNBB e também pensou que fosse nas obras do metrô.

NÚNCIO

Dom Eugênio esteve pela manhã no Colégio Santa Marcelina, onde conversou com Dom Adriano, acompanhado do Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, com o Arcebispo de Niterói, D. José Gonçalves da Costa, e com o Bispo-Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Eduardo Koellik.

Sobre a atitude dos seqüestradores e as acusações de comunistas feitas a D. Adriano, afirmou que o bispo de Nova Iguaçu saiu fortalecido em sua atitude pastoral e que não está com medo.

Dom Adriano Hopólito, que prestou depoimento no DOPS, mudou de residência ontem, por várias vezes, como medida de precaução para evitar represálias. As 11h30min foi a uma ótica, no centro da cidade, providenciar óculos novos.

" ÚLTIMA HORA "

24 / 09 / 1976

Seqüestro de bispo alarmou o Vaticano

VATICANO - O Jornal do Vaticano, "L'Osservatore Romano" expressou ontem seu horror ante o "desaparecimento" do Bispo de Nova Iguaçu no Brasil, Monsenhor Adriano Hipólito.

O termo "desaparecimento" foi interpretado, a seguir, pela Radio do Vaticano no sentido de que o prelado tivesse sido assassinado.

Informações da Agência France-Presse, procedentes do Rio de Janeiro, indicavam que Monsenhor Hipólito e seu sobrinho tinham sido seqüestrados e algumas horas depois encontrados despidos e manietados num subúrbio carioca.

Meios chegados ao Vaticano indicaram que a notícia do "desaparecimento" do bispo procedia de uma agência estrangeira.

"L'Osservatore Romano" lembrou que Monsenhor Hipólito tinha denunciado, em várias oportunidades, as atividades da organização de extrema

direita denominada "Esquadrão da Morte".

O Seqüestro do bispo foi reivindicado por uma organização denominada Aliança Anticomunista.

Em Brasília, o Ministro da Justiça, Armando Falcão, declarou ao deixar o gabinete do Presidente Geisel no Palácio do Planalto que o Governo está acompanhando as diligências que se realizam no Rio para apurar a responsabilidade pelo atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu. Sua conversa com o Presidente da República versou principalmente sobre a reforma do Judiciário. Falcão esquivou-se e preferiu ditar uma declaração a respeito do atentado. Antes, quis saber que jornais os repórteres representavam, e falou:

- O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual,

para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis.

Enquanto ditava as suas declarações, o Ministro acompanhou as anotações que os repórteres faziam e, ao final, pediu a um deles que lesse o que havia escrito. Antes de prestar a declaração, não faltou uma advertência do Ministro: "Cuidado com o que vocês vão escrever."

Antes de se despedir, Armando Falcão perguntou se os jornalistas estavam satisfeitos e apenas acrescentou às suas declarações que havia mantido, pela manhã, contato telefônico com o Governador Faria Lima, inteirando-se dos acontecimentos e das providências já adotadas para descobrir os responsáveis pelo seqüestro do Bispo.

O Secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Monsenhor Hames esteve no Ministério da Justiça para manifestar as apreensões da entidade em relação à atmosfera reinante no País.

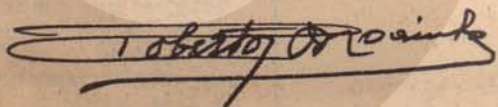
Para Faria Lima nada vai alterar eleições

Os atentados da Aliança Anticomunista Brasileira não terão - na opinião do Governador Faria Lima - qualquer repercussão sobre o quadro político e muito menos sobre o resultado das eleições de novembro. Apesar das seguidas críticas do Bispo Dom Hipólito aos crimes do Esquadrão da Morte, o Governador não acredita que aquela organização clandestina tenha tido qualquer participação no seqüestro e sevicia do prelado. Faria Lima revelou que a Polícia estadual agirá normalmente, "sem esquema especial".

O GLOBO EMPRESA JORNALÍSTICA BRASILEIRA S.A.
PRESIDÊNCIA

"A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa aos primeiros minutos de hoje, destruindo pequena parte do telhado e vidraças da casa. Não imagino qual tenha sido a motivação nem a autoria desse atentado. O caso está entregue às autoridades policiais, que desde os primeiros momentos demonstram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo.

"O que acima de tudo lamento é que esse ato brutal feriu um de meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação".



Fac-símile da declaração do diretor de O Globo

Magalhães se preocupa com atuação de radicais

BRASÍLIA - O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, recusou-se a admitir que os atentados possam contribuir para atrasar o desenvolvimento político do País "porque importaria em dar ganho de causa aos radicais".

O senador mineiro identificou nos acontecimentos "sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos devemos nos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que peguem, ao mesmo tempo, um Bispo que dizem de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição".

Ele se negou a admitir que os atentados possam impedir ou atrasar a volta da normalização política do País.

- "Não devem atrasar, porque aí seria dar ganho de causa aos radicais. Eles estão fazendo isto porque não estão satisfeitos com as eleições e com o caminho que o Brasil está tomando. O Governo tem instruções para coibir tais fatos e nós estamos de acordo em que recorra e elas com estes objetivos".

OAB vê sabotagem a objetivos de Geisel

RIO - o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Caio Mário da Silva Pereira, classificou os últimos atentados terroristas da Aliança Anticomunista Brasileira como manifestações que "só concorrem para exacerbar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Ernesto Geisel no sentido de se efetivar a distensão". Caio Mário lembrou que os atentados da AAB contra a Associação Brasileira de Imprensa, a própria OAB, contra o centro brasileiro de pesquisas e agora contra a igreja tem como objetivo atingir instituições desarmadas e empenhadas na solução dos problemas sociais do Brasil.

- Como presidente da OAB e fiel aos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica manifesto minha repulsa a esses atentados e mais uma vez formulo meus apelos para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição".

Segundo o presidente da OAB, a entidade ainda não foi informada pelas autoridades policiais do Rio sobre qualquer progresso nas investigações realizadas pelo inquérito que apura o atentado frustrado à sede da Ordem. Apesar de haver um conselheiro acompanhando o trabalho da Delegacia de

Polícia Política e Social do Rio - Wilson Mirza, representante de Mato Grosso no Conselho Federal - Caio Mário disse que ainda não foi informado de fatos concretos que possibilitem a identificação dos culpados e sua prisão, com posterior julgamento.

Ao classificar os novos atentados como "atos lamentáveis de recurso à violência sem qualquer resultado prático para se atingirem objetivos socialmente úteis", Caio Mário da Silva Pereira se declarou solidário com o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e com o direito do sistema "Globo" de imprensa, Roberto Marinho, aos quais enviou mensagens de apoio.

Para o presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, Eduardo Seabra Fagundes, é preciso que "o Governo, que já está de posse dos instrumentos legais e técnicos para isso, identifique os culpados por esta série de atentados a fim de devolver a tranquilidade à Nação já tão conturbada em função de problemas de ordem política, econômica e de conjuntura". Ressaltou, entretanto, que a ação dos órgãos de segurança não pode justificar maiores restrições à vida política do País.

MDB quer que Governo puna os responsáveis

BRASÍLIA - "O MDB participa inteiramente das preocupações de todo o País: no repúdio às ações terroristas verificadas no Rio contra o Bispo de Nova Iguaçu, contra a CNBB e na residência do jornalista Roberto Marinho, esperando que o Governo atue vigorosamente na apuração das responsabilidades" - disse o presidente nacional do Partido, Deputado Ulysses Guimarães.

Disse ele que MDB "sempre defendeu e continuará defendendo a manutenção da ordem pública e da tranquilidade da ação, e nesta missão pode o Governo contar com o apoio do Partido, o esforço de restabelecer a paz e ordem indispensáveis ao desenvolvimento do País".

Rio de Janeiro, sexta-feira, 24 de setembro de 1976

Ultima Hora / Revista

Rio de Janeiro,
sexta-feira, 24 de
setembro de 1976

EXCLUSIVO

**Que
crime
cometeu
este
Pastor?**



Dom Adriano Hipólito foi seqüestrado, espancado e seu carro explodido anteontem à noite. Em telefonema a uma rádio, a Aliança Anticomunista Brasileira assumiu a autoria das violências

“Depois da fusão, começ

Violência – A atmosfera da Baixada pode ser de insegurança e medo, mas não de violência. O povo é pacífico e bom. Basta olhá-lo nas filas do INPS e dos hospitais. Basta olhá-lo aguardando ônibus e trens. O povo da Baixada é ordeiro, paciente. Os violentos são poucos. Mas, **como ficam impunes**, alimentam de um lado a ousadia de uns poucos e, de outro, a insegurança e o medo.

Esquadrão – Talvez se possa dizer que o Esquadrão da Morte é mais uma ficção que procura exprimir uma realidade, do que propriamente uma instituição. Pelo menos não temos elementos objetivos para admitir o Esquadrão da Morte como uma organização de policiais. O mais grave em tudo o que tem acontecido na Baixada é a impunidade. Os aventureiros, que aparecem em todos os setores, inclusive no religioso, têm a certeza de que o Direito, a Lei, a Ordem, não os atingem.

Política – Grandes transformações, de fato, não houve, nestes dez anos de minha vida na Baixada. A Política tem melhorado. Apesar das dificuldades, tenho a impressão de que vão surgindo

algumas lideranças promissoras, que aos poucos poderão alijar os velhos caciques esgotados. Menciono em primeiro lugar a Política porque, sem dúvida, ela é o principal fator de promoção do bem comum. Por natureza, por essência. Um elemento positivo apareceu também depois da fusão: começamos a ter mais esperanças. Penso no problema da água, que era uma tremenda ironia: da Baixada, sem água canalizada, saía quase toda a água para o Rio. Agora já se começou a resolver este problema. Penso também na intervenção imediata da Secretaria de Segurança para apurar os crimes das últimas semanas. **Embora uma intervenção momentânea não dispense a reorganização de todo o sistema de segurança pública.**

Religião – Os mais diversos elementos humanos, com toda a sua riqueza e problemática, se misturam na Baixada. Por volta de 1930, os habitantes desta região eram 30 mil, hoje são mais de dois milhões. É um fenômeno de crescimento que mais parece inchação. **Cresceu a população e as estruturas ficaram quase as mesmas.** O que é a negação da comunidade, já que a comuni-

dade supõe uma certa organicidade social. Quem vier de fora, dificilmente acha entre nós uma comunidade que o aceite e integre. **Quando olho Nova Iguaçu, me parece uma cidadezinha de 20/30 mil habitantes, assistindo espantada ao vaivém de um milhão de hóspedes, gente que não é de casa, nem pertence à família.** É claro que esse desenraizamento gera também insegurança social. Se pensarmos no fenômeno profundamente humano que é a Religião, vamos ver que a maioria dos que chegam à Baixada vieram do Nordeste, de Minas, do Espírito Santo, do norte fluminense, áreas agrícolas onde a religião tradicional é o catolicismo. E um catolicismo de feição popular, de tradições folclóricas, de práticas rituais profundamente integradas na vida comunitária. Vindo para a Baixada, que do ponto de vista religioso é uma área neutra – isto é, uma área em que a moldura social deixa a pessoa à vontade, permitindo que realize sua sede de Deus onde lhe parece mais imediato – seu catolicismo ambiental, sua fé carregada pela comunidade, ficam desamparados. O homem sente-se solto, desenrai-

zado e, em consequência, procura satisfazer suas necessidades religiosas imediatas nas **religiões** mais práticas e imediatas. O emprego, o amor, as doenças, a subsistência, as tensões familiares – tudo é levado para essas **religiões**. Daí a proliferação dos milagreiros, dos líderes religiosos verdadeiros ou falsos (todos, se vistos mais profundamente, falsificantes) que dão a fórmula imediata concreta para as necessidades concretas imediatas do povo.

Misticismo – Genericamente, se pode dizer que, muitas vezes, violência e misticismo andam de mãos dadas, naturalmente entendendo-se aqui misticismo como deformação religiosa. Assim é curioso notar como certos jornais ditos populares exploram ao mesmo tempo o misticismo e a violência. (...) Superstição, misticismo, magia, são desvios do sentimento religioso. Enquanto a religião liberta, a magia escraviza e aliena. **Só existe Cristianismo onde há um esforço conscien-**

mações do Evangelho de Jesus Cristo.

Pastoral – O trabalho da Igreja não deve ser simplesmente assistencial. Assistência, só no caso de uma creche, ou no caso de pessoas gravemente acidentadas. Devemos protestar contra a assistência alienante e paralisante, a assistência que conduz a pessoa à ociosidade e à dependência. **Há por aí uma falsa caridade que se realiza às custas da justiça social.** Por isso, o principal trabalho da Igreja ficará na faixa da conscientização. E da promoção: levar a pessoa a assumir-se, a crescer, a desenvolver-se, a lutar por seus direitos, a cumprir os seus deveres. Esse é o sentido da pastoral da nossa diocese.

Família – O desemprego, e mais ainda o subemprego, são uma realidade da nossa região. O povo vive, como nas suas terras de origem do sertão, mais ou menos marginalizado. A luta pela vida nas famílias pobres força um certo desmoronamento. O pai tem

casa e, nessa situação, os filhos, sejam dez, cinco ou dois, ficam entregues à própria sorte.

Missão – A realidade é, sem dúvida, a matéria-prima da pastoral. Todo cristão engajado tem que conhecer os dados mais importantes da região em que atua. A Igreja está sempre aprendendo. Aprende, por exemplo, a simplificar suas estruturas, a desburocratizar-se ao máximo, a participar do sofrimento do povo. A Baixada é um laboratório formidável para experiências sociais, políticas, religiosas, culturais. No que toca à Igreja, tentamos tudo para a integração daqueles que se abrem à nossa influência.

Nota: sob a orientação de D. Adriano Hipólito, funcionam na Baixada um Centro de Formação de Líderes, que serve para encontros, seminários, congressos e retiros; um Centro de Pastoral Catequética, que contribui para a cons-

Violência – A atmosfera da Baixada pode ser de insegurança e medo, mas não de violência. O povo é pacífico e bom. Basta olhá-lo nas filas do INPS e dos hospitais. Basta olhá-lo aguardando ônibus e trens. O povo da Baixada é ordeiro, paciente. Os violentos são poucos. Mas, **como ficam impunes**, alimentam de um lado a ousadia de uns poucos e, de outro, a insegurança e o medo.

Esquadrão – Talvez se possa dizer que o Esquadrão da Morte é mais uma ficção que procura exprimir uma realidade, do que propriamente uma instituição. Pelo menos não temos elementos objetivos para admitir o Esquadrão da Morte como uma organização de policiais. O mais grave em tudo o que tem acontecido na Baixada é a impunidade. Os aventureiros, que aparecem em todos os setores, inclusive no religioso, têm a certeza de que o Direito, a Lei, a Ordem, não os atingem.

Política – Grandes transformações, de fato, não houve, nestes dez anos de minha vida na Baixada. A Política tem melhorado. Apesar das dificuldades, tenho a impressão de que vão surgindo

algumas lideranças promissoras, que aos poucos poderão alijar os velhos caciques esgotados. Menciono em primeiro lugar a Política porque, sem dúvida, ela é o principal fator de promoção do bem comum. Por natureza, por essência. Um elemento positivo apareceu também depois da fusão: começamos a ter mais esperanças. Penso no problema da água, que era uma tremenda ironia: da Baixada, sem água canalizada, saía quase toda a água para o Rio. Agora já se começou a resolver este problema. Penso também na intervenção imediata da Secretaria de Segurança para apurar os crimes das últimas semanas. **Embora uma intervenção momentânea não dispense a reorganização de todo o sistema de segurança pública.**

Religião – Os mais diversos elementos humanos, com toda a sua riqueza e problemática, se misturam na Baixada. Por volta de 1930, os habitantes desta região eram 30 mil, hoje são mais de dois milhões. É um fenômeno de crescimento que mais parece inchação. **Cresceu a população e as estruturas ficaram quase as mesmas.** O que é a negação da comunidade, já que a comuni-

dade supõe uma certa organicidade social. Quem vier de fora, dificilmente acha entre nós uma comunidade que o aceite e integre. **Quando olho Nova Iguaçu, me parece uma cidadezinha de 20/30 mil habitantes, assistindo espantada ao vaivém de um milhão de hóspedes, gente que não é de casa, nem pertence à família.** É claro que esse desenraizamento gera também insegurança social. Se pensarmos no fenômeno profundamente humano que é a Religião, vamos ver que a maioria dos que chegam à Baixada vieram do Nordeste, de Minas, do Espírito Santo, do norte fluminense, áreas agrícolas onde a religião tradicional é o catolicismo. E um catolicismo de feição popular, de tradições folclóricas, de práticas rituais profundamente integradas na vida comunitária. Vindo para a Baixada, que do ponto de vista religioso é uma área neutra – isto é, uma área em que a moldura social deixa a pessoa à vontade, permitindo que realize sua sede de Deus onde lhe parece mais imediato – seu catolicismo ambiental, sua fé carregada pela comunidade, ficam desamparados. O homem sente-se solto, desenrai-

zado e, em consequência, procura satisfazer suas necessidades religiosas imediatas nas religiões mais práticas e imediatas. O emprego, o amor, as doenças, a subsistência, as tensões familiares – tudo é levado para essas religiões. Daí a proliferação dos milagreiros, dos líderes religiosos verdadeiros ou falsos (todos, se vistos mais profundamente, falsificantes) que dão a fórmula imediata concreta para as necessidades concretas imediatas do povo.

Misticismo – Genericamente, se pode dizer que, muitas vezes, violência e misticismo andam de mãos dadas, naturalmente entendendo-se aqui misticismo como deformação religiosa. Assim é curioso notar como certos jornais ditos populares exploram ao mesmo tempo o misticismo e a violência. (...) Superstição, misticismo, magia, são desvios do sentimento religioso. Enquanto a religião liberta, a magia escraviza e aliena. **Só existe Cristianismo onde há um esforço consciente e constante de conscientização e libertação.** O Evangelho é desmistificador. Logo, se aqui ou acolá certas formas de Cristianismo alienam ou mistificam, então se trata de defor-

mações do Evangelho de Jesus Cristo.

Pastoral – O trabalho da Igreja não deve ser simplesmente assistencial. Assistência, só no caso de uma creche, ou no caso de pessoas gravemente acidentadas. Devemos protestar contra a assistência alienante e paralisante, a assistência que conduz a pessoa à ociosidade e à dependência. **Há por aí uma falsa caridade que se realiza às custas da justiça social.** Por isso, o principal trabalho da Igreja ficará na faixa da conscientização. E da promoção: levar a pessoa a assumir-se, a crescer, a desenvolver-se, a lutar por seus direitos, a cumprir os seus deveres. Esse é o sentido da pastoral da nossa diocese.

Família – O desemprego, e mais ainda o subemprego, são uma realidade da nossa região. O povo vive, como nas suas terras de origem do sertão, mais ou menos marginalizado. A luta pela vida nas famílias pobres força um certo desmoronamento. O pai tem que trabalhar não apenas às 48 horas legais, mas também as horas extras, incluindo domingos, feriados, férias, porque a família precisa sobreviver. Também a mãe tem de trabalhar fora de

casa e, nessa situação, os filhos, sejam dez, cinco ou dois, ficam entregues à própria sorte.

Missão – A realidade é, sem dúvida, a matéria-prima da pastoral. Todo cristão engajado tem que conhecer os dados mais importantes da região em que atua. A Igreja está sempre aprendendo. Aprende, por exemplo, a simplificar suas estruturas, a desburocratizar-se ao máximo, a participar do sofrimento do povo. A Baixada é um laboratório formidável para experiências sociais, políticas, religiosas, culturais. No que toca à Igreja, tentamos tudo para a integração daqueles que se abrem à nossa influência.

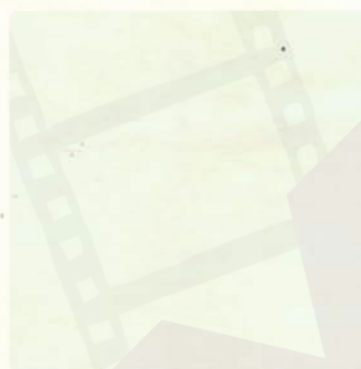
Nota: sob a orientação de D. Adriano Hipólito, funcionam na Baixada um Centro de Formação de Líderes, que serve para encontros, seminários, congressos e retiros; um Centro de Pastoral Catequética, que contribui para a conscientização de catequistas, professores, trabalhadores e jovens; mais de 60 "clubes de mães".

O pensamento de D. Adriano, bispo de Nova Iguaçu

Nova Iguaçu, um dos municípios brasileiros de maior densidade populacional (um milhão e meio de habitantes), tem em D. Adriano um bispo com a consciência da relevância dos problemas sociais, e diz ter como única arma o Evangelho. E afirma, à luz do moderno espírito da Igreja, não poder alhear-se dos problemas concretos dos homens. Por isso, tem evitado cuidadosamente deixar-se envolver pela política partidária e mais ainda pelas paixões conjunturais. Em uma entrevista recente a este jornal (UH/2º Caderno, 13 de Junho de 1976), ele expressou a sua visão do mundo e da área em que exerce a sua ação pastoral. Damos a seguir os principais temas abordados, e as respostas de D. Adriano.

" ÚLTIMA HORA "

28 / 09 / 1976



Seqüestro de bispo dá excomunhão

Estão excomungados pelo Código de Direito Canônico os seqüestradores de Dom Adriano. O Bispo de Nova Iguaçu contou detalhes da violência que sofreu com seu sobrinho. Pág.2



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ



D. Adriano Hipólito

Excomunhão para os seqüestradores de Dom Adriano

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil lembra que "quem praticar violência contra a pessoa de um Patriarca, Arcebispo ou Bispo, embora só titular, incorre em excomunhão *latae sententiae* (imediatamente) reservada de modo especial à Sé Apostólica". Ao transcrever o teor do cânon 2343, parágrafo 3 do Código de Direito Canônico, em nota oficial à imprensa, o Cardeal Aloísio Lorscheider diz que o castigo canônico aponta a gravidade do delito cometido contra Dom Adriano Mandarino Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, quarta-feira passada.

Com toda a Comunidade Católica, a Presidência da CNBB pede a Deus que inspire melhores sentimentos aos que ora incorreram na dolorosa mas necessária sanção eclesiástica, termina a nota distribuída ontem à tarde.

No salão de conferências do Centro de Formação de Líderes, em Nova Iguaçu, pela manhã,

Dom Adriano Hipólito falou à imprensa sobre a violência contra ele e o sobrinho Fernando e distribuiu mensagem de agradecimento e relato das ocorrências na noite de 22, desde que saiu da Cúria Diocesana.

— Não foi assalto, não foi vingança, não foi **Esquadrão da Morte**, coisa que nem sei se existe, disse o Bispo de Nova Iguaçu ao responder sobre os motivos do seqüestro e da violência. Houve sim, a intenção de amedrontar e desmoralizar o Bispo. Também se pode situar o seqüestro de que fui vítima como um desafio. Não houve ameaças antes do seqüestro, nem agora.

Dom Adriano não acredita em vingança política, porque sua missão é inteiramente pastoral. Depois de afirmar que os seqüestradores não são pessoas de Nova Iguaçu, admitiu haver relação entre o seqüestro e o atentado à casa do jornalista Roberto Marinho, diretor de O Globo.

A outras perguntas dos jornalistas Dom Adriano informou que o seqüestrador que dirigia o carro tinha óculos quadrados, sem aro.

O Bispo disse que não pediu segurança, "que também não me foi oferecida". Não sabe ainda o que vai fazer em termos de segurança pessoal, mas garante que o seqüestro não influirá em seus pronunciamentos, "que são proclamações à pessoa humana".

Acompanharam Dom Adriano à entrevista o Cardeal-Arcebispo de Fortaleza e presidente da CNBB, Dom Aloísio Lorscheider (que convalesce de operação e veio diretamente de Maringá, PR), o secretário-geral da CNBB, Dom Ivo Lorscheider, e o secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, Dom Afonso Lopez Trujillo, que formaram a mesa. Antes da entrevista, Dom Adriano pediu que todos rezassem com ele.

" ÚLTIMA HORA "

28 / 09 / 1976



Solidariedade

A Conferência Episcopal Latino-Americana - Celam - condenou ontem o atentado terrorista cometido, na quarta-feira passada, contra o Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito. O comunicado expressa sua "profunda solidariedade à CNBB, à Igreja de Nova Iguaçu e ao seu Bispo, diante "do inqualificado atentado".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

28.09.76**N. Iguaçu**

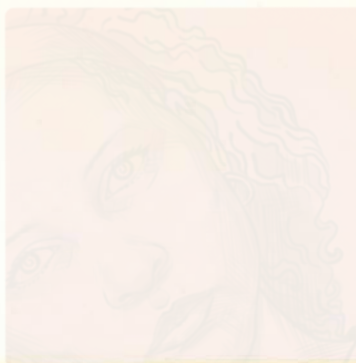
Bispo dá entrevista coletiva

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, dará entrevista coletiva às 9 horas da manhã de hoje para contar, em detalhes, o seqüestro de que foi vítima juntamente com seu sobrinho Fernando Leal.

A entrevista será realizada na Sede do Centro de Formação de Líderes de Nova Iguaçu e Dom Adriano será assessorado pelo secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Ivo Loscheider.

Pessoas ligadas a Monsenhor Adriano Hipólito informaram que o religioso já está refeito fisicamente dos maus-tratos recebidos das mãos dos homens que na quarta-feira da semana passada o seqüestraram, torturaram e o abandonaram nu, manietado e pintado de mercúrio cromo numa rua deserta de Jacarepaguá.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRJ



Segurança identifica sequestradores de D. Hipólito

U. Hora / Rio 28-11-76

O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, declarou aos jornalistas, no final da solenidade comemorativa de mais um aniversário da Intentona Comunista, ter tido conhecimento de que os setores de segurança "já localizaram a área onde se encontram os seqüestradores do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito". O Cardeal Eugênio Sales não forneceu maiores detalhes, alegando desconhecimento, "pois soubera da notícia pelo telefone". "E quem me deu a informação não posso dizer". Nada, mais revelou além disso. Crê, o Arcebispo do Rio, que, se em vez de a informação vir pelo telefone, fosse dada pessoalmente, naturalmente que a pessoa lhe teria dado os nomes.

Mas o Cardeal-Arcebispo deu outra informação, que lhe fora transmitida pelo Ministro da Justiça, Armando Falcão: foi posto em liberdade o Padre Florentino Maboni. A prisão teve caráter localizado e o problema deverá ser resolvido em Marabá.

Quanto ao discurso proferido pelo representante das Forças Armadas, na ocasião, contendo críticas a setores da Igreja, D. Eugênio Sales o considerou "bom, pois falou em liberdade e justiça, princípios pelos quais todos lutamos".

Durante a solenidade na Praia Vermelha, o Cardeal Eugênio Sales palestrou cordialmente com o Presidente

Ernesto Geisel. Aos jornalistas explicou ele que a conversa versou "assuntos generalizados". Também conversou com o titular da Pasta da Justiça. O Sr. Armando Falcão, embora trazendo um sorriso nos lábios, não quis contato com a imprensa, negando-se a falar sobre a libertação do Padre Maboni.

O Presidente da República desembarcou às 10 horas na Avenida Pasteur. Sob o som do Hino Nacional e da salva de 21 tiros de canhões, pela Bateria de Artilharia, o Presidente passou revista à Guarda de Honra. Já às 10 h 5 m foi recebido por sete de seus ministros, pelo Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, pelo Cardeal Dom Eugênio Sales, Prefeito Marcos Tamoio e Comandante do 1º Exército.

Dirigindo-se ao palanque oficial, acompanhado dos Ministros, do Governador do Estado e de outras autoridades, o Presidente da República cumprimentou alguns dos presentes. No trajeto da Avenida Pasteur até o palanque oficial, o Presidente Geisel foi aplaudido pelos moradores do edifício Praia Vermelha, que se comprimiam nas janelas dos 15 andares.

Pouco depois, Geisel, em companhia do General Reinaldo de Almeida, se dirigiu ao mausoléu dos mortos da Intentona de 35 e depositou uma coroa de flores. Em seguida, o Presi-

dente foi ao local onde estavam os familiares dos 31 mortos e cumprimentou um a um os presentes.

No palanque, enquanto prosseguia o ritual militar, o bondinho do Pão de Açúcar derramava sobre o chão da Praia Vermelha uma chuva de pétalas de rosas. A chamada nominal dos mortos de 35 foi feita sob os estampidos dos tiros de canhões.

A cerimônia durou apenas 35 minutos. No decorrer de toda a permanência do Presidente Ernesto Geisel na Praia Vermelha, apenas uma menina quebrou o protocolo e a programação da solenidade. Kátia Brandoti Sodré de Macedo, de 8 anos, fez questão de entregar pessoalmente no palanque uma rosa ao presidente e depois já no final da solenidade beijou uma das faces de Ernesto Geisel.

A novidade das homenagens aos mortos da Intentona Comunista de 1935, este ano, foi a presença de 200 estudantes e 20 líderes sindicais. Até o ano passado as comemorações do levante da Praia Vermelha eram sempre restritas às Forças Armadas.

Crianças, que olhavam por detrás do palanque ao ver a chuva de pétalas de flores do bondinho correram em direção ao monumento mas foram logo retiradas pelos militares presentes.

CENTRO DE
INSTITUTO MUL